Almanaque com 980 verbetes
e mais de 1.500 fotos e ilustrações

A·L·A·G·O·A·S

Ilustrada

Enio Lins e Cíntia Ribeiro
Organizadores

EDuneal

ALAGOAS *Ilustrada*

Enio Lins e Cíntia Ribeiro
Organizadores

EDuneal

Arapiraca, 2025

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE ALAGOAS

Reitor: Odilon Máximo de Morais
Vice-Reitor: Anderson de Almeida Barros
Diretor da Eduneal: Renildo Ribeiro-de-Siqueira
CONSELHO EDITORIAL DA EDUNEAL
Presidente: Renildo Ribeiro-de-Siqueira
Titulares
Professores:
José Lidemberg de Sousa Lopes
João Ferreira da Silva Neto
Luciano Henrique Gonçalves da Silva
Natan Messias de Almeida
Maria Francisca Oliveira Santos
Márcia Janaína Lima de Souza – Sistema de Bibliotecas (SIBI)
Suplentes
José Adelson Lopes Peixoto
Edel Guilherme Silva Pontes
Maryny Dyellen Barbosa Alves Brandão
Ariane Loudemila Silva de Albuquerque
Ahiranie Sales dos Santos Manzoni
Elisângela Dias de Carvalho Marques – Sistema de Bibliotecas (SIBI)

CATALOGAÇÃO NA FONTE
Universidade Estadual de Alagoas
Sistema de Bibliotecas – SiBi/UNEAL
Divisão de Tratamento Técnico da Informação
Bibliotecária Responsável: Márcia Janaina Souza

Catalogação na Fonte

A316 Alagoas ilustrada / Enio Lins, Cíntia Ribeiro (Organizadores). – Maceió : Eduneal.
714 p. : il. : color.

Inclui bibliografia.
ISBN 978-65-86680-73-7

1. Alagoas - História. 2. Ilustrações. 3. Efemérides alagoanas. 4. Almanaque.
I. Lins, Enio, org. II. Ribeiro, Cíntia, org.

CDU: 981(813.5)

Elaborada por Fernanda Lins de Lima – CRB – 4/1717

2025 © Todos os direitos reservados. Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa em 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009

Coordenação Geral
Enio Lins

Organizadores
Enio Lins
Cíntia Ribeiro

Edição
Cíntia Ribeiro

Pesquisa e redação
Cíntia Ribeiro
Carlos Nealdo *(Almanaque Alagoas 200)*
Cristina Limeira
Mayara Barros (*Almanaque Alagoas 200*)
Marcos Dias

Pesquisa de Imagens
Cíntia Ribeiro
Diogo Maia

Jornais antigos
Arquivo Público de Alagoas
Fernando Alberto
Meneses Esposo
Renata Bertolino
Imagens Neno Canuto

Revisão
Estêvão dos Anjos
Marcos Dias
Marília Dantas Tenório Leite

Direção de arte e capa
Cícero Rodrigues

Fascículos Almanaque Alagoas 200
Pesquisa, redação e edição 2017
Cíntia Ribeiro – *Janeiro, fevereiro, julho, agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro*
Carlos Nealdo e Mayara Barros – *Março, abril, maio e junho*

Agradecimentos
Ana Calazans *(in memoriam),* Antonio Militão Kariri-Xocó, Cármen Lúcia Dantas, Everson Araújo Jeripankó, Francisco Reinaldo Amorin de Barros - ABC das Alagoas, Lídia Ramires, Luiz Sávio de Almeida *(in memoriam)*, Marcos Dias, Moacir Sant'Ana, Renata Bertolino, Rosineide da Silva Wassu-Cocal, Wilma Nóbrega – Arquivo Público

Imagens contracapas
Contracapa 1
Vista dos Arredores de Porto Calvo, 1639
Frans Post
Óleo sobre tela, c.i.e.
88,00 cm x 61,00 cm

Contracapa 2
Rio São Francisco e o Forte Maurits, 1638
Frans Post
Óleo sobre tela, c.i.e.
88,00 cm x 60,00 cm

Ilustrações usadas na capa:
Leo Villanova
Lucas Pereira
Mayara Barros
Adelmo Cândido
Joe Santos
Yara Barbosa (PÃO)
Cícero Rodrigues

Consultores

Arísia Barros
Coordenadora do Instituto Raízes de Áfricas

Cármen Lúcia Dantas
Museóloga e pesquisadora

Claudevam Melo
Pesquisador e colecionador

Edberto Ticianeli
Jornalista e pesquisador

Etevaldo Alves Amorim
Pesquisador

Graciliana S. Wakanã
Indígena Wakonã Xucuru-Kariri. Pesquisadora

Maria Aparecida Oliveira
Professora da Universidade Federal de Alagoas (Ufal)

Prefácio

O trabalho de Enio Lins e Cíntia Ribeiro é extremamente difícil e, ao mesmo tempo, necessário. A dificuldade se assenta em dois motivos principais, derivados de operar com o campo horizontal e o vertical da pesquisa. O primeiro dá notícia da extensibilidade, e o segundo, da profundidade. É extensivo no sentido de que abarca um longo espaço de tempo; é profundo pelo exame do que deve ser pinçado, para considerar o registro como de interesse coletivo. No fundo, exige uma extensa pesquisa e a elaboração de critérios validados e demonstrados, para que se tenha o selecionar ou o não selecionar. É preciso saber o que escolher e a razão de escolher, matéria claramente a ser explicada aos leitores. E, mais ainda, saber que existe uma fronteira que permite separar o sim do não.

Não é qualquer pessoa que é capaz de fazer isso. Ela precisa ter algumas qualificações. Em primeiro lugar, deve ser capaz de doar-se, pois estamos diante de um trabalho a requerer tempo e suor. Em segundo, deve ter uma imensa capacidade de síntese, formação e destreza para considerar o que deve constar para ter-se uma *Alagoas Ilustrada*. Tudo isso perderia sentido se não existisse uma extrema coragem pessoal, e tudo soma-se à edição de Cíntia Ribeiro, pessoa capaz deste extremo ato de amor:

tomar esta nossa misteriosa Alagoas, revelá-la em motivos e ilustrá-la em dois sentidos: demonstrá-la ilustre e desenhá-la ilustre.

Enio e Cíntia caminham por Alagoas, com passos seguros, com a coerência de quem ama e de quem, também, sente-se responsável, cidadão. O livro, portanto, é digno, trabalhado e uma contribuição de extrema valia para quem estuda Alagoas.

No fundo, estamos diante de um livro necessário e de consulta obrigatória: ele acresce e complementa andadas por esse caminho, como a que foi dada por Moacir Medeiros de Sant'Ana, a quem também reverencio neste momento.

Cíntia anda magistralmente por esta nebulosa chamada Alagoas e faz suas escolhas, que nos são preciosas. Fico agradecido por estar neste livro e falo, essencialmente, como alagoano. Enio e Cíntia, recebam nosso reconhecimento, sendo importante verificar que vocês rompem com a ideia de registros elitistas, incorporando gente como indígenas, quilombolas, mulheres, gentes que vocês sabem serem minhas, aquele que tem compromisso com todos que têm fome e sede de justiça. Reverencio este livro e agradeço a confiança ao dar-me, também, este prazer imenso de poder estar com vocês.

Luiz Sávio de Almeida

Professor

(1942 - 2023)

Alagoas Ilustrada – *dia a dia*

Prezado leitor, cara leitora, se você nasceu aqui e deseja que alguém de fora conheça a nossa terra de forma ampla e atraente, é fácil: entregue-lhe esta publicação e diga simplesmente: "Aqui está Alagoas". Se você não é daqui, receba *Alagoas Ilustrada* como um aceno de amizade e boas-vindas, um convite para passear pelo nosso estado. Em um caso ou noutro, tenha-a sempre à mão. Além de agradável, é leitura útil, posso lhe garantir.

Numa palavra, aqui está tudo que uma pessoa precisa ver e saber para conhecer Alagoas. Se você duvida, confira o sumário. A variedade de temas é impressionante. E tudo é contado de forma resumida e descomplicada, ilustrado com fotos às vezes raras.

O fio condutor e organizador das mais de 700 páginas de *Alagoas Ilustrada* é o tempo, o "compositor de destinos" de que fala o poeta; é a divisão do tempo no calendário. A cada imensa volta da Terra em torno do Sol, os 12 meses do ano – cada um deles correspondendo a um giro completo da Lua em torno do planeta – evocam datas, fatos, lugares, coisas, personalidades, acontecimentos históricos, curiosidades e lembranças alagoanas.

Com sensibilidade e alegria, Enio Lins e Cíntia Ribeiro entregaram este volume ao público. É o bem mais precioso que as pessoas transmitem e recebem — o conhecimento.

Boa leitura!

Plínio Lins

Jornalista

(1949-2023)

Um projeto editorial educativo

Não é nova a ideia de se apresentar de fio a pavio as principais datas de um povo, e sempre fui atraído por essa cronologia. Fiquei encantado quando coloquei as mãos na primeira edição das *Efemérides Alagoanas,* livreto produzido pelo professor Moacir Medeiros de Sant'Ana e editado por José Osmando em 1992. Mas, ao findar da leitura, quedei-me insatisfeito, pois o trabalho era focado nas datas "redondas", ou seja, listava preferencialmente os acontecimentos que, naquele ano, completariam idades múltiplas de cinco, posto ser o lustro (5 anos) a referência clássica para comemoração mais encorpada.

Tempos depois, senti-me mais contemplado ao conhecer de perto a lista mensalmente feita pelo Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas apresentando as datas locais mais importantes. Esta foi a base que usei para a criação de uma editoria específica no (saudoso) suplemento Saber, mensário da Gazeta de Alagoas, caminho que trilhava também quando cobria as férias do colega José Elias na coluna homônima. Entretanto, essa fórmula terminava efêmera, posto ficar repetitiva depois de um ano.

A chance de editar algo tipo um "guia definitivo" surgiu por ocasião do Bicentenário da Emancipação Política de Alagoas.

No início dos trabalhos, em 2016, o professor (historiador e bibliotecário) Jaime de Altavila, presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, nos presenteou com uma coletânea da listagem mensal dessas datas mais significativas. Foi a base para o desenvolvimento e a publicação do Almanaque Alagoas 200.

Para o uso desse nome, autorizações foram pedidas para Douglas Apratto e Ricardo Rodrigues, este proprietário de um site com denominação idêntica, e aquele criador – junto com Cármen Lúcia Dantas – de um projeto editorial e educativo que teria o mesmo título.

Publicado mensalmente por ocasião dos 200 anos da Emancipação, em suas 12 edições, conseguiu reunir o maior e o mais diversificado acervo de informações e imagens sobre datas alagoanas.

Esta obra, intitulada *Alagoas Ilustrada,* concluída em 2022, parte da experiência do Almanaque, ampliando mais ainda os dados e a iconografia, e, numa bela ideia de Cíntia Ribeiro, completa todos os dias do ano com as manchetes e os assuntos dos nossos jornais mais antigos.

É coisa para se ler todo dia, o dia todo.

Enio Lins

Jornalista

O passado na significação do presente

O tempo e o discurso sobre as coisas de um lugar. É dessa perspectiva que a organização de *Alagoas Ilustrada* abre uma janela por onde avistamos a história local a partir das pessoas, de suas intervenções e de suas práticas sociais.

Tomamos por base as principais efemérides e alguns dos registros históricos sobre Alagoas publicados no século passado. Seguimos o discurso de diferentes memórias e nos deparamos com avanços relevantes e invisibilidades recorrentes na hierarquia das narrativas históricas.

Em busca de uma polifonia discursiva, somamos aos escritos de outras épocas as vozes da história atual. Relatos e personagens até então periféricos foram trazidos para a centralidade da reflexão sobre o modo como Alagoas se constituiu e se ressignifica no tempo e na história.

A ampliação dos verbetes tirou da invisibilidade sujeitos e territórios tradicionalmente marginalizados: a líder comunitária, o pajé, a sábia benzedeira do povo Kariri-Xocó, a ialorixá do Jacintinho e a datilógrafa negra e feminista que lutou pelo voto feminino entram na ciranda dessa *Alagoas Ilustrada*.

Durante a pesquisa e edição, o impacto da pandemia da Covid-19 atravessou a obra, abrindo espaço para o registro de perdas recentes. A maioria dos verbetes refere-se a pessoas já falecidas, compondo um retrato afetivo, político e histórico de Alagoas. O conjunto ampliado inclui ainda imagens e notícias de jornais antigos. Dessa forma, traçamos uma breve #memóriadaimprensa, com a grafia original de época e o propósito de mostrar o quanto a língua e o discurso estão em constante movimento.

Embora a história local tenha sido majoritariamente contada por homens brancos, nosso olhar busca ampliar essa narrativa, valorizando a representatividade de todas, todos e todes que constroem, no dia a dia, as múltiplas Alagoas – com direito à visibilidade independentemente da raça, gênero, sexualidade ou classe social.

Além de ilustrada, a Alagoas neste trabalho é também uma Alagoas plural. E resiste.

Cíntia Ribeiro

Jornalista e pesquisadora

Sumário

Almanaque Alagoas 200 Anos 31

Dia	Janeiro	Página
1	Jorge de Lima, originalidade e Intemporabilidade de um poeta	
	Tribuna Economiária. *Janeiro de 1976 #memóriadaimprensa*	34
	Ibateguara, clima frio e natureza exuberante	35
	Pindoba emancipada	35
	O chafariz de José Roberto dos Santos	36
	Réveillon do Bicentenário	36
2	Virgílio Guedes, entre o direito e as letras	36
3	Zinho, o mestre do forró	37
	Sport Club Penedense — Um dos times mais antigos do Brasil	38
4	Secretaria militar - *Gutenberg. Maceió, janeiro de 1891#memóriadaimprensa*	39
5	Ilza Porto, a literatura como vocação	40
	Luiz Jatobá, alagoano na Metro-Goldwyn-Mayer	41
6	Um sentido novo para a poesia alagoana com Aloísio Branco	41
	Alfredo Brandão, um médico que amava a antropologia e a história	42
7	Arnoldo Jambo deu novo ânimo à cultura alagoana	43
8	Nasce o Guttemberg *#Memóriadaimprensa*	44
	Registro histórico de Abílio Coutinho	44
9	Penedo já foi capital do cinema	45
10	O dinheiro – *Gutenberg. Maceió, janeiro de 1891 #memóriadaimprensa*	47
11	Heloísa, o grande amor de Graciliano	47
	Augusto Calheiros — Patativa do Norte bateu asas e foi fazer sucesso	49
	Procissão de Bom Jesus dos Navegantes	51
12	A sábia Maria Tomázia do povo Kariri-Xocó	52
13	Ponte dos Fonsecas	52
14	Leda Lins e a cultura popular em Pão de Açúcar	53
	Maceió foi pioneira na iluminação elétrica	54
15	Usina de Paulo Afonso, se ligarem mais um fio, você ilumina o Rio	54
16	Administração do Dr. Manoel de Araújo Góes - Decreto nº 67 de 9 de Janeiro de 1891	
	Gutenberg. Maceió, janeiro de 1891 #memóriadaimprensa	55
17	Maria: os sabores e os saberes das irmãs Rocha	56
	No início, o Diário Oficial era assim	57
18	Batalha de Mata Redonda, uma conquista holandesa	58

Novo Lino sob a bênção de São José 59
Cultura Kariri-Xocó – Festa do Ouricuri 59
A hora e a vez das Ciências Econômicas 60
19 Francisco Jatobá, tentando ocultar-se, assinava Franco Jatubá 60
20 Sebastião de Abreu, o precoce 61
José Fernandes de Paula, o Peter Pan das Alagoas 61
21 Gastone, uma memória que não deve ser esquecida 63
22 Herman Baeta – Expoente da advocacia e dos valores democráticos 64
Presidente da província formado em Coimbra 66
23 Moreira e Silva, referência na medicina e na política 66
24 Nasce a Ufal 67
25 Alma alagoana: Théo do Folclore, Théo da poesia 69
26 O fim do Período Holandês 72
Luiz Wanderley, uma trajetória de sucesso 73
27 Cipriano Jucá, reconhecimento público 74
Arte e serviço social na trajetória de Cármen Omena 75
28 Manifesto aos cidadãos do Estado de Alagoas
29 *Gutenberg. Maceió, 29 de janeiro de 1891 #memóriadaimprensa* 75
José Maria de Melo, o médico que amava enigmas 76
30 Pierre Chalita, um ícone das artes visuais de Alagoas 77
A fábrica que mudou a história de Fernão Velho 79
31 As muitas realizações do governo de Gabino Besouro 80
Casa do Pobre: de abrigo a lar para idosos 81
Fon-Fon, o maestro! 82
Radjalma Cavalcante – Resistência à ditadura militar e valorização do ensino público 83
Radjalma Cavalcante e o grito por "Liberdade, Liberdade" em 1967 84

Dia	Fevereiro	Página

1 Quebra de Xangô nunca mais! 87
Belo Monte batizado pelo imperador 89
A cidade que surgiu à sombra de um cajueiro 89
Uma cacimba, duas cacimbinhas, três... 90
2 Prêmios e uma galeria para Miguel Torres 90
Anadia de Nossa Senhora da Piedade 91
Olivença já foi Capim 91
Professor José Prudente de Barros – Educando personalidades 92
3 O Pai da Filologia de Alagoas 92
Liceu de Artes e Ofícios: educação profissional 93
4 Ditadura militar – o sequestro de Jayme Miranda 93
Jornal de Alagoas – *Maceió, 4 de fevereiro de 1918 #memóriadaimprensa* 94
5 Criados – *Gutenberg. Maceió, fevereiro de 1892 #memóriadaimprensa* 94
Entre Jacuípe e Jacutinga, venceu Jacuípe 95

6 Comarca de Maragogi é instalada ... 95
7 A Pyrausta: uma revista independente ... 95
A Palestra: republicano e combativo ... 96
8 Taurino Batista, o poeta industrial ... 96
O Comendador Calaça e a Igreja do Bonfim ... 97
9 Antônio Deodato, o escultor e santeiro de Alagoas ... 98
Alagoas na vanguarda da imprensa feminista ... 99
10 Adolpho Aschoff, um gênio da engenharia ... 99
11 Um visconde no Governo da Província ... 100
12 Caiu a Base de Singapura
Gazeta de Alagoas. Maceió, 12 de fevereiro de 1942 #memóriadaimprensa ... 101
Carnaval – *Gutenberg. Maceió, 12 de fevereiro de 1891 #memóriadaimprensa* ... 101
13 Antonio Luiz Dantas de Barros — Um homem da política e da lei ... 102
14 Colégio Batista Alagoano e a educação religiosa ... 102
15 Ernani Méro — O historiador que pensava com autonomia ... 103
16 Viçosa da cultura popular e de grandes talentos ... 104
17 Letras, imagens e som: o mundo criativo de Luiz Lavenère ... 105
18 Para a Santa Casa de Misericórdia
Gutenberg. Maceió, 18 de fevereiro de 1891 #memóriadaimprensa ... 107
19 Bernerval Rodrigues dos Santos — O forneiro de Palmeira dos Índios ... 107
Jacinto Silva, gênio e mestre do coco ... 108
20 Antônio Pedro dos Santos Filho – O caráter inabalável de um mestre funileiro ... 110
Vieira de Alencar, o alagoano que fez história no Paraná ... 110
O jornalista que registrou a vida de Graciliano ... 111
Heitor Cardoso, o autor de esperança e desengano ... 112
21 Altimar de Alencar Pimentel — Um alagoano que a Paraíba acolheu ... 113
João Camilo de Araújo, um advogado no governo ... 114
22 De Íris Alagoense ao Federalista Alagoense ... 114
23 Cultura Jeripankó — Festa da corrida do umbu ... 115
24 Do Direito e, sobretudo, das Letras ... 115
Mestre Verdelinho, o grande poder de uma obra positiva ... 116
25 A Faculdade de Direito: oficializada e reconhecida ... 118
26 Noticiário – *Diário Oficial de Maceió*
26 de fevereiro de 1916 #memóriadaimprensa ... 118
27 Eunice Lavenère — A primeira mulher a ingressar na Academia Alagoana de Letras ... 119
28 Uma revista dedicada à educação ... 120
O pagode guerreiro do Mestre Manoel Venâncio ... 121
Alagoas — Mamãe eu Quero e outras delícias de momo ... 122
Limites para o major ... 127
O que é que o cinema tem? ... 131

Dia **Março** Página

1 José Antônio Saraiva, o provinciano ... 136

Genésio Miranda da Silva, o primeiro cacique Jeripankó 136
2 O Semeador — Religiosamente pontual 137
O Syndicato — Jornalismo engajado 138
3 Cyridião Durval — O abraço do maestro 138
Jornal A República — Os ideais republicanos 139
4 Fábrica Alexandria — Entre linhas 140
5 Alagoas: aptidão para os desafios do desenvolvimento
Jornal de Serviços. Maceió, 5 de março 1973 #Memóriadaimprensa 141
6 José Aldo Ivo, Jornalismo Futebol Clube 142
Edward Guy Paton — O dono da bola 143
Nasce a Escola de Ciências Médicas 144
7 Bons Bocados 145
Mêdo... *Gutenberg. Maceió, 7 de março de 1896 #Memóriadaimprensa* 145
8 Onde há lagoas 145
Luiz Saraiva dos Santos — O rei do improviso 147
9 Atuação de grande destaque dos soldados brasileiros
Gazeta de Alagoas. Maceió, 9 de março de 1945 #Memóriadaimprensa 148
10 Faroeste caboclo na Praça dos Martírios 149
Homofobia matou Renildo José dos Santos 150
11 Relógio Oficial — Uma notícia da hora 151
O menino de Puxinanã: José Cândido da Silva 152
12 O representante dos poetas populares: Rodolfo Coelho Cavalcante 154
13 Emílio Elizeu de Maya — O petróleo é nosso 155
Educação, poesia e jornalismo: Martins Gomes 156
14 Pedra fundamental da Assembleia Legislativa de Alagoas 157
Afrânio Lages 158
15 Carlos Moliterno — O alfaiate das palavras 159
Antônio Manoel de Castilho Brandão — O primeiro bispo 160
Atalaia: sesmaria para os vencedores 160
16 Ao extremo norte da Manguaba 161
Jaci Bezerra — O guardador de memórias 162
17 Maria Aline Sarmento – O traço memorável de uma caricaturista 163
18 Poder Executivo 164
19 Órgão do partido Republicano conservador
A Tribuna. 19 de março de 1911 #Memóriadaimprensa 164
20 Graciliano Ramos — "Ainda tenho muito amor pra dar" 165
De mulher para mulher — Maria Lúcia Duarte 168
21 Londres soffreu o mais violento bombardeio aereo de toda a guerra
Jornal de Alagoas, 21 de março de 1941 #memóriadaimprensa 168
Odete Pacheco — A pioneira do rádio alagoano 169
22 Felicidade clandestina de Sebastião Cícero Guimarães Passos 171
Carivaldo Brandão — O fundador do Sindicato dos Jornalistas 171

23 Político e a Política — Remodelação da Gazeta
A voz do povo. Maceió, 23 de março de 1958 #Memóriadaimprensa 172
24 Clodoaldo da Fonseca — O primo do presidente 173
25 Em defesa da democracia: Antônio de Sampaio Dória 174
Um Mar Vermelho na suíça alagoana 175
26 Jayme de Altavila — A história vive 176
Poesia e magistratura: Alves de Farias 178
27 Palácio do Governo é transformado em museu 178
28 Antônio de Almeida Romariz — O poeta engajado 179
29 Joaquim Montenegro, o colecionador de ossos 180
Os bons companheiros 181
30 O professor e poeta José Batinga 182
31 Pelo telefone — Serviço Telefônico Automático de Maceió 182

Dia **Abril** Página

1 O Barão de Penedo 185
Átila Vieira Correia e os direitos da infância *#vitimadacovid19* 186
2 Francisco de Paula, o menino de engenho 187
3 Guilherme Rogato e as luzes da cidade 188
Boas-novas 190
Profissão de fé 190
4 Virgílio Maurício e as memórias do esquecimento 190
5 A grande feira 192
6 Goulart de Andrade: essencialmente poético 193
Vacinação obrigatória — Projeto do médico Manoel José Duarte 194
7 "Apoiar as Nações Unidas até o máximo"
Jornal de Alagoas. Maceió, 7 de abril de 1945 #Memóriadaimprensa 194
8 Grande cheia
Gutenberg. Maceió, quarta-feira, 8 de abril de 1896 #Memóriadaimprensa 194
9 Educação como bandeira 195
Camarão do Bar das Ostras: patrimônio cultural de Alagoas 196
10 A terra dos Xucurus 197
O porto do calvo 198
11 A moda feminina – *Jornal de Alagoas. Maceió, 11 de abril de 1912 #Memóriadaimprensa* 198
12 Uma outra estação 199
13 Homenagem singela da "A notícia" à memória de Emílio de Maia, seu grande e inesquecível amigo – *A Notícia. Maceió, 13 de abril de 1930 #Memóriadaimprensa* 199
14 Um órgão conservador – *O Alagoas, 1912 #Memóriadaimprensa* 200
Glória à terra de Alagoas 200
15 Severino José do Nascimento, um líder Jeripankó 201
16 Escola de aprendizes marinheiros de Alagoas 202
A veia política de Ângelo Neto 203

17 Othon Correia Netto — Herói alagoano da II Guerra Mundial ... 203
18 À margem esquerda do São Francisco ... 204
19 Cônego Valente e a fundação do semeador ... 205
20 Jornalismo e política: José Ângelo Márcio da Silva ... 206
21 Guto Bandeira — Cultura e representatividade para crianças e jovens ... 206
Nelma Padilha, a primeira juíza de Maceió ... 207
Tepelini em poder dos gregos, após encarniçado combate — foram aniquilados fortes contingentes de tropas italianas – *Jornal de Alagoas, 21 de abril de 1941 #memóriadaimprensa* ... 207
22 Alagoas dividida e comarcas ... 208
23 Jorge de Lima — O mundo do menino impossível ... 208
Pontes de Miranda e os olhos de quem quer viver ... 210
Míriam Lima, a força que nunca seca ... 212
24 A princesa do norte ... 213
25 A missão da mulher – *Jornal Cidade – Pilar, 25 de abril de 1926 #Memóriadaimprensa* ... 214
26 A abolição da escravidão
A Locomotiva – Piranhas, 26 de abril de 1881 #Memóriadaimprensa ... 214
27 Asylo de N. S. do Bom Conselho
Diário da Manhã – Maceió, 27 de abril de 1882 #Memóriadaimprensa ... 215
28 Demócrito Brandão Gracindo: filho ilustre ... 216
29 Benedito Geraldo do Vale Bentes e a eletrificação de Alagoas ... 217
30 Paulo Malta Ferraz, o magistrado educador ... 217
A voz do rádio Gilberto de Andrade ... 218

Dia	Maio	Página

1 Celestino, o líder dos Xucuru-Kariri ... 220
Um poeta na fazenda ... 220
Cultura Jeripankó — Festa na Aldeia Ouricuri ... 221
2 História da arte por Carlos Rubens ... 221
3 Aurélio Buarque de Holanda — O homem das palavras ... 222
A praça do marechal ... 224
Selos e insígnias — Sociedade Filatélica de Alagoas ... 224
4 Costa Leite em nome da lei ... 225
5 Lei para o ensino secundário ... 226
Um nobre militar ... 227
6 As talentosas mãos de João Lisboa ... 227
7 Cultura Xucuru-Kariri — Retiro espiritual ... 228
8 A nossa homenagem aos 120 anos do Colégio Estadual de Alagoas
Ô Lyceista alagoano – maio de 1969 #Memóriadaimprensa ... 228
9 Sabino Romariz, uma poesia no meio do caminho ... 229
Comissão de incentivo ao folclore ... 231
Vocação militar e revolucionária de Luís de Albuquerque ... 231
Newton Sucupira, filósofo da educação ... 232

10 Universidade de Alagoas
Excelsior. Diretório Acadêmico da faculdade de filosofia #Memóriadaimprensa 234
11 O cônego honorário 235
Mensagem presidencial – *A Tribuna. Maceió, 11 de maio de 1911#Memóriadaimprensa* 235
12 A corte alagoana 236
Choveu na roça de Gerson Filho 237
13 Batista em nome da fé 238
14 Pedro, o estatístico 238
Luís da Câmara Cascudo: sua vida, sua obra, sua glória 239
Crítica - política e letras. Recife,14 de maio de 1966 *#Memóriadaimprensa* 239
Linda Mascarenhas, a grande dama 239
Augusto Malta — Rio de Janeiro sob o olhar alagoano 241
15 No ensino e no além 242
16 As cidades e as leis 242
Asas para Alagoas com o aeroclube 247
Almerinda Farias Gama — Uma feminista negra na luta pelo voto feminino 248
17 Ouro Branco 100% algodão 250
Paraíso das Jaramataias 251
A boemia poética de Possidônio Calaça 251
18 Abelardo Duarte, o pediatra humanista 253
Nasce Branquinha 254
19 São Brás em luta por Emancipação 255
20 Deraldo Campos, o senhor das Letras 256
21 Sociedade Alagoana de Folclore e cultura à mesa 257
22 À sombra do cajueiro 257
23 Marcham sobre Chang-Chung — Iniciada a ofensiva dos nacionalistas chineses
Jornal de Alagoas. Maceió, 23 de maio de 1948 #memóriadaimprensa 258
24 Manoel de Sampaio Marques — Na medicina e na política 258
25 Ranulpho Goulart, poesia da vida inteira 259
Antiga bandeira alagoana 260
26 Registro de empresas 260
Adriano Jorge, o dono da história 261
Notícias Diversas. Cryptographia ou telegraphia secreta
Diario da Manhan. 27 de maio de 1882 #memóriadaimprensa 262
28 Teotônio Vilela — O trovador andante 262
29 Semanário para a fé católica – *A Imprensa Católica, 1873 #memóriadaimprensa* 264
30 Torna-se mais aguda a ameaça de greve da Marinha mercante dos Estados Unidos
Jornal de Alagoas. Maceió, 30 de maio de 1945 #memóriadaimprensa 264
31 Campo Grande — Planícies fartas 265
São Sebastião, regada a sal e mel 265
Hibes Menino de Freitas, um guerreiro exemplar 266

Dia	Junho	Página

1 Renderam-se as tropas rebeldes do Iraque
Gazeta de Alagoas. Maceió, 1º de junho de 1941 #memóriadaimprensa 268
2 Os amores dos Estudantes
O Batalhador. Maceió, 2 de junho de 1895 #memóriadaimprensa 268
3 Piranhas, vila do sossego 269
4 Valois, homem de cultura 269
Maria Denilda Moura e a criação do mestrado em Letras da Ufal 270
5 A grande mata 271
6 O saudoso e talentoso maestro Nezinho Lima 272
7 Dois Riachos ao redor do açude 273
8 Viçosa em nome de Deus – Cícero Vasconcelos 273
Carlos Leão, o artista quando jovem 275
A pureza poética de Aristheu Bulhões 276
9 Escandalo! Immoralidade!
O Batalhador. Maceió, 9 de junho de 1895 #memóriadaimprensa 277
10 Ranilson França — O santo guerreiro 278
Manoel Mello — A dose certa de medicina e política 279
11 Luz, câmara, ação! Novo Cinema Capitólio 280
Literatura comentada 281
Estácio de Lima, expoente da medicina legal 282
12 As tropas de Tito evacuaram Trieste
Gazeta de Alagoas. Maceió, 12 de junho de 1945 #memóriadaimprensa 283
13 16 de setembro: o teatro inacabado 283
Meninas desamparadas no Bom Conselho 284
Edvaldo Albuquerque – Uma lição de vida 285
14 Do regulamento para cobrança de impostos do sello estadoal
Gutenberg. Maceió, terça-feira, 14 de junho de 1892 #memóriadaimprensa 286
15 Idas e vindas de Junqueiro 287
José Marques de Melo — gênio da pesquisa em comunicação 288
16 Delmiro – A pedra do reino 290
O sonho de liberdade de Maria Mariá 291
17 Gramofone — Escute esta canção 293
18 Os campos de São Miguel 294
Oscar Joseph de Plácido e Silva — Um alagoano em Curitiba 295
19 Aos combatentes da Manichuria
Evolucionista. Jornal da Tarde. Maceió, 19 de junho de 1906 #memóriadaimprensa 296
20 A colônia militar 296
Silvério Jorge — Um juiz conselheiro do imperador 297
21 O grande Hotel Bela Vista 298
No escurinho do Cinema e Teatro Floriano 299

22 O vapor Pirangy e a monstruosa libélula ... 299
Nádia Amorim e o estudo sobre as questões da mulher ... 300
23 O tesouro estadual ... 300
Palmeira dos Índios ... 301
24 Violento ataque de Attlee aos comunistas
Jornal de Alagoas. Maceió, 24 de junho de 1947 #memóriadaimprensa ... 301
25 A música na vida de Tavares de Figueiredo ... 302
26 Biblioteca Pública Estadual: templo dos livros ... 302
27 Rodrigues de Melo — Força de vencer ... 304
Ladislau Netto, o alagoano que deu nome a uma planta ... 305
28 Jovino da Luz, a educação como religião ... 306
29 Manuel Gomes Ribeiro — Um sergipano que governou Alagoas ... 307
Cultura Jeripankó ... 308
30 Aposentadoria aos 25 anos só para mulheres
Novo Nordeste Jornal. Arapiraca, 30 de junho de 1981#memóriadaimprensa ... 309
A contribuição alagoana na consolidação do forró ... 309
Astros e estrelas alagoanos ... 312

Dia	Julho	Página

1 Mestra Hilda e seu pagode — Com ela ninguém pode ... 322
Primeira mulher ocupa a presidência após um século ... 323
Primeiro, os trilhos; depois, o bonde ... 325
O genial João do Pife ... 326
2 Olha o trem ... 327
3 À sombra de um muricizeiro — Agitação política e reserva da Mata Atlântica ... 327
Recriação da Guarda Civil ... 329
Ambrósio Lira – O republicano que virou nome de mirante ... 329
Lourenço Peixoto rompe com a tradição na arte ... 330
Um paraíso chamado Maragogi ... 332
Cassino Piranhense – *A locomotiva. Piranhas, 3 de julho de 1881 #memóriadaimprensa* ... 332
4 Nunes Lima - O ourives das charges ... 333
5 Pedra fundamental da Faculdade de Direito de Alagoas ... 334
6 A leveza poética de Heliônia Ceres ... 335
O testamento político de Pedro Paulino da Fonseca ... 336
7 O pensamento crítico de Arthur Ramos
Legado do pesquisador é reconhecido mundialmente ... 338
O colégio do porto real deu origem à cidade ... 340
8 Audálio Dantas, a lenda real do jornalismo ... 341
9 Vera Arruda – A identidade nacional nos florais e miçangas ... 343
10 Paulo Jacinto – Morre o Barão de Palmeira dos Índios ... 344
O engenheiro intendente e os minerais ... 344
11 Sebastião da Hora, um médico intelectual ... 345

12 Jorge Chau – Alô, Alô, Terezinha: Alagoas teve um Chacrinha ... 346
13 Cônego Teófanes – o pai da educação ... 348
Almeida Lins na geração de 1914 ... 349
14 O músico Raul Ramos ... 349
A leveza de Cléa Marsiglia ... 350
O intimismo do Teatro de Arena ... 351
Lima Rocha militar e político ... 352
Primeira Feira de Amostras revela estado empreendedor ... 352
Edna Constant, a criadora da Casa da Arte ... 353
15 Revista pedagógica, científica, literária e noticiosa
O Magistério. Maceió, 15 de julho de 1888 #memóriadaimprensa ... 355
A poesia libertária de Anilda Leão ... 355
16 Carioca com alma alagoana – Paulo Gracindo ... 358
17 Um poeta alagoano no Paraná ... 359
18 Nega a Argentina ataques a pacíficos brasileiros
Gazeta de Alagoas. Maceió, 18 de julho de 1952 #memóriadaimprensa ... 360
19 Pelos carteiros – *A Tribuna . Maceió, 19 de julho de 1907 #memóriadaimprensa* ... 360
20 Aldemar Paiva, um campeão de audiência ... 361
21 Primeiro gabinete eletrodentário é aberto por Agripino Ether ... 363
22 A cruzada de Dom Wanillo contra o comunismo ... 363
Calabar, o brasileiro, a quem traíste, herói? ... 364
Associação Comercial ... 366
Retrato do apogeu econômico de Jaraguá ... 366
23 Mello Moraes – Voto abolicionista e homeopatia ... 367
24 O talentoso Taboca ... 369
Osmar Loureiro, figura singular: A Lira o Caduceu e a Cátedra
Crítica-Política e Letra. Recife, 24 de julho de 1965 #memóriadaimprensa ... 369
25 Dia Nacional de Tereza de Benguela e da mulher negra ... 370
26 20 milhões de Cruzeiros em selos falsos
Gazeta de Alagoas. Maceió, 26 de julho de 1952 #memóriadaimprensa ... 372
27 A tarde em que o Gogó da Ema foi ao chão ... 372
No governo Osman Loureiro ... 373
28 João Bezerra põe fim ao rei do cangaço ... 374
Lampião: outra ótica ... 375
São José da Laje nasce em torno de uma Capela ... 377
29 Índio do cavaquinho ... 377
D. Waldyr Calheiros ... 378
O bispo engajado na luta contra a ditadura ... 378
30 Deputado Costa Rego
Jornal de Alagoas. Maceió, domingo, 30 de julho de 1916 #memóriadaimprensa ... 379
31 Lúcia Guiomar – A poesia nasce caeté ... 380
A Revista – Cultura inimiga da vulgaridade ... 381

Dia	Agosto	Página

1 Pompa e circunstância para Júlio Dantas no Hotel Bella Vista ... 384
Antonio Guedes de Miranda – Um orador de primeira grandeza ... 385
2 Histórias do Correio da Tarde ... 387
Jornalista alagoano condenado pela lei de imprensa ... 388
Presença marcante de França Morel ... 389
3 Orfanato São Domingos - A educação como amparo a crianças e jovens vulneráveis ... 390
A missão de Hormino Lyra ... 391
4 A vocação incontornável do professor Domingos Bento da Moeda e Silva ... 392
5 O Penedense, primeiro jornal da cidade ... 392
Herói alagoano: Deodoro da Fonseca, o primeiro presidente do Brasil ... 392
O cacique Otávio Queiroz Nidé e a sabedoria dos ancestrais ... 396
6 A mocidade de Manguaba
A Cidade. Alagoas – Manguaba, 6 de Agosto de 1944 #memóriadaimprensa ... 398
40 Jovens Aprovados pela Escola de Pesca
O Pescador. Maceió, agosto de 1966 #memóriadaimprensa ... 398
7 Há praias em Feliz Deserto ... 399
Luiz Franco, um poeta resguardado ... 399
"Há clima Liberdade em Alagoas"
A Notícia. 7 de agosto de 1951 #memóriadaimprensa ... 400
8 José Tavares Bastos – Um magistrado alagoano no STJ ... 401
Mais um jornal em Alagoas – *Alagoas Literária. 8 de agosto de 1952 #memóriadaimprensa* ... 402
9 Os meninos impossíveis do Grêmio Guimarães Passos ... 403
Francisco Queiroz Suirá (Pai Francisquinho) e a conquista dos direitos dos Kariri-Xocó ... 405
10 Rosália Sandoval e O Rosal, periódico para mulheres ... 406
11 Maria Aída Wücherer – Ensinando a cantar, ensinando a viver ... 407
12 Empossada a nova diretoria do D.A. "Jorge de Lima" – *Excelsior. 12 de agosto de 1965. Faculdade de Filosofia Ciências e Letras #memóriadaimprensa* ... 408
13 Construindo sonhos e outras estruturas ... 409
14 Carlos Povina Cavalcanti, poeta e jornalista ... 410
Antônio Gouvêa: saúde e educação ... 411
Política e fé ... 412
Clube de Regatas Brasil ... 412
15 Dom Adelmo Machado — Liturgia em português ... 414
16 Messias de Melo, o quadrinista ... 415
17 O primeiro jornal de alagoas ... 415
Satuba tem uma procissão ao som de pífanos ... 416
18 Laura Dantas – Uma educadora que é referência ... 417
19 Accioly Júnior – O governador do centenário da independência de Alagoas ... 418
20 Parabéns para União e Palmeira ... 418
A exuberância da Barra de Santo Antônio ... 420

Théo Brandão – o museu que abriga a dignidade da cultura popular 421
Instalação do Núcleo Integralista de Alagoas 423
Adriano Araújo Jorge Junior, o médico dos pobres 423
21 Barroquismo popular na terra do Mané do Rosário 424
Morte de Manuel César de Góis Monteiro, médico, militar, diplomata 425
Fernandes Lima e as contradições da política 426
Miguel Omena – A morte que foi um fato 428
Carlos Paurílio: um poeta com dois pés acima do mundo 429
22 A sabedoria do povo: um dia internacional para as tradições populares 430
23 Esse coqueiro que é seco 432
José Lages Filho – o primeiro médico legista de Alagoas 433
24 Folhetim. A esposa Martyr
Jornal das Alagoas. 24 de agosto de 1877 #memóriadaimprensa 435
25 Curso Nocturno secundário – *Piranhas, 25 de agosto de 1881 #memóriadaimprensa* 436
26 Gustavo Leite, um filho do teatro que amou todas as artes 436
27 A viagem heróica dos jangadeiros alagoanos 437
28 Gilberto de Macedo - o prazer do conhecimento 439
Lagoa da Canoa e de gente talentosa 440
29 João Vieira Damasceno Ribeiro – O rouxinol do sertão 441
30 A escola de Satuba 443
31 Pesquisa e sensibilidade unidas na obra de Craveiro Costa 444
Benedito do piston e de Alagoas 446

Dia	Setembro	Página

1 O cantador de livros da Viçosa e a cultura popular de José Aloísio Brandão Vilela 448
Aqualtune – A princesa guerreira avó de Zumbi 450
2 Frei João de Sant'ângela e a primeira obra lírica de Alagoas 450
3 Memórias em som e imagem contadas pelo acervo do MISA 451
A vida breve de Aristeu de Andrade, o poeta dos versos tristes 452
Ecos modernistas de Eurico Maciel 454
4 A vila do Passo de Camaragibe 454
5 Conselho para evitar a "asiática"
Jornal de Alagoas. 5 de setembro de 1957 #memóriadaimprensa 456
6 O curralinho se transformou em Messias 456
José Luiz Mota Menezes - Uma referência em urbanismo 457
7 Teatro Sete de Setembro, a primeira obra de Lucarini em Alagoas 458
A origem da Santa Casa de Misericórdia 459
A independência do Brasil em Alagoas 459
Azul quente – os lutadores do Centro Sportivo Alagoano 460
Posse da diretoria do Tiro Alagoano 463
Selma Bandeira - Sertaneja, antes de tudo, forte 463
8 Pequeno comércio e laticínio em Palestina 464

Ayrton Amorim, um compositor de mão cheia ... 464
9 Arthur Guimarães, diplomata alagoano ... 465
Jorge Costa, um alagoano na Mangueira ... 466
Educação e poesia em Aristhea ... 467
10 A versatilidade artística de Sadi Cabral ... 468
Aurino Maciel: magistério e jornalismo ... 469
Um selo para o Bicentenário de Alagoas ... 470
11 Todos os nomes de Igreja Nova ... 470
Portugal Ramalho: o médico que dá nome a um hospital ... 471
12 A ideologia de Octávio Brandão, um comunista histórico ... 471
O rosto do guerreiro Darci Marcena Bispo ... 474
13 Clarêncio Jucá, intendente de Maceió ... 475
14 Moreno Brandão e as histórias de Alagoas ... 475
15 As caretas de Judas Isgorogota ... 476
Legado ao patrimônio histórico do Baixo São Francisco ... 477
16 A Emancipação Política das Alagoas não foi um ato gracioso de um rei ... 478
Uma cultura em questão. A alagoana ... 479
A Capitania das Alagoas ... 480
As administrações das províncias — estatística curiosa ... 480
Não foi enclave político ... 481
Autonomia política e protagonismo nacional ... 482
Cem anos de economia e finanças de Alagoas: 1817 a 1917 ... 482
Os Ambundus no processo de Emancipação Política de Alagoas ... 483
Capitania e província ... 485
A participação indígena na formação de Alagoas ... 486
Prefixo ZYO-4, Rádio Difusora de Alagoas, nas ondas da pioneira ... 487
Palácio Floriano Peixoto reafirma padrões arquitetônicos europeus ... 489
Hekel Tavares e a livre fronteira entre o popular e o erudito ... 490
Oligarquia e reconfiguração arquitetônica no governo de Euclides Malta ... 492
A primeira casa da Coleção Perseverança ... 494
17 Aureni Moreno – A primeira diretora-geral da Polícia Civil de Alagoas ... 495
18 Um clássico da geografia alagoana – Thomaz Espíndola ... 495
19 Jornalismo e marketing político na trajetória de Arnon de Mello ... 496
A rendição dos holandeses em Penedo ... 498
A teoria musical de Edilberto Trigueiros ... 500
20 O galo encarnado e os argonautas da esperança: Clube de Regatas Brasil ... 500
Um prefeito ativo: Eustáquio Gomes ... 502
Albuquerque Lins governa São Paulo ... 503
21 Manuel Diégues Júnior – o açúcar e a construção social alagoana ... 504
Circo e Vidas Secas ... 507
Na terra em transe de Jofre Soares ... 507
Matheus de Albuquerque com poesia e proteção ... 508

22 Raquel Santana da Silva – Educadora dos direitos indígenas ... 509
O retorno do Mutum a Alagoas ... 510
23 A árvore que inspirou Craíbas ... 510
Raízes batavas na bandeira alagoana ... 513
24 Cuia para beber água – Coité do Noia ... 514
A música perde o talento de Zailton Sarmento ... 514
25 "O cinema alagoano perde Pedro da Rocha, seu cineasta mais afetivo" ... 515
Asa – o orgulho de Arapiraca ... 517
26 Um sergipano na política alagoana ... 518
Padre Julio Albuquerque, vocacionado ... 519
"Dai-me a liberdade da Imprensa, que eu civilizarei o mundo"
A Locomotiva. Piranhas, 26 de setembro de 1880 #Memóriadaimprensa ... 519
27 Façamos químicos — alagoano é destaque no ensino e na regulamentação da profissão ... 520
Tonho Sapateiro, Tonho Poeta ... 522
28 Classe para descalços – *Diário das Alagoas. 28 de setembro de 1887 #Memóriadaimprensa* ... 524
29 Mamãe, eu quero – Jararaca ... 525
30 Cultura Xucuru-Kariri – Festa de Ewká/Ouricurí-lhá ... 528
Estatística criminal da capital
Jurisprudência. Maceió, 30 de setembro de 1894 Volume 1 #memóriadaimprensa ... 528
"Rei Pelé", quatro anos depois
Jornal de Serviços – Maceió, 30 de setembro de 1974 #memóriadaimprensa ... 529

Dia **Outubro** Página

1 Uma homenagem a Floriano Peixoto ... 531
2 Polcas, valsas e noturnos na engenharia de Misael Domingues ... 531
3 Parte oficial. Ministério do império
Jornal das Alagoas. Maceió, 3 de outubro de 1873 #memóriadaimprensa ... 533
4 Américo Vespúcio viu o rio que corre em nossas vidas: o Velho Chico ... 534
5 Carta Caeté – A Constituição de 1989 ... 536
O comendador da indústria têxtil de Rio Largo ... 537
6 Artorama. Sabino Romariz
Jornal de Serviços. Maceió, 6 de outubro #memóriadaimprensa ... 539
7 Cincinato Pinto, médico e abolicionista ... 539
8 A estrela de Enaura ... 540
9 Resolução 1103. É proibido depositar nas ruas da vila
O Liberal. Maceió, 9 outubro de 1889 #memóriadaimprensa ... 541
10 Rei visionário do sertão – vida e morte de Delmiro Gouveia ... 542
Esperanto na escrita de Paulino Santiago ... 545
11 Frevos e canções do maestro Passinha ... 546
Paixão pela cultura e pioneirismo na antropologia ... 547
A morte da guerreira Maninha Xucuru ... 549
12 O chão popular de Pedro Teixeira de Vasconcelos ... 551

A novidade dos bondes elétricos na cidade ... 552
Em memória de Élio Lemos ... 554
13 O menestrel Roberto Becker ... 555
14 Paço Imperial de Penedo e sua majestade, o Imperador D. Pedro II ... 556
Talentoso e precoce ... 557
15 Autonomia nas artes ... 557
16 Cultura Xucuru-Kariri ... 559
17 Brasil descoberto em Alagoas e outras histórias de Jayme de Altavila ... 559
18 O homem e a rua Sá e Albuquerque ... 562
Rosa da Fonseca, a matriarca patriótica ... 563
O poeta de Pilar irmão de Arthur Ramos ... 564
André Papini – Defesa dos operários ... 565
19 O reisado de Virgínia Moraes – A mestra que cantava e tirava os maus olhados ... 566
20 No galarim da fama, as pinturas de José Paulino ... 568
Getúlio Vargas inaugura o porto de Maceió ... 569
21 II Guerra Mundial – major Elza esteve lá ... 570
Uma vida política: Oséas Cardoso ... 572
22 Ameaçado de extinção o plantel de gado da bacia leiteira
Correio do Sertão. Palmeira dos Índios, 22 de outubro de 1967 #memóriadaimprensa ... 573
23 Marcha para a civilização ... 573
Ensinando liberdade durante o Império ... 574
24 Os pseudônimos de Antônio Saturnino de Brito de Mendonça Júnior ... 574
Advogado dos trabalhadores ... 576
25 Política de Alagoas
Jornal de Alagoas. Maceió, 25 de outubro de 1916 #memóriadaimprensa ... 577
26 Uma militante dos direitos da mulher e da educação ... 578
27 Mario de Carvalho Lima – O general conciliador ... 579
Campo-santo com capela neogótica ... 580
Ismar de Góis Monteiro – O militar engenheiro ... 581
28 Um empreendedor de primeira hora ... 582
29 Ismael: a pintura não tem fronteiras – *O Estado de Alagoas. 1973 #memóriadaimprensa* ... 582
30 A arte de lidar com o abismo: Nise Magalhães da Silveira ... 583
Centro de Arte Maria Tereza Vieira, Rua da Carioca, 85 ... 586
Morte de José Zumba em 30 de outubro de 1996 interrompe a carreira do artista que realizou a primeira individual em 1950 ... 587
Árvore que periquito pousa vira a terra da prosperidade ... 589
31 Memória valiosa de Joaquim Inácio Loureiro ... 590
Gentileza gera gentileza: a Fundação do Montepio dos Artistas alagoanos ... 591
Joaquim Inácio de Loureiro - Professor engajado ... 592

Dia	Novembro	Página

1 As letras alagoanas ganham uma casa em 1919 ... 594

Américo Mello, à frente de grande fatos 595
2 As contradições de um dândi entre a anarquia e a polícia: Elísio José de Carvalho 596
José Bernardo da Silva – xilogravura e literatura de cordel 598
3 Elizete dos Santos – Uma militante da saúde e do Movimento Negro 599
4 Fidelidade à tradição nas expressões da cultura popular – Maria José Carrascosa 599
5 Um jornal a serviço do Partido Republicano Liberal – Diário do Norte 601
6 O axé de braços abertos de Mãe Netinha 601
7 Educador e político de acordo com os valores do seu tempo - José Correia da Silva Titara 602
A morte de Augusto Sátiro – O orador e contista 603
8 Quando Penedo integrou-se ao sistema telegráfico 603
Antonio Nunes, o Toinho – companheiro da beleza 604
9 Um jacaré que ninguém esqueceu 605
10 Correio Official *#memóriadaimprensa* 606
11 A força da indústria alagoana 606
12 Fatos diversos – *O Liberal. Maceió, 1879 #memóriadaimprensa* 607
13 Gatilho rápido – Poesia, política e violência na trajetória de Silvestre Péricles 608
Modesto de Souza Bittencourt: o artista militante 610
14 O homem e seus bichos – O universo particular de Manoel da Marinheira 611
No princípio era a rabeca 612
15 Sociedade Perseverança e a coleção que não tem preço 613
Araújo Bivar, o condutor! 615
Morte de Jorge de Lima 616
O palco de todas as artes – Teatro Deodoro 616
16 Sandoval Caju e as memórias de um conversador 618
O mais artista plástico dos cartunistas – Hércules Mendes 619
17 O Brasil não quer capitais estrangeiros
Gazeta de Alagoas. Maceió, 17 de novembro de 1953 #memóriadaimprensa 620
18 João Barafunda e Amália Peitiguary: pseudônimos para dar conta da realidade 621
19 Ibateguara nas alturas 622
Francisco Sales – Legado ao patrimônio histórico do Baixo São Francisco 623
20 Zumbi, uma saga da resistência – A consciência da liberdade 623
Visconde de Sinimbu – O monarquista que não conspirou contra a República 628
Inhapi e Canapi: unidos pela dupla Emancipação 629
21 O Pilar é uma vila nova – *Correio Oficial. 21 de novembro de 1860 #memóriadaimprensa* 630
22 Desde 1922 a bola rola no Mutange 630
Fé e ação política – a liderança católica de Medeiros Neto 632
Mareval Ricardo – Um líder que honrou Lagoa das Pedras *#vitimadacovid19* 633
23 Os canalhas de Alagoas vão me pagar *Gazeta de Alagoas. Maceió, 1952 #memóriadaimprensa* 633
24 Fernando Lopes, um artista com muitos temas 634
Fernando Lopes – Veterano dos pincéis 635
25 Gil Lopes – O carnavalesco do Museu Théo Brandão *#vitimadacovid19* 635
26 A excelência de um pintor alagoano que estudou em Paris – Rosalvo Ribeiro 636

"Seu Reverendo" Benedito Nunes ... 638
Um Porto de Pedras ... 638
27 José Cesário de Miranda Monteiro de Barros, o 58º presidente da Província ... 639
Morte de Teotônio Brandão Vilela, o Menestrel das Alagoas ... 640
Restauração da vila de Quebrangulo ... 640
28 Aceno para a renovação do bispado de D. Adelmo ... 641
29 Povos indígenas estigmatizados na gestão de Figueiredo Júnior ... 642
A inquietação criativa de Zaluar de Sant'Ana ... 643
30 Lily Lages e a nova mulher – Primeira deputada de Alagoas ... 644

Dia	Dezembro	Página

1 Um historiador bem-amado, assim é Manoel Maurício de Albuquerque ... 647
Iluminação elétrica em Bebedouro ... 648
Maceió tem Serviço Postal Nacional e Internacional ... 649
Bromélias em Tanque d'Arca ... 649
A Criação de Novo Lino ... 649
2 Um guardião da memória de Alagoas – Instituto Archeológico e Geográfico ... 650
O Olho d'Água das Flores ... 651
Paulo Jacinto é elevado à categoria de cidade ... 652
O farol que originou um bairro ... 652
A força do tesouro ... 653
Construção da cadeia pública ... 654
3 Tavares Bastos, um crítico do sistema ... 655
Joana Gajuru, a rainha guerreira ... 656
Rinaldo Calheiros, a bela voz de Alagoas ... 658
4 Incompatibilidade no exercício dos cargos de juiz
Correio Oficial, 4 de dezembro de 1860 #memóriadaimprensa ... 659
5 Hugo Santana e o "show do meio-dia" ... 659
O desmembramento da antiga Vila das Alagoas ... 660
Cândida Sarmento e a grife Maria Bonita ... 661
6 Eduardo da Fonseca — O irmão do Marechal também lutou pelo país ... 662
7 Jorge Cooper — Um cacto solitário não mais esquecido, mas incomodamente inesquecível ... 663
Velho Chico aberto para navegação ... 666
8 Dia de festa no mar: religiões de matriz africana reverenciam Iemanjá ... 666
Pedro Armando dos Santos, o cordelista de Anadia ... 668
J. B. de Azevedo – *O Lyceista Alagoano. Maceió, 1960 #memóriadaimprensa* ... 668
Cultura Wassu-Cocal ... 669
Nossa Senhora da Conceição e dança do Toré ... 669
9 Lourival de Mello Motta — Um médico e político singular e solidário ... 670
Maceió virou cidade e capital de Alagoas ... 671
A carta e a Emancipação Política de Alagoas ... 673
10 Santa Luzia da Alagoa do Norte elevada a categoria de vila ... 673
11 O Assalto, a voz do povo e a renúncia de Arnon
A Voz do Povo. Maceió, 11 de dezembro de 1955 #memóriadaimprensa ... 674

12 Freitas Cavalcanti, um alagoano na corte de contas 674
13 Crime e Castigo – Sem orçamento não teremos o Curso Noturno 675
Gazeta de Alagoas, 13 de dezembro de 1952 #memóriadaimprensa 675
14 CULTURA JERIPANKÓ – Flechada do umbu e puxada do cipó 675
15 CULTURA KARIRI-XOCÓ – Festa da Nossa Senhora da Conceição 675
16 Fundação da Associação Comercial de Penedo 676
17 Expoagro – Incentivo à pecuária 676
18 Criação do município de Roteiro 677
19 Dom Avelar Brandão, um profeta da paz 678
De Shakespeare a Nelson Rodrigues: Sônia Oiticica 679
Criação da Cooperativa dos Usineiros de Alagoas 680
20 As muitas cenas de Romeu de Avellar 681
Instalação da Vila de São João de Anadia 682
O reitor João Azevedo e a cultura na Ufal 683
21 Incendiado o arquivo do Partido Comunista *Gazeta de Alagoas, 1946 #memóriadaimprensa* 684
22 Terremoto e maremoto assolam o Japão – *Gazeta de Alagoas, 1946 #memóriadaimprensa* 684
23 Renato Mendonça — Um diplomata destacado pela produção intelectual 685
Ib Gatto Falcão — Saúde, educação e arte: o tripé de um homem de grandes realizações 686
Lêdo Ivo, um poeta imortal na fronteira dos gêneros 687
Cultura Xucuru-Kariri e o novenário Nossa Senhora do Amparo 690
24 Alberto Passos Guimarães, um pensador militante 690
O palco como a paixão de uma vida inteira de Bráulio Leite Jr. 692
Criação do município de São José da Tapera 693
25 Folguedos para um natal regional 693
Do repente a frevos-canções: Luiz Bandeira 697
26 Boi-bumbá de João das Alagoas guarda as narrativas do Bicentenário 697
27 Ivan Fernandes Lima – A paixão pela paisagem 698
Dias Cabral – Um médico orientado pelo senso histórico 699
O telegrafista que virou cronista 700
Mérito e memória preservada: Ranilson e Josefina criam a Asfopal 701
Theophanes Brandão: educador e poeta 702
A cidade dos olhos d'água 702
28 Pedro Motta Lima — Entre a imprensa e a ficção, a luta por justiça social 703
29 Um farol no brasão 704
30 Elevação de Limoeiro de Anadia 705
31 Uma catedral para a padroeira 705
Argemiro Jorge, o poeta bilíngue 706
Instalação de Boca da Mata 707

A ORIGEM
Almanaque Alagoas 200 Anos

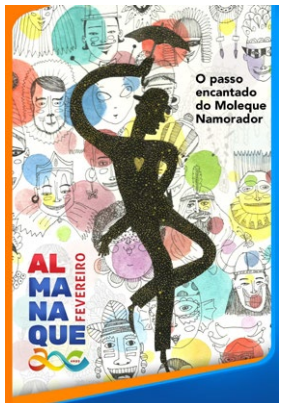
Parte dos textos e das imagens deste *Alagoas Ilustrada* foram publicados originalmente em fascículos em 2017. Esta edição atualizou e ampliou a série de verbetes até 2022.

Pesquisa, redação e edição:
Cíntia Ribeiro

Pesquisa e redação:
Marcos Dias

Artista da capa:
Rosivaldo Reis

Diagramação:
Caio Dantas e Mariana Farias



Pesquisa, redação e edição:
Cíntia Ribeiro

Pesquisa e redação:
Marcos Dias

Artista da capa:
Pedro Lucena

Diagramação:
Caio Dantas e Mariana Farias

Edição e pesquisa:
Carlos Nealdo

Pesquisa e redação:
Mayara Barros

Artista da capa:
Leo Villanova

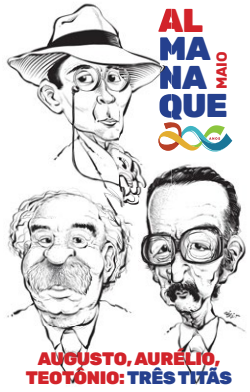
Diagramação:
Antonio Santos

Edição e pesquisa:
Carlos Nealdo

Pesquisa e redação:
Mayara Barros

Artista da capa:
Lucas Pereira

Diagramação:
Antonio Santos



Edição e pesquisa:
Carlos Nealdo

Pesquisa e redação:
Mayara Barros

Artista da capa:
Adelmo Cândido

Diagramação:
Antonio Santos

Edição e pesquisa:
Carlos Nealdo

Pesquisa e redação:
Mayara Barros

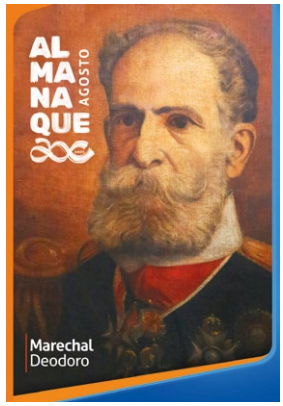
Artista da capa:
Ainton Guedes Jr

Diagramação:
Antonio Santos

Pesquisa, redação e edição:
Cíntia Ribeiro

Artista da capa:
Rosivaldo Reis

Diagramação:
Caio Dantas e Mariana Farias



Pesquisa, redação e edição:
Cíntia Ribeiro

Pesquisa e redação:
Marcos Dias

Artista da capa:
Rosalvo Ribeiro

Diagramação:
Caio Dantas e Mariana Farias

Pesquisa, redação e edição:
Cíntia Ribeiro

Artista da capa:
Pierre Chalita

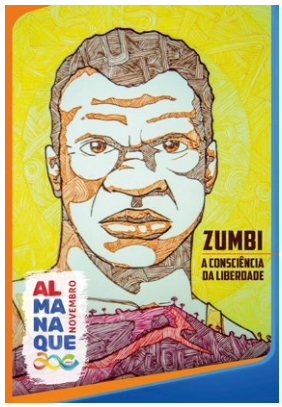
Diagramação:
Antonio Santos

Pesquisa, redação e edição:
Cíntia Ribeiro

Pesquisa e redação:
Marcos Dias

Artista da capa:
Yara Barbosa (PÃO)

Diagramação:
Caio Dantas e Mariana Farias

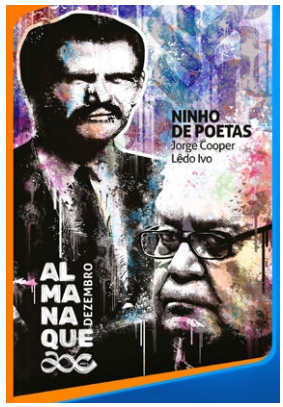


Pesquisa, redação e edição:
Cíntia Ribeiro

Pesquisa e redação:
Marcos Dias

Artista da capa:
Joe

Diagramação:
Caio Dantas e Mariana Farias



Pesquisa, redação e edição:
Cíntia Ribeiro

Pesquisa e redação:
Marcos Dias

Artista da capa:
Thales França (Sagaz)

Diagramação:
Caio Dantas e Mariana Farias

Janeiro

DIA 1º

Jorge de Lima, originalidade e Intemporabilidade de um poeta

Tribuna Economiária. Janeiro de 1976

#MEMÓRIADAIMPRENSA

O poeta Jorge de Lima, em ilustração publicada na Tribuna Economiária

"Formal indispensável ao ritmo parnasiano", não foi – como observou Manoel Anselmo – uma realização parnasiana no sentido exato da expressão, mas uma "**experiência clássica e tradicional".**

Com a decadência do Simbolismo, nenhum movimento de vulto se esboçara na paisagem literária do país: uma inércia no meio se acentuava com relação às atividades culturais da época.

Nenhuma alteração se vislumbrava no estado de apatia coletiva. Ressaltava-se, tão somente, o domínio dos céticos e pessimistas.

Foi sob essa "atmosfera sem temperatura", que Jorge de Lima se isolou para construir a sua obra.

Enclausurado em si mesmo, manifestou-se-lhe como a Cruz e Souza, a necessidade de supervalorização do artista.

Tentaria com isto um retorno? Iria reproduzir as experiências estéticas superadas e que se tornaram crepusculares? A

SÉDE
-Monumental
Realização
TRIBUNA ECONOMIÁRIA
LITERATURA
UNIFICAÇÃO DAS CAIXAS,
Tese Vitoriosa de Alagoas
ECONOMIARIOS
PLEITEIAM CORREÇÃO
SALARIAL
LEIA: "Originalidade e Intemporalidade de um Poeta"
Confraternização Economiária

ORIGINALIDADE E INTEMPORALIDADE DE UM POETA
UM MANUSCRITO DE JORGE DE LIMA

ANOTE

Ibateguara, clima frio e natureza exuberante

Em 1943, o distrito de Piquete tornou-se Ibateguara, mas apenas em 19 de novembro de 1957 foi elevado à condição de município e desmembrado de São José da Laje. A instalação se deu no dia 1º de janeiro de 1959. Situado na microrregião serrana dos quilombos, a 488 metros de altitude, tem clima frio e sua principal comemoração gira em torno da festa de seu padroeiro, São Sebastião, realizada em 20 de janeiro. A

SAIBA MAIS

A palavra "IBATEGUARA" é de origem indígena e quer dizer "lugar alto". A Cachoeira do Tombador é a principal diversão do município.

Capela de São Sebastião, fundada em 1868

(Acervo IBGE)

ANOTE

Pindoba emancipada

Conta-se que, devido a uma doença, o proprietário das terras onde hoje é Pindoba, João Dias, prometeu construir uma igreja para São Sebastião se conseguisse se recuperar. Cumpriu a promessa, e a partir daí muitas pessoas passaram a vir para a região.

O antigo distrito de Pindoba foi desmembrado de Viçosa em 10 de outubro de 1957 e instalado em 1º de janeiro de 1959. A

SAIBA MAIS

PINDOBA é o nome de uma palmeira nativa comum na área. Atualmente, o município possui uma população estimada em 2.953 pessoas. Entre 11 e 20 de janeiro, a Festa do Padroeiro São Sebastião atrai moradores do município e arredores.

Vista parcial da cidade

(Acervo IBGE)

O chafariz de José Roberto dos Santos

Ter nascido no Quilombo do Algodão, no município de Carneiros, em 1909, determinou a trajetória de José Roberto dos Santos, morto em 1975. Foi reconhecido como um agente de transformação social por seu empenho em mobilizar a comunidade em busca de dignidade para todos.

A tataraneta do precursor, Ana Kelly Damasceno Silva, recorda de um dos episódios pelo qual ele ficou na memória: o sonho de construir um chafariz para a comunidade. "Na época do meu tataravô, eram poucos que tinham água potável. Os que tinham barreiros ou barragem não queriam dar água porque diziam que o gado iria ficar com sede", declarou certa vez a universitária.

Embora o chafariz já exista, a realidade do Quilombo do Algodão ainda é precária, e a inspiração de José Roberto continua viva no imaginário local. Um exemplo é o Coletivo Cultural de Saias e de Lutas, que trabalha por questões sociais e empoderamento das mulheres quilombolas. A

Réveillon do Bicentenário

O primeiro dia de 2017 nasceu com o primeiro réveillon inteiramente alagoano da história. Marcando o início do ano do Bicentenário da Emancipação Política, no palco montado no Posto 7 (Praia de Jaitúca/Lagoa da Anta), em Maceió, se apresentaram: Coletivo Maracatod@as (reunindo quatro grupos de maracatu), Kel Monalisa, Naná Martins, Wado, Júnior Almeida, Máclein, Tião Marcolino, Adlla Costa, Orquestra Cai Dentro e Eliezer Setton. O evento foi o marco de largada para a mais ampla comemoração de uma data no Estado, com uma agenda de realizações que se estendeu até a zero hora de 2018. A

DIA 2

ANOTE

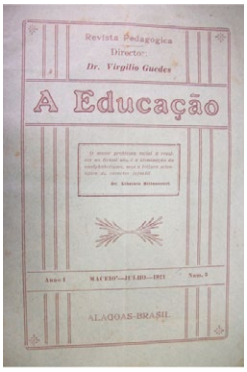
Virgílio Guedes, entre o direito e as letras

Virgílio também foi redator e telegrafista

Virgílio Guedes foi professor, poeta e advogado nascido em Maceió no dia 2 de janeiro de 1884. Estudou no Liceu Alagoano e formou-se em Direito no Recife. Foi um dos fundadores da Faculdade Livre de Direito de Alagoas. Atuou como professor da Escola Superior de Comércio de Alagoas e

da Academia de Comércio. Fundou e dirigiu a revista A Educação.

Algumas vezes assinou textos como Gesualdo de Oliveira e J. de las Lhanas. Foi o primeiro ocupante da cadeira 14 da Academia Alagoana de Letras e sócio do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas. Suas principais obras são: *A festa dos Martírios* (1931) e *A árvore* (1922). Morreu em Maceió no dia 18 de janeiro de 1940. A



A revista pedagógica teve seu lançamento em 1921

DIA 3

Zinho, o mestre do forró

Conhecido no Brasil inteiro como Mestre Zinho, Erivan Alves de Almeida nasceu em Rio Largo no dia 3 de janeiro de 1943.

Considerado um dos ícones do forró pé de serra, teve influência do avô, conhecido como Mestre Bruno, que tocava sanfona de oito baixos.

Sua carreira ganhou força no grupo "Os Três do Nordeste", do qual era vocalista e com o qual permaneceu durante oito anos. Em 1988, deixou o trio e seguiu carreira solo, tendo mais de dez álbuns lançados. A

SAIBA MAIS

Foi um dos maiores triangulistas do pé de serra. No seu disco *Murro em ponta de faca*, lançado em 1988, Zinho contou com a participação de grandes nomes do forró, a exemplo de Luiz Gonzaga, Dominguinhos e Hermelinda. Faleceu no dia 31 de janeiro de 2010, no Rio de Janeiro.

Zinho, grande nome da música popular nordestina

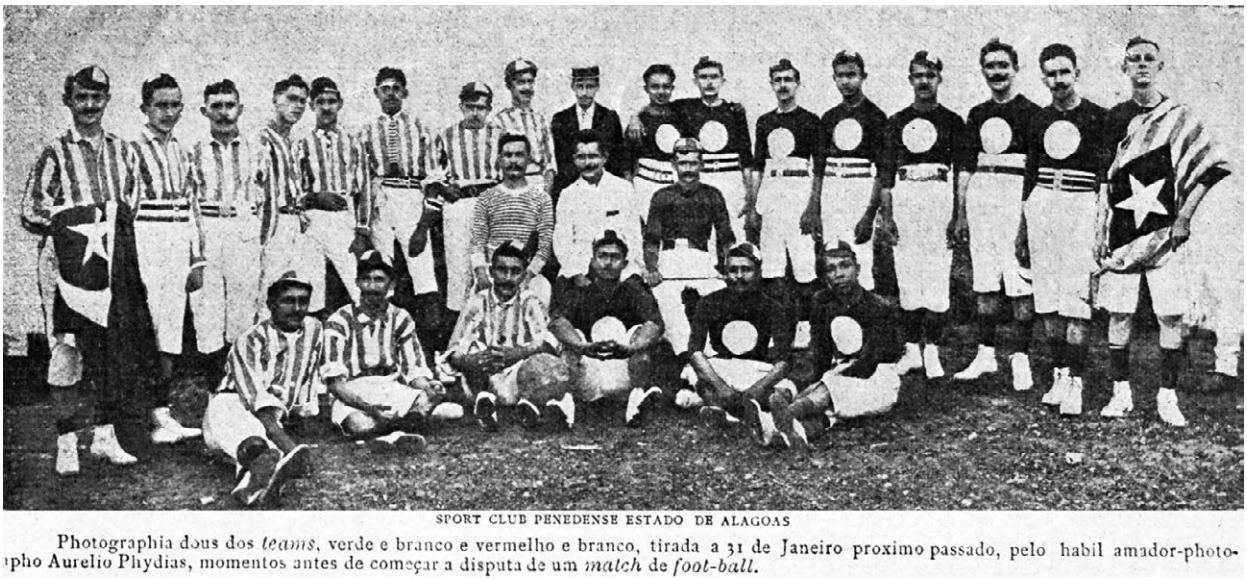
Capa de um dos discos que lançou com Os três do Nordeste

(forroalagoano.com)

Sport Club Penedense — Um dos times mais antigos do Brasil

O Sport Club Penedense foi fundado em 3 de janeiro de 1909. Considerado o primeiro clube de futebol de Alagoas e também um dos mais antigos do país. Seu estádio leva o nome do médico Alfredo Leahy, grande incentivador do clube nos momentos iniciais. Em 1962 o Penedense participou do campeonato da primeira divisão. Atravessa momentos de altos e baixos, mas mantém a histórica posição de time de maior destaque no Baixo São Francisco.

Saiba mais no site História de Alagoas.



SPORT CLUB PENEDENSE ESTADO DE ALAGOAS

Photographia dous dos *teams*, verde e branco e vermelho e branco, tirada a 31 de Janeiro proximo passado, pelo habil amador-photopho Aurelio Phydias, momentos antes de começar a disputa de um *match* de *foot-ball*.

Foto de Aurélio Phydias de 31 de janeiro de 1909, publicada em O Malho. Os dois times são do Penedense. Segundo a legenda original da fotografia, uma camisa era verde e branco e a outra vermelho e branco

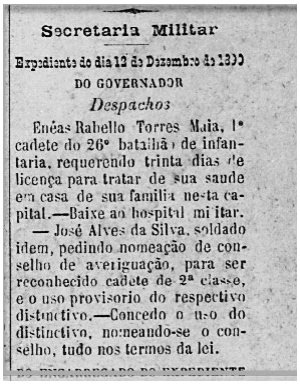
DIA 4

Secretaria militar

Gutenberg. Maceió, janeiro de 1891

#MEMÓRIADAIMPRENSA

Enéas Rabello Torres Maia, 1° cadete do 26º batalhão de infantaria, requerendo 30 dias de licença para tratar de sua saúde em casa de sua família nesta capital- Baixa ao hospital militar. José Alves da Silva, soldado idem, pedindo nomeação de conselho de averiguação, para ser reconhecido Cadete da segunda classe, e uso provisório do respectivo distintivo. Concedo o uso do distintivo nomeando-se o conselho, tudo nos termos da lei. A



Secretaria Militar

Expediente do dia 12 de Dezembro de 1890

DO GOVERNADOR

Despachos

Enéas Rabello Torres Maia, 1º cadete do 26º batalhão de infantaria, requerendo trinta dias de licença para tratar de sua saude em casa de sua familia nesta capital.—Baixe ao hospital militar.

— José Alves da Silva, soldado idem, pedindo nomeação de conselho de averiguação, para ser reconhecido cadete de 2ª classe, e o uso provisorio do respectivo distinctivo.—Concedo o uso do distinctivo, nomeando-se o conselho, tudo nos termos da lei.

GUTENBERG

ANNO IX — Maceió, Domingo 4 de Janeiro de 1891 — NUM. 1

DIA 5

Ilza Porto, a literatura como vocação

Ilza do Espírito Santo Porto nasceu em Maceió no dia 5 de janeiro de 1919. Fez os primeiros estudos no Asilo de Órfãs e no Colégio Santíssimo Sacramento e formou-se em Letras pela Universidade Federal de Alagoas. Escreveu vários livros de poesia e crônica e foi premiada quatro vezes pela Academia Alagoana de Letras.

Ilza Porto

Casada com o advogado Caio de Aguiar Porto, assinou crônicas com o pseudônimo Mara para a Gazeta de Alagoas sem que ele soubesse. Uma vez, quando ele elogiou um desses textos, a escritora revelou a autoria. Também colaborou no Jornal de Alagoas e integrou o Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas e a Academia Alagoana de Letras. Algumas vezes usou os pseudônimos Sinhazinha e Gita. Morreu no dia 3 de março de 2004 em Maceió.

ALGUMAS OBRAS

- Poemas da Vida Real (1973).
- Contos do Vale de Jacarecica (1979).
- Mandacarus (1987).
- Poemas do Simples (1984).
- Momentos; João Sem Terra e Outros Contos (1983).
- Lendas do Vale do São Francisco (1990).
- O Momento (1992).
- Memórias de Uma Colegial (1993).

SAIBA MAIS

1974 – Ilza Porto fundou e foi a primeira presidenta do Grupo Literário Alagoano, instituição pioneira do gênero em Alagoas, que reuniu escritoras como Margarida Almeida, Georgete Mendonça, Nadir Barbosa, Heloísa Marinho de Gusmão Medeiros, Solange Lages, Tereza Torres Neumann, Guiomar Alcides de Castro, Cléa Marsiglia, entre outras. Foi considerado órgão de utilidade pública estadual em 15 de maio de 1981.

Luiz Jatobá, alagoano na Metro-Goldwyn-Mayer

SAIBA MAIS

Em 1940, foi convidado para a Columbia Broadcasting System, a CBS, em Nova York. Ali noticiava para o Brasil os acontecimentos operacionais durante a II Grande Guerra Mundial. Trabalhou para a Metro-Goldwyn-Mayer, como narrador de filmes, na Columbia Paramount e na Universal Pictures, além da United States Information Agency.

Luiz Jatobá nasceu em Maceió em 5 de janeiro de 1915 e faleceu em Nova York, em 9 de dezembro de 1982.

Jatobá: uma das mais belas vozes da história da narração e da locução

QUEM FOI?

Radialista e médico ortopedista, seguiu uma sólida carreira nos Estados Unidos da América como narrador de jornais falados e locutor para a Hora do Brasil.

Privilegiado por ter uma voz com muito destaque em radiofonia, ganhou um concurso em 1935 para atuar na Rádio Jornal do Brasil. Depois trabalhou em outras emissoras, como Rádio Mairink Veiga, Nacional, Excelsior e Globo. A

DIA 6

Um sentido novo para a poesia alagoana com Aloísio Branco

Valdemar Cavalcanti, Graciliano Ramos, Aloísio Branco, Rachel de Queiroz e seu marido José Auto em Maceió (1932)

Poeta e advogado nascido em São Luís do Quitunde em 6 de janeiro de 1909, Aloísio Machado Bezerra Branco se destacou entre os artistas e intelectuais de Maceió nos anos 1930.

Estudou no Liceu Alagoano e formou-se pela Faculdade de Direito de Recife (1936).

Branco integrou a Academia Olavo Bilac e, além de poemas, publicou ensaios e crônicas, colaborando em periódicos como Jornal de Alagoas, Gazeta de Alagoas e A Província (Recife). Algumas vezes adotou o pseudônimo David d'Alcobaça. Faleceu em Maceió em 4 de fevereiro de 1937.

SAIBA MAIS

Como nem só de letras vive um poeta, ele trabalhou como oficial de gabinete do secretário-geral do Estado e na administração do Porto de Maceió.

RELATO DE JORGE AMADO

"Fui encontrá-lo num bar; tomava café preto em xícara grande, cercado pelos intelectuais da terra – todos eles reconheciam a ascendência do autor ainda inédito, era o centro da roda. Ficamos amigos imediatamente. Fiquei amigo também de todo o poderoso grupo de escritores que viviam em Maceió. Digo viviam, pois, além dos alagoanos – Graciliano, Valdemar, Aurélio Buarque de Holanda, Alberto Passos Guimarães, Raul Lima, Théo Brandão, José Auto, Diégues Júnior, Carlos Moliterno, o poeta Aloísio Branco e o contista Carlos Paurílio –, ali residiam, na ocasião, José Lins do Rego e Rachel de Queiroz, dois dos mais importantes entre os jovens romancistas".

Jorge Amado em O dia em que conheci Graciliano, publicado na revista Status (1978)

Alfredo Brandão, um médico que amava a antropologia e a história

Bastante reconhecido por seu trabalho que aponta para o assassinato de Zumbi dos Palmares

Numa época em que ainda não havia campanha contra o fumo, Alfredo de Barros Loureiro Brandão defendeu uma tese sobre tabagismo na Faculdade da Bahia em 1902. Mas essa seria apenas uma das áreas a que o celebrado historiador daria sua contribuição. Nascido em 19 de fevereiro de 1874 em Viçosa, foi

SAIBA MAIS

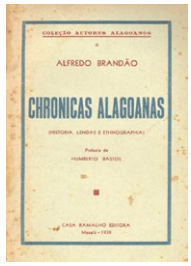
Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas. Colaborou em diversos periódicos, como Correio Mercantil, Tribuna Popular, Jornal de Debates, Gazeta de Alagoas, Almanack de Viçosa, O Gutenberg, Diário de Pernambuco, O Estado do Mato Grosso, Jornal de Alagoas e Estado de Alagoas.

lá que fez os primeiros estudos e, depois de formado, ingressou no Exército, quando atuou em Canudos como médico. Também participou da expedição Rondon, em Mato Grosso, e trabalhou no Hospital Militar do Recife. Faleceu em Maceió em 6 de janeiro de 1944.

O NEGRO NA HISTÓRIA DE ALAGOAS

Brandão também participou do 1º Congresso Afro-Brasileiro em Recife, em 1934, quando apresentou o trabalho "Os Negros na História de Alagoas"; e do 2º Congresso Afro-Brasileiro na Bahia, em 1937, tratando do tema "Documentos Antigos Sobre a Guerra dos Negros Palmarinos". A

Uma base para decifração da escrita pré-histórica do Brasil



Edição lançada pela Casa Ramalho Editora (1939)

LEIA

- Viçosa de Alagoas – O Município e a Cidade (1914).
- Contribuição para a Geografia Botânica do Estado de Alagoas (1915).
- Amor e Sofrimento (romance).
- Crônicas Alagoanas (História, Lendas e Etnografia) (1939).
- A Escrita Pré-Histórica do Brasil (1937).

SAIBA MAIS

Publicou, em 1975, o livro intitulado *Diário de Pernambuco: História e Jornal de Quinze Décadas.* Também escreveu poemas e participou da antologia *Notas Sobre a Poesia Moderna de Alagoas,* de Carlos Moliterno, com os poemas "Acalanto e Doze Horas Sem Sol de Maio". A partir de 1961 esteve à frente do Departamento Estadual de Cultura. Foi membro da Academia Alagoana de Letras e ocupou a cadeira 38. Faleceu em Maceió no dia 26 de março de 1999.

DIA 7

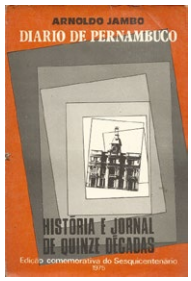
Arnoldo Jambo deu novo ânimo à cultura alagoana

Jambo fez parte da poesia moderna de Alagoas

O jornalista e cronista Arnoldo Jambo nasceu no dia 7 de janeiro de 1922 em Maceió. Após servir à Marinha de Guerra de 1939 a 1941, dedicou sua vida ao jornalismo, começando como revisor. Em 1946 colaborou no jornal comunista A Voz do Povo, e entre as décadas de 1950 e 1960 marcou época no Jornal de Alagoas. Algumas de suas crônicas foram assinadas como Aspilcueta. De acordo com o historiador Moacir Medeiros de Sant'Ana, foi graças a Jambo que a cultura voltou a ter destaque na imprensa em Maceió. A

NA HISTÓRIA DO JORNALISMO

Jambo também fez história no jornalismo em Recife, trabalhando no Diário de Pernambuco nos anos 1970.



Edição comemorativa do sesquicentenário do Diário de Pernambuco

LEIA AS OBRAS

- Navios, Relógios e Coisas (1958).
- Diário de Pernambuco – História e Jornal de Quinze Décadas (1975).
- Um Tempo de Maceió (1998).

DIA 8

Nasce o Guttemberg

#MEMÓRIADAIMPRENSA

O jornal Guttemberg foi fundado em 8 de janeiro de 1881. De acordo com Félix Lima Júnior, em *Maceió de Outrora,* o periódico foi "abolicionista antes de 13 de maio de 1888 e republicano antes de nascer o sol em 15 de novembro de 1889". Pertenceu ao então deputado Eusébio Francisco de Andrade. Mais tarde, ele exerceria um mandato de nove anos como senador, de 1918 a 1927. A

GUTTEMBERG

Orgão da Associação Typographica Alagoana de Soccorros Mutuos

Com trinta anos de existência, o jornal foi encerrado por questões políticas

ANOTE

Registro histórico de Abílio Coutinho

O relógio batia 7 horas, no dia 8 de janeiro de 1869, quando, em viagem pelo Rio São Francisco, o presidente da Província de Alagoas José Bento da Cunha Figueiredo Júnior e sua comitiva deixam-se fotografar por Abílio Coutinho.

Um dos registros da Vila de Pão de Açúcar por Abílio Coutinho na mesma época

Segundo o relatório dessa viagem, redigido por Olympio Eusébio de Arroxelas Galvão e José Antônio Magalhães Basto, o registro histórico teve como cenário uma "aprazível eminência de pedras,

SAIBA MAIS

A propósito de Abílio Coutinho, ele era português e um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas.

que fica atrás das ruas da Vila, donde se descortina magnífico panorama", na florescente vila de Pão de Açúcar.

LEIA

Viagens de José Bento da Cunha Figueiredo Júnior à Província das Alagoas (1869). Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas (2010).

DIA 9

Penedo já foi capital do cinema

A imprensa alardeava que se tratava de uma das mais importantes atividades culturais já vistas no Estado. Idealizado por Solange Lages, o Festival de Cinema de Penedo teve sua primeira edição de 9 a 12 de janeiro de 1975 e fez história em Alagoas.

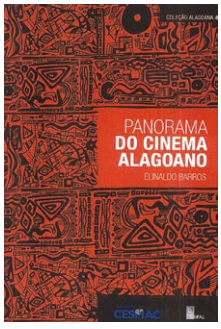
Ayrton Quaresma / O Cruzeiro

Entrada do Cine São Francisco, em Penedo, durante o Festival de Cinema (1975)

Hotel São Francisco, que sediava o Festival de Cinema

NO CIRCUITO NACIONAL

Foi pensado para divulgar Penedo como destino turístico, e, além dos filmes, a rica cultura popular de Alagoas estava representada na programação, culminando no encerramento do evento com a procissão de Bom Jesus dos Navegantes. O Festival de Cinema de Penedo permaneceu como um evento calendarizado até 1982, totalizando oito edições.



Produção cinematográfica em Alagoas por meio de grandes nomes do audiovisual

DESTAQUE DA EDIÇÃO

O Cine São Francisco exibiu *Os Condenados*, de Zelito Viana; *A Estrela sobe*, de Bruno Barreto; *São Bernardo*, de Leon Hirszman; *A Volta pela Estrada da Violência*, de Aécio de Oliveira, e *Joana Francesa*, de Cacá Diegues.

Cartazes das primeiras edições do Festival do Cinema Brasileiro

TINHA SUPER-8

A categoria Super-8, com filmes exibidos pela manhã, era exclusiva para cineastas de Alagoas. Foram vencedores nessa categoria os filmes *Crise*, de Joaquim Alves; *A Maldição de Klemenn*, de Mário Jorge Feijó, e *Reflexos*, de Celso Brandão.

ASSISTA

- A Volta pela Estrada da Violência, da produtora alagoana Caetés Filmes.
- https://www.youtube.com/watch?v=en2VJ3ICjSE

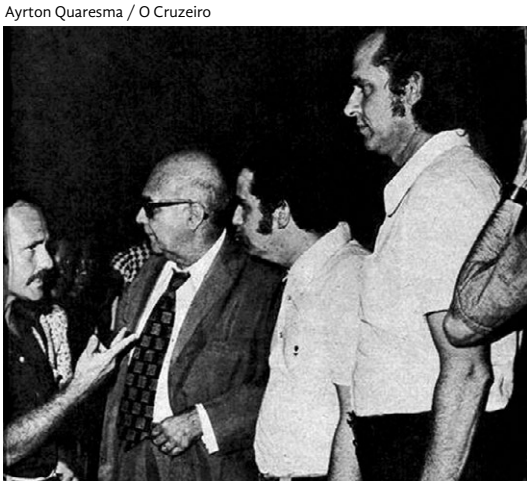
QUER SABER MAIS?

Panorama do Cinema Alagoano, de Elinaldo Barros (1983)

SAIBA MAIS

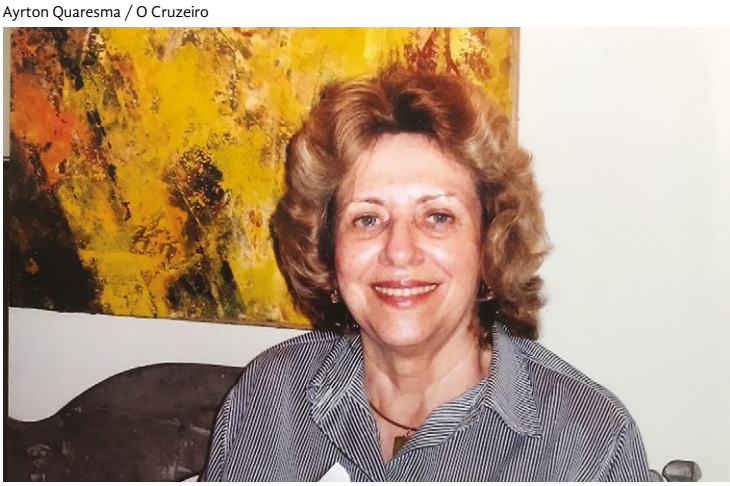
O show de abertura do festival tinha um título maravilhoso: *Ame e Seja Gente*, com o violonista Sebastião Tapajós e Heloísa Raso. Também se apresentaram Leureny, Paulo Tapajós e Altamiro Carrilho, entre outros. Quem não estava lá perdeu!

Ayrton Quaresma / O Cruzeiro



Ricardo Cravo Albim, Manoel Diégues Júnior, Roberto Pereira e Nelson Simões (1975)

Ayrton Quaresma / O Cruzeiro



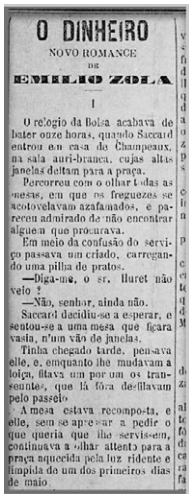
Solange Lages idealizou e produziu o Festival de Cinema de Penedo

DIA 10

O dinheiro

Gutenberg. Maceió, janeiro de 1891

#MEMÓRIADAIMPRENSA



O DINHEIRO

NOVO ROMANCE

DE

EMILIO ZOLA

I

O relogio da Bolsa acabava de bater onze horas, quando Saccard entrou em casa do Champeaux, na sala auri-branca, cujas altas janelas deitam para a praça.

Percorreu com o olhar todas as mesas, em que os freguezes se acotovelavam azafamados, e pareceu admirado de não encontrar alguem que procurava.

Em meio da confusão do serviço passava um criado, carregando uma pilha de pratos.

—Diga-me, o sr. Huret não veio ?

—Não, senhor, ainda não.

Saccard decidiu-se a esperar, e sentou-se a uma mesa que ficara vasia, n'um vão de janelas.

Tinha chegado tarde, pensava elle, e, emquanto lhe mudavam a loiça, ficava um por um os transeuntes, que lá fóra desfilavam pelo passeio.

A mesa estava recomposta, e elle, sem se apressar a pedir o que queria que lhe servissem, continuava a olhar attento para a praça aquecida pela luz ridente e limpida de um dos primeiros dias de maio.

Com a devida vênia começamos hoje a publicação do interessantíssimo romance realista de Emílio Zola o qual está sendo publicado pelo país.

Esse romance uma das obras primas do notável escritor contemporâneo, está fazendo sucesso em Paris e no Rio de Janeiro pelo assunto verdadeiro que envolve ilustre autor. No qual é a narração de uma grande catástrofe comercial que ajudou o Paris destruindo grandes fortunas e arruinam importantes estabelecimentos.

Chamamos a atenção dos meses dos nossos leitores para esse importante trabalho literário. A

O DINHEIRO

EMILIO ZOLA

TELEGRAMMAS

AVISOS

O SEGREDO DO SR. LUBIN

SECÇÃO LIVRE

Site Graciliano Ramos

Graciliano lhe escreveu Sete cartas de amor, *em 1928*

DIA 11

Heloísa, o grande amor de Graciliano

Nascida em 11 de janeiro de 1910, Heloísa Leite de Medeiros foi a segunda esposa de Graciliano Ramos, com quem se casou em 1928 e tiveram os filhos Ricardo, Roberto, Luiza e Clara.

Funcionária pública aposentada, ela era a responsável pela administração dos direitos autorais do marido após a morte dele, em 1953. Heloísa faleceu no dia 23 de julho de 1999, em Salvador, onde morava há cinco anos com a filha Luiza Amado, esposa de James Amado.

CARTA DE GRACILIANO PARA HELOÍSA

É verdade que és minha noiva? Não é possível, sei perfeitamente que tudo isto é um sonho, que vou acordar, que ainda estamos em princípio de dezembro, que tu não tens existência real. Esta carta nunca te chegará às mãos, porque não tens mãos, és uma criatura imaginária. A flor que me deste e que agora vejo, murcha, é simplesmente um defeito dos meus nervos. Beijando-a, tenho a impressão de beijar o vácuo. Já tiveste em sonho a consciência de estar sonhando? É assim que me acho. Vem para junto de mim e acorda-me.

Heloísa ficou responsável pelos direitos autorais do marido após a morte dele

Causaste uma perturbação terrível no espírito dum pobre homem que nunca te fez mal nenhum. Isto com certeza te dará alegria, porque todas vocês gostam de rasgar o coração da gente. Com esses modos românticos, esse rosto de santa que desce do altar, és uma fera. Vieste chamar-me para passar quinze horas a fio cercado de saias. E quando me tens seguro: "Ora, meu caro senhor, deixe-se de histórias. Tudo isso foi pilhéria, não houve nada".

Depois, uma reviravolta, estamos noivos. Ou não estamos? Ainda será engano meu?

Amo-te com ternura, com saudade, com indignação e com ódio. Confesso-te honestamente o que sou. Se te não agradam sentimentos tão excessivos, mata-me. Mas não me mates logo: mata-me devagar, deitando veneno no que me escreveres. Provavelmente sabes fazê-lo. Não devias ser como és.

Estou a atormentar-te, meu amor. Perdoa. Se não fosses como és, eu não gostaria de ti.

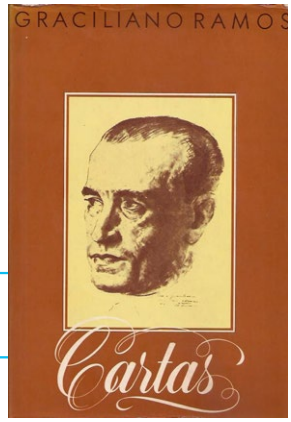
Eu, Graciliano.

Palmeira, 18 de janeiro de 1928.

SAIBA MAIS

Em 1980, Heloísa doou o Arquivo Graciliano Ramos ao Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. O acervo é composto por manuscritos, cartas, fotos, documentos e livros.

Manuscritos íntimos de Graciliano Ramos



QUER LER MAIS?

Cartas, de Graciliano Ramos (2011).

Augusto Calheiros — Patativa do Norte bateu asas e foi fazer sucesso

Não foi à toa que Augusto Calheiros ficou conhecido como Patativa do Norte. Para você ter uma ideia, Luiz Gonzaga admitiu que, quando ainda era militar, descobriu o seu caminho na música quando ouviu o alagoano. Era a quem tentava imitar antes de desenvolver o próprio estilo: "Eu gostava mesmo era de cantar Augusto Calheiros".

Nascido em 5 de junho de 1891, em Murici, Augusto foi morar ainda jovem em Garanhuns, onde teve um bar e trabalhou até como carcereiro. Mas, como o desejo costuma se impor, começou a cantar pela cidade. Quando foi para Recife, em 1923, já soltava a voz na Rádio Clube de Pernambuco.

Calheiros era músico de repertório e talento vasto

Arquivo Nirez

Ao conhecer a família do bandolinista Luperce Miranda, o que estava escrito cumpriu-se: tornou-se o vocalista do grupo Turunas da Mauriceia em 1926 e, no ano seguinte, no dia 5 de janeiro, o destemido grupo já estava no Rio de Janeiro. Por lá, nunca tinham ouvido algo igual.

COCOS, BATUQUES E...

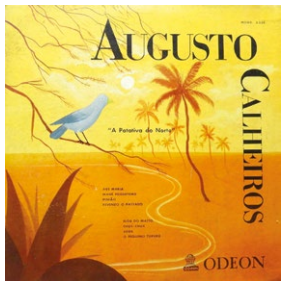
A embolada *Pinião* (dele e de Luperce Miranda), apresentada no Teatro Lírico e reforçada nas aclamadas apresentações na Rádio Clube, tornou-se a música mais cantada no carnaval do Rio de 1928. Um trecho diz assim: "Pinião, pinião, pinião, Oi! Pinto correu com medo do gavião. Por isso mesmo o sabiá cantou, bateu asas e voou e foi comer melão".

ENTRE OS MELHORES DA MPB

O pesquisador Ricardo Cravo Albin conta que eles, os Turunas, trajavam roupas sertanejas, com chapéus de abas largas erguidas na frente, nas quais podiam ser lidos: Guajurema, Riachão, Periquito e Patativa do Norte – e foi assim que inscreveu seu nome na história da MPB. A propósito, *Pinião* foi incluída na seleção das 100 melhores músicas do século 20, organizada por Albin.

O FIM DOS TURUNAS

O grupo terminou em 1929, depois de 18 discos gavados. E lá se foi Patativa do Norte em carreira solo. Nas décadas seguintes, gravou vários discos de 78rpm. Não foram alguns, mas 80. E mais dois LPs pela Odeon: *A Patativa do Norte* e *Caboclo de Raça*. *Ave Maria*, gravação de 1939, foi um grande sucesso. Faleceu em 11 de janeiro de 1956, no Rio de Janeiro. Os restos mortais do cantor e compositor foram transferidos para Garanhuns em 1958.



LP lançado pela Odeon e que lhe deu o apelido

6 CURIOSIDADES SOBRE CALHEIROS

1 – O grupo Turunas da Mauriceia se apresentou pela primeira vez em Maceió no dia 1º de dezembro de 1927, no Cine-Teatro Floriano.

2 – Críticos costumam apontar que os Turunas da Mauriceia também influenciaram a formação do grupo Bando dos Tangarás, criado em 1929, com Almirante, Braguinha e Noel Rosa.

3 – Entre os muitos sucessos da carreira estão *Mané Fogueteiro* (João de Barro), *Chuá, Chuá* (Sá Pereira/ Ari Pavão/ Marques Porto) e *Caboclo Vingador* (Arthur Goulart/ José Colombo).

4 – A valsa *Dúvida*, com melodia de Luiz Gonzaga e letra de Domingos Ramos, foi gravada por Augusto Calheiros em 1946 e contou com Gonzagão, fã declarado, como músico.

5 – Cantou no filme *Maria Bonita*, da Sonoarte, de 1936.

6 – O cantor e compositor foi destaque no 2º Festival da Velha Guarda, em São Paulo, organizado por Almirante, em 1955.

OUÇA NO YOUTUBE

- Senhor da Floresta
  https://www.youtube.com/watch?v=a9b2mzl0RKQ
- Turunas da Muriceia (gravação de 1927!!!)
- Pinião
  https://www.youtube.com/watch?v=d56uTC-1M5Q

Procissão de Bom Jesus dos Navegantes

Em janeiro de 1884, a procissão de Bom Jesus dos Navegantes, tradição vinda da Bahia, desde 1808, por influência portuguesa, saiu pela primeira vez na histórica cidade de Penedo. Até 1914, a imagem carregada no evento era o Cristo Agonizante ou Cristo Crucificado. Entretanto, a partir de 1915, o Senhor Bom Jesus dos Navegantes passou a ser representado pela imagem esculpida pelo artista local Cesário Procópio dos Mártyres.

A imagem foi concebida com inspiração no Cristo Ressuscitado dentro de uma canoa e saiu em procissão pela primeira vez em 11 de janeiro de 1915.

A partir de então, outros municípios ribeirinhos encomendaram réplicas ao escultor, e a tradicional procissão passou a existir também nos demais municípios de Alagoas e de Sergipe, que margeiam o Rio São Francisco em seu baixo curso.

Fonte: blog do Etevaldo

Imagem esculpida pelo artista local Cesário Procópio dos Mártyres

FESTA DE CALENDÁRIO MÓVEL

A procissão passou a ter data móvel, ficando estabelecido que, no segundo domingo de janeiro, ela acontece em Penedo, enquanto os outros municípios ajustariam suas datas.

O SAGRADO E O PROFANO

Ao chegar ao porto, a imagem é conduzida à Catedral, onde acontece uma missa campal celebrada pelo bispo.

O lado profano da festa acontece de manhã e continua à noite, com certames esportivos, eventos culturais e apresentações de grupos musicais. A

Tradição com mais de 100 anos sempre acompanhada pelos fiéis

Fonte: blog do Etevaldo

DIA 12

A sábia Maria Tomázia do povo Kariri-Xocó

Maria Tomázia, conhecida como Mãe Nega, tornou-se lendária como uma sábia nas tradições do povo Kariri-Xocó, na região de Porto Real do Colégio. Filha de João Baca, era curandeira, benzedeira com conhecimento do tradicional ritual do Sagrado Ouricuri, tendo o respeito absoluto do seu povo.

Numa expedição do antropólogo Carlos Estevão, em 1935, foi entrevistada na Rua dos Índios e se identificou como descendente dos Natu, filha de Manoel Atanásio dos Santos. A etnia Natu, de acordo com o mapa etno-histórico Curt Nimuendaju, já estava localizada em Porto Real do Colégio entre 1748 e 1816, vivendo junto com povos das etnias Karapotó e Prakió.

Pela tradição oral, foi casada com o índio Fulni-ô Manoel Caetano e, anos depois, uniu-se a João Pereira. Era bisavó de José Nunes de Oliveira, também conhecido como Nhenety Kariri-Xocó, que atua como guardião da memória e da língua do seu povo.

DIA 13

ANOTE

Ponte dos Fonsecas

A ponte foi erguida em forma de homenagem sobre o Riacho Maceió

A primeira ponte construída sobre o Riacho Maceió, no local que seria a futura Praça Sinimbu, foi erguida em 1845, durante a presidência de Henrique Marques d'Oliveira Lisboa.

Denominada de Ponte do Riacho Maceió, a estrutura foi substituída 26 anos depois pela Ponte dos Fonsecas, sendo esta inaugurada em 13 de janeiro de 1871, na gestão de José Bento da Cunha Figueiredo.

Prestava homenagem à família Fonseca e seus militares famosos, tratados como heróis da Guerra do Paraguai — um

deles, Deodoro, chegaria à presidência da República em 1889.

A ponte, com estrutura de ferro e alvenaria, manteve-se até 1924, quando foi destruída por uma tromba d'água.

Foi reconstruída no governo de Costa Rego, agora em cimento armado. Foi inaugurada em 1926 e dela sobrevivem os corrimões na entrada da Rua do Imperador, ao lado do Clube Fênix. A

DIA 14

Leda Lins e a cultura popular em Pão de Açúcar

Maria Leda Lins da Rocha nasceu em Maceió em 14 de outubro de 1949.

Professora, tem sua história de vida profissional entre a Educação e a Cultura de Alagoas, com passagem pelo Soprobem. Na Cultura ocupou o cargo de diretora de Difusão Cultural, e seu trabalho junto aos representantes da cultura popular rendeu bons frutos pela facilidade que tinha de transitar no ambiente folk, identificando-se por vivência e conhecimento adquirido.

A professora morreu em Pão de Açúcar no dia 4 de janeiro de 2022, onde foi sepultada em meio a homenagens prestadas pelos grupos folclóricos locais que ela ajudou a criar e sempre foi uma grande incentivadora. A

Leda Lins em Pão de Açúcar (2018)

ANOTE AÍ

Maceió foi pioneira na iluminação elétrica

Sede da primeira empresa responsável pela luz em Maceió

No livro *Maceió de Outrora*, Félix Lima Júnior informa que a capital de Alagoas foi uma das primeiras capitais do país a ter iluminação elétrica em vias públicas. Foi obra da empresa de Luz Elétrica de Alagoas, de José Antonio Loureiro, que, com um motor a vapor com três caldeiras de 75 cavalos cada, "iluminou a cidade pela primeira vez no dia 14 de janeiro de 1896". Conforme recorda o cronista, foi uma "satisfação geral do povo", com "muitos aplausos e parabéns ao empresário".

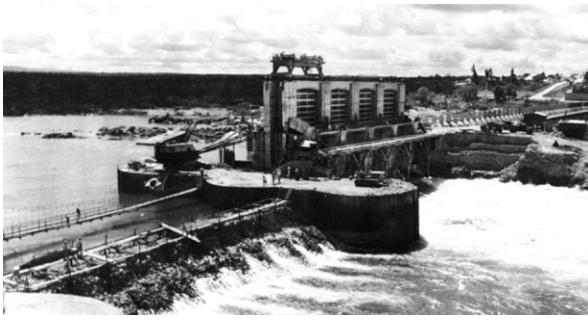
O LUAR

De acordo com o Jornal de Alagoas, o motor funcionava das 18h à 1h da manhã. Estranho detalhe romântico: o fornecimento era suspenso nas noites em que havia luar.

Acervo Histórico IPT

DIA 15

Usina de Paulo Afonso, se ligarem mais um fio, você ilumina o Rio



Barragem em funcionamento (1954)

Inspirada no pioneirismo de Delmiro Gouveia, responsável pela instalação da hidrelétrica de Angiquinho (a primeira do Nordeste, em 1913), a Usina de Paulo Afonso foi concebida em 1943 pelo então ministro da Agricultura, o pernambucano Apolônio Sales.

Depois de dobrar os interesses de grupos do Sudeste, o presidente Getúlio Vargas assinou um decreto criando a Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (Chesf), em 3 de outubro de 1945 – primeira empresa pública federal de energia elétrica.

Acervo Histórico IP

Construção da usina (1955)

OBRA DE DUTRA INAUGURADA POR CAFÉ FILHO

Os trabalhos da construção foram iniciados em 1949, durante o governo de Eurico Dutra, mas a Usina de Paulo Afonso só foi inaugurada no dia 15 de janeiro de 1955 pelo presidente Café Filho.

INSPIROU CANÇÃO

No lado baiano do São Francisco, o distrito de Paulo Afonso foi desmembrado de Glória e elevado à condição de município em 1958. Como dizia a canção de Gordurinha dedicada à hidrelétrica, o povo do Norte ficou feliz, mas "se ligarem mais um fio, você ilumina o Rio, São Paulo e toda a nação". A

OUÇA

- Paulo Afonso, de Gordurinha, com Ary Lobo
  https://www.youtube.com/watch?v=2d1HrQUshnA

DIA 16

GUTENBERG

Maceió, Sexta-feira 16 de Janeiro de 1891

PARTE OFFICIAL

Administração do Dr. Manoel de Araújo Góes - Decreto nº 67 de 9 de Janeiro de 1891

Gutenberg. Maceió, janeiro de 1891

#MEMÓRIADAIMPRENSA

O governador do Estado das Alagoas, tendo em vista o abaixo assignado de cidadãos eleitores do districto da Soledade, pedindo a Restauração do districto de paz do mesmo nome, e as razões adduzidas na informação prestará o dr. juiz de direito da Comarca de Camaragibe, a quem mandará ouvir seu antecessor.

Decreta:

Artigo 1 - restaurado o direito de paz da Soledade, suprimido pela resolução provincial nº 1.114 de 14 de novembro de 1889

Artigo 2 – Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio do Governo do Estado de Alagoas em 9 de Janeiro de 1891. Manoel de Araújo Góes. A

DIA 17

Maria: os sabores e os saberes das irmãs Rocha

Maria Rocha Cavalcanti Accioly nasceu em São Miguel dos Campos em 17 de janeiro de 1930. Era filha de Pedro Rocha Cavalcanti e de Edith Rocha Cavalcanti. Assim como as irmãs, aprendeu sobre gastronomia na vivência cotidiana no engenho Varela, em São Miguel dos Campos, onde eram servidas muitas delícias registradas em livros.

Maria sentada à esquerda com as irmãs Jacy, Bartyra e Yêda Rocha

MEMÓRIA DOS NOSSOS AVÓS

E as delícias são muitas, maravilhosos doces como o laco-paco de maracujá, o doce de batata-doce com leite de coco, o beiju chapéu de couro (feito com polvilho), entre muitos outros. Todos, como ela dizia, "saboreados por várias gerações, amaciados no paladar dos nossos avós".

Legado da culinária lançado pela Imprensa Oficial Graciliano Ramos

CURIOSIDADES

Para Maria, o sururu era o mais alagoano dos pratos, podendo ser feito cozido com a casca (capote) e servido com pirão, mas igualmente saboroso se servido ensopado ou como fritada.

Certa vez, quando as irmãs Rocha foram para a França, arrumaram um jeito de embarcar com sururu, camarão e peixe embrulhados em jornais para fazer um jantar em Annecy.

LEMBRA DO MINGAUPITINGA?

Graças à memória de Maria, ficamos sabendo do mingaupitinga, uma massa de mandioca feita com leite de coco para comer com caldeirada de frutos do mar. E do arroz de coco "Babar", que combina com qualquer ensopado. Tem também o siri capado (cortado ao meio) e a feijoada de peru, feita com partes de peru assado que foi servido em alguma festa.

SAIBA MAIS

Maria Rocha estudou nos colégios São José, Santíssimo Sacramento e Santa Sofia (em Garanhuns), formando-se em Contabilidade. Foi membro do Grupo Literário Alagoano. Morreu no dia 23 de dezembro de 2009.

Histórias de São Miguel dos Campos

LEIA

- Fatos, Personagens, História de São Miguel dos Campos (1992)
- Amando a Vida (crônicas) (2006)
- Delícias da Cozinha Alagoana, As Melhores Receitas das Irmãs Rocha (1997)
- Doçuras do Mundo Todo (2001)

No início, o Diário Oficial era assim

Já imaginou hoje em dia ler textos sobre ocorrências policiais, registros de fatos sociais e até mesmo propagandas de suplemento vitamínico num diário oficial? Pois as primeiras edições do Diário Oficial do Estado de Alagoas também tinham tais conteúdos.

O órgão responsável pela publicação dos atos do poder público foi criado no dia 17 de janeiro de 1912 no governo de Euclides Malta e teve Aloísio de Menezes como seu primeiro diretor.

Antes disso, os textos oficiais eram divulgados no jornal A Tribuna, que encerrou as atividades naquele ano e seu equipamento gráfico foi adquirido pelo Estado.

Publicação reúne jornais da época e acontecimentos que marcaram a história do jornalismo alagoano

Primeira edição, ainda diagramado em oito colunas

DIARIO OFFICIAL
Propriedade do Estado de Alagoas

Propaganda, anúncios e classificados nos primeiros anos

LEIA

- História da Imprensa em Alagoas, de Moacir Medeiros de Sant'Ana (1987)
- 1912-2012: Centenário da Imprensa Oficial de Alagoas, de Fernando Coelho (2012)

SAIBA MAIS

Do número inaugural até a edição 16, o Diário Oficial tinha o formato de 71×52cm, com quatro páginas e diagramado em oito colunas.

Graciliano Ramos dirigiu a Imprensa Oficial de Alagoas no período de 31 de maio de 1930 a 26 de dezembro de 1931.

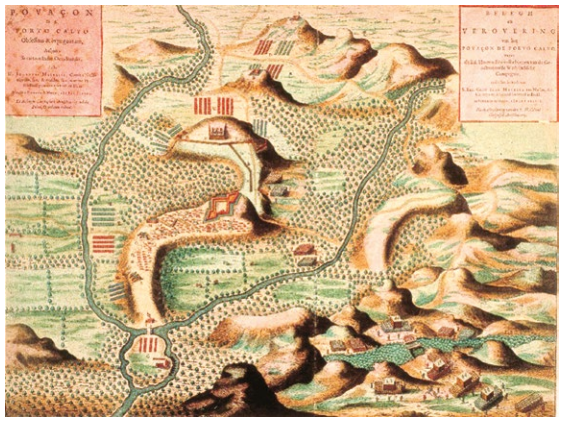
Em 1971, tornou-se uma empresa de economia mista sob a denominação de Serviços Gráficos de Alagoas S/A (Sergal) e adotou a sigla Sergasa em 1975.

Em 1999, o Diário Oficial passou a ter a versão digital.

DIA 18

Batalha de Mata Redonda, uma conquista holandesa

Batalha ocorreu em Porto de Pedras, a 16km de Porto Calvo (mapa)

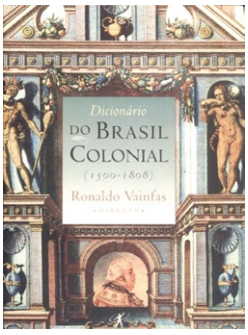


18 de janeiro de 1636. Com a invasão de Recife e Olinda, na Capitania de Pernambuco, pelos holandeses a bordo de 70 navios em 14 de fevereiro de 1630, quando o Brasil ainda encontrava-se sob o domínio da União Ibérica, muitas localidades foram sendo tomadas.

Mesmo com a resistência das tropas comandadas por Matias de Albuquerque, irmão do donatário da capitania, foram conquistadas as localidades de Igarassu, a Ilha de Itamaracá, a cidade da Paraíba e o Cabo de Santo Agostinho.

PORTO DE PEDRAS

O episódio que consolidou a conquista dos holandeses, quando a resistência já havia recuado para Alagoas, aconteceu em Mata Redonda (atual Porto de Pedras), a 16 quilômetros de Porto Calvo, no dia 18 de janeiro de 1636, com vitória das tropas do general Arciszewsky.



Dicionário reúne pesquisa sobre bibliografia colonial

NASSAU NO PODER

Com a conquista, o caminho ficou aberto para a administração de Maurício de Nassau, que chegou no Brasil em 23 de janeiro de 1637. No ano seguinte, ele conseguiu conquistar Porto Calvo com 3 mil soldados, 800 marinheiros e 600 índios, comandados por Arciszewsky e van Schkoppe.

A Invasão Holandesa duraria até 1654. A

SAIBA MAIS

História de Alagoas, de Moreno Brandão (1908).

Dicionário do Brasil Colonial (1500-1808), de Ronaldo Vainfas (2000).

ANOTE

Novo Lino sob a bênção de São José

Ex-povoado de Colônia Leopoldina, Novo Lino fica na Zona da Mata. Tornou-se um município em 1º de dezembro de 1962 e foi instalado em 18 de janeiro de 1963. As datas festivas da localidade são 19 de março, quando é celebrado o padroeiro, São José, e a festa da emancipação, no dia 1º de dezembro.

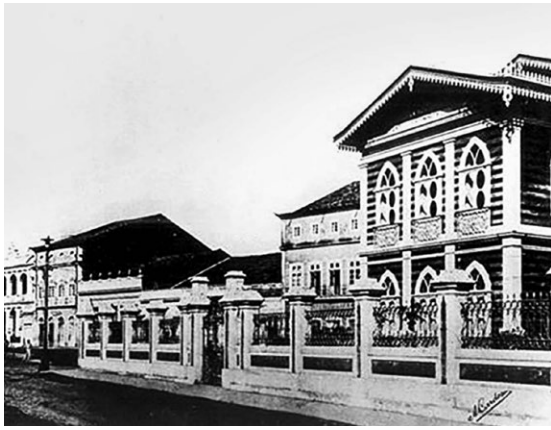
Acervo IBGE

Avenida Floriano Peixoto

Cultura Kariri-Xocó – Festa do Ouricuri

Anualmente, a partir da segunda semana do mês de janeiro, é realizada a Festa do Ouricuri por um período de 15 dias consecutivos. *Atenção: data móvel no mês de janeiro*

Acervo IBGE



Casa onde funcionou o curso, na esquina da Rua General Hermes com a Praça dos Mártirios

DIA 19

ANOTE

A hora e a vez das Ciências Econômicas

O Decreto nº 34.962, de 19 de janeiro de 1954, no governo de Getúlio Vargas, autorizou o funcionamento do Curso de Ciências Econômicas de Alagoas. A faculdade foi fundada pelo Sindicato dos Empregados do Comércio do Estado de Alagoas, que tinha na presidência Agérico Vieira da Silva, e foi inaugurada no dia 22 de março de 1954. Antes dela, só havia a Faculdade de Direito (1931), a Faculdade de Medicina (1950) e a Faculdade de Filosofia de Maceió (1952).

Foram convocados professores da Escola Técnica de Comércio de Alagoas (ex-Academia de Ciências Comerciais de Alagoas) para planejar o curso, como Benedito Manoel dos Santos Silva Filho, Domingos Gonçalves Lima e José Cavalcanti Manso. Este último foi escolhido por uma junta como o primeiro diretor da faculdade. O reconhecimento do curso se deu com o Decreto nº 42.928, de 30 de dezembro 1957, no governo de Juscelino Kubitschek. A

DIA 20

ANOTE

Francisco Jatobá, tentando ocultar-se, assinava Franco Jatubá

Francisco Remígio de Araújo Jatobá nasceu em Murici no dia 20 de janeiro de 1872. Jornalista e poeta, ficou conhecido com o pseudônimo Franco Jatubá. Foi funcionário da Alfândega de Maceió e escriturário do Tesouro Federal, no Rio de Janeiro. Fundou os jornais O Labor e Correio de Maceió e escreveu no Gutenberg e no Correio de Alagoas. É patrono da cadeira 28 da Academia Alagoana de Letras e autor do livro *O Brasil e o Insulto Argentino* (1907), escrito com o pseudônimo Sargento Albuquerque. Morreu em Maceió no dia 31 de março de 1907. A

Em edição do Pyrausta (1917)

ANOTE

Sebastião de Abreu, o precoce

Sebastião Rodrigues de Abreu foi um escritor precoce. Nascido em Maceió em 20 de janeiro de 1883, aos 13 já escrevia no Almanaque Alagoense. Filho do major Felippe Sant'Iago de Abreu, voluntário da Guerra do Paraguai, e de Epifânia de Pontes Abreu. Autodidata e poeta, teve seus poemas organizados pela irmã, a também poeta Rosália Sandoval, com o título *Angelus: Versos*, publicado em 1951. Vítima de pneumonia, morreu aos 26 anos de idade, no dia 22 de fevereiro.

DIA 21

José Fernandes de Paula, o Peter Pan das Alagoas

Considerado um dos grandes compositores da Música Popular Brasileira, José Fernandes de Paula, o Peter Pan, nasceu em Rio Largo no dia 21 de janeiro de 1911. Aos 11 anos foi morar no Rio de Janeiro, onde se dedicou à carreira de compositor. Ficou nacionalmente conhecido por assinar marchinhas e sambas carnavalescos.

Foram dezenas de composições individuais ou em parceria com Príncipe Pretinho, Oscar Lavado, Ariovaldo Pires, Claudionor Cruz e Russo do pandeiro, J. Portella e J. B de Carvalho.

Sua primeira música gravada foi *Não Te Dou Perdão* (1935), interpretada por Aracy de Almeida.

Foram mais de 150 composições gravadas por inúmeros cantores.

Peter Pan: sucesso na MPB

SAIBA MAIS

A sua *Se Queres Saber* (samba-canção, 1947), gravada originalmente por Emilinha Borba, sua cunhada, fez parte da trilha sonora da minissérie da Globo *Quem Ama Não Mata*, em 1982, na voz de Nana Caymmi. Algumas de suas composições foram assinadas como José Fernandes ou José Borba. Faleceu no Rio de Janeiro em 28 de abril de 1983.

ALGUMAS COMPOSIÇÕES E INTÉRPRETES

- **A orgia não deixa** (com Príncipe Pretinho) — Carlos Galhardo.
- **Até ela** (com Russo do Pandeiro) — Sylvio Caldas.
- **Quem foi que jurou?** (com Claudionor Cruz) — Aracy de Almeida.
- **Cassino** — Moreira da Silva.
- **Nosso amor vai morrer** — Ranchinho.
- **Nosso amor não convém** (com Príncipe Pretinho) — Carlos Galhardo.
- **Última Inspiração** — Luiz Gonzaga.
- **Tudo foi surpresa** (com Valzinho) — Aracy de Almeida.
- **Fiz um samba** — Francisco Alves
- **Firim-fim fonfon** (com Milton de Oliveira)
- **Se você se importasse** — Dóris Monteiro.
- **Ela tem que se humilhar** (com José Batista) — Nelson Gonçalves.
- **Marcha do Apartamento** — Dóris Monteiro.
- **Que saudade é esta** — Nora Ney.

NO CINEMA

A música *Serapião* (parceria com Flora Matos, interpretada por Emilinha Borba) está no filme *Mulheres à Vista (1959),* produzido por Herbert Richers.

OLHA PRO CÉU MEU AMOR

Segundo o site História de Alagoas, há controvérsia quanto à autoria da música (sucesso no período junino) escrita em parceria com Luiz Gonzaga. Para alguns, o parceiro de Gonzagão seria José Fernandes de Carvalho e não José Fernandes de Paula, o Peter Pan.

OUÇA

Saiba mais em https://www.historiadealagoas.com.br/peterpan-o-compositor-alagoano-que-deu-ritmo-aos-antigos-carnavais.html

"Se Queres Saber", um de seus maiores sucessos.

https://www.youtube.com/watch?v=3QJqIbE43ig

DIA 22

Militante alagoana foi morta pela ditadura militar

Gastone, uma memória que não deve ser esquecida

Desde cedo, a filha de Zoraide de Carvalho Beltrão e João Beltrão de Castro, Gastone Lúcia Carvalho Beltrão, se incomodava com injustiças sociais. Ela nasceu em Coruripe, em 12 de janeiro de 1950, e estudou em Maceió, nos colégios Imaculada Conceição e Moreira e Silva.

Começou a cursar Economia na Universidade Federal de Alagoas em 1968, quando integrou a Juventude Estudantil Católica, e, no ano seguinte, passou a militar na Ação Libertadora Nacional. Viveu em Cuba entre agosto de 1969 e o segundo semestre de 1971. Quando voltou ao Brasil, na clandestinidade, morou em São Paulo. Foi assassinada no dia 22 de janeiro de 1972, vítima da repressão de agentes do Estado durante a ditadura militar instalada em 1964.

AS MENTIRAS DA DITADURA

À época, foi divulgado que a jovem havia morrido em decorrência de um tiroteio no bairro do Cambuci. O assassinato foi publicado no Jornal do Brasil, na edição de 25 de janeiro de 1972, sem informar a identidade da vítima, com a manchete: "Pistoleira fere e morre em duelo com policiais".

A versão foi desconstruída pela Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos (CEMDP), estabelecendo que ela foi ferida, presa e torturada até a morte por agentes do Departamento de Ordem Política e Social (Dops), a mando do delegado Sérgio Fleury.

MORTOS PELA DITADURA EM ALAGOAS

Odijas Carvalho de Souza;
José Dalmo Guimarães Lins;
José Gomes Teixeira;
Gastone Lúcia de Carvalho Beltrão;

SAIBA MAIS

Gastone foi enterrada como indigente no Cemitério Dom Bosco, em São Paulo. A família só conseguiu ter acesso aos restos mortais em 1975, quando foram transferidos para o Cemitério Nossa Senhora da Piedade, em Maceió. A Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos Políticos foi instituída em 1995, vinculada à Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República.

Manoel Lisboa de Moura;
Manoel Fiel Filho.

Fonte: Comissão Estadual da Memória e Verdade Jayme Miranda.

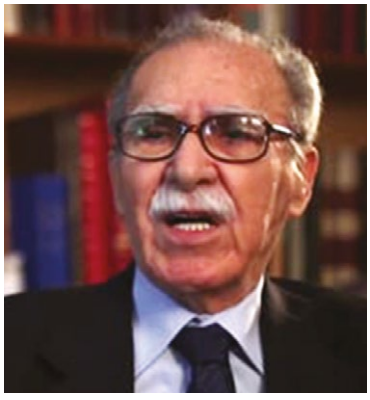
MAIS EM

http://memoriasdaditadura.org.br/

https://www.documentosrevelados.com.br

Local onde Gastone se refugiou para fugir da polícia em São Paulo

Herman Baeta – Expoente da advocacia e dos valores democráticos



Advogado lutou pela democracia

"Crime de tortura é crime imprescritível; sempre foi imprescritível e agora se formou uma consciência no país neste sentido", afirmou o advogado Hermann Baeta na XX Conferência Nacional dos Advogados em Natal (RN), em novembro de 2008. Pouco mais de duas décadas antes, no período da redemocratização do país, ele presidiu o Conselho Federal da OAB (1985-1987),

quando o órgão corporativo fortaleceu sua imagem como entidade representativa da sociedade civil.

SAIBA MAIS

Como presidente nacional da OAB, foi responsável pela transferência do órgão do Rio de Janeiro para Brasília e criou condições para que a Ordem tivesse representações em cidades do interior. Foi homenageado com a Medalha Rui Barbosa, honraria máxima do Conselho Federal da OAB, em 2 de setembro de 1999. Baeta também presidiu o Instituto dos Advogados do Brasil, fundado em 1843, de 1997 a 1998. Em 2007, foi condecorado com a Medalha Teixeira de Freitas.

COERÊNCIA DE IDEIAS

A coerência com que conduziu suas ideias e ações revela a medida do senso de justiça e cidadania desse alagoano nascido em Coruripe em 1º de dezembro de 1932. Quando faleceu, em 22 de janeiro de 2016, recebeu muitas homenagens por sempre ter acreditado que é possível construir um país mais justo e democrático.

Em sua biografia, destacam-se a defesa da realização de uma Assembleia Nacional Constituinte soberana, o apoio incondicional aos direitos humanos, a militância contra a violência no campo e o controle do Poder Judiciário. A

OBRAS PRINCIPAIS

- Por uma Assembleia Nacional Constituinte Popular (1985)
- Estudos Sobre o Controle Externo do Judiciário (1999)
- Os Fantasmas da Cidade (2011)

QUER SABER MAIS?

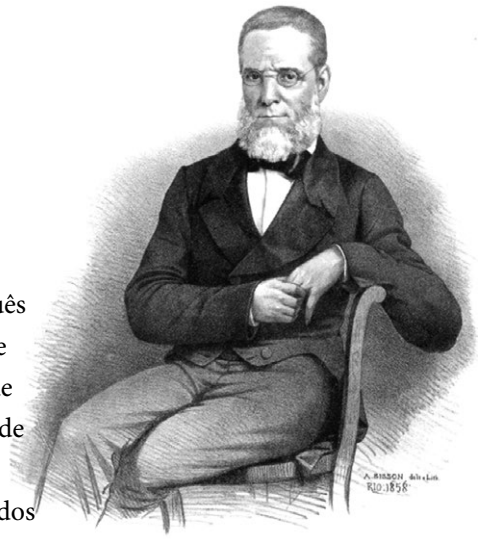
- A ordem dos advogados do Brasil: entre a corporação e a instituição, de Marly Silva da Motta (Revista Ciência Hoje, v.39, dezembro de 2006).
- Escritório de Advocacia Hermann Assis Baeta: www.hermannbaeta.com.br

ASSISTA

- Homenagem póstuma da OAB, disponível no YouTube:
- Hermann Baeta – Igualdade Democracia e Advogados
- https://www.youtube.com/watch?v=Aa3StTaQyfI

DIA 23

Presidente da província formado em Coimbra



Marquês de Sapucaí

Formado em Direito pela Universidade de Coimbra, Cândido José de Araújo Viana (Visconde e, depois, Marquês de Sapucaí) nasceu na Província de Minas Gerais em 15 de setembro de 1793. Foi nomeado presidente da Província de Alagoas em 13 de novembro de 1826, tomou posse em 14 de fevereiro de 1828 e permaneceu no cargo até 26 de julho.

Apesar da curta gestão, foi quando se deu a instalação dos Correios em Alagoas e a primeira eleição dos 13 membros do Conselho Geral da província.

Viana foi um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1/12/1838) e presidiu a instituição por mais de 30 anos. Aposentou-se em 1860 como ministro do Superior Tribunal de Justiça. Faleceu no Rio de Janeiro em 23 de janeiro de 1875. A

DIA 24

Moreira e Silva, referência na medicina e na política

Dr. Manoel Moreira e Silva

Manoel Moreira e Silva nasceu no dia 24 de janeiro de 1876 no povoado de Tatuamunha, em Porto de Pedras. Aos 16 anos, foi morar em Salvador, Bahia, onde estudou Medicina, sendo diplomado em 31 de dezembro de 1902.

Após a conclusão do curso, voltou para Tatuamunha e, pouco tempo depois, transferiu-se para Maceió, onde conseguiu se firmar como médico. Entretanto, seu envolvimento com a política o fez diminuir os atendimentos no consultório.

Vinculado ao Partido Democrático, ocupou cargos públicos nos governos de Clodoaldo da Fonseca e de José Fernandes de Barros Lima.

Faleceu no dia 7 de maio de 1920, aos 44 anos de idade.

SAIBA MAIS

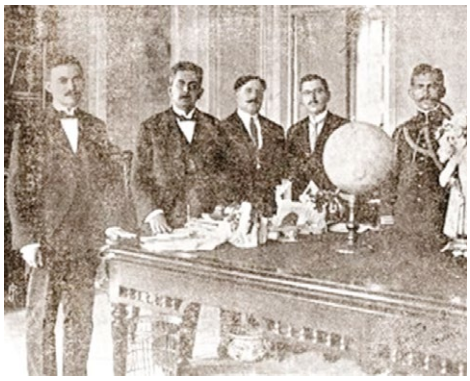
Trabalhos publicados: Fisiografia de Alagoas e Homem Sul-Americano Perante a Linguística. Fez parte do Conselho Municipal da Capital, sendo eleito presidente sucessivamente. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas e presidente da Academia Alagoana de Letras. Como médico, trabalhou na Escola Aprendizes Marinheiros.

HOMENAGEM

Em sua homenagem, a Ladeira de Santa Cruz passou a se chamar Av. Moreira e Silva. Uma rua em Palmeira dos Índios também tem o seu nome.

Deu nome também à Escola Estadual Moreira e Silva.

Moreira e Silva, Heloísa, Domícia e Domício em 6 de setembro de 1919 em Belo Horizonte



Moreira e Silva, o primeiro à esquerda, e o governdor Fernandes Lima ao seu lado. Foto de 7/10/18

DIA 25

Nasce a Ufal

Com um decreto assinado por Juscelino Kubitschek no dia 26 de janeiro de 1961, foi instituída a Universidade Federal de Alagoas. Participaram do ato em Brasília, além de JK, o diretor da Faculdade de Medicina de Alagoas, Aristóteles Calazans Simões, que se tornaria o primeiro reitor; Juscelino Kubitschek, deputado federal Medeiros Neto, embora toda a bancada alagoana tenha apoiado o projeto, e o assessor do Ministério de Educação e Cultura, Edgar Magalhães. Detalhe: o documento estava datado como dia 25.

FORAM INCORPORADAS

- Faculdade de Direito (1933)
- Medicina (1951)

- Filosofia (1952)
- Economia (1954)
- Engenharia (1955)
- Odontologia (1957)

Juscelino Kubitschek assinando o ato que criou a Ufal na presença do Dr. A. C. Simões, Edgar Magalhães e do padre Medeiros Netto (1961)

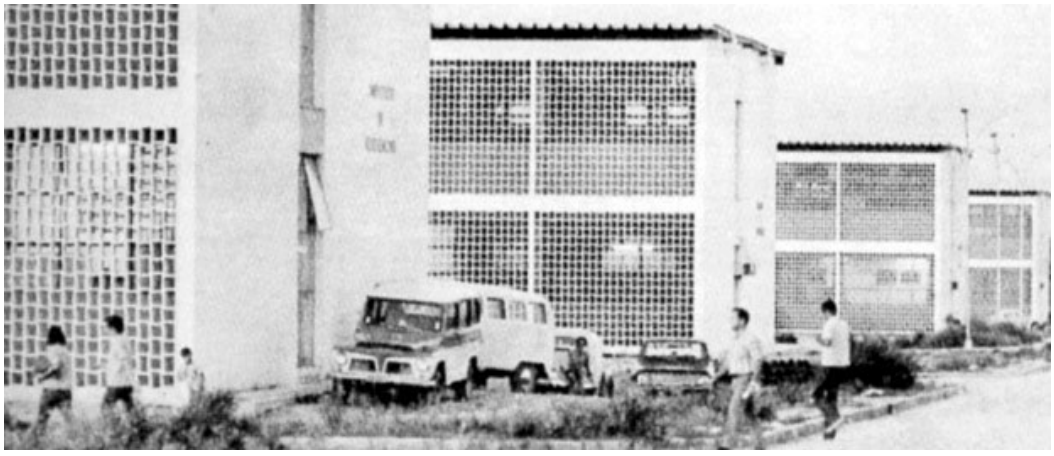
Reitor A. C. Simões autorizou o início das obras do campus no Tabuleiro (1967)

VOCÊ SABIA?

A universidade também conta com um Museu de História Natural, o Museu de Antropologia e Folclore Théo Brandão, o Hospital Universitário, a Pinacoteca Universitária e uma editora universitária, a Edufal.

A Ufal interiorizou suas ações com a criação do Campus de Arapiraca, em 15 de setembro de 2006. Em março de 2010, foi inaugurado o Campus do Sertão, na cidade de Delmiro Gouveia. O Projeto de Ensino a Distância teve início em 2007.

Atualmente, são cerca de 26 mil alunos matriculados nos 84 cursos de graduação.



Campus A.C. Simões (1973)

DIA 26

Alma alagoana: Théo do Folclore, Théo da poesia

Um dos maiores nomes do folclore brasileiro

Viçosense apaixonado pela cultura popular e um dos maiores nomes dos estudos sobre o folclore no Brasil, Théo Brandão nasceu no dia 26 de janeiro de 1907. Assim como o pai, Manoel de Barros Loureiro Brandão, formou-se em Medicina e em Farmácia, mas a beleza do que viu e viveu na infância no Engenho Boa Sorte tornaria sua trajetória única.

Nos anos de estudo em Medicina, em Salvador, para onde foi em 1923, tomou contato com o trabalho de antropólogos. Morou na mesma pensão de Arthur Ramos (que teria grande influência no seu pensamento). Ele se formou no Rio de Janeiro em 1929 e costumava escrever crônicas e poemas para o jornal Gazeta de Viçosa, em que evocava memórias das manifestações populares. "Mandei às favas os parnasianos", disse numa carta em 1928.

INTELECTUAIS E ARTISTAS

Após breve passagem por Recife, quando começou a clinicar, decidiu voltar para Maceió e abriu um consultório de pediatria. Nos anos 1930, conviveu com intelectuais e artistas de máxima grandeza, como Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Aurélio Buarque de Holanda, Valdemar Cavalcanti, entre outros, que, por uma dessas sincronicidades do mundo, viviam em Maceió.

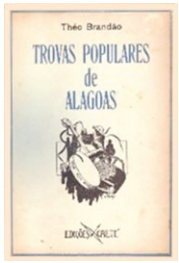
SÍNTESE PERFEITA

Da cultura popular para a medicina popular, e desta para os estudos folclóricos, ele fez uma síntese perfeita. O artigo "Folclore e Educação Infantil", de 1931, é considerado o momento que sinalizou para onde iria a produção do

alagoano. Em 1937, passou a integrar o Instituto Histórico de Alagoas e, a convite de Arthur Ramos, ingressou, em 1938, na Sociedade de Etnologia e Etnografia no Rio de Janeiro.

IMPRENSA E COMISSÃO NACIONAL DO FOLCLORE

Em 1948, foi membro-fundador da Comissão Nacional do Folclore, e nas décadas seguintes colaborou regularmente na imprensa, em periódicos como Gazeta de Alagoas, Jornal de Alagoas e Diário de Notícias, tratando de aspectos inéditos de suas pesquisas, o que também faria na Revista do Folclore Brasileiro.



Edição lançada pela editora Caeté (1951)

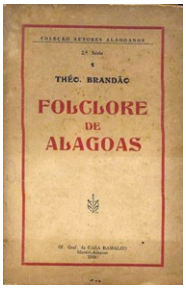
UM MUSEU PARA CHAMAR DE SEU

Museu em sua homenagem com acervo doado pelo próprio Brandão

Nos anos 1970, Théo Brandão doou sua coleção de arte popular à universidade, que inaugurou o Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore, em 20 de agosto de 1975. A

Estudos aprofundados sobre esta expressão do folclore alagoano

Reunião de vários trabalhos do autor que foram publicados em jornais e revistas



SAIBA MAIS

Fez os primeiros estudos em Viçosa e em Maceió, para onde se mudou aos 10 anos; estudou no Colégio São José e depois no Diocesano. As pesquisas de Théo Brandão sobre medicina popular também contaram com os conhecimentos de um primo, Sinfrônio Vilela, que era curandeiro. Foi secretário de Interior, Educação e Saúde, no governo de Osman Loureiro, e diretor do Departamento de Educação (1941-1942). Em 1966, foi secretário estadual de Educação e Cultura. Théo Brandão morreu no dia 29 de setembro de 1981, em Maceió.

ANTROPÓLOGO PREMIADO

Com o *Folclore de Alagoas*, de 1949, recebeu os prêmios Othon Lynch, da Academia Alagoana de Letras, e o Prêmio João Ribeiro, da Academia Brasileira de Letras. Com *O Reisado Alagoano*, conquistou, em 1950, o Prêmio Mário de Andrade (SP). A

Reunião dos folguedos tipicamente alagoanos

PRINCIPAIS OBRAS

- Folclore de Alagoas (1949)
- Trovas Populares de Alagoas (1951)
- O Reisado Alagoano (1953)
- Folguedos Natalinos de Alagoas (1961)
- O Guerreiro (1964)
- O Pastoril (1964)
- Folclore de Alagoas II (1982)

OS 4

O livro *De Rebus Pluribus Juvenal* (11/3 a 22/6/1958), lançado em 1995, reúne crônicas que Théo Brandão, Carlos Moliterno, Mendonça Júnior e Teotônio Vilela publicaram na Gazeta de Alagoas sem revelar a identidade dos autores.

VISITE

O Museu Théo Brandão fica na Avenida da Paz, 1490, Centro, Maceió – Alagoas.

MAIS

Théo Brandão, mestre do folclore brasileiro, de José Maria Tenório Rocha (1988).

Théo Brandão: Vida em Dimensão, organizado por Cármen Lúcia Dantas, Fernando Lobo e Vera Lúcia Calheiros Mata (2008)

O folclorista com a esposa, Elida Brandão

O fim do Período Holandês

Enio Lins

As tropas holandesas, derrotadas na sequência de batalhas nos pernambucanos morros dos Guararapes, assinaram o termo de rendição no dia 26 de janeiro de 1654. É algo marcante também para a história alagoana.

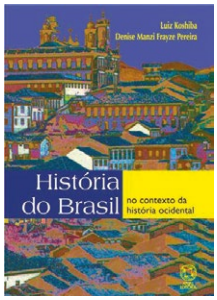
Entre 1580 e 1640, Portugal esteve dominado pela Espanha, e os holandeses, em guerra com os espanhóis, passaram a fustigar as possessões portuguesas como represália a Madrid. O alvo privilegiado foi o Brasil, então área colonial lusitana. Os holandeses invadiram e ocuparam o Nordeste, de 1637 a 1644, e o nobre batavo Maurício de Nassau chegou a dirigir sete das 14 capitanias brasileiras entre 1637 e 1643.

Expulsão dos holandeses aconteceu em Penedo

O processo de vitória militar dos holandeses sobre as tropas luso-espanholas foi creditado a um alagoano, Calabar, cuja opção de lutar ao lado neerlandês, em abril de 1632, passou a ser considerada "traição". A Companhia das Índias Ocidentais passou a controlar a produção açucareira nordestina e, com a chegada de Nassau, ampliou os investimentos e as parcerias com os senhores de engenho estabelecidos na região.

Roteiro da presença dos homens do conde Maurício de Nassau em terras alagoanas

Com o fim da União Ibérica e a recuperação de Portugal para os portugueses, o conflito entre Lisboa e Amsterdã deixou de ter razões de ser, e a paz e os interesses (e empréstimos) da Companhia das Índias Ocidentais foram se rearrumando no Nordeste brasileiro. A partir de 1642, as dívidas



A história do Brasil contada numa esfera dos acontecimentos gerais

Edição lançada pela Penguin Cia das Letras (2010)

dos senhores de engenho para com os investidores holandeses seguiram crescendo e, com a ocorrência de secas e epidemias, a situação foi se deteriorando rapidamente. Há quem diga que, para não pagar os débitos com os banqueiros batavos, a nata do açúcar no Nordeste resolveu entrar em guerra contra os "invasores". Entre 1645 e 1649, as tropas miscigenadas – compostas por destacamentos negros, índios e brancos, comandadas por André Vidal de Negreiros, Felipe Camarão e João Fernandes Vieira – derrotaram os soldados holandeses deixados aqui.

A Holanda, tida e havida como potência militar, não insistiu em ficar no Brasil e dispensou revanche, pacificada talvez pelo pagamento, por Portugal, de 63 toneladas de ouro (em 6 de agosto de 1661) como indenização pela valentia dos combatentes de Guararapes.

Mas, ao sul do Recife, a organização administrativa holandesa que estabeleceu, em seu período, três comarcas (Penedo, Alagoas do Sul e Porto Calvo) deixaria raízes e geraria uma nova província 168 anos depois. A

LEIA MAIS

- A Presença Holandesa – A História da Guerra do Açúcar Vista por Alagoas – Douglas Apratto Tenório e Cármen Lúcia Dantas (2013)
- O Negócio do Brasil – Evaldo Cabral de Mello (1998)
- O Brasil Holandês – Evaldo Cabral de Mello (2010)
- História do Brasil no Contexto da História Ocidental – Luiz Koshiba e Denise Pereira (2003)

Luiz Wanderley: de alfaiate a cantor

DIA 27

Luiz Wanderley, uma trajetória de sucesso

O cantor e compositor alagoano Luiz Wanderley de Almeida nasceu em Colônia Leopoldina no dia 27 de janeiro de 1931. Assim que atingiu a maioridade, resolveu seguir a carreira artística e, nos primeiros anos da década de 1950, foi morar no Rio de Janeiro.

Para sobreviver, trabalhou como alfaiate, sua verdadeira profissão. Até conhecer o maestro Ubirajara dos Santos, que lhe fez o convite para ser o cantor da sua orquestra, que se apresentava no Cabaré Novo México, na Lapa. Foi ele também que o encaminhou a Zé Gonzaga, diretor da Rádio

Tamoio, onde passou a fazer uma série de programas na emissora.

Fez sua estreia em disco em 1952, cantando o samba *O palhaço chegou,* de Rosângela de Almeida e Enso Passos.

Em julho de 1955, passa a atuar nas rádios Mundial e Mayrink Veiga. Nesse período, tem início a sua projeção como cantor e compositor.

Faleceu no município de Rio Tinto, na Paraíba, em 19 de fevereiro de 1993. A

Luiz wanderley de Almeida

OUÇA

Baiano Burro Nasce Morto, baião de Gordurinha, lançado em 1959.

SAIBA MAIS

Participou de dois filmes: *Vai que é mole* e *Só naquela base*, ambos em 1960.
Fez escola com seus sapateados e mungangas no palco.
Algumas gravações suas ficaram imortalizadas, como: *Coco do Gogó da Ema, Terra dos Marechais, Coronel Antônio Bento, Boi na Cajarana*, entre outras.

Cipriano Jucá, reconhecimento público

Rodrigues de Melo e o poeta Cipriano Jucá

Cipriano Jucá da Silva nasceu em Maceió em 27 de janeiro de 1886. Professor, poeta, escritor e farmacêutico, formou-se na Faculdade de Medicina da Bahia. Foi prefeito interino de Maceió e ocupou vários cargos públicos, inclusive de diretor da Saúde Pública.

Após morar alguns anos no Rio de Janeiro, transferiu-se para São Paulo, em 1954, onde foi secretário de governo no município de São Vicente. Participou da criação do Clube dos Estados e foi agraciado com o título de cidadão paulistano.

Dentre as principais obras estão: *Os Quarenta, Asas de Cera, Alma Lírica do Brasil, Hino a Deodoro*. Escreveu, em colaboração com o poeta Menezes Júnior, o livro *Oásis*. Tinha como pseudônimo Ícaro.

Morreu em São Paulo, em 17 de fevereiro de 1966. A

SAIBA MAIS

Foi um dos fundadores da Academia Alagoana de Letras, em 1919.
Colaborou no Diário das Alagoas, no O Gutenberg, no 16 de Setembro, no Jornal de Alagoas, na Gazeta de Alagoas, no O Semeador e nas revistas Exedra e Federação; no Rio de Janeiro, em A Noite, Vanguarda e O Mesquitense; e em São Paulo, no Gazeta de Notícias.

DIA 28

Arte e serviço social na trajetória de Cármen Omena

A assistente social e artista visual Cármen Lúcia Omena gostava tanto de lapinhas e presépios que montou uma coleção com mais de 70 peças. Ela nasceu em 22 de março de 1944, em Maceió, e estudou nos colégios São José, Ginásio Imaculada Conceição e no Colégio Estadual. Formou-se na Escola de Serviço Social Padre Anchieta e fez especialização em Educação Especial.

Mulher de nome forte na cultura popular alagoana

EXPOSIÇÕES E FOLCLORE

Trabalhou no Sesc de 1967 a 1997, onde foi diretora de Orientação Social e implantou as galerias do Sesc e do Senac. Começou a expor seus trabalhos em 1976 e foi curadora de cerca de 20 exposições entre 1990 e 2002.

Também foi presidenta da Comissão Alagoana de Folclore e secretária da Associação de Folguedos Populares de Alagoas (Asfopal). Faleceu no dia 28 de janeiro de 2012.

DIA 29

Manifesto aos cidadãos do Estado de Alagoas

Gutenberg. Maceió, 29 de janeiro de 1891

#MEMÓRIADAIMPRENSA

Nós, abaixo assignados, candidatos à representação ao Congresso Constituinte do Estado, acabamos de ser surprehendidos pela leitura de um artigo assignado pelo nosso conterraneo dr. Miguel Soares Palmeira e dado a estampa no Jornal O Estado de Alagoas, de 27 corrente mez; artigo este, em que o seu autor permittiu-se a liberdade de considerar ex auctoritate própria a chapa organisada na importante reunião de 15 do mesmo mez, no palacio

GUTENBERG

Maceió, Quinta-feira 29 de Janeiro de 1901

MANIFESTO

GUTENBERG

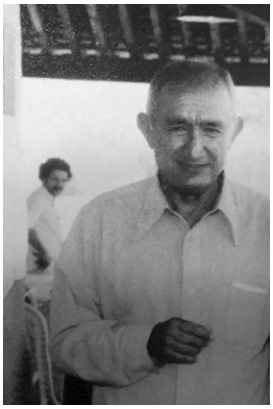
FACADA

do governo, de accordo com as influências locais, então presentes, por si e por delegação de outras como sendo independentemente imposta pelo atual governador, e bem assim de julgar-se deshonrado pela inclusão do seu nome na referida Chapa.

É, portanto, considerado que semelhante procedimento revela bem claramente a quebra da perfeita solidariedade e da harmonia de vistas, que devem de presidir a organização política do estado, e que a política que convém seja unanimemente suffragada pelo povo alagoano não pode nem deve ser outra, a não ser a política da conciliação pelo menos n'esta etapa de reconstrução de nossa pátria.

DIA 30

José Maria de Melo, o médico que amava enigmas



Elogiado por Câmara Cascudo, escreveu um trabalho precioso sobre as adivinhas brasileiras

O médico e político José Maria de Melo nasceu em Capela em 1908. Formou-se em Medicina na Bahia em 1930 e, quando voltou à terra natal, trabalhou no Hospital Nossa Senhora da Conceição. Também ensinou História e colaborou, com o pseudônimo Jorge Mifral, no jornal Folha de Viçosa, escrevendo sobre folclore – mais tarde, seria o primeiro presidente da Sociedade Alagoana de Folclore.

MAGNÍFICA COLEÇÃO

Sobre seu livro *Enigma popular*, de 1950, falou Câmara Cascudo: "Todos os povos possuem o enigma com movimentação, e os viajantes narram o interesse dos africanos, polinésios e ameríndios por essas disputas que davam renome e nome de inteligência pronta. As adivinhas brasileiras, na magnífica coleção de José Maria de Melo, são todas ajustadas aos modelos portugueses e distantes das fórmulas primárias e descritivas da África e da América".

OBRAS

- Enigma Popular (1950)
- Os canoés (1971)

SAIBA MAIS

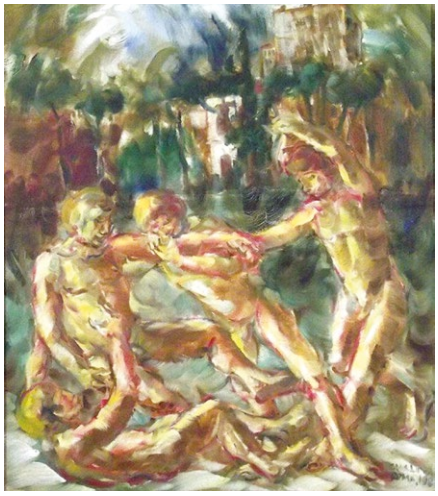
José Maria iniciou-se na vida política como prefeito de Viçosa. Foi deputado federal em 1945 e em 1954. Voltou a ser prefeito em 1956 e elege-se deputado mais uma vez, em 1961. Faleceu em Maceió no dia 30 de janeiro de 1984.
Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, da Academia Alagoana de Letras e da Comissão Nacional de Folclore.

Pierre Chalita, um ícone das artes visuais de Alagoas

Caos e harmonia em seus pincéis

Filho de pais libaneses, o artista visual, professor e colecionador de arte Pierre Chalita nasceu e morreu em Maceió, respectivamente nos dias 30 de janeiro de 1930 e 30 de julho de 2010.

Começou a estudar Arquitetura em 1950, na Faculdade de Arquitetura do Recife, e formou-se em 1955, na Faculdade Nacional de Arquitetura do Rio de Janeiro.



Piazza San Marco

Noivos

SAIBA MAIS

No cinema – Fez a decoração de ambientes dos filmes franceses *Um Jour Comme lês Autres*, de Paul Mordy (1959), e de *Les Mimes Orienteaux et Occidenteaux*, de Jean Doat e Paul Bordry (1960), Paris.

Livros – São de Chalita as ilustrações dos livros *Um Gosto de Mulher* (poesia) e *Vida, Paixão e Morte do Irmão das Almas* (novela), de Carlos Méro, e da edição brasileira do livro *Pequenos Poemas em Prosa*, de Baudelaire.

O RETRATO DA MÃE

No Rio, fez um retrato da sua mãe, *Mulher de Baalbeck*, que impressionou tanto o reitor Pedro Calmon que o jovem arquiteto ganhou uma bolsa de estudos na Espanha. Foi assim que o talento de Chalita no campo das artes visuais foi aprimorado, em 1957, na Academia de Belas Artes San Fernando (Madrid), e, no ano seguinte, na Escola de Belas Artes de Paris (1958).

Daniel Borges

Museu de Arte Pierre Chalita

Arte Sacra bastante presente no museu

Arquitetura – O artista foi responsável pela restauração do Palácio do Barão de Jaraguá, da Assembleia Legislativa de Alagoas e do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas.

Pierre e Solange Chalita

Fundação – Em 1980, foi criada a Fundação Pierre Chalita, que administra um museu com obras da coleção do artista. Um espelho comprado da costureira de sua mãe deu início à fabulosa coleção.

RETORNO AO BRASIL E UNIVERSIDADE

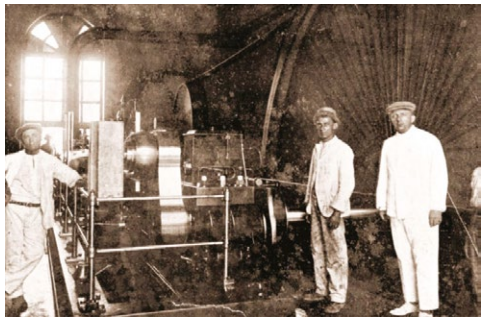
De volta ao Brasil em 1962, prestou concurso para professor da Escola de Arte da Universidade Federal de Pernambuco. Foi nomeado professor da Universidade Federal de Alagoas em 1982. Ao longo da vida, fez inúmeras exposições no Brasil e em países como Itália, Líbano, Argentina, Áustria, entre outros.

VISITE!

- Museu de Arte Pierre Chalita
- Praça Floriano Peixoto, 44, Centro, Maceió

DIA 31

A fábrica que mudou a história de Fernão Velho



José Teixeira de Machado, um dos proprietários da fábrica, ao lado do motor da União Mercantil (1922)

A criação da primeira fábrica têxtil de Alagoas foi uma iniciativa do empresário José Antônio de Mendonça, o Barão de Jaraguá, que reuniu, no dia 31 de janeiro de 1857, investidores para instalar o empreendimento em Fernão Velho.

Com a viabilidade aprovada, a Companhia União Mercantil foi fundada em 7 de março de 1857, com os sócios José Antônio de Mendonça e Tibúrcio Alves de Carvalho, sendo inaugurada em 1º de setembro de 1863.

SAIBA MAIS

Em 1891, foi adquirida por José Teixeira de Machado e saltou de 80 para 1.000 teares em 1911. Fernão Velho, então, se beneficiou com a construção do Cine-Teatro São José, em 1917, e da Igreja de São José.

ASCENSÃO E CRISE

A União Mercantil tornou-se propriedade da família Leão em 1938, quando o prédio do estabelecimento foi reformado, e a vila operária ganhou uma creche.

Em 1943, passou para o grupo Othon Bezerra de Mello e mudou o nome para Fábrica Carmen de Fiação e Tecelagem S/A. Em 1948, ocorreu o calçamento do povoado e a construção do Recreio Operário. Nos anos 1970, a fábrica chegou a ter cinco mil funcionários.

Na década de 1980, a fábrica começou a entrar em crise, e as atividades foram paralisadas em 1996. Antigos diretores assumiram o funcionamento em 1997, agora com 450 trabalhadores. O fechamento da fábrica ocorreu em 2010.

MAIS

"Fernão Velho dos Pescadores e da fábrica de tecidos"

www.historiadealagoas.com.br

As muitas realizações do governo de Gabino Besouro

Nascido em 22 de junho de 1851 em Penedo, Gabino Besouro ficou órfão muito cedo, e com apenas 14 anos já era voluntário na Guerra do Paraguai. Em 1871, entrou na Escola Militar, dando início a uma carreira em que conseguiu formar-se em Engenharia e obter a patente de marechal. Ocupou cargos como a chefia de gabinete da Engenharia do Exército e foi comandante da Escola de Estado-Maior.

Na política, era deputado por Alagoas no Congresso Nacional Constituinte, quando, em 24 de março de 1892, foi eleito governador de Alagoas. Na sua gestão, que durou até 16 de julho de 1894, começou a vigorar a lei orçamentária e foram instaladas as secretarias do Estado, o Tribunal Superior de Justiça e a Junta Comercial.

Foi deposto por um levante armado em Alagoas

Palácio Velho onde funcionou o governo de Alagoas entre 1855 e 1902

SAIBA MAIS

Na administração de Besouro, o Palácio do Governo começou a ser construído, o Liceu Alagoano ganhou um novo prédio, e Besouro inaugurou um trecho da estrada de ferro que ligava Alagoas a Pernambuco. Ele também fundou o Engenho Central Brasileiro em Atalaia, em Santa Luzia e em São Miguel, que transformaria os antigos engenhos em usinas. Faleceu no Rio de Janeiro no dia 31 de janeiro de 1930.

ANOTE

Casa do Pobre: de abrigo a lar para idosos

Portal Justiça Federal de Alagoas

A casa ainda funciona por meio de donativos

Criada pela Arquidiocese de Maceió, a Colônia de Mendigos foi inaugurada no dia 31 de janeiro de 1932. Situada na Rua Santo Antônio, nº 1.083, no Vergel do Lago, tinha o objetivo de acolher famílias que viviam às margens da lagoa, oriundas do sertão alagoano, vítimas de uma grande estiagem na década de 1930.

Em 1933, a Colônia de Mendigos teve a sua denominação alterada para Casa do Pobre e passou a ser uma instituição beneficente.

A instituição sofreu alteração nos seus objetivos a partir da década de 1960, quando passou a ser um lar de longa permanência para idosos.

A Casa do Pobre sobrevive de doações. A

Uma das salas de atendimento do local

Na época já atendia a um número considerável de pessoas

Fachada registrada em 1938

Fon-Fon, o maestro!

Otaviano de Assis Romeiro

Otaviano de Assis Romeiro, o maestro Fon-Fon, nasceu em Santa Luzia do Norte, no dia 31 de janeiro de 1905, e faleceu em Atenas, Grécia, em 10 de agosto de 1951. Tocava pífano quando criança.

Partiu para São Paulo ainda jovem, em busca de emprego. Contudo, sem ter carteira de reservista, não consegue trabalho e ingressa no Batalhão de Polícia com o objetivo de seguir a carreira de músico na banda da corporação. Não deu certo, pois não sabia ler partitura.

Em 1927, vai morar no Rio de Janeiro, ingressando no 2º Regimento de Infantaria, onde aprendeu a tocar saxofone. Três anos depois, pede afastamento do Exército e, em 1935, cria sua própria orquestra.

Em 1947, Fon-Fon e sua orquestra são contratados pelo Club de Champs-Élysées, em Paris, e assim se inicia sua jornada de sucesso pela Europa, com apresentações em vários países, entre eles a Grécia.

Foi no final dessa excursão, quando a orquestra se encontrava na Grécia, que o maestro Fon-Fon faleceu, de ataque cardíaco. A

Inovou na sonoridade das orquestras

SAIBA MAIS

Fon-Fon foi o primeiro maestro a utilizar naipes de saxofones, trombones e trompetes, dando à sua orquestra uma sonoridade especial. Presidiu o Conselho Fiscal da Associação Civil dos Diretores de Orquestra (ACDO).

Radjalma Cavalcante – Resistência à ditadura militar e valorização do ensino público

Professor aposentado da Universidade Federal de Alagoas, Radjalma Cavalcante faleceu aos 79 anos, em 31 de janeiro de 2022, em Maceió.

Durante 44 anos, o professor, que é considerado um símbolo da resistência à ditadura, fez parte do quadro da Ufal. Economista, lecionou as disciplinas Formação do Mundo Moderno e Contemporâneo e Formação da Sociedade Brasileira. Foi também ex-pró-reitor de Planejamento e presidente da Adufal (1985).

Radjalma Cavalcante nasceu em 20 de agosto de 1942. Casado com a também professora Tânia Vasconcelos Cavalcante, era pai de Rodrigo Cavalcante (jornalista) e do professor Felipe Cavalcante.

Radjalma participou ativamente do movimento estudantil

RECONHECIMENTO

"Um professor que marcou época na Ufal. Radjalma não era apenas o que abriu caminhos libertários na área das Ciências Humanas, era também o cara que tinha sempre uma forma muito delicada de lidar com as pessoas. Essa humanidade fará muita falta".

Cármen Lúcia Dantas, museóloga

"Nos idos de 1975, foi a primeira voz dentre os docentes da Ufal que ouvi se pronunciar em sala de aula de forma crítica à ditadura militar (então vigente e ainda feroz)"

Enio Lins, jornalista

"Na minha graduação, iniciada em 1986, o professor Radjalma apresentava o mesmo espírito libertário e ativo daquele garoto de 1967. Em meio às disputas teóricas e políticas mais acirradas e muitas vezes exageradas na esquerda, que resvalavam para

o campo pessoal, ele sempre teve uma atitude de moderação e generosidade, acreditando ser mais importante o respeito à alteridade do que a vitória apressada e aparente no debate".

Golbery Lessa

Radjalma Cavalcante e o grito por "Liberdade, Liberdade" em 1967

Por Edberto Ticianeli

O material que apresentaremos a seguir foi adaptado de um depoimento do professor Radjalma Cavalcante concedido à estudante Fabiana de Paula, então do 4º período do Curso de Teatro (Licenciatura) da Ufal, em 16 de setembro de 2013.

"Assumimos a presidência do DCE com a preocupação de levar a juventude a participar dos debates culturais, quer seja por intermédio do teatro, quer seja do cinema, mas que debatesse os assuntos do seu país, da sua região.

Radi, como era chamado: um professor que marcou época na Ufal

Vivíamos esse momento histórico no início de 1967, quando, um belo dia, abro o jornal e vejo que *Liberdade, Liberdade* seria apresentada em Maceió. Procurei obter informações sobre a peça e descobri que era uma colagem de textos sobre a importância da liberdade para o ser humano e para a sociedade. Era uma valorização da liberdade. Essa montagem que viria a Alagoas era liderada por Paulo Autran, Tereza Raquel e Luíza Maranhão, que eram grandes artistas naquela época.

Considerei então que essa peça seria muito importante para a juventude e fiquei todo satisfeito, pensando em fazer um debate com os estudantes sobre a importância do tema e da peça. Foi

então que, para surpresa nossa, no outro dia a manchete no jornal anunciava que a peça não seria mais apresentada em Maceió.

Fui ao Teatro Deodoro saber do seu diretor o que tinha acontecido. Bráulio Leite Júnior, que era um grande amigo de muito tempo, me pediu reservas e explicou que tinha sido obrigado a dizer, por ordem do delegado de Ordem Política e Social, que o Teatro Deodoro não tinha pauta para tal peça.

Fiquei revoltado com isso, mas dois ou três dias depois, leio nos jornais que a peça estava sendo apresentada em Recife. Não tive dúvidas: peguei o ônibus e me mandei para Recife, e à noite assisti no Teatro Santa Isabel à peça *Liberdade, Liberdade.*

Veja a matéria completa no site

https://contextoalagoas.com.br/?p=2122&fbclid=IwAR1Wc6nxHEUDwkr9C_U556yLdal8xP2KoUVSV1VY04XKXXrka1BF_rm9rrY

**Com informações da Ufal e do site História de Alagoas*

Fevereiro

Fevereiro

F

DIA 1º

Quebra de Xangô nunca mais!

Profanação. Discriminação. Violação. Essas três expressões de violência manifestaram-se no trágico acontecimento conhecido como Quebra de Xangô, ocorrido no dia 1º de fevereiro de 1912 em Maceió. Não deve ser esquecido jamais. A política, o racismo e certa dose de paranoia estavam na base da ação de intolerância religiosa conduzida por membros da Liga dos Republicanos Combatentes que inflamaram parte da população para o crime.

Raul Plácido/Agência Alagoas

Xangô rezado alto é resposta ao Quebra

A NOITE DO TERROR

Naquela noite, a milícia civil, fundada em dezembro do ano anterior, destruiu casas de candomblé, objetos de culto e agrediu física e psiquicamente adeptos de religiões de matriz africana. A Liga era apoiada pelos candidatos ao governo do Estado general Clodoaldo da Fonseca e Fernandes Lima, numa evidente campanha contra o governo de Euclides Malta, que exercia o terceiro mandato à frente do Executivo alagoano.

A RUA DO SOPAPO

A agitação racista teve início na Rua do Sopapo, no bairro da Levada, na casa do militar reformado Manoel da Paz, sede da Liga e do bloco carnavalesco Morcegos. A partir do terreiro de Chico Foguinho, foram quebrando objetos e queimando as peças em fogueiras.

Tia Marcelina em pintura/ retrato de José Zumba

Objetos recolhidos durante a tragédia formam acervo da Coleção Perseverança

JORNAL DE ALAGOAS

Março, Domingo. 4 de Fevereiro de 1912

BRUXARIA

Matéria do Jornal de Alagoas (1912) aborda jogo político e acusações

General Clodoaldo da Fonseca, apoiador da Liga

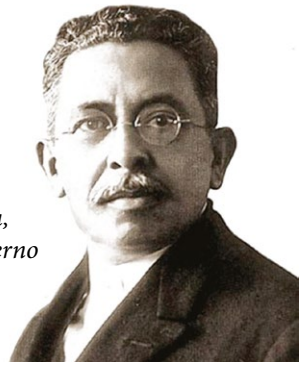
TEMPLOS ATINGIDOS

Outros templos atingidos foram os de Mestre Félix, João Catirina, Manuel Guleijú, Maria da Cruz, Mãe Quitéria, Manuel Coutinho, Manuel da Loló, Pai Adolfo, Manuel Inglês, João Funfun, Pai Aurélio e Tia Marcelina. A violência também se estendeu para localidades como Pratagy, Santa Luzia do Norte e Marechal Deodoro.

A RENÚNCIA DE MALTA

Malta renunciou ao governo em 13 de março de 1912, e o novo governador, Clodoaldo da Fonseca, assumiu o posto em 12 de julho de 1912, tendo Fernandes Lima como vice-governador. Após o Quebra (também conhecido como Quebra-quebra ou Quebra de 1912), muitos pais e mães de santo foram embora de Alagoas ou fizeram adaptações na forma de cultuar os orixás. A

Euclides Malta renuncia ao governo após campanha difamatória



Fernandes Lima, opositor do governo de Malta

QUER SABER MAIS?

- Assista ao documentário 1912 – O Quebra do Xangô, de Siloé Amorim
- https://www.youtube.com/watch?v=n3Obri5EnxA

Fotos: acervo IBGE

Belo Monte batizado pelo imperador

Vista panorâmica da cidade

Em 1822, próximo à região de Belo Monte, um homem começou a criar gado na localidade então conhecida como Lagoa Funda. A propriedade deu origem ao povoado que se tornou uma freguesia, vila e distrito de Traipu, Pão de Açúcar e Batalha, até ser formalmente um município, em 24 de abril de 1958, sendo instalado em 1º de fevereiro de 1959. Alguns alegam que foi D. Pedro II quem batizou a cidade.

FRONTEIRA COM SERGIPE

Belo Monte faz fronteira com o estado de Sergipe e com os municípios alagoanos de Pão de Açúcar, Jacaré dos Homens, Batalha e Traipu. Com uma população estimada em 6.797 pessoas, de 29 de dezembro a 1º de janeiro, a cidade fica em festa para celebrar Bom Jesus dos Navegantes. O dia 2 de fevereiro é dedicado à padroeira, Nossa Senhora do Bom Conselho. A

Paróquia Nossa Senhora do Bom Conselho

ANOTE

A cidade que surgiu à sombra de um cajueiro

Dizem que, quando migrantes iam a caminho de Maceió ou de Pilar, costumavam repousar à sombra de um grande cajueiro. O antigo povoado, que começou a se formar no meio do século 19, acabou tornando-se município em 22 de maio de 1958, quando conseguiu sua autonomia de Capela, e foi instalado em 1º de fevereiro de 1959. Atualmente, tem população estimada em 21.526 pessoas. A

Avenida Industrial Cícero Toledo

ANOTE

Uma cacimba, duas cacimbinhas, três...

Acervo IBGE

Igreja Matriz Nossa Senhora da Penha

Os primeiros moradores chegaram aonde hoje é Cacimbinhas por volta de 1830. Havia uma cacimba próximo ao Sítio Choan, mas essa não dava conta de atender às necessidades de todos e outras foram cavadas – daí o curioso nome da localidade, que atualmente conta com uma população de 10.897 pessoas. A Emancipação Política da localidade ocorreu no dia 19 de setembro de 1958, e o município foi instalado em 1º de fevereiro de 1959. A festa da padroeira, Nossa Senhora da Penha, acontece no dia 7 de setembro, com desfile cívico e religioso. A

DIA 2

Prêmios e uma galeria para Miguel Torres

O artista visual Miguel Torres nasceu no dia 2 de fevereiro de 1904, em Viçosa. Estudou no Liceu Alagoano e aprimorou seu talento com Lourenço Peixoto, em Maceió. Com 32 anos foi morar no Rio de Janeiro, onde fez exposições na Escola Nacional de Belas Artes, no Salão Nobre do Hotel Palace e na Galeria de Artes Clássicas. Em Recife, suas obras foram exibidas no Museu do Estado de Pernambuco e foi distinguido com o Diploma Medalha de Ouro. Também fez mostras concorridas em Maceió, no Teatro Deodoro, no Clube Fênix Alagoana, entre outros espaços. A

Autorretrato exposto na Pinacoteca da Biblioteca Pública de Alagoas

SAIBA MAIS

1936 – Mora no Rio de Janeiro e estuda com Manoel Valente e Jordão Oliveira.
1947 – Recebeu Menção Honrosa no Salão Nacional de Belas Artes (RJ).
1952 – De volta a Alagoas, monta ateliê em Rio Largo.
1962 – Passa a morar em Maceió.
1977 – Faleceu em Maceió, no dia 4 de setembro.
1980 – A Galeria Miguel Torres é inaugurada nas dependências do Teatro Deodoro.

ANOTE

Anadia de Nossa Senhora da Piedade

Igreja Matriz

No século 17, uma imagem da Virgem da Piedade foi encontrada perto do povoado conhecido como Campo dos Arrozais de Inhaúns e, segundo a crença popular, isso fez com que o padroeiro do arraial, São João Nepomuceno, fosse substituído por Nossa Senhora da Piedade. Em 1801, quando foi elevada à condição de vila, passou a ser denominada Vila Nova de São João de Anadia. A freguesia de Nossa Senhora da Piedade foi instalada em 2 de fevereiro 1802. As comemorações da festa da padroeira de Anadia começam no dia 24 de janeiro e se estendem até o dia 2 de fevereiro. A

Praça Campelo de Almeida

Fotos: acervo IBGE

SAIBA MAIS

O nome Vila Nova de São João de Anadia foi dado em alusão ao padroeiro do arraial, São João Nepomuceno, e em homenagem ao Visconde de Anadia, ministro português que autorizou a criação da vila.

ANOTE

Olivença já foi Capim

Rua Belarmino Vieira: ao fundo a Igreja Nossa Senhora do Carmo

Conhecido em seus primórdios como Capim, o distrito foi subordinado a Santana do Ipanema até 24 de abril de 1958, quando passou a ser um município denominado Olivença, com instalação no dia 2 de fevereiro de 1959. Todos os anos, no dia 16 de julho, a imagem da padroeira Nossa Senhora do Carmo é acompanhada por um cortejo na cidade. Tem uma população estimada em 11.772 pessoas. A

Professor José Prudente de Barros – Educando personalidades

Falece, em 2 de fevereiro de 1868, em Alagoas (atual Marechal Deodoro), o célebre professor José Prudente de Barros. Autodidata e pedagogista, ensinava desde as primeiras letras até o latim. Foi adepto do uso da palmatória, segundo descreveu o jornalista Helio da Silva, no A Manhã, RJ (1952), "para avivar a memória, aclarar a inteligência e facilitar a compreensão", como era usual naquela época. Foi responsável pela educação de muitos alagoanos que, mais tarde, haveriam de se sobressair em várias áreas do conhecimento, dentro e fora da província, entre eles o botânico Ladislau Netto. A

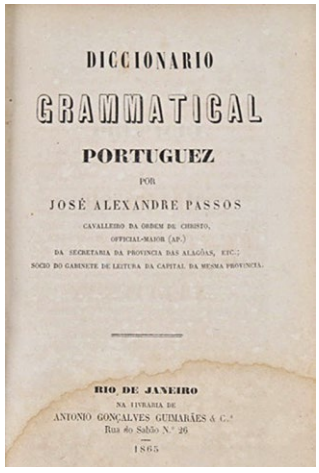
DIA 3

O Pai da Filologia de Alagoas

Considerado o Pai da Filologia de Alagoas, o patrono da cadeira nº 5 da Academia Alagoana de Letras, José Alexandre Passos, nasceu em Marechal Deodoro no dia 16 de setembro de 1808 e foi autor do pioneiro *Dicionário Gramatical Português* (1865), entre outras obras. Advogado e professor do Liceu Alagoano, também exerceu o cargo de secretário de governo. A

SAIBA MAIS

1848 – Publicou Compêndio da Gramática Portuguesa.
1852 – Foi nomeado deputado provincial até 1853.
1869 – Lançou Táboas Gramaticais das Desinências Latinas ou Compêndio Auxiliar para Estudo do Latim.
1869 – Foi um dos fundadores do Instituto Arqueológico de Alagoas.
1878 – Faleceu no dia 3 de fevereiro.


DICCIONARIO
GRAMMATICAL
PORTUGUEZ
POR
JOSÉ ALEXANDRE PASSOS
CAVALLEIRO DA ORDEM DO CHRISTO,
OFFICIAL-MAIOR (AP.)
DA SECRETARIA DA PROVINCIA DAS ALAGÔAS, ETC.;
SOCIO DO GABINETE DE LEITURA DA CAPITAL DA MESMA PROVINCIA.
RIO DE JANEIRO
NA LIVRARIA DE
ANTONIO GONÇALVES GUIMARÃES & C.ª
Rua do Sabão N.º 26
1865

Gramática está entre as obras mais importantes de Passos

Fotos: acervo IBGE

A antiga escola de aprendizes artífices

ANOTE

Liceu de Artes e Ofícios: educação profissional

Criado com o objetivo de atender às demandas por mão de obra, oferecendo à população mais pobre o ensino de primeiras letras e de ofícios, é inaugurado, no dia 3 de fevereiro de 1884, o Liceu de Artes e Ofícios de Alagoas.

O projeto de construção foi encabeçado por alguns intelectuais alagoanos, entre eles Henrique de Magalhães Salles, Diégues Júnior e João Francisco Dias Cabral, este último o primeiro diretor da escola.

Foi fundado por meio de donativos, tendo como mantenedora a Sociedade Protetora da Instrução Popular.

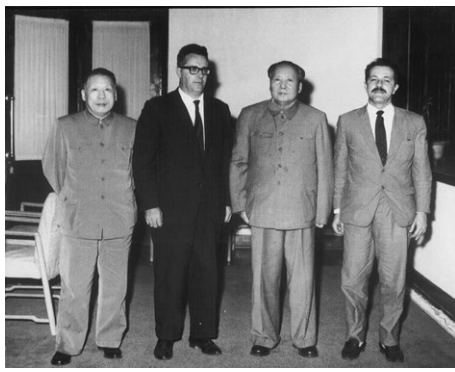
Na sua fachada estava escrito: "Aqui o pobre ao rico não se humilha. São iguais nesta casa os cidadãos: Aqui só vale a glória do trabalho. Nas aulas do Liceu só há irmãos". (Bittencourt da Silva)

A escola foi extinta nos anos finais da década de 1910.

DIA 4

Ditadura militar – o sequestro de Jayme Miranda

Ao sair de casa no dia 4 de fevereiro de 1975, no Rio de Janeiro, o jornalista Jayme Miranda foi sequestrado por um dos grupos policiais clandestinos do regime militar brasileiro, assassinado e seu corpo nunca foi devolvido.



Jayme com Mao Tsé-Tung em Pequim, China

Jayme e Elza no casamento

Jayme Amorim de Miranda nasceu em Maceió em 18 de julho de 1926, era advogado e jornalista, foi diretor do jornal A Voz do Povo. Muito respeitado como militante e como intelectual, Jayme Miranda tornou-se destacado membro da direção central do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e representou a sigla em vários eventos internacionais.

JORNAL DE ALAGOAS

TOKIO, 3 (Meridional-Western) -- O ministro da Guerra communicou á commissão parlamentar da Defesa Nacional que morreram vinte mil soldados nipponicos no ultimo combate travado em territorio chinez

Inaugurar-se-á, hoje, o "Grande Rink de Patinação"

DESEQUIPARADA A FACULDADE DE DIREITO DE ALAGOAS

Falam-nos, a respeito, dois bacharelandos daquella Escola um movimento pró-regulamentação da nossa casa de Direito.

O Conselho Nacional de Ensino requisitou o archivo da Faculdade de Alagoas

Justiça do Trabalho

"Festa Alagoana"

GUARAINA

ALUGAM-SE

Jornal de Alagoas

Maceió, 4 de fevereiro de 1918

#MEMÓRIADAIMPRENSA

*Tokyo, 3 (Meridional - Western) - o ministro da Guerra comunicou a comissão parlamentar da Defesa Nacional que morreram 20 mil soldados nipponicos no último combate travado em território chinês.

* Inaugura-se-á, hoje, o "Grande Rink de Patinação"

* Desequiparada a Faculdade de Direito de Alagoas.

Falam-nos, a respeito, dois bacharelandos daquella Escola um movimento pró regulamentação da nossa casa de Direito.

*O Conselho Nacional do Ensino requisitou o archivo da Faculdade de Alagoas

* "Festa Alagoana"

Significativa homenagem á sociedade maceioense, sob patrocínio do Jornal de Alagoas.

DIA 5

Criados

Gutenberg. Maceió, fevereiro de 1892

#MEMÓRIADAIMPRENSA

GUTENBERG

ANNO XI — Maceió, Sexta-feira 5 de Fevereiro de 1892 — NUM. 25

GUTENBERG

Criados

PARTE OFFICIAL

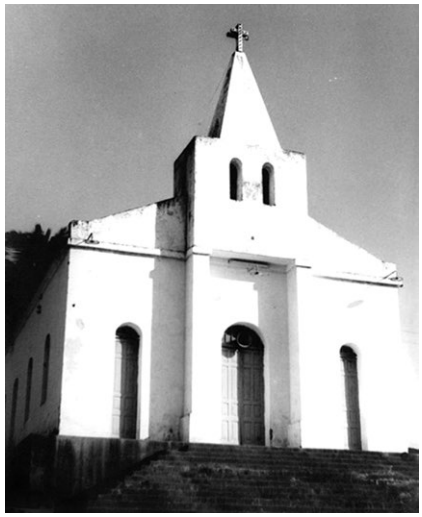
Governo do Estado

Actos officiaes

Continua a reclamar mais acurada atenção dos poderes públicos, a exigir urgente providência do serviço doméstico dos criados que, desorganizado e de todo irregular, coloca as famílias em dificuldades que a todos nós incomoda e contraria sobremodo.

Sugeitas a contingencia nada desejável do capricho da criadagem as famílias sofrem sem remédio, as tristes consequências da desorganização deste ramo de serviço dos mais importantes entre nós. A

Acervo IBGE



Igreja de São Caetano

ANOTE

Entre Jacuípe e Jacutinga, venceu Jacuípe

Em 1943, o distrito de Jacuípe passou a ser denominado de Jacutinga. Voltou a ser Jacuípe quando se tornou município, em 15 de julho de 1958, desmembrado de Porto Calvo, sendo instalado em 4 de fevereiro de 1959. O município é vizinho de Jundiá, Porto Calvo, Maragogi e Barreiros (PE). A Festa de Reis, no dia 6 de janeiro, é uma das atrações da cidade, que tem população estimada em 7.135 pessoas. A

DIA 6

ANOTE

Comarca de Maragogi é instalada

Em 6 de fevereiro de 1890, é instalada a Comarca de Maragogi. Em 1897, por meio de lei, a comarca foi extinta e incorporada a Porto de Pedras, sendo restaurada, também por meio de lei, em 18 de junho de 1900. A

DIA 7

A Pyrausta: uma revista independente

A revista A Pyrausta, dirigida por Moreno Brandão, foi fundada no dia 7 de fevereiro de 1917. Durante os três meses que foi publicada, teve colaboradores como Aurino Maciel, Paulino de Andrade, Rosália Sandoval, Jayme de Altavila, Osman Loureiro, Otávio Brandão, entre outros. A sede ficava na Rua Aristeu de Andrade, nº 24, no bairro do Farol. Além de tratar de assuntos sobre história, saúde e literatura, também continha anúncios.

A PYRAUSTA

Redactor proprietario—MORENO BRANDÃO

SUMMARIO

Dirigida por Moreno Brandão, a revista contou com a colaboração de grandes nomes

A partir de 1917, as capas eram impressas com imagens

SEM PALAVRAS DE LOUVOR

No número 2, de 14 de fevereiro, a revista alertava aos possíveis colaboradores ou anunciantes um princípio fundamental do jornalismo: "Franqueando aos chefes do Poder Executivo dos municípios as nossas colunas, apenas criamos uma restrição quanto a elogios aos mesmos, limitando-nos a estampar-lhes os retratos desacompanhados de palavras de louvor". A

ANOTE

A Palestra: republicano e combativo

O jornal A Palestra surge em 7 de fevereiro de 1902 e foi editado até o final do ano por José Fernandes Costa, com colaboração de José Saturnino. Tinha uma linha editorial irregular, pois, conforme o pesquisador Osvaldo Maciel, "enquanto em determinados momentos será nitidamente laico, republicano, com colaboração de espíritas, em outros será radical, pedindo a 'revolta imediata' e reclamando 'do fato de o operariado estar disperso'". A

DIA 8

Taurino Batista, o poeta industrial

Poeta, advogado e industrial, Taurino Batista de Andrade nasceu em 11 de agosto de 1876, no município do Pilar, filho do coronel Wenceslau José Batista Cavalcante (chefe do Partido Conservador no Pilar) e de Josepha Lopes Batista.

Educou-se em Londres e retornou a Alagoas para dedicar-se ao jornalismo e à política. Foi delegado de polícia em Maceió.

Por volta de 1912, foi para Recife, onde se tornou redator do Jornal do Recife. Foi diretor-tesoureiro da Companhia Agrofabril Mercantil de Delmiro Gouveia – Fábrica da Pedra.

SOB O PSEUDÔNIMO DE ARNALDO PEDROSO

Colaborou no Gutenberg, quase sempre com o

pseudônimo de Arnaldo Pedroso, usado tanto no soneto "Teu Antro", publicado naquele jornal, quanto na crônica Aristeu de Andrade, publicada em O Atleta, após a morte desse poeta. Colaborou ainda na revista Renascença.

Faleceu em Recife, no dia 8 de fevereiro de 1927.

Deixou um livro inédito: Vinho Exótico.

ANOTE

O Comendador Calaça e a Igreja do Bonfim

Manoel José Gomes
Fonte: Acervo de Madalena Haber Calaça Pontes

Nascido em Penedo em novembro de 1811, Manoel José Gomes, o Comendador Calaça, entrou para a história no sertão de Água Branca, onde dedicou-se ao comércio e à criação de gado. Foi lá que o imperador Pedro II o encontrou, em 1859, quando da sua viagem à Cachoeira de Paulo Afonso.

Profundo conhecedor daquela região, Calaça lhe serviu de guia e o abrigou na Fazenda do Talhado. Como parte da recompensa, foi agraciado, em 14 de março de 1860 (data de aniversário da Imperatriz Tereza Cristina), com o título honorífico de Oficial da Ordem da Rosa.

Viveu em Água Branca até 1877, quando vendeu tudo o que tinha e se mudou para a capital, instalando-se no bairro do Poço, em uma chácara onde hoje funciona o Instituto Federal de Educação de Alagoas (Ifal).

LEGADO

Para atender a uma antiga necessidade de sua nova comunidade, arcou com a construção da capela do Senhor do Bonfim, entregue em 26 de janeiro de 1884. Faleceu no dia 8 de fevereiro de 1898. Seu corpo foi sepultado na mesma capelinha de que foi construtor e benfeitor.

DIA 9

Antônio Deodato, o escultor e santeiro de Alagoas

Mestre Deodato tinha o talento nas mãos

Nascido em uma família pobre no dia 9 de fevereiro de 1926, no bairro da Levada, em Maceió, Antônio Deodato Sobrinho, o Deodato Santeiro, começou a esculpir com argila ainda criança, e, aos 13 anos de idade, para ajudar no seu sustento, passou a vender algumas das suas peças na Feira do Passarinho, próximo ao Mercado Público da capital.

Ao atingir a maioridade, enveredou pela carreira militar, mas, em 1947, deixou o Exército para arriscar a carreira de artista em São Paulo, levando consigo uma mala de madeira com seu futuro dentro. Para sobreviver, trabalhou numa fábrica de vassouras, como condutor de bondes e ainda teve uma "carreira meteórica" como lutador de boxe.

Mas mesmo diante de todas as dificuldades encontradas, não desistiu de seu sonho e passou a expor e a vender seus trabalhos na Praça da República.

Escultura do Marechal Deodoro a caminho do Francês

EXPOSIÇÃO INDIVIDUAL E PREMIAÇÕES

Realizou sua primeira exposição individual na Galeria Atrium, em São Paulo, em 1968, dando início, em seguida, à sua fase de santeiro, esculpindo em madeira.

Em São Paulo, ganhou vários prêmios, a exemplo do Salão de Artes de Embu. Recebeu de Alagoas o mérito Zumbi dos Palmares.

Uma das suas obras mais conhecidas e visíveis no Estado é a escultura do Marechal Deodoro, no trevo da rodovia AL-101 Sul.

Faleceu em 27 de dezembro de 2012, em São Paulo.

Alagoas na vanguarda da imprensa feminista

Se ainda hoje há quem questione a legitimidade da reivindicação das mulheres por igualdade e combate ao machismo, imagine como era no início do século 20. No dia 9 de fevereiro de 1902, Maceió viu surgir o jornal O Feminista, autoproclamando-se dedicado à emancipação da mulher do século 20.

OS TEXTOS DE MARIE ANNETTE

A maior parte dos textos levava a assinatura de Marie Annette. A mensagem do artigo "A emancipação da mulher", de Alice Bastos, a propósito, poderia até ter sido escrita hoje, condenando a "tirania execrável das leis e das religiões, dos preconceitos rotineiros e da moral hipócrita". A Biblioteca Nacional só possui um número do jornal. A

DIA 10

Adolpho Aschoff, um gênio da engenharia

Em 10 de fevereiro 1904, falece no Rio de Janeiro "uma das maiores glórias da Engenharia nacional".

O alagoano Adolpho André Aschoff, nascido em 1864, era filho do relojoeiro alemão Alberto Aschoff e de Christina Gertrudes Aschoff. Após terminar os primeiros estudos, foi para a Escola Politécnica do Rio de Janeiro, onde se formou. Posteriormente, especializou-se nos Estados Unidos, tornando-se engenheiro eletricista.

PIONEIRISMO

No Rio de Janeiro, atuou em projetos pioneiros, a exemplo da Estrada de Ferro da Tijuca e da reforma do Palácio do Catete. Foi também gerente do Serviço Telefônico da cidade do Rio.

Integrou a comissão brasileira para participar da Exposição Colombiana Mundial, que aconteceu em 1983 em Chicago, nos Estados Unidos, para celebrar os 400 anos da chegada de Cristóvão Colombo ao Novo Mundo.

Associou-se depois a James Mitchel, com quem constituiu firma antecessora da ASCHOFF & GUINLE, em sociedade com Guilherme Guinle. A

DIA 11

Um visconde no Governo da Província

Quarto nome a presidir a província alagoana

Nascido no Rio de Janeiro em 11 de fevereiro de 1796, Caetano Pinto de Miranda Montenegro Filho foi um magistrado que, já com o título de 2º Visconde de Vila Real da Praia Grande, foi o quarto presidente da Província de Alagoas, de 4 de abril de 1830 a 19 de maio de 1831.

CURIOSIDADE

O pai, Caetano Montenegro Filho, era o presidente da Província de Pernambuco quando estourou a revolta de 1817 (cuja consequência mais notável foi a emancipação alagoana). Deposto e preso pelos revoltosos, teve o nome transformado em chiste pelos opositores, que dele diziam: "Caetano no nome, Pinto na coragem e Negro no caráter". A piada racista traz a marca do preconceito racial, o que não era de se estranhar, pois a rebelião, apesar dos liberais, tinha uma expressiva participação de senhores escravocratas. A

ANOTE AÍ

- 1829 – Nomeado presidente da Província do Espírito Santo no dia 23 de novembro.
- 1830 – Instalou a segunda seção do Conselho Geral da Província de Alagoas no dia 1º de dezembro.
- 1845 – Foi presidente da Província do Rio de Janeiro.
- 1851 – Faleceu no dia 11 de fevereiro, no Rio de Janeiro

DIA 12

GAZETA DE ALAGOAS

Caiu a base de Singapura

Romperam as linhas inimigas em vários pontos

Depois de violenta batalha

"Tem a China, no peito, uma couraça de ferro"

Forças americanas eliminam unidades japonesas isoladas

Possuem os chineses experiência e não perderão a coragem

Travada em Rzhev, luta decisiva para expulsar os alemães

Recebe muitos reforços através da Tunisia, o gal. nazi von Rommel

Sôbre a participação de Vichy no reabastecimento do Eixo, na Líbia

Caiu a Base de Singapura

Gazeta de Alagoas. Maceió, 12 de fevereiro de 1942

#MEMÓRIADAIMPRENSA

Forças americanas eliminam unidades japonesas isoladas
Possuem os chineses experiência e não perderão a coragem
Travada em Rzhev luta decisiva para expulsar os alemães
Tem a china, no peito uma couraça de ferro. A

Carnaval

Gutenberg. Maceió, 12 de fevereiro de 1891

#MEMÓRIADAIMPRENSA

Simplesmente insípido, monótono foi o carnaval deste anno.

Cada vez mais se accentua a falta de gosto para as belas phantasias, para as allusões de fina crítica, espirituosa e attrahente. O Carnaval das ruas porcamente compostas de máscaras sem o menor espírito, sem a menor verve, cobertos de trapos imundos a percorrerem,às ruas como verdadeiros cara duras, mudos e nojentos. Estamos caminhando para o aniquilamento completo desta Bella festa de foliões.

Outr`ora, durante as tres noutes carnavalescas as casas de família regorgitavam de bons typos agradavelmente fantasiados, representando variadas alegorias dignas de serem apreciadas. A

GUTENBERG

Maceió, Quinta-feira 12 de Fevereiro de 1891

ANNO X

NUM. 32

PARTE OFFICIAL

CARNAVAL

DIA 13

Antonio Luiz Dantas de Barros — Um homem da política e da lei

Antonio Luiz Dantas de Barros Leite nasceu em Penedo no dia 13 de fevereiro de 1802. Condecorado com a Ordem de Cristo, formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Olinda.

SAIBA MAIS

- 1817 – Com apenas 15 anos, foi para Recife com o pai, coronel José Gomes Ribeiro, para controlar grupos revoltosos.
- 1833 – Nomeado juiz de Direito de Maceió.
- 1838 – Foi deputado na Assembleia Geral Legislativa pela primeira vez, voltando ao cargo para a quinta legislatura, de 1843 a 44.
- 1843 – Nomeado senador do Império por Alagoas em 9 de agosto.
- 1870 – Faleceu no dia 9 de julho.

DIA 14

ANOTE

Colégio Batista Alagoano e a educação religiosa

Contando inicialmente com 29 alunos, o Colégio Batista Alagoano foi inaugurado no dia 14 de fevereiro de 1923, no bairro do Farol. Funcionou como externato, mas logo tornou-se o primeiro internato masculino, e, em 1925, passou a abrigar um internato feminino. Foi a primeira escola religiosa mista de Maceió. Quando fechou as portas ao ensino, em 2011, o terreno da instituição mantida pela Convenção Batista Alagoana foi vendido a uma construtora.

Relu

Antiga sede do colégio na avenida Aristeu de Andrade

DIA 15

Ernani Méro — O historiador que pensava com autonomia

Penedense e religioso, Méro combatia o racismo

A independência intelectual é algo mais raro do que se imagina. Ernani Méro, por exemplo, mesmo tendo uma formação religiosa, não deixou de abordar temas delicados, como fez no seu livro *Religião e racismo*, em que afirmou:

"Em Alagoas a discriminação racial não só violentou a dignidade humana do negro no ingresso nas irmandades e milícias militares como também o foi, e de modo grosseiro, naquilo de mais sagrado, que é o direito a uma sepultura".

Nascido em Penedo em 15 de fevereiro de 1925, o historiador, poeta, compositor, estatístico e professor fez os primeiros estudos na escola Vicente dos Reis e concluiu o curso superior na Faculdade de Formação de Professores de Primeiro Grau, em 1974.

ESTATÍSTICA E LETRAS

Foi funcionário do IBGE de 1956 a 1978 e um dos responsáveis pela criação da União Teatral de Amadores de Penedo (Utap), do Centro Operário e da Academia Penedense de Letras.

HONORIS CAUSA

Em Maceió, ensinou no Cesmac, dirigiu o Liceu Alagoano e foi membro do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas e da Academia Alagoana de Letras. Faleceu no dia 24 de junho de 1997.

OBRAS PRINCIPAIS

- História de Penedo, Elementos de História da Civilização de Alagoas (1974)
- Meu Sonho (1977)
- Coisas do Penedo (1982)
- Religião e Racismo – Discriminação Racial nas Irmandades (1983)
- Os Caminhos da Escultura Sacra (1991)
- O Barão de Penedo – A Missão da Palavra (1992)
- Caderno de Música Sacra (1993)
- Missa Regina Ordinis Minorum (1993)

DIA 16

Viçosa da cultura popular e de grandes talentos

A terra que um dia foi habitada por índios caambembes deu origem ao povoado Riacho do Meio e, posteriormente, à vila de Viçosa. Um dia seria chamada de Atenas de Alagoas, por causa da importante produção cultural de intelectuais nascidos na região. A vila foi instalada oficialmente no dia 16 de fevereiro de 1833. Foi elevada à condição de cidade no governo de Gabino Besouro, no dia 16 de maio de 1892. Atualmente, o município tem uma população estimada em 26.143 pessoas.

Acervo IBGE

Vista parcial da cidade

A RESISTÊNCIA DOS MOCAMBOS

As terras que hoje constituem o município de Viçosa também abrigaram mocambos, núcleos de resistência de ex-escravizados que fugiam da opressão dos engenhos. Após a extinção dos quilombos, muitas terras da região foram doadas ao capitão André Furtado de Mendonça, que defendia os interesses da Coroa Portuguesa.

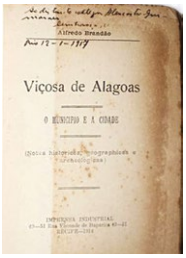
Acervo IBGE

Praça Apolinário Rebelo

A ESCOLA DE VIÇOSA

A vida popular do município inspirou a chamada Escola de Viçosa. A expressão, criada por Manuel Diégues Júnior, refere-se a um grupo de intelectuais e estudiosos, liderados pelo viçosense Théo Brandão, que documentou e interpretou várias dimensões da intensa cultura popular do município em seus textos. Entre eles, o próprio Théo Brandão (folguedos populares), José Aloísio Vilela (poesia popular), José Pimentel Amorim (medicina popular) e José Maria de Melo (literatura oral), citados em edições anteriores do ALmanaque 200. A Escola de Viçosa formou um grupo representativo de estudiosos da vida social alagoana, classificada no âmbito do folclore. A

Cena do filme São Bernardo



Obra de Alfredo Brandão sobre a cidade

Bar Trovador Berrante e estátua de Zé do Cavaquinho são referências para os boêmios

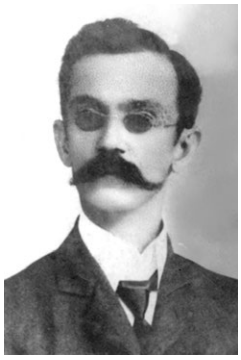
JÁ LEU?

De Riacho do Meio à Viçosa de Alagoas é o nome do livro do poeta Sidney Wanderley que trata da história de Viçosa e foi lançado em 1998 pela editora Escrituras.

DIA 17

Letras, imagens e som: o mundo criativo de Luiz Lavenère

A memória e a criação eram coisas valiosas para Luiz Lavenère Wanderley. Ele nasceu em Maceió no dia 17 de fevereiro de 1868 e é autor de obras como *O Padre Cornélio e Zefinha*, da década de 1920, em que é possível ter uma visão histórica de como era a educação em Alagoas naquela época. Mas ele também foi um dos pioneiros na fotografia do Estado, ao lado de Gabriel Jatubá e Antenor Pitanga, e construiu uma coleção preciosa da iconografia alagoana das três primeiras décadas do século passado.



Pioneiro na fotografia, Lavenère atuou em diversas áreas

Vendedor de água no Largo dos Martírios (1905). Coleção Luiz Lavenère

Recepção ao presidente da República Affonso Arinos (1906). Coleção Luiz Lavenère

PROFESSOR, POLÍTICO, JORNALISTA E... MÚSICO

Estudou nos colégios São José, Bom Jesus e no Liceu Alagoano e foi professor de línguas (francês, inglês e latim) no próprio Liceu, trabalhando também em Recife, nos colégios Spencer e Onze de Agosto.

Além do ensino, foi vereador de 1905 até 1908 e atuou na imprensa.

Fundou os periódicos O Evolucionista (1901) e A Revista Comercial (1902), e ainda colaborou no O Gutenberg, na Gazeta de Alagoas e no Jornal de Alagoas. Alguns de seus textos na imprensa foram escritos sob pseudônimos, como Almok, o Profeta, Marie Pambrun e La Saetta.

A música também foi um meio de expressão para Luiz Lavenère, que compôs operetas. Faleceu em Maceió no dia 29 de outubro de 1966. A

Um dos periódicos que fundou

Cenas da vida alagoana

PRINCIPAIS OBRAS

- O Bonde Elétrico(1915)
- Zefinha (Cenas da Vida Alagoana)(1921)
- O Padre Cornélio (1921)
- Noite de São João (1927)
- Compêndio de Teoria Musical (1927)
- A Música em Alagoas (1928)
- Meu Waterloo na Imprensa de Maceió (1946)
- Baile da Seduzida (1948)
- Jornadas (Cantigas de Pastoris Colecionadas)(1948)
- Polêmica Religiosa (1956)

INTELECTUAL

Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia e sócio-fundador da Academia Alagoana de Letras.

DIA 18

Para a Santa Casa de Misericórdia

Gutenberg. Maceió, 18 de fevereiro de 1891

#MEMÓRIADAIMPRENSA

Exposto como ficou em nosso artigo de hontem o estado de abandono em que se tem mantido o Hospital de Misericordia, urge uma providência enérgica, eficaz, que venha por termo a tantos e tão graves desmandos, de cuja responsabilidade não pode furtar-se a mesa regedora da Santa Casa de Misericórdia.

Já apelamos para os sentimentos humanitários dessa corporação e ousamos esperar della a reparação que se faz necessária.

DIA 19

Bernerval Rodrigues dos Santos — O forneiro de Palmeira dos Índios

Bernerval: uma vida com as mãos na massa

Bernerval Rodrigues dos Santos nasceu em 19 de fevereiro de 1944. Conhecido como um dos principais forneiros de Alagoas, iniciou na panificação aos 22 anos como padeiro e não parou mais.

Do primeiro emprego com carteira assinada numa padaria na Praça da Independência, nº 11, em Palmeira dos Índios, até se estabelecer em Maceió, em 1976, passou por panificações de Batalha, Cacimbinhas e Maribondo.

Na capital, foi contratado como forneiro pela Panificação Pernambucana (Ind. Massas Alimentícias Pernambucana Ltda.) no bairro do Poço, na praça Senhor do Bomfim, nº 1107. No currículo, padarias tradicionais, entre elas a Panificação Santa Juliana, no Bairro do Bom Parto, Panificações Elétrica e Rio Branco, no Centro de Maceió.

Analfabeto, torcedor do CSE e do Fluminense, era exímio jogador de dama. Casado com Eulina Minervina dos Santos e pai de quatro filhos, Bernerval Rodrigues Santos faleceu em 8 de Abril de 2009 aos 65 anos.

Jacinto Silva, gênio e mestre do coco

Jacinto: ícone de um forró espetacular

"Todo cantor não canta coco trocado, coco trocado não canta todo cantor. Nem todo dançador sabe dançar baião, dançar baião não é pra todo dançador. Um tocador ruim não sabe nem imitar, também imitar não sabe um ruim tocador", canta o alagoano Jacinto Silva em *Coco trocado*, um de seus grandes sucessos que representa bem o dom de encontrar formas musicais perfeitas para suas ideias.

Autor de clássicos como *Chora bananeira* e *Carreiro novo*, Jacinto Silva faleceu em 19 de fevereiro de 2001. Ficou conhecido por imprimir sua verdade em músicas de outros compositores, como faz em *Filosofia do Forró*, de Manuel Alves e Tiago Duarte, em que dá a ideia: "Jesus Cristo é muito bom, mas do céu não cai feijão. Quem quisé-lo cozinhado bote a semente no chão".

Jacinto Silva (ilustração de Cícero Rodrigues)

NAS FEIRAS DA VIDA

Nascido em Palmeira dos Índios em 23 de agosto de 1933, Sebastião Jacinto da Silva largou cedo os estudos porque já cantava nas feiras, por volta dos 12 anos. Era um mundo em que cantadores de coco, violeiros e repentistas, cercados pelo povo também desejante de beleza, compartilhavam o direito à poesia, à música e à criação.

ELOGIADO POR RAMOS TINHORÃO

Pode ter sido esse vínculo que ele nunca perdeu com as classes populares o que encantou o crítico José Ramos Tinhorão em 1974, quando escutou o LP *Eu Chego Já*. Na edição do dia 17 de maio de 1974 do Jornal do Brasil, o crítico publicou o artigo "A Importância de Ser Jacinto Silva". Fazia uma referência ao título da famosa peça de Oscar Wilde, *A importância de Ser Prudente*. Os adjetivos justificavam-se plenamente: "espetacular cantor-compositor"; "afinadíssimo"; "excelente intérprete".

JORNADA DO HERÓI

A trajetória do artista, contudo, não se dá a partir do reconhecimento de Tinhorão. A primeira performance num meio de comunicação foi em 1951, no programa de auditório de Odete Pacheco, na Rádio Difusora de Alagoas. Depois, ele saiu em turnê com um circo, em 1954, cantando músicas de Jackson do Pandeiro, de quem se dizia discípulo.

RUMO AO SUCESSO

Decidiu morar em Caruaru, onde se apresentou nas rádios locais e, em 1962, gravou o primeiro disco em Recife. Foi o tempo de *Justiça Divina, Chora Bananeira* e *Aquela Rosa*, gravados em discos de 78rpm. O primeiro LP saiu em 1966, *Cantando,* e depois vieram *Só Era Eu* (1967), *É Caco Pra Todo Lado* (1968, com Osvaldo Oliveira), *Eu Chego Lá* (1974), *O Que É Meu É Teu* (1975), *Gírias do Norte* (1981), *O Vestido da Mariana* (1982), *O Forrozeiro* (1993) e *Em Nome do Sol* (1995).

Jacinto Silva morreu em 2001, aos 68 anos, em Caruaru (PE). A

Músico foi inserido em livro que seleciona os melhores compositores

SAIBA MAIS

O fole roncou! *Uma história do forró*, de Carlos Marcelo, *Dicionário Cravo Albin de Música*, *Jacinto Silva – As canções*, de Luciano José

LP que encantou o crítico José Ramos Tinhorão

Jacinto tem trabalhos na CBS, principal gravadora da época

Mestre do coco em obra que traz episódios marcantes da história do forró

DIA 20

Antônio Pedro dos Santos Filho – O caráter inabalável de um mestre funileiro

Nascido em 20 de setembro de 1929, em Matriz de Camaragibe, filho de Antonio Pedro dos Santos e Umbelinda Maria da Conceição, o desejo de liberdade e a sensibilidade de Antônio Pedro dos Santos Filho se revelou ainda na infância: não se identificava com o trabalho na roça. Com 17 anos, mudou-se para Maceió, mas seu talento se revelaria quando seguiu para São Paulo, onde aprendeu as artes e ofícios da funilaria e da serralharia.

De volta a Maceió, montou uma oficina e casou-se com a professora Alda, com quem teve dez filhos, entre eles a professora e publicitária Arísia Barros, coordenadora do Instituto Raízes de Áfricas de Alagoas e do Núcleo Temático Identidade Negra na Escola da Secretaria de Estado da Educação e do Esporte do Estado de Alagoas.

Num texto publicado no site Cada Minuto, ela lembra "do riso fácil e conversa longa" do pai e conta que ele tinha a honestidade como o maior valor. Costumava dizer: "Sou negro, mas não sou moleque".

Além dos clientes que ficavam fascinados com o design de seus portões e grades, o reconhecimento do seu trabalho também se deu pela Escola Técnica de Alagoas, que o convidou a ensinar na instituição. Morreu em 20 de fevereiro de 2002.

Vieira de Alencar, o alagoano que fez história no Paraná

Manoel Vieira Barreto de Alencar nasceu em 20 de fevereiro de 1873, em Mata Grande. Era filho do coronel da Guarda Nacional João Vieira Damasceno e de Maria Francisca Agra de Alencar, tia e madrinha de Euclides Malta.

Formou-se em 1892 pela Faculdade de Direito do Recife. Em 1895 foi nomeado juiz de Direito da Comarca de Palmeira, no Paraná; foi lá que se estabeleceu como advogado. Trabalhou também como produtor rural e industrial, com fábrica de aguardente.

SAIBA MAIS

- Em 1906, foi procurador fiscal da Delegacia Federal do Tesouro Fiscal no Paraná.
- Em 1912, participou da fundação da Universidade Federal do Paraná (UFPR), onde foi professor catedrático.
- Foi vice-presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, subseção de Curitiba.
- Foi chefe do Movimento Integralista no estado do Paraná.
- Foi deputado estadual (na Primeira República).
- Pela Lei nº 675, de 1953, foi-lhe concedido o título de Cidadão Honorário de Curitiba.
- Faleceu em 18 de janeiro de 1960, em Curitiba.

O jornalista que registrou a vida de Graciliano

Autor é referência na literatura de Alagoas e sobretudo de Palmeira dos Índios

Nascido em São Sebastião, no dia 20 de fevereiro de 1902, Valdemar de Souza Lima foi agricultor, comerciário, formou-se técnico em contabilidade e passou a escrever na imprensa em Maceió em 1933, no jornal O Estado.

Foi morar em Palmeira dos Índios em 1934, quando fez concurso para tabelião público, e, a convite de Graciliano Ramos, ocupou o cargo de inspetor das Escolas Primárias de Palmeira dos Índios. Aposentou-se em 1967, indo morar em Brasília. Publicou em 1971 *Graciliano Ramos em Palmeira dos Índios.*

Em 1979, lançou um livro sobre o cangaço em que destaca o papel do capitão Teodoreto Camargo do Nascimento na luta contra o bando de Lampião. Valdemar faleceu em 17 de julho de 1987, aos 85 anos de idade.

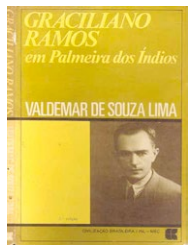
A luta do capitão Teodoreto Camargo do Nascimento contra o bando de Lampião

ESSA CASA, NÃO!

Denunciou na Academia Alagoana de Letras, em 1959, a intenção de demolirem a casa em que Graciliano Ramos escreveu o romance *Caetés* e os famosos relatórios quando foi prefeito de Palmeira dos Índios. O local foi preservado e abriga a Casa Museu Graciliano Ramos, que é tombada pelo Iphan. Fica na Avenida General Gabino Besouro, nº 12.

NA IMPRENSA

Colaborou na Gazeta de Alagoas, no Jornal de Alagoas e no Diário de Pernambuco como correspondente de Palmeira dos Índios. Fundou os jornais O Panema, em Santana do Ipanema, e Correio Palmeirense, em Palmeira dos Índios. A



Registro da vida de Graciliano em Palmeira dos Índios

AS OBRAS

- Graciliano Ramos em Palmeira dos Índios (1971)
- O Cangaceiro Lampião e o IV Mandamento (1979)

Heitor Cardoso, o autor de esperança e desengano

Compositor e violonista, Heitor Cardoso nasceu em Maceió no dia 20 de fevereiro de 1890. Começou a estudar música na capital alagoana. Em 1913, toma o navio a vapor Tupy, no cais de Jaraguá, com destino ao Rio de Janeiro, para aperfeiçoar-se no Instituto Nacional de Música.

LP com interpretação de Joel Bello Soares

Sua composição de relevância foi *Esperança e Desengano*, interpretada pelo também alagoano Joel Bello Soares no LP *Valsas, Polcas e Mazurkas – A música Alagoana do Início do Século*, lançado em 1987.

Outras composições de sua autoria foram: *Um Beijo de Amor, Lágrimas de Amor, Arrufos de Amor, Casa ou Não Casa, Em Pleno Voo, Raio X, Ai, Filomena!*, e *Ninho de Amor*.

Faleceu em 12 de setembro de 1960, no Rio de Janeiro. A

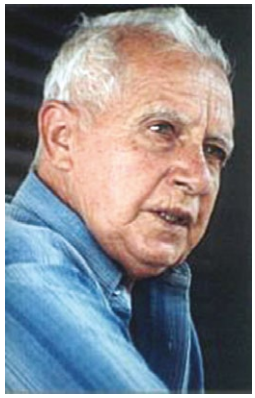
Sua composição para piano de Ai Filomena!

Partitura da valsa Um Beijo de Amor

DIA 21

Altimar de Alencar Pimentel — Um alagoano que a Paraíba acolheu

Nascido em Maceió em 30 de outubro de 1935, filho de mãe paraibana, o dramaturgo, jornalista e folclorista Altimar de Alencar Pimentel foi morar em João Pessoa quando tinha nove anos, assim que seu pai morreu.



Comunicador enveredou pela arte e pela cultura

COMUNICAÇÃO E ARTES

Na década de 1970, desenvolveu atividades em assessoria de comunicação em Brasília, no Ministério da Agricultura e na Câmara dos Deputados, e também atuou como jornalista no Correio Braziliense e na Agência de Notícias dos Diários Associados.

Em 1978 especializou-se em Direção Teatral, no Rio de Janeiro e na Universidade Federal da Paraíba. Foi professor de educação artística no Colégio Estadual da Paraíba e na Universidade Federal da Paraíba, no Departamento de Artes.

Trajetória do coco de roda

VOCÊ SABIA?

Com o espetáculo *Como Nasce Um Cabra da Peste*, inspirado na obra de Mário Souto Maior, recebeu mais de 40 prêmios em festivais pelo Brasil e fez mais de 20 apresentações em Portugal.

Dirigiu o Teatro Santa Roza, o Departamento de Extensão Cultural do Estado e a Rádio Correio da Paraíba.

Coordenou o Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular da UFPB e foi presidente da Comissão Paraibana de Folclore.

Tornou-se sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano em 2002.

Era secretário de Cultura de Cabedelo quando faleceu, no dia 21 de fevereiro de 2008. A

Histórias e lendas das plantas de várias partes do mundo

NO TEATRO

- Auto da Cobiça
- Viva a Nau Catarineta
- Lampião Vai ao Inferno Buscar Maria Bonita
- Coiteiros

LIVROS SOBRE FOLCLORE

- O Coco Praieiro – Uma Dança de Umbigada (1968)
- O Diabo e Outras Entidades Míticas no Conto Popular (1969)
- Saruê (1977)
- Sol e Chuva: Ritos e tradições (1981)
- Bois de Reis e Coco de Roda (2005)

ANOTE

João Camilo de Araújo, um advogado no governo

Em 21 de fevereiro de 1875, falecia João Camilo de Araújo. Natural de Penedo, governou a Província de Alagoas de 20 de novembro a 14 de dezembro de 1834, na qualidade de 5º conselheiro e em substituição ao governo impopular de Manoel Simões Costa. Era considerado um exímio advogado e exerceu, entre outros cargos, o de procurador fiscal da Tesouraria da província. A

DIA 22

De Íris Alagoense ao Federalista Alagoense

O primeiro jornal publicado em Maceió foi o Íris Alagoense, que a partir da segunda edição, de 17 de agosto de 1831, foi impresso na Typografia Patriótica da Sociedade Patriótica Federal. Circulou às quartas e aos sábados. A última edição com esse nome, a de número 50, saiu em 18 de fevereiro 1932, e a partir do dia 22, o jornal assumiu o nome de O Federalista Alagoense. O cabeçalho anunciava: "O governo do Império do Brasil será uma monarquia federativa". Foi publicado até 1836. A

DIA 23

Cultura Jeripankó — Festa da corrida do umbu

Festa realizada no sábado que inicia o carnaval, chamada pelos Jeripankó de "sábado do intruso", a Festa da Corrida do Umbu é marcada pela entrega da chave ao Rei Momo, considerado o rei do carnaval.

Atenção: data móvel entre os meses de fevereiro e março. A

Foto: Ervison Wyraktã

DIA 24

Do Direito e, sobretudo, das Letras

Um dos fundadores da Faculdade de Direito de Alagoas, da Academia Alagoana de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, Alfredo de Barros Lima Júnior nasceu em Passo do Camaragibe em 24 de fevereiro de 1894 e publicou o primeiro livro de poesia, *Canções da Idade de Ouro*, em 1920.

Lima Júnior: da advocacia à imprensa

FORMAÇÃO EM RECIFE

Formou-se em Recife em 1921 e logo exerceu o cargo de promotor em Passo do Camaragibe. Foi secretário da Prefeitura de Maceió e deputado estadual por três vezes: 1927-1928; 1929-1930 e de 1935-1937. Na imprensa, atuou como diretor do Jornal de Alagoas e redator do Diário do Povo. Faleceu em 26 de março de 1967.

AS OBRAS

- Canções da Idade de Ouro (1920)
- Alguns Homens do Meu Tempo: Evocações e Reminiscências (1963)
- Fim de Tarde: Poesia (1962) (poesia)
- Velho Nau: Poesias Simples (1971)

A AMIZADE COM JORGE DE LIMA

No livro *Alguns Homens do Meu Tempo: Evocações e Reminiscências*, recordou o amigo Jorge de Lima:

"Lembro-me bem da manhã em que saltou ele do seu automóvel, para ler-me, à porta do meu lar, qualquer coisa da sua nova arte. Se não me esqueço, tratava-se daquela página sensacional que é Essa Nega Fulô. Não me soou bem aos ouvidos aquela poesia diferente, estranha, que destruía os velhos moldes, mas que tinha melodia. Tinha sentido. Tinha dignidade. Hoje — concluo — considero-a uma obra-prima que ele pôs diante de mim". A

Músico extraordinário, cantava desde os 8 anos e teve composições gravadas por nomes importantes

Mestre Verdelinho, o grande poder de uma obra positiva

"A cultura, pra mim, é um consolo que a natureza me deu", disse o Mestre Verdelinho quando conseguiu, em 2006, aos 61 anos, gravar o primeiro e único disco com suas músicas. Analfabeto, são dele os arrebatadores versos da música *Grande Poder*:

"A terra acaba com toda má alegria, a terra acaba com o inseto que a terra cria, nascendo em cima da terra, nesta terra há de viver, vivendo na terra que esta terra há de comer, tudo o que vive nesta terra pra esta terra é alimento. Deus corrige o mundo pelo seu dominamento, a terra gira com o seu grande poder".

O PASSARINHO DE RIO LARGO

Natural de Rio Largo, Mario Francisco de Assis nasceu no dia 24 de fevereiro de 1945, e aos oito anos já cantava como profissional nas feiras da região inspirado em nomes como os cantadores Benedito e Curió. Verdelinho, aliás, também é nome de um pássaro.

Disco Universando reúne alguns dos principais trabalhos do artista

O QUE A ALMA DITAVA

Com uma memória prodigiosa e completamente absorvido pela cultura oral, cantava o que sua alma ditava. A primeira viola ele mesmo fabricou, era feita com palha de palmeira. Ao longo da vida, compôs mais de 300 músicas. Certa vez, Ariano Suassuna referiu-se a ele como um "extraordinário músico".

REISADO E GUERREIRO

Começou a dançar guerreiro em Maceió com o Mestre Jorge Ferreira, na Chã da Jaqueira, em 1968. Foi casado com a mestra de reisado Dolores Jupi. A

O VERSO

"O homem nasce não sabe como se cria, quando se cria não sabe o dia que há de morrer".

OUÇA

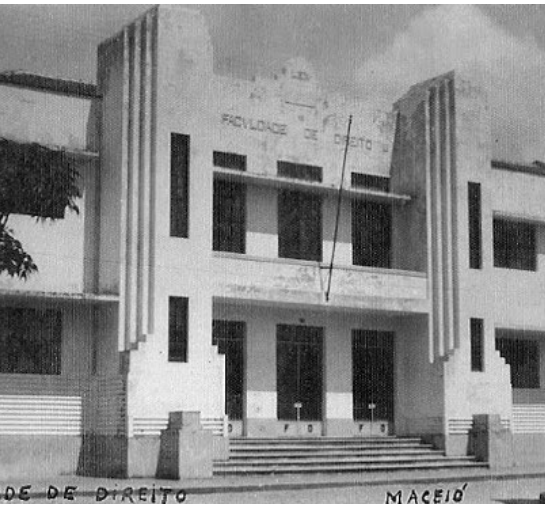
- Mestre Verdelinho das Alagoas – Universando (2006) Álbum Completo
- https://www.youtube.com/watch?v=X6hNMg5ZgMM

SAIBA MAIS

- Mestre de guerreiro, violeiro e exímio poeta e cantador de coco e emboladas, também trabalhou como porteiro do Teatro Deodoro por mais de 20 anos. Faleceu no dia 18 de março de 2010.
- Em muitas ocasiões, ele interpretou o Mateu do guerreiro da mestra Joana Gajuru. Em 2006, mesmo ano em que gravou seu primeiro disco, teve um AVC e deixou de se apresentar.
- Em 2007 recebeu o prêmio de Culturas Populares Mestre Duda, Cem Anos de Frevo, do Ministério da Cultura.

DIA 25

A Faculdade de Direito: oficializada e reconhecida



Antiga sede da faculdade em estilo Art Decó

A Faculdade de Direito de Alagoas foi criada no dia 24 de maio de 1931, por iniciativa de Agostinho Benedito Oliveira (ex-funcionário do Liceu Alagoano), sendo oficializada pelo Decreto 1.745, de 25 de fevereiro de 1933. A formatura da primeira turma se deu em 1934, mas o reconhecimento do curso só aconteceria em 9 de julho de 1942, com a publicação no Diário Oficial da União.

Nos idos de 1931, também estiveram à frente da criação da faculdade o interventor federal Afonso de Carvalho, que doou o terreno, e o interventor Luis França Albuquerque, que emitiu decreto considerando-a de utilidade pública. Foi a quarta instituição desse tipo no Nordeste, após a criação das faculdades de Direito de Olinda (1827), da Bahia (1891) e do Ceará (1903). A

DIA 26

Noticiário

Diário Oficial de Maceió, 26 de fevereiro de 1916

#MEMÓRIADAIMPRENSA

DIARIO OFFICIAL — MACEIÓ — SABBADO 26 DE FEVEREIRO DE 1916

PODER EXECUTIVO

ADMINISTRAÇÃO DO EXMO. SR. DR. JOÃO B. PTISTA ACCIOLY JUNIOR

O Exmo. Sr. Governador do Estado deu hontem os despachos seguintes:

Pedro Severiano de Oliveira, José Joaquim da Graça e Hermenegildo Cavalcante de Albuquerque, aspirantes do Batalhão de Policia Militar do Estado, pedindo para lhes serem restituidas, o 1º a quantia de 87$360, o 2º a de 92$320 e o 3º a de 87$840, com que contribuiram para a garantia de fardamento. — Como requerem.

— João Antonio do Nascimento, João Francisco Casado, José Ferreira, João Varella de Souza, Victorino Mauricio Wanderley, Octaviano Americo de Azevedo e Luiz Vieira da Silva, os dois ultimos musicos e os demais soldados do 2º batalhão, no mesmo sentido, o 1º quanto a quantia de 87$360, o 2º

meou para substituil-o o cidadão Manoel Ferreira Cavalcante Filho; exonerou o cidadão Manoel Saturnino de Mello, do cargo de 1º supplente do Sub-commissario de Policia do Districto do Ceriseiro do referido Municipio, e nomeou para substituil-o Severiano Ferreira da Costa; exonerou o cidadão Francisco da Silva Braga, do cargo de Sub-commissario de Policia do Districto da Cruzeiro, Municipio de Camaragibe, e nomeou para substituil-o o cidadão Laurenço Bezerra Montenegro; exonerou o 2º Tenente do Batalhão de Policia Militar, Manoel de Vasconcellos Sampaio, do cargo de Sub-commissario de Policia em commissão, do Districto de Urucú, Municipio de Camaragibe.

Secretaria do Interior

O Exmo. Sr. Dr. Secretario do Interior, por despacho de

findo, bem como o de exportação dos productos do Estado, durante o mez de Janeiro proximo findo.

760. O thesoureiro do Thesouro, pedindo para ser abonado no Caixa Geral, de 1915, pela quantia de rs. 4:3 8$999, provenients de pagamento de folhas, effectuado em Fevereiro corrente, relativamente a mezes do anno proximo findo.

763. O mesmo pedindo para ser debitado no Caixa Geral, de 1915, pela quantia de rs 113$748, provenients de descontos feitos em os pagamentos de folhas, effectuados em Fevereiro corrente, relativa mesmo a mezes do anno proximo findo.

761. O mesmo, para ser debitado no Caixa de Amortisação, pela quantia de rs. . . 115$749, provenients aos mesmos descontos, no mesmo sentido.

762. O mesmo, para ser debitado no Caixa da Imprensa Official, pela quantia de

Maia, bem como a relação dos devedores remissos dos exercicios de 1906 a 1915, do anno proximo findo.

Noticiario

O Exmo. Sr. Dr. Democrito Gracindo, Secretario do Interior, acompanhado do 1º Tenente Francisco Bastos, foi ante hontem a bordo do vapor Bahia, cumprimentar em nome do Exmo. Sr. Dr. Governador do Estado, o Dr. Epitacio Pessoa, Senador Federal.

S. Excia. o Sr. Dr. Baptista Acciolly, Governador do Estado, mandou ante-hontem seu ajudante de ordens, Tenente Francisco Bastos, acompanhar até a bordo do vapor Bahia, o Dr. Samuel Hordman que, viajando para o visinho Estado do norte, veio a Palacio em visita a S. Excia.

O Exmo. Sr. Dr. Governador

O Exmo. Sr. Dr. Democrito Gracindo, Secretario do Interior, acompanhado 1º Tenente Francisco Bastos, foi ante hontem a bordo do vapor Bahia, cumprimentar em nome do Exmo. Sr. Dr. Governador do Estado, o Dr. Epitacio Pessoa, Senador Federal. A

DIA 27

Eunice Lavenère — A primeira mulher a ingressar na Academia Alagoana de Letras

Georgette Mendonça narra sua trajetória nesta biografia

Baiana de nascimento, a poetisa, professora, funcionária pública e jornalista Eunice Lavenère Reis veio para Maceió ainda menina. Filha de Luiz Guimarães Reis e Jessie Lavenère Reis, nasceu em 15 de novembro de 1917, em Pojuca.

Em Maceió, estudou no Colégio Coração de Jesus, na Escola Normal e no Liceu Alagoano.

Foi professora da Sociedade Perseverança a Auxílio dos Empregados no Comércio de Maceió, além de dar aula de francês. Ativista política, associou-se à luta da União Democrática Nacional (UDN), na década de 1940.

Fazia versos desde os oito anos de idade e, em 1º de novembro de 1945, aos 28 anos, tornou-se a primeira mulher a ingressar na Academia Alagoana de Letras, até então restrita a homens. Ocupou a cadeira 26, que pertenceu ao escritor Joaquim Diegues. Pertenceu ainda a outras entidades culturais e literárias.

Colaborou com o periódico Novo Mundo, órgão oficial da Associação de Intercâmbio Cultural, de Guaratinga, em Mato Grosso, e com A Violeta, revista de pequeno formato fundada e dirigida por mulheres do Grêmio Literário Júlia Lopes, de Cuiabá, em Mato Grosso. Faleceu em 27 de fevereiro de 1970.

OBRAS

- Flor do Mato (1941)
- Orvalho (1957)

SAIBA MAIS

Teve poemas publicados nos jornais: A Gazeta de Alagoas, A Notícia, O Semeador, O Diário do Povo, O Jornal de Penedo e Jornal de Alagoas e nas revistas O Natal, Mocidade, Grupo Americanista de Intelectuais e Artistas, esta última do Uruguai. Sua biografia foi publicada em 1980 pela escritora e cronista Georgette Mendonça.

DIA 28

Uma revista dedicada à educação

Obra abordava diversas vertentes do conhecimento

A Revista de Ensino, editada de fevereiro de 1927 a 1931, foi um veículo da Sociedade Alagoana de Educação e da Diretoria de Instrução Pública do Estado, então dirigida por Adalberto Marroquim. Contou com Craveiro Costa (diretor dos Grupos Escolares Diégues Júnior e Pedro II) como redator-chefe.

Nº 1 – A primeira edição, no dia 28 de fevereiro, teve textos de Craveiro Costa, poema de Adalbeto Marroquim e artigos como "As Origens do Português", de Mário Marroquim; "Lições de Aritmética", de Vitalia Campos, a relação das professoras formadas em 1926, coletânea de poemas e uma série de ginástica com o professor Jefferson Araújo. A

Marroquim era o diretor da revista

Craveiro era o redator-chefe

DIGITAL

Todas as edições da Revista de Ensino podem ser lidas no site da Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional Digital:

http://bndigital.bn.br/

O pagode guerreiro do Mestre Manoel Venâncio

O mestre de guerreiro Manoel Venâncio de Amorim, fundador do Pagode Tira-Teima e do Guerreiro Padre Cícero, nasceu no dia 28 de fevereiro de 1924, em Capela. Aprendeu a tocar pagode com o pai, no Engenho Monte Alegre. Com 14 anos, já mostrava sua arte num reisado da região.

Venâncio: mestre guerreiro com pagode na alma

O COMEÇO EM BEBEDOURO

Chegou em Maceió em 1945, quando começou a dançar no guerreiro do mestre João Rosa, em Bebedouro. Trabalhava como pedreiro, e, em 1972, fundou com alguns amigos o Guerreiro Padre Cícero. Em 1995, foi uma das principais atrações do XIX Encontro Nacional de Folguedos, em Teresina. Considerado Patrimônio Vivo de Alagoas em 2005, faleceu em Maceió no dia 28 de fevereiro de 2008.

FALOU E DISSE

"Para trajar o grupo, não tem jeito, tiro do prato, mesmo a mulher reclamando, e o 13º salário é todo para o guerreiro".

BRINCANTES E PARCEIROS

Dançou com mestres como Manoel Lourenço e Manoel Cândido, do Tabuleiro do Martins; Luís Moreno, da Goiabeira; Jorge Ferreira, de Bebedouro, e João Amado, do Vergel.

COCO DEFINIDO

A Associação dos Folguedos Populares de Alagoas (Asfopal) descreve o coco alagoano como "uma dança cantada, acompanhada pela batida dos pés ou tropel. Também é denominada de pagode ou samba. Surge na época junina ou em outras ocasiões que se quer festejar acontecimentos importantes

nas comunidades rurais. Por ocasião da tapagem das casas, o coco aparece em todo o seu esplendor".

PREMIADO

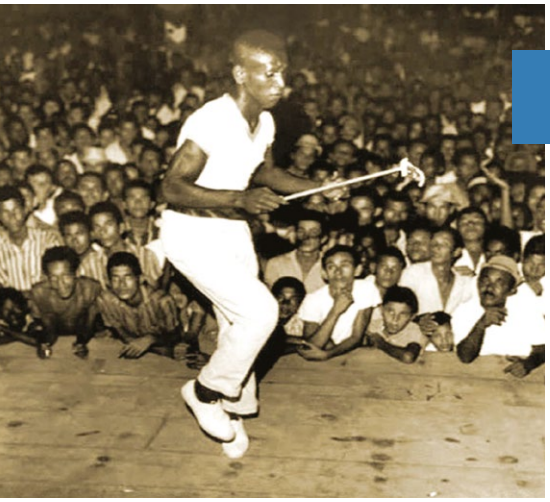
Venceu o prêmio de Culturas Populares Humberto Maracanã, em 2007, do Ministério da Cultura. A

SAIBA MAIS

Asfopal – Associação de Folguedos Populares de Alagoas – 25 Anos Brincando Sério, de Josefina Maria Medeiros Novaes.

OUÇA

- Pagode Tira-Teima
- Mestre Venâncio e Pagode Tira-Teima de Alagoas — Ô Besouro (1999)
- https://www.youtube.com/watch?v=o3fkrm9wtIY



Moleque Namorador: figura ícone do carnaval em apresentação no Concurso de Passo do Teatro Deodoro (1937)

ESPECIAL CARNAVAL

Alagoas — Mamãe eu Quero e outras delícias de momo

Você sabia que o carnaval alagoano acontece a partir da segunda metade do século 19? A festa se inicia pelas mãos das elites. Chega com o mando e só lentamente vai mudando de feição até atingir as ruas, num processo similar ao que ocorreu com o futebol brasileiro. "A festa entra por cima, penetra o espaço social, até que o povo garante a sua continuidade nas ruas. Para entender esse caminho, é preciso fazer um trabalho de arqueologia capaz de revelar, inclusive, as interações sociais até chegar-se à ponta de rua", explica o historiador Luiz Sávio de Almeida.

Nesse processo de construção e de manifestação coletiva, o carnaval de Alagoas elegeu ícones que ajudam a contar essa história de alegria e folia.

NAMORADOR, O ETERNO MOLEQUE

Era como se Armando Veríssimo Ribeiro, um jovem magro e negro, hipnotizasse quem o visse dançando frevo nos anos 1930 e 1940. E, de certa forma, é como se continuasse a exercer seu fascínio em cada carnaval de Maceió, quando sua memória é resgatada na abertura da festa de Momo na Praça Moleque Namorador. Foi com esse apelido, a propósito, que ele se tornou conhecido.

Com seu passo, Namorador era campeão absoluto do frevo

UM CORPO QUE DANÇA FREVO

Nascido em 11 de junho de 1919 em São Luís do Quitunde, Armando chegou ainda garoto em Maceió, em 1926, quando morou na Rua Xavier de Brito (Prado) e trabalhou como jornaleiro. É uma data que coincide, mais ou menos, com a chegada do frevo na cidade. Mais tarde, trabalhou como engraxate e logo passou a expressar seu incontornável prazer pela vida – é o que se vê, afinal, num corpo que dança frevo.

Moleque Namorador (Ilustração: Pedro Lucena)

DO PASSINHO AO PANDEIRO

Além do talento na dança (se fosse um jovem hoje, talvez se destacasse na dança do passinho), Moleque Namorador também tocava pandeiro, atabaque e gaita. Tornou-se comum conquistar o primeiro lugar nos concursos de frevo, como o Concurso de Passo de 1937, realizado no Teatro Deodoro. Naquela ocasião, tinha 18 anos e representou o Clube Carnavalesco Cavaleiro dos Montes, do seu parceiro Ras Gonguila, outro nome lendário dos antigos carnavais.

GANDAIAS DO OURICURI

A fama, contudo, não subiu à cabeça do Moleque Namorador, que foi assunto de revistas de circulação nacional e recusou convites, como conta o antropólogo José Maria Tenório Rocha, para integrar grupos de teatro de revista do Rio e de São Paulo. Gostava mesmo era de frequentar ambientes que os

moralistas condenavam, como "as gandaias do Ouricuri (atual bairro São Sebastião) e no Alto do Urubu". Talvez porque nesses lugares o carnaval não tivesse fim. Mas a vida tem, e o eterno Moleque morreu em 8 de maio de 1949.

Para Rocha, foi o talento do "grande mestre do passo brasileiro", potencializado quando venceu o célebre pernambucano Gia em um concurso de passo, o que fez com que fosse respeitado numa sociedade racista, transitando entre os espaços da elite e os mais populares.

TALENTOS LÚDICOS E ESPONTÂNEOS

É importante considerar, como lembra o antropólogo Bruno Cavalcanti, o que representou aquele período na sociedade:

"Foram os antigos carnavais as raras oportunidades que a nossa sociedade concedera aos seus filhos anônimos a chance de verem reconhecidos seus talentos lúdicos e espontâneos; umas das poucas lembranças que a memória logrou êxito em dividir a notoriedade social com ricos e pobres. Por isso, o carnaval de hoje em quase nada repete essa glorificação alcançada no antigo reino alagoano de Momo".

Mas talvez seja precisamente isso que Alagoas deseje como uma utopia ao recordar Moleque Namorador: uma sociedade em que, não apenas no período de carnaval, haja mais igualdade, e o racismo seja, de uma vez por todas, o registro de um tempo em que a humanidade não sabia viver.

Escola de Samba Circulista, no carnaval de Maceió (1953)

O NOME DA PRAÇA

A Praça Moleque Namorador, localizada na Rua Paissandu, no bairro da Ponta Grossa, foi inaugurada no dia 7 de setembro de 1961, na gestão de Sandoval Caju na prefeitura.

SAEM OS CLUBES, ENTRAM AS ESCOLAS DE SAMBA

Nos anos 1950, os clubes carnavalescos entram em decadência, segundo José Maria Tenório Rocha, e surgem

as Escolas de Samba Circulista (Ponta Grossa), Unidos do Poço, Cinédia, Império Serrano, Jangadeiros Alagoanos (da Pajuçara) e Treze de Maio (Poço).

OUÇA

- O alagoano Hekel Tavares (1896-1969) é autor da música Moleque Namorador, gravada em 1928 por Orlando Silva e Rosa Negra.
- https://www.youtube.com/watch?v=t8rsk676fX8

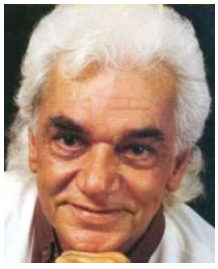
ÍCONES DA FOLIA DE OUTRORA SOBREVIVEM NO IMAGINÁRIO POPULAR

O REINADO DE SETTON NETO

Em alguns anos o aniversário do Rei Momo Setton caía em pleno carnaval

Por 18 anos, de 1970 a 1988, Salomão Setton Neto encarnou a figura do Rei Momo no carnaval alagoano. Nascido em Maceió no dia 23 de fevereiro, trabalhava no comércio com o pai numa loja de tecidos. Estreou como cantor na Rádio Difusora de Alagoas, em 1948, e faleceu em 12 de maio de 1994.

ROBERTO BECKER: DE BANDINHA, DE CARNAVAL E DE SERESTA



Becker, compositor do clássico carnavalesco De bandinha

Um clássico do carnaval alagoano nos anos 1960, *De bandinha* foi composto por Domingos Annunziato Litrento, nome de batismo de Roberto Becker. Ele nasceu em Maceió no dia 13 de outubro de 1938. Chegou a morar em Rondon (PR) nos anos 1960, mas voltou na década seguinte, quando formou o grupo Roberto Becker e Os Golden Lions. Pense!

Faleceu em Aracaju no dia 1º de abril de 2012.

SERESTEIRO APAIXONADO

Foi autor de mais de mil músicas, entre marchinhas, músicas românticas, hinos e forrós, e ficou conhecido como o Seresteiro Apaixonado. Outros sucessos: *Ruas de Maceió, Dor da Paixão.*

JARARACA E O HIT DOS HITS DOS CARNAVAIS

José Luiz Rodrigues Calazans, o Jararaca, um dos compositores de Mamãe eu quero

Em 1940, Carmen Miranda cantou para o mundo no filme *Serenata Tropical* a marchinha *Mamãe Eu Quero*, de autoria do alagoano José Luiz Rodrigues Calazans, o Jararaca, e do paulistano Vicente Paiva, composta em 1936.

Antes de Hollywood, já era um hit no Brasil e ainda hoje é a música mais emblemática do carnaval. Alguns apontam que, depois de *Aquarela do Brasil*, de Ary Barroso, e de *Garota de Ipanema*, de Tom Jobim e Vinicius de Moraes, *Mamãe eu quero* é a música brasileira mais conhecida no exterior. Teve até versão em inglês. Jararaca faleceu no dia 9 de outubro de 1977.

Carmen Miranda, a mais famosa intérprete do clássico composto por Jararaca

A MÚSICA

Mamãe Eu Quero teve uma versão de Bing Crosby, I want my Mama
https://www.youtube.com/watch?v=kD6Pdf9pedY

O trio The Andrews Sisters também gravou!
https://www.youtube.com/watch?v=d_w4YyxvO5I.

Aqui, uma versão com a impagável Carmen Miranda:
https://www.youtube.com/watch?v=JKm-sVTMjGk

RAS GONGUILA

Com esse nome, em que exaltava sua ancestralidade africana, mais precisamente etíope, Benedito Santos entrou para a história do carnaval de Maceió. Liderança no bairro da Ponta Grossa, foi diretor do animado bloco Cavaleiro dos Montes, fundado em 16 de setembro de 1913, que quando saía às ruas reunia pessoas de várias classes sociais.

Bloco Cavaleiro dos Montes nos antigos carnavais de Maceió

Limites para o major

Por Cíntia Ribeiro (*)

Na construção do carnaval pelas elites, o major Bonifácio Magalhães da Silveira ficou como um símbolo do universo carnavalesco — intersecção de uma estrutura de renda para outra. Entre o homem de governo e o chamado homem do povo — incentivador da realização das grandes festas e folguedos populares —, há que se considerar a impossibilidade de particularizar nele todo o contexto das festas que aconteciam na capital e, especificamente, em Bebedouro. É fato que nas primeiras décadas do século passado, Bonifácio estava entre aqueles que movimentavam os festejos nos quais era presença constante. Criou o Clube Carnavalesco das Ciganinhas do Major, a agremiação masculina Os Gigantes e promovia desfiles de foliões de Bebedouro em direção ao centro da cidade.

Major Bonifácio com seu grupo carnavalesco na década de 1930

O Major da Folia contribuiu para a abertura da festividade ao povo, embora jamais pudesse promover um cenário de igualdades. A força desse carnaval está ligada, inclusive, à distribuição territorial da baixa renda em Maceió e à forma como a sociedade sempre se organizou.

(*) Especial para a Revista Graciliano Nº 20

Corso na Rua do Comércio em um domingo de carnaval (1958)

Desfile de carros no bloco Banho de Mar à Fantasia na Avenida da Paz nos anos 1960

NO TEMPO DO CORSO

Na capital e nas principais cidades do interior, o corso (desfile de carros) era um momento triunfal de representação dessa elite. Carros e caminhões tomavam conta das ruas, num tempo em que era possível distinguir os donos ou famílias às quais pertenciam boa parte dos veículos que trafegam nessas localidades.

Com o aumento do número de automóveis e da participação das famílias remediadas, que passaram a alugá-los para o cortejo, a rua foi ficando cada vez mais anônima e desinteressante para o espetáculo do corso, tornando-o inviável pela forma como a urbanização se instalava.

FESTA NO INTERIOR

O historiador Douglas Apratto Tenório relata que, no interior, as praças aglutinavam foliões, muitos deles filiados a agremiações que saíam em cortejos nos quais festa e rivalidade fundiam-se em disputas acirradas pelo maior número de participantes, animação, refinamento e originalidade das fantasias. "Blocos e clubes procuravam ampliar os seus espaços, ganhar novos entusiastas, subindo assim na cotação do povo. Para isso era necessário inovar, ter bons músicos e marchas impactantes. Existia um investimento pessoal daqueles que se interessavam por brincar o carnaval", enfatiza Apratto.

VOCÊ SABIA?

O tradicional banho de mar a fantasia que, durante décadas, movimentou a Praia da Avenida sinalizava para uma flexibilização na ocupação do espaço, com uma grande participação dos foliões pobres.

Assim como ocorreu com o corso, o banho de mar dos mascarados passa a não interessar mais como um evento do

calendário formal. A saída da elite esvazia a prática que, aos poucos, deixa de existir, abrindo caminho para o chamado "carnaval fora de época".

OS MENINOS DA ALBÂNIA

O bloco Meninos da Albânia, oficialmente fundado no dia 15 de novembro de 1985, surgiu após Djalma Falcão ser eleito prefeito de Maceió naquele ano. A agremiação surgiu de uma brincadeira tirada pelos jornalistas do PCdoB que foi pega pelo pé pelo radialista Edécio Lopes, que tanto insistiu, em seu programa Manhãs Brasileiras, que o bloco de fato existiria, que o dito cujo passou a existir.

Em seguida à fundação dos Meninos da Albânia, ocorreu a formação de vários outros blocos (integrados basicamente pela classe média), como Gela-Guela, Tutti-Fruti e Caveira, usando trios elétricos. O bloco Pó de Giz, puxado pela Banda da Escola Técnica Federal, ressurgiu, em 1987, como reafirmação do frevo de rua. E, mais tarde, os jornalistas fundariam o Filhos da Pauta.

Chico de Assis foi porta-bandeira do Meninos da Albânia por muitos anos

Plínio Nicácio

Meninos da Albânia na Pajuçara (1987)

Filhos da Pauta leva frevo e homenagem aos jornalistas para as ruas

Plínio Nicácio

Pó de Giz

Sue Chamusca

O famoso baile dos Seresteiros da Pitanguinha

A ESTRELA DOS FILHINHOS DA MAMÃE

Um dos blocos mais animados do carnaval de Maceió, o Filhinhos da Mamãe foi fundado em 1983 por artistas e intelectuais inspirados na peça *Estrela Radiosa* (1982), de Ronaldo de Andrade, com a Companhia Teatral Comédia Alagoense.

SERESTEIROS DA PITANGUINHA: BLOCO E BAILE NO CARNAVAL

Desde 1994, músicos, cantores e boêmios do coletivo Seresteiros da Pitanguinha reúnem-se e desfilam no bairro. O encantamento provocado pela harmonia e pelas belas canções da música popular brasileira fez do grupo um patrimônio cultural de Alagoas. Em 2000, os integrantes ampliaram o repertório, e com o Bloco Carnavalesco Seresteiros da Pitanguinha desfilaram em Jaraguá. Desde 2004, o grupo realiza o concorrido Baile de Máscaras Seresteiros da Pitanguinha, com repertório de frevos e marchinhas.

Troça carnavalesca em Maceió nos anos 1950

ESSAS PECINHAS

Há 35 anos, Júnior Popó contou com tanto entusiasmo o que viu no Bloco Virgens de Olinda, que cerca de 10 amigos reunidos na casa de Ednaldo Vasconcelos (Dinho) resolveram fazer o mesmo. De forma pioneira, os marmanjos saíram vestidos como mulheres numa troça pela Pajuçara, e foi uma alegria só!

De acordo com Dinho, foi o primeiro bloco a desfilar na orla da Pajuçara, alternando a brincadeira com as passagens das Escolas de Samba Jangadeiros Alagoanos e Unidos do Poço.

O que é que o cinema tem?

Por Cíntia Ribeiro (*)

O crítico de cinema Elinaldo Barros cita em seu livro *Panorama do Cinema Alagoano* o documentário *Carnaval* (1921), de Guilherme Rogato, como o único registro sobre o tema realizado no início do século passado. "Na década de 1970, temos Folias de Carnaval de Alagoas e Folguedos Carnavalescos de Alagoas (José

Maria Tenório Rocha) e Alegrando (Celso Brandão). Em 2012, Celso retoma a temática com o filme *Bobos de Tatuamunha.* A cronologia da produção audiovisual focada no carnaval é feita pelo cineasta e pesquisador Pedro Rocha.

Ele conta que o trabalho com os pesquisadores Ranilson França, José Maria Tenório Rocha e Luiz Gonzaga Barroso Filho despertou seu interesse pela temática carnavalesca. Em 1988, com uma câmera VHS amadora, o cineasta captou os primeiros registros sobre figuras da cultura popular e do folclore alagoano. Nessa época conheceu o folião Pedro Tarzan, já famoso pela criatividade das fantasias com as quais desfilava pelas ruas de Maceió desde os primeiros anos da década de 1950. Surgem daí a ideia e a realização, em 2004, do curta-metragem *Memórias de um Herói de Carnaval*. No mesmo ano, foi produzido *Carnaval Temperatura*, um registro importante sobre a trajetória do maestro de frevos arapiraquense Jovelino Lima, que não só montou uma orquestra de frevo em pleno Agreste alagoano, como foi aclamado por grandes nomes do gênero, como os pernambucanos Lourival de Oliveira e Nelson Ferreira, enfatiza Rocha.

Em 2013, rodou *Marcial Arretado!*, que conta a história de um dos fundadores do bloco Pinto da Madrugada, Marcial Lima. Em 2014 foi lançado o documentário *Mamãe Yes!*, sobre o bloco Filhinhos da Mamãe, a estreia de Vera Rocha Oliveira na direção. Em arquivo, a dupla tem material captado em alta definição para um futuro filme centrado no bloco Pinto da Madrugada.

(*) Especial para a Revista Graciliano Nº 20

UM VULCÃO NA FOLIA

Considerado o mais antigo bloco que ainda desfila em Maceió, o Vulcão foi fundado em 1936 por Isaac Galvão Cruz, José Francelino Teixeira e outros militares músicos da PM, para atender aos policiais que, por trabalharem durante o carnaval, necessitavam de um momento de descontração após as festas momescas.

OUTROS CARNAVAIS, OUTROS BLOCOS GENIAIS

Também fizeram história no carnaval de Maceió os blocos Daqui não saio (fundado em 1952 por Augusto Joaquim da Silva), Cara Dura, Vou Botar Fora, Amigo da Onça, Tudo ou Nada, o bloco Vareta de Aço, entre outros. Uma prova de que o tempo não resiste à farra de Momo, o Pitanguinha Vai à Lua (fundado pelo militar Marcos Marques há 38 anos) ainda alegra o carnaval de Maceió.

O CAMPEÃO SAI NA FRENTE

O saudoso maestro Manuel Tenório de Moura, o Manezinho, militar da reforma, ao lado dos amigos Lourival e Edvaldo, marcou época ao criar, no Prado, no início da década de 1940, o bloco Sai da Frente. Ele tinha apenas 11 anos quando o primeiro estandarte foi feito com um pedaço de uma saia de sua avó. O bloco recebeu 32 títulos de campeão do carnaval de rua da cidade. O maestro Manezinho morreu em 21 de outubro de 2013 e, no velório, uma fanfarra, membros do bloco e amigos fizeram um pequeno carnaval no Cemitério da Piedade.

Sururu da Nega, mais que um bloco, um hino de carnaval

BONECOS DA CIDADE E SEUS PERSONAGENS

O que, no início, era um time de futebol se tornou uma escola de samba mirim em 1987 e, um ano depois, desfilou como o bloco Bonecos da Cidade, na Ponta da Terra. Foi fundado por Manuel Feitosa Neto, o seu Netinho. Dali surgiram personagens maravilhosos (e gigantes!), como Xandoquinha, Zé Lindo, Dona Xôxa, Dona Filó, Zé Bonito, Zé Lindo, Seu Cachaça, Dona Cultura e Tico e Teco, que contagiaram o povo e logo estavam desfilando na Pajuçara, atraindo muitos foliões. A

Blocos de carnaval já tomavam as ruas do Jaraguá nos anos 1950

Março

Março

Março

M

DIA 1º

José Antônio Saraiva, o provinciano

José Antônio Saraiva

Em 1º de março de 1823 nascia, na Bahia, José Antônio Saraiva, 24º presidente da Província das Alagoas. Ele foi nomeado em 27 de agosto de 1853 e permaneceu no governo até 26 de abril de 1854. Antes de governar a província alagoana, Saraiva presidiu a do Piauí. Depois as de São Paulo e Pernambuco.

José Antônio Saraiva elevou Pão de Açúcar de fazenda à vila em 1854, desmembrando-a de Mata Grande.

ESCUTE UM BOM CONSELHO

Foi de sua autoria, enquanto presidente do Conselho de Ministros, a Lei Saraiva ou Lei do Censo, que introduziu o voto direto nas eleições de todo reino e determinava a realização de um censo para alistamento dos eleitores, sancionada pelo imperador D. Pedro II em 9 de janeiro de 1881.

LIBERDADE AINDA QUE TARDIA

É de Saraiva também a Lei do Sexagenário, de 1885, que concedia liberdade aos escravos que tivessem mais de 65 anos. A

SAIBA MAIS

A Avenida da Paz, em Jaraguá, já foi denominada Rua do Conselheiro Saraiva, ou, popularmente, Rua do Saraiva.

Genésio Miranda da Silva, o primeiro cacique Jeripankó

Pioneirismo de Genésio Miranda reconhecido em Alagoas

Genésio Miranda da Silva nasceu no dia 1º de março de 1930 e era descendente dos Pankararu do Brejo dos Padres (PE). Tornou-se o primeiro cacique do povo Jeripankó nos idos de 1980, com apoio das lideranças do tronco Pankararu e o cacique Manoel Selestino (Xucuru-Kariri), atuando pelo reconhecimento étnico dos Jeripankó no município de Pariconha.

Gilberto Geraldo Ferreira, em *Memórias de formação de um 'cacique' indígena* (SBHE, 2008), explica como os laços de

parentesco e contatos com os Pankararu foram determinantes para as conquistas dos Jeripankó: "A proposta seria para um reconhecimento como um povo descendente dos Pankararu por ter uma organicidade própria e assim seria para ter uma identidade também própria, com um nome próprio, mesmo que derivado do tronco Pankararu, nome este que veio a ser Jiripancó, que já havia pertencido aos seus antepassados, ligados a história dos Pankararu".

DIA 2

O Semeador — Religiosamente pontual

O NÚMERO UM, INÍCIO DE UMA HISTÓRIA
O SEMEADOR
O Semeador
No Lágo de Genesareth
EVANGELHO DO DIA
S. JOÃO VI

A Arquidiocese de Maceió lança, em 1913, o periódico católico O Semeador, o primeiro jornal católico do Brasil e o mais antigo jornal de Alagoas ainda em circulação. Para criá-lo, o então bispo de Alagoas dom Manoel Antônio de Oliveira Lopes (1911-1922) ordenou os sacerdotes Antônio José de Cerqueira Valente, Luiz Barbosa e Franklin de Lima que produzissem um jornal diário de orientação católica, mas distribuído para toda a sociedade alagoana. Em 1969, a publicação passou a ser semanal e tornou-se quinzenal em 1982.

"Na história de O Semeador, observa-se a presença dessas três figuras que foram imprescindíveis para o seu desenvolvimento, os quais se mostraram ousados na realização de um trabalho jornalístico, mesmo sem a devida formatação para a efetivação e elaboração do jornal", lembram os pesquisadores Eduardo Tadeu Lopes da Silva e Ricardo José Oliveira Ferro.

Bispo Manoel Antônio de Oliveira

CURIOSIDADE

Quando começou a circular, a redação de O Semeador era nos fundos da Catedral de Maceió, onde o monsenhor Valente buscava fazer com que o informativo pudesse levar as informações de interesse da comunidade católica. Na impossibilidade de ter repórteres, eram os próprios sacerdotes que colhiam as notícias da "boca dos outros".

ANOTE

O Syndicato — Jornalismo engajado

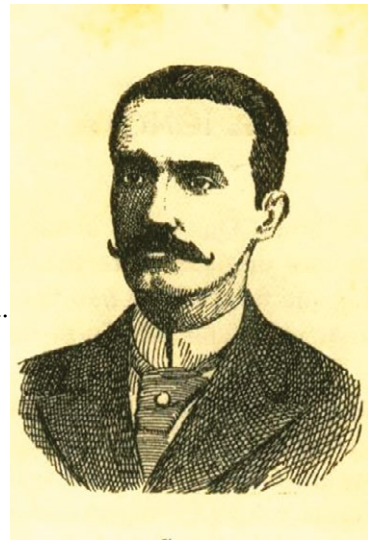
O Sindicato dos Gráficos Alagoanos lança, em 1912, o primeiro número de O Syndicato, periódico mensal dirigido pelo jornalista Bernardes Júnior. A partir do dia 3 de julho, o periódico passaria a ser publicado semanalmente. A

DIA 3

Cyridião Durval — O abraço do maestro

Teatro Santa Isabel, no Recife (PE). Junho de 1881. Da "torrinha" do teatro, um jovem estudante de Direito recita uma ode ao maestro Antônio Carlos Gomes, depois de assistir à apresentação de *Salvador Rosa* — a quinta ópera do compositor brasileiro. Emocionado, o maestro sobe as escadarias e, abraçando o franzino estudante, o ergue e o beija na testa. Começava a aparecer ali para o público a oratória de Cyridião Durval, que se destacaria como poeta, professor, magistrado e advogado.

Filho de Rogério José de Santana e Teotônia Durval de Santana, Cyridião Durval nasceu em Tatuamunha, distrito de Porto de Pedras, no dia 3 de março de 1860. Diplomou-se em Direito pela Faculdade do Recife em 1885 e contribuiu como redator, ainda durante o curso, para a Revista de Pernambuco e A República, órgão do Clube Republicano Acadêmico.



Cyridião Durval: poeta e professor

HOMEM MÚLTIPLO

Aprendeu as primeiras letras ainda em Tatuamunha, com um professor de escola pública. Entusiasmados com a vivacidade do filho, os pais enfrentaram todas as dificuldades e mandaram-no para o Colégio Santo Amaro, no Recife (PE), onde ficou internado, transferindo-se mais tarde para o Ginásio

Provincial. Terminou o curso de Humanidades em 1881. Era o início de uma longa e duradoura jornada.

Em fevereiro de 1886, começou sua carreira como promotor público de Ilhéus. Em 1887 pede remoção para Vila Nova da Rainha, no Sertão. Foi, também, juiz substituto seccional, delegado do Poder Legislativo do Tribunal de Conflitos e professor da Faculdade de Direito Administrativo. Faleceu no dia 17 de agosto de 1895, no interior baiano, vítima de tuberculose.

PARA SABER MAIS

- BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. Diccionário Bibliographico Brasileiro. Rio de Janeiro. Conselho Federal de Cultura, 1970.
- BARROS, Francisco Reinaldo Amorim de. ABC das Alagoas – Dicionário Bibliográfico, Histórico e Geográfico de Alagoas. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005.
- www.brasiliana.usp.br

Jornal A República — Os ideais republicanos

No dia 3 de março de 1872, surgia em Maceió o jornal A República, autointitulado "Jornal da Democracia". Fundado por João Gomes Ribeiro, era veiculado às quintas e aos domingos e nasceu como propaganda republicana, o primeiro do gênero em Alagoas.

Seu fundador e principal colaborador foi nomeado pelo Governo Provisório da República, em 11 de outubro de 1890, governador do estado do Rio Grande do Norte, onde fez curta administração por ter-se incompatibilizado desde logo com os diretores da política local.

O PAI DA IDEIA

João Gomes Ribeiro nasceu em 29 de fevereiro de 1840, em Laranjeiras (SE), e faleceu em Maceió em 26 de outubro de 1897.

Bacharelado pela Faculdade de Direito do Recife (PE) em 27 de novembro de 1862, iniciou-se na vida pública como promotor da comarca de Lagarto (SE). Em Maceió, foi lente substituto do Liceu, em 1869, promotor público, delegado de polícia, lente de Filosofia do Liceu em 1881, aposentado em 1890; diretor da Instrução Pública em 1890, advogado da Intendência Municipal e membro da Comissão do Orçamento do Estado no governo do coronel Pedro Paulino da Fonseca. A

PARA SABER MAIS

CASCUDO, Luís da Câmara. Governo do Rio Grande do Norte. Mossoró-RN: Coleção Mossorense, série "C", volume DXXXI, 1989.

DIA 4

Fábrica Alexandria — Entre linhas

Na manhã do dia 4 de março de 1912, o diretor do Jornal de Alagoas Luís Magalhães da Silveira recebeu na redação do periódico um pacote de linhas com 160 novelos. Junto com o presente, um texto assinado pela direção da Fábrica Alexandria: "Produto puramente nacional e que se propôs fazer concorrência com o similar inglês, tendo sobre este a vantagem de se prestar a coser a máquina, o que não (acontece) com a linha inglesa em novelos".

Fábrica pioneira na produção de linhas no Estado

A empresa havia sido inaugurada oficialmente naquela data, e o orgulho tinha razão de ser. A fábrica, localizada no Bom Parto, na capital alagoana, era a primeira a produzir linhas de coser no Estado — antecedendo

a inaugurada por Delmiro Gouveia em 1914, no então povoado da Pedra. A fábrica empregava centenas de trabalhadores e funcionava em três turnos. Em 1916, substituiu o fabrico de linhas pelo de tecido. Encerrou suas atividades em 1966.

ESPORTE CLUBE ALEXANDRIA

Você sabia que a Fábrica Alexandria tinha um time de futebol que chegou a conquistar o título de Campeão Alagoano em 1947, disputando com seis equipes, entre elas o Centro Sportivo Alagoano e o Clube de Regatas Brasil? Embora só tenha começado a disputar o Campeonato Alagoano em 1937, a equipe fabril foi fundada no dia 21 de novembro de 1935 e chegou a participar de oito edições do campeonato profissional de Alagoas. Sua última disputa aconteceu em 1954.

DIA 5

Alagoas: aptidão para os desafios do desenvolvimento

Jornal de Serviços. Maceió, 5 de março 1973

#MEMÓRIADAIMPRENSA

Cento e vinte páginas de novos e bombásticos depoimentos que o inocentariam no júri, não foram consideradas pela justiça da Guanabara. Ao lado do repórter Alves Damasceno, o tenente Bandeira repassa todo aquele esforço dispendido em vão.

Governador Afrânio Lages dinamiza as obras de infra-estrutura, visando a melhoria das condições para ativar o fluxo de negócios e tornar mais atraentes os apelos de investimento do Estado.

DIA 6

José Aldo Ivo, Jornalismo Futebol Clube

Você sabia que o jornalista José Aldo Ivo foi o mais longevo profissional em atividade no Estado de Alagoas? Durante 67 anos, ele exerceu o jornalismo e lutou, como presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de Alagoas (Sindjornal) — instituição que ajudou a fundar —, pela implantação do curso de Jornalismo na Universidade Federal de Alagoas (Ufal), no fim dos anos 1970.

Pioneiro no jornalismo esportivo alagoano, Aldo Ivo começou o ofício ainda na adolescência e fez carreira na crônica esportiva no hoje extinto Jornal de Alagoas. Morreu aos 84 anos, por insuficiência cardíaca.

Aldo Ivo, 67 anos de jornalismo

A ESTRELA SOBE

Era 1976, e o Botafogo ia jogar em Maceió. Torcedor fanático do clube carioca, o então governador Divaldo Suruagy recebeu uma bandeira autografada. Pouco titubeou. Chamou o jornalista Aldo Ivo e lhe disse: "Só conheço uma pessoa mais botafoguense que eu", dando-lhe de presente o artefato. Apesar da predileção declarada pelo Botafogo, nem os cinco filhos de Aldo Ivo sabiam se ele torcia para o CRB ou CSA, times locais, segredo que mantinha a sete chaves. A bandeira autografada do time da Estrela Solitária envolveu seu caixão. A

Fonte: Folha de São Paulo, edição de 10 de março de 2017.

Edward Guy Paton — O dono da bola

Você sabia que o Jaraguá Tênis Clube surgiu da necessidade de um gerente de banco praticar seu esporte favorito em Maceió?

Transferido para administrar o Bank of London & South America Limited em Alagoas, Edward Guy Paton sentiu a ausência de um clube de tênis na cidade. Conversando com os colegas de trabalho Cláudio Broad, Edgard Monteiro, Sydney Fellows e Walter Cox, além de amigos como Artur Goulart, Elinar H. Johansen, Kenneth Courage Macray, Philip Nicholls e Robert W.B. Paterson, o gerente expôs-lhes os planos da fundação de um clube de tênis.

A ideia foi bem recebida pelo grupo, e em 1922 era inaugurado o Jaraguá Lawn Tennis Club. O nome seria mudado definitivamente para Jaraguá Tênis Clube no início da década de 1940.

Edward Guy Paton

O BANQUEIRO INFLUENTE

Não foi difícil para Edward Guy Paton conseguir o financiamento para a construção do "seu clube particular de tênis".

Instalado no número 608 da Rua Sá e Albuquerque, onde o cheiro doce de açúcar invadia as janelas das várias

instituições financeiras existentes no lugar, o Bank of London & South America Limited era a mais rica instituição bancária de Alagoas na época. Paton angariou doações de várias empresas, principalmente as inglesas, comprando então um terreno na Estrada Nova — atual Avenida Comendador Leão —, onde o clube foi construído.

Nasce a Escola de Ciências Médicas

A Escola de Ciências Médicas de Alagoas (Ecmal) — atualmente Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (Uncisal) — foi criada em 1968, com o curso de Medicina, que foi reconhecido pelo Decreto 73.754, de 6 de março de 1974. O projeto técnico possibilitando o reconhecimento do curso foi elaborado pelo então secretário estadual de Educação, Ib Gatto Falcão, que veio a ser o primeiro diretor da instituição.

Escola de Ciências Médicas de Alagoas (Ecmal)

MOBILIZAÇÃO

A criação da instituição ocorreu após uma mobilização feita pelos estudantes excedentes do curso de Medicina da Universidade Federal de Alagoas (Ufal). O movimento tinha à frente os presidentes do DCE, Djacir Pereira, e do Diretório Acadêmico, Rui Gameleira Vaz, além dos estudantes Sérgio da Hora, Roberto Lima e Carlos Augusto Morais.

O prédio para abrigar a escola foi construído no Trapiche da Barra. Houve reforma no Hospital José Carneiro e na Maternidade Santa Mônica, que foram adaptados para o ensino médico.

DIA 7

Bons Bocados

Mêdo...

Gutenberg. Maceió, 7 de março de 1896

#MEMÓRIADAIMPRENSA

GUTENBERG

De todas as moléstias que perseguem a humanidade, a mais vulgar e a menos curável é o mêdo.

O medo é verdadeiramente uma molestia cerebral, uma espécie de monomania que se origina da história dos lobisomens e phantasmas contadas á infância e se transforma em um pavor inconsciente, que se manifesta no homem mais instruído quando passa a noite deante de um cemitério ou vai dormir no quarto em que morreu um amigo...

Tem medo de almas, outros de ladrões, uns tem medo de morrer de febre amarela, outros medo de morrer afogado.

Morrer de medo! (...)

Morrer de medo, quando outros morrem de coragem, dê valor e patriotismo é um verdadeiro suicídio moral...

Mr. Caustique A

Lagoa Manguaba

DIA 8

Onde há lagoas

A Vila das Alagoas — atual Marechal Deodoro — foi elevada à condição de cidade em 8 de março de 1823. Seu território, a princípio, abrangia os atuais municípios de Pilar, Maceió, Rio Largo, Murici, União dos Palmares, São José da Laje, Atalaia, Capela, Viçosa, Palmeira dos Índios, Quebrangulo, São Miguel dos Campos, Coruripe e parte dos municípios de São Luís do Quitunde, Anadia e Limoeiro. Nessa paisagem se fixou oficialmente a base

da sociedade alagoana da época, e a via lagunar virou corredor de exportação do açúcar, fazendo da vila a capital da comarca – depois província – desde a Emancipação Política de Alagoas, em 1817.

Marechal reúne um dos principais sítios arquitetônicos de Alagoas

A MUDANÇA DO COFRE

Em 1839, o então presidente da província, Agostinho da Silva Neves, decidiu pela mudança de capital, e a reação dos que defendiam Alagoas do Sul foi imediata. O major Manoel Mendes da Fonseca, pai de Marechal Deodoro, e o tribuno José Tavares Bastos lideraram a rebelião. O presidente preso foi forçado a renunciar. Depois de muita negociação, foi liberado pelos revoltosos e, do Porto dos Franceses, embarcou com destino à capital do Império.

Liderados por João Lins Vieira (futuro Visconde de Sinimbu), os partidários da mudança interceptaram o navio e reempossaram o presidente da província com todas as honras em Maceió. Os rebeldes, logo depois, depuseram as armas e se entregaram. A

VOCÊ SABIA?

O nome Alagoas vem da antiga grafia portuguesa, na qual se escrevia "alagoa" e não "lagoa". As muitas lagoas da região definiram, desde muito cedo, a denominação da área como "terra das alagoas".

PARA SABER MAIS

TENÓRIO, Douglas Apratto; CAMPOS, Rochana; PÉRICLES, Cícero. Enciclopédia dos Municípios Alagoanos — revista e ampliada. Maceió: Instituto Arnon de Mello, 2006.

Luiz Saraiva dos Santos — O rei do improviso

Músico era conhecido como Saraiva

Instrumentista. Sax soprano. Compositor. Luiz Saraiva dos Santos, o Saraiva, nasceu em Belo Monte, no dia 8 de março de 1929. Seu pai o fez estudar música e mecânica, o mesmo ocorrendo a seus irmãos. Morou em Belo Monte até os 14 anos de idade, onde cursou o primário e o ginasial. Seu instrumento preferido sempre foi o saxofone, tocado desde os 8 anos de idade.

Mudou-se para a cidade de Santos, litoral de São Paulo, onde continuou estudando música. Residindo com seu irmão Paulino Saraiva, esse um exímio clarinetista, tocava com ele em bailes e festas em casa de amigos.

Ingressou na Companhia Docas de Santos como soldador, onde permaneceu até se aposentar.

Foi proprietário de uma casa de shows na cidade de Santos chamada "Recanto do Saraiva", sempre lotada por visitantes locais e de outras regiões do país.

Ao longo da carreira gravou cerca de 19 LPs, além de coletâneas de sucessos, pelas gravadoras Copacabana, Continental, CBS, Beverly e Japoti. Foi autor de mais de 90 músicas. Recebeu o título de "Rei do sax soprano". A

PRINCIPAIS SUCESSOS

- A Bossa na Bahia – com J. Luna
- A Natureza – com J. Luna
- À Procura de Você – com Edu Aldi
- Acompanhe Se Puder
- Aguenta, Felipe – com Nascim Filho
- Alegria de Campeões – com Jair Gonçalves
- Ana, Sempre Te Amei – com J. Luna
- Balanço da Mulata – com Teixeira Filho
- Bodas de Ouro – com Alfredo Celso
- Caserna em Festa – com Norberto de Freitas

- Célio no Baião – com Nairson Menezes
- Chapéu de Couro – com Waldemir Farias
- Chora, Violão – com Milton José
- Chorando Por Ti
- Chorei Por Você – com Nairson Menezes
- Confusão no Baião – com R. Caruso
- Coração de Mulher – com Gentil da Silva
- Coração Sem Amor – com Teixeira Filho
- Corintiano– com Palmeira
- Cuidado, Motorista – com Dilmar Parrela

Sucessos conhecidos no Brasil

DIA 9

Atuação de grande destaque dos soldados brasileiros

Gazeta de Alagoas. Maceió, 9 de março de 1945

#MEMÓRIADAIMPRENSA

Ao Brasil

Q. G. ALIADO NA ITÁLIA, 8 (Desbond Tighe, da R.) - Tropas do V Exército, entre elas as galhardas forças brasileiras, registraram um grande êxito com o avanço de oito quilômetros que realizaram nesses últimos três dias através de acidentado terreno montanhoso entre o Reno Superior e o Vale do Panaro, fazendo mais de 1200 prisioneiros e capturando importantes posições elevadas que barravam o caminho para Moderna. Entre os prisioneiros figura o comandante de um batalhão alemão, capturado com todo seu estado maior.

As tropas brasileiras têm atuado com especial destaque e brilhantismo nas operações ofensivas desses últimos dias. A

GAZETA DE ALAGOAS

Os norte-americanos atravessaram o Reno

Atuação de grande destaque dos soldados brasileiros

Carece de fundamento a notícia sôbre a reunião de generais

Mandalay ocupada pelas tropas inglesas e indianas

Correias para transmissão «Goodyear» Planas e Tipo V

Gonçalves, Luz & Cia. Ltda.

DIA 10

Faroeste caboclo na Praça dos Martírios

Euclides Malta

10 de março de 1912. Praça Floriano Peixoto (Praça dos Martírios). Fim de tarde. Diante do Palácio do Governo, o poeta e bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais Bráulio Cavalcante é um dos mais entusiasmados na manifestação organizada pelo Partido Democrata contra o governador Euclides Malta.

O jovem orador tinha acabado de percorrer com outros manifestantes várias ruas de Maceió, entre elas a do Livramento, Praça Deodoro, Rua do Macena, Augusta e Rua do Comércio, até chegar à concentração na praça, onde se encontrava a estátua de Floriano Peixoto.

A polícia havia sido chamada para conter os ânimos, e antes havia desarmado o jovem Bráulio.

O tenente paraibano João das Neves Lima Brayner, que havia chegado a Alagoas em fevereiro daquele ano, na condição de assistente do general Olympio de Carvalho Fonseca, é chamado ao local. Termina seu jantar no Hotel Nova-Cintra, na Rua do Sol, e vai até a praça, onde tenta inibir as manifestações. Os ânimos se acirram. Bráulio

contesta as ordens e inicia uma discussão com o tenente, que ameaça acabar com os protestos à bala e dá ordem de prisão contra o líder.

Há um início de tumulto. Um dos policiais dispara contra o poeta. Seguem-se outros tiros, que acabariam atingindo também o tenente Brayner. Os manifestantes se dispersam, mas ao fim do conflito, Bráulio estava aparentemente morto. O militar faleceu dois dias depois, 12 de março.

Natural de Pão de Açúcar, onde nasceu em 14 de março de 1887, Bráulio Cavalcante morreria a quatro dias de seu aniversário. A

VOCÊ SABIA?

A Praça Montepio dos Artistas se chama, na verdade, Praça Bráulio Cavalcante. O busto do poeta discursando, instalado na praça, é do escultor carioca Eduardo de Sá.

PARA SABER MAIS

AMORIM, Etevaldo A. Bráulio x Brayner – A pena e a Espada. Revista do Arquivo Público de Alagoas, Nº 2, dezembro/2012, p. 127.

Homofobia matou Renildo José dos Santos

O vereador Renildo José dos Santos foi assassinado a tiros na noite de 10 de março de 1993. O crime, marcado por requintes de crueldade, entrou para história do ativismo contra a LGBTfobia em Alagoas. Vítima de tortura e decapitação, Renildo era vereador no município de Coqueiro Seco.

Antes de ser assassinado, foi vítima de outro atentado a tiros. Chegou a denunciar a tentativa de homicídio à Comissão de Direitos Humanos da ONU. Relatos da época dão conta de que a orientação sexual de Renildo,

Morte de Renildo marca a intolerância de gênero em Alagoas

homossexual assumido, provocou revolta em alguns membros da Câmara Municipal, onde chegou a ser impedido de entrar. O assassinato inserido no campo da violência de gênero foi denunciado à Anistia Internacional.

PRÊMIO DE DIREITOS HUMANOS

Em 2001 o Grupo Gay de Alagoas e o Fórum Permanente Contra a Violência e a Articulação de Jovens instituíram o prêmio Renildo José dos Santos. São agraciadas pessoas que se destacam na luta pelos direitos humanos LGBTQIAP+.

DIA 11

Relógio Oficial — Uma notícia da hora

Em 1922, era inaugurado em Maceió o Relógio Oficial, monumento instalado na Rua do Comércio, no encontro com a Rua do Livramento – por um tempo chamada de Senador Mendonça. A obra foi uma realização do governador de Alagoas Fernandes Lima a pedido do capitão dos Portos Aníbal de Amaral Gama.

Comprado na joalheria carioca A Nacional, o equipamento

Equipamento instalado na Rua do Comércio

foi implantado sobre uma coluna de cimento armado, o que lhe valeu o apelido de "Pombal Oficial", dada a semelhança com uma casa de pombos. Funcionou até o dia 20 de agosto de 1936.

ENCONTRO MARCADO

Apesar de toda a pompa, o relógio ficaria à sombra do Café do Cupertino, que passaria a ser conhecido como Café Central. Funcionando no prédio em frente ao relógio, o lugar era frequentado por intelectuais como Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Alberto Passos Guimarães, José Auto, Valdemar Cavalcante, José Buarque de Holanda Ferreira e Aloísio Branco. A

O menino de Puxinanã: José Cândido da Silva

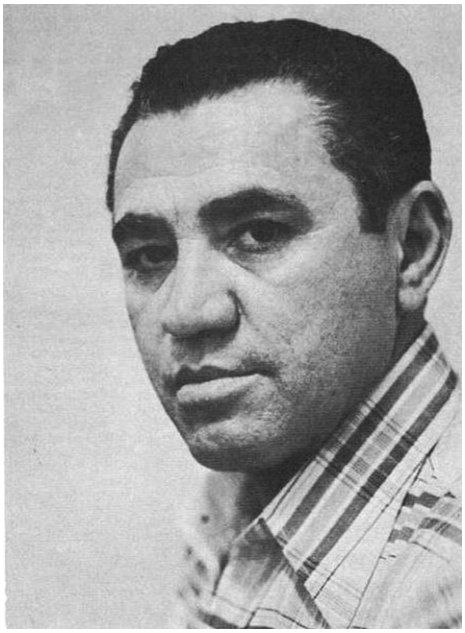
Coautor da música *Carcará*, que marcou o início da carreira da cantora Maria Bethânia e virou um dos símbolos musicais da resistência à ditadura militar, José Cândido da Silva nasceu no dia 11 de março de 1927, no Sítio Puxinanã, no município de Santana do Ipanema.

Aos 18 anos, mudou-se para Aracaju (SE), onde morou com um tio

e trabalhou como operário. Cinco anos depois, foi para o Rio de Janeiro, onde viveu quase 40 anos, tendo trabalhado 12 anos como condutor de bonde da Light.

Suas primeiras composições foram gravadas em 1955 pelo cantor potiguar Aldair Soares. Conhece João do Vale, com quem compõe, entre outras músicas, *Carcará*, celebrada na voz de Maria Bethânia no lendário show Opinião, em 1964.

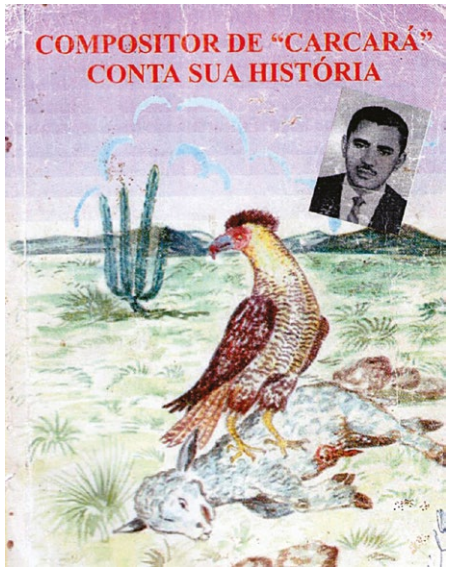
José Cândido da Silva



José Cândido teve mais de 80 composições gravadas, entre elas *O Cabelo da Boneca, Morena do Grotão, Pé do Lageiro* e *Ouricuri*.

Em 1989, já aposentado, José Cândido retornou a Santana do Ipanema e, em 1992, mudou-se para Aracaju, onde fixou residência. Em 1997, escreveu uma autobiografia, *O menino de Puxinanã*. Em 2001, publicou um segundo livro, o romance de cenário nordestino *O querubim*.

Morreu no dia 25 de fevereiro de 2008, aos 80 anos. A



DIA 12

O representante dos poetas populares: Rodolfo Coelho Cavalcante

Um dos mais representativos nomes da literatura de cordel, Rodolfo Coelho Cavalcante nasceu em Rio Largo no dia 12 de março de 1919. Filho dos operários fabris Arthur de Holanda Cavalcante e Maria Coelho Cavalcante, foi criado pelos avós maternos. Sua infância de menino pobre o fez trabalhar desde cedo. Nessa fase da vida, já tinha o hábito de improvisar versos, alguns deles cantarolados enquanto trabalhava.

Aos 17 anos, entra numa trupe de circo e percorre todo o Nordeste. Em 1945, instala-se em Salvador (BA), onde escreve suas histórias em verso e milita no jornalismo.

Realizou na Bahia, em 1955, o I Congresso Nacional de Trovadores e Violeiros. Fundou periódicos como a Voz do Trovador, O Trovador e Brasil Poético.

Morreu atropelado em frente à casa em que residia no bairro da Liberdade, em Salvador, no dia 7 de outubro de 1986. Pouco antes, havia enviado uma trova para o II Concurso de Trovas de Belém do Pará, que dizia: "Quando este mundo eu deixar / A ninguém direi adeus/ Dos poetas quero levar / Suas trovas para Deus". A

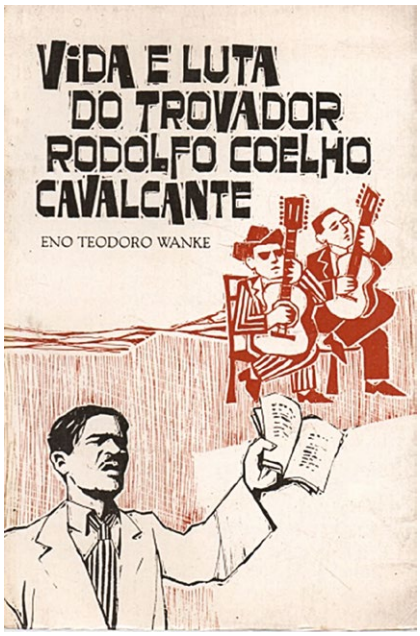
Rodolfo Coelho Cavalcante

LEIA

- Vida e Luta do Trovador Rodolfo Coelho Cavalcante: biografia. Eno Teodoro Wanke. Folha Carioca. 1983.
- A Presença de Rodolfo Coelho Cavalcante na Moderna Literatura de Cordel. Mark J. Curran. Nova Fronteira. 1987.

SAIBA MAIS

Foi membro-fundador da Associação de Imprensa Periódica da Bahia. Foi também tema de vários poetas e pesquisadores da literatura de cordel. Deixou mais 1.500 cordéis editados.



DIA 13

Emílio Elizeu de Maya — O petróleo é nosso

Em 1939, morria o poeta, jornalista, advogado e deputado federal atalaiense Emílio Elizeu de Maya, autor do relevante *O Brasil e o Drama do Petróleo* (José Olympio: Rio de Janeiro, 1938), que por muito tempo foi usado como bandeira nacionalista pelos que defendiam o petróleo brasileiro.

Emílio Elizeu de Maya

Sua posição em relação ao petróleo, ainda nos idos do fim da década de trinta, criou

especulações, lembraria muitos anos depois o ex-governador Divaldo Suruagy. "Seria Emílio um fanático radical de esquerda? Buscamos ainda em [José Fernando de] Maya Pedrosa a resposta a tais indagações: nem fanático, nem visionário, nem utópico. Emílio de Maya, avô de Tânia de Maya Pedrosa, foi, na verdade, um democrata autêntico, que levou ao debate público, através do livro, as posições assumidas na Câmara dos Deputados".

OBRA PÓSTUMA

Depois do falecimento de Emílio de Maya, José Fernando de Maya Pedrosa e Astrea Pedrosa resgataram a sua produção poética e a publicaram na obra *Pétalas Esparças* (Maceió: Printing Gráfica e Editora, 2000).

Educação, poesia e jornalismo: Martins Gomes

Manoel Martins Gomes, professor, poeta e jornalista, foi vítima de assassinato aos 53 anos, durante uma comemoração pelo resultado das eleições ao governo de Alagoas, que garantiu a vitória do general Gabino Besouro. O crime ocorreu no dia 13 de março de 1918, no município de São Brás.

Segundo informações de jornais daquela época, Martins Gomes teria sido apunhalado por um capanga do opositor de Gabino Besouro, que invadiu uma residência onde transcorria a comemoração. Outras três pessoas também teriam sido feridas, mas somente o professor veio a falecer.

Segundo o Family Search, Martins Gomes teria nascido em 1865, em São Brás. Foi casado com Luiza Maria das Dores.

Foi primeiro-secretário da Sociedade Club Literário, em

Maceió. Dirigiu o Ginásio Maceioense, estabelecimento de ensino aberto no dia 1º de setembro de 1886, na Rua Barão de Atalaia.

Foi redator dos jornais Correio do Penedo, em 1882, e Correio da Semana, em Maceió, em 1889. A

DIA 14

Pedra fundamental da Assembleia Legislativa de Alagoas

Sob a presidência de José Bento da Cunha Figueiredo Júnior, era lançada, em 1851, a pedra fundamental do prédio da atual Assembleia Legislativa de Alagoas, localizada na Praça Dom Pedro II, centro de Maceió. De início, o prédio era a sede da Assembleia Provincial e Casa da Tesouraria Provincial e da Mesa de Rendas Internas. A planta e a execução do prédio são do engenheiro civil José Pedro de Azevedo Schramback.

O JARDIM

O historiador Craveiro Costa conta que, ao assumir o governo do Estado, o comendador José Martins Pereira de Alencastro mandou construir um jardim em torno do palacete, considerado, de 1867 a 1880, um dos melhores logradouros públicos.

RESTAURAÇÃO

O prédio da Assembleia Legislativa passou pela primeira restauração em 1974, sob a orientação do arquiteto Pierre Chalita, que lhe preservou as características originais. A decoração é valorizada por cinco telas em óleo do próprio Pierre Chalita, inspiradas em assuntos históricos. A

VOCÊ SABIA?

A pedra fundamental da Assembleia Legislativa de Alagoas foi lançada para comemorar o aniversário de Dona Tereza Maria Cristina, a imperatriz do Brasil.

Afrânio Lages

Afrânio Salgado Lages nasceu em Maceió no dia 14 de março de 1911. Iniciou sua carreira política em 1935 como deputado federal. Antes de governar Alagoas, escolhido pelo presidente Emílio Garrastazu Médici, passou pela Assembleia Legislativa do Estado e pelo Senado Federal. Ficou no cargo de governador de 1971 a 1975.

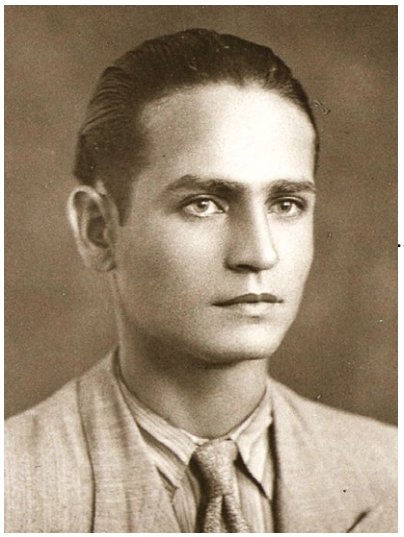
CURIOSIDADE

Em 1955, Afrânio Lages disputou as eleições para governador com Muniz Falcão. Lages era o candidato de Arnon de Mello, que na época chegou a dizer que elegeria até um poste. Muniz Falcão venceu com o dobro de votos de seu adversário.

Ex-governador fez parte da Ação Integralista Brasileira Alagoana.

DIA 15

Carlos Moliterno — O alfaiate das palavras



Moliterno, o poeta

Nasce, em 1912, o poeta alagoano Carlos Moliterno, que também foi jornalista, crítico literário e alfaiate, sua primeira profissão, iniciada aos 15 anos, numa época em que ainda não existia a indústria de roupas feitas.

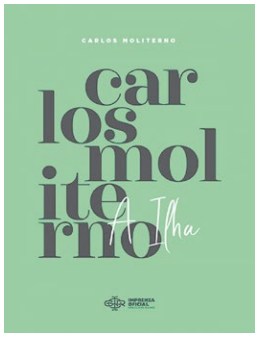
A GERAÇÃO DO PÓS-GUERRA

Filho de imigrantes italianos, Carlos Moliterno se interessou pela literatura desde cedo, quando começou a frequentar alfarrábios e livrarias em busca de matéria-prima para o que viria a ser o seu ofício.

A partir da década de 1940, com a chamada Geração de 45, Carlos Moliterno passaria a participar ativamente do movimento literário alagoano. *Desencontro*, seu primeiro livro — com forte influência parnasiana —, no entanto, só viria a ser publicado em 1953.

A ILHA

Lançada em 1969, *A Ilha* é considerada a obra mais importante de Carlos Moliterno. Formado por 59 sonetos, o livro já foi adaptado para o teatro e para o audiovisual, além de ter sido tema de várias teses universitárias. Segundo o próprio autor, a obra é "o melhor trabalho na opinião coruja de um poeta".



SAIBA MAIS

Carlos Moliterno foi presidente de Academia Alagoana de Letras por seis mandatos consecutivos, a partir de 1955, quando assumiu o destino das letras alagoanas pela primeira vez.

BOLA FORA?

Carlos Moliterno é autor do hino oficial de Maceió. Seu nome chegou a ser dado à rua onde morou, no bairro do Farol. Curiosamente, a Rua Carlos Moliterno, antes Rua Goiás, foi rebatizada com um terceiro nome.

Antônio Manoel de Castilho Brandão — O primeiro bispo

Nasce, em 1810, dom Antônio Manoel de Castilho Brandão, o primeiro alagoano a alcançar o episcopado, quando tomou posse, no dia 7 de setembro de 1894, como bispo do Pará. Natural de Mata Grande, dom Antônio Brandão seria transferido do Pará para Alagoas no dia 5 de junho de 1901, para tomar posse como primeiro bispo da diocese de Alagoas, criada em julho de 1900. A

Atalaia: sesmaria para os vencedores

Origem na época dos quilombos

Segundo historiadores, o município de Atalaia recebeu essa denominação por ter sido o local onde as forças que lutavam contra os Palmares ficavam de "atalaia". Outros acreditam que foi uma homenagem feita pelo rei de Portugal ao Visconde de Atalaia, fidalgo português muito amigo do rei Dom José I.

O início do povoado vem do século 17, época dos Quilombos, que chegou até a ser chamado Arraial dos Palmares. Coube a Domingos Jorge Velho abrir caminhos para as tropas por meio das matas. Quando a luta acabou, foram distribuídas sesmarias aos vencedores. A parte que coube a Jorge Velho se transformou no povoado de Atalaia, onde foi erguida a Capela de Nossa Senhora das Brotas. O povoado foi elevado à condição de cidade pelo decreto estadual nº 88, de 15 de março de 1891.

ATRAÇÕES

O Museu do Banguê, onde são colecionadas antigas e interessantes peças de engenhos, é uma das marcas da vida cultural na cidade.

Terra tradicional do pitu (camarão de água doce), Atalaia tem nas festividades sua marca. O destaque fica com a festa da padroeira Nossa Senhora das Brotas (2 de fevereiro). A

DIA 16

Ao extremo norte da Manguaba

Pilar é elevada à condição de cidade em 1872. O povoado começou a se formar em torno do engenho de José Mendonça Alarcão Ayala, que escolheu Nossa Senhora do Pilar como padroeira da igreja colonial de suas terras, daí a origem de seu nome. Em 1944, no entanto, a cidade passou a se chamar Manguaba por estar à margem da lagoa de mesmo nome. Cinco anos depois, voltou a ter sua denominação original.

O SUMIÇO DA SANTA

Agricultores da região encontraram uma imagem de Nossa Senhora em cima de um pilar. No dia seguinte, eles retiraram a santa e a levaram para uma capela próxima ao local do achado. Misteriosamente, a imagem sumiu da igreja e foi encontrada novamente no mesmo pilar do dia anterior. Isso se repetiu mais de uma vez, até que os colonos entenderam que deveriam formar um povoado às margens da lagoa.

ENQUANTO ISSO, LONGE DALI...

No mesmo dia em que Pilar ganhava o status de cidade, a cerca de 50km, o povoado de Murici era elevado à condição de vila pela Lei nº 626. Com o desmembramento da Vila da Imperatriz — hoje União dos Palmares — e a inauguração

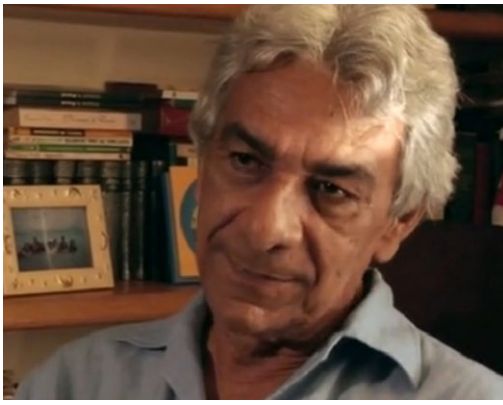
da linha férrea, a economia local foi impulsionada. Murici ganharia o status de cidade duas décadas depois.

A ferrovia fora pensada a partir de 1879, quando o Visconde de Sinimbu, então ministro dos Negócios da Agricultura, autoriza os estudos para a construção da via férrea de Maceió à Vila Imperatriz.

As obras começaram em 1882. Foram construídos 88km de trilhos saindo do centro de Maceió, seguindo pelo Vale do Mundaú até União dos Palmares. A ferrovia foi concluída em 1884, mas nos anos seguintes os trilhos foram prolongados até Viçosa. Logo depois, até São José da Laje, e, em seguida, a via férrea foi ligada à Estrada de Ferro Central de Pernambuco.

Jaci Bezerra — O guardador de memórias

Em Jaboatão dos Guararapes, Jaci Bezerra, alagoano natural de Murici, se juntava a Alberto da Cunha Melo, Raimundo Carrero, Maximiniano Campo e outros para formar o grupo literário Geração 65, movimento poético que agitou Recife e Olinda em 1964. José Jaci de Lima Bezerra nasceu em 1944, e sua infância em Alagoas foi tema de suas poesias.



Poeta nasceu em Murici

O pai tinha um cavalo luminoso
E cuidava das rosas do jardim
Porém seu coração não tinha pouso
E, por isso, ele foi um homem
Assim calado e só,
Talvez misterioso,
mesmo ao bordar estórias
para mim.
Dele herdei o silêncio
Em que me movo
E os meus pastos de antúrio
E de capim.

DIA 17

Maria Aline Sarmento – O traço memorável de uma caricaturista

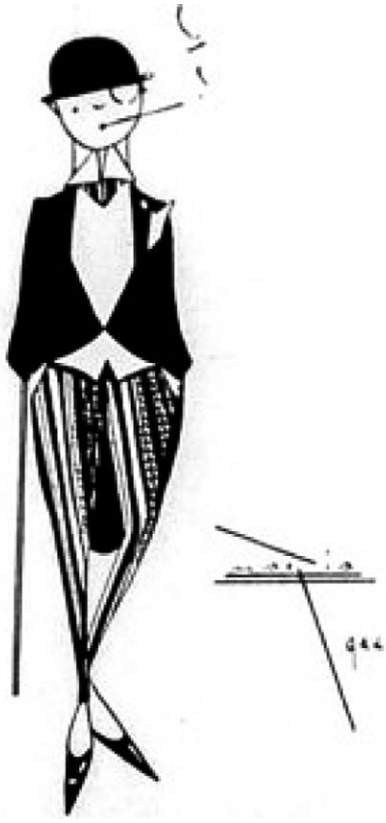
Maria Aline Sarmento

No dia 17 de março de 1923, Maria Aline Sarmento teve uma de suas caricaturas publicadas na Revista da Semana, de circulação nacional. Nascida em Maceió, ainda criança fazia colagens com fotos de revistas e, na juventude, ficou conhecida dos leitores do jornal O Bacural, publicação editada em Maceió de 29 outubro de 1921 a 21 março de 1931.

Em 1923, a revista Para Todos já reconhecia seu talento: "Antigamente, com treze anos, as meninas brincavam com bonecas. Hoje, a moda levou essa distração para pessoas mais velhas. Maria Aline Sarmento, que tem aquela idade, foi contra a moda. Tomou de um lápis, de uma folha de papel, pôs os olhos na gente que passava, e conseguiu, sem nenhum custo, uma coleção numerosa de bonecas e bonecos".

Ainda em 1923, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde continuou seu trabalho com ilustrações e realizou uma exposição de caricaturas no Salão dos Empregados do Comércio, em 4 de agosto de 1923.

Como registra Etevaldo Amorim em seu blog, ela também realizou uma badalada mostra em que exibiu caricaturas e paisagens decorativas na Maison Chile, em Recife, em março de 1930. No Rio de Janeiro, trabalhou no Ministério da Fazenda e também foi redatora de arte da Fon-Fon e diretora artística de A Esphera.



DIA 18

DIARIO OFFICIAL
Estado de Alagoas

Poder Executivo

Administração do Exmo. Sr. Dr. João Baptista Accioly Junior

O Exmo. Sr. Dr. Governador do Estado deu hontem os seguintes despachos: M.C. Franco, Agente do Lloyd Brazileiro, nesta cidade, solicitando o pagamento da quantia de 126$000; proveniente de passagens requisitadas pela Secretaria do Interior, conforme documentos juntos,.- Como requer.

DIA 19

Órgão do partido Republicano conservador

A Tribuna. 19 de março de 1911

#MEMÓRIADAIMPRENSA

A Tribuna
Orgão do Partido Republicano Conservador

Carta Urbana

Caríssimo Luiz Mascarenhas.

Pax'.

(...) E` periclitante a situação moral e juridica da família, cuja cellula genetriz, o casamento se desfibrina: enxurdando-se na vaza apostemal da prostituição, da polygamia.

Amisero-me do Infortúnio que devasta as famílias, emergente da crapula lovelaciana dos maridos hircinos, nascentes do parcimonioso de sacerdotes esmadrigados.

O artigo 284 do Código Penal, penso eu arrimado ao valor catedralesco de Barbalho e Gervásio Fioravante, mantem-se inabalável, cerbero que é da responsabilidade das famílias, da estabilidade dos lares(...).

Agite a questão abandonada a nossa representação, na Câmara Federal, acepilhando e brunindo o granito em que repousa o monumento Imortal da Família, o princípio vital do organismo social.

Guedes Miranda

DIA 20

Graciliano Ramos — "Ainda tenho muito amor pra dar"

Sentado na poltrona acolchoada por almofadas, Graciliano Ramos sofre. Desde o início de 1953, as dores provocadas pelo câncer no pulmão haviam se intensificado, fazendo com que já não saísse mais de casa. Passaria a maior parte do tempo ao lado da mulher, Heloísa. Ambos evitando falar da morte. "Não sei quem fingia mais, se ele ou eu", lembraria ela.

Graciliano Ramos

O escritor Dênis de Moraes, biógrafo de Graciliano, conta que no dia em que o marido deixou entrever que não queria morrer, Heloísa ainda assim teve forças para tentar contornar. "Ateu tem medo de morrer?", perguntou. "Não tenho medo", respondeu o escritor. "Mas é que ainda tenho tanto amor pra dar...".

A visita de amigos não aliviaria as dores, mas ajudava a enfrentar o tempo. "Tenho um tijolo aqui", confessaria, apontando o peito, à escritora Dinah Silveira de Queiroz. Numa visita que fez ao amigo, Otto Lara Rezende sairia do apartamento abalado. "A morte já lhe entrava portas adentro, vincava seu rosto e cortava seu fôlego. Mas ele pitava seu cigarrinho em paz, como se estivesse acima desse aborrecido limite da mortalidade", lembraria.

Na véspera de sua morte, já não conseguia se levantar da cama. "Estou liquidado", confessaria ao escritor e amigo Armando Fontes, que lhe visitara. "Às 5h35 de 20 de março de 1953, Graciliano cerraria os olhos para sempre, nas mãos de Heloísa", relembra Dênis de Moraes. Era o início da imortalidade.

O PREFEITO

Passado tanto tempo depois de sua morte, o escritor que se destacou ainda quando era prefeito de Palmeira dos Índios

— ocasião em que escreveu os dois famosos relatórios para o governador Álvaro Paes — segue gigante na literatura e na vida pública. Íntegro, sua administração à frente do Executivo municipal continua exemplo de boa conduta — orgulho para os alagoanos.

Mas a tarefa como prefeito não seria fácil. Menos de um mês à frente da prefeitura, Graciliano perceberia que o cargo era mais espinhoso do que ele imaginava. "Para os cargos de administração municipal escolhem de preferência os imbecis e os gatunos. Eu, que não sou gatuno, que tenho na cabeça uns parafusos de menos, mas não sou imbecil, não dou para o ofício e qualquer dia renuncio", confessaria em carta à Heloísa, no dia 4 de fevereiro de 1928.

Graciliano Ramos (Ilustração: Leo Villanova)

Rigoroso, enxugou gastos, cobrou impostos atrasados, extinguiu as isenções fiscais que beneficiavam grandes proprietários, comerciantes abastados e chefes políticos. Não poupou nem o pai, Sebastião Ramos, que foi multado por criar animais soltos pela cidade. "Prefeito não tem pai. Eu posso pagar sua multa. Mas terei que apreender seus animais toda vez que o senhor os deixar na rua", justificou Graciliano.

O ESCRITOR

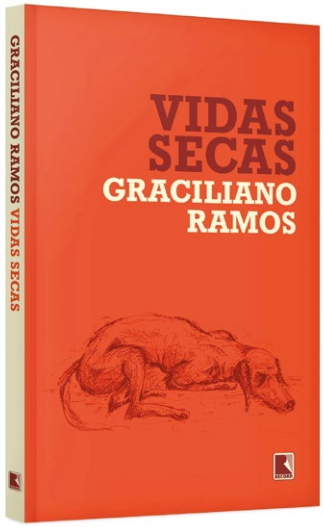
Se as realizações à frente da prefeitura de Palmeira dos Índios (1928-1930) realçaram seu caráter como administrador, os relatórios enviados ao governador de Alagoas denunciavam a existência de um grande escritor. No Rio de Janeiro, o editor Augusto Frederico Schmidt percebeu, ao ler os documentos publicados em vários jornais do País, existir por trás do prefeito um literato nato.

Não estava errado. Naquela época, Graciliano Ramos já havia produzido *Caetés*, seu romance de estreia, que só viria a ser publicado em 1933, quando o escritor tinha 40 anos de idade.

SAIBA MAIS

Vidas Secas foi publicado em 1938, numa tentativa de Graciliano Ramos se livrar das dificuldades financeiras por que passava na época. Precisando de dinheiro para pagar as contas em atraso e suprir as necessidades da família recém-chegada de Maceió, o escritor decidiu escrever a obra como se fosse contos isolados, publicando-os em jornais e revistas à medida que os produzia. Vendeu Baleia, o primeiro capítulo escrito, por cem mil réis ao suplemento literário de O Jornal, do Rio, e deu origem, assim, a um processo de escrita dos mais originais da literatura brasileira.

Antes mesmo de ir ao prelo, a obra impressionara nomes no meio literário nacional, entre eles Jorge Amado, que em meados de 1933 desembarcara em Penedo, vindo do Rio de Janeiro, com o propósito de conhecer o escritor alagoano, nome àquela data sem qualquer ressonância junto aos leitores e aos críticos. "Os textos dos extraordinários relatórios, apresentados por ele ao deixar a prefeitura de Palmeira dos Índios, circularam de mão em mão no limitado território literário da então capital da República e das letras pátrias", relembraria Jorge Amado.



"Acontecera-me de ler, porém, os originais de Caetés, tomara-me de tamanho entusiasmo que decidi viajar até Alagoas para comunicar ao autor minha admiração, de viva-voz. Tinha eu vinte e um anos incompletos e acabara de publicar *Cacau*", completaria.

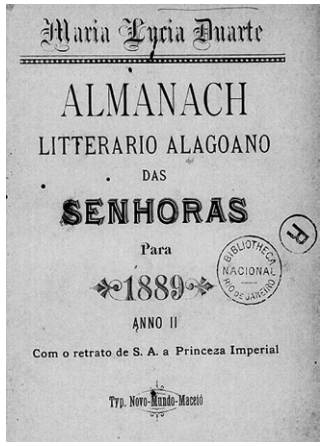
O resto é história. Histórias de Fabiano, Sinhá Vitória, Baleia, Paulo Honório, Madalena, João Valério, Luísa, Luís da Silva, Julião Tavares e tantos outros.

PARA SABER MAIS

- AMADO, Jorge. Navegação de Cabotagem: Apontamentos para um Livro de Memórias que Jamais Escreverei. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- MORAES, Dênis. O Velho Graça – Uma Biografia de Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.
- RAMOS, Graciliano. Conversas – Graciliano Ramos. Organização Ieda Lebensztyn e Thiago Mio Salla. Rio de Janeiro: Record, 2014.
- SANT'ANA, Moacir Medeiros de. História do Romance Caetés. Maceió: Arquivo Público de Alagoas, 1983.

De mulher para mulher — Maria Lúcia Duarte

Jornalista, educadora e poetisa, Maria Lúcia Duarte nasceu em Palmeira dos Índios em 16 de abril de 1863. Filha de José Vieira Sampaio (tabelião público) e Capitulina Erothides Alves Vieira.



Fez seus estudos no Liceu de Maceió. Fundou e dirigiu o Colégio Atheneu Alagoano para educação de meninas, inaugurado no dia 2 de julho de 1883, funcionando na antiga Rua da Alegria, nº 12. Lecionou português, francês, geografia e aritmética no Colégio Santíssimo Sacramento.

Fundou, dirigiu e foi redatora da Revista Alagoana (1887), periódico científico e literário dedicado aos interesses da mulher. Publicou também o Almanaque Literário das Senhoras (1888), considerado a primeira publicação nesse gênero no país.

É patrona da cadeira 10 da Academia Palmeirense de Letras, Ciências e Artes (Apalca).

Faleceu no Rio de Janeiro, em casa de sua filha, em 20 de março de 1949. A

DIA 21

Londres soffreu o mais violento bombardeio aereo de toda a guerra

Jornal de Alagoas, 21 de março de 1941

#MEMÓRIADAIMPRENSA

JORNAL DE ALAGÔAS

ZEPELINI EM PODER DOS GREGOS, APOS ENCARNICADO COMBATE

Londres soffreu o mais violento bombardeio aereo de toda a guerra

Imminente a queda de Keren em poder das forças britannicas

Hitler volta a insistir no apoio luso-hespanhol

Aviação germânica lançou toneladas de explosivos sobre a capital britannica.

Foram aniquillados fortes contingentes de tropas italianas, Hitler volta a insistir no apoio luso-hespanhol. A

Odete Pacheco — A pioneira do rádio alagoano

Mulher negra, Odete rompeu tabus no rádio e na vida pessoal

Por Edberto Ticianeli

A radialista Odete Pacheco de Albuquerque nasceu em Passo de Camaragibe, Alagoas, no dia 21 de março de 1926. Era filha de Manoel Amâncio de Albuquerque e Licínia Pacheco de Albuquerque.

Já morando em Maceió e estudando no Instituto de Educação, participou da Revista Mocidade. Em 1946, além de escrever crônicas, auxiliava na direção da publicação. Uma rápida pesquisa na coleção da revista encontrou as crônicas "Pai João", "Desperta, Brasil" e "O samba não morre".

Concluiu no Instituto de Educação o curso de Pedagogia em dezembro de 1947. Na colação de grau foi a oradora da turma. Não há informações se exerceu a profissão de professora em algum momento de sua vida.

Hora dos calouros e contrato com a Difusora

Em um jornal de 4 de março de 1948 há o registro da participação de Odete Pacheco e Alcides Teixeira na locução do programa Hora dos Calouros, no auditório do Colégio Guido. Como a Rádio Difusora de Alagoas só foi inaugurada no dia 16 de setembro deste mesmo ano, é provável que este tenha sido um dos seus primeiros trabalhos como radialista.

Quando a Difusora foi inaugurada, Odete Pacheco já estava contratada pela emissora oficial do Estado, tendo participado do período de testes. Não demorou, e o seu trabalho passou a ser reconhecido pelo grande público e atingiu outros estados.

Além da locução nos estúdios e dos programas de auditório, Odete Pacheco também participou de radionovelas.

Radioatriz e perseguição política

Em 1950, estava entre os radioatores de *Milagre de Amor*, de Hélio Soveral. O elenco era formado por Aldemar Paiva, Ezequias Alves, Florêncio Teixeira, Jair Amaral, Arsênio Cavalcante, Haroldo Miranda, Sinay Mesquita, Vilma Campos, Vera Lúcia, Zezé de Almeida e Marlene Silva.

No dia 31 de janeiro de 1951, Arnon de Mello tomou posse no governo de Alagoas, sucedendo a Silvestre Péricles, após uma eleição

muito disputada em que houve a utilização da Rádio Difusora para a campanha de Campos Teixeira, candidato derrotado de Silvestre.

Odete Pacheco, que era tida como comunista sem nunca ter nenhum vínculo com o PCB, sofreu perseguição e transferiu-se para Recife.

Jornalista Pioneira

Anos depois, Odete Pacheco voltou a Alagoas, retornou à Rádio Difusora e depois trabalhou na Rádio Progresso. Foi a primeira mulher em Alagoas a fazer cobertura jornalística de uma partida de futebol diretamente do estádio. Apaixonada por futebol e torcedora fanática do CRB, participava entusiasmadamente de debates sobre seu time.

Programa apresentado por Odete era sucesso total em Alagoas

Locutora de sucesso, comandou vários programas de auditório, entre os quais se destacam: Cantinho da Saudade, Rádio Variedades e Onde Canta o Sabiá.

Onde Canta o Sabiá

Em 1969, quando assumiu a direção da Rádio Difusora de Alagoas, Edécio Lopes descobriu que a radialista que fazia história em Alagoas recebia mensalmente um salário mínimo. "De logo multipliquei por cinco e regularizei a situação da grande artista, da grande animadora dos nossos auditórios", disse, ao também recordar dela subindo vagarosamente os seis andares do Edifício Ary Pitombo, quando trabalhou na Rádio Progresso.

O programa Onde Canta o Sabiá foi um dos mais ouvidos em Alagoas por muito tempo.

Despedida precoce e comoção

Em junho de 1972, após um mal-estar, foi internada na Santa Casa de Maceió, onde faleceu uma semana depois. Cláudio Alencar deixou registrado que "sua morte foi muito sentida pela imensa quantidade de admiradores que foram velar o seu corpo em câmara ardente no prédio da Rádio Difusora, na Praça dos Martírios".

Filas imensas se formaram para a despedida de quem "tanto fez rir, que tanto fez bem, que foi gente em excesso num espaço de vida tão pequeno", reconheceu Edécio Lopes.

Leia mais sobre Odete Pacheco no site História de Alagoas

https://i0.wp.com/www.historiadealagoas.com.br/wp-content/uploads/2016/04/Odete-Pacheco.-Acervo-de-Elma-Leite.jpg?ssl=1

DIA 22

Felicidade clandestina de Sebastião Cícero Guimarães Passos

Sebastião Cícero Guimarães Passos nasceu em Maceió, em 22 de março de 1867, onde permaneceu até os 19 anos. Cursou o primário no Colégio Bom Jesus e o preparatório no Liceu alagoano.

Em 1886, ao se despedir de amigos que embarcavam para o Rio de Janeiro, tomou umas a mais e só despertou com a embarcação no meio do mar. Na capital do Império, aprofundou-se na boemia, na poesia e no jornalismo. Fez parte do grupo de Olavo Bilac, Paula Ney e Artur Azevedo. Publicou crônicas e versos na Gazeta da Tarde, na Gazeta de Notícias e no A Semana.

NAVEGAR É PRECISO

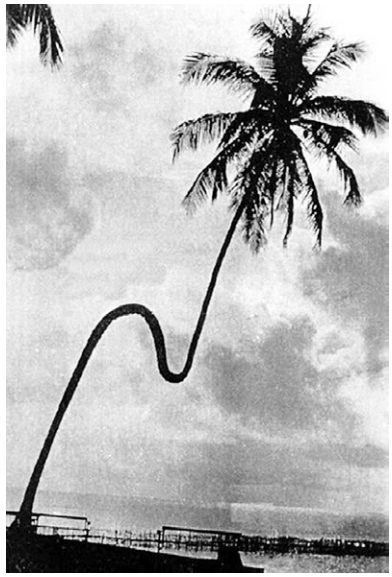
No segundo embarque, o destino era o exílio em Buenos Aires, fugindo depois de fazer parte da revolta contra o conterrâneo Floriano Peixoto. O terceiro navio lhe trouxe de volta ao Rio de Janeiro, em 1896, quando foi chamado para fundar a Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira de nº 26. Escolheu para seu patrono o poeta Laurindo Rabelo.

A última embarcação atracou na Ilha da Madeira. Doente de tuberculose, Guimarães Passos faleceu em Paris, aos 42 anos, em 9 de setembro de 1909.

Carivaldo Brandão - militância no jornalismo

Carivaldo Brandão — O fundador do Sindicato dos Jornalistas

Nascido em São Miguel dos Campos, em 1931, José Carivaldo Brandão iniciou suas atividades como jornalista nos anos 1940, no Jornal de Alagoas. Foi um dos fundadores do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Alagoas, em 1959, o primeiro profissional a ser registrado e o primeiro presidente da instituição. Também foi precursor



na produção sistemática de charges na imprensa alagoana.

Tornou-se lendário o seu empenho, ao lado de outras personalidades, para salvar o Gogó da Ema, em 1955. "Foram três dias de peleja para aprumar a debilitada palmácea. Os esforços chegaram ao limite, mas não adiantaram. Depois de muita amarração em cabos, que mantinham o coqueiro imobilizado, o mar inclemente e impiedoso continuava a atacar. Depois de 90 dias acabou o Gogó da Ema perdendo para o Oceano Atlântico", escreveu Brandão no artigo "Paixão e Morte de um Coqueiro", em 1988.

Também foi empresário e editor do jornal O Carango, publicado em Maceió a partir de maio de 1981. Foi homenageado pelo Sindjornal em 2006, com a Medalha Denis Agra. Morreu no dia 22 de março de 2016.

DIA 23

Político e a Política — Remodelação da Gazeta

A voz do povo. Maceió, 23 de março de 1958

#MEMÓRIADAIMPRENSA

Revogada a Prisão Preventiva de Prestes

Substituído o Promotor de Murici

A VOZ do POVO

Nacionalismo é Política de Amizade e Tolerância com Todos os Povos

Poderoso Impulso ao Movimento Nacionalista

ESADO O OPERARIO DA NORDESTE

Fóra Com os Americanos de Fernando de Noronha

O TEMPO NÃO APAGARÁ

CINEMA...

Foi Obrigado a Trabalhar Doente

Irregularidades no SAEM

POLITICOS E POLITICA

O Prefeito de Rio Largo não Cumpre as suas promessas

Laura Dantas

Comenta-se com muito entusiasmo nas hostes arnonsistas, a remodelação por que está passando a Gazeta e, particularmente, a inauguração de sua estação de rádio. De princípio não somos contra o surgimento de nenhuma emissora e muito menos modernização de um jornal. Mas, há sempre um mas em tudo... Há uma pergunta que se faz mister: por que tanto empenho do sr. Arnon de Melo em montar um serviço de propaganda de tal porte?

DIA 24

Clodoaldo da Fonseca — O primo do presidente

Clodoaldo da Fonseca

1936. Falece, no Rio de Janeiro, sua cidade natal, o general Clodoaldo da Fonseca, governador de Alagoas entre 1912 e 1915. Apesar de ser filho e neto de alagoanos — seus pais eram Pedro Paulo da Fonseca e Francisca Catarina Francioni —, nunca estivera na terra de seus antepassados até que seu primo, o presidente da República Hermes da Fonseca, o designou para intervir no Estado, cumprindo a Política das Salvações contra grupos oligárquicos.

Eleito em 12 de março de 1912, Clodoaldo embarcou com destino a Alagoas em junho, depois de receber o abraço e os votos de governo tranquilo de seu primo, o presidente.

O PUXÃO DE ORELHA

Depois de ler em O Semeador a transcrição de um telegrama informando que os alemães haviam saqueado uma cidade da Bélgica durante a Primeira Guerra Mundial, Clodoaldo da Fonseca intimou ao Palácio o diretor do periódico católico padre Antônio José de Cerqueira Valente e, com um dicionário em mãos, o indagou:

— O seu jornal disse que alemães saquearam uma cidade. Saquear é roubar. Veja o dicionário.

O governador visitara a Alemanha em 1908 com a comissão do Marechal Hermes da Fonseca, então ministro da Guerra. Da visita, Clodoaldo sentia orgulho de ter sido apresentado ao imperador, além de ter assistido às manobras do exército germânico nos campos de Tempelhof.

O padre Valente, então, teve que convencer o governador que não houve intenção de ofender o exército alemão, que o periódico tinha apenas publicado um telegrama recebido.

POR QUEM OS SINOS DOBRAM

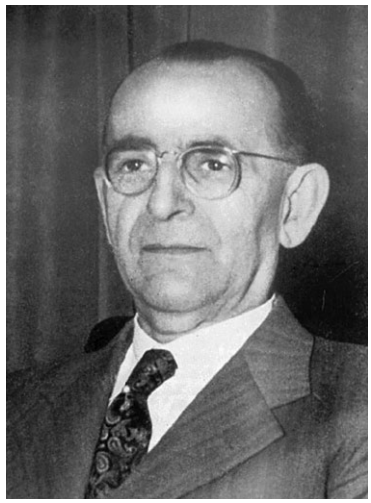
Essa não foi a única rixa com a Igreja Católica durante seu governo. Clodoaldo da Fonseca proibiu o toque dos sinos nas igrejas. A

PARA SABER MAIS

- JÚNIOR, Félix Lima. Maceió de outrora: obra póstuma. Organizado por Rachel Rocha. Maceió. Edufal, 2001.
- BARROS, Francisco Reinaldo Amorim de. ABC das Alagoas – Dicionário Bibliográfico, Histórico e Geográfico de Alagoas. Brasília: Senado Federal. Conselho Editorial, 2005.

DIA 25

Em defesa da democracia: Antônio de Sampaio Dória



Sampaio Dória

Escolhido para ser o ministro da Justiça e dos Negócios Interiores pelo presidente José Linhares, que assumiu interinamente o comando do país com a destituição de Getúlio Vargas, coube ao alagoano Antônio de Sampaio Dória a tarefa de preparar a nação para as eleições para a Constituinte e para a Presidência da República, realizadas em 2 de dezembro de 1945. Foi também responsável pela reforma do ensino paulista, em 1920.

Antônio de Sampaio Dória nasceu em 25 de março de 1883, em Belo Monte. Bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade de Direito de São Paulo em 1908, tornando-se anos depois professor catedrático.

Foi professor de Psicologia, Pedagogia e Educação Cívica da Escola Normal da Capital. Assumiu o cargo de diretor-geral da Instrução Pública de São Paulo, em 1920, ocasião em que organizou o primeiro recenseamento escolar do Estado, bem como apresentou o projeto de reforma da instrução pública, conhecida como Reforma

SAIBA MAIS

Foi redator-chefe de O Imparcial, do Rio de Janeiro. Fez parte do primeiro Conselho Diretor do Liceu Franco-Brasileiro e presidiu o Liceu Nacional Rio Branco, do qual é um dos fundadores.

Sampaio Dória, um marco na modernização do ensino.

Faleceu em 26 de dezembro de 1964, em São Paulo, aos 81 anos de idade.

OBRAS

- Dentre suas obras, vale destacar: Princípios da Pedagogia (1914); Ensaios (1915); O que o Cidadão Deve Saber (1917); Problemas de Direito Público (1919); A Questão Social (1920); Questões do Ensino (1923); Como se Aprende a Língua (1922); Como se Ensina (1922); Psicologia – 2ª edição (1928,1930); Princípios Constitucionais (1926); O Espírito das Democracias (1925); e Sobre a Formação da Linguagem.

HOMENAGEM

Em 1968, atendendo ao seu desejo, a família doou o acervo de sua biblioteca particular à Faculdade de Direito de Alagoas.

Em sua terra natal, e em São Paulo, há escolas com o seu nome, e em Maceió dá nome a uma rua na Ponta Grossa.

Um Mar Vermelho na suíça alagoana

Mar Vermelho é desmembrada de Anadia e conquista autonomia política como município em 1962. De povoado a cidade, a região cresceu economicamente por meio da agropecuária.

A princípio, os vapores de algodão do major Joaquim Canuto de Albuquerque Maranhão davam ritmo ao comércio, mas com a rodovia asfaltada de Palmeira dos Índios

a Maceió, a economia se deslocou para os novos centros, e Mar Vermelho se dedicou somente à criação de gado.

A quase 120km do litoral, na mesorregião do Agreste alagoano, Mar Vermelho também é conhecida como "Suíça Alagoana", por causa de sua temperatura amena. E essa característica climática atrai visitantes e possibilita a realização do Festival de Inverno. A

VOCÊ SABIA?

Passando pela região, o criador de gado Coutinho se deparou com uma lagoa cercada de gravatás, um tipo de árvore que deixa cair folhas avermelhadas no outono. O patriarca do povoado, então, chamou o lugar de Mar Vermelho.

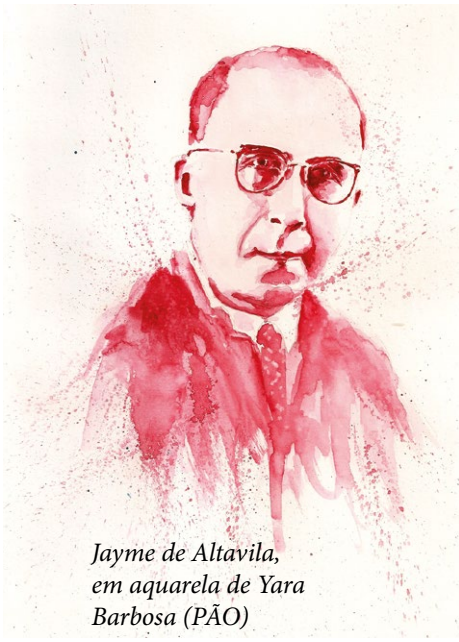
DIA 26

Jayme de Altavila — A história vive

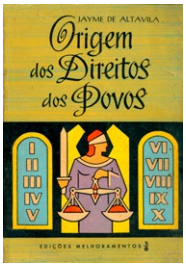
Nascido e criado em Maceió na década de 1890, Antiófilo de Oliveira Mello, mais reconhecido como Jayme de Altavila, ocupa um importante lugar na construção e no resgate da memória alagoana.

Deu seus primeiros passos no jornalismo escrevendo crônicas para o Jornal O Guarany, no bairro do Poço.

A sólida carreira na área do Direito foi construída após a conclusão do curso de Ciências Jurídicas e Sociais (Rio de Janeiro, 1923), posteriormente atuando como advogado de empresas públicas e privadas, como promotor público adjunto da capital alagoana, como juiz federal, entre outros cargos.



Jayme de Altavila, em aquarela de Yara Barbosa (PÃO)



Na área acadêmica, atuou na docência de diversos cursos, a exemplo do curso de Economia da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), e foi um dos fundadores da Faculdade de Direito da mesma instituição. Também fundou a Academia Alagoana de Letras.

Na política, deteve mandatos como prefeito de Maceió (1º de fevereiro de 1927 a 7 de janeiro de 1928), deputado estadual e federal, tendo construído o Coreto de Jaraguá e introduzindo o telefone automático.

No entanto, foi na literatura que ele deixou um dos maiores legados para a cultura alagoana.

Apesar de o Hino do Clube de Regatas Brasil ser, talvez, seu mais popular feito, e da *Origem dos Direitos dos Países* ser sua obra de maior reconhecimento público, Jayme conseguiu em *Quilombo dos Palmares*, de 1932, personificar o herói Zumbi dos Palmares com a dose certa entre romance e fatos reais sobre o que foi um dos maiores registros de resistência negra contra a escravidão fora da África, sendo provavelmente esse livro o primeiro a elevar o líder dos quilombolas à posição de herói.

Faleceu em 26 de março de 1970, aos 74 anos de idade. A

Poesia e magistratura: Alves de Farias

Poeta, escritor e jornalista, Rodolpho Alves de Farias teve uma vida breve, mas intensa. Nascido em Maceió em 26 de março de 1870, estudou no Liceu Alagoano e no Colégio Bom Jesus.

Concluído o seu curso, foi morar em Penedo, onde lecionou latim no Colégio São João. De lá, partiu para São Paulo, onde foi autorizado, em 1982, a se matricular no 3º ano da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Concluiu seu curso na Faculdade de Direito do Recife dois anos depois.

Desempenhou o cargo de juiz de Direito nas Comarcas de Carangola (MG) e Gararu (SE). Tendo seu quadro de saúde agravado, retornou à sua terra natal, vindo a falecer, com apenas 29 anos, no dia 26 de junho de 1899.

Deixou os seguintes livros: *O Mar, Versos Pagãos, Pecadora, além de Calabar, Um Estudo Antropológico Sobre a Raça Indígena.*

Colaborou para os jornais O Rebate, Cidade do Rio, Sul de Alagoas, A Penna, Gutenberg, Gazeta de Alagoas e O Nacional. A

DIA 27

Palácio do Governo é transformado em museu

Com a inauguração do Palácio Zumbi dos Palmares, que passou a ser a nova sede do governo, o prédio do Palácio Floriano Peixoto foi transformado no Museu Histórico de Alagoas, por meio do decreto de 27 de março de 2006, assinado pelo governador Ronaldo Lessa. Em junho de 2007, o equipamento passou a ser chamado de Museu Palácio Floriano Peixoto (Mupa).

Seu acervo é constituído do mobiliário dos séculos 19 e 20, prataria, cristais e objetos decorativos, além de inúmeros quadros de pintores alagoanos, como os destacados José

SAIBA MAIS

O museu faz parte dos cadastros do Sistema Alagoano de Museus/ SAM, do Sistema Brasileiro de Museus e do Cadastro Nacional de Museus — CNM.

Zumba, Luis Silva, Miguel Torres, Lourenço Peixoto, e telas do pintor alagoano Rosalvo Ribeiro, premiado em várias exposições no Brasil e na França. Em 2010, o museu agregou ao seu acervo o Espaço Aurélio Buarque de Holanda e o Memorial Lêdo Ivo. A

ANOTE

As visitas agendadas e guiadas ocorrem das 8h às 17h, de segunda a sexta-feira. Aos sábados e domingos, o atendimento é das 13h às 17h.

SAIBA MAIS

Antônio de Almeida Romariz foi promotor interino em Penedo e aprendeu, de forma autodidática, inglês, italiano, espanhol e alemão, além de francês, que aprendeu com o advogado e poeta Inácio de Barros Leite. Em 1883, meses após sua morte, teve publicado o livro de poemas *Auras matutinas*.

DIA 28

Antônio de Almeida Romariz — O poeta engajado

Em 1883 morria, em viagem marítima entre Maceió e Penedo, sua terra natal, o poeta e jornalista Antônio de Almeida Romariz, fundador de O Eco do São Francisco, revista quinzenal de ciências, letras, arte e religião editada em Penedo por ele e por J.R. da Cunha Sales, a partir de 15 de agosto de 1876. É também fundador do jornal A Escova, lançado no mesmo ano; de O Órgão do Povo (1877), Penedo; e Estrela do Norte, "periódico noticioso e humorístico" semanal lançado em Maceió no dia 21 de abril de 1878. A

DIA 29

Joaquim Montenegro, o colecionador de ossos

29 de março de 1843. Dia de festa para o casal Manoel Januário Bezerra Montenegro e Rita Francisca Bezerra Montenegro, pelo nascimento do filho Joaquim Jonas Bezerra Montenegro, que viria a ser promotor público em Atalaia e juiz municipal em Ponta Grossa (PR). Formado pela Faculdade de Direito do Recife em 1866, Joaquim Bezerra foi ainda vice-presidente da província do Pará, época em que se aprofundou em estudos sobre a cultura indígena amazônica e reuniu centenas de objetos arqueológicos conseguidos na Ilha de Marajó. Entre as obras que publicou, destacam-se *O Contrato de Arrendamento das Fazendas Nacionais de Marajó* e *Cartas a Marilda Palínia*. Faleceu no dia 14 de janeiro de 1932. A

ACERVO DOADO

Sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, Joaquim Jonas Bezerra Montenegro doou ao órgão todo o seu acervo, que foi catalogado pelos antropólogos Napoleão Figueiredo e Maria Helena de Amorim Folha. A coleção que leva o seu sobrenome é formada por quase 500 peças de cerâmica, palha e outras fibras naturais, sementes, penas, ossos, dentes, madeira, contas e búzios, taboca, taquara e algodão, entre outros. As peças procedem de grupos indígenas que ocupavam a região amazônica no século 19. A

PARA SABER MAIS

- TENÓRIO, Douglas Apratto; DANTAS, Cármen Lúcia. A Casa das Alagoas. Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas. Maceió: Edufal, 2007.
- Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas. Rua do Sol, 382, Centro, Maceió – AL. Telefone: 3223-7797.

Os bons companheiros

1912. Nasce em Maceió o jornalista e escritor Valdemar Cavalcanti, que integrou o grupo de intelectuais formado pelos amigos Graciliano Ramos, Jorge de Lima, Jorge Amado, Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, Aurélio Buarque de Holanda, Santa Rosa, entre outros. Juntos, eles exerceriam grande influência no Nordeste, entre filósofos, romancistas e críticos literários.

Valdemar Cavalcanti

TOME NOTA

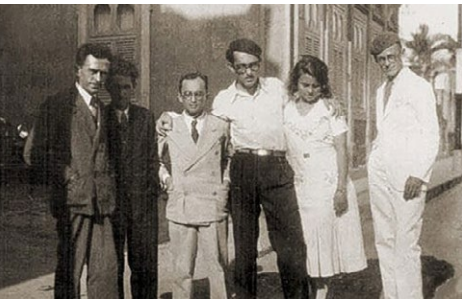
Valdemar Cavalcanti foi o primeiro crítico literário e pioneiro como colunista diário do jornalismo impresso brasileiro. Por duas décadas, manteve a coluna Jornal Literário no O Jornal, de Assis Chateaubriand.

Quando trabalhava no jornal O Semeador, órgão da Arquidiocese de Maceió, Valdemar Cavalcanti liderou na cidade, em 1924, a Semana de Arte Moderna, na qual participaram Aurélio Buarque de Holanda, Carlos Paurílio, Aloísio Branco, Lourenço Peixoto, entre outros.

Em 1931, Valdemar Cavalcanti fundaria com Alberto Passos Guimarães o semanário cultural Novidade, que circulou entre 11 de abril e 26 de setembro, em Maceió.

O ACADÊMICO

Membro da Academia Alagoana de Letras, onde ocupou a cadeira 32, e membro honorário da Academia Francesa de Letras, Valdemar Cavalcanti conquistou o Prêmio Jabuti (o mais cobiçado da literatura nacional) como Melhor Crítica e/ou Noticiário Literário, além do consagrado Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras.



Em 1960, publicou, pela José Olympio, *Jornal Literário*, seu único livro. Faleceu em 19 de junho de 1982, no Rio de Janeiro.

DIA 30

O professor e poeta José Batinga

José Vicente de Araújo Batinga foi professor e poeta. Nasceu em Penedo no dia 30 de março de 1855. Filho de Manuel da Costa Batinga e Belmira de Araújo Batinga, estudou em sua cidade natal.

Na juventude, ocupou-se da agricultura e, posteriormente, exerceu o emprego de telegrafista. Aos 24 anos, foi aprovado em concurso como professor de francês, atividade exercida até 1892.

Foi casado com Joana Angélica Fernandes Machado, com quem teve os filhos Cecília de Araújo Batinga e Ulisses Segismundo de Araújo Batinga.

Faleceu no dia 6 de junho de 1894, aos 39 anos de idade.

OBRAS

- Ensaios Poéticos, 1876
- Horas Vagas, 1886.

DIA 31

Pelo telefone — Serviço Telefônico Automático de Maceió

Com telefonemas do governador de Alagoas Pedro da Costa Rego e do arcebispo metropolitano dom Santino Coutinho, era inaugurado, às 17 horas do dia 31 de março de 1927, o Serviço Telefônico Automático de Maceió, o segundo do país — o primeiro seria implantado em Belo Horizonte.

A CONCESSIONÁRIA

A concessão dos serviços telefônicos em Maceió foi dada pelo prefeito da cidade, Jayme de Altavila, ao empresário José de Almeida, proprietário da empresa Almeida & Companhia.

Os equipamentos foram fornecidos pela Companhia E.G. Sul Americana de Eletricidade, e a instalação coube ao engenheiro alemão Samuel Fehl.

CURIOSIDADE

Quando foi implantado, o Serviço Telefônico Automático de Maceió contava com 400 usuários.

Abril

DIA 1º

O Barão de Penedo

Francisco Ignácio de Carvalho Moreira

Falece no Rio de Janeiro, em 1906, o diplomata, deputado e advogado alagoano Francisco Ignácio de Carvalho Moreira, o Barão de Penedo. Formado pela Faculdade de Direito de São Paulo em 1839, Carvalho Moreira elegeu-se deputado provincial por Alagoas em 1848.

Assumiu em 1852 o posto de ministro do Brasil em Washington, nomeado por D. Pedro II. Em sua passagem pelos Estados Unidos, atuou contra as pressões que se avolumavam para a abertura do rio Amazonas à navegação internacional.

A VOLTA DO IMPERADOR

Francisco Ignácio de Carvalho Moreira tinha esperança de ver a monarquia restaurada no Brasil, e quando, em novembro de 1891, Deodoro da Fonseca instaurou a República, realizou, em Paris, uma reunião com D. Pedro II, Gaspar da Silveira Martins e Alfredo d'Escragnolle Taunay, pedindo para retornar imediatamente ao Brasil e assumir o controle da situação. Entretanto, o velho imperador não acatou a ideia, justificando que estava com problemas de saúde devido à idade avançada.

A QUESTÃO CHRISTIE

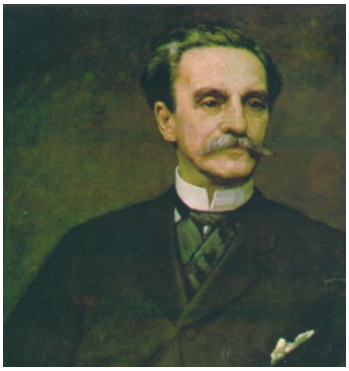
Ao agravar-se a desinteligência provocada por William Dougal Christie, ministro britânico do Rio de Janeiro, o governo imperial tomou a decisão de se entender diretamente com o gabinete britânico, por intermédio da delegação brasileira em Londres.

Em troca de notas com o Foreign Office, Carvalho Moreira defendeu a dignidade do Império contra "os atos de guerra" protagonizados pela esquadra britânica nos primeiros dias de 1863: o bloqueio do ponto do Rio e o apresamento de cinco navios mercantes.

Não sendo atendida a solicitação brasileira de retratação do ocorrido, Carvalho Moreira pediu seus passaportes, ficando

interrompida as relações entre Brasil e Grã-Bretanha. O episódio ficaria conhecido como A Questão Christie.

O RETORNO



Em 1900, ele regressou ao Rio de Janeiro. Conservador e monarquista convencido, passou seus últimos anos afastado da vida pública. Foi sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e integrou a Academia Penedense de Letras, Artes, Cultura e Ciências. Escreveu diversos livros, entre eles *Do Supremo Tribunal de Justiça* (1848), *Constituição Política do Império do Brasil* (1855), *Relatórios sobre a Exposição Internacional* (1862) e *Missão Especial Roma* (1873). A

ANOTE AÍ

Francisco Ignácio de Carvalho Moreira recebeu o título de Barão de Penedo do imperador D. Pedro II, no dia 29 de julho de 1864, pelos serviços prestados ao Brasil no âmbito da política internacional.

Átila Vieira

Átila Vieira Correia e os direitos da infância

#VITIMADACOVID19

O olhar do repórter fotográfico Átila Vieira ia bem além da realidade que registrava com profissionalismo. Sentia a necessidade de amparar crianças em situação de vulnerabilidade e acreditava que é impossível pensar em desenvolvimento social sem a atenção aos direitos da infância.

Foi um dos fundadores do Projeto Erê, ainda em 1987, com o objetivo de desenvolver ações e atividades socioeducativas e culturais para a reintegração de crianças e adolescentes.

Posteriormente, o projeto voltou-se também à articulação para criação e implementação de políticas públicas para essa população.

Em 2007, recebeu o Prêmio Nacional de Direitos Humanos da Presidência da República, na categoria Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente. Foi coordenador em Alagoas do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua e representou o Estado de Alagoas no Comitê Nacional de Enfrentamento à Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes (2005-2008). Foi candidato ao cargo de vereador de Maceió pelo Rede nas eleições 2016, autodeclarando-se preto.

No dia 12 de março de 2021, postou em seu perfil do Instagram: "Orem por mim. O Covid não pode me vencer. Acabei de ser internado. Vou ficar sem o celular. Boa noite". Morreu devido a complicações da doença no dia 1º de abril de 2021.

DIA 2

Francisco de Paula, o menino de engenho

Nasce em 1853, no Engenho Mundaú, no município de Santa Luzia do Norte, o professor, deputado provincial e federal, senador e advogado Francisco de Paula Leite e Oiticica. Diplomado pela Faculdade de Direito do Recife em 1872, com 19 anos, regressou a Alagoas e tornou-se promotor público da comarca de Anadia. Foi também deputado provincial na legislatura 1874-1875. Passou em seguida um período em Oliveira (MG) como juiz municipal, mas regressou a Maceió em 1884.

Francisco de Paula Leite e Oiticica

Em 15 de setembro de 1890, foi eleito deputado por Alagoas para o Congresso Nacional Constituinte e tomou posse em 15 de novembro. Após a promulgação da Constituição, em 24 de fevereiro de 1891, passou, em junho, a ocupar uma cadeira na Câmara dos Deputados, com mandato até dezembro de 1893.

Eleito senador na vaga de Floriano Peixoto, que em novembro de 1893 assumiu a Presidência da República,

SAIBA MAIS

Francisco de Paula Leite e Oiticica foi professor catedrático de alemão no Liceu Alagoano e professor no Liceu de Artes e Ofícios, no Rio de Janeiro. Foi também sócio do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas e o quinto presidente da instituição, de dezembro de 1922 até falecer.

exerceu o mandato de maio de 1894 até janeiro de 1900 e participou da Comissão de Finanças do Senado. Faleceu no Rio de Janeiro, no dia 15 de julho de 1927.

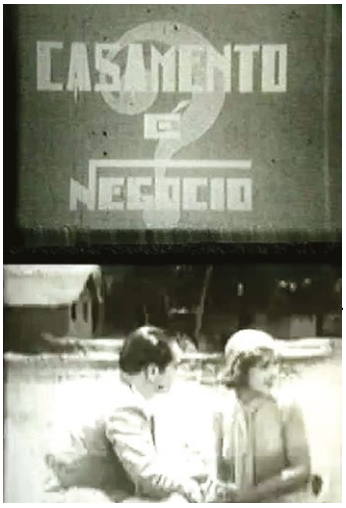
TRATAMENTO HUMANIZADO

Em 1886, quando foi nomeado chefe de polícia pelo presidente da província José Moreira Alves da Silva, lançou campanha para a criação de um asilo, na tentativa de parar com a prática de recolhimento dos presos à cadeia pública, onde viviam em condições desumanas. O lugar – batizado de Asyllo de Alienados – seria inaugurado em 27 de março de 1887, sob sua direção. A

DIA 3

Guilherme Rogato e as luzes da cidade

Às 15h30 do dia 3 de abril de 1933, era exibido pela primeira vez, no Cine Capitólio, em Maceió, o filme *Casamento é Negócio?*, dirigido por Guilherme Rogato. O filme, que conta a história de Moacyr, que se apaixona por Morena depois de lhe dar uma carona, apesar de realizado com poucos recursos, foi bem recebido pela crítica de época, que, embora reconhecendo as falhas, aponta as qualidades da película.



O HOMEM DAS ESTRELAS

Guilherme Rogato nasceu no dia 7 de dezembro de 1898, em San Marco Argentano, comunidade italiana da região da Calábria, província de Cosenza. Em 16 de setembro de 1910, aos 12 anos, desembarcou no Porto de Santos (SP) com a família, que buscava novas oportunidades no Brasil.

Guilherme Rogato

Em São Paulo, descobriu a fotografia, ofício com que se destacaria antes mesmo de se casar com Maria Rosa Greco, uma descendente de italianos com quem teve duas filhas: Ada Rogato, pioneira na aviação brasileira, e Flávia Rogato, médica conceituada na capital alagoana.

Em 1918, Rogato desembarcaria em Jaraguá com o colega argentino Ramon Spá para a exposição *Fotografia em Esmalte*, que aconteceria em janeiro do ano seguinte, no Teatro Cinema Floriano.

Encantado com a cidade e vendo o potencial local para seu trabalho, Guilherme Rogato fixa residência em Maceió, na Rua 15 de Novembro. Contratado como fotógrafo oficial do governo do Estado, inaugura o estúdio Rogato Film, onde passa a oferecer serviços fotográficos e cinematográficos. Guilherme Rogato faleceu no dia 9 de setembro de 1966.

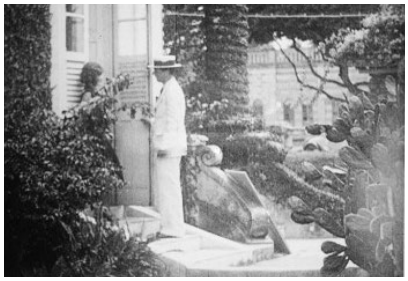
FILMOGRAFIA

Antes de realizar *Casamento é Negócio?*, Guilherme Rogato dirigiu três documentários em curta-metragem: *O Carnaval de Maceió, Inauguração da Ponte em Vitória* e *Homenagem ao Governador Fernandes Lima*, todos de 1921. A

PARA SABER MAIS

- BARROS, Elinaldo. A Aventura de Sonho das Imagens em Alagoas. Maceió: Secult, 1993.
- ROCHA, José Maria Tenório. Subsídios à História da Cinematografia em Alagoas. Maceió: Secult, 1974.
- w.cinemateca.gov.br

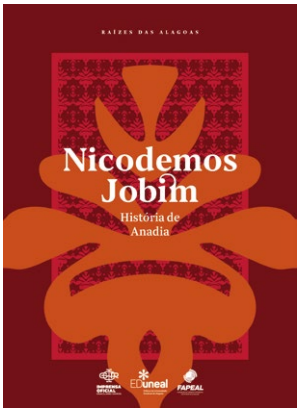
Cenas rodadas por Rogato em Alagoas



Boas-novas

Surge, em 1892, o periódico A Troça, jornal de circulação semanal em Maceió que trazia teor crítico, literário e noticioso. Impresso na Tipografia Mercantil, pertencia a Geraldino Calheiros e Pedro Carlos. A

Profissão de fé



Morre em Maceió o historiador e professor Nicodemos de Souza Moreira Jobim. Natural de Anadia, onde nasceu em 29 de novembro de 1836, foi professor público primário durante 28 anos, tendo se aposentado quando dava aulas em Maceió.

Exerceu também a advocacia na qualidade de rábula e foi membro correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, onde foi patrono da cadeira 49. Foi ainda colaborador do Diário de Alagoas em sua primeira fase, iniciada no dia primeiro de março de 1858.

Nicodemos de Souza é autor de *História de Anadia*, lançado em Maceió pela Typographia Social de Amintas & Filho, em 1881. Nela, o autor traz descrição topográfica, nomes de todos os funcionários públicos, biografia de alguns de seus representantes, anais da igreja e genealogia das principais famílias da província. A

Virgílio Maurício

DIA 4

Virgílio Maurício e as memórias do esquecimento

Em 1892, nascia em Lagoa da Canoa, então pertencente ao município de Arapiraca, o médico, artista plástico e crítico de arte Virgílio Maurício da Rocha. Iniciou sua carreira artística aos quinze anos com o pintor alagoano Rosalvo Ribeiro (1865-1915), quem muito admirou por toda a vida, em especial pelos ensinamentos

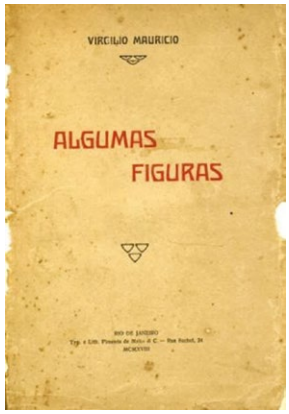
relacionados às normas do desenho.

Pouco conhecido em Alagoas, viaja para Paris em setembro de 1912 – depois de ter exposto algumas vezes no Brasil – a fim de continuar os estudos. Em Paris, produz obras que se tornaram referências de sua arte, entre elas *Après le revê* [Depois do sonho], que conquistou a terceira medalha no Salon de la Societé Nationale de Artistes Français em 1913, primeiro ano em que expõe na França; e *L'heure du goûter* [A hora da merenda], que participaria do mesmo Salon no ano seguinte, recebendo críticas positivas; tem a imagem reproduzida no livro *Le nu au Salon*, de Georges Normandy, publicado em 1914.

No retorno ao Brasil, Virgílio Maurício realiza, em 1916, no salão nobre do Teatro Santa Isabel, uma exposição no Recife com obras de sua autoria e de seus alunos. Na ocasião, surge na imprensa a denúncia de que o principal quadro da mostra, *L'heure du goûter*, não era de sua autoria. A boataria espalhou-se, com partidários do artista e contrários.

O AUGE

Pintor de gênero, de figuras e de paisagens, Virgílio Maurício se destaca por suas pinturas de nus femininos, alguns deles expostos em salões franceses. Atualmente, duas de suas obras fazem parte do acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo. A



SAIBA MAIS

Virgílio Maurício viajou diversas vezes à Europa e residiu em muitas cidades brasileiras, como Recife, Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte, onde faleceu em 13 de dezembro de 1937, ano em que organizara e participara da exposição do Grupo Almeida Júnior na capital Paulista.

DIA 5

A grande feira

SAIBA MAIS

Na aldeia dos Tingui-Botó, só é permitido residir índios. Portanto, quando há casamento entre branco e índio, o branco tem que residir fora da aldeia.

Em 1954, a vila de Feira Grande, formada por Francisco José Gonçalves, foi emancipada politicamente e, até o fim do mês, seria desmembrada de São Brás, recebendo o status de município pelo governador Arnon de Mello. Antes de se chamar Feira Grande, o local receberia o nome de Mocambo. No entanto, a feira de rua da região cresceu com a chegada dos operários que trabalhavam na construção do ramal da Rede Ferroviária do Nordeste, que ligava Palmeira dos Índios a Porto Real do Colégio. A grande feira então impulsionou a economia local e deu origem ao nome da cidade.

OS ÍNDIOS

Os Tingui-Botó, grupo indígena reconhecido em 1980, habitam o povoado de Olho d'Água do Meio, em Feira Grande. A comunidade teve a identidade étnica resgatada pelo professor Clovis Antunes, da Universidade Federal de Alagoas, que enviou documentação à Fundação Nacional do Índio (Funai).

Os Tingui-Botó são identificados como Kariri. Tingui tem origem numa árvore com este nome, usada no acampamento construído em Olho d'Água do Meio. A língua falada é o dzubukuá. A

DIA 6

Goulart de Andrade: essencialmente poético

Nascia, no bairro de Jaraguá, em 1881, o poeta José Maria Goulart de Andrade. Precoce, escreveria os primeiros versos aos 16 anos – quando já morava no Rio de Janeiro.

Companheiro de boemia de Olavo Bilac, Emílio de Menezes e de seu conterrâneo Guimarães Passos, Goulart de Andrade escrevia em antigas formas, como o rondó, o canto real, a balada e o vilancete. Por isso, é considerado um dos últimos representantes do parnasianismo brasileiro. Ocupou a cadeira de número 6 da Academia Brasileira de Letras.

Goulart de Andrade

AS PRIMEIRAS LETRAS

O filho de Manuel Cândido Rocha de Andrade e Leopoldina Pimentel Goulart de Andrade aprendeu as primeiras letras com o professor Ângelo Barbosa e um tio. Com o professor Adriano Augusto de Araújo Jorge, cursou humanidade em Maceió. Aos 16 anos, entrou para a Escola Naval, no Rio de Janeiro. Mas por ter sido hóspede de Floriano Peixoto, foi perseguido e abandonou a Marinha. Cursou Engenharia na Escola Politécnica e exerceu a profissão na Prefeitura do Distrito Federal. Depois, trabalhou como redator de debates da Câmara dos Deputados e diretor do Ginásio Pio Americano.

BOÊMIOS DA COLOMBO

Nos fins de tarde, Goulart de Andrade se juntava a Olavo Bilac, Emílio de Menezes, Bastos Tigre, Gregório da Fonseca, Oswald de Andrade, Guimarães Passos e outros intelectuais da época na Confeitaria Colombo, no centro do Rio de Janeiro. Em 1914, reunidos na Colombo, os escritores tiveram a ideia de uma associação em defesa dos direitos autorais. Fundaram então a Sociedade Brasileira dos Homens de Letras, com o objetivo de defender seus interesses, já que os jornais e revistas não remuneravam colaborações literárias. Naquela época, os editores faziam o "favor" de publicar os livros e dar alguns exemplares de presente para o autor. A

Vacinação obrigatória — Projeto do médico Manoel José Duarte

Deputado estadual, governador, senador, professor, médico e jornalista, Manoel José Duarte nasceu em Maceió no dia 6 de abril de 1858.

Formado em Medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, dedicou-se à cirurgia e à ginecologia, sendo considerado um dos melhores especialistas nessas clínicas. Foi ainda professor de Física e Ciências Naturais no Liceu Alagoano.

Foi eleito deputado estadual em 1891 e, após, governador do seu Estado, no período de 12/06/1897 a 12/06/1899, quando renunciou para se candidatar ao Senado, mandato que exerceu de 1900 a 1909. No Senado, foi de sua autoria o projeto de vacinação obrigatória, que teria motivado a Revolta da Vacina, motim popular ocorrido entre 10 e 16 de novembro de 1904, na cidade do Rio de Janeiro.

Foi sócio do Instituto Arqueológico e Geográfico de Alagoas e um dos redatores do jornal A Tribuna.

Faleceu no Rio de Janeiro no dia 13 de junho de 1914, aos 56 anos de idade. A

DIA 7

"Apoiar as Nações Unidas até o máximo"

Jornal de Alagoas. Maceió, 7 de abril de 1945

#MEMÓRIADAIMPRENSA

JORNAL DE ALAGOAS

"APOIAR AS NAÇÕES UNIDAS ATE' O MAXIMO"

Confia na autoridade do Conselho da ONU

Washington desmente Moscou

KEITEL ORDENOU O ASSASSINATO

Rebatido o discurso de Prestes

MAJORADOS OS PREÇOS DE CABELO E BARBA

"Confia na autoridade do Conselho da ONU"

"Washington desmente Moscou"

Rebatido o discurso de Prestes

Majorados os preços de cabelo e barba

GUTENBERG

DIA 8

Grande cheia

Gutenberg. Maceió, quarta-feira, 8 de abril de 1896

#MEMÓRIADAIMPRENSA

O Rio S. Francisco continua mais a mais avolumando suas aguas.

Segundo notícias de Penedo, sabemos que a actual enchente já attingiu ao ponto que chegou a grande cheia de 1887.

Receia-se ainda maior volume do Rio e a este respeito diz o trabalho de Penedo:

<<Se fôr continuando da forma em que vai, em poucos dias teremos que registrar avultadissimos prejuízos.

<< Grande número de casas das ruas do Camartelo, Curtume e Rocheira já foram attingidas pelas aguas.

Muitos moradores coitados, andam de trastes ás costas como se costuma dizer.>> A

DIA 9

Educação como bandeira

O poeta, professor e cronista Ulysses Batinga nasceu em 1889, na cidade de Penedo. Formado em Direito no Recife (PE), foi desembargador do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul e teve participação ativa na educação e na imprensa penedenses. Faleceu em Maceió, no dia 1º de novembro de 1918.

ANNO I Penedo, 15 de Junho de 1910 NUMERO 1

A ESCOLA

Litterario e Recreativo

Orgam do "Externato José Batinga"

BIBLIOTHECA NACIONAL

LITERÁRIO E RECREATIVO

Ulysses Batinga foi diretor de A Escola, periódico do Externato José Batinga, instituição de ensino dirigida por ele. Lançado em Penedo em 15 de junho de 1910, o jornal – que trazia o subtítulo "Literário e Recreativo" – contava com colaboração de Osmar Gomes, Rodrigo Lyra, Mário Rego, José Octacílio, José Melchiades de Lima, Aureliano Lessa, Luís Gama, Murilo Silva, Luís Martins, Américo Medeiros e Julio de Sant'Anna.

Em sua edição de 27 de agosto de 1909, o jornal O Cruzeiro – periódico penedense dirigido por Aguiar Brandão – dizia que Ulysses Batinga era um dos mais brilhantes talentos da terra. "Exímio burilador do verso, tem produzido trabalhos dignos de figurar entre as mais finas gemas do parnaso brasileiro, já tendo dado à estampa um livro de poemas", enaltecia a publicação, referindo-se a *Nardos*, obra lançada naquele ano. A

Camarão do Bar das Ostras: patrimônio cultural de Alagoas

Dona Oscarilina

A receita do Camarão Alagoano – Bar das Ostras foi o primeiro bem registrado como Patrimônio Cultural Imaterial de Alagoas por meio de resolução do Conselho Estadual de Cultura, em 9 de abril de 2013.

Seu registro teve como objetivo valorizar as referências culturais, os saberes, a história e a memória ligadas à tradição gastronômica do Estado, fortemente relacionada ao ecossistema das lagoas, às técnicas de manuseio e ao tratamento de pescados e crustáceos, bem como à produção artesanal de ingredientes. E apoiou-se em relatos históricos que confirmam que o Bar das Ostras representa uma referência gastronômica de Alagoas, tendo sido ponto de encontro da elite política e intelectual do Estado durante o período que compreende os anos de 1950 a 2002. A

OUTROS BENS IMATERIAIS REGISTRADOS EM ALAGOAS:

- Doce de Caju de Ipioca
- Bico e Renda Singeleza
- Filé
- Sururu

DIA 10

A terra dos Xucurus

A origem de Palmeira dos Índios, seja pela história, seja mitologia, remete aos seus primeiros habitantes, os Xucurus. Pelos registros, esses indígenas foram os primeiros a se estabelecer nas serras cheias de palmeiras da região. Mas a cultura popular fala também do casal de índios Tilixi e Tixiliá.

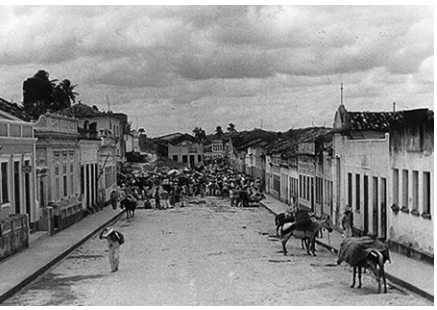
A lenda conta que Tixiliá estava prometida ao cacique Etafé, mas apaixonada pelo primo Tilixi. Depois de um beijo proibido, o índio foi condenado à morte por inanição. E Tixiliá, ao visitar o amado, foi atingida por uma flexa de Etafé, morrendo ao lado de Tixili. Uma palmeira nasceu no local e passou a simbolizar o amor do casal Xucuru.

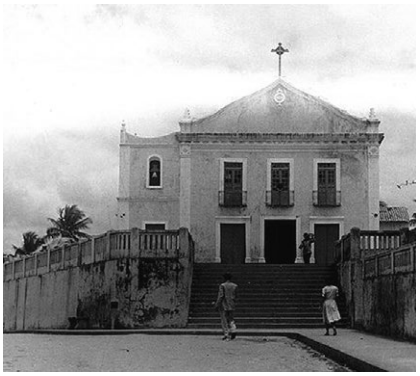
POVOAMENTO

Os índios Cariris chegaram ao lugar depois e conviveram pacificamente com os Xucurus, preservando sua identidade cultural. Mas com o tempo, os dois povos indígenas foram se miscigenando e deram origem à nova etnia Xucuru-Cariri.

A aldeia começou a tomar forma de cidade com a chegada do missionário franciscano frei Domingos de São José. O religioso conseguiu a doação de meia légua – cerca de 2,5km – e convenceu os índios a se transferirem para o sopé da serra, onde foi construída uma nova capela, e o povoado se desenvolveu ao redor.

A antiga freguesia conquistou sua emancipação política em 10 de abril de 1835, quando foi desmembrada de Atalaia. Mas, por causa da violência política, Palmeira dos Índios perdeu o status de vila em 1853. Só foi elevada à condição de cidade em 20 de agosto de 1889. A





Igreja de Nossa Senhora da Apresentação

O porto do calvo

Por meio de decreto, em 10 de abril de 1890, o governador Pedro Paulino da Fonseca eleva à categoria de cidade a villa de Porto Calvo.

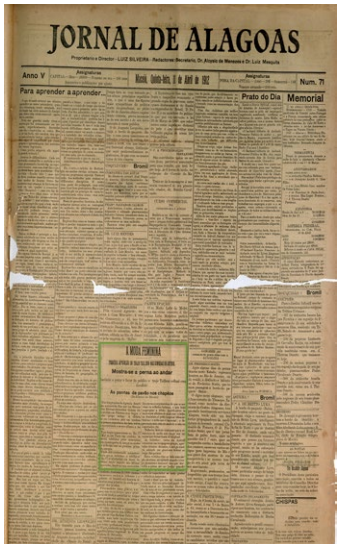
O município é a freguesia mais antiga do Estado, pois já existia no século 16. Sua fundação é atribuída a Cristóvão Lins, a quem foram doadas terras que se estendiam do rio Manguaba ao Cabo de Santo Agostinho. Nessa região, ele desenvolveu a agricultura, construiu uma capela e sete engenhos. Foi também um dos primeiros lugares a ser habitado por colonos portugueses trazidos a Pernambuco pelos primeiros donatários da antiga Capitania.

A origem do nome vem de uma lenda na qual um velho calvo, que morava às margens do rio Manguaba, construiu um porto, conhecido na região como o "Porto do Calvo".

Porto Calvo sempre esteve presente nos fatos políticos e sociais, e vários vultos ali se imortalizaram, entre eles Calabar, figura muito discutida e cuja atitude divide os historiadores em duas correntes.

Seu principal monumento histórico, herança do domínio holandês, é a Igreja de Nossa Senhora da Apresentação, que encerra algumas imagens de valor artístico. A

DIA 11


JORNAL DE ALAGOAS

Anno V — Num. 71

Para aprender a aprender...

Prato do Dia — Memorial

A MODA FEMININA

Mostra-se a perna ao andar

A moda feminina

Jornal de Alagoas. Maceió, 11 de abril de 1912

#MEMÓRIADAIMPRENSA

Primeira Aparição do Trajo Tailler nas corridas de Auteuil

Mostra-se a perna ao andar

Continua a gozar o favor publico o trajo Tailleur collant com decolleté (...)

Um telegramma da Agencia Americana noticiou há dias que em Buenos Aires diversas senhoritas tinham ido às corridas em Palermo com trajos á moda grega antiga. A notícia não era verdadeira pois em nenhum dos jornais argentinos da data referida encontramos a menor alusão a tal facto.

Taes trajos appareceram no dia 17 de março, em Paris, nas corridas de Auteil, exhibidos pelos manequins vivos encarregados de lançar as modas que se devem usar na próxima primavera europeia. (...) Para justificar a sua roupagem, a famosa Madame Tallien serviu-se dos mesmos argumentos de serviam os estetas helenos e que hoje empregam a título de justificativa os modernos alfaiates de senhoras; a beleza feminina só pode inspirar idéas artísticas: o bello não imoral; a depravação não está no modelo e sim no espectador, etc. A

DIA 12

Uma outra estação

A Estação Telegráfica de Maceió começa a funcionar em 1873, no bairro de Jaraguá, 21 anos depois de a primeira linha ser inaugurada no país, no dia 11 de maio de 1852.

Sem inauguração oficial, a Estação Telegráfica de Maceió era ligada à estação de Itapemirim, que possibilitou a solução de continuidade para o município alagoano. No mesmo ano de 1873, foram entregues 218 quilômetros de tráfego que ligariam a estação alagoana à do Recife, em Pernambuco. A

VOCÊ SABIA?

Nas primeiras transmissões em Maceió, segundo o historiador alagoano Moacir Medeiros de Sant'Ana, foram usados dois aparelhos Siemens Others.

PARA SABER MAIS

SILVA, Mauro Costa e. A Telegrafia Elétrica no Brasil Império – Ciência e Política na Expansão da Comunicação. Revista Brasileira de História da Ciência. Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 49-65, jan/jun. 2011.

DIA 13

Homenagem singela da "A notícia" à memória de Emílio de Maia, seu grande e inesquecível amigo

A Notícia. Maceió, 13 de abril de 1930

#MEMÓRIADAIMPRENSA

A NOTICIA

Homenagem singela da "A Notícia" á memoria de Emilio de Maya — seu grande e inesquecivel amigo.

A notícia sempre dedicada a Emílio de Maia – o amigo dos Humildes – rende hoje a modesta homenagem destas páginas de sua cidade.

É o que temos para offerecer agora. Elle deixou de viver há 30 dias e já se

tornou 30 vezes maior para o culto e a recordação dos seus patrícios.

Sente-se que alguma cousa no nosso espírito começou a faltar-nos depois da sua morte.

Se podemos applicar ao nosso meio os ensinamentos históricos, devemos lembrar (...) para dizer que Emílio foi uma legítima manifestação das virtudes comuns do seu povo, o portador da confiança da sociedade do seu tempo. (...). Pela coragem e pelo trabalho ele foi mais amado e compreendido do que outro qualquer em todas as camadas.. A

DIA 14

Um órgão conservador

O Alagoas, 1912.

#MEMÓRIADAIMPRENSA

Anno II Maceió, Sexta-feira, 22 de Abril de 1887 N. 46

O ALAGOAS

ORGÃO CONSERVADOR

PUBLICA-SE ÀS QUARTAS, SEXTAS E DOMINGOS

O ALAGOAS

Surge em Maceió, no dia 14 de abril de 1912, o jornal O Alagoas, que se denominava órgão conservador. Dirigido por Antônio Nunes Leite, o periódico contou com a colaboração de nomes como Jayme de Altavila, Delorizano Moraes e Fernando de Mendonça. Editado pela Typographia T. de Menezes, era publicado às quartas, às sextas e aos domingos.

O ATENTADO

No dia 7 de dezembro de 1914, Antônio Nunes Leite seria espancado, aparentemente, por desconhecidos. Dois dias depois do ocorrido, publicou no jornal um boletim relatando os fatos e informando da suspensão da publicação "por falta de garantias". Dessa forma, O Alagoas deixaria de ser publicado definitivamente no início de 1915. A

Glória à terra de Alagoas

Em 1861, nascia, em Maceió, Luiz Mesquita, bacharel em Direito, jornalista e poeta. Na magistratura, foi promotor das comarcas de Porto Calvo, Alagoas (atual Marechal Deodoro) e Pilar. Na política, foi deputado federal entre 1913 e 1917. Como jornalista, contribuiu com o Diário da Manhã, a

Gazeta de Alagoas, a Gazeta de Notícias, O Momento, O Gutenberg, A Tribuna e o Jornal de Alagoas, sempre com um dos seus pseudônimos: Mr. Louis, Yann ou Xisto.

Em 27 de março de 1894, ganhou a disputa para a escolha do Hino Oficial do Estado, escrito por ele e musicado por Benedito Raimundo da Silva (o Benedito Piston). Concorreram também Misael Domingues, com o Primeiro Hino do Estado de Alagoas, Pedro Adolfo Diniz Macedo, Tito Rodrigues Fróes, José Barbosa de Araújo Pereira e José Alves da Silva.

LIBERDADE FORMOSA

Luiz Mesquita também é autor do *Hino Abolicionista*, que foi entoado em coro em 28 de setembro de 1881 – quando se comemorava o 10º aniversário da Lei do Ventre Livre –, durante a instalação, no Teatro Maceioense, na Rua da Imperatriz (atual Rua do Sol), da Sociedade Libertadora Alagoana, cujo autor era um dos sócios da organização. A

DIA 15

Severino José do Nascimento, um líder Jeripankó

O conselheiro Severino José do Nascimento

Muito do que se sabe atualmente sobre a etnia Jeripankó deve-se às informações que o conselheiro tribal Severino José do Nascimento informou nos anos 1980 ao cacique Manoel Selestino, que esteve em Pariconha para resgatar a trajetória e catalogar os povos originários Jeripankó.

Nascido em 15 de abril de 1940, sua importância também se revelou com a força do caráter, quando tornou-se cacique. Severino doou parte de suas terras para a construção e implantação do Polo de Saúde Indígena e da sede da primeira Associação Comunitária. Também se articulou com lideranças políticas em busca de implantação de políticas públicas para as famílias da aldeia de Ouricuri.

Foi casado com dona Alzira e defendia conquistas pela igualdade de gênero por meio do Comitê Intertribal de Mulheres Indígenas no Nordeste. Faleceu no dia 8 de agosto de 2021. A

DIA 16

Escola de aprendizes marinheiros de Alagoas

Em 16 de abril de 1896, era instalada oficialmente a Escola de Aprendizes Marinheiros de Alagoas, oferecendo cursos técnicos e instrução primária e secundária para jovens entre 13 e 16 anos.

A escola foi fechada no dia 31 de dezembro de 1931, e parte do seu prédio foi ocupado pela Capitania dos Portos. O imóvel foi demolido em 1958 para dar lugar às atuais instalações da Administração do Porto de Maceió e aos galpões de armazenagem.

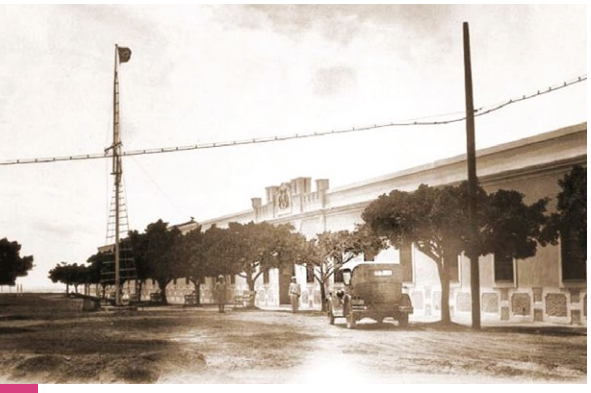
A instituição voltou a funcionar após a Marinha receber do Estado de Alagoas, em 1953, um terreno no bairro do Pontal da Barra para a construção da nova Escola de Aprendizes Marinheiros.

As primeiras turmas e as mudanças na fachada da escola

Recriada oficialmente por meio do Decreto nº 57.646, de 17 de janeiro de 1966, chegou a ter mais de 400 alunos matriculados e formou quatro turmas, uma a cada três anos. Voltou a fechar em 1971.

No ano seguinte, em julho de 1972, seu prédio foi cedido para o Ministério da Educação e Cultura e destinado à Universidade Federal de Alagoas (Ufal), que ocupou o imóvel de 1973 a 1977, com a denominação de Campus Tamandaré.

O prédio ainda foi ocupado pela Secretaria de Segurança Pública e pelo Departamento Estadual de Trânsito de Alagoas. Somente foi devolvido à Marinha em 2014. A



A veia política de Ângelo Neto

Ângelo José da Silva Neto nasceu em Maceió no dia 16 de abril de 1872. Era o quarto filho do segundo casamento do advogado José Ângelo Márcio da Silva (deputado-geral por Alagoas nas legislaturas 1864-1866 e 1870) com Eulália Ângela de Menezes Silva.

Fez seus estudos preliminares em Maceió. Bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Recife, em 1894. Foi eleito deputado por quatro legislaturas seguidas, ocupando a 2ª Secretaria da Mesa da Câmara durante a presidência de Vaz de Mello.

Ainda em pleno exercício do seu mandato, aos 34 anos de idade, faleceu na madrugada do dia 10 de dezembro de 1906, no Rio de Janeiro, vítima de tuberculose. A

SAIBA MAIS

Exerceu ainda o cargo de contador da Subcontadoria do Distrito Telegráfico em Maceió. Fundou o jornal Correio de Alagoas.

DIA 17

Othon Correia Netto — Herói alagoano da II Guerra Mundial

Nascido em Viçosa, Othon Correia Netto foi estudar na Escola Militar do Realengo, no Rio de Janeiro, onde fez cursos para piloto de caça. Durante a Segunda Guerra Mundial, foi voluntário para missões da Força Aérea Brasileira na Itália. No dia 26 de março de 1945, seu avião foi derrubado e ele saltou de paraquedas em Caserta, então sob domínio dos alemães.

Othon Correia Netto

Ele levado para campos de concentração em Nuremberg e em Müsberg mas, com o fim da guerra, foi libertado em maio. Recebeu condecorações como a Medalha da Campanha da Itália; British Distinguished Flying Cross (Inglaterra); American Air Medal (EUA) e Presidential Unit Citation do Congresso norte-americano.

Permaneceu na FAB até se aposentar, em 1966. Em depoimento publicado no livro *História oral do Exército na segunda guerra mundia*l (Biblioteca do Exército Editora, 2001), refletiu sobre a experiência: "Tendo passado pela guerra, devo confessar que não entendo por que a humanidade, no estágio em que se encontra de evolução material e espiritual, insiste em tanta brutalidade. Por que os conflitos precisam ser resolvidos com violência e morte?". Faleceu no dia 17 de abril de 2008.

VOCÊ SABIA?

Em 1º de abril de 1964, o brigadeiro Othon – herói da guerra contra os nazistas – foi o piloto do avião que levou o presidente João Goulart de Brasília até o Rio Grande do Sul, salvando a autoridade deposta das violências por parte dos golpistas.

Reformou-se no posto de major brigadeiro. Faleceu no dia 17 de abril de 2008. Está sepultado no cemitério de São João Batista, na cripta dos aviadores. A

DIA 18

À margem esquerda do São Francisco

Feições arquitetônicas do Centro e o movimento na beira do São Francisco

Penedo foi elevada à condição de cidade no dia 18 de abril de 1842, mas sua posição estratégica à margem do São Francisco, a 44km da foz do rio, concedeu-lhe importância política desde as primeiras décadas de Brasil, precisamente em 9 de março de 1535, quando o primeiro donatário, Duarte Coelho, deu início ao povoado.

Já com o status de vila, Penedo foi invadida por Maurício de Nassau em 1637. Perseguindo tropas portuguesas em fuga para Salvador, o holandês percebeu a importância estratégica do local, que passou a se chamar Maurícia. O holandês construiu um forte e deixou 1.600 homens comandando a região. A vila de Penedo do Rio São Francisco só foi retomada em 1645, depois da partida de Nassau.

A posição geográfica continuou garantindo o desenvolvimento socioeconômico da cidade durante o século seguinte.

VISITA DO IMPERADOR

Ainda em sua fase áurea, Penedo recebeu o visitante mais ilustre de sua história. Às 5 horas da tarde do dia 13 de outubro de 1859, chegou à cidade ribeirinha o imperador dom Pedro II, vindo da Bahia a caminho da Cachoeira de Paulo Afonso.

Sem desembarcar, D. Pedro II partiu para uma visita a Piaçabuçu na manhã seguinte. À uma hora da tarde, já estava de volta a

Penedo. Desembarcou no cais dos comerciantes e seguiu a cavalo até o Paço Imperial. O imperador visitou igrejas, prédios públicos, fábricas, o hospital e a cadeia. Sobre a cidade, d. Pedro II escreveu: "O local é muito bonito, e creio que deveria estar aqui a capital da província". A

Casario colonial preservado

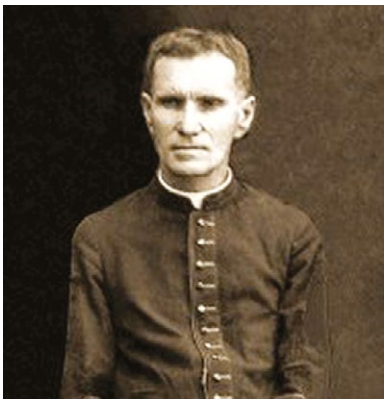
PARA SABER MAIS

BARROS, Elinaldo. Panorama do Cinema Alagoano. 2ª edição revista ampliada. Maceió: Edufal, 2010.

DIA 19

Cônego Valente e a fundação do semeador

Antônio José de Cerqueira Valente nasceu no município do Pilar em 19 de abril de 1888. Era filho de Arnóbio Monteiro de Cerqueira Valente. Não se sabe onde estudou as primeiras letras, mas, em 1905, quando já tinha 17 anos, seu nome é mencionado como um dos alunos do Seminário Episcopal.



Foi ordenado em 12 de novembro de 1911 pelo bispo dom Manoel Antônio de Oliveira Lopes, em Maceió. No final do ano seguinte, 1912, estava envolvido na fundação do jornal católico O Semeador, que teve o seu primeiro número

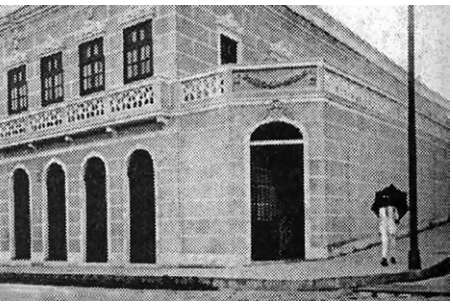
SAIBA MAIS

Foi admitido, em 11 de setembro de 1923, como sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas.
No início de abril de 1929, prestou concurso para a cadeira de História e Corografia do Brasil do Liceu Alagoano. Aprovado, foi nomeado no dia 19 daquele mesmo mês e permaneceu neste cargo até 1952.

publicado em 2 de março de 1913. Os outros fundadores foram Luiz Carlos de Oliveira Barbosa e Franklin Casado de Lima.

Antônio Valente esteve no jornal desde os seus primeiros momentos, mas somente assumiu a sua direção em 2 de abril de 1919.

Permaneceu à frente d'O Semeador até a sua morte, em dezembro de 1968, quando o jornal passou a ser semanário. A



Foi sócio-fundador do Instituto Arqueológico e Geográfico de Alagoas

DIA 20

Jornalismo e política: José Ângelo Márcio da Silva

Deputado provincial e geral, advogado, jornalista, filho de Ângelo José da Silva e Joaquina Maria de Lima e Silva, José Ângelo Márcio da Silva nasceu em Porto Calvo no dia 20 de abril de 1823 e faleceu em 8 de agosto de 1889.

Obedecendo à vontade dos pais, que o desejavam padre, em 9 de fevereiro de 1840, entrou para o Seminário Episcopal de Olinda, após ter frequentado aulas de latim em Porto Calvo. Em 1842, abandona o seminário e começa seus estudos de Direito. Formou-se pela Faculdade de Direito de Olinda (1846). Em 1847, é nomeado promotor público da comarca de Maceió. Foi deputado-geral nas legislaturas 64-66, 76-77 e 78-81.

Fundou O Tempo, jornal político que se publicou em Maceió de 7 de setembro de 1851 a 1958. Colaborou também nos jornais O Guarda Nacional, Jornal de Maceió, O Votante, A Justiça, deixando fama de polemista. A

DIA 21

Guto Bandeira — Cultura e representatividade para crianças e jovens

Filho de Jolival do Nascimento Cassimiro e Maria Zelândia do Nascimento Cassimiro, Gutemberg nasceu em 21 de abril de 1985. Além de músico, capoeirista e dançarino do Coco de Roda Pau de Araranas, foi uma liderança com o Projeto Sururu, ação comunitária para jovens e crianças pobres do Cruzeiro do Sul, em Rio Largo.

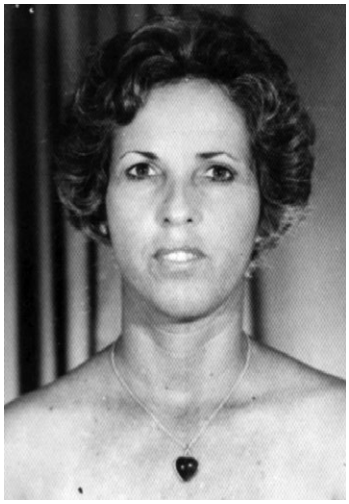
De acordo com Arísia Barros, do Instituto Raízes de Áfricas de Alagoas, Guto, como era conhecido, "foi uma liderança que

rompeu com a zona de conforto, abriu portas, revelou/orientou caminhos com traçados de territorialidade e representatividade para a juventude carente das vielas estreitas da comunidade distante e invisível das políticas públicas, onde residia". Morreu assassinado no dia 6 de fevereiro de 2013, no Cruzeiro do Sul, em Rio Largo. A

Guto: liderança com o Projeto Sururu

Nelma Padilha, a primeira juíza de Maceió

Nelma Torres Padilha nasceu em Viçosa, em 1942, e morreu em Maceió, em 21 de abril de 2018. De temperamento aguerrido, sempre defendeu os Direitos Humanos, desde a vida estudantil, quando participava ativamente dos movimentos políticos da década de 1960. Formou-se em Direito, em 1966, e em História, em 1973, ambos pela Ufal. Foi a primeira mulher a ocupar a magistratura do estado de Alagoas, nomeada em 1976. Presidiu a Associação dos Magistrados de Alagoas e, em 2009, foi nomeada desembargadora do Tribunal de Justiça de Alagoas, vindo a ser vice-presidente. A



Nelma Torres Padilha

Tepelini em poder dos gregos, após encarniçado combate — foram aniquilados fortes contingentes de tropas italianas

Jornal de Alagoas, 21 de abril de 1941

#MEMÓRIADAIMPRENSA

JORNAL DE ALAGÔAS

TEPELINI EM PODER DOS GREGOS. APOS ENCARNICADO COMBATE

Londres soffreu o mais violento bombardeio aereo de toda a guerra

Imminente a queda de Keren em poder das forças britannicas

Hitler volta a insistir no apoio luso-hespanhol

*Londres soffreu o mais violento bombardeio aéreo de toda a guerra- A aviação germânica lançou toneladas de explosivos sobre a capital britannica

*Teria a Yugo-Slavia minado as aguas do Danubio, afim de evitar a acção do inimigo

*Hitler volta a insistir no apoio luso-hespanhol. A

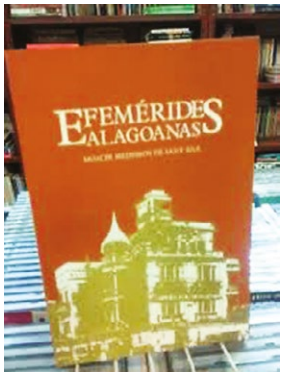
DIA 22

Alagoas dividida e comarcas

No dia 22 de abril de 1833, uma sessão extraordinária do Conselho do Governo da Província das Alagoas decidiu pela execução do Decreto Imperial de 13 de dezembro de 1832, que estabelecia a divisão da Província em quatro comarcas. A

1 –Alagoas;
2- Maceió;
3- Atalaia;
4- Penedo.

Saiba mais em



Efemérides Alagoanas - 1993 (Moacir Medeiros de Sant'ana)

DIA 23

Jorge de Lima — O mundo do menino impossível

Jorge de Lima (ilustração de Lucas Pereira)

Num dia comum de 1893, no município de União dos Palmares – berço de Zumbi, o rei negro do quilombo –, nascia Jorge Mateus de Lima, uma criança incomum, que seria considerada mais tarde um dos maiores poetas e romancistas brasileiros. Não por acaso, receberia, em 1921, o título de Príncipe dos Poetas.

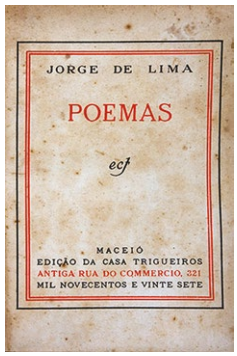
Artista plástico, ensaísta, médico e político, Jorge de Lima construiu uma obra literária que passou por algumas transformações estéticas, demonstrando uma consciência de leitura e afinada com os diversos meios de expressão artística, tanto literários, em seus modos narrativos e poéticos, como plásticos.

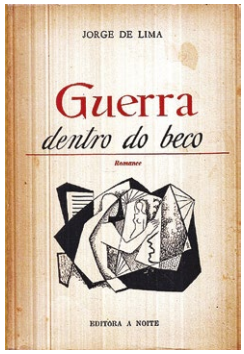
Fez o ginásio e o segundo grau em Maceió e, com

apenas 15 anos, matriculou-se na Faculdade de Medicina da Bahia, curso que concluiria no Rio de Janeiro, em 1914.

Na década de 1920, enquanto trabalhava como professor de história natural e depois de literatura brasileira em colégios de Maceió, envolve-se com a política e ocupa os cargos de deputado e vereador.

Em 1931, muda-se para a cidade do Rio de Janeiro, onde exerce a medicina em seu próprio consultório – que também funcionava como ateliê e local de reunião de artistas e intelectuais. Em 1939, aprimora-se em pintura frequentando o ateliê da artista Sylvia Meyer (1889-1955).





XIV ALEXANDRINOS

Até a sua morte, no dia 15 de novembro de 1953, Jorge de Lima publicou uma obra poética vasta, que começa em sua infância e que tem como marco inicial os *XIV Alexandrinos*, de 1914, nos quais ainda demonstra a formação parnasiana. "Dessa obra ficou famoso o soneto "O acendedor de lampiões", poema de cunho social que chamou a atenção da crítica", ressalta Bianca Cristina de Carvalho Ribeiro, mestra em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista de Araraquara.

Sua obra se caracteriza pela grande variedade de gêneros, temas, formas e estilo, o que justifica a divisão de sua poesia em fases: a parnasiana; a regional ou afro-nordestina; a católica; e a órfica ou hermética.

LUXO E RARIDADE

Os *Poemas Negros* foram publicados esparsamente no fim de 1929 e reunidos em livro somente em 1947. Na obra, o poeta insere elementos da cultura africana em sua poesia, resgatando a expressão regional e folclórica. Ele se consagraria novamente com "Essa Nêga Fulô", poema conhecido pela musicalidade.

O mundo do menino impossível, de 1927, é considerado atualmente uma raridade. A obra foi inicialmente publicada

em edição autônoma de 300 exemplares, pela Edições Casa Trigueiros. Com a obra, Jorge de Lima inaugura uma nova linguagem poética, em concordância com as inovações proclamadas pelo modernismo, tais como o uso do verso livre e a inserção de elementos coloquiais nos poemas.

TEATRO E CINEMA

"O grande circo místico", um dos poemas de Jorge de Lima presentes em *A túnica inconsútil*, de 1938, foi adaptado para o teatro por Naum Alves de Souza no início da década de 1980. O poema também foi adaptado para o cinema pelo cineasta alagoano Cacá Diegues, em 2017.

JORGE NO SAMBA

No carnaval de 1975, a Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira fez uma homenagem ao poeta com o tema "Imagens poéticas de Jorge de Lima", samba-enredo escrito por Tolito, Mozart e Delson e puxado por Jamelão. Naquele ano, a Mangueira conquistaria o segundo lugar no desfile. A

Francisco Cavalcanti Pontes de Miranda

Pontes de Miranda e os olhos de quem quer viver

Rosa Cavalcanti Pontes de Miranda tinha menos de seis meses de gestação quando deu à luz, em 23 de abril de 1892, a Francisco Cavalcanti Pontes de Miranda, em São Luís do Quitunde. Sua tia Francisca, que acompanhou o parto e cuidou dele, dizia: "Francisquinho tem olhos de quem quer viver e vai viver muitos anos". Tornou-se diplomata, ensaísta e um dos principais juristas do país. Morreu em dezembro de 1979, aos 87 anos.

O pai, Manoel Pontes de Miranda, e o avô, Joaquim Pontes de Miranda, foram os responsáveis pelos primeiros estudos

de Francisco. Os dois eram bacharéis em Matemática, e, aos 16 anos, o mais jovem Pontes de Miranda continuaria a tradição familiar indo estudar Matemática e Física em Oxford, na Inglaterra.

Francisco entrou para a Faculdade de Direito do Recife em 1907 e, em 1911, aos 19 anos, se tornou bacharel em Direito e Ciências Sociais. Decidiu ir para o Rio de Janeiro e advogar. Lá, contribuiu para o Jornal do Comércio.

A OBRA

Ainda no segundo ano do curso de Direito, no Recife, Pontes de Miranda iniciou, à mão, seu primeiro livro, *À Margem do Direito*, seguido de *A Moral do Futuro*. Sua bibiografia, no total, soma 29 títulos que se alongam em 144 volumes. Desses, 128 são sobre Direito, mas também escreveu sobre sociologia, filosofia, psicologia, política e poesia.

Suas publicações lhe renderam não só uma prestigiada carreira jurídica como também o prêmio concedido pela Academia Brasileira de Letras por *A Sabedoria dos Instintos* e a láurea da erudição por *Introdução à Sociologia Geral.* Pontes de Miranda foi o sexto ocupante da cadeira 7 da Academia Brasileira de Letras, onde tomou posse no dia 8 de março de 1979.

MATEMÁTICA E EINSTEIN

Os estudos em Matemática continuaram presentes na vida de Pontes de Miranda, mesmo depois de optar pela carreira jurídica. Em 1924, com 32 anos, ele escreveu uma correção à Teoria da Relatividade de Einstein e a enviou ao Congresso de Filosofia de Nápoles, em 1925. Devido ao Brasil não estar inscrito no evento, teve que enviar o trabalho pela entidade científica Kaiser Wilhelm Stiftung, de Berlim, o que colocava Pontes de Miranda no mesmo patamar de Albert Einstein, que leu, aceitou e agradeceu a crítica do brasileiro. A

SAIBA MAIS

Em 1939, Getúlio Vargas convidou Pontes de Miranda para ser embaixador na Alemanha. Mesmo tendo afinidade com o país, recusou por ser a Alemanha de Hitler. No entanto, iniciou sua carreira como embaixador na Colômbia e, de lá, nos Estados Unidos.

Míriam Lima, a força que nunca seca

Miriam Falcão Lima

No dia 23 de abril de 1892, nascia Miriam Falcão Lima, filha do deputado federal e estadual, senador e governador de Alagoas José Fernandes de Barros Lima e Olímpia Falcão de Barros Lima. Estudou em escola pública em Passo do Camaragibe, onde nasceu, e no Colégio Santíssimo Sacramento, em Maceió.

Foi uma das primeiras alagoanas a ganhar projeção nacional como pintora, participando do XI Salão Nacional de Belas Artes, em 1935, e expondo suas obras no Liceu de Artes e Ofícios no mesmo ano, no Rio de Janeiro. Expôs também em São Paulo e no Uruguai.

BRILHO PRÓPRIO

Embora filha de um político influente em Alagoas, Miriam trilhou o próprio caminho nas artes e na educação no Estado. Em 1915 foi nomeada professora de Desenho da Escola Normal, na vaga deixada pelo falecimento de Rosalvo Ribeiro, conceituado pintor alagoano.

Participou, em 1933, da I Feira de Amostras de Alagoas, onde expôs 80 obras, entre elas, pinturas com temáticas regionais, como *Descascando o coco* e *Virando Melaço*. No ano seguinte, fundou a Escola de Belas Artes, em Maceió. Morreu em 28 de março de 1945, no Recife.

FEMINISTA, SIM, SENHOR

Miriam Lima foi integrante da diretoria da Federação Alagoana pelo Progresso Feminino, fundada em cerimônia solene no dia 13 de maio de 1932, no Salão Nobre do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas. Nessa seção, Lily Lages foi eleita presidenta da organização, que tinha ainda Noêmia Lício como presidenta de honra, Francisquinha Acioly (vice-presidenta) e Linda Mascarenhas (primeira-secretária). A

PARA SABER MAIS

- ROSA e SILVA, Enaura Quixabeira; BONFIM, Edilma Acioli. Dicionário Mulheres de Alagoas: Ontem e Hoje. Maceió: EDUFAL, 2007.
- SCHUMAHER, Schuma. Gogó de Emas – A Participação das Mulheres na História do Estado de Alagoas. Rio de Janeiro: REDEH, 2004.

VOCÊ SABIA?

Miriam Lima teve participação no movimento que desencadeou a renovação dos padrões estéticos na arte brasileira, a Semana de Arte Moderna, ocorrida entre os dias 11 e 18 de fevereiro de 1922, no Teatro Municipal de São Paulo.

SAIBA MAIS

A primeira Igreja de Bom Jesus teria sido construída no início dos anos de 1700.

DIA 24

A princesa do norte

Em 24 de abril de 1958, Matriz de Camaragibe foi desmembrada de Passo de Camaragibe e se tornou município. O nome da cidade vem da forte influência religiosa de sua origem, quando José de Barros Pimentel, dono do Engenho de Bom Jesus, cedeu parte de suas terras para que fosse construída a nova Igreja de Bom Jesus, já que a primeira tinha desaparecido.

Enviado pelo governador da Capitania de Pernambuco d. João de Sousa, em expedição militar contra o Quilombo dos Palmares, o capitão-mor Fernão Carrilho passou pelo povoado de Matriz de Camaragibe em 1677. Na ocasião, assistiu a uma missa votiva em homenagem ao Senhor Bom Jesus e pediu aos padres para levar a imagem do santo consigo até o local da batalha. Muitos negros morreram, e 200 foram aprisionados, incluindo a rainha e os filhos do rei Ganga Zumba. Na volta, Carrilho devolveu a estátua.

Nova Igreja de Bom Jesus

A 257KM DE DISTÂNCIA

Nesse mesmo dia, no Sertão alagoano, o antigo povoado de Capim era elevado à condição de cidade, agora com o nome de Olivença, em referência aos dois maiores fazendeiros da região, Manoel Vieira de Oliveira e Belarmino Vieira de Oliveira. As duas famílias vieram da Lagoa da Canoa em 1898 e se dedicaram à agropecuária, desenvolvendo a economia do pequeno povoado pertencente a Santana do Ipanema. A

CIDADE

DIRECTOR—LUCAS VIVEIROS

A missão da mulher

"ARISTOLINO"

JURY

FESTAS DO LAR

DIA 25

A missão da mulher

Jornal Cidade – Pilar, 25 de abril de 1926

#MEMÓRIADAIMPRENSA

É preciso que a mulher compreenda a grande missão que lhe está confiada.

Não é nas ruas, nas praças públicas que se precisa das mulheres; a mulher é precisa no lar.

Ser mulher infeliz é tristíssimo. Como é bello a mulher que pode cumprir a grandeza de sua missão.

A mulher frágil que é, transforma-se no ente mais forte, mais calmo e mais tranquilo que o homem.

A mulher do Lar tem toda a força em si pois, é a ela que cabe o preparo preliminar de seus filhinhos.

A creança de hoje é a joia de amanhã; a mãe e avó! Como se desdobra a existência da mulher quando são avós revém as criancices nas suas netas! A

ANNO I — ALAGOAS—PIRANHAS, 26 DE ABRIL DE 1881 — NUMERO 18

A LOCOMOTIVA

Publicação periodica

Propriedade de uma associação anonyma

A LOCOMOTIVA

ABOLIÇÃO DA ESCRAVIDÃO

Noticiario

DIA 26

A abolição da escravidão

A Locomotiva – Piranhas, 26 de abril de 1881

#MEMÓRIADAIMPRENSA

A Locomotiva julga de seu dever declarar que, professando as ideias abolicionistas que começam a processar-se do país, vem inscrever-se, como humilde, mas dedicado soldado, sobre o Pavilhão da igualdade evangélica, a mais humanitária das virtudes das liberdades públicas!

A locomotiva acompanha a legião dos modernos Messias, que trabalham por libertar os nossos infelizes irmãos da ignomínia da escravidão.

De acordo com as suas ideias já expendidas em artigo editorial do número 12 deste periódico, de 8 de fevereiro último, A Locomotiva promete ocupar-se seriamente e com dedicação de tão transcendente assunto, reservando uma secção especial para publicação de todos os actos, que se relacionarem com a libertação dos escravos. A

DIA 27

Asylo de N. S. do Bom Conselho

Diário da Manhã – Maceió, 27 de abril de 1882

#MEMÓRIADAIMPRENSA

Reconhecida como é geralmente a utilidade deste pio estabelecimento, escusado é encarecel-a aqui.

Sinão então grande escala, como é para desejar, vai pouco a pouco preenchendo seus fins, segundo os recursos de que presentemente dispõe.

Obedecendo ao preceito legal, apresentou a Vice-Directoria, no impedimento do respectivo Director, o circunstanciado relatório dos negócios pertencentes ao mesmo estabelecimento no ano próximo passado.

Em três anos, diz a directoria, saldadas ficaram todas as dívidas, cresceu o patrimônio e com elle abertas foram as portas do Asyilo a mais 3 órphans, existindo já alli 8; esperando que esse número se leve logo que as circunstâncias permitirem a largueza do benefício a necessitadas. A

ANNO I — MACEIÓ—QUINTA-FEIRA 27 DE ABRIL DE 1882 — N. 97

DIARIO DA MANHAN

PARTE OFFICIAL

RELATORIO

ALAGOAS

DR. JOSÉ BARBOSA TORRES

ASYLO DE N. S. DO BOM CONSELHO

DIA 28

Demócrito Brandão Gracindo: filho ilustre

Demócrito Brandão Gracindo nasceu no Engenho Boa Sorte, em Viçosa, no dia 28 de abril de 1884. Era o segundo filho do coronel Epaminondas Hipólito Gracindo e de Maria Brandão Gracindo.

Iniciou o curso primário em Viçosa, com professores particulares. Entrou para a Faculdade de Direito do Recife com apenas 15 anos de idade. Após sua formatura, foi trabalhar no Pará, onde ocupou o cargo de juiz na cidade de Chaves e de promotor em Gurupá. De volta a Alagoas, assume o cargo de juiz substituto nas comarcas de Capela e Palmeira dos Índios.

Pai do ator Paulo Gracindo

Foi prefeito de Maceió entre 7 de janeiro de 1909 e 7 de janeiro de 1911. Com a morte do seu pai, em janeiro de 1911, assume a vaga dele como deputado federal, permanecendo no mandato entre junho e outubro do mesmo ano. Volta a ter mandato como deputado estadual nas duas legislaturas entre 1925 e 1927, quando falece.

SAIBA MAIS

Assume a presidência do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas em 1919, e depois a vice-presidência, cargo que ocupa até a sua morte. Na Academia Alagoana de Letras, como fundador, ocupou a cadeira nº 1, cujo patrono é Adriano Jorge. Foi o segundo presidente dessa instituição.

Casou-se com Argentina Passos Guimarães, com quem teve o filho Pelópidas Guimarães Brandão, que viria a ficar conhecido como o ator Paulo Gracindo.

Faleceu no Rio de Janeiro, no dia 25 de setembro de 1927, aos 44 anos de idade.

Em sua homenagem, Maceió e União dos Palmares têm uma rua com o seu nome. Em Viçosa, há uma praça lembrando o filho ilustre. Mata Grande tem a Escola Estadual Demócrito Gracindo. A

DIA 29

Benedito Geraldo do Vale Bentes e a eletrificação de Alagoas

Benedito Geraldo do Vale Bentes

SAIBA MAIS

O bairro Benedito Bentes – o maior e mais populoso da capital – leva seu nome.

Benedito Geraldo do Vale Bentes nasceu no dia 29 de abril de 1918 em Manaus. Veio para Alagoas ainda jovem, com a transferência de seu pai, o engenheiro agrônomo Manoel Gentil do Vale Bentes, que estabeleceu residência em Satuba em 1934, após ter sido contratado como professor do Aprendizado Agrícola Floriano Peixoto.

Mesmo sendo bacharel em Direito e aprovado em concurso para o Ministério do Trabalho, optou pelo comércio, setor que o projetou na sociedade alagoana. Seu primeiro grande investimento foi em sociedade com Flávio Luz. A firma Bentes Luz representava os veículos Ford em Alagoas. Revendeu ainda veículos da Mercedes Benz, Toyota e equipamentos da Burroughs Corporation, esta última no ramo de computadores.

Reunião na Companhia de Eletricidade de Alagoas (Ceal)

Em pouco tempo, era um dos principais líderes do comércio local, o que o levou à presidência da Federação do Comércio e do Sesc/Senac em Alagoas. Por muitos anos também participou da direção da Confederação Nacional do Comércio.

Em 1961, assumiu a presidência da recém-criada Companhia de Eletricidade de Alagoas (Ceal), dando início a uma sequência de grandes realizações na eletrificação do Estado. Benedito Bentes dirigiu a empresa até agosto de 1974, quando faleceu repentinamente. A

DIA 30

Paulo Malta Ferraz, o magistrado educador

Paulo Malta Ferraz, magistrado, professor, advogado, nasceu em Maceió no dia 13 de janeiro de 1916. Cursou o primário no Grupo Escolar Fernandes Lima, o ginasial no Liceu Alagoano e o superior na Faculdade de Direito do Recife (PE). Colaborou, enquanto ainda estudante, no jornal A Cidade, de Recife.

SAIBA MAIS

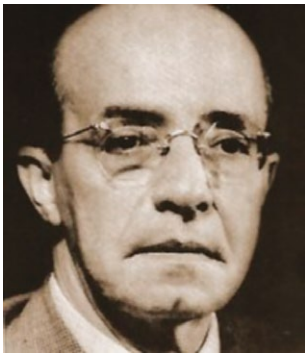
Foi membro da Academia Alagoana de Letras (AAL), onde ocupou a cadeira 36; da Academia Teresopolitana de Letras e da Academia Duquecaxiense de Letras e Artes, ambas no estado do Rio de Janeiro. Lecionou Economia Política, em 1941, na Faculdade de Direito de Alagoas; foi professor de Sociologia na Escola Normal Pedro II, em Blumenau (SC), de 1946 a 1952; e professor de Direito Civil da Faculdade de Direito Gama Filho, no Rio de Janeiro, de 1970 a 1977. Faleceu no Rio de Janeiro em 30 de abril de 1989.

De 1937 a 1963 exerceu a advocacia em Recife, em Maceió e em diversas cidades de Santa Catarina. Foi delegado auxiliar e regional em Santa Catarina. Em 1963, inicia sua carreira na magistratura, na cidade do Rio de Janeiro.

OBRAS

- Tomaz Antônio Gonzaga – Aspectos de Sua Vida e Sua Obra. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1944 (ensaio lítero-histórico);
- Apontamentos Para a História da Colonização de Blumenau (1850-1860). São Paulo: Instituto Hans Staden, 1949 (estudo histórico);
- Viagem ao Portugal de Eça de Queiroz. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1971, (ensaio literário);
- Pequena História da Colonização de Blumenau 1850-1883. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1976;
- Dois Poetas Líricos – Guimarães Passos e Oliveira e Silva. Teresópolis: Edições Cadernos da Serra, Coleção Pedra do Sino, 1979 (conferência);
- Unidade Política – Conferencial. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1944.

A voz do rádio Gilberto de Andrade



Gilberto de Andrade

Nascido em Maceió em abril de 1892, Gilberto Goulart de Andrade desde cedo manifestou vocação para as letras. Formado em 1910 pela Faculdade de Direito de Pernambuco, volta a sua terra natal e começa a militar na imprensa, chegando a editor e colunista dos jornais Gutenberg, Correio da Tarde e Diário do Povo. Foi ainda promotor público do estado de Pernambuco e deputado estadual por Alagoas, no período 1917-18.

Pouco tempo depois, muda-se para o Rio de Janeiro, escrevendo em O Paiz e A Noite. Na capital da república, enveredou para o teatro de revista e para a radiofonia. Assinou um total de 23 peças teatrais e foi editor de duas das primeiras publicações especializadas na área radiofônica: *Sintonia* e *A Voz do Rádio.*

No início de 1936, aos 44 anos, foi nomeado procurador do Tribunal de Segurança Nacional, criado pelo primeiro governo de Getúlio Vargas com o objetivo de ser ativado sempre que decretado estado de guerra.

Em 1940, a convite de Getúlio Vargas, assume a diretoria da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, onde permaneceu até março de 1946.

Gilberto de Andrade faleceu em 6 de junho de 1949, no Rio.

Maio

Maio

Maio

DIA 1º

Celestino, o líder dos Xucuru-Kariri

Nasce, em Palmeira dos Índios, Alfredo Celestino, líder indígena dos Wakonã Cariri, mais conhecidos como Xucuru-Kariri. Em 1935 reorganizou sua comunidade e buscou oficialização e reconhecimento junto aos órgãos oficiais indigenistas e governos municipais, estaduais e eclesiáticos, com o apoio do padre Dâmaso Pinto, clérigo alagoano que dirigia a província eclesiástica de Bom Conselho, em Pernambuco.

"Sempre pautou sua vida na luta pelos direitos e conquistas indígenas de forma ética, articulada e consensualizada", destaca Graciliana Wakanã. A

Cerimônia religiosa dos Xucuru-Kariri

Um poeta na fazenda

A vida do professor, poeta e jornalista Antônio Ignácio de Mesquita Neves dá uma reviravolta em 1958, quando passa a ser perseguido por fazer críticas ao presidente da província de Alagoas Antonio Coelho de Sá e Albuquerque, no Jornal Tempo, do qual foi redator de 1852 a 1858. Então, transfere-se para o Rio de Janeiro.

Nascido em 1º de maio de 1824, em Marechal Deodoro, ele estudou os primeiros anos em Maceió, onde se tornaria professor para sustentar a família após a morte do pai. Aos 14 anos, escreveu poesias. Colaborou

no jornal literário Matiz e é patrono da cadeira 37 da Academia Alagoana de Letras.

No Rio de Janeiro, foi conferente da Caixa de Amortização e, em 1868, voltou a Maceió, onde foi inspetor de alfândega, seguindo depois para Porto Alegre (RS) e São Luís (MA). Também foi intendente de Fazenda do Distrito Federal. Faleceu em Lisboa, onde estava a trabalho, em 18 de abril de 1893.

INSPETOR

Em 1880, era inspetor interino da Alfândega de Pernambuco, quando houve conflito com a polícia do porto, que o acusava de não estar no local de trabalho, mas foi absolvido do inquérito. A

OBRA

- Primeiros Prelúdios de Minha Lira
- Fábulas de Fedro (tradução)

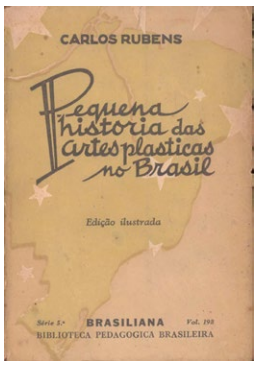
ANOTE!

Cultura Jeripankó — Festa na Aldeia Ouricuri

Na cultura Jeripankó, o 2 de maio é reservado à celebração da Santa Cruz. O festejo acontece na aldeia Ouricuri.

DIA 2

História da arte por Carlos Rubens



O jornalista e historiador de arte Carlos Rubens, pseudônimo de José Hermógenes Soares Costa, faleceu no dia 2 de maio de 1946, no Rio de Janeiro. Natural de Maceió, onde nasceu no dia 19 de abril de 1890, trabalhou na imprensa alagoana — em periódicos como o Correio de Maceió e o Jornal de Alagoas —, mas foi no Rio de Janeiro que se destacou.

Ele colaborou em diversos jornais cariocas, entre eles o

suplemento artístico da Gazeta de Notícias, o Jornal do Brasil, O Diário, a Folha, A Lanterna, A Razão, bem como na revista Para Todos e na Revista da Academia Brasileira de Letras.

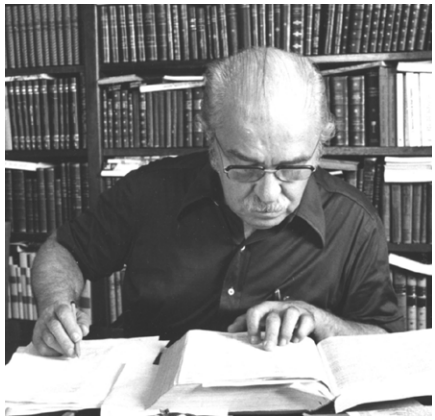
Carlos Rubens é autor de *Pequena História das Artes Plásticas no Brasil*, considerada uma das primeiras obras abrangentes sobre o tema. O livro, lançado em 1941, trata das origens da arte no Brasil, da contribuição holandesa na escola fluminense do século 18, da Missão Francesa de 1816, da pintura do século 19 e das primeiras décadas do século 20. Contém biografias dos principais pintores; aborda também a escultura, a arquitetura e as manifestações artísticas regionais. A

VOCÊ SABIA?

Carlos Rubens foi bibliotecário da Associação Brasileira de Imprensa e diretor e redator-chefe da revista Alagoas, que surge no Rio de Janeiro, em 1936. Além disso, pertencia à Academia Carioca de Letras desde 1931 e ao Instituto Histórico e Geográfico da Bahia.

DIA 3

Aurélio Buarque de Holanda — O homem das palavras



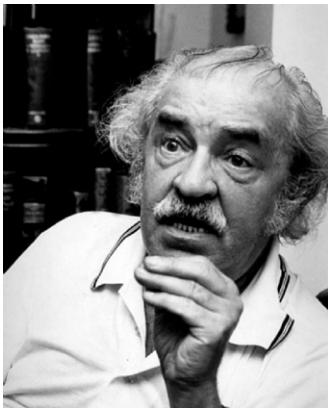
Mestre Aurélio

Nasce no dia 3 de maio de 1910, em Passo de Camaragibe, o ensaísta, filólogo e lexicógrafo Aurélio Buarque de Holanda. Filho do comerciante Manuel Hermelindo Ferreira e de Maria Buarque Cavalcanti Ferreira, passou parte da infância em Porto de Pedras e estudou as primeiras letras em Maceió; fez os preparatórios no Liceu Alagoano.

Aos 15 anos, ingressou no magistério e passou a se interessar pela língua e literatura portuguesas. Diplomou-se em Direito pela Faculdade do Recife, em 1936. Em 1930, fez parte de um grupo de intelectuais que exercia forte influência literária no Nordeste, entre

eles, Valdemar Cavalcanti, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Raul Lima e Rachel de Queiroz.

Em 1936 e 1937, foi professor de português, literatura e francês no Colégio Estadual de Alagoas e, em 1937 e 1938, diretor da Biblioteca Municipal de Maceió.

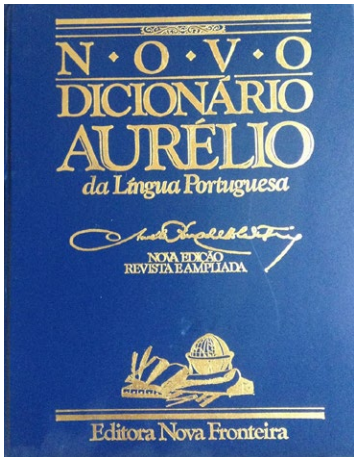


O PROFESSOR

A partir de 1939, já residindo no Rio de Janeiro, Aurélio Buarque foi professor de português e literatura brasileira no Colégio Anglo-Americano; professor de português no Colégio Pedro II, de 1940 a 1969, e professor de ensino médio do estado do Rio de Janeiro, de 1949 a 1980. Contratado pelo Ministério das Relações Exteriores, assumiu a cadeira de Estudos Brasileiros na Universidade Autônoma do México, de junho de 1954 a dezembro de 1955.

O DICIONARISTA

Em 1941, foi convidado para executar, pela primeira vez, um trabalho lexicográfico, como colaborador do Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa. A preocupação com a língua portuguesa, a paixão pelas palavras levaram-no à imensa tarefa de elaborar o próprio dicionário, e esse trabalho ocupou-o durante muitos anos. Finalmente, em 1975, surgia o Novo Dicionário da Língua Portuguesa, conhecido por todos como Dicionário Aurélio.



O ACADÊMICO

Aurélio Buarque de Holanda ocupou a cadeira número 30 da Academia Brasileira de Letras, eleito em 4 de maio de 1961, na sucessão de Antônio Austragésilo. Foi recebido na ABL pelo acadêmico Rodrigo Octavio Filho, em 18 de dezembro de 1961.

A praça do marechal

Inspirado em um quadro do pintor chileno Henrique Bernardelli, Rosalvo Ribeiro foi o artista responsável pelo emblemático monumento da Praça Deodoro que homenageia o marechal alagoano que proclamou a República. A encomenda foi feita pelo então governador Euclides Malta, e o monumento foi inaugurado no dia 3 de maio de 1920.

Escultura de Henrique Bernardelli

CONTINENTES

As estátuas localizadas nos cantos da praça foram feitas por Mathurin Moreau, representando Europa, Ásia, África e América.

PROJETO

Também coube a Rosalvo Ribeiro fazer o projeto de reurbanização da praça, que tomou como base a Place de la Concorde, em Paris (França).

CENTENÁRIO

No centenário de nascimento de Deodoro da Fonseca, uma placa celebra a data com a frase: "Foi commemorado nesta cidade de Maceió o centenário de nascimento do marechal Deodoro da Fonseca no dia 5 de agosto de 1927, por iniciativa do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano, sendo esta placa apposta pela Prefeitura Municipal". A

Selos e insígnias — Sociedade Filatélica de Alagoas

A Sociedade Filatélica de Alagoas foi criada no dia 3 de maio de 1893, em Maceió. A equipe da primeira diretoria era formada por João Simões (presidente), Hugo Jobim (secretário), João Craveiro (tesoureiro)e Fulgêncio Paiva (arquivista). O artista plástico Pierre Chalita (1930-2010) é considerado um dos principais colecionadores de Alagoas. A

Selo de Alagoas (1981)

DIA 4

Costa Leite em nome da lei

Nesse dia, no ano de 1962, nascia em Maceió o médico Luiz Joaquim da Costa Leite, que também seria deputado estadual (na legislatura 1895-96) e secretário de Estado dos Negócios do Interior no governo do vice-presidente em exercício José Vieira Peixoto (1895). Diplomado pela Faculdade de Medicina da Bahia, exerceu a profissão em Maceió, onde também foi inspetor de Saúde dos Portos. Costa Leite chegou a se eleger em 1897 à Câmara Federal, mas não teve o mandato reconhecido. Faleceu em Maceió, no dia 6 de junho de 1923.

O MENSAGEIRO

Luiz Joaquim da Costa Leite

Luiz Joaquim da Costa Leite mantinha um diário no qual registrava os acontecimentos sociais de Maceió. Em uma dessas anotações, o médico registrou a respeito da Proclamação da República:

"A 15 de novembro de 1889, seriam 4 horas da tarde, saímos eu e meus amigos João Palmeira – morto já hoje – e seu irmão, Dr. Miguel Palmeira, da casa em que morava à Rua da Boa Vista, nº 21, onde se achavam aboletados ambos eles, em satisfação ao convite de um amigo nosso para jantar em sua casa, quando vimos na tipografia do Gutenberg um telegrama em grandes letras brancas sobre quadro-negro noticiando a Proclamação da República pelo Exército e Armada, tendo à sua frente o Marechal Deodoro. Propagou-se a notícia, transunto de realidade enchendo de acontecimento a população do Estado, fácil em explosões de júbilo e de aplausos ao vencedor como a todos os outros. O comandante da guarnição tomou posse do governo, constituindo uma Junta Provisória com o Dr. Manoel Menezes e o cidadão Ricardo Brennand Monteiro, até que pelo Governo Central fosse nomeado o governador. O

presidente, nomeado pela situação liberal, decaída então, foi obrigado a embarcar em um vapor que se achava no porto, e o povo invadiu o Palácio do Governo". A

DIA 5

Lei para o ensino secundário

Era criado, em Maceió, por meio da Lei nº 106, de 5/5/1849 – sancionada pelo presidente da província de Alagoas, coronel Antonio Nunes de Aguiar –, o Liceu Provincial das Alagoas, para sistematizar o ensino secundário no Estado. O primeiro diretor da instituição, Fernando Afonso de Melo, iniciou as atividades com dez cadeiras: Gramática Nacional e Análise dos Clássicos Portugueses; Latim; Álgebra e Geometria; Geografia; Cronologia e História; Retórica e Poética; Inglês; Aritmética; Filosofia Racional e Moral.

1849 - Sede do Liceu na Praça D. Pedro II

MUDANÇAS

Durante toda a sua existência, o Liceu foi transferido de domicílio por várias vezes e também possuiu outros nomes. O Decreto de nº 11.948, de 17 de março de 1943, deu ao Liceu a autonomia de funcionar como colégio, o que forçou uma nova substituição de nome, passando então a ser chamado de Colégio Estadual de Alagoas.

1898. Mudança de endereço para a Rua do Livramento

PIONEIRISMO

A Lei nº 281, de 30/4/1855, determinou que a secretaria do Liceu ocupasse o lugar da Diretoria Geral de Instrução Pública, ou seja, que passasse a ser a mentora do ensino secundário na província, que em certo sentido era a primeira Secretaria de Educação de Alagoas. A

Um nobre militar

Irmão do Visconde de Sinimbu, do Barão de São Miguel e da baronesa de Atalaia, Manoel Duarte Ferreira Ferro nasceu em São Miguel dos Campos em 1800. Militar, filho do capitão Miguel Vieira Dantas, proprietário do Engenho Sinimbu, participou da Revolução Republicana de Pernambuco de 1817 e da de 1824.

Foi deputado provincial nas legislaturas 1842-43 e 1844-45, e no dia 11 de abril de 1859 recebeu o título de Barão de Jequiá. Foi condecorado oficial da Imperial Ordem da Rosa e Grande do Império, tendo atuado na política local de 1824 a 1865. Faleceu no dia 5 de maio de 1870. João Francisco Dias Cabral escreveu *Notícia Biográfica do Finado Barão de Jequiá*, em 1871. A

DIA 6

As talentosas mãos de João Lisboa

João Damasceno Lisboa

João Damasceno Lisboa foi um pintor, escultor e fotógrafo alagoano, nascido em Pão de Açúcar no dia 6 de maio de 1900. Também era conhecido como João de Siá Marica, nome da mulher que o criou assim que ficou órfão.

Numa época que ainda não contava com as facilidades do mundo digital, aprendeu a fotografar e a revelar as imagens com Segismundo Maciel, artista e conterrâneo. Fez fama na região com suas fotografias e também as técnicas de escultura. Assinou bustos de personalidades como o presidente Médici e Bráulio Cavalcante.

Também produziu réplicas da Praça dos Três Poderes e do Padre Cícero, e é dele o Cristo Redentor no Morro de Cavalete. Morreu no dia 8 de dezembro de 1990, em Pão de Açúcar.

BÍBLICO

A Igreja Matriz do Sagrado Coração de Jesus, na cidade de Pão de Açúcar, tem quadros a óleo de João Lisboa com passagens bíblicas. E na igreja da Matriz de Palmeira dos Índios, são dele as imagens dos 12 apóstolos.

MAIS

Blog do Etevaldo: História e Literatura

DIA 7

Cultura Xucuru-Kariri — Retiro espiritual

No último sábado do mês de março e início do mês de maio, durante seis dias consecutivos, é realizada o retiro espiritual na Reserva Sagrada.

Atenção: data móvel entre os meses de março e maio.

DIA 8

A nossa homenagem aos 120 anos do Colégio Estadual de Alagoas

Ô Lyceista alagoano – maio de 1969

#MEMÓRIADAIMPRENSA

O LYCEISTA ALAGOANO

EDITORIAL

EXPEDIENTE

No aniversário da casa

A nossa homenagem aos 120 anos do Colégio Estadual de Alagoas

Compilação e redação de José Carlos e R. Cabral

A Província de Alagoas, foi uma das últimas a penetrar na " era dos lyceus".

Naquela ocasião, o estudo era privilégio da classe abastada.

Desta forma, o ensino médio nas Alagoas foi considerado o pioneiro em certa parte da região, no

que tange a discriminação social e a ascendência de expansão mais rápida que o ensino de nível primário.

Mesmo quando D. João VI nos concedeu autonomia política, não partimos, como deveríamos partir, para uma missão alfabetizadora dentro do espírito da Lei.

DIA 9

Sabino Romariz, uma poesia no meio do caminho

Morre, no município de Penedo, no dia 9 de maio de 1913, o poeta alagoano Sabino Romariz. Romariz também foi jornalista, professor e funcionário público. Em Penedo, sua terra natal, passou a infância sob a tutela dos avós maternos, pois muito cedo perdeu os pais, João de Almeida Romariz e Maria d'Assunção Romariz.

Sabino Romariz

O HOMEM E SEU TEMPO

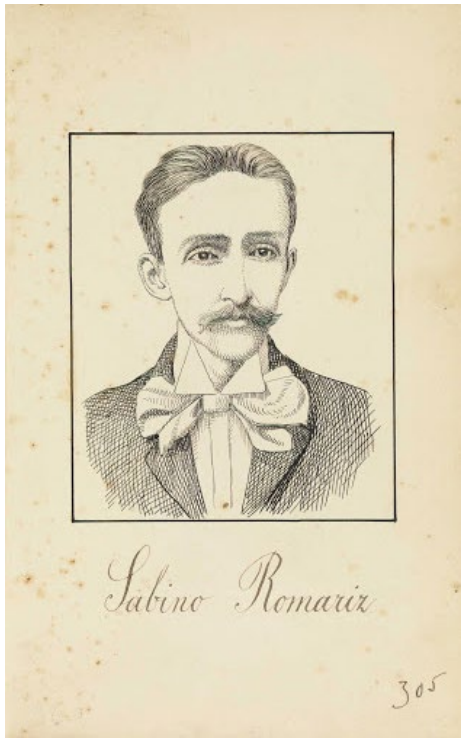
A poesia de Sabino Romariz repercute os movimentos da época em que viveu. O Romantismo tingia muitos dos seus poemas; o Parnasianismo é a marca dominante. Victor Hugo está presente em suas antíteses e apóstrofes: a essa influência se soma a de Guerra Junqueiro, que, com seu lirismo indignado e declamatório, tanto contagiou a poesia brasileira daquela época. E ainda sobressai, na torrente lírica de Sabino Romariz, um límpido veio simbolista.

MEMÓRIA AFETIVA

Como lembra sua neta Vera Romariz Correia de Araújo, Sabino Romariz nasceu em meio a mudanças culturais e tecnológicas de um país imerso na industrialização e na urbanização. Produziu poemas, textos de teatro e inúmeros materiais que se perderam

parcialmente ao longo do tempo. “Erudito, latinista, professor de português, latim, inglês, francês e desenho figurado, atuou em Lisboa, contemporâneo de autores como Olavo Bilac”, lembra Vera.

O LÍRIO



O lírio era uma flor
Imaculada,
Casta como um sorriso
De Maria;
Flor de uma alvura tal que
Parecia
Ter sido feita de hóstia
Consagrada.
Em Getsêmani, a face
Ensaguentada,
Jesus tragava o cálix
da agonia
E uma gota de sangue
luzidia
Sobre um lírio caiu
cristalizada.
E nisto a flor, sem mancha
concebida,
Foi-se tornando como
que dorida
Tomando aquele tom
violáceo, frouxo...
E de como era outrora
alvinitente
O lírio da Judeia, finalmente
Crepuscular ficou,
Tornou-se roxo. A

Comissão de incentivo ao folclore

Em 9 de maio de 1949 foi instalada a Comissão Alagoana de Folclore, sociedade civil composta por 60 representantes que tem como objetivo incentivar e coordenar as pesquisas, os estudos, a promoção, a defesa e a divulgação do folclore no âmbito do Estado.

Em pouco tempo de fundação, passaria a ter atuação articulada e coordenada com a Comissão Nacional do Folclore e com as demais Comissões Estaduais de Folclore.

Teve como presidente Théo Brandão (1948 a 1982), José Maria Tenório Rocha (1982 a 1999) e Pedro Teixeira de Vasconcelos (1999 a 2000). Estiveram presentes na reunião de fundação: Abelardo Duarte, Aloísio Vilela, Hélio Machado, Joaquim Diegues, José Maria de Melo, Lages Filho, Lêdo Ivo, Manoel Diégues Júnior, Mário Marroquim e Ulysses Braga Júnior. A

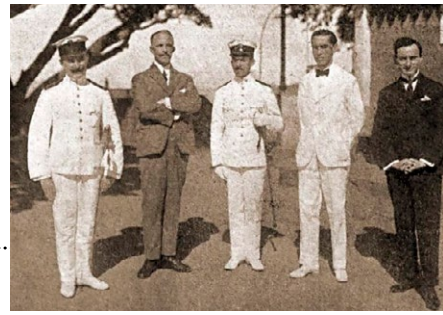
Vocação militar e revolucionária de Luís de Albuquerque

Luís de França Albuquerque

Luís de França Albuquerque nasceu em Viçosa no dia 9 de maio de 1883, fez os primeiros estudos em sua cidade natal e seguiu para Maceió em 1898, onde fez o curso secundário no colégio do professor José Estevam e exames para o Liceu Alagoano.

Mudou-se para o Rio de Janeiro, onde serviu no 38º Batalhão, sediado em Niterói. Seguiu a carreira militar, participando de movimentos tenentistas da década de 1920 contra as oligarquias paulista e mineira, sendo promovido a capitão em novembro de 1930, após a vitória do movimento revolucionário de outubro do mesmo ano.

Foi interventor federal em Alagoas por duas vezes: de 9 de agosto a 31 de outubro de 1931 e de 25 de outubro de 1932 a 10 de janeiro de 1933. Funda o Partido Socialista de Alagoas



no dia 15 de dezembro de 1932. Em 45 anos de vida militar, atingiu a patente de general de brigada. Morreu no dia 6 de janeiro de 1962.

FACULDADE DE DIREITO

Um decreto de 18 de agosto de 1931 do interventor Luís de França Albuquerque considerou a Faculdade de Direito de Maceió, surgida em 24 de maio de 1931 e oficializada em 25 de fevereiro de 1933, uma instituição de utilidade pública.

ARQUIVO PÚBLICO

No governo do interventor Luís de França Albuquerque, foi criado o Arquivo Público de Alagoas, em 22 de setembro de 1931. A

MAIS

Site História de Alagoas: O general revolucionário Luís de França Albuquerque.

Newton Sucupira, filósofo da educação

Nascido em Porto Calvo, em 9 de maio de 1920, o filho de João Buarque Sucupira e de Fani Lins fez seus primeiros estudos em Recife, no Colégio Nóbrega dos Jesuítas. Ingressou na Faculdade de Direito do Recife em 1938, formou-se em 1942 e fez um segundo bacharelado em Filosofia, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras dos jesuítas.

Ainda estudante de Filosofia, foi professor do ensino secundário. Formado, ensinou na Faculdade de Filosofia das Irmãs Doroteias. Logo depois, era o responsável pelas aulas de História e Filosofia da Educação no curso de Pedagogia da

Newton Sucupira

Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco, onde ingressou em 1948.

Em 1962, foi indicado pelo educador baiano Anísio Teixeira para fazer parte do instituinte Conselho Federal de Educação (CFE), atual Conselho Nacional de Educação. Naquele momento, para pensar a renovação da educação brasileira e a reforma universitária, conviveu com nomes como Almeida Junior, Abgar Renault, Alceu Amoroso Lima, Mauricio Rocha e Silva, entre outros, que definiram a aplicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Permaneceu no CFE até 1978.

PAI DA PÓS

Presidiu o grupo de trabalho que elaborou a Lei da Reforma Universitária no Brasil, em 1968. É considerado o patrono da regulamentação da pós-graduação brasileira. O marco legal ficou conhecido como Parecer Sucupira (977-65), do qual foi relator.

Em janeiro de 1977, passou a ensinar na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, ocupando o posto de titular no Departamento de História e Filosofia da Educação. Aposentou-se em 1988 e recebeu o título de professor emérito da UFRJ em 1989. Morreu no dia 26 de agosto de 2007, no Rio de Janeiro, aos 86 anos. Era casado, desde 1946, com Odette Silveira Sucupira.

ALGUNS PRÊMIOS

Recebeu o Prêmio da Academia Brasileira de Letras de Ensaio Público, em 2001, com o livro *Tobias Barreto e a Filosofia Alemã*.

Em 2006, recebeu o Prêmio Anísio Teixeira da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Ministério da Educação (Capes/MEC).

PROFESSOR EMÉRITO DA UFRJ

O dia 1º de setembro de 1989 foi especial para o professor alagoano Newton Sucupira. Foi quando ele recebeu o título de professor emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro e também foi homenageado pelo Instituto Nacional de Estudos e

Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, passando a integrar o programa Memória Viva da Educação Brasileira – depoimento de grandes educadores. Depois de 40 anos atuando como educador e gestor, teve o reconhecimento que fez história.

LIVROS

- Tobias Barreto e a Filosofia Alemã (2001)
- Engenho Banguê (2004)

FONTES

- http://www.capes.gov.br
- portal.mec.gov.br
- academia.org.br
- O Estado do Maranhão, 06/02/2016

DIA 10

Universidade de Alagoas

Excelsior. Diretório Acadêmico da faculdade de filosofia

#MEMÓRIADAIMPRENSA

EXCELSIOR

ORGÃO DO DIRETORIO ACADEMICO DA FACULDADE DE FILOSOFIA

Diretor: RUY AVILA

ANO I | MACEIO-ALAGOAS — MAIO DE 1955 | N. 1

A Palavra e a Liberdade

Universidade de Alagoas

Campanha da Universidade

Maceió. 10 de maio de 1955

O espírito Universitário rejuvenesce; a seiva da Mocidade agita-se no seu coração; a grandeza do heroísmo Circula-lhe as veias: a magnanimidade de sua cultura resplandece; a alegria inunda-lhe a face: é a visão de um futuro mais condigno e o preparo para a luta que se lhe aproxima. É a luta pela positivação do ideal da Universidade.

Tanto no seu aspecto econômico quanto na sua consideração cultural, a Universidade é uma fôrça porque é uma necessidade.

Compreendemos a amplitude da alma de Medeiros Neto como alma de sábio e de legislador, sempre decidido a lutar pela melhora da situação cultural do Brasil.

DIA 11

O cônego honorário

Nasce, em Traipu, no ano de 1855, Teotônio Ribeiro e Silva. Cônego honorário do Cabido Metropolitano da Sé de Olinda, doutorado em Cânones pela Universidade Gregoriana de Roma (1873). Ao retornar ao Brasil, fixa-se em Penedo como vigário da Igreja de Santo Antônio de Barro Vermelho. Conhecia latim, grego e hebraico. Faleceu em Penedo, no dia 19 de junho de 1929.

Em 1915, escreveu para O Semeador – diário católico vespertino publicado em Maceió desde o dia 2 de março de 1913 – uma série de artigos intitulados "Vocábulos e Frases em Uso no Estado de Alagoas". Além dela, escreveu, em 1917, *Esforço Biográfico do Missionário Apostólico Dr. Francisco José Corrêa de Albuquerque*, presbítero secular do Hábito de São Pedro, vulgarmente conhecido por Santo Padre Francisco. A

Mensagem presidencial

A Tribuna
Orgão do Partido Republicano Conservador

A Tribuna. Maceió, 11 de maio de 1911

#MEMÓRIADAIMPRENSA

Que ao congresso nacional apresentou o Excelentíssimo Senhor Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca, Presidente da República no dia 3 do corrente.

Logo após o Levante de 9 de Dezembro partia uma divisão de cruzadores para o sul. As Viagens de instrução são feitas sem perturbação dentro da época própria; 2 destroyers são mandados aos Estados que lhes dão os nomes e lá recebem bandeiras que o povo lhe oferece: três cruzadores vão as águas do Prata, tendo um deles, o Barroso, representado o nosso Paiz na solenidade da posse do presidente da república do Uruguai; dous outros cruzadores são mandados, um para o norte e outro para o sul, a situação política do Paraguay nos faz mandar à Assunpção um Cruzador três destroyers e um Tender, enquanto os navios flotilha de Matto Grosso, pelo mesmo motivo, são mobilizados, embora muito parcos sejam os recursos navais do Brasil naquella região da nossas fronteiras. A

DIA 12

A corte alagoana

É sancionada, em 1892, pelo governador Gabino Besouro, a Lei Estadual nº 7, que organizou a Justiça do Estado de Alagoas. Regulamentada pelo Decreto nº 77, de 7 de junho de 1892, a lei estabelecia critérios para a Justiça alagoana, como por exemplo a substituição do presidente do tribunal pelo desembargador mais idoso, conforme previsto no artigo nº 24 da legislação.

O órgão foi solenemente instalado no dia 10 de julho de 1892, com a denominação de Tribunal Superior.

TENTATVA

A primeira tentativa de criação do Tribunal de Justiça de Alagoas ocorreu no governo de Pedro Paulino da Fonseca, que assinou o Decreto nº 1, de 13 de junho de 1891, instituindo a corte. Como não existia Lei Orgânica, o decreto foi considerado sem efeito pelo Decreto nº 29, de 30 de novembro de 1891, no governo de Barão de Traipu.

ENDEREÇOS

Antes de ocupar o atual prédio na Praça Deodoro, a Justiça de Alagoas teve como primeira sede o Palácio Velho, localizado onde hoje é a Praça dos Palmares. A

Choveu na roça de Gerson Filho

Sanfona era mesmo com Gerson Filho. O compositor e instrumentista que nasceu em Penedo, no dia 12 de maio de 1915, deu nome em Alagoas ao Troféu Gérson Filho de Cultura Popular. Com 12 anos, já se apresentava tocando seu oito baixos, compôs *Choveu em Minha Roça* e logo seria um precursor nas gravações do instrumento. Usou os apelidos de Penedo, Baianinho da Sanfona e Zé Piaba.

Nos anos 1950, já era contratado nas rádios Tamoio, Guanabara, Mayrink Veiga e Rádio Nacional, no Rio de Janeiro, e gravou seu primeiro disco em 1953. Em 1958, lança o LP *Gerson Filho e Seu Fole de Oito Baixos*, alcançando grande popularidade e fazendo shows pelo Brasil. Com o declínio da rádio, vai morar em Sergipe e se apresenta no programa Forró no Asfalto, na Rádio Difusora de Aracaju. Ainda assim, nos anos 1970, gravava pela Chantecler/Continental. Faleceu em 6 de março de 1991, em Aracaju. A

Gerson Filho. (Ilustração de Mayara Barros)

ALGUMAS MÚSICAS

- Aguenta o Banzeiro, com Miguel Lima (1958);
- Arrasta-pé de Vaqueiro, com Afrísio Acácio;
- Baião Calado, com Salvador Miceli;
- Baião da Alta-roda;
- Baião da Capelinha (1959);
- Baião da Meia-noite, com Otávio Filho (1963);
- Balança o Ganzá, com Isnaldo Santos;
- O Gogó da Ema, com Salvador Miceli.

OUÇA

YouTube:

Gerson Filho –1967 – Quadrilha Brasileira – LP completo

Gerson Filho – 1972 – 8 Baixos Brasileiros – Vol. 1 – LP completo

DIA 13

Batista em nome da fé

Em 1923, era inaugurado em Maceió o templo da primeira Igreja Batista de Alagoas – a terceira fundada no Brasil. Até então, ela funcionava em lugares diferentes desde a sua implantação no Estado, no dia 17 de maio de 1885. O edifício, localizado na esquina da Rua 16 de setembro com a Rua Formosa, no bairro da Levada, trazia traços ecléticos, característica em alta na arquitetura brasileira da época. O ato de inauguração do templo foi dirigido pelo missionário norte-americano John Mein.

COLÉGIO BATISTA

John Mein chegou a Maceió no dia 26 de agosto de 1920. Seu ministério no Estado durou 10 anos, com um pequeno intervalo em 1926, quando o missionário se mudou com a família para Salvador (BA). Ele foi fundador de uma escola anexa à primeira Igreja Batista de Maceió, que viria a ser o Colégio Batista Alagoano. A

LEIA

Os templos evangélicos, suas configurações espaciais e seu valor para os usuários em Maceió, Alagoas, de Vivian Kruger Geier (Editora da Universidade Federal de Alagoas, 2012).

DIA 14

Pedro, o estatístico

Nasce, em 1902, no município de Viçosa, o jornalista e estatístico Pedro Barreto Falcão, responsável por reorganizar os serviços estatísticos regionais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no Rio Grande do Sul, a pedido do interventor federal naquele Estado, coronel Cordeiro de Farias. Pedro Falcão foi chefe de seção do Departamento Estadual de Estatística até 1929, quando foi requisitado pelo IBGE e nomeado diretor de Estatística do Rio Grande do Sul, tendo chefiado naquele estado os trabalhos do recenseamento de 1940. Voltando para Alagoas, organizou e dirigiu o Departamento das Municipalidades. Faleceu no dia 5 de setembro de 1945, em Maceió. A

Luís da Câmara Cascudo: sua vida, sua obra, sua glória

Crítica - política e letras.
Recife,14 de maio de 1966

#MEMÓRIADAIMPRENSA

crítica
Cr$ 500
POLÍTICA & LETRAS
LUÍS DA CÂMARA CASCUDO
Sua Vida - Sua Obra - Sua Glória
ESCREVEM
ANTOLOGIA
PÁGINAS SELETAS DE LUIS DA CAMARA CASCUDO
— PÓSIA E INEDITOS
OPINIÕES
"É uma das mais extraordinárias figuras da literatura brasileira. Sua vida é um exemplo de grandeza e dignidade. Sua obra, uma glória autêntica, conquistada no silêncio, às margens de um rio modesto — o Potengy."
BREVEMENTE
ASSIS CHATEAUBRIAND
A VAQUEJADA — Assunto Historial
LUIS DA CAMARA CASCUDO

Escrevem:

Aloísio Vilela, Antônio Olinto,Diógenes da Cunha Lima Filho, Eneida Guilherme Santos Neves, João Calazans, Jordão Emerenciano, Luiz romano, múcio leão, Newton Navarro, Nilo Pereira, Osvaldo de Souza, Rocha Pombo, Rômulo C. Vanderlei Veríssimo de Melo

Antologia

Página seleta de Luiz da Câmara Cascudo inéditos

" É uma das mais extraordinárias figuras da literatura brasileira.

É um exemplo de grandeza e dignidade. Sua obra, uma glória autêntica, conquistada no silêncio às margens de um rio e modesto - O Potengy.

Linda Mascarenhas, a grande dama

Nasce em Maceió, em 1895, Linda Mascarenhas, considerada a dama do teatro alagoano. Estudou latim com o cônego Teófanes de Barros, grego com dom Adelmo Machado e alemão com Ludwig Duchen. Mas foi como professora pública, atividade que exerceu até a idade de 51 anos, que Linda Mascarenhas sustentou-se e pôde levar uma vida independente. Lecionou francês, inglês, português e veio a se

Linda Mascarenhas

apresentar como professora catedrática na cadeira de Inglês na Escola Normal de Maceió.

Em 1944, o movimento de teatro amador, que vinha crescendo nacionalmente, chega a Alagoas de maneira mais estruturada, com o nascimento do Teatro Amador de Maceió (TAM). Linda fazia parte do grupo fundador e chegou a presidir a entidade. Onze anos depois, em 1955, foi fundada a Associação de Teatro de Alagoas (ATA). Linda não só estava entre seus criadores como foi presidenta da associação, até falecer, aos 96 anos, no dia 9 de junho de 1991.

Linda atuou em diversas montagens

PALCO ILUMINADO

A ATA incorporou setores jovens que estimularam a revitalização do teatro local, encenando peças mais contemporâneas e de cunho sociológico. Em 1956, aos 61 anos, ela realizou o sonho de pisar no palco, atuando pela primeira vez no papel de Lizaveta, em uma adaptação cênica de Léo Vitor do romance *O idiota*, de Dostoiévski.

PRÊMIO

Linda Mascarenhas atuou em diversas montagens, ganhando um prêmio pelo papel-título na peça *Dona Xepa*, de Pedro Bloch, com o qual percorreu várias capitais nordestinas.

FEDERAÇÃO PARA O PROGRESSO FEMININO

Linda Mascarenhas foi uma das fundadoras da Federação Alagoana para o Progresso Feminino (FAPF), instituição instalada no dia 13 de maio de 1932, em solenidade realizada no Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas. Ocupou o cargo de primeira-secretária.

Em 1935, a deputada Lilly Lages, então presidenta da entidade, optou por se afastar do cargo e das atividades cotidianas da FAPF para se dedicar mais à carreira científica. Linda Mascarenhas passou a comandar o desenvolvimento de ações locais, buscando atrair mulheres de diferentes classes sociais e de outros municípios. A

Augusto Malta - Rio de Janeiro sob o olhar alagoano

Augusto Malta — Rio de Janeiro sob o olhar alagoano

Nasce, no ano de 1864, em Mata Grande, então chamada de Paulo Afonso, o fotógrafo Augusto César Malta de Campos, considerado o principal fotógrafo da evolução urbana do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século 20, período de acelerada modernização. Radicado na cidade desde 1889, ano da Proclamação da República, trabalhou inicialmente como comerciante de tecidos, até dar seus primeiros passos como fotógrafo amador na virada do século.

Antes de se dedicar à fotografia, foi auxiliar de escrita, depois guarda-livros; trabalhou ainda na loja de secos e molhados e, por fim, passou a oferecer tecidos com uma bicicleta pelas ruas da cidade.

Em 1903, foi contratado por Pereira Passos como fotógrafo oficial da Diretoria Geral de Obras e Viação da Prefeitura do Distrito Federal, cargo criado especialmente para ele. Malta teve como missão principal registrar imagens de todas as ruas que teriam seu traçado modificado pelo gigantesco projeto urbanístico do prefeito Pereira Passos, no período conhecido como "bota-abaixo". Até 1936, documentou grandes transformações urbanísticas e arquitetônicas no Rio de Janeiro.

HISTÓRIA

Aposentou-se em 1936, após servir às administrações de Pereira Passos, Sousa Aguiar, Carlos Sampaio, Prado Junior, Alaor Prata e Pedro Ernesto. Até meados da década de 1940, continuou atuando como fotógrafo, eternizando os carnavais do rio, os corsos e as batalhas de flores, flagrantes do momento,

as personalidades de época, bem como aspectos sociais, como, por exemplo, o surgimento das favelas, em obra de inestimável valor histórico para a preservação da memória da cidade. Faleceu aos 93 anos, no dia 30 de junho de 1957. A

DIA 15

No ensino e no além

José Rodrigues de Albuquerque Maia publica em 1887 o romance *Dalva*. Foi vice-diretor do Ginásio Maceioense e professor no Colégio São João e no Colégio Dois de Outubro. Por um tempo, foi agente fiscal de impostos de consumo. Foi professor de desenho da Escola de Aprendizes Artífices em 1909 e redator do A Lua, em 1919, veículo de divulgação do Espiritismo. A

DIA 16

As cidades e as leis

No dia 16 de maio de 1892, por meio das Leis nº 14 e 15, as vilas de Traipu, Viçosa, Coruripe, Maragogi, Murici, São Luís do Quitunde e Triunfo (atual Igreja Nova) foram elevadas à condição de cidades. O autor desses atos administrativos foi o governador Gabino Besouro. Ele assumiu a presidência da província em 2 de março de 1892 e governou até 16 de julho de 1894, quando foi deposto por um movimento armado.

VIÇOSA

Índios, negros e fazendeiros de várias partes da província exploraram as terras férteis de Viçosa, elevada à condição de cidade no dia 16 de maio de 1892, pela Lei Estadual nº 14.

Os primeiros nativos da tribo dos Caambembes disputaram o território com os Cariri. Os negros escravizados que conseguiram fugir reconheceram nas matas ricas em palmeiras e caça barreiras naturais que dificultavam o acesso e garantiam subsistência. Os fazendeiros

introduziram a cultura do algodão e do açúcar e prosperaram economicamente.

Em 1890, por decreto, passou a se chamar Viçosa.

TRAIPU

O povoado teve origem em um morgado de Pedro Gomes, assentado sobre uma pequena colina às margens do rio são Francisco, entre as lagoas do Carlo e da Igreja, em frente à serra da Tabanga, que para os nativos marca o início do Sertão. Em abril de 1835, foi desmembrado de Penedo e elevado à condição de vila, com a denominação de Porto da Folha, e só passou a se chamar Traipu em 1870.

O nome Traipu é uma corruptela de "ytira ypu", de origem tupi, que quer dizer "fonte do monte" ou "olho d'água do monte".

BARÃO DE TRAIPU

Manoel Gomes Ribeiro, o Barão de Traipu, foi senador, deputado provincial, chefe do Partido Conservador no Império e ocupou o cargo de governador duas vezes como vice-presidente da província. Inclusive, foi eleito vice com Gabino Besouro.

MARAGOGI

Antes de se tornar cidade com o nome Maragogi, o povoado se chamava Gamela. Em 1875, passou a se chamar Isabel, em homenagem à princesa, mas se consolidou como município com o nome mais prezado por seus habitantes.

HOLANDESES

As batalhas contra os holandeses eram frequentes na região, porque a produção agrícola pernambucana escoava pela cidade de Porto Calvo. Então, as tropas que vinham de Olinda e Recife encontravam resistência ao passar pelo povoado.

A CABANADA

A Guerra dos Cabanos, uma revolta popular que defendia a volta de D. Pedro I ao poder, teve como um dos seus líderes João Batista de Araújo, que ficava à frente das hostilidades em Barra Grande, hoje povoado de Maragogi. Em 1832, no início do movimento, João Batista foi preso em sua casa pelo almirante Tamandaré.

Depois da captura de João Batista, Vicente de Paula assume a liderança e molda o propósito do movimento. Índios, negros e mestiços passam a defender suas terras na floresta comandados por Vicente de Paula.

CORURIPE

As primeiras atividades do povoado de Coruripe datam do século 18. Seu primeiro colonizador, Antonio de Moura Castro, explorou o pau-brasil num terreno entre os rios São Miguel e Coruripe, cedido pelo rei de Portugal.

O comércio de madeira teve início depois do extermínio dos índios Caetés, em represália à morte do primeiro bispo do Brasil, Pero Fernandes Sardinha. A região, aliás, tornou-se famosa pelos naufrágios tanto da nau Nossa Senhora da Ajuda, que conduzia Sardinha, quanto da navegação do espanhol dom Rodrigo de Albaña. Depois da exploração do pau-brasil, com os terrenos limpos, o plantio de cana-de-açúcar e a construção de vários engenhos impulsionaram o crescimento econômico do povoado, que se tornou vila em 1886.

MURICI

A cultura popular conta que foi o frei Domingos quem fundou Murici, que conquistou a condição de cidade em maio de 1892. Segundo a tradição, ele plantou na região do povoado um muricizeiro bravo, que atraía viajantes com sua sombra.

LISOS E CABELUDOS

Murici foi palco da violência entre os integrantes do Partido Conservador e do Partido Liberal, popularmente conhecidos como Lisos e Cabeludos. No dia 4 de outubro de 1844, os Lisos se rebelaram contra o presidente da província, Bernardo de Sousa Franco, e ocuparam a capital. O presidente Sousa Franco demitiu os opositores do Partido Conservador de postos-chave do governo. Por isso, os Cabeludos resolveram partir para o embate em Bebedouro e obrigaram o governador a aceitar suas imposições.

Com reforços de Pernambuco, os Cabeludos expulsaram os revoltosos para o interior, que se concentraram em Murici. A cidade foi cercada na batalha de contra-ataque, quando os Lisos foram completamente derrotados.

SÃO LUÍS DO QUITUNDE

O município teve sua origem numa pequena povoação próxima a um afluente do rio Santo Antônio, no Engenho Castanha Grande. Em 1780, no entanto, os primeiros habitantes foram transferidos para o Engenho Quitunde por iniciativa do proprietário, Joaquim Machado da Cunha Cavalcanti. No novo local, foram criados quatro trapiches para recebimento de açúcar, e o povoado cresceu em número de habitantes e economicamente. Foi elevado à vila em 1879, e à condição de cidade, em 1892.

São Luís do Quitunde foi a primeira cidade planejada de Alagoas. Joaquim Machado, antes de transferir a população para o seu engenho, pediu ao engenheiro alemão Carlos Baltenstern que fizesse o traçado da nova povoação.

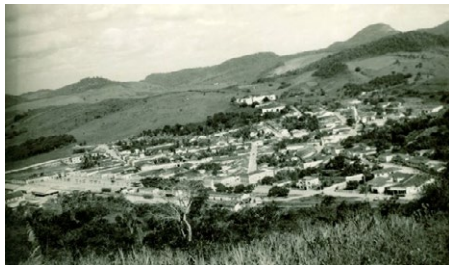
IGREJA NOVA

A origem do então município de Triunfo, atual Igreja Nova, está ligada à história de Penedo. Pescadores da principal cidade da região, explorando novas áreas de pesca no rio São Francisco, fundaram o povoado chamado Ponta das Pedras.

Depois o local recebeu o nome de Oitizeiro, referência a uma árvore frondosa da região.

Em 1890, desmembrado de Água Branca e elevado à condição de vila, passou a se chamar Triunfo. Em maio de 1892, tornou-se cidade, mas três anos depois, o município foi extinto, e o território voltou a pertencer a Penedo. Triunfo só conquistou a emancipação definitiva em 1897, e recebeu o nome de Igreja Nova em 30 de junho de 1928.

No início do povoado, quando ainda era chamado de Oitizeiro, existia uma pequena capela em homenagem a São João. Fortes chuvas destruíram o templo. Então, frades alemães se juntaram à população e construíram uma das mais belas igrejas católicas de Alagoas, e o município passou a se chamar Igreja Nova. A



Asas para Alagoas com o aeroclube

O sonho de voar, tão bem simbolizado no mito de Ícaro, consegue se materializar com o voo histórico de Santos Dumont em 1905 com o 14-BIS. Cinco anos depois, no dia 14 de outubro de 1911, foi criado o Aeroclube Brasileiro. Desde a década de 1920, há registros que alagoanos também estavam fascinados com a ideia. Mas apenas no dia 16 de maio de 1940 foi fundado o Aeroclube de Alagoas, que, em novembro, presido por Jorge Brotherhood, teve autorização para operar.

A primeira turma formada em Maceió, em 28 de setembro de 1942, denominada Tenente Pedro Aureliano de Góes Monteiro, tinha nove aviadores. Em 1943, o avião Rosa da Fonseca, pilotado por Rosalvo Prata, fez manobras na região, e em 22 de janeiro de 1944, começou a construção de um campo de pouso em Mangabeiras.

Após crises no setor, o jornal carioca Diário da Noite anunciava a chegada de um piloto alagoano em 17 de março de 1959 contando da situação de falência dos aeroclubes no Brasil, indicando que "o aeroclube de Maceió já deu prego".

Em fevereiro de 2015, após passar quatro anos sem oferecer o curso teórico de pilotagem, o Aeroclube de Alagoas reativou o seu o curso preparatório de piloto civil.

SAIBA MAIS

Site História de Alagoas: A história da aviação alagoana.

PROCISSÃO AÉREA

No final de outubro de 1970, já instalado no bairro Tabuleiro do Martins, o aeroclube realizou a primeira procissão aérea da cidade, transportando a imagem de Nossa Senhora do Loreto.

Sinai Mesquita, filha do piloto Jaques Mesquita, foi a primeira mulher alagoana a se formar no aeroclube, em setembro de 1943. A

Almerinda Farias Gama — Uma feminista negra na luta pelo voto feminino

(*) Por Cibele Tenório

Almerinda Farias Gama

Almerinda Farias Gama nasceu em Maceió, no raiar do século 20, em 16 de maio de 1899. Filha do comerciante José Antônio Gama e da professora Eulália da Rocha Gama, foi a segunda filha entre três irmãos. Aos 8 anos, com a morte do pai, mudou-se com a família para a cidade de Belém. No Pará, a jovem que desde criança afirmava ser inconformada com a diferença de tratamento entre homens e mulheres, passou a colaborar com jornais escrevendo artigos críticos que denunciavam a subalternidade da condição feminina. Integrante da classe trabalhadora assalariada, Almerinda trabalhava como datilógrafa e secretária e enfrentou pessoalmente as barreiras enfrentadas pelas mulheres no mundo do trabalho, como os baixos salários.

IGUALDADE DE DIREITOS

Depois da morte do marido Benigno Gama, Almerindo mudou-se em 1929 para o Rio de Janeiro em busca de novas oportunidades profissionais. No ano seguinte, juntou-se à Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), entidade feminista fundada pela bióloga Bertha Lutz. Para Almerinda, o caminho possível para conquistar igualdade de direitos entre homens e mulheres passava pelo voto e pela presença de mulheres em cargos eletivos: "Eu achava que o voto era uma arma que nós tínhamos para poder ingressar no recinto

onde se discutiam estes assuntos", disse em entrevista à historiadora Angela de Castro Gomes em 1984.

Almerinda fundou o Sindicato das Datilógrafas e Taquígrafas do DF

FUNDAÇÃO BRASILEIRA PELO PROGRESSO FEMININO

Almerinda foi uma das lideranças da FBPF, única mulher negra a fazer parte da alta cúpula da entidade, mas estendeu sua atuação política a outras frentes. Ela também fundou e presidiu o Sindicato das Datilógrafas e Taquígrafas do Distrito Federal, na época a cidade do Rio de Janeiro, o que a torna uma pioneira entre lideranças sindicais femininas no país. Em 1933, foi a única mulher a votar na eleição que escolheu representantes classistas de associações profissionais para a Assembleia Nacional Constituinte. Também foi candidata a deputada federal em 1934. Mesmo não tendo sido eleita, figura entre as primeiras mulheres negras no cenário político brasileiro até então hegemonicamente branco e masculino.

JORNALISTA – PUBLICOU DOIS LIVROS

Além de sua atuação como militante da causa das mulheres e dos trabalhadores, também era poetisa e musicista. Em 1942 lançou seu livro de poesias *Zumbi* e, anos mais tarde, o livro infantil *O dedo de Luciano*. Além de datilógrafa, Almerinda trabalhou durante muitos anos como jornalista, tendo atuado em diversas redações de jornais cariocas. Almerinda morreu em 31 de março de 1999, em São Paulo, pouco tempo antes de completar 100 anos. Em 2016, a prefeitura da capital paulista instituiu o Prêmio Almerinda Farias Gama para consagrar iniciativas na área de comunicação ligadas à defesa da população negra. A

SAIBA MAIS

A VIDA NA PONTA DOS DEDOS:

A trajetória de vida de Almerinda Farias Gama (1899-1999) – feminismo, sindicalismo e identidade política.

- https://repositorio.unb.br/handle/10482/40903
- https://www.youtube.com/watch?v=U0oc8sux7yI&t=232s

DIA 17

Ouro Branco 100% algodão

Ouro Branco, no Sertão alagoano, ganhou status de município em 17 de maio de 1962. Seu território foi desmembrado de Santana do Ipanema, e José Soares da Silva foi nomeado administrador da cidade.

O povoado teve origem por volta de 1830, mas o lugar só começou a prosperar quando o mineiro Domingos Gomes implantou sua fazenda nas antigas terras da família Paranhos e novas residências foram construídas. Domingos denominou o povoado de Olho d'Água do Cajueiro por existir uma cacimba embaixo de um cajueiro local.

Depois de voltar para Minas Gerais e deixar seu filho Francisco Gomes, a localidade passou a se chamar Olho d'Água do Chicão. A cidade só se chamaria Ouro Branco nas primeiras décadas do século 20, quando Antonio Jiló de Campos, impressionado com as plantações de algodão, deu o atual nome ao município. A

Paraíso das Jaramataias

O município de Jaramataia foi criado em 17 de maio de 1962, por iniciativa dos líderes locais Olavo Barbosa de Oliveira, José Maria Cavalcante, Aureliano Barbosa Cesar e José Barbosa. A cidade foi desmembrada de Batalha e instalada oficialmente em julho do mesmo ano.

A influência da família Barbosa vem da origem do povoado, desbravado por Manoel Barbosa de Farias, em 1882. O fazendeiro foi o primeiro a se instalar no local, na Fazenda Jaramataia.

MAIOR AÇUDE

Com capacidade para 19 milhões de metros cúbicos de água, o açude construído pelo Departamento Nacional de Obras Contra a Seca (Dnocs) é o maior de Alagoas. Atualmente, a barragem serve à piscicultura e à população, como uma prainha. A

VOCÊ SABIA?

O nome Jaramataia foi dado por causa da grande quantidade desse tipo de árvore na região. A planta tem origem africana, da região do delta do rio Níger.

A boemia poética de Possidônio Calaça

Possidônio Calaça

Bacharel em Ciências e Letras e formado no Ginásio de Maceió, Possidônio Calaça nasceu no município de Água Branca em 17 de maio de 1877. Chegou a cursar, com apenas 17, no Rio de Janeiro, a Faculdade de Medicina e a

Escola Politécnica. Com a transferência do pai para Januária (MG), foi professor na escola Normal Livre e gerenciou o jornal A Luz.

Conforme Etevaldo Amorim registra em seu blog (blogdoetevaldo.blogspot.com), a boemia era constante, e ele morreu pobre. Chegou a receber uma herança significativa e preferiu abandonar o quarto de solteirão que ocupava na casa de um parente, mudando-se para o melhor hotel da cidade. Quando o dinheiro acabou, retornou ao antigo quarto. Morreu no dia 20 de janeiro de 1932, em Januária.

MEU BERÇO

Sou filho de Alagoas. Água Branca
é meu berço natal, a vilazinha,
a terra em que nasci.
O horizonte, a meus olhos, tira, arranca
o céu do berço meu, da pátria minha,
Onde infante vivi.
Daqui não vejo o céu de minha terra,
essas matas virentes, o meu vale,
O meu nativo lar.
O belo céu azul que a Pátria encerra,
Mas, que em mim a saudade sempre fale,
Fazendo-me lembrar.
Sou filho de Alagoas, bela plaga,
Que São Francisco beija quanto passa
No leito colossal,
O mesmo S. Francisco que hoje alaga
As terras que em limites ultrapassa
No solo marginal.
É tão belo o torrão alagoano!
Que formosas manhãs! Um céu sorrindo
Nos róseos arrebóis!
Inda mais... Deodoro e Floriano
Dizem, na voz da história ressurgindo:
"És um berço de heróis!"

SAIBA MAIS

Blog do Etevaldo: Possidônio Calaça, poeta aguabranquense

DIA 18

Abelardo Duarte, o pediatra humanista

Abelardo Duarte

Nasce no ano de 1900, em Maceió, o médico Abelardo Duarte, fundador da Faculdade de Medicina de Alagoas. Professor emérito da Universidade Federal de Alagoas, secretário perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas e sócio honorário do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, ele também era escritor.

Além de artigos médicos, escreveu sobre teatro, educação e cultura. Na inauguração da Faculdade de Medicina de Alagoas, fez a palestra "Conquistas e Tendências da Medicina Contemporânea". Faleceu no dia 7 de março de 1992, em Maceió.

SANTA CASA

Em 1927, já formado na Faculdade de Medicina da Bahia, iniciou sua vida profissional em Maceió, trabalhando como médico pediatra voluntário na Santa Casa de Misericórdia. Abelardo Duarte foi chefe da Clínica Pediátrica do Hospital Infantil da Santa Casa e diretor-médico do Instituto de Assistência e Proteção à Infância de Alagoas.

LITERATURA

Escreveu obras importantes na literatura brasileira, entre elas, *Dom Pedro II e Dona Teresa Cristina nas Alagoas – A Viagem Realizada ao Penedo e Outras Cidades Sanfranciscanas, à Cachoeira de Paulo Afonso, Maceió, Zona Lacustre* e *Região Norte da Província* (1859-1860).

"Além de oferecer o conhecimento da nossa história e a valorização do Estado, especialmente dos locais visitados, esta obra contribui para ressaltar a importância da estruturação de

rotas turísticas e até inusitadas, agregando cultura e história ao tradicional binômio sol e mar", destaca a apresentação da edição fac-similar do livro, lançado pela Imprensa Oficial Graciliano Ramos em 2010.

Nasce Branquinha

O município de Branquinha foi desmembrado de Murici e conquistou autonomia política em 18 de maio de 1862. O povoado teve origem por volta de 1870, quando moradores de outras regiões se instalaram em pequenos sítios à margem esquerda do Rio Mundaú.

SEM LENÇO, SEM DOCUMENTO

A cidade ribeirinha perdeu os registros de sua origem também no mês de maio, em 1949, na primeira grande enchente do rio Mundaú. A prefeitura de Murici, onde eram guardados os documentos, ficou destruída pelas águas.

Branquinha ainda sofreu com outras enchentes em 1962, 1969, 2000 e 2010. A última foi a mais devastadora. Em junho de 2010, o nível do rio Mundaú subiu em pouco mais de uma hora, por causa de fortes chuvas na nascente do rio, em Garanhuns (PE). O prédio da prefeitura, todas as escolas, cartório e o único posto de saúde da cidade foram destruídos.

DIA 19

São Brás em luta por Emancipação

Localizada no Agreste alagoano, a cidade de São Brás foi originalmente habitada pelos povos indígenas Tupinambás, Carapotas, Aconás e Cariris. A freguesia de São Brás, território de desmembrado do município de Porto Real do Colégio, foi criada em 19 de maio de 1875. A vila foi instalada em 28 de junho de 1889, e em 1911, o município era constituído do distrito-sede.

Em fevereiro de 1932, um decreto estadual revogou a lei que criou o município e anexou São Brás a Traipu. Já a Constituição de 1935 cancelou esse ato, mas ele viria a ser novamente suprimido em outubro de 1938. Com a Constituição de 1947, São Brás volta a ter autonomia política. A festa do padroeiro, São Brás, é comemorada no dia 3 de fevereiro, e a Emancipação Política, no dia 1º de outubro.

REZA A LENDA

A Lei Provincial que criou a freguesia de São Brás, à margem do São Francisco, é de 19 de maio de 1875. Diz a lenda que foi encontrada uma imagem do santo que dá nome à cidade numa ilha próxima à comunidade. Impressionada, a população construiu uma capela para São Brás e se desenvolveu ao seu entorno, como era tradição na formação das cidades alagoanas. São Brás foi elevada à vila em 28 de junho de 1889 e conquistou autonomia como município em 1947. A

DIA 20

Deraldo Campos, o senhor das Letras

Deraldo Campos

Nasce em Penedo, no ano de 1915, o médico Deraldo de Souza Campos, que foi secretário de Educação e Cultura entre 3 de janeiro de 1961 e 11 de fevereiro de 1966, durante o governo do general Luiz de Souza Cavalcante.

Em sua gestão, foi criado e instalado – pela Lei nº 2428, a 30 de dezembro de 1961 – o Arquivo Público de Alagoas, que tinha a finalidade de preservar os documentos de valor legal, administrativo ou histórico sobre Alagoas. O órgão passou a funcionar no Palacete Barão de Jaraguá, situado na praça D. Pedro II, nº 57, Centro de Maceió.

Para dirigir o Arquivo Público Estadual, Deraldo Campos convidou o então acadêmico de Direito Moacir Medeiros de Sant'Ana, que assumiria o cargo no dia 20 de fevereiro de 1962, aos 29 anos de idade.

O MESTRE

Deraldo Campos se formou em Medicina pela Faculdade de Medicina de Recife, em 1938. Ainda acadêmico, atuou no município de Anadia na profilaxia da varíola e no combate à esquistossomose. Como educador, foi professor e diretor, em 1960, do Colégio Estadual de Alagoas e professor da Faculdade de Medicina de Alagoas.

ECLÉTICO

Deraldo Campos também foi diretor da Caixa Comercial de Maceió, que funcionou no nº 422 da Rua do Comércio, no Centro. Em sua gestão, a instituição foi transformada no Banco Agro-Mercantil. O educador também foi sócio-fundador do jornal Correio de Maceió e sócio do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas. O médico faleceu no dia 5 de maio de 1969. A

DIA 21

Sociedade Alagoana de Folclore e cultura à mesa

Em 1942, o folclorista Théo Brandão funda em sua casa, localizada no bairro do Farol, em Maceió — "em torno de uma mesa gostosamente nordestina: cuscuz, sequilhos, pamonhas, doce de coco e outras coisas a mais", como lembraria o também folclorista e antropólogo Manuel Diégues Junior —, a Sociedade Alagoana de Folclore, que teve José Maria de Melo como presidente.

Durante o tempo em que esteve na ativa, a entidade promoveu conferências, apresentações de cantadores, entre elas a de dois cantores de viola, Octávio e Limeira, que aconteceu no salão nobre do Palácio do Governo. A

DIA 22

À sombra do cajueiro

O distrito de Cajueiro foi elevado à categoria de cidade em 22 de maio de 1958, pelo governador Muniz Falcão. Antes da Lei nº 2096, que instituía definitivamente a emancipação e o desmembramento do território de Capela, Cajueiro já tinha sido município durante o governo de Euclides Malta.

Em 10 de junho de 1904, o então governador transfere a sede de Capela para Juazeiro e muda a denominação do local para Euclides Malta. O ato administrativo, no entanto, é anulado em 1912 pelo governador Clodoaldo da Fonseca, por meio de decreto estadual. A sede então volta a ser Capela, agora com a denominação de Paraíba. A

VOCÊ SABIA?

A origem do nome da cidade vem de um frondoso cajueiro da região, embaixo do qual viajantes e seus animais paravam para descansar à sua sombra.

DIA 23

JORNAL DE ALAGOAS

MARCHAM SOBRE CHANG-CHUNG

Iniciada a ofensiva dos nacionalistas chineses

Acusações contra Franco

AFINAL QUEM TEM RAZÃO?

DUTRA REPELE O APOIO POLITICO DE VARGAS

Apelo de Truman a Stalin

Renasce o espirito francês

Discorda o Irã

Marcham sobre Chang-Chung — Iniciada a ofensiva dos nacionalistas chineses

Jornal de Alagoas. Maceió, 23 de maio de 1948

#MEMÓRIADAIMPRENSA

*Acusações contra Franco

*Afinal quem tem razão? Hussein Ala ou Ghavam?

*Dutra repele o apoio político de Vargas

*Apelo de Truman a Stalin para que a U.R.S.S. auxilie as nações sujeita à fome.

DIA 24

Manoel de Sampaio Marques — Na medicina e na política

Em 1890, Manoel de Sampaio Marques realizou um feito incomum para o seu tempo: defendeu a tese "Histeria no Homem", na Faculdade de Medicina da Bahia, apontando para uma dimensão pouco explorada, porque associada às mulheres. Nascido em São Miguel dos Campos no dia 24 de maio de 1866, estudou no Liceu Alagoano e, depois de formado, exerceu a medicina no Serviço de Higiene Municipal de Maceió; foi secretário da Fazenda e professor de mineralogia e geologia do Liceu Alagoano. Médico da Santa Casa de Misericórdia, também dirigiu e foi provedor dessa instituição. Faleceu em Maceió no dia 2 de julho de 1951.

Sampaio Marques

CAPA PRETA

Foi casado com uma prima, Carolina de Sampaio Marques, falecida em 22 de novembro de 1921, cujo manto esculpido no

SAIBA MAIS

Site História de Alagoas: Dr. Sampaio Marques: médico, escritor, professor e político.

mausoléu da família, no Cemitério Nossa Senhora da Piedade, deu origem à lenda urbana da Mulher da Capa Preta.

POLÍTICA

Na política, foi eleito deputado estadual para a legislatura 1895-1896. Em 7 de janeiro de 1905, foi intendente de Maceió, permanecendo no cargo até 7 de janeiro de 1907. Como deputado federal, assumiu as legislaturas 1906-1908 e 1909-1911. Tinha o título de grão-mestre da loja maçônica Perfeita Amizade Alagoana. A

DIA 25

Ranulpho Goulart, poesia da vida inteira

Poeta e membro-fundador da Academia Alagoana de Letras, Ranulpho Goulart nasceu em 25 de maio de 1872 em Maceió. Foi funcionário da Alfândega de Maceió, dramaturgo, artista visual, fotógrafo e músico. Usou o pseudônimo Arthur Paulo Glon, como no livreto *Página Triste* (1922), e colaborou nos jornais O Gutenberg e Jornal de Alagoas. Foi redator, ao lado do Alferes Boaventura de Abreu, Craveiro Costa e José Avelino da Silva, de O Arrebol, publicado em Maceió a partir de outubro de 1900, que teve como diretor José Chevalier.

É autor das peças *As Almas do Outro Mundo (comédia), As Lágrimas, A Permuta, A Estalagem, Cenas de Aldeia, A Família Maldita.* Foi diretor da montagem *Lázaro*, no Centro Dramático Jaraguaense, em 1905. Faleceu em Maceió em 27 de dezembro de 1940. A

OBRAS

- Saudade;
- Páginas Tristes (1922);
- Guimarães Passos (1930);
- Seu Retrato.

Antiga bandeira alagoana

O governador Gabino Besouro, no dia 25 de maio de 1894, instituiu, por decreto, bandeira e brasão para Alagoas.

Dizia o decreto:

"O Governador do Estado, attendendo à conveniência de estabelecer as armas do Estado para symbolisa-lo nos papeis públicos, decreta a adopção das que se acham desenhadas no modelo annexo e se compõem dos seguintes distinctivos: — Um escudo atravessado por uma faixa em sentido obliquo e descendente da esquerda para a direita, com a legenda — Paz e Prosperidade — que constituem a nossa principal aspiração. Na base esquerda, como representação das nossas indústrias, o trem de uma via-ferrea, e logo acima um barco a vapor dá a idéa do nosso commercio. No centro do lado direito, o nosso mais notável accidente physico, a cachoeira de Paulo Affonso, formada pelo rio S. Francisco, recorda as nossas vias de comunicação fluvial. Na parte superior do lado direito uma estrella radiante symbolisa a que representa o Estado de Alagoas nas armas e bandeira da República. Um feixe de cannas e um ramo de algodoeiro, orlando a parte inferior do escudo, rememoram a nossa lavoura. Na parte superior uma aguia deslumbrada, emblema da força, cercada de uma auréola, abrange o escudo com suas azas, destendidas. Finalmente, uma fita de pontas bipartidas, desenhada por cima do escudo contém em caracteres maiusculos as palavras — Estado de Alagoas — e em outra fita menor, que na parte inferior enlaça o feixe de cannas e o ramo de algodoeiro, se lê em identicos caracteres a palavra – Brazil.

O presente Decreto será opportunamente submettido à approvação do Congresso.

Palácio do Governo do Estado de Alagoas, em Maceió, 25 de Maio de 1894, 6° da Republica.

Gabino Besouro".

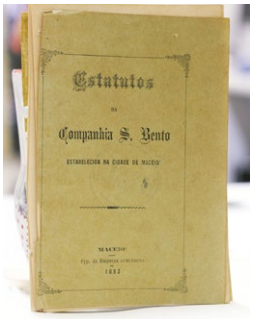
68 anos depois, na primeira edição da Revista do Arquivo Público de Alagoas, em 1962, Théo Brandão, em longo e detalhado artigo, demole item a item os símbolos decretados por Gabino Besouro e propõe nova bandeira e novo escudo para o Estado de Alagoas.

DIA 26

Registro de empresas

Nessa data, era criada, em 1893, a Junta Comercial do Estado de Alagoas, por meio da Lei º 28, de 26 de maio de 1893.

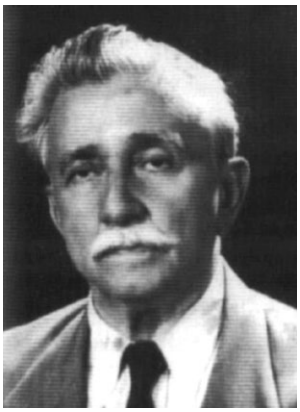
A lei, apresentada pelo então deputado estadual José Fernandes de Barros Lima e sancionada pelo governador Gabino Besouro, definia a composição do órgão, formado



por presidente, vice-presidente, secretário-geral, quatro deputados comerciantes e três suplentes.

Em 18 de agosto do mesmo ano, o português José Antônio Teixeira Basto seria nomeado primeiro presidente da instituição. Ele nasceu no dia 26 de abril de 1857, em Cabaceiras do Basto, vila portuguesa do distrito de Braga. Morou no Brasil durante meio século. Foi um dos fundadores e um dos principais acionistas da fábrica de Cachoeira, de Rio Largo, e da Companhia Progresso Alagoano.

Adriano Jorge, o dono da história



Adriano Jorge

Nasce, no ano de 1846, em Maceió, o historiador, jornalista e professor Adriano de Araújo Jorge, filho de Silvério Fernandes de Araújo Jorge e Maria Vitória de Pontes Araújo Jorge. Foi o terceiro presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, assumindo o cargo em 2 de dezembro de 1896 até sua morte, no dia 3 de abril de 1901.

Durante sua gestão, foi o responsável pelo lançamento, em 1901, da segunda fase da revista da instituição, cuja publicação estava interrompida desde 1888.

MISSÃO

Segundo especialistas, com sua capacidade de trabalho, Adriano Jorge poderia ter escrito a mais completa história de Alagoas. Designado pelo governador da província, José Bento da Cunha Figueiredo Júnior, para empreender essa atividade, não chegou a concluí-la, sendo esta apenas divulgada, em parte, pela revista do Instituto Histórico e Geográfico do Estado.

O PAI

O pai de Adriano, Silvério Jorge, foi um dos sócios-fundadores do IHGAL, instalado no dia 2 de dezembro de 1869, por iniciativa do governador de Alagoas, José Bento da Cunha Figueiredo Júnior.

O PROFESSOR

Habilitado em Pedagogia, Adriano de Araújo Jorge foi professor de inglês, a partir de 1870, do Liceu Alagoano, além de ter dirigido instituições de ensino como o Colégio Sete de Setembro e Oito de Janeiro.

DIARIO DA MANHAN

Notícias Diversas. Cryptographia ou telegraphia secreta

Diario da Manhan. 27 de maio de 1882

#MEMÓRIADAIMPRENSA

Não há certamente razão para que em todos os paizes seja garantida a inviolabilidade das comunicações postaes, ao passo que restricções mais ou menos severas obstão a transmissão com communicações telegráficas secretas. Se considerações de ordem pública militão para impedir, aqui e ali, que o telegrapho possa servir como transmissor dos signaes só inteligíveis das pessoas que se servem desse meio de comunicação, o mesmo (...) devêra dar-se com as cartas, que podem ser instrumentos e agentes da correspondência mais perigosa. A

DIA 28

Teotônio Vilela — O trovador andante

Teotônio Vilela

Nasce, em 1917, no município de Viçosa, Teotônio Brandão Vilela, filho do proprietário agrícola Elias Brandão Vilela e de Isabel Brandão Vilela. Fez os primeiros estudos em sua cidade natal, cursando o secundário no Colégio Nóbrega, dos jesuítas, no Recife. Frequentou em seguida as faculdades de Engenharia e Direito, respectivamente no Recife e no Rio de Janeiro, então Distrito Federal.

Chegou também a prestar exames na Escola Militar de Realengo, mas jamais concluiu nenhum curso universitário, tornando-se autodidata e leitor assíduo do filósofo francês Jean-Jacques Rousseau. Após o Estado Novo, implantado em 10 de novembro de 1937, deixou definitivamente os estudos, retornando à terra natal, onde passou a trabalhar com o pai.

A POLÍTICA

Foi na condição de usineiro que Teotônio ingressou na política, ao ser eleito, em 1954, pela União Democrática

Nacional (UDN), para a Assembleia Legislativa de Alagoas. Derrotado em sua pretensão de ser reeleito, conquistou, seis anos depois, em 1960, o cargo de vice-governador na chapa encabeçada por Luis Cavalcante.

Em 1964, Teotônio apoiou o movimento militar que derrubou o governo constitucional de João Goulart. Foi, no entanto, ameaçado de cassação em virtude das relações de amizade que mantinha com os dois mais notórios comunistas de Alagoas.

O SENADOR

Nas eleições de novembro de 1966, marcadas pela recém-extinção dos partidos até então existentes e pela introdução do bipartidarismo, Teotônio conseguiu, pela Arena, seu primeiro mandato como senador.

Em 1978, em plena ditadura militar, Teotônio Vilela divulgou o Projeto Brasil, documento que propunha, entre outras medidas ousadas para a época, eleições diretas para presidente da República, fim da censura à imprensa, além de liberdade e organização para os movimentos estudantis, partidos políticos e sindicatos.

BOM COMBATENTE

Uma das maiores lutas de Teotônio Vilela foi pela anistia dos presos políticos da ditadura militar. Para isso, viajou pelo país fazendo discursos memoráveis em defesa da democracia. Nessas andanças, visitou todos os presos políticos encarcerados pelo Brasil afora e denunciou torturas às quais eram submetidos.

O SOM DAS RUAS

A canção *Menestrel das Alagoas*, composta por Milton Nascimento e Fernando Brant, em homenagem ao ex-senador Teotônio Vilela, foi lançada em setembro de 1983. Na voz de Fafá de Belém, se transformaria, ao lado de *Coração de Estudante*, em um dos hinos da campanha Diretas Já, que tomou conta das principais cidades do país nos primeiros meses de 1984.

POR TRÁS DA CANÇÃO

Em março de 1983, Fafá de Belém recebeu a música *Menestrel das Alagoas*, sem jamais imaginar que estaria ajudando a escrever uma página rumo à redemocratização do Brasil. Em agosto daquele mesmo ano, Teotônio Vilela soube da gravação e quis ouvi-la. "Ele chegou muito abatido, com Miro Teixeira e João Araújo, ao estúdio da Som Livre", relembra a cantora.

Teotônio estava chegando de Pouso Alegre (MG), de mais uma visita ao paranormal Thomas Green Morton, e de uma nova tentativa para conter um câncer avassalador, que o acabaria matando. "Ensimesmado, o senador pediu para dizer algumas palavras. E foram essas palavras que conduziram o Brasil rumo à democracia", conta Fafá de Belém.

A PARTIDA

Teotônio Brandão Vilela morreu em casa, em Maceió, às 16h40 do dia 27 de novembro de 1983, com a janela do quarto aberta e ouvindo o canto de um canário que tinha sido de sua mulher, Helena. A

DIA 29

Semanário para a fé católica

A Imprensa Católica, 1873

#MEMÓRIADAIMPRENSA

A Imprensa Católica foi criada em 29 de maio de 1873. Com tiragem semanal, foi considerado o primeiro jornal de Alagoas vinculado ao catolicismo. De acordo com Moacir Medieros de Santana" a "Questão Religiosa, que envolveu inclusive a D. Vital de Oliveira e D. Marcelo Costa, respectivamente bispos de Pernambuco e do Pará, condenados inicialmente a quatro anos de prisão e anistiados depois", impulsionou a criação do periódico. A

DIA 30

Torna-se mais aguda a ameaça de greve da Marinha mercante dos Estados Unidos

Jornal de Alagoas. Maceió, 30 de maio de 1945

#MEMÓRIADAIMPRENSA

JORNAL DE ALAGOAS

TORNA-SE MAIS AGUDA A AMEAÇA DA GREVE DA MARINHA MERCANTE DOS ESTADOS UNIDOS

SUSPENSO O AVANÇO

Franco protesta

Defende-se Van Sandkel

A NOMEAÇÃO DO SR. PAULEY

Carrascos nazistas

*Suspenso avanço dos exércitos

*Aprovada ontem pela Câmara dos Comuns a nacionalização de indústria de ferro e aço

* Franco protesta contra ingerência das Nações Unidas

*Carrascos nazistas executados em Landesbeg. A

DIA 31

Campo Grande — Planícies fartas

Em 31 de maio de 1960, a vila de Campo Grande é elevada à condição de cidade. O movimento por seu desmembramento de São Brás foi impulsionado pelo crescimento econômico vivido entre 1955 e 1962, com o aumento da produção de cereais. Porém, a cultura foi diminuindo e dando lugar à criação bovina.

ESTRADA DE FERRO

A população da região cresceu durante a construção da estrada de ferro, com a chegada dos trabalhadores para as obras. O movimento comercial também aumentou, e as famílias Leandro, Mandus e Pinheiro foram as pioneiras no comércio local.

VOCÊ SABIA?

O nome Campo Grande faz referência à planície onde está instalada a cidade, com campos de grandes dimensões, ideais para a agropecuária. A

São Sebastião, regada a sal e mel

O município de São Sebastião foi criado em 31 de maio de 1960. O povoado, no entanto, surgiu com o nome de Salomé, por causa dos dois produtos mais populares trazidos pelos tropeiros que passavam por lá: o sal e o mel. E foi pela iniciativa de um deles, que decidiu se instalar no local, que a região começou a se desenvolver. José Luiz abriu uma pequena hospedaria para receber os viajantes e uma casa de comércio. A parada para descanso dos mercadores era estratégica, já que ficava próximo à divisa com Sergipe e a cidades desenvolvidas, como Penedo e Palmeira dos Índios.

Por muito tempo, José Luiz e sua família eram os únicos da região. Só depois de algum tempo, mais três comerciantes se instalaram no local. Na cultura popular, só os apelidos deles ficaram registrados: Timba, Tuim e João Gordo. O sucesso deles e as terras férteis da região para a criação e a agricultura atraíram fazendeiros.

OS NEGROS DE SALOMÉ

A principal atividade do povoado era a criação de gado e, assim como nos currais do rio São Francisco, não existia a dura disciplina dos engenhos em relação aos escravos. Por serem vaqueiros nas fazendas, era necessário certa liberdade para a função. Por isso, a relação com os senhores era diferente, e os negros cantavam e tocavam viola, berimbau e rabeca nas festividades da região. Ficaram conhecidos por suas artes os escravos Caetano, Padre, Manoel Correia, Manoel Panela, Manoel Jandaia, Belo e Manoel Dionísio. A

VOCÊ SABIA?

A Lei Estadual nº 2.229, que instituiu o município, também mudou sua denominação de Salomé para São Sebastião. A troca foi uma homenagem ao governador da época, Sebastião Marinho Muniz Falcão, que apoiou o movimento de emancipação.

Hibes Menino de Freitas, um guerreiro exemplar

Nascido em 31 de maio de 1952, Hibes Menino de Freitas ainda era criança quando teve que abandonar com a família a terra Wassu-Cocal, que ainda não era reconhecida. Seguiram para Maceió. Ele serviu ao Exército, foi motorista de ônibus e chegou a morar em Recife. De volta à capital alagoana, trabalhou como motorista da Salgema, quando deixou o emprego para lutar pelos direitos do seu povo, retornando à aldeia em Joaquim Gomes.

O indígena Wassu-Cocal Severino Antônio da Silva, que conviveu com Hibes desde seu retorno, declarou em 2018: "Ele não se intimidava com conversa de fazendeiro. Se não fosse ele, talvez a gente não estivesse aqui. Era muita ameaça, mas ele deu muita coragem pra gente, virou exemplo, graças a Deus".

Hibes Menino de Freitas

Hibes foi responsável pela coleta de documentação na Funai, em Brasília, e no Museu do Índio, no Rio de Janeiro – inclusive documentos assinados por Dom Pedro II com a doação das terras Wassu, pelo povo indígena ter lutado na Guerra do Paraguai (1865-1870). Isso garantiu aos Wassu-Cocal a primeira terra indígena demarcada em Alagoas, em 1986. Faleceu em 22 de agosto de 1991 e, em 23 de dezembro de 1991, a homologação das terras Wassu foi assinada pela presidência da República. A

Junho

DIA 1º

Renderam-se as tropas rebeldes do Iraque

Gazeta de Alagoas. Maceió, 1º de junho de 1941

#MEMÓRIADAIMPRENSA

GAZETA DE ALAGOAS

Renderam-se as tropas rebeldes do Iraque

Retiram-se da ilha de Creta as mulheres e crianças britânicas

Atmosfera de especulativa e apreensão

O Japão adverte os Est. Unidos

Retiram se da ilha de Creta as mulheres e crianças Britânicas

Irrompeu um grande incêndio na parte norte da cidade Berlim, provocado pela explosão das bombas alemãs - Diversas pessoas atingidas pelo fogo

Dr Theo Brandão
Parteiro e médico de criança
Chefe da clínica da maternidade
Sampaio Marques
Consultório - Rua do Comércio,153
phone – 42. Residência - Av Thomas Expindola, 426. A

DIA 2

Os amores dos Estudantes

O Batalhador. Maceió, 2 de junho de 1895

#MEMÓRIADAIMPRENSA

BATALHADOR

Orgão Democrata

Anno III — Maceió, Domingo 2 de Junho de 1895 — Num. 45

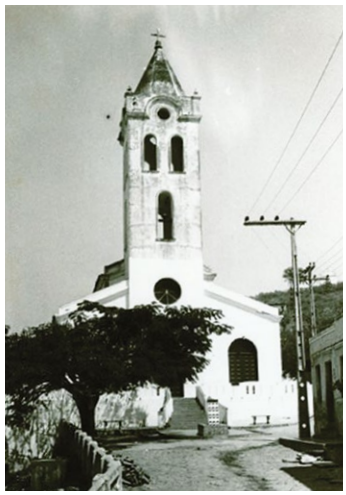
Parte official

Eleição

Acha-se nos prelos de nossas officinas typográficas e sahirá brevemente a luz da publicidade romance, - Os amores dos estudantes – mais um fructo da lavra creadora do nosso amigo e revisor, sr. Sebastião Lyra. A

DIA 3

Piranhas, vila do sossego



Capela de Nossa Senhora da Saúde

Elevada à condição de vila em 3 de junho de 1887, Piranhas começou a desenvolver-se com a assinatura de um convênio entre o governo da província de Alagoas e a Companhia Costeira da Bahia, que garantia a navegação a vapor de Penedo ao povoado. A rota era importante para o abastecimento do comércio dos sertões da Bahia e de Pernambuco.

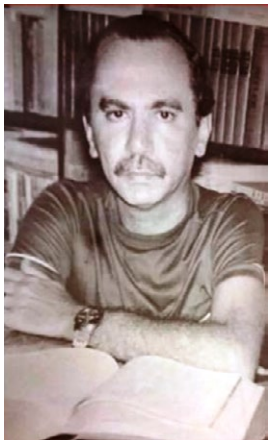
Em 1878 foi iniciada a estrada de ferro de Paulo Afonso. Em pouco tempo, Piranhas passou a ter uma capela, a de Nossa Senhora da Saúde, um cemitério e várias novas casas. A linha foi inaugurada em 1881 e depois foi ampliada até Jatobá, em Pernambuco. A estação foi desativada em 1964, mas seu prédio foi conservado.

PATRIMÔNIO

Piranhas foi tombada pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) em 2004. A área de tombamento inclui o núcleo histórico da cidade, o povoado de Entremontes e um trecho de 13 quilômetros à margem do Rio São Francisco. A

DIA 4

Valois, homem de cultura



Francisco Valois de Andrade Costa

Nasce em Maceió, no dia 4 de junho de 1932, o poeta, advogado e jornalista Francisco Valois de Andrade Costa, fundador e diretor, com Arnoldo Jambo e Edson Zembrano, da revista literária Caeté (publicada entre 1950 e 1953). Em março de 1953, fundou, com Cléa Marsiglia, a revista cultural Acaieme, que também dirigiu.

Apesar de ter existido por apenas uma edição, Acaieme teve como colaboradores, entre outros, Valdemar Cavalcante e Lêdo Ivo. Nessa época, Francisco Valois também assinava as colunas semanais Homens, Letras & Fatos e Bailes de Muitas Artes, nos suplementos literários da Gazeta de Alagoas e do Jornal de Alagoas, respectivamente.

DONO DAS CADEIRAS

Francisco Valois é membro da Academia Alagoana de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, da Academia de Letras e Artes do Nordeste Brasileiro e da Academia Maceioense de Letras. Tem três livros publicados: *A noite Reinventada* (2002), *O Grito* (1952) e *Rosa da Manhã Nascente* (1979), além de estudos crítico-biográficos.

LETRAS & ARTES

Entre as muitas atividades culturais que desempenhou, destaca-se pela criação, ao lado de Carlos Moliterno, Luiz Renato de Paiva Lima e Manuel Correia Teles, da revista Letras & Artes, lançada em junho de 1980 e publicada até setembro de 1982.

JORNAIS

O poeta alagoano também fundou e dirigiu o jornal Tribuna Economiária (1970), coordenou, em 1996, a editoria de Cultura do suplemento literário do jornal O Diário e, em 1998, coordenou a página literária Letras & Artes de O Jornal. Assumiu também, em 1985, a editoria do suplemento literário do jornal Tribuna de Alagoas. Francisco Valois morreu em 30 de dezembro de 2007. A

Maria Denilda Moura e a criação do mestrado em Letras da Ufal

Denilda Moura, como era conhecida, nasceu em Murici em 4 de junho de 1941. Graduada em Letras pela Ufal, seguiu vida acadêmica na França, conquistando mestrado, doutorado e pós-doutorado na área de Linguística.

Professora da Ufal, foi além da sala de aula, coordenando o curso de Letras, depois assumindo o Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Seu empenho pessoal e experiência acadêmica foram fundamentais para a criação do Programa de Pós-graduação em Letras na Ufal, em 1989, sendo sua primeira coordenadora.

Foi presidenta da Associação Brasileira de Linguística – Abralin – e membro da Associação Internacional de Linguística Portuguesa – ALP –, tendo sido a representante no Brasil. Também pertenceu ao

Professora Denilda Moura é referência na Ufal

Crédito foto: Divulgação Abralin

Conselho Superior da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas – Fapeal.

PUBLICAÇÕES COM FOCO EM ALAGOAS

Entre suas várias publicações, no Brasil e na França, destacamos sua contribuição na bibliografia de assuntos alagoanos, com os livros: *O poeta e xilógrafo Enéias Tavares dos Santos*, lançado pelo Museu Théo Brandão da Ufal, em 1983 e *A literatura de cordel*, Série Folclore, lançado pela Secretaria de Cultura de Alagoas, em 1986.
Denilda Moura morreu em Maceió, a 3 de maio de 2020.

Saiba mais no ABC das Alagoas. A

DIA 5

A grande mata

Com nome de Paulo Afonso, quando seu território ainda abrangia a famosa cachoeira, o atual município de Mata Grande foi elevado à condição de cidade em 5 de junho 1902. O povoado teve início com a denominação de Cumbe, em 1791, quando João Gonçalves Teixeira e sua mulher, Maria Luiza, se instalaram na região serrana.

Vista de Mata Grande

OS PRIMEIROS PROPRIETÁRIOS

O latifúndio que abrangia Mata Grande, Água Branca, Piranhas e Delmiro Gouveia foi doado pelo governador da Capitania de Pernambuco a Antônio Souto Maior e Sebastião de Sá pela atuação na Guerra da Restauração Pernambucana. Os primeiros proprietários, por sua vez, doaram suas terras para a Ordem dos Jesuítas e, depois que os religiosos foram expulsos do Brasil, e seus bens, sequestrados, as fazendas foram leiloadas no Recife, em 1764. A

DIA 6

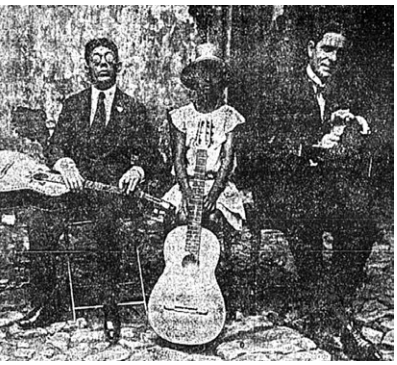
O saudoso e talentoso maestro Nezinho Lima

Compositor é referência em Pão de Açúcar

Talvez a cegueira de nascença tenha dotado Manoel Bezerra Lima de outros dons e sensibilidade apurada. O compositor e violonista que seria conhecido como maestro Nezinho Lima nasceu em Pão de Açúcar no dia 6 de junho de 1883, e seu talento musical se revelou muito cedo, encantando a todos com seu violão. Mas ele também atingiu excelência tocando cavaquinho, bandolim, violino, flauta, ocarina, realejo, pífano, sanfona e piano.

No Rio de Janeiro, se apresentou em 1908, no Café Mourisco, e sua fama só fazia aumentar. Por lá aprendeu a ler e escrever em braile, no Instituto Benjamin Constant. Quando voltou a Maceió, apresentou-se no Teatro Deodoro e no Cine-Teatro Floriano, e também foi registrada e concorrida sua performance em Recife (PE), em 1925, no Salão Nobre do Diário de Pernambuco. Faleceu no dia 15 de janeiro de 1945, em Recife.

TURUNAS DA MAURICEIA



Integrou, ao lado de Luperce Miranda, João Miranda, Romualdo Miranda, Augusto Calheiros e João Frazão, o grupo Turunas da Mauriceia, gravando 18 discos.

MOZART

Em carreira solo nos anos 1930 e 40, apresentou-se em Recife, Natal, Vitória, Propriá, Caruaru e Recife, com audições sempre lotadas, sendo chamado por alguns veículos de o Mozart alagoano.

MÚSICAS

Abandono, Alice, Amor Oculto, Escorrego do Urubu, Fuxico, Murmúrio, Veneza Americana, entre outras.

OUÇA

Amor Secreto – Turunas da Mauriceia

https://www.youtube.com/watch?v=kvyI00icLso

DIA 7

Dois Riachos ao redor do açude

Elevado à condição de cidade em 7 de junho de 1907, o município de Dois Riachos teve origem ao redor de um açude, num pequeno povoado chamado Pai Mané. Seu primeiro habitante, Miguel Vieira de Novaes, foi o primeiro a instalar residência e comércio no local, onde hoje fica a Praça da Independência.

Vieira de Novaes ficou responsável pelos trabalhadores nas obras da estrada interligando Delmiro Gouveia à capital, Maceió. A construção da rodovia impulsionou o crescimento econômico do povoado, que ainda se chamava Garcia por causa de um dos riachos que passam por lá. Logo depois, foi criada a primeira feira da região. Em consequência do desenvolvimento urbano, Dois Riachos conquistou a emancipação e foi desmembrado de Major Izidoro. A

VOCÊ SABIA?

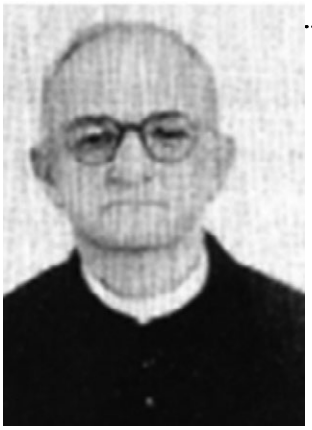
Um dos cangaceiros mais fortes do bando de Lampião, Corisco, comandou um ataque à região em 1936. Dois Riachos também é a terra da jogadora Marta, da Seleção Brasileira de futebol.

DIA 8

Viçosa em nome de Deus – Cícero Vasconcelos

Nasce, no município de Assembleia, atual Viçosa, em 1892, o senador, professor e monsenhor Cícero Teixeira de Vasconcelos. Ingressou em 1905 no Seminário Arquidiocesano de Maceió, ordenando-se padre em junho de 1915. Posteriormente, fez os cursos de Filosofia, Teologia e Direito Canônico no Seminário Maior, também em Maceió, no qual voltou a lecionou Filosofia, Teologia e Direito Canônico.

Em 1932, fundou em Maceió a Escola Doméstica Maria Imaculada, que posteriormente veio a se chamar Escola Nossa Senhora do Amparo. Em 1933, tomou posse de uma cadeira no Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas (IHGAL). Em 1942, tornou-se membro do Conselho Administrativo do Estado de Alagoas, no governo de Ismar de Góis Monteiro (1941-1945).



O POLÍTICO

Senador por Alagoas para a Assembleia Nacional Constituinte em 1945, na legenda do Partido Social Democrático (PSD). Assumiu sua cadeira em março de 1946, participou dos trabalhos constituintes e, após a promulgação da nova Carta, exerceu mandato ordinário de senador até janeiro de 1955. No Senado Federal, participou da Comissão de Educação.

O MESTRE

Foi professor de Latim e de Português no Ginásio de Maceió, o qual fundou e dirigiu, e foi ainda um dos fundadores do Colégio São João, também em Maceió. Tornou-se cônego em 1945 e, posteriormente, arcebispo. Foi também cônego honorário da diocese de Salvador. Faleceu no Rio de Janeiro, no dia 26 de julho de 1967.

PRIMO FAMOSO

Fundou, com Graciliano Ramos, de quem era primo, o jornal O Dilúculo, órgão do Internato Alagoano cujo primeiro número circulou no dia 24 de junho de 1904. Era a estreia do autor de *Vidas Secas*, aos 11 anos, com o conto "O Pequeno Pedinte". Publicação bimensal, com quatro páginas impressas em Maceió, o jornal tinha tiragem de 200 exemplares. O título, que significa alvorada, fora escolhido por Mário Venâncio, "fecundo em palavras raras". A

Carlos Leão, o artista quando jovem

Nasce em Maceió, no dia 8 de junho de 1881, o pintor, professor e funcionário público Carlos Leão Xavier da Costa. Apresentou seus primeiros trabalhos em 1897. Em seu livro *Pequena História das Artes Plásticas no Brasil*, Carlos Rubens revela que Carlos Leão pintava sobre vidro, por processo absolutamente seu. Tinha qualidades de artista, executando quadros de diferentes gêneros. Estudou em vários colégios, entre eles o Liceu Alagoano, e começou a expor aos 16 anos.

O LEGADO

O artista plástico alagoano deixou numerosos trabalhos, entre eles *Passagem de Cororobó, Um Marinheiro, Farol de Maceió, Perdanate Domine, Trecho do Rio Mundaú,* além de um considerável número de retratos.

LICEU

Carlos Leão foi professor de Desenho do Liceu de Artes e Ofícios, ensinou desenho e pintura em muitos estabelecimentos e colaborou na imprensa.

GRIPE ESPANHOLA

Acometido de gripe espanhola na noite de 6 de novembro de 1918, Carlos Leão faleceria cinco dias depois, em Maceió. A gripe matou cerca de 50 milhões de pessoas em todo o mundo, entre os anos de 1918 e 1920. No Brasil, as estimativas são de que 35 mil pessoas morreram vítimas do vírus, entre elas o presidente eleito Rodrigues Alves, em 1919. A

A pureza poética de Aristheu Bulhões

Advogado por formação, Aristheu Bulhões nasceu no dia 8 de junho de 1909 em Maceió e, após 35 anos de serviço como agente fiscal da Receita Federal, como conferente da Alfândega de Santos, aposentou-se em 1968, em Santos. Por lá, também desenvolveu carreira literária e era integrante da Academia Santista de Letras, que presidiu por duas vezes, e foi presidente da Casa do Poeta de Santos.

Eram concorridas suas palestras no Instituto Histórico e Geográfico de Santos e de São Vicente. Mesmo morando distante de Alagoas, colaborou no número 12 da Revista da Academia Alagoana de Letras, em 1986, com o poema "Da Minha Terra Para Minha Terra". Morreu no dia 31 de outubro de 2000.

LIVROS

Paisagens, Roteiro do Meu Além e Devaneio.

MUSA

Na postagem do poema "Contraste", no blog Peregrina Cultural, no dia 7 de dezembro de 2014, Marlene Camara Pini deixou o seguinte comentário: "Meu nome é Marlene Camara Pini, moro em São Vicente, eu fui musa do poeta sr. dr. Aristheu Bulhões… Tenho orgulho disso… Ele fazia as poesias pelo telefone para mim; na época eu era telefonista da Discopa e tenho trovas e crônicas que foi feita por ele… Tenho história de tudo como aconteceu. Eu tenho vontade de fazer um livro… Foi tudo muito puro e muito bonito… Isso aconteceu na década de 1960… Estou muito emocionda. Eu gostaria de falar com a Academia Santista de Letras, mas primeiro gostaria de

perguntar se posso colocar no Facebook… Espero ouvir de alguém, e desde já fico muito agradecida pela atenção… Muito obrigada...". Eis o poema:

No chão do meu quintal, que rústico era,/ Eu, que de sonhos enfeitava a vida,/ Numa linda manhã de primavera,/ Plantei ramos de uma árvore caída…/ E, cheio de ilusão e de quimera,/ Abandonei a terra estremecida / Como o viajante que atingir espera/ A rósea meta, a que o Ideal convida…// Anos depois voltei… Na alma cansada/ nem mais um sonho, uma ilusão trazia/ Porque tudo eu perdera na jornada.// Mas, cada ramo que plantei a esmo,/ Era uma árvore imensa que floria/ Para arrimo e conforto de mim mesmo. A

DIA 9

Escandalo! Immoralidade!

O Batalhador. Maceió, 9 de junho de 1895

#MEMÓRIADAIMPRENSA

BATALHADOR

Orgão Democrata

Anno III — Maceió, Domingo 9 de Junho de 1895 — Num. 46

Parte olli cia

Facto Grave

E com maior indignação, cheio de horror, que lançamos mão da penna para traçamos estas linhas, unicamente, devido a leitura que acabamos de fazer do FAMOSO PARECER da commissão de verificação e poderes da Câmara dos Deputados Federaes concluindo pelo reconhecimento, DEPOIS DE MINUCIOSO EXAME NAS ACTAS E MAIS PAPEIS CONCERNENTES A ELEIÇÃO DE 1 de janeiro, do vil estrangeiro Araújo de Goes, que de parceria com outro <animal> de igual jaez, inúmeros males tem causado a terra alagoana. A

DIA 10

Ranilson França — O santo guerreiro

Nasce, em 1953, na comunidade de Chã do Pilar, município do Pilar, o professor e folclorista Ranilson França de Souza. Filho de Jeruza França de Souza e José Belarmino de Souza, Ranilson começou a despertar o interesse pelas manifestações populares ainda na infância, quando seu tio Anízio de Souza era prefeito do município. Naquela época, folguedos de várias localidades costumavam se apresentar à porta da mercearia da família.

Ranilson: referência para a cultura popular

Aos 12 anos, Ranilson França se mudou para a capital alagoana, onde frequentou o colégio Élio Lemos. Mas seria aos 18 anos, no colégio Guido de Fontgalland, que se aprofundaria nos estudos sobre o folclore alagoano. Foi no Guido que conheceu o padre Teófanes Augusto de Barros, seu maior incentivador.

O MESTRE

Graduado em Pedagogia, Ranilson França foi professor de Folclore no curso de Educação Artística do Centro de Estudos Superiores de Maceió (Cesmac). Como professor concursado da rede pública estadual, iniciou suas atividades no Departamento de Assuntos Culturais (DAC), depois Secretaria Estadual de Cultura, onde ocupou por vários anos o cargo de coordenador de Ação Cultural, chegando a se tornar secretário estadual de Cultura.

A VOZ DO POVO

Ranilson França foi presidente da Associação dos Folguedos Populares de Alagoas (Asfopal) e da Comissão Alagoana de Folclore. Nos últimos dias de vida, esteve à frente da Coordenação de Ações Culturais da Secretaria Executiva de Educação do Centro de Extensão, Publicidade, Artes e Folclore do Cesmac. Foi ainda o criador do programa Balançando o Ganzá, apresentado na Rádio Educativa e na TV Educativa.

Vítima de um câncer na medula óssea, Ranilson França faleceu no dia 14 de agosto de 2006, aos 53 anos.

FORROZEIRO

Admirador de Dominguinhos, Ranilson França lançou *De Neném a Dominguinhos – Trajetória Discográfica* (Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2006), em que cataloga toda a obra do forrozeiro pernambucano.

"Por conta de sua cruzada, Ranilson é o novo santo guerreiro em luta contra o terrível dragão da maldade, que com seu fogo voraz destrói as riquezas, a ingenuidade e a beleza das manifestações populares", diz Elinaldo Barros, crítico de cinema. A

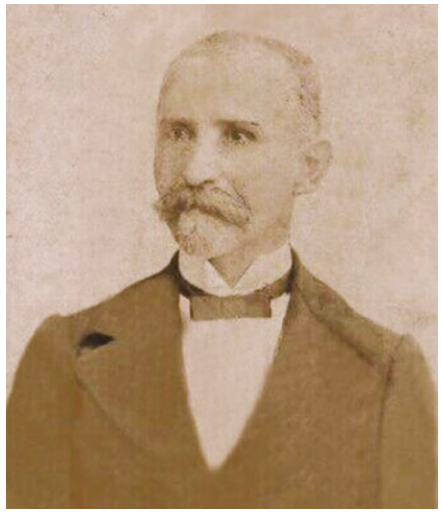
Manoel Mello — A dose certa de medicina e política

Ao contrário dos irmãos, que desenvolveram carreiras políticas em Alagoas, Manoel Leite de Novaes Mello, nascido em Pão de Açúcar no dia 10 de junho de 1849, construiu sua trajetória no Espírito Santo, para onde se mudou em 1873, um ano após a formatura na Escola de Medicina da Bahia. Era filho de João Machado de Novaes Mello, Barão de Piaçabuçu, líder do Partido Liberal e chefe político da região, e de Maria José Leite Sampaio.

Ele trabalhou como funcionário público na Colônia do Rio Novo (ES) de 15 de abril a 15 de junho de 1877. Em seguida, foi transferido para Cachoeiro do Itapemirim, também atuando em Anchieta. Na política, o médico foi vereador na Câmara Municipal de Cachoeiro, deputado provincial entre 1876-1877 e deputado federal. Em 1892, foi novamente deputado federal pelo

SAIBA MAIS

Blog do Etevaldo: Manoel Leite de Novaes Mello.

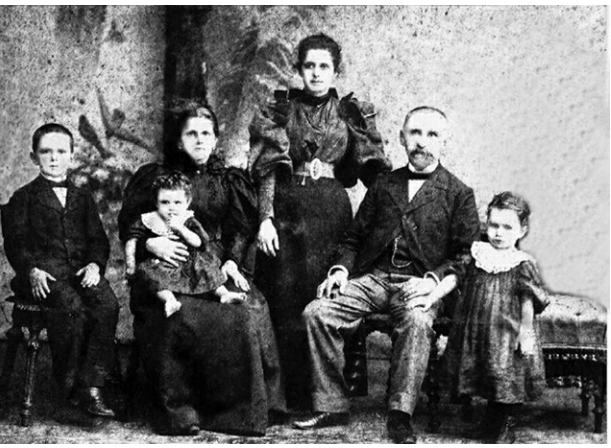


Partido Republicano Conservador. Faleceu no dia 12 de setembro de 1898, no Distrito Federal.

ESTABILIDADE

Na transição da monarquia brasileira para o sistema republicano, Manoel Mello declarou ao Jornal do Commercio, em 10 de setembro de 1890: "Não apedrejei a monarquia deposta, nem tampouco fiz adesões e orações ao atual estado de coisas. Como brasileiro, desejo que este país tenha estabilidade em suas atuais instituições para seu desenvolvimento e progresso".

Manoel Mello e a família



Acervo Maria do Carmo de Novaes Scwab

SOLIDÁRIO

Em 1882, por conta de um surto de varíola em Cachoeiro do Itapemirim, antecipou-se as verbas do governo e vacinou gratuitamente 182 pessoas. A

DIA 11

Luz, câmara, ação! Novo Cinema Capitólio

Cezar Pinto, proprietário da Empresa Cinematográfica Alagoana, inaugura em 1933, na Rua do Comércio, o novo Cinema Capitólio, resultado da fusão do Cinema Capitólio (1927) e do Cinema Floriano (1913). Segundo o historiador Moacir Medeiros de Sant'Ana, a reabertura aconteceu às 10h30, com a exibição do filme *Tarzan, o Filho das Selvas* (1932), dirigido por W.S. Van Dyke e estrelado por Johnny Weissmuller.

No programa do Capitólio, publicado no Jornal de Alagoas no dia 8 de junho daquele ano, eram anunciados ainda, para a inauguração, o longa-metragem *O Pecado de Madelon Claudet* (1931), dirigido por Edgar Selwyn e estrelado por Helen Hayes; e *Casar e Descasar*, filme dirigido

por Lloyd Corrigan e estrelado por Carole Lombard, Ricardo Cortez e Paul Lukas.

NA LITERATURA

O Capitólio é citado em *Angústia*, romance de Graciliano Ramos. Na obra, o protagonista Luís da Silva acompanha o casal Marina e Julião pelas ruas do Livramento e da Lama até chegar ao cinema, que ficava na esquina da Rua do Comércio com o Beco das Moedas. "Entravam no cinema, Julião Tavares comprava um jornal. Na sala de espera toda a gente se voltava, com uma pergunta nos olhos", narra o personagem.

MUDANÇAS

Com o tempo, o Capitólio passaria a se chamar Cinearte, nome com que permaneceu até 9 de julho de 1957, quando encerrou as atividades. Dois anos depois, no dia 27 de fevereiro de 1959, seria reaberto com o nome de Cine São Luiz. O cinema foi definitivamente fechado em 1996. A

Literatura comentada

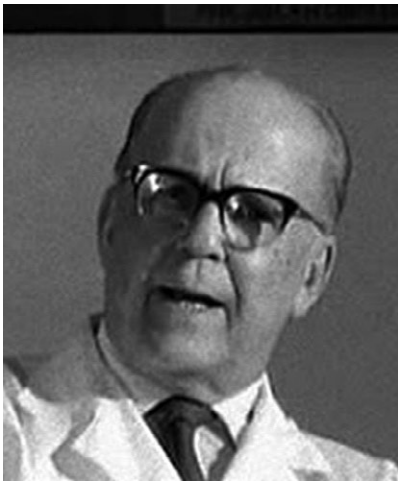
Surge, no dia 11 de junho de 1933, em Maceió, o primeiro suplemento literário em tabloide do Estado. Dirigido por Valdemar Cavalcanti, foi veiculado no domingo, pelo Jornal de Alagoas, em quatro páginas.

Em seu primeiro e único número, o suplemento trazia na capa a tela *La Charge*, do pintor alagoano Rosalvo Ribeiro. Nitidamente inspirada no estilo de Jean Baptiste Édouard Detaille, um dos mais respeitados pintores de temas militares na França do século 19 — com quem Rosalvo Ribeiro estudou pintura em Paris, em 1888 —, a obra tem temática militar. A

Estácio de Lima, expoente da medicina legal

A cidade de Marechal Deodoro ainda se chamava Cidade de Alagoas quando Estácio Luiz Valente de Lima nasceu no dia 11 de junho de 1897. Estudou o ensino secundário em Maceió e em Recife, onde foi aprovado em concurso como telegrafista. Em 1916, conquistou o primeiro lugar na Faculdade de Medicina da Bahia, formando-se em 1921. Fez especialização em Berlim, no Urban Krankenhauss, nas clínicas do cardiologista Max Koch e do nefrologista Fritz Munck.

Regressou ao Brasil em 1925 e tornou-se professor de Medicina Legal da Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus, vaga ocupada anteriormente por Nina Rodrigues e Oscar Freire de Carvalho. Presidiu, durante 40 anos, o Conselho Penitenciário do estado da Bahia. Faleceu em Salvador no dia 29 de maio de 1984, aos 86 anos.



EMÉRITO

Foi professor emérito da Ufba. Também ensinou nas Faculdades de Odontologia e de Direito e foi primeiro titular de Medicina Legal na Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública e na Academia de Polícia Militar do estado da Bahia.

CANGAÇO E JUSTIÇA

Levou adiante estudos de Nina Rodrigues e de Arthur Ramos, fazendo muitas palestras na década de 1950 sobre o cangaço. Numa entrevista em 1956, afirmou: "Sempre achamos que o cangaço nunca foi um problema de polícia. É um agudo problema social. De assistência.

De compreensão. De Justiça. O cangaço não pode ser combatido com fuzis".

BOEMIA

Morou em república estudantil de curioso nome: "Não posso comer sem molho, Barroquinha".

CLÁSSICO

O Mundo Estranho dos Cangaceiros, 1965. A

DIA 12

As tropas de Tito evacuaram Trieste

Gazeta de Alagoas. Maceió, 12 de junho de 1945

#MEMÓRIADAIMPRENSA

GAZETA DE ALAGOAS

As tropas de Tito evacuaram Trieste

Trieste, 11- As tropas do marechal Tito começaram, hoje, a evacuação da cidade enquanto se processava a ocupação da mesma pelas forças britânicas.

A retirada dos iugoslavos se verificou sem quaisquer e incidentes com os ingleses. Hoje mesmo, o governo yugoslavia fez a comunicação oficial ao (...) a respeito da evacuação. A

DIA 13

16 de setembro: o teatro inacabado

Sancionada em 13 de junho de 1898, a Lei nº 49 autorizou a construção do teatro 16 de Setembro. Erguido em todo o espaço do Largo das Princesas (atual Praça Deodoro), no governo de Manuel José Duarte, que estava no poder desde 12 de junho de 1897, o teatro nunca chegou a ser inaugurado. O arquiteto Luigi Lucarini foi o responsável pelo projeto, e o início das obras aconteceu no dia 16 de

setembro de 1898. O teatro chegou a ser erguido, mas acabou sendo demolido com a mudança de governo. O próprio Lucarini ficou responsável pela demolição.

Na edição de 9 de maio de 1953, o Jornal de Alagoas escreveria que o substituto do doutor Manoel Duarte mandou demolir a parte já construída do 16 de Setembro, alegando descaracterizar o largo e por considerar o teatro muito grande para a cidade. A

MAIS

- História dos Teatros de Maceió, de Félix Lima Júnior. Departamento Estadual de Cultura, 1961.
- Luigi Lucarini, Vida e Obra, de Vânia Amorim. Idesh/ Grafmarques, 2010.

Meninas desamparadas no Bom Conselho

No início, as meninas que fariam parte do Asilo das Órfãs Desvalidas Nossa Senhora do Bom Conselho, no Bebedouro, vinham de situações extremas: eram órfãs de pais que morreram na seca ou na Guerra do Paraguai. O orfanato foi fundado pelo presidente da província, Antônio dos Passos Miranda, no dia 13 de junho de 1877. Inicialmente, sete meninas eram atendidas.

Em 1879, a entidade passou a fazer parte da Santa Casa de Misericórdia, numa iniciativa do presidente da província, Cincinato Pinto, e, em 1904, foi firmado contrato com a Congregação do Santíssimo Sacramento, que cuidaria da educação das asiladas.

Já com 80 meninas e com capacidade para 50, em 1914 foi criada uma extensão do asilo em Marechal Deodoro, que seria o Orfanato São José. Na abertura, eram 20 meninas, e duas escolas que funcionavam como externato mantinham o asilo, que durou até 1951. No ano de 1938, o asilo foi transformado na Escola Normal Rural Nossa Senhora do Bom Conselho e, em 1964, já era chamado

de Colégio Bom Conselho, com curso de Pedagogia. Nos anos 1990, passou a integrar a rede estadual de ensino.

MAIS

Site: História de Alagoas: História do Asilo das Órfãs Desvalidas Nossa Senhora do Bom Conselho.

#VITIMADACOVID19

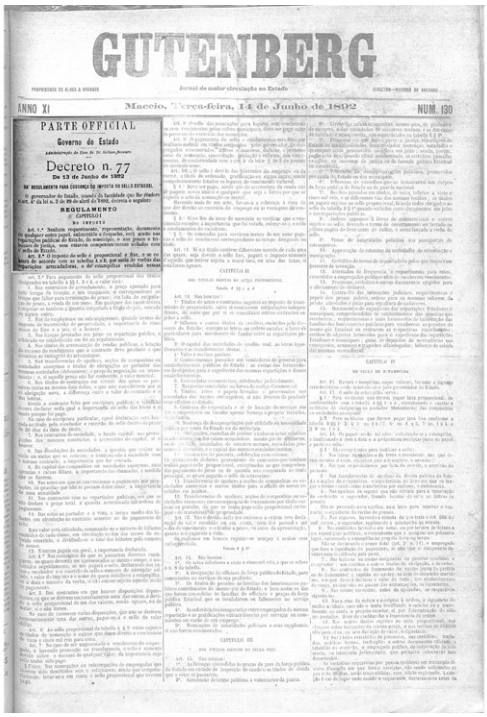
Edvaldo Albuquerque – Uma lição de vida

O compromisso com o conhecimento e a educação marcou a vida do professor e pesquisador Edvaldo Albuquerque. Atuou com destaque nas áreas de educação – nas redes de ensino estadual, privada e superior –, avaliação da aprendizagem, ensino e políticas públicas. Lecionou no curso de Pedagogia do Centro Universitário Cesmac e foi funcionário público lotado no Núcleo de Ensino Médio e Educação Profissional da Superintendência de Políticas Públicas da Secretaria de Estado da Educação de Alagoas.

Mestre em Educação e especialista em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Alagoas, era doutorando do Programa de Pós-graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas quando faleceu, no dia 13 de junho de 2021, aos 56 anos, devido a complicações da Covid-19.

Edvaldo recebeu a primeira dose da vacina no dia 7 de maio e postou no Instagram: “Hoje acordei cedo e fui encarar a fila. A fila esperada por milhões de humanos desse nosso planeta. Foram incontáveis dias intensos e angustiantes esperando esse momento, assim como milhões de brasileiros. Difícil descrever o sentimento vivido entre o olhar pro relógio e a abertura do portão da Escola Estadual Professora Izaura Antônia de Lisboa (Arapiraca), apenas chorei!”.

DIA 14


GUTENBERG

Jornal de maior circulação no Estado

ANNO XI — Maceio, Terça-feira, 14 de Junho de 1892 — NUM. 130

PARTE OFFICIAL

Governo do Estado

Decreto n. 77
De 13 de Junho de 1892

REGULAMENTO

Do regulamento para cobrança de impostos do sello estadoal

Gutenberg. Maceió, terça-feira, 14 de junho de 1892

#MEMÓRIADAIMPRENSA

Decreto nº 77 . De 13 de junho de 1892

O governador do Estado, usando da faculdade que lhe confere o artigo 4 da Lei Nº 3 de 29 de Abril de 1892 decreta o seguinte

Regulamento

CAPÍTULO 1

Artigo 1. Nenhum requerimento, representação, documento ou qualquer outro papel. submettido a despacho, será aceito nas repartições públicas do Estado, do município, e nos juízos e tribunaes de justiça, sem estarem completamente sellados com o sello do Estado.

Artigo 2. O imposto do sello é proporcional e fixo, e se cobrará de acordo com as tabelas A e B por meio de verbas das repartições arrecadadas (...). A

DIA 15

Idas e vindas de Junqueiro

Cidade tem origem religiosa

No dia 15 de junho de 1903, o povoado de Junqueiro foi emancipado pela primeira vez. Em 1932, perdeu o status de cidade e foi novamente anexado a Limoeiro de Anadia. Foi elevado a município e perdeu essa condição mais duas vezes até 1947, quando foi definitivamente emancipado, em 17 de setembro.

A origem de Junqueiro é ligada à liderança religiosa de pai Félix, um homem chamado Thomaz, natural de Sergipe. Conta-se que ele encontrou uma cruz com uma pequena imagem da Divina Pastora na mata, no tronco de um ingazeiro. Pai Félix então construiu uma capela no local e, mais tarde, foi edificada a Igreja da Divina Pastora.

O nome da cidade faz referência à quantidade de junco na região. Os primeiros moradores do local usavam a planta na fabricação de utensílios domésticos, e quando iam em direção à lagoa recolher a matéria-prima, comentavam: "Vamos para o junqueiro". A

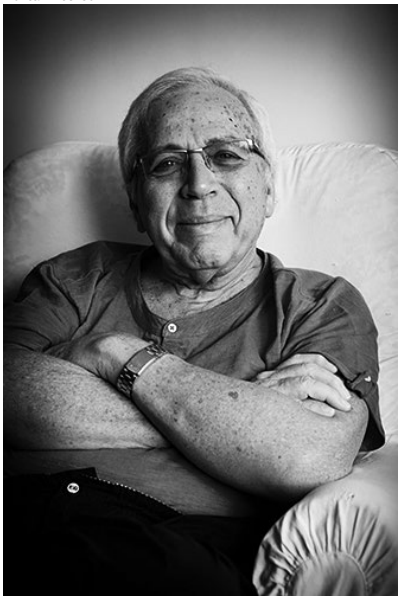
José Marques de Melo — gênio da pesquisa em comunicação

Considerado um dos pioneiros dos estudos sobre mídia e comunicação no Brasil, José Marques de Melo nasceu em 15 de junho de 1943, em Palmeira dos Índios. Primeiro doutor em Jornalismo do Brasil e um dos principais teóricos da Comunicação do país, foi jornalista, pesquisador e professor universitário.

O PENSADOR

Formado em Jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco e em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal de Pernambuco. No final da década de 1960, tornou-se professor da Universidade de São Paulo (USP) e integrou o corpo docente que fundou a Escola de Comunicação e Artes (ECA).

Portal Intercom



Na ECA, obteve os títulos de doutor em Ciências da Comunicação, livre-docente e professor catedrático de Jornalismo. Foi um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) e do Centro de Pesquisas da Comunicação Social, da Faculdade de Jornalismo Cásper Líbero.

Impedido de exercer a docência em universidades públicas em razão da ditadura, reassumiu sua cátedra na USP após a anistia. Em 1989, tornou-se diretor da ECA. Escreveu para jornais, como O Estado de S. Paulo, Folha de S.Paulo e Zero Hora. Também publicou cerca de 173 livros, sobre temas como mídia, cultura popular e gêneros do jornalismo.

Antes de morrer, em 20 de junho de 2018, exercia atividades na Universidade Metodista de São Paulo, onde

era titular da Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional. Marques de Melo foi o grande arquiteto da aproximação da academia com o mercado do jornalismo.

ALGUMAS OBRAS

- Comunicação Social: teoria e pesquisa (Ed. Vozes, 1970)
- Comunicação, opinião, desenvolvimento (Ed. Vozes, 1971)
- Reflexões sobre temas de comunicação(Escola de Comunicaçao e Artes da USP, 1972)
- Estudos de Jornalismo Comparado ((Ed. Pioneira, 1972)
- Sociologia da Imprensa Brasileira (Ed. Vozes, 1973)
- Contribuição para uma pedagogia da Comunicação (Ed. Paulinas, 1974)
- Telemania, anestésico social (Loyola, 1981)
- Comunicação & libertação (Vozes, 1981)
- Comunicação: direito a informação (Papirus, 1986)
- Comunicação e modernidade: o ensino e a pesquisa nas Escolas de Comunicação (Loyola, 1991)

O professor entre os agraciados com o prêmio José Marques de Melo de Jornalismo em Ciência, Tecnologia e Inovação. A premiação foi criada em 2017 pela Fapeal (Fundaçao de Amparo à Pesquisa de Alagoas) e pela Secti (Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia)

DIA 16

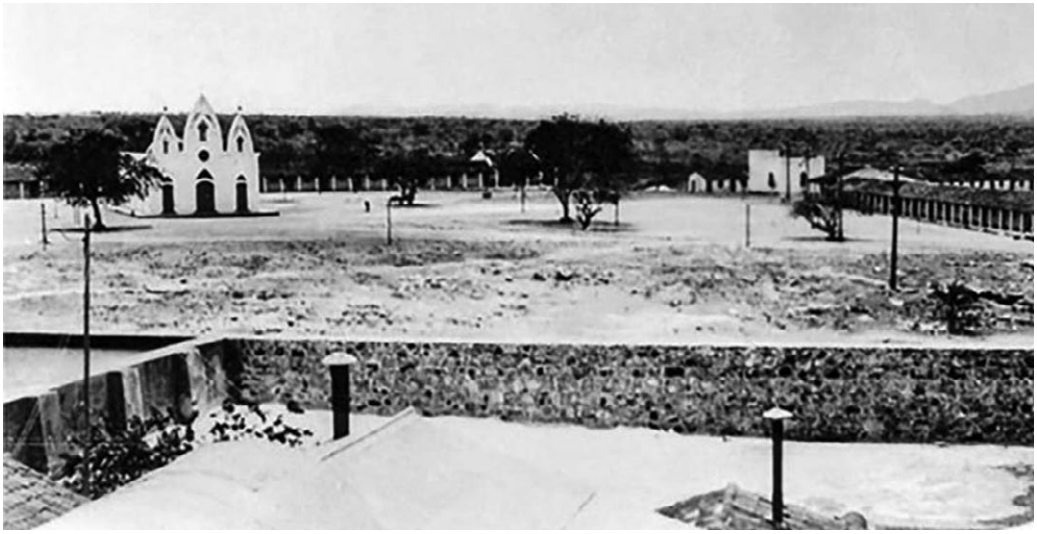
Delmiro – A pedra do reino

Desmembrado de Pão de Açúcar, o distrito de Delmiro Gouveia só conquistou emancipação política em 16 de junho de 1952, 35 anos depois da morte do empreendedor que deu nome à cidade. O povoado de Pedra, como era conhecido o local, teve origem a partir de uma estação da estrada de ferro Great Western. Antes disso, essas terras pertenciam à família Vieira e incluíam os atuais municípios de Mata Grande, Piranhas e Água Branca.

PIONEIRISMO

O nome do distrito foi alterado de Pedra para Delmiro Gouveia em 30 de dezembro de 1943. Cearense, Delmiro Augusto da Cruz Gouveia chegou ao Sertão alagoano em 1903. Conseguiu uma concessão para construir uma hidroelétrica e, em 1913, a usina Angiquinhos começou a funcionar. Já a famosa fábrica de linhas foi inaugurada em 1914.

Delmiro Gouveia também foi responsável pela construção de cerca de 520 quilômetros de estrada ligando o povoado da Pedra a Palmeira dos Índios, Água Branca, Mata Grande, Garanhuns (PE) e à cachoeira de Paulo Afonso.



COMPANHIA AGRO-FABRIL MERCANTIL

A instalação da fábrica deu origem à primeira vila operária do Sertão e atraiu muitos moradores para a região. A empresa chegou a empregar mais de 2 mil funcionários e competir com multinacionais.

O sonho de liberdade de Maria Mariá

Nasce, nos arredores de União dos Palmares, no dia 16 de junho de 1917, a educadora, folclorista, historiadora, jornalista, colecionadora e ativista cultural Maria de Castro Sarmento. Filha de Ernestina de Castro Sarmento e do tabelião Sílvio de Mendonça Sarmento, fez os primeiros estudos em sua cidade natal, no tradicional Grupo Escolar Rocha Cavalcanti, numa época em que as chances de uma mulher estudar eram muito remotas. Mesmo assim, deixou União dos Palmares para fazer o Curso Normal em Maceió.

Em 1943, Maria Mariá iniciou sua carreira profissional como professora estagiária num povoado próximo a União dos Palmares, sendo transferida, um ano depois, para o Grupo Escolar Rocha Cavalcanti, a antiga escola onde iniciou seu aprendizado.

LIBERDADE, LIBERDADE

No Grupo Escolar Rocha Cavalcanti, Maria Mariá aboliria o uso da palmatória por considerá-la um instrumento de

tortura. Além disso, propôs que as regras da escola fossem menos intolerantes com os jovens. Isso a tornaria uma referência como educadora e conhecedora da cultura local. Em 1955, seria nomeada diretora titular do Grupo Escolar Jorge de Lima.

Maria Mariá foi inspetora regional de ensino e, embora desempenhasse um cargo de confiança, indignava-se diante da política educacional do Estado, cuja estrutura apresentava problemas como prédios sucateados e grande carência de professores.

Polêmica às margens do Mundaú: era intenção da própria Maria Mariá que as pessoas vissem a fotografia na horizontal

A OUSADIA

Maria Mariá foi a primeira mulher em União dos Palmares a usar calça comprida e jogar sinuca, dominó e baralho com os homens da cidade, hábitos considerados pela comunidade como exclusivamente masculinos. Além disso, fumava em público, tocava violão, bebia nos bares e incentivava a criação de blocos carnavalescos.

O ESCÂNDALO

Em 1965, uma fotografia de Maria Mariá de maiô, às margens do rio Mundaú, provocou escândalo em União dos Palmares.

Depois de mostrar a imagem às suas alunas, que ficaram deslumbradas, Maria Mariá seria punida com a transferência para Murici. O ato provocaria revolta entre suas alunas, que se mobilizaram e montaram acampamento diante do Palácio do Governo, em Maceió, reivindicando ao governador Muniz Falcão a volta da professora. Diante das pressões das jovens estudantes, o governador voltaria atrás na punição, e Maria Mariá foi recebida com carinho e honrarias, para desgosto dos mais conservadores.

MÉRITO

Em 2004, Maria Mariá recebeu postumamente a Comenda do Mérito Educativo Alagoano, concedida pelo Conselho Estadual de Educação. A mulher à frente do seu tempo faleceu no dia 28 de fevereiro de 1993.

DIA 17

Gramofone — Escute esta canção

Em 1893, era realizada em Alagoas a primeira exibição e funcionamento de um gramofone, fato ocorrido na loja Despensa Familiar, na capital. Ao dar a notícia sobre a novidade, o jornal O Gutenberg da época esclareceu que "o admirável instrumento reproduzia com precisão e clareza, perfeitamente bem, a voz humana e o som de diversos instrumentos".

Em seu livro *Maceió de Outrora*, Félix Lima Júnior revela que, um ano depois dessa exibição, em fins de janeiro, numa barraca armada durante os festejos em honra à padroeira de Jaraguá, Nossa Senhora Mãe do Povo, na praça em frente à igreja, os maceioenses conheceriam a novidade apresentada pelo comerciante José Bezerra Barros. Para isso, cada "curioso" pagaria 500 réis.

COMERCIALIZAÇÃO

Em novembro de 1908, os aparelhos já eram vendidos em Maceió a prestações de 5 mil réis, com direito a sorteio semanal de um gramofone, chamado, à época, de zonofone. "Por sorteio que será procedido a cada semana, o sócio cujo número for sorteado terá direito a receber (tendo pago) um zonofone Odeon, com braço acústico aperfeiçoado, corneta em forma de flor giratória (este aparelho toca chapas de todos os tamanhos). É um modelo muito elegante, e, pela sua boa construção e reprodução de voz, é um aparelho que substitui os de maior luxo", dizia anúncio publicado no Jornal de Alagoas, de 20 de novembro daquele ano. A

DIA 18

Os campos de São Miguel

São Miguel dos Campos conquistou a condição de cidade em 18 de junho de 1864. A origem do município remonta aos primeiros anos do Brasil descoberto, quando em 1501 chegou à região a primeira expedição enviada pelo rei dom Manoel, depois de Pedro Álvares Cabral. A bordo vinham Gonçalves Coelho e Américo Vespúcio.

Os desbravadores transpuseram a barra do rio São Miguel no dia 29 de setembro, data em que a Igreja Católica celebra o Arcanjo, daí a origem do nome do município. O termo "campos" foi acrescentado em referência aos campos de arrozais dos Inhaúns, atual cidade de Anadia, mas que na época fazia parte do território de São Miguel.

RICOS E FÉRTEIS

Desde a doação das sesmarias à dona Felipa de Moura, em 1612, as terras férteis da região atraíram muitas famílias portuguesas. A produtividade das terras despertou a cobiça dos holandeses. Os flamengos ocuparam os engenhos e tangeram para as terras de São Miguel parte do gado da região do rio São Francisco. Em um relatório com data de 4 de abril de 1640, o holandês Adriae Van de Dussen escreveu que "eram campos tidos e reconhecidos como os mais ricos pastos de todo o Brasil".

Oscar Joseph de Plácido e Silva — Um alagoano em Curitiba

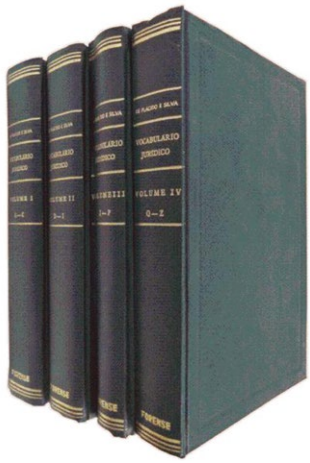
Joseph: professor, jurista e jornalista

Nasce, no município de Marechal Deodoro, no ano de 1892, o poeta, professor, jurista e jornalista Oscar Joseph de Plácido e Silva. Filho de Francisco Manuel da Silva e Senhorinha de Plácido e Silva, De Plácido e Silva (como ficaria conhecido) foi criado por Anna Plácido e Silva, uma de suas irmãs, depois que sua mãe faleceu. Em 1912, muda-se para Curitiba a convite do irmão João Alfredo Silva, que já residia na capital paranaense. Formado em Direito, foi o primeiro aluno e o primeiro funcionário da Universidade Federal do Paraná, a primeira universidade brasileira.

Foi fundador e professor das Faculdades de Ciências Econômicas e de Filosofia do Paraná, e diretor da Academia Paranaense de Comércio, hoje denominada Escola Técnica de Comércio De Plácido e Silva. Faleceu na capital paranaense, no dia 16 de janeiro de1963.

FUNDADOR

Era dele o jornal Gazeta do Povo de Curitiba. Foi também fundador e diretor da Editora Guaíra, responsável por lançar autores como Vinicius de Moraes, Joel Silveira, Rubem Braga, Mark Berkowitz, Romulo Galegos (presidente da Venezuela), John dos Passos e Jorge Icaza.



O JURISTA

De Plácido e Silva é autor de vários livros, entre eles o *Vocabulário Jurídico*, uma das mais importantes obras jurídicas editadas no País.

DIA 19

EVOLUCIONISTA
JORNAL DA TARDE
ALAGOAS
BRASIL
NUM. 140
FOLHAS LITTERARIAS

Aos combatentes da Manichuria

Evolucionista. Jornal da Tarde. Maceió, 19 de junho de 1906

#MEMÓRIADAIMPRENSA

Na folha oficial do Japão foi publicada a lista das recompensas concedidas pelo governo Imperial a muitos dos que tornaram parte na guerra contra a Rússia.

Entre os atingidos pela munificência imperial contam-se 6487 sub-oficiais de marinha e alguns milhares de oficiais de terra.

Aos solados vão ser distribuídas medalhas e recompensas em dinheiro. A

DIA 20

A colônia militar

Em 20 de fevereiro de 1852, o Governo Imperial criou uma colônia militar para combater os revoltosos da Cabanagem. O posto militar foi extinto em 1867, mas o povoado que se instalou nos arredores já tinha se firmado e foi elevado à condição de cidade em 20 de junho de 1923.

VISITA IMPERIAL

O nome do município é uma homenagem à Imperatriz Leopoldina, mulher de d. Pedro I, escolhido depois da visita de seu filho, d. Pedro II, à colônia, em 1860. O imperador d. Pedro II chegou à colônia militar, ainda pertencente a Porto Calvo, no dia 5 de janeiro, às 10 horas da noite, e se hospedou na casa da diretoria. No dia seguinte, ouviu a missa às 4 da manhã.

Logo em seguida, partiu de volta ao Engenho Novo.

Sobre Colônia Leopoldina, d. Pedro II deixou o seguinte registro: "Bonita posição na margem direita do Jacuípe, que corre muito perto do povoado. Boa igreja e casa da diretoria – quartel em construção que servirá também para cadeia".

Silvério Jorge — Um juiz conselheiro do imperador

Nascido em Marechal Deodoro em 20 de junho de 1817, Silvério Fernandes de Araújo Jorge formou-se pela Faculdade de Direito de Recife, em 1840. Casou-se no mesmo ano com Maria Victória Nascimento Pontes, filha de Manoel Nascimento Pontes e Adriana Maria Pontes.

Exerceu cargos de promotor público da Comarca de Maceió, entre 1842 e 1845, e ali exerceu o posto de juiz de 1848 a 1850. Em 1876, recebeu o título de Conselheiro de Sua Majestade, o Imperador. Faleceu em Recife, em 9 de julho de 1893.

ALGUNS TEXTOS

- Relação Nominal dos Juízes Ordinários da Vila de Santa Maria Madalena da Lagoa do Sul (1879)
- Pessoas Notáveis da Comarca de Santa Maria Madalena da Lagoa do Sul no Século XVIII (1879).

DIA 21

O grande Hotel Bela Vista

Às 13 horas do dia 21 de junho de 1923, era inaugurado, em Maceió, o Bela Vista Palácio Hotel, localizado na Boca de Maceió (atual Praça dos Palmares, no Centro). A festa de lançamento, à qual compareceram autoridades civis e militares, representantes da sociedade local e o governador do Estado, Fernandes Lima, contou com apresentação das bandas de música da Polícia Militar e do 20º Batalhão de Caçadores, além da Orquestra do Cinema Floriano.

Hotel Bela Vista

FIQUE SABENDO

O prédio do hotel Bela Vista foi projetado para residência do penedense Arsênio Fortes, alto comerciante da capital alagoana, que optou, tempos depois, destinar o palacete a um hotel. Para isso, organizou uma sociedade anônima, com o nome de S.A. Bela Vista Palácio Hotel.

CURIOSIDADE

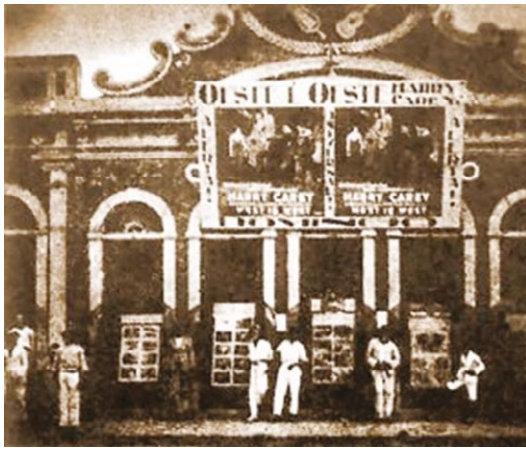
Coube ao arquiteto alemão Guilherme Jângerfeld projetar e construir o edifício de três andares, em alvenaria e cimento armado, com 30 metros de altura, que ocupava uma área de 1.400 metros quadrados, dispunha de 40 quartos e 5 terraços; possuía energia elétrica e abastecimento de água próprios.

O FIM

O Bela Vista encerrou suas atividades na década de 1960, quando era de propriedade de Adib Rabay. Em 1963, o prédio foi adquirido pelo Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários, que pretendia demoli-lo, para, no local, levantar seu edifício-sede. A demolição teve início no dia 7 de outubro daquele mesmo ano. No local, foi construído o edifício-sede do extinto Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (Inamps). A

No escurinho do Cinema e Teatro Floriano

Em 1913, era inaugurado, na Rua do Comércio, em Maceió, o Cinema e Teatro Floriano. A festa, realizada às 19 horas do dia 21 de junho, contou com a presença do governador de Alagoas, coronel Clodoaldo da Fonseca, e do intendente da capital, o farmacêutico Firmino de Vasconcelos. Na inauguração do Cinema e Teatro Floriano, foi exibido o filme *O espião Francês*. A



Cinema e Teatro Floriano

Leia + sobre o cinema e teatro floriano no dia 11

DIA 22

O vapor Pirangy e a monstruosa libélula

É realizado, em 1913, o primeiro voo nos céus de Alagoas. A façanha coube ao piloto francês Lucien Deneau, que desembarcou em Maceió no dia 19 de junho, a bordo do vapor Pirangy. Sem autonomia para grandes aventuras, o avião do francês, um Blériot, chegou à cidade desmontado, no convés do navio.

Após fazer a experiência do motor, o piloto fez evoluções na praia de Jaraguá, atrás do local onde hoje se acha edificada a administração do Porto do Maceió, na tarde do dia 22 de junho. Ao subir para o espaço, às 14 horas e 20 minutos, "no meio de estrepitosos aplausos da multidão, seguindo rumo de nordeste, numa ascensão gradativa, o Blériot voava imponente, deixando para os espectadores maravilhados o seu zumbido de besouro monstruoso".

Lucien Deneau

MULTIDÃO

A multidão que se comprimia no local fora em sua maioria transportada pelos bondinhos puxados a burros da Companhia Alagoana de Trilhos Urbanos (Catu), cujo serviço foi então

classificado de péssimo por jornalista do Jornal de Alagoas. Na ocasião, a imprensa local comparou o Blériot de Lucien Deneau a uma monstruosa libélula. A

Antropologia e magistério marcam a trajetória de Nádia Amorim

Crédito imagem: Divulgação UFAL

Nádia Amorim e o estudo sobre as questões da mulher

Nádia Fernanda Maia de Amorim nasceu em São Miguel dos Campos, em 22 de junho 1945, e morreu em Maceió, no dia 8 de fevereiro de 2021. Graduada em História, logo se interessou pela Antropologia, tendo no médico e professor Théo Brandão seu orientador e amigo. Com mestrado e doutorado pela USP, defendeu a dissertação "Região e sociedade brasileira", enquanto sua tese saiu pela Edufal, com o título: *Mulher solteira: do estigma à construção de uma identidade*. Nádia Fernanda deu grande contribuição ao estudo da questão feminina na sociedade nordestina. Vida dedicada ao magistério, foi professora da Universidade Federal de Alagoas e membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas. A

DIA 23

O tesouro estadual

A publicação do Decreto Estadual nº 81, de 23 de junho de 1892, dá organização à Secretaria da Fazenda do Estado de Alagoas, cuja criação fora autorizada pelo artigo 13 da Lei Estadual nº 24, de 18 de maio do ano anterior. Suas ações foram regulamentadas pelo decreto 135, de 1º de março de 1897. Mostravam quatro departamentos: Secção Central, Tesouro, Pagadoria e Arquivo. As recebedorias eram estações que fiscalizavam, arrecadavam os impostos e demais direitos descritos por lei.

Ao longo de sua existência, a Secretaria da Fazenda passou por várias adaptações estruturais. Atualmente, está regulamentada pela Lei Delegada nº 43, de 28 de junho de 2007. A

Palmeira dos Índios

Em 1853, o distrito de Palmeira dos Índios foi desmembrado de Anadia e elevado à condição de vila. Antes disso, até 1835, o povoado pertencia ao território da Vila de Atalaia. Conseguiu emancipar-se como vila, mas foi novamente rebaixado a distrito em 1846. O atual município conquistaria definitivamente sua emancipação política em 20 de agosto de 1889. A

Pontos turísticos de referência em Palmeira: a igreja e a feira

DIA 24

Violento ataque de Attlee aos comunistas

Jornal de Alagoas. Maceió, 24 de junho de 1947

#MEMÓRIADAIMPRENSA

*O papa Pio XII irá condecorar o presidente da Argentina

*Não se demitiu o presidente da Hungria

*Primeiro oficial de justiça feminino estreou distribuindo 7 mandados de segurança. A

JORNAL DE ALAGOAS

VIOLENTO ATAQUE DE ATTLEE AOS COMUNISTAS

Fracassou a tentativa do sr. Negrão de Lima

Repelido o programa oficial

Também ameaçado o serviço de águas

DIA 25

A música na vida de Tavares de Figueiredo

A primeira orquestra sinfônica de Maceió foi obra de José Tavares de Figueiredo. O compositor e músico nasceu no dia 25 de junho de 1891 e fez da música seu mundo, após os primeiros estudos em escolas públicas e no Colégio 15 de Março. Aos 20 anos fundou com Raul Morais e Luiz Gil o grêmio Vila Beethoveniana, para difundir a obra clássica do compositor alemão. Era funcionário público, fiscal do Imposto do Consumo. Faleceu em Maceió, no dia 15 de junho de 1925.

MÚSICAS

Ai Meu Tempo, Ressuscitando Um Coração, Está na Hora!, O Caruru, Tango das Moças, Saudosa Bahia, Foi Você? Eu Não, Dobrando a Esquina, Saudades de Maria, Quando o Amor Fala, Coração Vencido, Teu Beijo, entre outras. A

OUÇA

https://www.youtube.com/watch?v=t1uWDlLr81c

Canção dos Jangadeiros; Nove e Meia; Lybinha e Sonhando a Bordo, de Tavares de Figueiredo com interpretação do alagoano Joel Bello Soares, no disco Valsas, Polcas e Mazurkas – A Música Alagoana do Início do Século, de 1987.

LP Valsas, Polcas e Mazurkas – A Música Alagoana do Início do Século (Joel Bello Soares, piano)

DIA 26

Biblioteca Pública Estadual: templo dos livros

O presidente da Província das Alagoas, desembargador João Batista Gonçalves Campos, cria, por meio da Resolução nº 453, de 26 de junho de 1865, a Biblioteca Pública Estadual, cujo projeto de criação foi apresentado no dia 26 de maio daquele ano pelo deputado provincial Tomaz do Bomfim Espíndola. Teve como primeiro encarregado o professor Felinto

Elísio da Costa Cutrim, que, em 1867, apresentou seu primeiro relatório ao instrutor-geral dos Estados da Província.

A CASA DO MESTRE

Em novembro de 2013, o lugar passou a se chamar Biblioteca Pública Estadual Graciliano Ramos, graças ao Decreto nº 29.175, de 15 de novembro de 2013, do então governador Teotonio Vilela Filho (PSDB).

CURIOSIDADE

Localizado na Praça Dom Pedro II, Centro de Maceió, o Palacete do Barão de Jaraguá, onde atualmente funciona a Biblioteca Pública Estadual, foi construído por José Antonio de Mendonça, o Barão de Jaraguá, entre 1844 e 1849, para ser a sua residência. O lugar hospedou o imperador d. Pedro II e a imperatriz Tereza Cristina, por ocasião da inauguração da Igreja da Catedral, em 31 de dezembro de 1859. A

PARA SABER MAIS

SANT'ANA, Moacir Medeiros de. Pequena história da Biblioteca Pública Estadual. Maceió: Arquivo Público de Alagoas, 1965.

DIA 27

Rodrigues de Melo — Força de vencer

Promotor com ação engajada

Nascido em Maceió no dia 27 de junho de 1876, Manoel Rodrigues de Melo conseguiu a duras penas tornar-se bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade de Direito do Recife, mas abandonou o curso sem poder arcar com os custos da formação.

De volta a Maceió, trabalhou na imprensa e no Tribunal do Júri, com indicação do governador Euclides Malta. Também exerceu os cargos de delegado-geral de órfãos, delegado-geral da polícia de Maceió e secretário do governador. Conseguiu formar-se em Direito em 1909 e por mais de três décadas trabalhou em promotorias públicas do Estado.

Uma de suas decisões como promotor da capital foi libertar pessoas que estavam presas ilegalmente.

Entre 1917 e 1918, foi deputado estadual e defendeu o direito dos trabalhadores. Em seu mandato também denunciou a venda de recursos naturais, como ferro e petróleo, a grupos estrangeiros.

Foi professor da Faculdade de Direito de Alagoas, primeiro ocupante da cadeira 25 da Academia Alagoana de Letras e fundador da Associação Alagoana de Imprensa e da Ordem dos Advogados do Brasil, seção Alagoas. Faleceu no dia 7 de julho de 1946.

TEATRO

Dramaturgo, sua peça *A Tormenta* fez sucesso, apresentada no Teatro Deodoro no dia 7 de outubro de 1917 pela Companhia Maria de Castro. Em 1919, *Uma Página da Vida* foi encenada pela Companhia de Itália Fausta. A

FONTE

Fascículo nº 33 de Memórias Legislativas, de 30 de agosto de 1998, de Douglas Apratto.

Ladislau Netto, o alagoano que deu nome a uma planta

O pai de Ladislau Netto bem queria que ele se dedicasse ao comércio, mas ele, nascido em Maceió, no dia 27 de junho de 1838, decidiu ainda com 16 anos mudar-se para o Rio de Janeiro, onde estudou na Imperial Academia de Belas Artes e formou-se em Matemática e História Natural. A escolha foi tão certa que, após anos de estudos, teve uma nova espécie de planta da Nova Zelândia descoberta por H. Baillon batizada com seu nome: era uma nettea.

Tornou-se capaz de ilustrar seus trabalhos científicos como botânico e etnólogo, como nas viagens que fez na comissão hidrográfica e astronômica de estudos sobre a costa de Pernambuco, ou acompanhando o cientista francês Emmanuel Liais.

Doutorou-se na França pela Sorbonne e foi incorporado pelo Ministério da Instrução Pública da França, indo estudar a flora da Argélia, fazendo registros etnográficos. Foi diretor de Botânica do Museu Nacional no período de 1866 a 1870. Também integrou o Conselho do Império e é patrono da cadeira 31 da Academia Alagoana de Letras. Faleceu no Rio de Janeiro no dia 18 de março de 1894.

Ladislau ilustrava os próprios trabalhos

POLÍTICA

Foi eleito deputado provincial na legislatura 1866-67, mas não assumiu. Outra vez eleito deputado federal para o biênio 1891-93, renunciou antes do início da legislatura.

MEMBRO

Integrou a Sociedade de Antropologia de Washington; a Sociedade de Botânica da França;

a de História Natural de Cherburgo; a Sociedade de História Natural de Ratsbona; a Academia Real de Ciências de Lisboa e o Instituto do Grão-Ducado de Luxemburgo.

DIA 28

Jovino da Luz, a educação como religião

O professor, poeta e deputado estadual Jovino Pereira da Luz nasceu no povoado Olhos d'Água do Accioly, em 28 de junho de 1855. Filho de pais pernambucanos, fez o primário em Pão de Açúcar e estudou Humanidades no Colégio Sete de Setembro, em Salvador. Foi para a Itália em 1875, estudou no Colégio Pio Latino-Americano, em Roma, mas desistiu da carreira eclesiática, formando-se em Filosofia pelo Colégio Gregoriano.

Decepcionado com a escolha do filho, seu pai, Justino da Luz, negou-lhe qualquer apoio quando voltou a Alagoas. Ele segue, então, para Recife, a fim de estudar Direito e, para sobreviver, deu aulas particulares e ensinou no Liceu de Artes e Ofícios, nas cadeiras de Italiano e Filosofia. De volta a Pão de Açúcar, abriu o Externato Coração de Jesus. Em seguida, criou o Colégio João de Deus, em São Miguel dos Campos. Instituiu em Alagoas o método de leitura do pedagogo português João de Deus. Na política, foi deputado estadual, assumindo na legislatura em 1894. Faleceu em Penedo, em 21 de abril de 1908.

DIA 29

Manuel Gomes Ribeiro — Um sergipano que governou Alagoas

Por duas vezes, de 16 de setembro a 7 de outubro de 1885 e de 18 de junho a 1º de agosto de 1889, o sergipano Manuel Gomes Ribeiro foi governador de Alagoas. Nascido no Engenho Santana, em Japaratuba (SE), no dia 29 de junho de 1841, casou-se em Penedo, em 29 de setembro de 1894, com Antônia Mathias Soares, com quem teve as filhas Tereza e Maria.

Antes de sua gestão no governo, foi deputado provincial (1876-1877 e 1884-1885) e chefe do Partido Conservador. O título de Barão de Traipu foi concedido no dia 24 de novembro de 1888.

Em 1894, foi novamente governador, para completar mandato de Gabino Besouro, sendo destituído no ano seguinte, mas retornou ao cargo até 12 de junho de 1897. Uma das marcas de sua passagem foi a criação do cargo de chefe de polícia e também foi responsável pela criação da Comissão Mista Alagoas/Pernambuco, quando estabeleceu os limites entre os dois estados.

Manuel Gomes Ribeiro

Foi senador estadual na legislatura 1899-1900, e tomou posse no Senado Federal em 1901. Era chefe do Partido Republicano Federal em Alagoas, mas abandonou o cargo por divergência com o governado do Estado e seu genro, Euclides Malta. Foi eleito senador novamente em 1909, permanecendo até 1918. Faleceu em Penedo, em 27 de julho de 1920.

Pajé Zuca e a honra das tradições religiosas Wassu-Cocal

A determinação de Zuca Wassu-Cocal

Para os Wassu-Cocal, de acordo com Willander Ferreira do Nascimento na dissertação "Subir a pedra, limpar a matéria: Pajés e curandeiros Wassu-Cocal" (2015), "existem dois mundos paralelos onde vivemos todos nós: um 'mundo material', que corresponde a esse mundo em que vivemos, e o 'mundo espiritual', dimensão visível apenas para as pessoas que seguem estritamente as normas da sua religião, seja indígena ou não".

As duas dimensões foram plenamente vivenciadas pelo pajé Zuca Wassu-Cocal (Cícero Joaquim da Silva), com sua determinação em resgatar os costumes étnicos e as tradições religiosas do seu povo, bem como na luta pela demarcação e homologação das terras da etnia. Funcionário púbico, era motorista da Funai. Faleceu no dia 29 de junho de 2008.

Foi homenageado na Culminância do Projeto Guerreiros Wassu-Cocal, em 2013, na Escola Estadual José Máximo de Oliveira, tendo como tema a história da etnia, em memória dos que fortaleceram a identidade dos Wassu-Cocal. A

ANOTE!

Cultura Jeripankó

Festa de São Pedro na aldeia Ouricuri, com apresentação da banda de pífanos e novena. A

Ervison Wyraktã

JACIRA LEÃO - em sociedade

Aposentadoria aos 25 anos só para mulheres

PANIFICADORA ST.º ANTONIO

O MELHOR PÃO DA REGIÃO

BEBA CAFÉ CORINGA

Um amor de Café

ARAPIRACA — ALAGOAS

DIA 30

Aposentadoria aos 25 anos só para mulheres

Novo Nordeste Jornal. Arapiraca, 30 de junho de 1981

#MEMÓRIADAIMPRENSA

Depois de uma rejeição, no ano passado, imposta por orientação do governo do PDS, finalmente ontem foi aprovada a emenda que estabelece novos limites de aposentadoria para o magistério. Ficou, agora, em 25 anos para professoras e 30 anos para professores, desde que exercidos dentro do magistério, ou seja não vale requerer tempo em outra atividade.

Somente o senador Luiz Cavalcante (PDS-AL) votou contra, alegando discriminação com os homens, por causa do limite de 30 anos. A

ESPECIAL FORRÓ ALAGOANO

Xilogravura do alagoano João Gomes de Sá

A contribuição alagoana na consolidação do forró

Por José Gama Lessa, *pesquisador do forró e da música popular brasileira*

Na década de 1920 do século 20, artistas alagoanos foram pioneiros na apresentação ao Brasil, por meio de gravações, não só do baião como de outros gêneros musicais tornados sucessos perenes. Quando falo em movimento musical denominado forró, falo diretamente de gêneros como baião, xote (schottisch –

palavra alemã que significa "escocesa", explica a Wikipédia), polca, marchinhas juninas, arrasta-pé, coco, quadrilha... e o forró. O rico folclore de Alagoas influenciou bastante na musicalidade desses pioneiros fonográficos.

A expressão forró é derivada de forrobodó, o local onde se dançava algo alternativo numa época em que os gêneros musicais predominantes eram a valsa, a polca, a mazurca, o bolero, o tango, a rancheira... Essa alternativa tinha forte marca social e popular. Com a palavra, Câmara Cascudo:

"Forrobodó. Divertimento, pagodeiro, festança. 'Após a tal sessão, houve um grande forrobodó' (O Alfinete, nº 13, de 1890). 'Em honra ao sexto aniversário d'A Pimenta, houve um espalhafatoso forrobodó' (A Pimenta, nº 373, de 1905). Forrobodó ou forrobodança é um baile mais aristocrático que o choro, do Rio de Janeiro, obrigado a violão, sanfona, reco-reco e aguardente. Nele tomam parte indivíduos de baixa esfera social, a ralé…".

"A sociedade que toma parte no nosso forrobodó ou forrobodança é mesclada; há de tudo. Várias vezes verificam-se turras ou banzés, sem que haja morte ou ferimentos. Fica sempre tudo muito camarada, muito bem, obrigado" (A Lanceta, n.º 121, de 1913). Alberto Bessa consigna o vocábulo como brasileiro, com as expressões de baile ordinário, sem etiqueta; e Beaurepaire Rohan, como privativamente do Rio de Janeiro, com as de baile, sarau chinfrim. O termo tem curso no Ceará, para designar os bailes da canalha, como escreve Rodrigues de Carvalho, e entre nós, porém, desde muito, e antes mesmo do aparecimento do livro de Rohan, em 1889, como se vê nestes trechos: "Um arremedo de folhetim cheirando a forrobodó" (América Ilustrada, n.° 25, de 1882) e "O ator Guilherme, na noite do seu forrobodó" (O Mefistófeles, n° 15, de 1833).

A Semana de Arte Moderna, em 1922, teve um papel imensurável na busca de uma identidade nacional, e na Música Popular Brasileira não poderia ser diferente. É nesse momento que os alagoanos começam a se destacar nacionalmente, nos primeiros anos do século 20.

A comemoração dos 200 Anos da Emancipação Política não poderia deixar de registrar a contribuição pioneira dos alagoanos

nesse processo. Ele aponta para a consolidação nacional do forró como o mais fiel representante da música nordestina, de nossas raízes miscigenadas entre a cultura europeia e, com força especial, as culturas indígena e negra/africana. Aí se destaca a presença marcante do Quilombo dos Palmares e sua influência, subjetiva e objetiva, na cultura local.

O COCO ALAGOANO

Dança tradicional do Nordeste, o coco de roda tem sua origem na união das culturas negra/africana e dos povos indígenas locais. Muito comum no litoral, seu surgimento é estimado nos quilombos, a partir do ritmo originado pela quebra dos cocos para a retirada das amêndoas. Sua dança e a tradição musical cantada tornaram-se um modo privilegiado de transmissão e manutenção do conhecimento e da tradição popular.

Arthur Ramos, em seu trabalho "A Cultura dos Bantus", diz que temos dois padrões de coco: "a) grupo Angola Conguês; b) grupo da Contra-Costa". Se se tem desejado dar ao coco, a tradicional dança alagoana, uma origem negra, juízo que me parece muito acertado, embora contestado por vários autores, e aceito por muitos outros, quero reivindicar — e o faço aqui — para a cultura angola-congolesa a sua criação. São os bantus grandes apreciadores e executores da dança e da música, que faz parte dos seus cerimoniais característicos, da vida tribal. Há danças entre os negros subequatoriais, sobretudo os angolanos, verdadeiramente típicas.

Escreveu o maestro José Siqueira: "Não concordo com o professor Lavenère quando ele diz que o coco é de origem africana. Positivamente, não concordo". Estabelece o maestro, a seguir, a diferença entre o coco alagoano e o da Paraíba, e acrescenta que o conjunto musical das Alagoas possui sanfona, pandeiro, chocalho e maracás.

Luiz Lavenère, que há muito manteve a opinião de que o coco alagoano é de origem negro-africana, aduziu posteriormente novas considerações numa crônica, na sua seção diária "A propósito…", no

Jornal de Alagoas. Ei-las: "A propósito… de uma dança africana".

José Aloísio Vilela, no seu *O Coco Alagoano*, escreveu: "Incentivado pelo negro, herdando alguma coisa do índio, evoluindo e permanecendo, o coco chegou até nossos dias para ser hoje uma daquelas 'especialidades brasileiras', de que já nos falou Sílvio Romero". E o disse bem.

Porém, a dança já não é a mesma do passado. O depoimento respeitável do velho musicólogo professor Luiz Lavenère, contemporâneo do coco antigo, é claro: "Não dançaram coco, dançaram uma mistura de frevo e do antigo samba". A dança de ontem, o velho coco alagoano, perdeu seu feitio primitivo. Não existe mais. Dele surgiu uma modalidade nova, na verdade.

Astros e estrelas alagoanos
(in memoriam)

AUGUSTO CALHEIROS

Augusto Calheiros

Cantor e compositor (Murici-AL, 05/06/1891 – Rio de Janeiro-RJ, 11/01/1956) conhecido como "A Patativa do Norte", pela sua voz e estilo peculiar de cantar, foi um dos principais ídolos do público brasileiro em sua época. Ainda jovem, mudou-se para Recife, onde conheceu Luperce Miranda, líder do grupo que passou a chamar-se Turunas da Mauriceia.

Em sua vitoriosa carreira, gravou canções sertanejas na Casa Edison, obtendo grande sucesso no carnaval de 1928 com a embolada *Pinião*, de autoria de Luperce. Após seu falecimento, essas músicas foram transformadas em coletâneas no formato long play de 12.

JOSÉ LUÍS RODRIGUES CALAZANS, O JARARACA

Violonista, cantor de emboladas, compositor e humorista, nasceu em Maceió (29/09/1896) e morreu no Rio de Janeiro (11/10/1977). Segundo Luiz Vieira, Jararaca é o autor do primeiro baião, gravado por Augusto Calheiros. Segundo outros pesquisadores, entre eles Pereira da Costa, Jararaca teria sido

o cantor pioneiro em usar o termo baião, na década de 1920, ao gravar *Samba Nortista*, composição de Luperce Miranda.

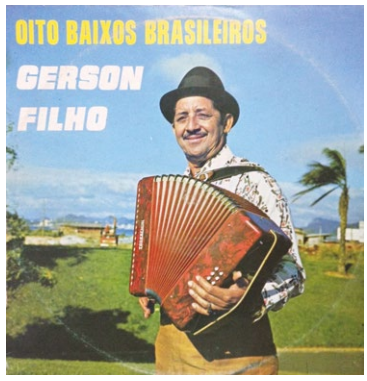
O Jararaca

Jararaca iniciou sua carreira como artista em Piranhas-AL, no ano de 1915. Participou de grupos musicais na antiga Vila da Pedra (hoje Delmiro Gouveia-AL), com Luiz Gonzaga da Silva, Índio do Cavaquinho e Gordurinha, animando as festas da fábrica de linhas da Companhia Agro-Fabril Mercantil. Gravou 300 discos de 78 rpm e LPs. Faleceu aos 81 anos, na cidade do Rio de Janeiro.

GERSON (ARGOLO) FILHO

Nasceu no dia 12 de março de 1915, na Fazenda Mundis, em Penedo, e iniciou sua vida artística tocando ganzá em um grupo folclórico na propriedade de seu pai. Aos 10 anos, foi estudar em Penedo e, a caminho da escola, ouviu o som de uma sanfona e se impressionou. Ao regressar da aula, localizou a casa do artista e professor, chamado Zé Moreno, e pediu para aprender a tocar.

Aos 12 anos, fez sua primeira apresentação pública como sanfoneiro de oito baixos, compondo, em 1927, sua primeira música: *Choveu em Minha Roça* – que considero o primeiro forró como gênero musical –, gravada mais tarde pela Todamerica, em 1953. Nesse mesmo ano, pôs em disco *Quadrilha na Cidade* – que, igualmente, considero a primeira quadrilha gravada como gênero musical. Foi ele também o pioneiro nas gravações da sanfona de oito baixos.



Primeira apresentação pública aos 12 anos

Gerson Filho usou os pseudônimos de Penedo, Baianinho da Sanfona e Zé Piaba. O LP *Forró na Fazendinha* foi prensado com nomes fictícios: Zé Mamede, Baianão da Sanfona, Zé Piatã, Gerson e Seus Oito Baixos...

A partir de 1969, se fixou em Aracaju, onde passou a liderar o programa Forró no Asfalto, na antiga Rádio Difusora de Sergipe, e, depois, na TV Educativa (hoje Fundação Aperipê). Formou a Caravana Forró no Asfalto, realizando apresentações em cinemas, circos, feiras e bailes pelo interior do Nordeste.

Gerson Filho é o responsável pelo lançamento de Clemilda como cantora. Os dois viveram juntos durante 28 anos. Foi sanfoneiro contratado no Rio de Janeiro pelas rádios Tamoio, Guanabara e Mayrink Veiga. Na prestigiada Rádio Nacional, brilhou no programa apresentado pelo alagoano Paulo Gracindo, cantando ao lado de Jackson do Pandeiro e Almira Castilho.

Sua discografia compreende 18 gravações pela Todamerica (17 discos de 78 rpm e 1 LP de 10", entre 1953 e 1957); 18 discos pela RCA; 38 *long plays* pela Continental, sendo 19 com a Coleção Oito Baixos Brasileiro e outros 19 individuais, além de 10 compactos – ao longo de 21 anos (1970-1991). Produziu também, de forma independente, em 1958, um LP com apoio da VASP.

JACINTO SILVA

Nasceu em Palmeira dos Índios-AL em 23 de agosto de 1933 e morreu em Caruaru-PE no dia 19 de fevereiro de 2001. Gravou 24 *long plays* e dois CDs. É considerado, ao lado do paraibano Jackson do Pandeiro, um dos maiores nomes do coco na história.

O mestre dos mestre

Iniciou sua carreira em 1942 e, em 1962, gravou pela Mocambo seu primeiro disco. Naquele mesmo ano, conseguiu o êxito de ter o rojão *Moça de Hoje*, em parceria com o já famoso Ari Lôbo, gravado pelo próprio parceiro, pela prestigiada RCA. Nessa gravadora, Jacinto teve produzido seu *Coco Trocado* e o sucesso *Chora Bananeira*.

No site letras.com, pode-se ler que "em 1974 [Jacinto Silva] lançou pelo selo Tropicana-Cantagalo o LP *Eu Chego Lá*, que na época recebeu calorosa crítica do jornalista José Ramos Tinhorão, que a respeito do disco afirmou: '... desfilam toadas agalopadas como *Flor de Croatá*, cocos como *Coco do Pandeiro*, mazurcas nordestinas como *Eu Chego Já*, baiões de ritmo acelerado como *Tentar esquecer*, sambas-baiões como *Concurso de Voz*, gêneros desconhecidos como o mineiro-pau, uma estranha mistura que lembra ao mesmo tempo o ritmo do calango e, mais longinquamente, os sambas de partido-alto cariocas'".

LUIZ GONZAGA DA SILVA

Nasceu em Piranhas em 1919 e faleceu no Rio de Janeiro. Professor, músico e compositor, criou, além de baiões, sambas, chorinhos e outros gêneros. É considerado o primeiro professor universitário de violão no Brasil, tendo lecionado na Universidade Federal Fluminense, e sendo o autor da obra *20 Peças para Violão*. Gonzaga da Silva, antes de partir para o Rio de Janeiro, liderou um grupo musical em Delmiro Gouveia, animando bailes dos operários da Fábrica da Pedra, grandes festas das quais participavam também outros nomes que marcam a história da MPB, como Índio do Cavaquinho (natural de Mata Grande-AL), Gordurinha (foi escriturário na Fábrica da Pedra e iniciou sua vida artística em Alagoas) e Jararaca.

JOSÉ FERNANDES DE PAULA (PETER PAN)

Nasceu em Maceió, em 21 de janeiro de 1911, e faleceu no Rio de Janeiro, em 28 de abril de 1983. Compositor e pianista, foi autor da célebre composição *Olha Pro Céu Meu Amor* (1951), tendo Gonzagão como parceiro. Aliás, o Rei do Baião gravou também, de Peter Pan, em 1945, a valsa *Última Inspiração* e o baião *Todo Homem Quer*, em 1947. Diamantina Gomes gravou *Baio da Roseira*, em 1952. Para além do forró, Peter Pan foi casado com Nena Robledo (Xezira Borba), irmã de Emilinha Borba. Dele, Aracy de Almeida gravou o samba *Tudo Foi Surpresa*. Já o samba-canção *Se Queres Saber* (1947) foi gravado por Emilinha Borba e regravado por Nana Caymmi (1977), e *Eu Quero É Sambar* foi feita em parceria com Alberto Ribeiro, um dos destaques do carnaval de 1945 e eternizada na voz de Dircinha Batista.

JOSÉ CÂNDIDO

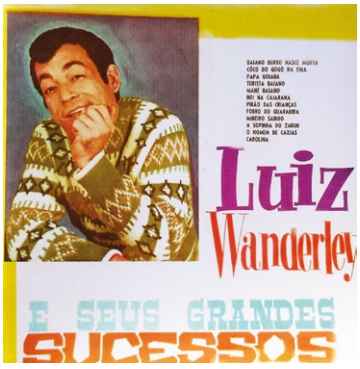
Nasceu em 11 de março de 1927, no sítio Puxinanã, município de Santana do Ipanema-AL, e faleceu em 25 de fevereiro de 2008, em Aracaju (SE). Na infância, a leitura do cordel em roda familiar e as imagens do cotidiano do Sertão ficaram marcadas em sua vida e carreira. *Cabelo de Boneca* foi a primeira composição, e *Carcará*, o grande sucesso.

Depois de cinco anos em Sergipe, muda-se para o Rio, em 1950. Contratado pela Light, lá trabalhou por 39 anos. Nesse mesmo período, começa a frequentar os auditórios das rádios Nacional, Tupi, Tamoio e outras. Ao assistir a uma apresentação de Luiz Gonzaga, ficou encantado, e a partir daí começou a compor baiões. Em um boteco no Rio de Janeiro, conheceu Nelson Cavaquinho, que o apresentou a João do Vale; ficaram amigos e logo as portas começaram a se abrir.

Carcará ainda hoje é sucesso e foi gravado por mais de 40 artistas, como Nara Leão, Maria Bethânia, João do Vale, Chico Buarque de Holanda...

LUIZ WANDERLEY

Nasceu em Colônia Leopoldina, no dia 27 de janeiro de 1931, e faleceu em 19 de fevereiro de 1993, na cidade paraibana de Rio Tinto. Estreou na Rádio Clube de Pernambuco, como calouro do programa Valores Desconhecidos, apresentado por Nelson Ferreira. Mas volta para Alagoas, onde aprende o ofício de alfaiate. Depois de atingir a maioridade, aos 19 anos vai para o Rio de Janeiro, passando a atuar como crooner de orquestra no cabaré Novo México, na Lapa. Retorna também aos programas de auditório, alternando entre Salve o Baião e Hora Sertaneja, ambos na Rádio Tamoio.



Estrela na Rádio Clube de Pernambuco

Em 1958, transfere-se para São Paulo, trabalhando na Rádio Nacional e na TV Paulista. Segundo Joci Batista, "Luiz era um verdadeiro showman, tinha um gingado sincopado próprio". Participou de dois filmes: *É de Chuá* e *Vai que é Mole*. Algumas gravações suas ficaram imortalizadas, como *Coco do Gogó da Ema, Terra dos Marechais, Matuto Transviado (Coroné Antônio Bento), Moça Veia, Pequena História de Virgulino Ferreira da Silva* e várias outras.

JUVENAL LOPES

Carioca de Laranjeiras, veio para Maceió com 2 anos de idade, fixando residência no bairro do Prado. Ao se falar em Juvenal, vale lembrar sua incansável luta para registrar suas composições

em disco, obtendo êxito apenas em duas ocasiões: um LP, *O Carnaval de Juvenal Lopes*, pela gravadora Gogó da Ema, e um CD, *Brinquedo Acabado*, lançado postumamente em 1999, com apoio da Fundação Cultural Cidade de Maceió.

Dentre as suas composições nos gêneros do forró, os destaques vão para *Chuva Perdida, Pisei no Lírio, Xaxado na Paraíba, Mãe Sertaneja* (este gravado por Marinês), *É Noite de Festa, Voz do Nordeste, Feira do Passarinho, Puxa o Fole Zé, Meu Coco, Ô Si, Si, Si* (gravada por Clemilda), *Coco de Alagoas, Pisa Maneiro* (com Jacinto Silva) e *Coração Teimoso*, esta em parceria com Alves Damasceno e gravada por Noite Ilustrada.

JOCI BATISTA

Nasceu em Penedo, na fazenda Pindoba, mas foi registrado em Igreja Nova, "o que era muito cobrado pelo povo desse município", brincava ele, complementando: "Sou cidadão da fronteira". Morreu na capital pernambucana em 28 de dezembro de 2013 – ano em que havia visitado Alagoas para a comemoração de aniversário do site www.forroalagoano.com.

Joci Batista foi o primeiro forrozeiro a fazer verdadeiramente sucesso em São Paulo, abrindo caminho para outros artistas do gênero. Joci gravou poucos LPs, em virtude do seu temperamento na relação com gravadoras, mas nunca deixou de fazer sucesso. Destacou-se também como empresário de artistas como Luiz Gonzaga, Roberto Carlos, Wanderley Cardoso, Luiz Wanderley, Waldick Soriano e outros. Seus maiores sucessos foram *Alô Palmeira dos Índios, Briga de Artista, Pensão da Dona Biu* e *Juazeiro Verde*.

BANDA DE PÍFANOS DE CARUARU

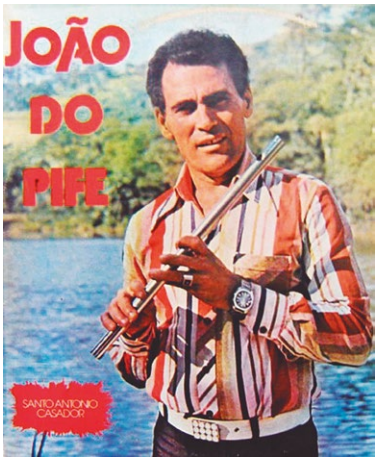
Um dos grandes ícones do povo nordestino não nasceu na cidade que passou a integrar seu nome. A famosa Banda de Pífanos de Caruaru foi formada, em 1924, no povoado Olho d'Água do Chicão, município de Mata Grande, no Alto Sertão alagoano. Manoel Clarindo Biano foi o primeiro líder e teve como parceiros na criação seus irmãos Benedito e Sebastião Biano e seu sobri-

nho Martim Grande. Dizem que, no ano de 1926, na localidade de Olho d'Água do Bruno, o zabumba de Seu Manoel tocou para Lampião. Pode ser boato, mas o fato é que, em 1939, o "esquenta-mulé" de Mata Grande muda de endereço e assume o nome da nova morada, Caruaru.

Virou grife, conquistou longa e merecida fama, e, em 2004, os novos integrantes da banda criada por Seu Manoel ganharam o Grammy Latino como Melhor Álbum de Música Regional ou de Raízes Brasileiras.

JOÃO DO PIFE

Também assinando suas músicas como João Bibi dos Santos e conhecido como "O Rei do Pife", João do Pife nasceu no dia 1º de julho de 1932, no povoado Taboquinha, na época parte do município de Porto Real do Colégio, posteriormente de Feira Grande. Morreu no dia 6 de fevereiro de 2009, sendo sepultado em Arapiraca.



O Rei do Pife

Viveu boa parte de sua vida entre Arapiraca e São Paulo e verdadeiramente foi o artista que deu personalidade ao pífano como instrumento musical. Hermeto Pascoal o considerava um gênio. Suas apresentações eram contagiantes, e fez muito sucesso ao lado do Coronel Ludugero, Luiz Gonzaga e outros astros. Apresentou-se em diversos países europeus.

Gravou mais de 20 discos, e entre seus maiores sucessos destacam-se *Guerreiro Alagoano, Pífano no Sertão, O Rei do Pífano, Solista de Pífano, Chegança* e *Prato Feito*.

ERIVAN ALVES DE ALMEIDA (MESTRE ZINHO)

Quando mestre Zinho morreu, em 31 de janeiro de 2010, reportagens divergiram sobre sua idade: uns disseram 67 anos, outros, 63. Teria nascido em 1943 ou 1945, mas certo é que Rio Largo era sua terra natal.

Começou muito cedo a vida de artista. Ainda criança, já era mestre de guerreiro, tendo no avô, exímio tocador de oito baixos, sua grande referência. Segundo Estevão Bertolini e Joci Batista

– este último em depoimento-palestra promovido por www.forroalagoano.com na Câmara Municipal de Maceió –, Luiz Gonzaga o considerava o maior cantor de forró, depois dele próprio.

Sucesso até os dias atuais

Antes de iniciar a vida profissional de artista, Zinho era montador de móveis e pintor. Numa de suas últimas entrevistas, disponível na internet, disse que "a única coisa que aprendi na vida mesmo foi cantar".

Zinho teve destacada participação no famoso trio Os Três do Nordeste, substituindo o cantor Cacau, e seu primeiro trabalho teve a participação especial de Luiz Gonzaga.

Além de forrozeiro, Zinho também era sambista, tendo sido premiado no Festival Alagoano de Canção Nordestina, em 1978, com o samba *Alegria de Pobre*, em parceria com Oscar Almeida, e foi puxador da Escola de Samba Jangadeiros Alagoanos.

Suas músicas até hoje fazem parte do repertório em qualquer casa de forró mundo afora. Infelizmente, faleceu quando estava na fase mais importante de sua carreira.

CLEMILDA FERREIRA DA SILVA

A Rainha do Forró

A Rainha do Forró nasceu em São José da Laje no dia 1º de setembro de 1936 e, acompanhada por um público calculado em 20 mil fãs, foi sepultada no dia 28 de novembro, no Cemitério São João Batista, em Aracaju, ao lado de Gerson Filho, com quem viveu durante 28 anos.

Até conhecer o também alagoano Gerson Filho, Clemilda nunca havia pensado em ser cantora. Trabalhando como garçonete no Rio de Janeiro, largava o trabalho às 15 horas e, como o transporte só saía às 19 horas, aproveitava o tempo no auditório da Rádio Mayrink Veiga, assistindo a programas de forró ao vivo. Certo dia, o apresentador perguntou se ela cantava ou dançava; ela contou sua história, e ele a desafiou a cantar. Foi a chance que a alagoana precisava e esperava! Nessa ocasião, conheceu Gerson Filho, sanfoneiro já afamado, e daí para diante foram quase três décadas de vida em comum.

O artista mais popular em Maceió em seu tempo

TORORÓ DO ROJÃO

Manoel Apolinário da Silva, alagoano de Matriz do Camaragibe, teria nascido em 1936. Morreu no dia 7 de julho de 2011. Gravou apenas um LP e um CD. Cantor e compositor, Tororó do Rojão era, sem sombra de dúvida, o artista mais popular em Maceió em seu tempo. Humorista e performático, chegou a ser classificado pelos músicos eruditos da Orquestra de Câmara de Moscou como "o Chaplin brasileiro", quando os russos assistiram a uma apresentação especial de Tororó, em setembro de 1993, no antigo e saudoso Restaurante do Alípio, no Pontal da Barra.

Tororó do Rojão. Ilustração de Mayara Barros

ROBERTO BECKER

Batizado como Domingos Annunziato Litrento, nasceu em Maceió no dia 13 de outubro de 1938. Adotou o nome artístico de Roberto Becker e dedicou-se à música durante toda a vida. Morreu em 1º de abril de 2012, em Aracaju, sendo o corpo transportado para a capital alagoana, onde foi velado e sepultado com grande comoção. Apesar de lembrado principalmente por suas composições carnavalescas, como a famosa *De Bandinha*, brilhou também no forró, eternizando versos em benefício da cultura de sua terra natal, como "Dizem que Caruaru é a capital do forró/ Menino, quem falou isso/ Não conhece Maceió".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, é indiscutível o pioneirismo dos artistas alagoanos na formação desse movimento musical denominado forró, iniciado por Augusto Calheiros e Jararaca, apresentando o baião e o rojão, e com Gerson Filho mostrando a quadrilha e a sanfona de oito baixos.

No mais, não podemos esquecer que alagoanos brilham hoje como marcos na história do forró: Genário (substituto de Lindú no Trio Nordestino); o melhor sanfoneiro do Brasil da atualidade, Edson Duarte, o Chameguinho; Chau do Pife; Edgar dos Oito Baixos; Messias Lima; Geraldo Cardoso; Sandoval; Eliezer Setton; Afrísio Acácio; Joelson dos Oito Baixos; Robertinho dos Oito Baixos (filho de Clemilda e Gerson), entre outros grandes talentos de hoje e de ontem. A

Julho

DIA 1º

Mestra Hilda e seu pagode — Com ela ninguém pode

Mestra Hilda

Hilda Maria da Silva, a mestra Hilda, é natural de Rio Largo. Nasceu no dia 1º de julho de 1921. Contava que, na juventude, quando não tinha nada para fazer, se juntava com as amigas, improvisava o ganzá com milho ou feijão dentro de uma lata e "começava a brincadeira".

Filha de brincantes (os pais eram dançadores de pagode), tinha habilidade com os passos e com as rimas. Criou seu primeiro grupo de baianas, As Vencedoras Alagoanas, no qual reunia filhas, netas e noras. Mas tornou-se conhecida com o pagode Comigo Ninguém Pode, criado por ela na década de 1980, em Chã de Bebedouro, bairro em que vivia com a família. Faleceu em 31 de agosto de 2010.

Mestra Hilda recebeu vários prêmios por sua trajetória e devido à sua importância para o folclore alagoano.

A DIFERENÇA ENTRE A BAIANA E O PAGODE

"A baiana é se arremexendo e não pisa. O pagode é pisando e tirando o verso" (*Mestra Hilda*).

PAGODE BOM

"Mas quando eu chego num salão acelerada,
com a minha roupa bem bonita e bem azul,
eu nessa casa eu canto peça de Jau (mestre Jau),
pois eu me chamo a Hilda veia falada,
e eu fui feita na Mata do Confeito.
Se eu pegá esse menino de meu jeito,
eu danço até três horas da madrugada".
Mestra Hilda

Felipe Ernesto

- 1985 – Parceira de Ranilson França na criação da Asfopal – Associação de Folguedos Populares de Alagoas.
- 1997 – Ganha o Troféu Zumbi dos Palmares (Prefeitura de Maceió).

- 2003 – Recebe a Comenda Nise da Silveira (Governo de Alagoas) e o Prêmio de Cultura Popular Humberto Maracanã (Ministério da Cultura). A

ASSISTA

Documentário Mestra Hilda do Coco (2013). Direção de Celso Brandão e Cíntia Ribeiro.

AS ORIGENS DO TJ

Primeira mulher ocupa a presidência após um século

A organização do Judiciário em Alagoas é consolidada com a instalação, em 1º de julho de 1892, do Tribunal Superior, durante o governo de Gabino Besouro. Ocupando, inicialmente, uma sala do Palácio do Governo, no Centro de Maceió, o Tribunal foi presidido pelo desembargador Tibúrcio Valeriano da Rocha Lins.

Só em 1895 a Corte foi transferida para o prédio da Escola Modelo, atualmente ocupada pela Academia Alagoana de Letras, na Praça Marechal Deodoro. Nas décadas seguintes, com a reestruturação organizacional, o aumento do colegiado e a necessidade de ampliação física, o Tribunal passa a ocupar o prédio projetado pelo arquiteto italiano Luigi Lucarini, em fevereiro de 1912.

1895 – Tribunal de Justiça ocupa o prédio da Primeira Escola Modelo

Foram várias denominações estabelecidas por constituições federais até 1946, quando passou a se chamar Tribunal de Justiça de Alagoas. Atualmente, o TJ ocupa o Edifício Desembargador Edgar Valente de Lima, na Praça Deodoro, no Centro de Maceió.

PRIMEIRA MULHER ASSUME

Só em 2002, após 110 anos de criação do Tribunal de Justiça, a primeira mulher ocupa o posto de desembargadora. Elisabeth Carvalho do Nascimento foi escolhida por unanimidade. O pioneirismo de Carvalho é ampliado ao assumir, em 2 de fevereiro de 2009, a presidência da Corte Estadual.

OS PRIMEIROS DESEMBARGADORES

Em junho de 1892, foram nomeados: Adalberto Elpídio de Albuquerque Figueiredo, Luiz Monteiro de Amorim Lima, Frederico Ferreira França, Manoel Fernando de Araújo Jorge e Tibúrcio Valeriano da Rocha Lins.

Sede projetada pelo arquiteto Luigi Lucarini

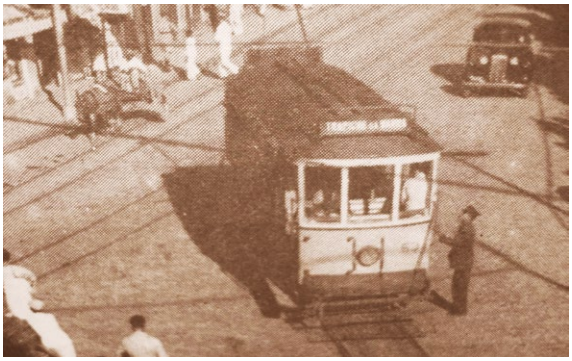
Quer saber mais? Acesse www.tjal.jus.br

ANOTE

Primeiro, os trilhos; depois, o bonde

O dia 1º de julho de 1913 entrou para a história do transporte urbano de Maceió. A data marca o assentamento dos primeiros trilhos de bondes elétricos da Catu (Companhia Alagoana de Trilhos Urbanos). O avanço, concretizado durante o governo de Clodoaldo da Fonseca, foi comemorado, era o início de uma história que alteraria a fisionomia e os hábitos de Maceió. Três meses depois, no dia 12 de outubro, os bondes elétricos passaram a circular na capital.

Saiba mais em www.historiadealagoas.com.br A



O genial João do Pife

Chau e seu pife

É certo que enquanto os irmãos de João Bibi dos Santos trabalhavam no sítio da família, na zona rural de Arapiraca, ele também ajudava. Mas gostava mesmo era quando escapulia para fazer o que mais amava: tocar seu pífano, ou pife, como é chamado popularmente. A rotina não estava no destino do menino nascido em 1º de julho de 1929, em Porto Real do Colégio.

Por volta dos 20 anos foi para São Paulo, onde trabalhou, como tantos migrantes nordestinos, como servente de pedreiro. Seu talento, contudo, falava mais alto, e não é à toa que alguém passa a ser conhecido como João do Pife e tem fãs como o genial Hermeto Pascoal.

A fama passou a ser uma companhia do músico nos fins da década de 1950, e assim se manteve até o fim dos anos 1970, fazendo shows Brasil afora, solo e ao lado de nomes como o humorista Coronel Ludugero, Luiz Gonzaga e Dominguinhos. Morreu na Santa Casa em Maceió, no dia 6 de fevereiro de 2009. A

ALGUNS DISCOS

- *Solista de Pífano*, 1966.
- *Agora Tu Pega e Vira, Escuta Que Tu Vai Gostar*, 1971
- *Chegança*, 1973

OUÇA

João do Pife – Folclore alagoano

YouTube: https://www.youtube.com/watch?v=sWwrs2zdcnw

DIA 2

ANOTE

Olha o trem

Em 2 de julho de 1864, foi sancionada a Lei nº 428, que instituiu o serviço de ferrovias em Alagoas. A iniciativa foi do vice-presidente em exercício, Roberto Calheiros de Melo. O edifício da Estação Central da Alagoas Railway só foi inaugurado em julho de 1891.

O INÍCIO

- 1864 – Ponto de partida. Autorização dos primeiros estudos para a construção da via férrea.
- 1868 – Inauguração dos seis quilômetros do ramal, até o Trapiche da Barra, operado pela Companhia Baiana de Navegação.
- 1872 – Ramal entre a Rua Senador Mendonça e o bairro de Bebedouro.
- 1891 – Inauguração do edifício da Estação Central da Alagoas Railway.

Cenas do universo ferroviário em Maceió

DIA 3

À sombra de um muricizeiro — Agitação política e reserva da Mata Atlântica

À sombra de um muricizeiro (árvore da família das Malpighiáceas), plantado pelo frei Domingos por volta de 1810, surgiu o povoado de Murici. O lugar, onde posteriormente foi erguida a estação ferroviária, era ponto de descanso daqueles que passavam pela estrada, seguindo a margem do rio Mundaú.

AGITOS POLÍTICOS

Entre 1855 e 1860 houve muita agitação política na região, com os ânimos acirrados e muito derramamento de sangue. Após um momento de trégua, novos embates foram travados entre os conservadores de um lado e os liberais do outro. Nesse contexto agitado, foi criada a freguesia, em 27 de julho de 1861, sob a invocação de N. Sra. das Graças, padroeira do lugar.

A instalação da vila, até então ligada à Vila da Imperatriz (ou dos Macacos, hoje União dos Palmares), ocorreu em 3 de julho de 1871. Em 1882, o povoado começou a se desenvolver em ritmo de normalidade, com a implantação da estrada de ferro, chegando a conquistar sua elevação à condição de cidade.

Palácio Muncipal José Gomes de Freitas

Estação CFN

Praça Manuel Marinho de Melo

Jardim infantil Luiz Gonzaga

CURIOSIDADES

Em 1902, Murici tinha 72 engenhos.

A economia local se destacou com a produção de açúcar, álcool e aguardente.

Estação Ecológica de Murici – O município detém uma grande reserva de Mata Atlântica, considerada a maior área contínua do Nordeste.

Saiba mais em www.historiadealagoas.com.br

LEIA

Murici, de Diógenes Tenório Júnior. Maceió, AL, 1992.

ANOTE

Recriação da Guarda Civil

Moreira Lima

O dia 3 de julho de 1912 foi fundamental para a reorganização da Força Pública do Estado, posteriormente denominada de Polícia Militar. Por meio do Decreto nº 564, era reativada a Guarda Civil, responsável pelo policiamento de Maceió, que havia sido extinta em fevereiro do mesmo ano. Com a recriação, a subinspetoria da corporação foi assumida por Moreira Lima, que só foi promovido a inspetor após concluir, em junho de 1915, o curso de Direito.

Ambrósio Lira - O republicano que virou nome de mirante

Você sabia que o mirante Ambrósio Lira, entre as ladeiras do Brito e dos Martírios, é uma homenagem ao jornalista e político republicano? Ambrósio Cavalcante de Gusmão Lira nasceu em 3 de julho de 1852, em Passo de Camaragibe, cursou Direito em Recife (1875) e foi deputado provincial entre 1878 e 1881. Por defender ferrenhamente os ideais republicanos, foi demitido do cargo de juiz municipal de Sapucaia (RJ). Colaborador da imprensa, é autor de Ensaios e Versos e O Município de Camaragibe. É patrono da cadeira nº 3 da Academia Alagoana de Letras.

Ambrósio Lira

Lourenço Peixoto rompe com a tradição na arte

Mestre Lourenço Peixoto

Lourenço Peixoto nasceu no dia 3 de julho de 1897, em Maceió. Herdou o nome do pai, que não chegou a conhecer. A mãe, viúva, logo precisou que o filho adolescente interrompesse os estudos para trabalhar. Habilidoso, instalou uma pequena oficina em sua própria casa e, apesar de bem jovem, esculpia, pintava e recuperava imagens sacras que lhe rendiam algum dinheiro.

Retomando os estudos, matriculou-se no Liceu Alagoano, onde foi aluno de desenho do pintor Carlos Leão, e aprendeu gravura e pintura com os alemães Karl Michael e Sigmund Gabad.

Foi o primeiro pintor alagoano a romper com a tradição da arte nas artes visuais. "Os princípios clássicos que foram estudados com tanto carinho, com tanta perfeição, embora eu os condene pelo excesso de academismo, estes princípios não podem ser abandonados", declarou Peixoto sobre sua proximidade com a arte moderna. Pierre Chalita, Getúlio Motta, Rogério Gomes, Vânia Lima, Terezinha Porto e Cármen Omena estão entre os alunos mais conhecidos.

O artista jovem e sua obra

LUZ E SOMBRA

O interesse recaiu na busca da luz e da transparência na obtenção da cor. A paisagem, uma de suas fixações temáticas, é condicionada ao jogo de luz e sombra dos espaços livres. Para ele, "o excesso de luz ajuda na obtenção do relevo".

A CRIAÇÃO DO PARALELISMO

Criou um estilo e o denominou de Paralelismo: pelo tratamento angular, por barras paralelas que correm ou cortam as figuras no sentido vertical e horizontal. Foi confundido com um cubista, mas seu estilo não se identificava com a busca da terceira dimensão dos cubistas, nem com o uso de curvas e contracurvas para conseguir a fragmentação das figuras.

1915 – Passa a viver da arte que produz.

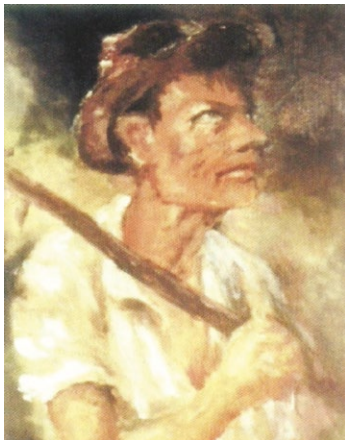
1925 – Cria o Instituto de Belas Artes de Alagoas, depois Instituto Rosalvo Ribeiro.

1928 – Ocupa a linha de frente da organização da Festa da Arte Nova.

1958 – Expõe a série de Paralelismo pela primeira vez.

1980 – Deixou de pintar e ensinar em decorrência das limitações físicas.

1984 – Falece, aos 86 anos, no dia 27 de março. A



Um paraíso chamado Maragogi

A antiga povoação de Gamela, que pertencia ao município de Porto Calvo, passou a se chamar Isabel quando foi elevada à categoria de vila, em 24 de abril de 1875, e passou a ter o nome atual quando foi instalada em 2 de dezembro de 1876. A Lei nº 733 determinou a mudança, no dia 3 de julho de 1876. O lugar, que foi palco de batalhas contra invasores holandeses, hoje encanta turistas do mundo inteiro.

Cassino Piranhense

A locomotiva. Piranhas, 3 de julho de 1881

#MEMÓRIADAIMPRENSA

ANNO II ALAGOAS.—PIRANHAS, 3 DE JULHO DE 1881 NUMERO 25

A LOCOMOTIVA

Publicação priodica

Propriedade de uma associação anonyma

A LOCOMOTIVA

As nove horas dessa noite, começou o deslumbrante baile no cassino Piranhense!

Realmente!

Piranhas tem o seu Cassino as suas noites de festas, os seus brilhos de astros, o seos sorrizos de princeza! Piranhas se methamorphoseia. Desperta ao silvo agudo do trem de ferro irrompendo o seio de suas montanhas seculares e de suas selvas frondozas e vem sertaneja altiva, garboza, civilizada calçar a luva de pelica e passear nos salões como

a cortezã delicada e orgulhosa dos seos fóros!

Uma palavra: Piranhas já começa a sentir vida.

DIA 4

Nunes Lima - O ourives das charges

Nunes Lima

Antes de tornar-se o chargista que lapidava suas opiniões através de desenhos e textos na imprensa alagoana, Manuel Nunes Lima, o Nunes, chegou a trabalhar como ourives. Nascido em Maceió, em 8 de janeiro de 1931, o interesse pelo jornalismo começou quando morou na cidade de Paulo Jacinto e lançou o jornal datilografado Xaxado, com quatro páginas, ao lado de José Roberto Costa.

Ainda jovem, foi correspondente no interior do Jornal de Alagoas e, a partir de 1966, em Maceió, atuou como repórter e chargista na Gazeta de Alagoas assinando, entre os anos 1970 e 1990, a coluna Vida sem retoque.

Uma antologia com suas crônicas foi editada com o mesmo título da coluna pela editora Século Z, em 2009. Publicou os livros *Histórias de Toda a Gente* (1980) e, com os cartunistas Hércules Mendes e Manoel Viana, *Livro de Graça* (1984). Recebeu o prêmio de melhor cartunista de Alagoas no 12º Salão Internacional de Humor de Piracicaba, em 1985, e o Prêmio Salgema de Jornalismo por quatro anos consecutivos, de 1991 a 1994. Morreu em 4 de julho de 2011.

Charge de Nunes Lima, publicada na Gazeta de Alagoas nos anos 80.

DIA 5

Pedra fundamental da Faculdade de Direito de Alagoas

(*)

No dia 5 de julho de 1933 foi colocada a pedra fundamental no local onde seria erguido o prédio da Faculdade de Direito de Alagoas. A Inauguração da sede aconteceu apenas em 23 de agosto de 1934.

A FDA foi criada por iniciativa de Agostinho Benedito de Oliveira, então funcionário do Liceu Alagoano.

Como mantinha contato diário com os estudantes, sabia da falta de perspectiva da maioria deles, que concluíam os estudos secundários sabendo que suas famílias não teriam condições de custearem uma faculdade em outros estados.

Sua campanha em defesa de uma faculdade de Direito em Alagoas prosperou e passou a mobilizar lideranças expressivas da intelectualidade do Estado, que promoveram várias reuniões até definirem a data da assembleia de fundação.

(*) Saiba mais em https://www.historiadealagoas.com.br/historia-da-faculdade-de-direito-de-alagoas.html

Faculdade de Direito na década de 1950 em foto de Stuckert

DIA 6

A leveza poética de Heliônia Ceres

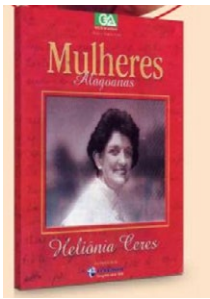
Heliônia Ceres

A escritora e professora Heliônia Ceres de Melo Motta nasceu em 6 de julho de 1927. Formada em Direito, em Recife, nunca exerceu a profissão. Desde cedo optou pelas letras e pela educação.

Em 1968, estreia na literatura com o livro *Contos nº 1*. Após essa publicação, não parou mais. Com uma vasta obra, foi do romance ao teatro e à biografia. Referindo-se à escrita de Heliônia, Vera Romariz diz que "seu tecido narrativo sugere pistas que possibilitam vermos um projeto autoral extremamente crítico em relação ao universo referencial".

A intimidade com o conto também é destacada por Romariz como referencial da narrativa de Heliônia Ceres. "Mas é no conto, sobretudo, que Heliônia se diferencia dos prosadores alagoanos, avançando em um ecletismo atrelado a autores latino-americanos como Márquez e Borges; nela, e, sobretudo, em seu último livro de contos, *Olho de Besouro,* de 1998, a escritora percorre uma teia narrativa que evolui do prosaico ao fantástico. A metáfora central do livro, um olho que tudo vê, é configurada já na apresentação do protagonista Ubaldo como uma visão ampliada dos limites do Real".

Nome de rua no bairro da Serraria, Heliônia Ceres foi membro da Academia Alagoana de Letras (AAL) e do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas (IHGAL). A escritora faleceu em 2 de fevereiro de 1999.



FEMINISTA, SIM!

Heliônia Ceres participou ativamente da Federação Alagoana pelo Progresso Feminino e do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos das Mulheres.

PAIXÃO E ESPECIALIZAÇÕES EM LITERATURA

- 1964 – Língua e Literatura Italiana (RJ)
- 1972 – Teoria da Literatura (MG)
- 1975 – Literatura Brasileira (SP)
- Linguística Aplicada pela Ufal, onde fez carreira profissional no ensino superior.

CONCURSO DE CONTOS

Desde 2016 a Secretaria de Estado da Cultura promove o Concurso de Contos Heliônia Ceres. A

PUBLICAÇÕES

- *Contos nº 2* (1975)
- *Rosália das Visões* (conto, 1984)
- *Cabras-Machos* e *O conclave* (romance)
- *Reflexões* (aforismos)

O testamento político de Pedro Paulino da Fonseca

Pedro Paulino da Fonseca

Pedro Paulino da Fonseca nasceu na antiga Alagoas, hoje Marechal Deodoro, em 6 de julho de 1829 e morreu no Rio de Janeiro em 16 de novembro de 1902. Pedro Paulino está entre os muitos militares envolvidos na política alagoana e foi mais um Fonseca no poder republicano.

Foi o primeiro governador, nomeado pelo seu irmão, Deodoro, que proclamou a República

em 15 de novembro de 1889. Pedro Paulino permaneceu no cargo de governador provisório de 1889 a 1890. Além de governador, foi senador e historiador.

No livro *Formação Histórica de Alagoas*, o economista Cícero Péricles de Carvalho diz o seguinte sobre seu governo: "A tarefa mais importante de Pedro Paulino foi a adaptação jurídico-política (de Alagoas) ao quadro republicano, com a elaboração da 1ª Constituição do Estado. Em 1891, a Assembleia Constituinte se instalou para escrever o texto constitucional alagoano, promulgado e editado em junho do mesmo ano. Seguindo a nova Constituição brasileira, o irmão de Deodoro foi eleito, pela Assembleia Constituinte, governador de Alagoas".

OBRAS PUBLICADAS

- *Memória Histórica da Fundação dos Conventos da Província de Alagoas*. Rio de Janeiro: Tipografia de Pinheiro Cia., 1874.
- A Velha Cidade das Alagoas, Recordações de Suas Antigas Festas. Revista do IHGAL, v.22, Maceió, 1942.
- Saudações à Província de Alagoas. Revista do IHGAL, v.8 nº 2, Maceió, 1916.

CURIOSIDADE

Pedro Paulino deixou um Testamento Político intitulado Alagoas e minha pessoa.

> *"Quem ali vive não nota os fatos nem as diferenças, que para aqueles constituem costume, e a transição nestes se opera gradualmente, mas quem passou ausente daquele meio 50 anos e educou-se em outra escola, a diferença que sente é brusca, dissonante, mesmo triste".*

Confira a íntegra do documento em Testamento Político: Alagoas e Minha Pessoa. Revista do IHGAL, v.36, Maceió, 1980.

DIA 7

O pensamento crítico de Arthur Ramos
Legado do pesquisador é reconhecido mundialmente

Arthur Ramos

Arthur Ramos de Araújo Pereira está entre os principais pensadores do século 20. Médico, psicanalista, antropólogo e folclorista, nasceu em 7 de julho de 1903, em Pilar. Concluiu os primeiros estudos em Alagoas. Em 1926, com a defesa da tese Primitivo e Loucura, formou-se pela Universidade de Medicina da Bahia, era o início de uma carreira brilhante, com legado incontestável em diferentes áreas.

Dentre as muitas contribuições de Ramos está o fato de ter sido um dos responsáveis pela consolidação e difusão da Antropologia e da Psicanálise no Brasil. Arthur Ramos ousou investigar, na década de 1930 (época em que poucos o faziam), a questão da diversidade de costumes e rituais de grupos sudaneses e bantos. E foi além, ao incorporar uma prática teórica que priorizava o conceito de cultura, se distanciando do ultrapassado modelo racial.

QUER NÚMEROS?

400 títulos publicados (livros e artigos).

2 mil é o número de páginas de Introdução à Antropologia Brasileira, sua principal obra. O trabalho está em mais de 20 mil referências bibliográficas.

5 mil documentos fazem parte do acervo sobre Arthur Ramos na Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

DESTAQUES DA LINHA DO TEMPO

1903 – Nasce em Pilar, em 7 de julho.
1918 – Escreve as primeiras crônicas.
1926 – Recebe o doutorado pela Universidade de Medicina da Bahia.
1928 – Recebe uma carta de Sigmund Freud com elogios à tese Primitivo e Loucura.
1934 – Muda-se para o Rio de Janeiro e instala as primeiras clínicas

voltadas para saúde mental.

1935 – Casamento com Luisa Gallet. Não tiveram filhos.

1940 – Chefiou o Departamento de Ciências Sociais da Unesco, em Paris. É responsável pelo esboço do Projeto Unesco no Brasil, implantado em 1950.

1941– Funda a Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia. Viaja pelos EUA, realizando palestras e conferências em Harvard, Louisiana, Columbia, Califórnia, Minnesota e Yale.

1949 – Morre em Paris, em 31 de outubro, aos 46 anos, vítima de um edema pulmonar.

USOU OS PSEUDÔNIMOS

João do Pilar, Teobald Kossloff e Braz Max.

Obs: os pseudônimos não foram utilizados na literatura científica.

FALA, ARTHUR!!!

"Não adianta escrever só para as elites, através da divulgação dos estudos sobre o homem, suas implicações e vantagens, deveriam ser difundidas e usufruídas, também, pelo homem da rua – o povo".

"O que existe são homens diferentes, culturas diferentes, e todos eles com seus aspectos divergentes, porém, com uma riqueza própria, o que permite uma sociedade mundial harmoniosa culturalmente".

SAIBA MAIS

Saiba mais em Sobre o autoritarismo brasileiro (Schwarcz, 2019)

CUNHOU O TERMO "DEMOCRACIA RACIAL" NO BRASIL

Referência à tese equivocada de que existiria no país uma harmonia racial plena, livre de racismo.

Foi sobretudo Gilberto Freyre quem tratou, ele sim, de consolidar e difundir esse tipo de interpretação, não apenas em seu clássico Casa Grande & Senzala (1933).

(...)Assim, se foi o antropólogo Artur Ramos (1903-49) quem cunhou o termo "democracia racial" e o endereçou ao Brasil, coube a Freyre o papel de grande divulgador da expressão, até mesmo para além de nossas Fronteiras". Lilia Schwarcz.

PARA ENTENDER ARTHUR, LEIA

- *Primitivo e Loucura* (1926)
- *Estudos de Psicanálise* (1931)
- Freud, Adler, *Jung: Ensaio de Psicanálise Ortodoxa e Herética* (1933)
- *O Negro Brasileiro: Etnografia Religiosa e Psicanálise* (1934)
- *Educação e Psicanálise* (1934)

- *O Folk-lore Negro do Brasil: Demopsicologia e Psicanálise* (1935)
- *As Culturas Negras no Novo Mundo* (1937)
- *O Negro Brasileiro* (1940)
- *A Aculturação Negra no Brasil* (1942)
- *Guerra e Relações de Raça* (1943)
- *Introdução à Antropologia Brasileira* (1943-1947, 2 v.) A

VISITE

- A casa de Arthur Ramos, em Pilar.

ASSISTA

- *Arthur Ramos – Vida e obra, o filme* (disponível no YouTube).

Filme de Almir Guilhermino e roteiro de Ricardo Rodrigues.

SAIBA MAIS

Arthur Ramos e as Dinâmicas Sociais de Seu Tempo. Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros. Maceió: Edufal, 2005.
Coleção Arthur Ramos. Raul Lody (1987).
Relembrando Arthur Ramos. Antonio Sapucaia (2003).
Arthur Ramos e Sua Luta Contra a Discriminação Racial. Lily Lages (1997).

O colégio do porto real deu origem à cidade

Não se sabe quando a freguesia de Porto Real do Colégio foi criada, mas é possível garantir que foi sob a invocação de N. Sra. da Conceição. Sua elevação à categoria de vila ocorreu pela Resolução nº 737, de 7 de julho de 1876. O local fazia parte da Comarca de Penedo, passando depois para São Brás e, posteriormente, para a Comarca de Traipu.

A FORMAÇÃO DO NÚCLEO

Tudo começou no século 17, início da colonização, com a conquista da região do Baixo São Francisco. Como ponto de partida para a formação do núcleo, foi erguida uma capela em louvor à N. Sra. da Conceição. Em seguida, os jesuítas fundaram um colégio e um convento.

No século 18, por ocasião da perseguição do Marquês de Pombal às ordens religiosas, as edificações foram fechadas e abandonadas, chegando a ruírem sem deixar vestígios. Mas, devido à importância do colégio, a toponímia veio do hábito da população de se referir ao local como o Colégio do Porto Real.

Em suas imediações, foi implantado um engenho de açúcar e

Matriz de N. Sra. da ConceiçIo

fazendas de criação de gado que ajudaram na formação do povoado. Localizado em frente a Propriá (SE), é atualmente ligado ao estado de Sergipe por uma ponte sobre o São Francisco.

CURIOSIDADES

*A produção da cerâmica utilitária tradicional sempre foi um marco da economia artesanal, usando a técnica herdada dos índios.
*Até o início deste século, a produção de cerâmica feita na Rua dos Índios abastecia as feiras da redondeza. O material é remanescente dos índios Cariri. A

DIA 8

Audálio Dantas, a lenda real do jornalismo

Audálio Ferreira Dantas nasceu em 8 de julho de 1929, na cidade de Tanque d'Arca, no Agreste de Alagoas. Filho do casal Otávio Martins Dantas e Rosalva Ferreira Dantas, começou a atuar como repórter acidentalmente ao se empregar como laboratorista fotográfico em 1954, no jornal Folha da Manhã (atual Folha de S.Paulo).

Em 1958, repórter de olhar agudo e sensível ao humano, conheceu Carolina de Jesus e editou os primeiros excertos de seu diário, publicado depois como o livro *Quarto de Despejo,* um sucesso traduzido em várias línguas. Os dois se conheceram quando o jornalista trabalhava na favela do Canindé, em São Paulo, e a ouviu falar sobre o livro que estava escrevendo.

As cinzas de Audálio Dantas foram depositadas em sua cidade natal, Tanque d`Arca

REFERÊNCIA NA LUTA PELOS DIREITOS HUMANOS

O jornalista encaminhou à Justiça Militar em 1976, como presidente do Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo, o manifesto "Em nome da verdade", que contestava a versão oficial de que o também jornalista Vladimir Herzog havia se suicidado dentro da cela do Destacamento de Operações de Informações do Centro de Operações de Defesa Interna, o DOI-Codi. A denúncia de tortura e assassinato de seu colega se juntou a outras vozes, como a do cardeal d. Paulo Evaristo Arns, e foi um marco no enfrentamento da ditadura e pela redemocratização.

Por ocasião de seu falecimento, o Instituto Vladimir Herzog destacou que, sob sua direção, o Sindicato dos Jornalistas "se tornou uma das principais trincheiras, uma referência para a sociedade na luta contra a repressão". "Em defesa do Estado de Direito, da verdade, da justiça e da memória do amigo que acabara de ter a vida interrompida, Audálio enfrentou os poderosos do momento e exigiu que a morte de Herzog fosse esclarecida. Audálio foi testemunha e protagonista, escreveu a história e nela foi escrito", registrou a nota emitida pela organização de direitos humanos.

Querido e respeitado pelos colegas, trabalhou nas revistas O Cruzeiro, Realidade e Quatro Rodas e no jornal Folha da Manhã, entre outros. Audálio foi também o primeiro presidente eleito por voto direto da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj).

O jornalista abraçado à Carolina Maria de Jesus

Em 1978, foi eleito deputado federal pelo MDB de São Paulo, sendo considerado o melhor deputado e um dos dez mais influentes do país. Pai de quatro filhos, foi casado por três décadas com Vanira Kunc. A morte de Audálio Dantas, em 30 de maio de 2018 foi divulgada nos principais veículos de imprensa do Brasil.

PRÊMIOS E HONRARIAS

- Defesa dos Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU)
- Título de Cidadão Paulistano pela Câmara Municipal de São Paulo
- Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA)
- Intelectual do Ano (Troféu Juca Pato)
- Prêmio Jabuti
- Prêmio Averroes

AUTOR DE DIVERSOS LIVROS

- *Repórteres* (1998)
- *A infância de Mauricio de Souza* (2005)
- *A Infância de Graciliano Ramos* (2005)
- *A infância de Ruth Rocha* (2006)
- *A infância de Ziraldo* (2007)

- *O menino Lula* (2009)
- *Céu de Luiz: 100 anos de Gonzaga* (2012)
- *O Tempo de Reportagem: histórias que marcaram época no jornalismo brasileiro* (2012)
- *As duas guerras de Vlado Herzog: da perseguição nazista na Europa à morte sob tortura no Brasil* (2012) A

DIA 9

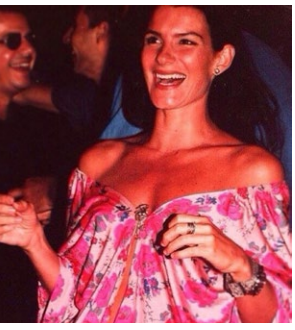
Vera Arruda — A identidade nacional nos florais e miçangas

Vera Arruda

Vera Arruda nasceu em Palmeira dos Índios no dia 9 de julho de 1966. Aos 18 anos foi eleita Miss Alagoas. Produziu como artista plástica e designer de bijuterias até despontar na moda nacional com um trabalho originalíssimo e sensível.

Tinha 31 anos quando saiu de Alagoas e foi morar em São Paulo, imprimindo à moda brasileira uma estética tropical bem marcada e com referência folk. Exigente e cuidadosa com os detalhes, Vera trouxe o patchwork e o crochê para criações coloridas e delicadas. Suas peças eram "iluminadas" por pedrarias e miçangas.

Sobretudo se destaca a brasilidade em suas criações, através da presença de elementos da cultura popular nordestina e, muitas vezes, do próprio Estado de Alagoas.



RECONHECIMENTO

A participação no Phytoervas Fashion Awards (1998), evento que deu origem ao São Paulo Fashion Week, quando foi escolhida a melhor estilista do ano, lhe rendeu uma bolsa de estudos no Studio Berçot, em Paris. Colaborou com as marcas nacionais Rosa Chá e Ellus. Vestiu celebridades e, principalmente, influenciou criadores.

Faleceu em decorrência de um câncer, aos 38 anos, em 30 de julho de 2004. Foi sepultada em Maceió, no Parque das Flores, em um cortejo formado por admiradores de seu trabalho, além de amigos e parentes, que decoraram o caixão com motivos inspirados em sua obra. A

SAIBA MAIS SOBRE ELA

- culturaeviagem.wordpress.com
- www.portaisdamoda.com.br

DIA 10

Paulo Jacinto - Morre o Barão de Palmeira dos Índios

Paulo Jacinto Tenório

Agraciado com o título de Barão de Palmeira dos Índios em agosto de 1889, Paulo Jacinto Tenório doou grande quantidade de terras para a passagem da ferrovia em sua região. Em retribuição, a Great Western of Brazil Railway homenageou o próspero fazendeiro dando seu nome, em 1911, a uma das estações ferroviárias da localidade, que, anos mais tarde, em 1925, se transformaria na vila de Paulo Jacinto. Em 1953, a vila foi elevada à condição de município. Paulo Jacinto faleceu em 10 de julho de 1927, em Quebrangulo. A

O engenheiro intendente e os minerais

O engenheiro Miguel Eugênio do Prado nasceu no Rio de Janeiro, mas veio a trabalho para Alagoas em 1886, como engenheiro residente na Estrada de Ferro Central. Com a substituição das Câmaras Municipais, em 21 de janeiro de 1890, por Conselhos de Intendência, foi nomeado para a Intendência de Maceió, em dezembro de 1890, permanecendo até agosto de 1891.

Em 1890, obteve do Estado a concessão para exploração do serviço de iluminação pública a gás carbônico, juntamente com Manoel José Duarte e Caetano José de Mesquita. No mesmo ano, também foram autorizados a explorar jazidas de turfa e outros minérios em Maceió e Camaragibe. Em 1891, foi diretor técnico da Companhia Industrial e Construtora Alagoana. Morreu no dia 10 de julho de 1917, em Nice, na França.

UMA CLÁUSULA DO DECRETO

Cláusula 3 do Decreto nº 892, de 18 de outubro de 1890, em que Marechal Deodoro autoriza a exploração de jazidas de turfa e xisto betuminoso e outros minerais.

"III. Os concessionarios serão obrigados a indemnizar os damnos e

prejuizos que de seus trabalhos de exploração possam provir ás propriedades adjacentes; a restabelecer á sua custa o curso natural das aguas que desviar para realização dos alludidos trabalhos; a não perturbar os mananciaes indispensaveis ao abastecimento de quaesquer povoações; a dar conveniente direcção ás aguas que brotarem das cavas, poços ou galerias que fizerem, quando destes serviços resultarem damnos a terceiros; e a deseccar os terrenos que ficarem alagados, restituindo-os ao seu antigo estado, de modo a não prejudicar a saude dos moradores da vizinhança". A

DIA 11

Sebastião da Hora, um médico intelectual

Aos 15 anos, o jovem Sebastião da Hora, ex-aluno do colégio Salesiano de Recife, entrou na Faculdade de Medicina da Bahia. Nascido em Porto de Pedras em 11 de julho de 1902, ele foi longe em busca do saber. Especializou-se no tratamento da tuberculose em Berlim (Alemanha) e estudou tisiologia em Viena (Áustria). Na Bahia, foi auxiliar do renomado José Silveira no serviço de tisiologia da Santa Casa da Bahia.

Sebastião da Hora

Ajudou a fundar a Associação Médico-Cirúrgica de Alagoas (que daria origem à Sociedade de Medicina de Alagoas) e também se destacou no uso de medicação homeopática. O intelectual, que foi professor da Faculdade de Medicina de Alagoas, também integrou o Grêmio Guimarães Passos e foi um dos fundadores, em 16 de abril de 1933, da Liga Alagoana Pró-Pensamento Livre. Faleceu em Maceió, no dia 5 de dezembro de 1959.

POLÍTICA

Comunista, foi um dos fundadores e membro da direção da Aliança Nacional Libertadora (ANL) em Alagoas, em 1935. Foi preso em 1936 e levado ao Rio de Janeiro com o advogado Antônio Leite, o jornalista Humberto Bastos, o comerciante José Pedro, o industrial Amaro Cavalcanti e Graciliano Ramos,

então diretor de Instrução Pública. Foi absolvido.

HOMENAGENS

Escola de Ciências Médicas de Alagoas homenageou-o em 23 de março de 1979 ao dar o seu nome ao anfiteatro de Anatomia Patológica. O Cesmac criou a Clínica Escola de Psicologia Doutor Sebastião da Hora.

RUAS E ESCOLA

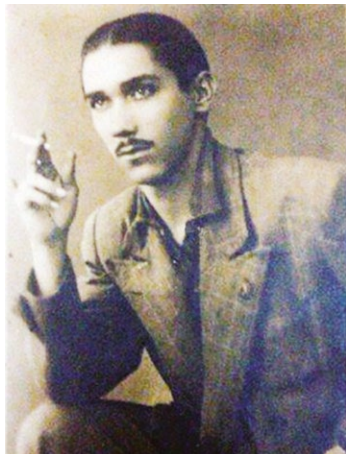
Sebastião da Hora dá nome a ruas em Maceió, no bairro Gruta de Lourdes, e em Porto de Pedras. No bairro da Pitanguinha, em Maceió, está localizada a Escola Estadual Sebastião da Hora. A

SAIBA MAIS

Site História de Alagoas: Sebastião da Hora: professor, político, médico e intelectual humanista.

DIA 12

Jorge Chau — Alô, Alô, Terezinha: Alagoas teve um Chacrinha



Jorge Chau

A trajetória de Jorge Albuquerque Sá, o Jorge Chau, não é muito divulgada. Maceioense, nasceu em 12 de julho de 1921. Estudou em Recife, e aos 20 anos de idade foi contratado pela Rádio Tabajara, em João Pessoa-PB. O contato com a locução foi apenas o início de uma relação produtiva com o rádio brasileiro.

Da Paraíba seguiu para Salvador, onde passou a trabalhar na Rádio Excelsior da Bahia. Pouco tempo depois, retorna a Maceió e inova com um serviço de som inusitado, pelo qual divulga eventos e sucessos de bolachões de 78 rotações num toca-discos acomodado numa almofada dentro do carro.

Depois, ele segue novamente para Recife, onde começa a trabalhar na Rádio Tamandaré, de Assis Chateaubriand. O primeiro programa de auditório foi em 1952, na Rádio Clube, integrante dos Diários Associados.

DESCOBRIU SIVUCA

Em busca de novos talentos para os programas musicais da Rádio Tabajara, Jorge Chau descobre Sivuca, até então um menino sanfoneiro.

O ÚLTIMO DOS MOICANOS DA TV NORDESTINA

Com audiência popular, era descrito pelos colegas como "baixinho, magérrimo, desbocado e irreverente". Fazia o maior sucesso com as mulheres.

Chau fez sucesso na TV

1960 – Estreia na apresentação do Plantão Policial, na TV Rádio Clube de Pernambuco (TV Tupi do Recife), e se torna conhecido como Jorge Chau.

1971 – Vai para a TV Jornal, propriedade da Rádio Jornal do Recife e do Jornal do Commercio. Lá, apresenta, ao vivo, o primeiro programa de auditório da emissora, A Hora do Chau.

1973 – Muda o nome do programa para Jorge Chau Show, exibido até 1977. As bailarinas do programa eram chamadas de "chaucretes".

2002 – Morre em 21 de janeiro, em Recife, aos 85 anos.

Mais detalhes sobre a trajetória de Jorge Chau podem ser encontrados em www.historiadealagoas.com.br. A

DIA 13

Cônego Teófanes — o pai da educação

Quando o assunto é educação em Alagoas, o nome do cônego Teófanes Augusto de Araújo Barros é o primeiro a se destacar. Dono de visão empreendedora voltada para a educação, padre Teófanes, como era chamado, ficou conhecido como o "Pai da Educação em Alagoas".

Nasceu em 13 de julho de 1912, em São José da Laje, de onde saiu para cursar o Seminário de Maceió; foi ordenado em 1935. Pedagogo e filósofo, trabalhava pelo lema "Educar para elevar". Fundador de vários colégios em Maceió, ocupou espaços importantes no campo da educação: foi professor emérito da Universidade Federal de Alagoas (Ufal); dirigiu o Departamento Estadual de Educação; presidiu a Campanha Nacional de Educandários Gratuitos. Membro da Academia Alagoana de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, padre Teófanes faleceu em 21 de junho de 2001, em Maceió, e deixou um legado que dimensiona as bases do ideário católico na educação de Alagoas.

Cônego Teófanes Augusto de Araújo Barros

FUNDOU

- Colégio Guido de Fontgalland (1939). Foi diretor até 1960.
- Centro de Estudos Superiores de Maceió (Cesmac), em 1973.
- Faculdade de Filosofia de Alagoas (integrada à Ufal após 1961).

OBRAS PUBLICADAS

- *Na Missão de Educar* (1961)
- *Na Missão de Afirmar* (1981)
- *Alocuções* (1989)

SOBRE ELE

- *Padre Teófanes: Caminhos de Uma Vida* – Teomirtes de Barros Malta (2004).
- *O Gigante da Laje* – Isabel Loureiro de Albuquerque (2001).
- *Teófanes de Barros, Educador das Alagoas* – Ranilson França (1998).
- *O Ideário Educacional Católico do Século XX na Produção Bibliográfica do Padre Teófanes* – Patrícia Borsato Satírio (2009).

Almeida Lins na geração de 1914

"Daí a realidade da arte ser agressiva, escandalosa, sensacional, como é inegavelmente a reação latente dos próprios vencidos, a reação, mesmo inconsciente, das massas. Arte que não dispensa, no conto e no romance, a gritaria infernal dos panfletos, as retaliações pessoais da imprensa e as caricaturas burlescas das charges… Arte que revela a falência divina dos nossos heróis, que mostra o apodrecimento dos nossos caracteres tranquilos".

A frase de Almeida Lins, nascido em Marechal Deodoro em 13 de julho de 1895, trata do potencial do riso na arte, revelando seu poder de crítica.

Estudou no Liceu Alagoano e logo estaria atuando no jornalismo. De acordo com Romeu de Avellar, foi um dos nomes mais destacados da geração intelectual de 1914, "a mais expressiva e movimentada que teve Alagoas", reunindo nomes como Aljamar Mascarenhas, Delorizano Morais, Jayme de Altavila, Aurino Maciel, Almeida Lins e Clovis de Holanda.

OBRAS

- *O Drama do Homem*, 1961.
- *Dramas da Natureza*, 1963.

FONTE

Romeu de Avellar — *Coletânea de Poetas Alagoanos Romeu de Avellar*, 1959. A

DIA 14

O músico Raul Ramos

Raul Ramos está entre os pilarenses que se destacaram nas décadas de 1920 e 1930 do século passado. Nasceu em 14 de julho de 1983.

Por Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros (*)

"(...) Raul Ramos se destacaria como músico no mundo em que viviam, compondo valsas cujas partituras se acham quase todas perdidas. Por gentileza do sobrinho, me foram doadas Peito a Sangrar (valsa para

piano) e Soluço Infinito (valsa para piano, com verso do poeta Fernando Mendonça). O mesmo autor se anuncia no verso das partituras Valsa que Chora (duas edições esgotadas); Valsa dos Anjos (três edições) e, a sair, Tua Por Toda Vida (valsa), Katucha (pas de quatre) e Por Uma Noite ao Luar (noturno).

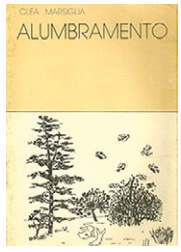
A publicação das partituras é feita pela Lithographia Trigueiros – grande atelier movido a vapor. A existência dessa firma mostra um público musicista em Alagoas de então, apesar de não estar indicada a tiragem de cada edição". A

(*) Trecho de Arthur Ramos e as dinâmicas sociais de seu tempo

A leveza de Cléa Marsiglia

Cléa Finícia Marsiglia nasceu em Maceió em 14 de julho de 1929. Atuou na advocacia, na Procuradoria do Instituto do Açúcar e do Álcool, no Rio de Janeiro, mas a poesia sempre foi sua paixão.

Leveza e fluidez marcam a produção da poeta, que ocupou a cadeira de Tavares Bastos na Academia Alagoana de Letras. Junto com Francisco Valois, editou a revista Acaieme, que ficou no primeiro número. Faleceu no Rio de Janeiro em 11 de maio de 2005. A



PUBLICAÇÕES

- *Sarabanda*. Maceió: Editora Caeté, 1951 (poema em prosa).
- *Cânticos da Terra*. São Paulo: 1956 (livro premiado no concurso feminino de poesia, de 1956, promovido pela A Gazeta de São Paulo).
- *Jarro de Porcelana*. Maceió: Sergasa, s.d (poesia).
- *Luminária*. Maceió: Dac/Senec, Sergasa, 1974 (poesia).
- *Quarteto do Tempo*. Maceió: 1968 (poesia).
- *Cristais*. Maceió: Sergasa, 1983.

O intimismo do Teatro de Arena

A peça *O Homem de Flor na Boca*, de Luigi Pirandello (1867–1936), foi a escolhida para a inauguração do Teatro de Arena; era 14 de julho de 1972. Em cena, o ator Sérgio Cardoso (1925–1973), além de Jardel Melo e da atriz alagoana Nana Magalhães. Na plateia, figuras importantes do meio cultural, como o embaixador Paschoal Carlos Magno.

Teatro de Arena Sérgio Cardoso

Um dos fatos marcantes que rondam o início das atividades do Arena foi a morte de Sérgio Cardoso, pouco tempo depois da inauguração do teatro, no dia 18 de agosto. Resultado: o teatrólogo Bráulio Leite, idealizador do projeto, sensibilizado com a comoção provocada pela partida inesperada do ator de renome nacional, sugeriu a alteração do nome do equipamento cultural para Teatro de Arena Sérgio Cardoso.

À época, Leite dirigia o Teatro Deodoro. Bráulio Leite Júnior enxergou no novo espaço a possibilidade de atender aos grupos locais. E assim foi feito, em plena ditadura militar, que prosseguiu até 1985. Grupos como a ATA (Associação Teatral das Alagoas) ocuparam o espaço, driblando as pressões da censura política.

Atualmente, é administrado pela Diteal (Diretoria de Teatros do Estado de Alagoas).

CAPACIDADE

180 espectadores.

PROJETOS ATUAIS

Quinta no Arena – o objetivo é a formação de plateia e a valorização da produção local.

Saiba mais sobre o Arena em www.diteal.al.gov.br.

Lima Rocha militar e político

Político, Joaquim José de Araújo Lima Rocha era proprietário de engenho Brejo, em Atalaia, e exerceu mandatos como deputado provincial (1840-41; 42-43; 44-45; 88-89) e intendente municipal (1891-1892; 1894-97). Em 1842, apresentou projeto para a aquisição, pela província, de novas espécies de cana, sentindo que a produção de cana caiana não estava prosperando, mas a ideia foi rejeitada. Faleceu no dia 27 de março de 1912.

RUA

Em Maceió, no Farol, há uma rua com seu nome, onde fica a vila militar do 59º Batalhão de Infantaria Motorizado.

CORRETO

Em março de 1895, na gestão do intendente Coronel Lima Rocha, presos trabalharam para melhorar o calçamento e nivelar o declive de uma ladeira que dava acesso ao Farol e o chefe de polícia requeriu ao governador que cada um deveria receber 200 réis por dia. A

Primeira Feira de Amostras revela estado empreendedor

A primeira Feira de Amostras de Alagoas aconteceu no dia 14 de julho de 1933, inspirada no exemplo bem-sucedido da Feira de Amostras da Cidade do Rio de Janeiro, em junho de 1928. Foi montada no antigo prédio da Escola de Aprendizes de Marinheiro, no Jaraguá, organizada por Jugurta Couto e Craveiro Costa. Municípios apresentaram suas produções em estandes.

PROGRESSO

O Diário de Notícias descreveu a feira assim: "Trata-se, com efeito, dum empreendimento que, por sua própria natureza, deverá interessar a produtores, industriais etc., sem esquecimento de nossas belas artes, dos nossos trabalhos escolares, tudo de modo a afirmar o nosso progresso, como feição de nossas várias atividades".

REPERCUSSÃO

O Diário de Pernambuco também repercutiu o acontecimento: "Merecem registro as velas e os sabões da Fábrica dos Srs. Tércio Wanderley & Cia", e foram destacadas obras dos pintores Rosalvo Ribeiro, Lourenço Peixoto, Míriam Lima, Luiz Silva, Zaluar Santana, N. Barros e A. Dacal.

Edna Constant, a criadora da Casa da Arte

Defensora da arte-educação, a professora e artista plástica Edna Constant faleceu no dia 14 de julho de 2018, aos 85 anos. Mulher à frente de seu tempo, surpreendeu Alagoas quando, na década de 1980, abriu a Casa da Arte, em Garça Torta, Maceió. Inaugurou uma nova fase de valorização às causas sociais e ambientais por meio de atividades artísticas, ecológicas e educacionais para as filhas e os filhos de pescadores e de rendeiras da localidade.

Acolheu também artistas com propostas contemporâneas que ajudaram a transformar o lugar em uma "Casa-fronteira", na definição de Álamo Pimentel, responsável por reunir no livro *Sai de mim* (2015), parte dos poemas de Edna Constant. No prefácio, o organizador define a escrita da poetisa: "Ao longo de todos textos podem ser redescobertas as múltiplas facetas dos contextos sociais que atravessam o corpo da autora e

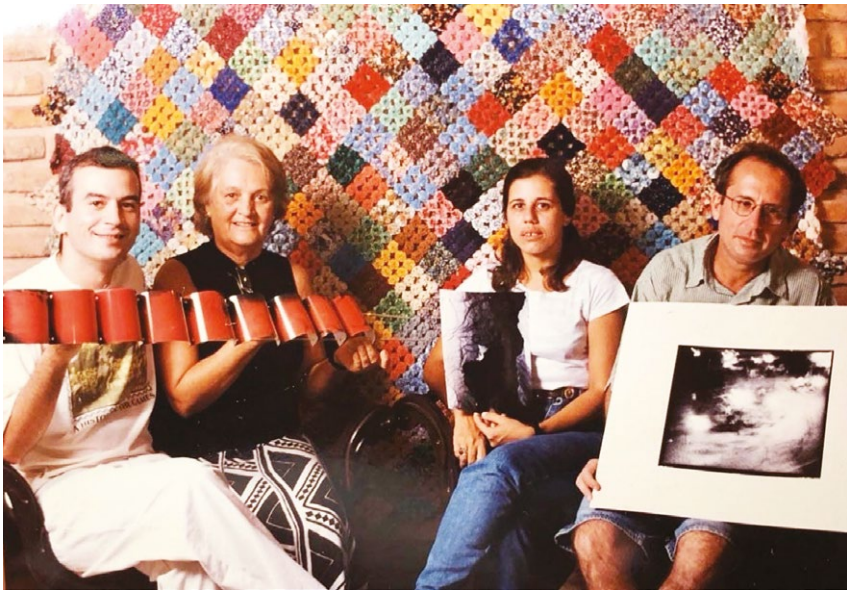
se revertem a partir do seu olhar como paisagens fora do lugar".

Alguns dos principais artistas de Alagoas, dentre eles Celso Brandão, Delson Uchoa, Francisco Oiticica, Agélio Novaes, Lula Nogueira, Siloé Amorim, dentre outros, ocuparam o espaço de exposições da Casa da Arte, no número 185 da Praça São Pedro. "A casa deixou de ser dela para ser das crianças e jovens do bairro, dos artistas e do público", escreveu a museóloga Cármen Lúcia Dantas na apresentação de Sai de Mim.

Batismo da Casa da arte
Edna Constant

Em nome da abelha
da borboleta
e da brisa
eu te abençoo

Edna Constant



Fernando Pontes, Edna Constant, Cleide Maia e Celso Brandão

DIA 15

Revista pedagógica, científica, literária e noticiosa

O Magistério. Maceió, 15 de julho de 1888

#MEMÓRIADAIMPRENSA

A nossa posição

Desde que cruzou os humbraes da publicidade, esta revista tem luctado comm elementos contrários a sua marcha, e se não fosse a dedicação de poucos certamente já tínhamos descambado para o nosso ocaso, não obstante o desejo que tínhamos, e temos, de trabalhar pela nobilitação da classe que representamos.

Estamos no nosso segundo ano da nossa publicidade, e bem caro nos tem custado essa permanência porque fallencem-nos os meios necessários a nossa manutenção, devido ao retrahimento de muitos colegas, máximo os do interior, que negão-se ao pagamento da assinatura desta Revista, desde a sua fundação, o que é sobre modo tão censurável quanto inacreditável!

Mas é real: de 130 professores primários que conta hoje a província podemos ter 50 que são pontuais no pagamento da sua assinatura!

A poesia libertária de Anilda Leão

Anilda Leão nasceu em 15 de julho de 1926, em Maceió. Poeta, atriz, cantora lírica e feminista, entrou para a história da cultura alagoana como a mais libertária intelectual dos meados do século 20.

De família tradicional, o pai, Joaquim Leão, prefeito de Maceió e deputado pela UDN (partido conservador), não conteve a rebeldia da menina, que, desde muito cedo, fugia aos padrões da época, escandalizando as quatro irmãs e preocupando a mãe, que lhe imputava castigos severos.

Por insistência do pai, diplomou-se em Ciências Contábeis na Escola de Comércio de Alagoas, em 1945, mas nunca exerceu

a profissão. Nascera para o palco e para as letras. Estudou canto coral e lírico, declamação, oratória e dicção no Conservatório de Música de Alagoas. Durante o curso de admissão, aproximou-se da professora Linda Mascarenhas, mais tarde sua amiga, com quem dividiu, em várias ocasiões, o palco do Teatro Deodoro. Faleceu em 6 de janeiro de 2012.

Anilda Leão: avançada para os costumes da época

DOIS POETAS AVANÇADOS

Na década de 1950, Anilda chocou a sociedade alagoana ao se unir ao também poeta Carlos Moliterno. Na época, ele era desquitado. O casamento oficial só aconteceu na década 1980, após a aprovação do divórcio no país. Tiveram dois filhos: Carlos Alberto e Luciana.

TODAS AS VIDAS DE ANILDA

Feminista, poeta, atriz, cantora lírica, contista, cronista.

O ARQUIPÉLAGO E A ILHA

Enciumada após a publicação, em 1969, do poema A Ilha, de Carlos Moliterno, claramente endereçado a outra musa inspiradora, Anilda Leão não se fez de rogada. A vingança poética veio fulminante no livro *Chuvas de Verão*, de 1974. O poema Arquipélago resume a eficiência amorosa da poeta. Superada a força da chuva de verão, a Ilha e o Arquipélago tornaram-se cúmplices, como tem que ser. Anilda foi a maior entusiasta da encenação de A Ilha pelos atores da ATA (Associação Teatral das Alagoas), em 1998.

ARQUIPÉLAGO (TRECHO)

Sinto o teu olhar distante/ Buscando a ilha recém-descoberta/ E o teu pensamento se agita/ Como as palmeiras

nativas/ Não é preciso palavras. Pressinto/ Descobriste tua ilha. Podes habitá-la/ Eu voltarei ao meu arquipélago/ Fiel e constante/ Que nem os vendavais nem minha fuga.

ALAGOANA EM MOSCOU

Uma das representantes do Brasil no Congresso Mundial de Mulheres, em Moscou (1963), Anilda embarcou cheia de expectativas. Meses após seu retorno, o Brasil sofre o golpe militar. Resultado: Anilda é suspeita de ser simpatizante do comunismo soviético. Prestou vários depoimentos, mas não chegou a ser presa.

ANILDA ESTAVA LÁ

Anilda Leão presidiu a Federação pelo Progresso Feminino após a morte de Linda Mascarenhas, em 1991.

Na década de 1980, foi membro-fundadora do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Mulher.

FILMES

Lampião e Maria Bonita e Órfãos da Terra (1970, seriado); *Bye bye Brasil* (1980) – de Cacá Diegues; *Memórias do Cárcere* (1984) – de Nelson Pereira dos Santos; *Deus é Brasileiro* (2002) – de Cacá Diegues; *Tana's Take* – de Almir Guilhermino.

PUBLICOU

Chão de Pedras (1961), poesia; *Chuvas de Verão* (1974), poesia; *Poemas Marcados* (1978), poesia; *Riacho Seco* (1980), contos; *Círculo Mágico (e Outros Nem Tanto)* (1993), poesia; *Olhos Convexos* (1989), crônicas; *Eu em Trânsito* (2003), memórias. A

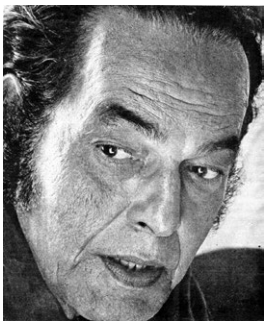
DIA 16

Carioca com alma alagoana Paulo Gracindo

Paulo Gracindo

Pelópidas Guimarães Brandão Gracindo, o Paulo Gracindo, nasceu no Rio de Janeiro em 16 de julho de 1911. Dizia ser alagoano, em referência ao fato de ter vindo para Maceió com a família ainda criança. O pai, ex-senador Demócrito Gracindo, era um político influente.

Em Alagoas, estudou Direito e se aproximou do teatro amador; o pai era contra. Em 1928, muda-se para o Rio de Janeiro, após a morte do senador, tem-se aí o início de uma carreira sólida, que inclui passagens pelas principais companhias de teatro (Procópio Ferreira, Elza Gomes e Dulcina de Moraes), programas de rádio e televisão. A teledramaturgia brasileira ganhava um galã com o pseudônimo de Paulo Gracindo. O ator ainda trabalhou como radioator, produtor, compositor e comediante.



Paulo Gracindo morre, aos 84 anos, em 4 de setembro de 1995, no Rio de Janeiro.

PERSONAGENS MARCANTES

- O prefeito Odorico Paraguaçu – O Bem-Amado (1973).
- Alberto Limonta – O Direito de Nascer (1964).
- Primo Rico – programa Balança Mas Não Cai (1953), escrito por Max Nunes.

NOVELAS

O Bem-Amado (1973); *Araponga* (1990); *Gabriela* (1975); *O Casarão* (1976); *Sinal de Alerta* (1978); *Pai Herói* (1979); *Roque Santeiro* (1985); *Vamp* (1991); *Mulheres de Areia* (1993).

NO CINEMA

Foram mais de 20 filmes, entre eles: *A Falecida* (1965), de Leon Hirszman; *Terra em Transe* (1967), de Glauber Rocha; *Cara a Cara* (1967), de Julio Bressane. A

DIA 17

Um poeta alagoano no Paraná

O engenheiro, jornalista e poeta Antônio Joaquim Alves de Farias nasceu no dia 17 de julho de 1867, em Maceió. Em 1919, foi chefe da contabilidade do Lloyd Brasileiro. Morou no Paraná, onde exerceu cargo de engenheiro-chefe do Distrito Telegráfico e colaborou em diversos jornais.

Foi sócio-fundador do Centro de Letras do Paraná e no campo literário usava os pseudônimos Gil Ó, Alves Branco e Aristóteles, atuando nos jornais Almanach do Paraná, Diário da Tarde, Revista do Centro de Letras do Paraná, A Tribuna, Correio do Paraná, entre outros. Morreu em Curitiba no dia 17 de abril de 1938.

OBRA POÉTICA

Rosas, O Oceano, Espectro Sentimental.

SACRIFÍCIO

Ando em torno de ti, a voltear como o inseto
Que em torno de uma luz volteia e se debate,
Os flancos me lacera um lubrico acicate,
O espírito me conta um pânico secreto.

Que anciã atroz me envenena! O' tortura! Inquieto
Sustento do terror o ríspido combate,
Anciã de haurir, num hausto, esse lábio escarlate,
Terror de te poluir, urna do meu afeto!

Que uma vez conspurcado, o teu corpo envileces,
Do intangível perdendo o privilégio, e logo
Do claro pedestal em que te adoro desces.

Meu beijo não polui a estátua que venero,
A insólita amargura em lágrimas afogo
E a serpe da lascívia estúpida encarcero!

FONTE

Um Século de Cultura: História do Centro de Letras do Paraná. A

DIA 18

GAZETA DE ALAGOAS

Nega a Argentina ataques a pacíficos brasileiros

OUTRO DESASTRE AEREO

Proibido um comício na fronteira

Nova visita do disco voador aos ceus do Re

Fuzilou com 4 tiros a esposa adúltera

Contra as protelações do aumento

Regressa Miss Universo

Governos excelentes

Nega a Argentina ataques a pacíficos brasileiros

Gazeta de Alagoas. Maceió, 18 de julho de 1952

#MEMÓRIADAIMPRENSA

*Outro desastre aéreo
*Proibido um comício na fronteira
*Nova visita do disco voador aos céus do Rio
*Fuzilou com 4 tiros a esposa adúltera
*Regressa Mis Universo A

DIA 19

A Tribuna

Orgão do Partido Republicano

A TRIBUNA

Pelos carteiros

Decreto n. 414

ESTADO DAS ALAGOAS

Pelos carteiros

A Tribuna . Maceió, 19 de julho de 1907

#MEMÓRIADAIMPRENSA

Órgão do Partido Republicano

Trazemos também como órgão da imprensa nacional o nosso apoio a esta causa digna e sobre todos os pontos de vista, louvável que é o argumento de vencimento dos carteiros, projeto já aprovado no senado da República.

Esses dignos Missionários do trabalho diário e incessante, merecem uma justa

compensação pelo amôr com que desempenham os cargos de sua profissão.

São esses que muitas vezes, na febre de nossas esperanças, no delírio dos nossos desejos, trazem a palavra amiga de conforto, que nos serena as agonias da alma e as torturas amargas dos nossos corações. A

DIA 20

Aldemar Paiva, um campeão de audiência

A missão de Aldemar Paiva não era das mais fáceis. Nascido em Maceió no dia 20 de julho de 1925, era militar do Exército e homem da comunicação, quando foi transferido para Recife e substituiu Chico Anysio, em 1951, como apresentador, produtor e diretor artístico na Rádio Clube de Pernambuco. Deu muito certo, viveu lá 63 dos seus 89 anos de vida. Ele também era poeta, compositor e foi um dos fundadores e diretor artístico da Rádio Difusora de Alagoas. Em Maceió, foi aluno do Arquidiocesano e do Liceu Alagoano. Morreu em Recife no dia 4 de novembro de 2014.

Aldemar Paiva

Apresentou por 18 anos o programa Pernambuco Você É Meu, de 1952 a 1977, continuando a apresentá-lo na Rádio Jornal, tocando frevo o ano inteiro. Em Pernambuco, os dois chegaram a fazer juntos um programa concebido e escrito por Aldemar, Dona Pinoia e Seus Brotinhos, que Chico reconheceu tê-lo inspirado a fazer a Escolinha do Professor Raimundo.

MÍDIA

Aldemar Paiva também foi locutor na Rádio Tamandaré, na Rádio Jornal do Commercio e na TV Rádio Clube. Foi

redator na Golden Publicidade, produtor na TV Tupi e ator dos programas Som Brasil, Praça da Alegria e Chico City, na Rede Globo.

GESTOR

Também presidiu a Empresa Metropolitana de Turismo e a Empresa Cearense de Turismo.

TEATRO

Fundou, com Linda Mascarenhas e Nelson Porto, o Teatro de Amadores de Maceió.

LETRAS

Membro da Academia de Artes e Letras de Pernambuco; sócio honorário da Academia Maceioense de Letras. Entre as principais obras estão: A *Chegada de Nelson Ferreira no Céu (Uma Fantasia de Cordel)*, 1982; *Saga do 44º. Espada d'Água e Outros Causos e Mais Causos*, 2005; *Monólogos e Outros poemas*; *O Encontro de Capiba com Nelson Ferreira e Gilberto Freyre, Descobridor do Brasil.*

Composições de sucesso

MÚSICA

Compôs mais de 70 músicas, entre elas, Saudade; Me Abufelei — frevo-canção; Pajuçara. Também são dele, em parceria com Nelson Ferreira, Frevo da Saudade; Brasil Campeão do Mundo; Sopa no Mel — frevo-canção; Se Me Viste Chorar.

LEIA

Pernambuco Você é Meu, de J. Alcides (Fatorama, 2005.)

Fonte: JC on-line

DIA 21

Agripino Alves Ether

Primeiro gabinete eletrodentário é aberto por Agripino Ether

Agripino Alves Ether nasceu em São Luís do Quitunde em 21 de julho de 1886 e teve uma carreira brilhante como catedrático. Graduado em Letras, Direito e Filosofia, cursou Odontologia na Faculdade de Medicina da Bahia (1909). Nessa época, retornou a Maceió, onde abriu o primeiro gabinete "eletrodentário" da cidade.

Jornalista, foi também um dos fundadores do Jornal O Semeador e dirigiu a revista Brasil Odontológico. Ao logo da carreira, escreveu não apenas obras técnicas, voltadas para a Medicina e a Odontologia, mas também livros de poesia. Foi tradutor de livros e professor catedrático da Faculdade Fluminense de Medicina. Faleceu no dia 23 de outubro de 1954, no Rio de Janeiro.

LETRAS

Foi membro-fundador da Academia Alagoana de Letras e ocupou a cadeira 28. A

OBRAS LITERÁRIAS

- *Inverno*, 1920; *Ninfeia, Mentira* (poesia); *Silêncio*, 1931; *Escute*, 1938.
- Saiba mais sobre Agripino Ether no *ABC das Alagoas*.

DIA 22

A cruzada de Dom Wanillo contra o comunismo

Autor do livro *Catecismo Católico Brasileiro,* Wanillo Galvão Barros ingressou na Congregação Marista de Maceió em 1944 e lecionou em colégios maristas de outros estados nordestinos. Integralista, nos anos 1960 fundou a Patrulha Nacional Cristã (PNC), formando muitos jovens até o final dos anos 1970.

Apresentou o programa Sentinelas da Pátria, na Rádio Educadora

Palmares, e escreveu artigos semanais na coluna Alerta Brasil!, no jornal Gazeta de Alagoas, a partir de novembro de 1962, com o objetivo de difundir entre os jovens o que considerava o perigo do comunismo.

Em 1963, criou o diretório regional do Partido de Representação Popular em Alagoas. De acordo com a historiadora Michelle de Macedo, no artigo *Em cruzada contra "a besta do apocalipse"* (2015), "Wanillo divulgou seus ideais religiosos e políticos, dentre eles o mito da ameaça comunista, contribuindo para o processo de desestabilização do governo de João Goulart".

Em 1969, Wanillo Galvão de Barros rompeu com a Igreja Católica Apostólica Romana e tornou-se sacerdote da Igreja Católica Apostólica Brasileira (Icab), tornando-se bispo em 2 maio de 1971. Foi o relator e defensor do processo de canonização do Padre Cícero Romão Batista no III Concílio Nacional da Icab, em Brasília, em julho de 1973. Morreu no dia 22 de julho de 1998. A

Calabar, o brasileiro, a quem traíste, herói?

Era 22 de julho de 1635 quando Domingos Fernandes Calabar foi enforcado, oficialmente, garroteado. Após a sua morte, o corpo esquartejado foi exposto em praça pública. O motivo, alegado em sentença sumária proferida por um tribunal militar português: traição.

Comerciante, filho de pai português e mãe indígena, teria traído a Coroa portuguesa e se aliado, em 1632, aos holandeses. Calabar foi acusado de fornecer rotas de fuga e outras informações sigilosas sobre as ações e intenções dos portugueses.

Conhecedor da geografia da região, era exímio no preparo de emboscadas. Sua participação como aliado (de abril de 1632 a julho de 1635) rendeu vitórias aos holandeses, o que provocou a ira lusitana.

As tropas de Matias de Albuquerque e Felipe Camarão não perdoaram o ato, da mesma forma que a historiografia tradicional, que insiste em chamá-lo de traidor.

DIFERENTES VERSÕES

Os primeiros historiadores portugueses... Narram o fato a partir de uma perspectiva unilateral: Calabar é enquadrado como traidor ao aliar-se aos holandeses, após anos de serviço à Coroa portuguesa.

A história revisitada... Mostra Domingos Calabar como um herói nacional que se insurgiu contra os abusos da Coroa portuguesa em nome da liberdade. Ele estaria descontente com a forma com que os lusitanos tratavam os brasileiros. E, por acreditar na intenção "libertária" dos holandeses, teria mudado de lado.

VOCÊ LEMBRA?

No Brasil Colônia, os brasileiros que se rebelavam contra a Coroa eram condenados à morte.

Portugal foi de propriedade espanhola entre 1580 e 1640, o que incluía suas colônias.

As leis eram duríssimas com os habitantes da colônia, cujo contato e o comércio eram permitidos apenas com os portugueses.

A TRAJETÓRIA

Estima-se que tenha nascido em 1600, em Porto Calvo.

Estudou com os jesuítas.

Foi proprietário de terras e engenhos.

Era major do Exército holandês.

QUER VER MAIS SOBRE CALABAR?

No teatro – *Calabar, o Elogio da Traição*. Escrita entre 1972 e 1973 por Chico Buarque de Holanda em parceria com Ruy Guerra, transformou-se num marco da luta contra a ditadura militar.

LEIA

- *Calabar* – Lêdo Ivo (1985)
- *O Major Calabar* – João Felício dos Santos (2009)

Associação Comercial
Retrato do apogeu econômico de Jaraguá

Houve uma época em que o páreo era grande entre os gigantes da economia alagoana. De um lado, a cana-de-açúcar, com os seus senhores patriarcais; do outro, o algodão inaugurando uma nova mentalidade na produção e na comercialização do produto.

E foi da classe têxtil que veio a iniciativa de criar uma entidade que a representasse. Assim nascia, em 22 de julho de 1866, a Sociedade Dramática Particular Maceioense. Sediado na sala do Teatro Maceioense, na antiga Rua do Rosário, depois da Rua da Praia, hoje João Pessoa, o grupo articulou a fundação da Associação Comercial de Maceió, que aconteceria no dia 7 de setembro do mesmo ano.

ALGODÃO NO AUGE

O dr. Espiridião Elói de Barros Pimentel presidia a Província das Alagoas na época em que houve uma grande procura por algodão local pelas indústrias têxteis inglesas impulsionadas pelos avanços industriais. A demanda aumentou o plantio e elevou o preço do produto no mercado. Resultado: os senhores do açúcar que investiam no algodão foram se filiando à associação, em uma época em que a produção de açúcar enfrentava dificuldades. A entidade, que já nascera grande, passou a congregar toda a atividade mercantil da capital.

PÁ DE OURO

Em 27 de maio de 1923, o governador Fernandes Lima usou uma pá de ouro feita sob encomenda pela associação para iniciar, junto com o presidente Francisco Polito, a construção do prédio atual, na Rua Sá e Albuquerque, em Jaraguá, Maceió. Pela grandiosidade, corria à boca miúda que o prédio não seria concluído. Segundo Moacir Medeiros de Sant'Ana, a

construção ficou a cargo da firma Francisco Lopes de Assis e Silva & Cia., do Rio de Janeiro. O prédio foi inaugurado em 16 de junho de 1928.

CURIOSIDADES DO SALÃO NOBRE

Pinturas de José Paulino de Albuquerque Lins (1893 – 1971). O artista usava tons cálidos e tendência acadêmica. Na temática, a paisagem alagoana, os coqueiros, as lagoas e cenas dos engenhos de açúcar.

Conserva parte do mobiliário original e a estátua de Mercúrio, deus do comércio, vinda da Praça Euclides Malta.

Abriga um museu com peças referentes ao comércio e ao início da industrialização do Estado.

ESCADARIA APOTEÓTICA

Durante o Jaraguá Folia, no pré-carnaval de Maceió, o bloco Filhinhos da Mamãe tem como ponto alto do desfile a subida da boneca gigante, a "Mamãe", e de seus "filhinhos", os brincantes, na escadaria da Associação Comercial. A

QUER SABER MAIS? LEIA

- *Uma Associação Centenária* – Moacir Medeiros de Sant'Ana (1966).
- *O Ciclo do Algodão e As Vilas Operárias* – Douglas Apratto Tenório e Golbery Luiz Lessa (2013).

José de Mello Moraes

DIA 23

Mello Moraes
Voto abolicionista e homeopatia

Não há consenso quanto ao dia do nascimento de Alexandre José de Mello Moraes. Enquanto Sacramento Blake e Craveiro Costa creditam 23 de junho, Moacir Medeiros de Sant'Ana indica 23 de julho de 1816 como a data correta. Polêmicas à parte, o fato é que o médico, deputado e intelectual entrou para a história, dentre outras coisas, como personagem fundamental no processo de abolição da escravatura no Brasil.

VIROU CHARGE HISTÓRICA

"Morto em 1882, o alagoano Mello Moraes foi revivido em desenho de Agostini, feito em 1888, numa charge-história em quadrinhos que discorria sobre os episódios mais marcantes da luta pelo fim da escravatura. A ilustração em questão se referia à dura batalha pela aprovação da Lei do Ventre Livre, em 1871, que só pôde ir a plenário da casa legislativa competente graças a um único voto decisivo, dado pelo deputado alagoano", trecho extraído de artigo do jornalista Enio Lins, publicado na edição nº 1 da Revista Urupema (dezembro/2016), ilustra a relevância do político.

LINHA DO TEMPO

1840 – Conclui a faculdade de Medicina, com a tese Considerações Fisiológicas Sobre o Homem e Suas Paixões e Afetos em Geral: do Interesse, Amor, Amizade em Particular.

1843 – Passa a ser redator do Correio Mercantil, jornal diário da Bahia.

1853 – Muda-se para o Rio de Janeiro.

1859 – Doa 2 mil títulos para a criação da Biblioteca Pública de Alagoas.

1864 – Lança Brasil Histórico.

1869 a 1872 – Eleito representante de Alagoas na Câmara Temporária.

1882 – Morre no Rio de Janeiro, em 6 de setembro, vítima de pneumonia.

REFERÊNCIA EM HOMEOPATIA

Inicialmente contrário ao uso da homeopatia, mudou de opinião após se aprofundar nos estudos. Abandonou a alopatia e passou a clinicar apenas com a homeopatia, sendo um dos seus defensores ferrenhos. Publicou vários trabalhos sobre o assunto, dentre eles o *Guia Prático de Medicina Homeopática: Fisiologia das Paixões e Afetos.*

Saiba mais em www.historiadealagoas.com.br A

DIA 24

O talentoso Taboca

José Francisco Taboca Filho praticamente só saiu de Pilar, onde nasceu, em 24 de julho de 1851, para cursar Farmácia na Faculdade de Medicina da Bahia, formando-se em 1873. De volta à cidade, exerceu a profissão, mas também foi adjunto de promotor público do Pilar e professor de Álgebra e Geometria do Colégio São João.

Poeta e ensaísta, pertenceu ao Grêmio Literário Pilarense e costumava assinar seus textos como Ali Babá ou apenas com as iniciais T.B., em jornais como Sete de Setembro, Jornal do Pilar, A Tesoura, Jornal do Comércio, Lidador, O Vigilante e Vinte de Julho. Talentoso, também foi desenhista, ator de teatro e cenógrafo. Morreu em Pilar no dia 9 de julho de 1910. A

Osmar Loureiro, figura singular: A Lira o Caduceu e a Cátedra

Crítica-Política e Letra. Recife, 24 de julho de 1965

#MEMÓRIADAIMPRENSA

Escrevem:

Aldino de Sequeira , Evaristo de Moraes, Nelson

Hungria, Milton Campos, Evaldo Inojosa, Luiz de Souza, Adauto de Pereira, Carlos Moliterno

– Poesias inéditas de Osman Loureiro

– Crítica a ligeira (notas, informações, política e letras) - João Calazans

– "Tano e Chico"- conto inédito de Teotônio Vilela

– Traços para uma biografia completa do prof. Osman Loureiro. A

DIA 25

RESISTÊNCIA E LEGADO

Dia Nacional de Tereza de Benguela e da mulher negra

Nesta data é comemorado o Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra. A Lei nº 12.987, sancionada pela presidenta Dilma Rousseff, entrou em vigor em 2 de junho de 2014, marcando o histórico de luta, violência e resistência vivenciado pelas mulheres negras ao longo da história do Brasil.

Tereza de Benguela

A lista de mulheres negras reverenciadas pela história inclui Dandara e Aqualtune, ícones que têm a ver com a história alagoana, tidas como exemplos de visibilidade, coragem e enfrentamento.

O que se sabe sobre Dandara e Aqualtune carece de fontes primárias seguras, não sendo possível comprovar a existência delas, muito menos checar filhos e outras informações, mas a literatura apresenta ambas como lideranças femininas do Quilombo dos Palmares, viventes na área da Serra da Barriga.

Em texto da Fundação Joaquim Nabuco, as duas são descritas nos seguintes termos:

DANDARA

Dandara seria uma "guerreira do período colonial do Brasil, (…) esposa de Zumbi, líder daquele que foi o maior quilombo das Américas: o Quilombo dos Palmares. Com ele, Dandara teve três filhos: Motumbo, Harmódio e Aristogíton. Valente, ela foi uma das lideranças femininas negras que lutou contra o sistema escravocrata do século 17 e auxiliou Zumbi quanto às estratégias e planos de ataque e defesa do quilombo. Não há registros do local onde nasceu, tampouco da sua ascendência africana. Relatos e lendas levam a crer que nasceu no Brasil e se estabeleceu no Quilombo dos Palmares enquanto criança. Suicidou-se depois de presa, em 6 de fevereiro de 1694, para não voltar à condição de escravizada".

AQUALTUNE

Aqualtune seria uma "princesa africana, filha do rei do Congo, foi transformada em escrava, levada para um navio negreiro e vendida ao Brasil, onde chegou pelo porto do Recife. Comprada como escrava reprodutora, foi levada para a região de Porto Calvo, Sul de Pernambuco (hoje Alagoas). Lá, organizou uma fuga, junto com outros escravos, para a região onde se firmou o Quilombo dos Palmares. Sua ascendência foi reconhecida, e então ela assumiu o governo do território".

Fonte: Fundação Joaquim Nabuco

SAIBA MAIS EM

- *Dicionário Mulheres do Brasil – De 1500 até a atualidade* (2000).
- palmares.gov.br.

DIA 26

20 milhões de Cruzeiros em selos falsos

Gazeta de Alagoas. Maceió, 26 de julho de 1952.

#MEMÓRIADAIMPRENSA

GAZETA DE ALAGOAS

Vitorioso Kefauver no 1.° escrutínio

Derrotada a Inglaterra em suas pretensões

OUTRAS PATENTES PRESAS NO EGITO

Máquinas de Escrever UNDERWOOD

Vinte milhões de cruzeiros em selos falsos

Programa econômico de emergência na Grã-Bretanha

Estímulo às pequenas companhias de eletricidade

Prossegue a greve em S. Paulo

*Vitorioso Kefauver no 1° escrutínio

*Derrotada a Inglaterra em suas pretensões

*Outras patentes presas no Egito

*Programa de emergência na Grã-Bretanha

*Estímulo às pequenas companhias de eletricidade.

DIA 27

A tarde em que o Gogó da Ema foi ao chão

Por volta das 14h20 de 27 de julho de 1955, um dos mais conhecidos cartões-postais de Maceió foi ao chão. O coqueiro Gogó da Ema, que durante décadas marcou a paisagem da curva da Ponta Verde, não ocupou apenas o concorrido título de símbolo turístico da capital. Cantado em prosa e verso, ilustrou embalagens de lata de biscoito (Brandini), foi reproduzido em suvenires e tornou-se inspiração para as telas do pintor José Paulino e de fotógrafos renomados, como Stuckert.

OPERAÇÃO DE SALVAMENTO

Relatos de jornais da época mostram que a queda do Coqueiro Torto, como era conhecido, em referência ao formato do pescoço de uma ema, provocou uma verdadeira comoção e uma corrida contra o tempo na tentativa de salvá-lo. A equipe de salvamento incluiu engenheiros, agrônomos (Jesus Gerardo Parentes Fortes e Olavo Machado), Polícia Militar, Corpo de Bombeiros e intelectuais da época, como o folclorista Théo Brandão e o jornalista Carivaldo Brandão.

"Naquele inverno, quando ele, não suportando mais a surda e desigual luta que há tempos vinha travando contra o todo-poderoso oceano, seu vizinho, por questão de terra, acabou

tombando" (JORNALISTA CARIVALDO BRANDÃO).

Até hoje especula-se sobre o que teria provocado a morte do coqueiro-símbolo. Uma das hipóteses é que a construção do cais de Jaraguá teria provocado alteração nas correntes marinhas.

LEIA MAIS SOBRE O GOGÓ DA EMA EM:

- *Arte Popular de Alagoas*, de Tânia de Maya Pedrosa.
- *Antologia do Gogó da Ema*, de Jucá Santos.
- *Gogó da Ema*, de Luís Veras Filho, para o Caderno Maceió.
- *Histórias-Costumes*, editado pela Funted.
- *História do Turismo de Alagoas*, de Luís Veras Filho.
- Paixão e Morte de Um Coqueiro, texto de Carivaldo Brandão, incluso no livro *Jornal de Alagoas, 80 anos*.

No governo Osman Loureiro

Osman de Farias Loureiro

Osman de Farias Loureiro nasceu em Maceió em 27 de julho de 1895. Foi interventor, governador, poeta, professor e advogado. Nomeado interventor federal (1934 a 1935), assumiu o governo pela Assembleia Constituinte entre 1935 e 1937.

Durante sua gestão, foi construído o Porto de Maceió. Mas, para muitos, o marco social de seu governo aconteceu em 1938, com a morte de Virgulino Ferreira da Silva, o cangaceiro Lampião, numa emboscada pela volante da polícia alagoana, na Gruta de Angico, em Sergipe. Osman Loureiro faleceu em 23 de julho de 1979, em Matriz de Camaragibe.

DIA 28

João Bezerra põe fim ao rei do cangaço

Virgulino Ferreira da Silva nasceu em data incerta, em Serra Talhada (PE). Morreu na Gruta de Angico (SE), em 28 de julho de 1938. O que Alagoas tem a ver com isso? Muito. A emboscada que matou Lampião e parte de seu bando era comandada por grupamentos alagoanos chefiados pelo tenente João Bezerra.

E mais: durante dias os cangaceiros mortos tiveram as cabeças expostas em várias cidades, a partir de Piranhas (AL).

Tenente João Bezerra da Silva

VOLANTES DA POLÍCIA ALAGOANA

- Tenente João Bezerra da Silva.
- Aspirante Francisco Ferreira de Melo.
- Sargento Aniceto Rodrigues.

Imagem histórica do bando de Lampião

RESUMO HISTÓRICO

11 cangaceiros foram mortos e decapitados.

As cabeças foram expostas na escadaria da Prefeitura de Piranhas. Depois, seguiram em exposição por várias cidades do interior.

Dr. José Lages Filho, médico-legista, emitiu o laudo de necropsia dos corpos em Maceió.

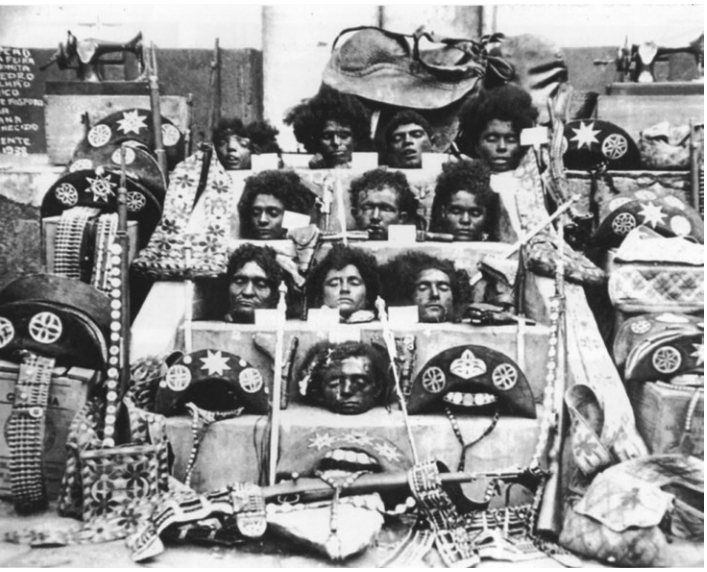
Até 1969, as cabeças ficaram expostas no Instituto Nina Rodrigues, em Salvador (BA), até serem definitivamente sepultadas.

João Bezerra e Francisco Ferreira de Melo foram considerados heróis. A

Lampião: outra ótica

(*) Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros

Piranhas: imagen das cabeças cortadas do bando de Lampião



"A morte dos cangaceiros, em 1938, na Grota de Angico, espetacularia macabramente o apregoado fim do cangaço. O espetáculo das cabeças arrancadas dos corpos mostra, sem nenhum glamour, a violência que durante 22 anos alimentou a 'indústria do cangaço', que fez mais ricos muitos membros das classes ricas do Nordeste, expulsou dos campos milhares de famílias vitimadas pela guerra sertaneja, que dividiu a população, refez o latifúndio com o abandono de antigos trabalhadores que não tiveram mais paz para tocar a vida, no espaço violento, descrito nos versos de João Martins de Athayde".

"Décadas depois do desfile de imagens hediondas, atraindo multidões para o banquete visual do sadismo ou da simples curio-

sidade, a partir do sucesso de Lima Barreto com o sofisticado e premiado Cangaceiro, retoma-se o tema do cangaço, sob nova perspectiva, não mais a partir do efeito destruidor sobre as vidas e a economia do Sertão, mas como o projeto de uma nova estética, explorando-se os recursos agora infinitos das câmeras e lentes".

"(...) Lampião e seu grupo caem vítimas da traição de seus comparsas fardados, sem direito a um único gesto de defesa".

"Morto pela traição e não pela valentia sertaneja, Lampião impede a 'derrota do mal' pela 'força do bem', destruindo a importância épica da saga vivida pela defesa ou desestruturação dos códigos tradicionais". A

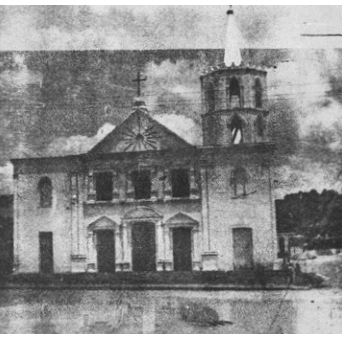
(*) Trechos extraídos da obra Pelos Sertões do Nordeste.

SAIBA MAIS EM

- *Pelos Sertões do Nordeste: Coletânea* — Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros (2015).
- *Guerreiros do Sol: Violência e Banditismo no Nordeste do Brasil* — Frederico Pernambucano de Mello (1985).
- *Estrelas de Couro: A Estética do Cangaço* — Frederico Pernambucano de Mello (2010).

ASSISTA

- *Cangaceiro* (1953) — Direção: Lima Barreto.
- *Os Últimos Cangaceiros* (2015) — Direção: Wolney Oliveira.
- *Lampião e Maria Bonita* — Minissérie (1982) — Criadores: Aguinaldo Silva, Doc Comparato.



Paróquia de São José

São José da Laje nasce em torno de uma Capela

Em 28 de julho de 1886, foi criado o município de São José da Laje. Nos primórdios do Brasil Colônia, a área tinha sido alvo de muitos conflitos entre holandeses e portugueses, como também vivenciou a passagem de tropas que seguiam para o ataque e destruição da República dos Palmares.

Devido a esses conflitos, apenas no começo do século 19 foi que a ocupação do território como núcleo populacional aconteceu de fato. Um casal devoto, José Vicente de Lima e Angélica de Mendonça, dono do sítio Laje do Canhoto desde 1810, teria construído, em 1829, nas terras de seu engenho, o Boa Esperança, na margem direita do rio Canhoto, uma capela sob a devoção de São José.

Em 1876, o povoado de Laje do Canhoto foi elevado à condição de vila pela Assembleia Provincial, com a toponímia de Vila de São José da Laje. A

DIA 29

Índio do cavaquinho

Por Claudevan Melo

Edinaldo Vieira Lima

Nascido em Mata Grande/AL no dia 29 de julho de 1925, Edinaldo Vieira Lima faleceu no Rio de Janeiro, em 13 de maio de 2003. Desde adolescente tinha inclinação ao instrumento, até que seu pai resolveu lhe dar um de presente.

Ainda em Alagoas, participou como músico de algumas bandas de grupos vocais. Em 1936, com apenas 15 anos,

já participava da Jazz Band, de Delmiro Gouveia, e em seguida fez parte do conjunto Ases do Demônio; em 1943 se apresenta na Rádio Difusora de Sergipe.

Em 1945, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde foi apresentado à fina nata carioca, e logo se pôs a acompanhar grandes nomes do cancioneiro popular, como Orlando Silva, Synval Silva, Geraldo Pereira, Ciro Monteiro, Ataulfo Alves e outros. Fez parte durante um ano do Regional de Cesar Moreno, até constituir seu próprio conjunto, que contava com os seguintes músicos: Artur Duarte (violão de 7 cordas), Lincoln (violão) e Luna (pandeiro).

Em 1952, fez parte do conjunto de Dante Santoro, ingressando na Rádio Nacional a convite deste e lá permanecendo até 1974.

Fez turnê com Jacob do Bandolim (tendo a cantora Marion como vocalista). Atuou nas seguintes emissoras de rádio: Mauá, Vera Cruz, Ministério da Educação. Deixou 40 composições, algumas delas gravadas por Evandro do Bandolim e Zezé Gonzaga. Gravou oito discos de 78 rpm pela Columbia a partir de 1952, dois LPs pela Polydor e um CD pelo selo Acari Records.

D. Waldyr Calheiros
O bispo engajado na luta contra a ditadura

Dom Waldyr Calheiros de Novaes nasceu em Murici em 29 de julho de 1923. Cursou Teologia no Seminário de São José (RJ). Em 1964, foi nomeado bispo titular de Mulia e auxiliar da Arquidiocese do Rio de Janeiro pelo papa Paulo VI. Dois anos depois, em 1966, passa a ocupar o bispado da Diocese de Barra do Piraí (Volta Redonda).

Os anos de sacerdócio foram marcados pelo engajamento às causas sociais. Em diferentes momentos, esteve ao lado do movimento sindical e dos posseiros, atuando como mediador durante as greves e as reivindicações dos menos favorecidos.

Outra frente de atuação do bispo Waldyr foi a defesa dos perseguidos políticos pela ditadura militar. Aos 75 anos renunciou ao bispado em decorrência da idade.

Dom Waldyr Calheiros de Novaes

ENGAJAMENTO MARCANTE

Focado na luta pela liberdade e contra a opressão econômica sobre o trabalho, o bispo teve papel importante no trágico episódio da invasão das tropas do Exército à Companhia Siderúrgica Nacional, em 9 de novembro de 1988. Três operários foram mortos e outros 40 ficaram feridos.

DATAS

1999 – recebe a Medalha Tiradentes pela Assembleia Legislativa do estado do Rio de Janeiro.

1999 – o papa João Paulo II aceitou a sua renúncia por limite de idade.

2007 – homenageado com a Medalha Mérito Legislativo pela Câmara dos Deputados (DF).

2013 – morre em 30 de novembro. A

DIA 30

Deputado Costa Rego

Jornal de Alagoas. Maceió, domingo, 30 de julho de 1916

#MEMÓRIADAIMPRENSA

JORNAL DE ALAGOAS

Director – LUIZ SILVEIRA

Anno IX — Maceió, Domingo, 30 de Julho de 1916 — N. 166

DEPUTADO COSTA REGO

Embarcando hoje para o Rio, sem ter tempo de testemunhar a sociedade Alagoana e aos amigos políticos o meu profundo reconhecimento por todas as gentilezas que me liberalizaram, sirvo-me do espaço desta columna, onde tantas amabilidades me fizeram captivo da simpatia do diretor do JORNAL DE ALAGOAS para enviar aos correligionários e aos conterrâneos a despedida que a muitos me foi impossível apresentar pessoalmente. A

DIA 31

Lúcia Guiomar — A poesia nasce caeté

"Quando nasci caeté
tinha um sonho de aves
um destino dourado
coroando a liberdade"

Lúcia Guiomar Porciúncula Teixeira nasceu em Maceió, em 31 de julho de 1943. Cursou Medicina pela Ufal (1966) e optou pela especialização em Psiquiatria. Sensível e inquieta, destacou-se no cenário cultural alagoano com uma produção poética contundente e libertária.

Desde o tempo da universidade, demonstrava intimidade com as palavras. Foi editora do jornal O Clínico, do Diretório Acadêmico da Faculdade de Medicina da Ufal, na década de 1960, período em que inicia as publicações poéticas no Suplemento Literário do jornal Gazeta de Alagoas. Desde então, a poesia permaneceu em Lúcia Guiomar até 19 de novembro de 2016, quando a poeta faleceu em Maceió.

Lucia Guiomar com o pai José Teixeira Neto

DEFINIÇÃO AMOROSA

"Lúcia Guiomar, alagoana caeté, poeta profícua da geração 60/70, vem construindo uma poesia extremamente sensível neste mundo mergulhado em horrores e opressões.

Lúcia participou intensamente da inquietude dessa geração, da qual fizeram parte José Geraldo Marques, Pinheiro Pucu, Ângela Uchoa, Beto Leão, Marcos de Farias Costa, entre vários outros, formando um movimento tão importante quanto a efervescência cultural ocorrida nas décadas de 30, 40 e 50, com a consagração de poetas como Jorge de Lima, Carlos Moliterno, Anilda Leão, Cléa Marsiglia e Solange Lages, só para citar alguns.

Desde o seu primeiro livro, *Poemeu*, Lúcia vem se mostrando uma poeta clara, objetiva, quase minimalista, que a diferencia da poesia que aqui é feita. Poesia de resistência e

conceitos que muito vem contribuindo para o desenvolvimento cultural do nosso Estado.

A poesia de Lúcia é universal, sem ser elitizada, e despreocupada com conceitos cerebrais, construindo livros diretos e incisivos que atingem de chofre nossos corações e mentes (...)".

Texto de Beto Leão (1949-2015) publicado na orelha do livro Negro e Azul Como a Alma, 2000.

"Desfarei mitos
dúvidas e deuses
ficarei nua limpa livre"

Lúcia Guiomar

PUBLICOU

- *Poemeu*. São Paulo: Editora Bentivegna, 1973.
- *Araterra*. Maceió, 1981.
- *Os bons Demônios* (Cordel). Maceió, 1981.
- *Expressão Guaruaba*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1992.
- *Humânitas*. Brasília: Mauí Edições Independentes, 1996.
- *Nado Sobre o Tempo*. Brasília: Mauí Edições Independentes, 1996.

A Revista - Cultura inimiga da vulgaridade

Em julho de 1980, é lançada em Maceió a edição nº 1 de A Revista – Arte e Cultura. Dirigida por Carlos Moliterno, Luis Renato de Paiva Lima e Manoel Correia Telles, a publicação era definida como uma revista a serviço da comunidade. "Assumimos o compromisso de sermos partícipes atuantes nos reclamos da inteligência alagoana, estimulando o gosto pela boa leitura, noticiando os fatos para a importância da conservação de sua memória," definia o editorial.

Com capa ilustrada com a obra Cabeça de Índio, do pintor alagoano Rosalvo Ribeiro, a pauta da primeira edição é abrangente. Não apenas no que se refere aos temas, mas aos autores dos artigos.

Editada e com planejamento visual assinado por Francisco Valois, A Revista foi publicada até dezembro de 1981, com edições impressas na Sergasa. "O que se pode afirmar é que a cultura, sendo inimiga da vulgaridade e o oposto da fealdade, só pode aconselhar e pedir beleza, sua expressão harmoniosa", defendiam os idealizadores.

Carlos Moliterno

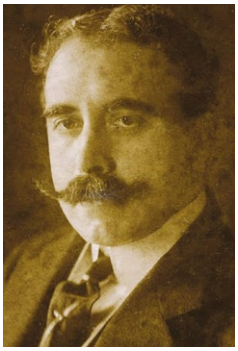
AUTORES E TEMAS

- Adalgisa, a Indômita – Carlos Drummond de Andrade
- O Enterro de Breno Accioly – Lêdo Ivo
- Nomes de Engenho e Usinas na Poesia Popular – Théo Brandão
- Vidas Secas: os 40 Anos de Uma Saga Nordestina – Sônia Coutinho
- A Ética do Prazer – de Marcuse a Chalita – Solange Lages

Agosto

Agosto

A



Júlio Dantas: eminente embaixador da intelectualidade portuguesa

DIA 1º

Pompa e circunstância para Júlio Dantas no Hotel Bella Vista

Com creme de aspargos, filé de peixe à Colbert, frango à cocotte, vinho Clos de Vougeot, compotas sortidas, xerez e outras iguarias, foi oferecido um banquete em Maceió ao "eminente embaixador da intelectualidade portuguesa" Júlio Dantas, no dia 1º de agosto de 1923. Era a primeira vez que o famoso autor da peça *A Ceia dos Cardeais*, na época ministro de Assuntos Exteriores de Portugal, vinha ao Brasil.

Hotel Bella vista na década de 30

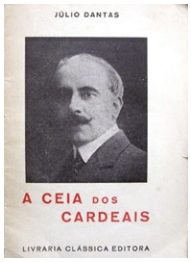
QUEM ERA ELE?

O escritor, dramaturgo e médico nascido em Lagos, no dia 19 de maio de 1876, formou-se em Medicina e serviu ao Exército.

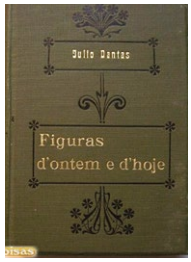
Cronista, em 1913, tornou-se sócio da Academia de Ciências de Lisboa.

Foi deputado, ministro da Instrução Pública e ministro de Assuntos Exteriores (1922-1923).

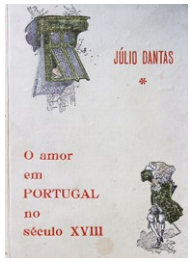
Morreu em Lisboa, em 25 de maio de 1962.



Escrito em versos, já foi traduzido em mais de 50 idiomas diferentes



Edição lançada pela Porto: Livraria Chardron, de Lélo & Irmão



Edição lançada pela Porto: Livraria Chardron, de Lélo & Irmão

Edição lançada pela Sociedade Editora

VOCÊ SABIA?

A visita a Maceió contou com representantes da elite política e cultural da época e repercutiu em periódicos como O Jornal (RJ).

O banquete foi oferecido pelo comendador (e presidente da companhia de seguros Alliança da Bahia) Francisco José Rodrigues Pedreira, que foi representado pelo coronel e comerciante penedense Arsênio Fortes.

Ficou a cargo de Guedes de Miranda, da Academia Alagoana de Letras, fazer a saudação ao intelectual português.

Bráulio Leite Júnior, no seu livro *Outras Histórias de Maceió*, revela que Júlio Dantas deixou no Bella Vista o seguinte comentário: "Tenho a impressão de que estou numa terra de príncipes, pois este hotel é um dos mais bonitos". A

BANQUETE

JULIO DANTAS

CARDAPIO

Menu com autógrafo de Dantas agradecendo pelo banquete

PRINCIPAIS OBRAS

- Poesia: *Nada* (1896)
- Prosa: *Figuras de Ontem e Hoje* (1914), *O Amor em Portugal no Século XVIII* (1915), *Arte de Amar* (1922) e *Páginas de Memórias* (1968).
- Teatro: *O Que Morreu de Amor* (1899), *A Ceia dos Cardeais* (1902) e *O Primeiro Beijo* (1911).

QUER SABER MAIS?

A peça *Crucificados* pode ser lida na íntegra em:

https://archive.org/stream/crucificados00dant#page/28/mode/2up

Guedes de Miranda

Antonio Guedes de Miranda — Um orador de primeira grandeza

Nove meses antes do seu falecimento, no dia 1º de agosto de 1961, Antonio Guedes de Miranda escreveu um poema em que anunciava: "Quando

Foi membro fundador e primeiro ocupante da cadeira 19 da Academia Alagoana de Letras

eu morrer amigos e parentes/ Me enterrem em Porto Calvo./ Foi lá que eu nasci, vivi minha infância/ E adolesci feliz e livre como um pássaro solto". E assim foi feito.

Nascido em 1º de maio de 1886, foi advogado, deputado estadual, interventor federal e um dos fundadores da Academia Alagoana de Letras.

Sua oratória era admirável

MAGISTÉRIO E ORAÇÕES

Durante a adolescência em Porto Calvo, onde fez os primeiros estudos, já chamava a atenção por suas orações em casamentos e batizados.

Guedes de Miranda também foi professor; ensinou na Escola Normal e no Liceu Alagoano. Foi um dos fundadores da Faculdade de Direito de Alagoas.

VOCÊ SABIA?

Guedes de Miranda iniciou sua carreira política em 1909. Foi deputado estadual em quatro legislaturas.

Em 1910, formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de Recife.

Foi membro-fundador da Academia Alagoana de Letras e sócio do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas (1914).

Em 1950, foi vice-governador de Alagoas.

Quando dirigiu o jornal Diário do Povo, assinou crônicas com o pseudônimo João Prata.

HOMEM HONESTO

"Jamais defendeu uma causa indigna; jamais esteve em conluio com os déspotas, pois o seu temperamento era o de um democrata que sempre ficava ao lado dos mais fracos e oprimidos, em consonância com as suas convicções". A

Jayme de Altavila

PRINCIPAIS OBRAS

- *O Elogio do Gênio e Outros Discursos* (1946)
- *Organismo da Paz, Eu e o Tempo* (1967)

- *Holandeses em Porto Calvo* (1961)
- *Antes que Desça a Noite* (1962)

DIA 2

Histórias do Correio da Tarde

Conduzido por Manoel da Costa Bivar, o jornal Correio da Tarde foi lançado no dia 2 de agosto de 1912, e sua sede ficava na Rua Boa Vista. Fazia oposição ao governo de Clodoaldo da Fonseca. Às vezes, tratava-se apenas de uma piada.

Jornal era sediado na Rua Boa Vista

Ausência do sururu foi destaque no correio da tarde

O SUMIÇO DO SURURU

Félix Lima Júnior lembra, no livro *Maceió de Outrora,* que, por questões climáticas ou ambientais, o sururu sumiu das mesas dos alagoanos em 1914.

"Governava o Estado o coronel Clodoaldo da Fonseca. Seus adversários políticos e o Correio da Tarde, de Costa Bivar, culpavam o bravo oficial de artilharia pelo que ocorria e contavam que, uma vez por outra, um sururu punha a cabeça fora da lagoa e indagava a um canoeiro que passa tranquilamente:

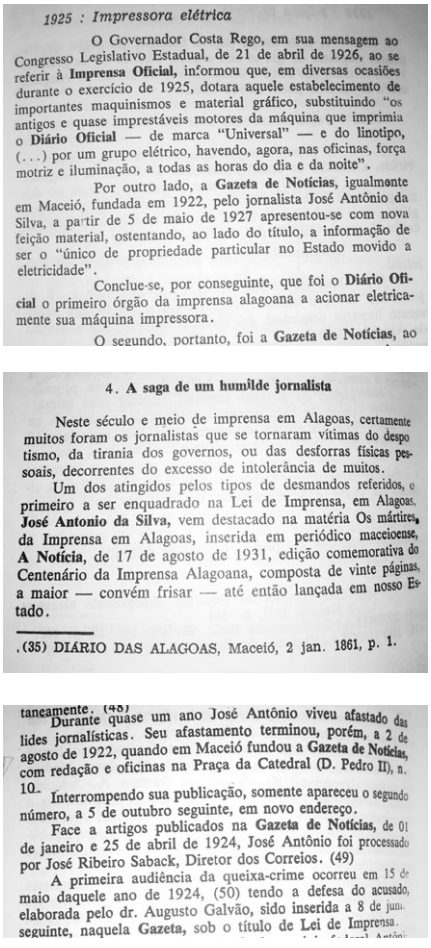
— O coronel Clodoaldo ainda é o governador do Estado?

Ante a resposta afirmativa, mergulhava, depois de ter afirmado solenemente:

— Pois, enquanto ele estiver à frente do governo, eu não saio do fundo da lagoa".

PURGANTE VIOLENTO

O Correio da Tarde deixou de ser publicado no governo de Costa Rego (1924-1928), que também era jornalista, mas cortou as verbas oficiais. Achou pouco. O político e poeta A. S. de Mendonça Júnior revelou que Costa Bivar, por denunciar as arbitrariedades do governo de Pedro da Costa Rego, "teve de ingerir, sem receita médica e sem precisão, um violento purgante de óleo de carrapato". A



1925 : Impressora elétrica

O Governador Costa Rego, em sua mensagem ao Congresso Legislativo Estadual, de 21 de abril de 1926, ao se referir à **Imprensa Oficial,** informou que, em diversas ocasiões durante o exercício de 1925, dotara aquele estabelecimento de importantes maquinismos e material gráfico, substituindo "os antigos e quase imprestáveis motores da máquina que imprimia o **Diário Oficial** — de marca "Universal" — e do linotipo, (. . .) por um grupo elétrico, havendo, agora, nas oficinas, força motriz e iluminação, a todas as horas do dia e da noite".

Por outro lado, a **Gazeta de Notícias,** igualmente em Maceió, fundada em 1922, pelo jornalista José Antônio da Silva, a partir de 5 de maio de 1927 apresentou-se com nova feição material, ostentando, ao lado do título, a informação de ser o "único de propriedade particular no Estado movido a eletricidade".

Conclue-se, por conseguinte, que foi o **Diário Oficial** o primeiro órgão da imprensa alagoana a acionar eletricamente sua máquina impressora.

O segundo, portanto, foi a **Gazeta de Notícias,** ao

4. A saga de um humilde jornalista

Neste século e meio de imprensa em Alagoas, certamente muitos foram os jornalistas que se tornaram vítimas do despotismo, da tirania dos governos, ou das desforras físicas pessoais, decorrentes do excesso de intolerância de muitos.

Um dos atingidos pelos tipos de desmandos referidos, o primeiro a ser enquadrado na Lei de Imprensa, em Alagoas, **José Antonio da Silva,** vem destacado na matéria **Os mártires da Imprensa** em Alagoas, inserida em periódico maceioense, **A Notícia,** de 17 de agosto de 1931, edição comemorativa do Centenário da Imprensa Alagoana, composta de vinte páginas, a maior — convém frisar — até então lançada em nosso Estado.

(35) DIÁRIO DAS ALAGOAS, Maceió, 2 jan. 1861, p. 1.

taneamente. (45)

Durante quase um ano José Antônio viveu afastado das lides jornalísticas. Seu afastamento terminou, porém, a 2 de agosto de 1922, quando em Maceió fundou a **Gazeta de Notícias,** com redação e oficinas na Praça da Catedral (D. Pedro II), n. 10.

Interrompendo sua publicação, somente apareceu o segundo número, a 5 de outubro seguinte, em novo endereço.

Face a artigos publicados na **Gazeta de Notícias,** de 01 de janeiro e 25 de abril de 1924, José Antônio foi processado por José Ribeiro Saback, Diretor dos Correios. (49)

A primeira audiência da queixa-crime ocorreu em 15 de maio daquele ano de 1924, (50) tendo a defesa do acusado, elaborada pelo dr. Augusto Galvão, sido inserida a 8 de junho seguinte, naquela **Gazeta,** sob o título de **Lei de Imprensa.**

Trechos do livro História da Imprensa em Alagoas de Moacir Medeiros de Sant'Ana

Jornalista alagoano condenado pela lei de imprensa

O jornal Gazeta de Notícias, dirigido por José Antônio da Silva, circulou de 2 de agosto de 1922 a outubro de 1930. Ele foi o primeiro jornalista alagoano condenado na hoje extinta Lei de Imprensa, instituída em 31 de outubro de 1923. Preso e com bens penhorados para pagar a multa, o jornal deixou de circular entre 28 de outubro e 7 de dezembro de 1924. O Gazeta de Notícias voltaria a circular e orgulhava-se, em 1927, de ser "o único de propriedade particular" em Alagoas.

O INJUSTIÇADO

"Quão ingrata é a vida dos jornalistas provincianos, pela escassez de meios econômicos para se manterem... Dificuldades tão sérias que os deixam na triste e embaraçosa situação de não poderem nem sequer satisfazer os compromissos perante a classe dos tipógrafos, vivendo a empresa da abnegação dos seus auxilires, muitas vezes pessoas dedicadas e identificadas à profissão e à sorte do jornal" (José Antônio da Silva declarou na época).

SE LIGUE

– Apesar de ter o mesmo nome, o jornal não deve ser confundido com o Gazeta de Notícias, que circulou em Maceió a partir de maio de 1879, administrado por Pedro Nolasco Maciel e José Higino de Carvalho, servindo à Sociedade Libertadora Alagoana.

– Nem tem relação com o jornal carioca de mesmo nome, fundado em 2 de agosto de 1875 por José Ferreira de Sousa Araújo.

IRONIA DO DESTINO

Costa Rego chegou a morar com um tio no Rio de Janeiro, chamado Antônio José de Oliveira e Silva, que era redator do Gazeta de Notícias (de lá!). A

Presença marcante de França Morel

Vendedor de flores, frutas e caldo de cana, de acordo com Félix Lima Júnior, no livro *Maceió de Outrora*, Antonio França Morel morava na entrada do Poço, em uma grande chácara. A rua que leva seu nome, no mesmo bairro, foi uma homenagem ao comerciante. Seu nome de batismo, na verdade, era Antônio Christiano Morel, mas publicou no jornal Gutenberg, no 2 de agosto de 1899, que, a partir dali, se chamaria Antônio França Morel.

Era proprietário de uma destilaria, a Usina Santa Amélia, na Rua Barão de Atalaia. Tornou-se um dos personagens populares mais conhecidos da cidade e que sempre participava das chamadas festas de igreja, como o tradicional Natal no Bebedouro, quando vendia caldo de cana e gengibirra.

Essa bebida, a propósito, era feita com farinha de milho, gengibre, casca de limão e água. Era conhecida como "cerveja de cordão" e, quando aberta, a rolha fazia o mesmo som de um espumante. Faleceu no dia 15 de abril de 1896. A

DIA 3

Orfanato São Domingos - A educação como amparo a crianças e jovens vulneráveis

O Orfanato São Domingos foi fundado no dia 3 de agosto de 1919, na casa do professor Domingos Bento da Moeda e Silva, dono do Colégio São Domingos, fundado em 8 de agosto de 1863.

A ideia era criar um orfanato para crianças pobres com direito à educação. Entre os que partilharam a ideia estavam o governador José Fernandes de Barros Lima, o coronel Domingos de Araújo Melo e o comerciante João Lício de Almeida Marques.

Acervo IPHAN Digital

Orfanato São Domingos em 1969

O ESTATUTO HUMANITÁRIO

O Orfanato São Domingos (1920) registrava que a ação humanitária "será mantida e desenvolvida com o patrimônio que lhe vier da filantropia e espírito caridoso de seus associados e de outros, para os quais não é indiferente a precária situação dos legítimos necessitados. Fins: abrigar crianças órfãs desvalidas, do sexo masculino, cercá-las do melhor conforto e ministrar-lhes uma educação física, intelectual e moral, capaz de torná-las úteis a si, à sociedade e à pátria".

UM LAR

Em 1995, a instituição passou a se chamar Lar São Domingos e extinguiu o sistema de internato. Baseou-se no princípio de que a pobreza não era razão de as crianças serem afastadas de suas famílias.

Atualmente, a sociedade civil atende cerca de 500 jovens, com idade de 6 a 17 anos, que recebem reforço escolar e duas refeições básicas. Parcerias com outras instituições também têm permitido a realização de cursos de capacitação. A

A missão de Hormino Lyra

Hormino Lyra: grande nome da poesia

Por alguma razão, a vocação de Hormino Lyra para o sacerdócio não se cumpriu. Mas não deixou de ser uma vida de muito empenho e dedicação, a do poeta, romancista e ensaísta, nascido em Pão de Açúcar, no dia 3 de agosto de 1877. Com os primeiros estudos feitos em Penedo, foi aprovado em concurso para os Correios, atuando como telegrafista, embora também tenha sido aprovado em concurso para a Fazenda.

A vocação literária se expressou em colaborações em jornais e revistas, como O Malho e Revista da Semana. Morreu no Rio de Janeiro em 13 de setembro de 1970.

CURIOSIDADE

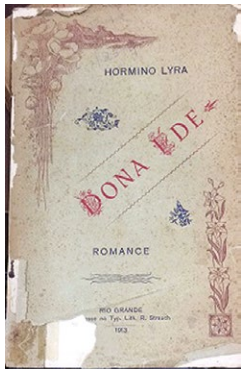
Hormino dizia que a trova "Até nas flores se nota / a diferença da sorte: umas, enfeitam a vida; outras, enfeitam a morte!" era de sua autoria, mas o trovador A.A. de Assis atribui a autoria ao poeta Jerônimo Guimarães.

ÁRVORE SIMBÓLICA

Hormino Lyra também apresentou um trabalho no Terceiro Congresso de História Nacional do IHGB, em 1938, Arabutan, A Árvore Simbólica, em que enfatiza a importância do pau-brasil na memória dos brasileiros. A

OBRAS

- *Dona Ede* (romance),1913.
- *O 14* (contos), 1913.
- *O Barão do Triunfo*, 1941.
- *Crisol* (poesia), 1960.
- *Troveiro*, 1960 (poesia).



Seu primeiro romance publicado em 1913

DIA 4

A vocação incontornável do professor Domingos Bento da Moeda e Silva

Responsável pela criação do Orfanato São Domingos (veja o verbete do dia 3), Domingos Bento da Moeda e Silva fez do magistério o seu caminho para a história. Era filho de Antônio Ferreira Chaves e Maria Rosa Orminda e nasceu em Maceió no dia 4 de agosto de 1839. Com apenas 24 anos, inaugurou o Colégio São Domingos.

No Liceu Alagoano, foi professor de Latim, de Inglês e professor vitalício de Português. Na política, exerceu mandato como vereador de 1876 a 1879, e foi provedor da Santa Casa de Misericórdia e do Asilo de Mendicidade. Foi membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas. A

DIA 5

ANOTE

O Penedense, primeiro jornal da cidade

O segundo jornal alagoano e o primeiro de Penedo, o semanário O Penedense, surgiu em 5 de agosto de 1869.

O redator-proprietário era Júlio Cezar Leal, que o rebatizou como Jornal do Penedo no ano seguinte, quando seria administrado por Teotônio Ribeiro da Silva.

Como missão, declarava tratar-se de um "órgão dos interesses sociais, comércio e lavoura do Baixo São Francisco e do Partido Conservador no Sul das Alagoas". A

Deodoro da Fonseca

Herói alagoano: Deodoro da Fonseca, o primeiro presidente do Brasil

Filho do militar pernambucano Manuel

Mendes da Fonseca Galvão e da alagoana Rosa Maria Paulina da Fonseca, Deodoro nasceu na cidade de Alagoas (atual Marechal Deodoro) em 5 de agosto de 1827.

Em 1942, a família foi morar no Rio de Janeiro, e ele ingressou, aos 16 anos, na Escola Militar.

Manuel Deodoro, o alagoano que se tornou o primeiro presidente da República do Brasil, dedicou sua vida à defesa dos interesses do país, mas não era propriamente um republicano.

Felipe Santos Almeida

Casa onde nasceu o proclamador da República e primeiro presidente do Brasil

AS PRIMEIRAS MISSÕES

Em sua primeira missão, em 1844, integrou as tropas que derrotaram os rebeldes da Revolução Praieira, na província de Pernambuco.

Mas foi na Guerra do Paraguai (1864-1870), quando atuou em várias batalhas, que construiu sua aura de herói. É importante lembrar: no maior conflito internacional que o Brasil se envolveu, entre os milhares de mortos, havia três de seus irmãos.

PRENÚNCIO DA ABOLIÇÃO

Era um tempo em que a agenda abolicionista se fortalecia, e os poderosos proprietários das fazendas de café paulistas, diante da iminente abolição da escravidão, deixavam de apoiar o regime monárquico. Os republicanos, excluídos do poder, faziam campanha abertamente.

O próprio Deodoro foi transferido como comandante de armas para a província de Mato Grosso, entre 1888 e 1889, provavelmente por ter se candidatado a senador pela Federação Abolicionista, em 1887.

REPUBLICANOS NO RIO

No Rio, o marechal encontrou os republicanos decididos a depor d. Pedro II, o que o militar não concordava a princípio, pois tinha boas relações com o imperador, mas também os republicanos estavam apoiando as pautas dos militares, que

reivindicavam direitos políticos iguais aos civis.

Como presidente do Clube Militar, Deodoro participou de reuniões que tratavam das condições para a implantação da República, com o major Benjamin Constant e o jornalista e presidente do Partido Republicano Brasileiro, Quintino Bocaiúva, entre outras lideranças.

PROCLAMAÇÃO E EXÍLIO

Com boatos estrategicamente disseminados no dia 14 de novembro pelo major Sólon Ribeiro de que Deodoro e Benjamin Constant seriam presos, o que serviu para mobilizar tropas do Exército, Deodoro conduziu os militares, no dia 15 de novembro de 1889, ao Ministério da Guerra do gabinete presidido pelo Visconde de Ouro Preto.

Na Câmara Municipal do Rio, José do Patrocínio anunciou oficialmente a proclamação da República. D. Pedro II, que estava em Petrópolis, foi avisado do que ocorreu e partiu com a família real para o exílio, no dia 17.

GOVERNO PROVISÓRIO

Deodoro assumiu a chefia do Governo Provisório da República de 15 de novembro de 1889 a 25 de fevereiro de 1891.

Com a promulgação da primeira Constituição da República, no dia 24 de fevereiro de 1891, foi eleito presidente pelo voto indireto, dando início ao governo constitucional no dia 26. Floriano Peixoto, mesmo pertencendo a outra chapa, foi eleito vice-presidente.

ROLOU A MAIOR CRISE

As crises não tardaram a expor a fragilidade da mudança do processo político. A desastrosa condução da política financeira do governo provisório, sob a responsabilidade de Rui Barbosa, que favorecia a especulação e a inflação, bem como a oposição de parlamentares às medidas do governo, levaram Deodoro a dissolver o Congresso no dia 3 de novembro de 1891.

O expediente autoritário foi repudiado por jornalistas, políticos, trabalhadores e culminou com a adesão de parte da Marinha e do Exército, no dia 23 de novembro. Nesse dia, Deodoro renunciou ao cargo, e Floriano Peixoto assumiu a Presidência, reabrindo o Congresso Nacional.

VOCÊ SABIA?

O primeiro presidente do período republicano do Brasil, que já vinha com problemas de saúde desde a época da proclamação, morreu no dia 23 de agosto de 1892 no Rio de Janeiro. Pediu, apenas, para não ser enterrado com farda nem medalhas.

Retrato do General Deodoro da Fonseca (1892) óleo sobre tela de Henrique Bernardelli.

IMORTALIZADO NA PINTURA

Marechal Deodoro posou para o pintor Henrique Bernardelli no famoso quadro A Proclamação da República. É considerada a obra oficial do marco histórico.

FALA, MARECHAL!

"República no Brasil é coisa impossível porque será uma verdadeira desgraça. Os brasileiros estão e estarão muito mal educados para republicanos. O único sustentáculo do nosso Brasil é a monarquia. Se mal com ela, pior sem ela".

Marechal Deodoro em trecho de carta no livro *1889*, de Laurentino Gomes

QUER SABER MAIS?

Deodoro. A espada Contra o Império, de Raimundo Magalhães. Vol 1. *O aprendiz de feiticeiro – Da revolta praieira ao Gabinete Ouro Preto* (1957), da Coleção Brasiliana.

A Formação das Almas, 1990, de José Murilo de Carvalho (Companhia das Letras).

1889, de Laurentino Gomes (Ed. Globo).

TOUR REPUBLICANO

Acesse o Museu da República

http://museudarepublica.museus.gov.br

TEM MUSEU EM MARECHAL

A casa em que Deodoro nasceu, na cidade de Marechal Deodoro, abriga um museu em sua homenagem. Fica na rua que leva o nome do alagoano, no nº 92. A

O cacique Otávio Queiroz Nidé e a sabedoria dos ancestrais

O cacique Otávio Queiroz Nidé, do povo Kariri-Xocó de Porto Real do Colégio, faleceu no dia 5 de agosto de 1986. Após a morte do cacique kariri e com a chegada do primeiro agente do Serviço de Proteção ao Índio, instalado em Porto Real do Colégio em 1944, Jonas foi escolhido como líder da comunidade de Porto Real do Colégio. Ele era filho Manoel Queiroz dos Santos e de Bilina, e irmão do pajé Francisco Suirá, por parte de pai.

Cacique Otávio Queiroz Nidé: ação pela cultura indígena

COMUNIDADE É UM CORPO SÓ

O escritor Nhenety Kariri-Xocó conta que, "numa aldeia, o cacique deve visitar todas as casas, ouvir problemas ao longo do tempo, dar atenção às crianças, aconselhar os mais inexperientes, conscientizar que o povo indígena só sobrevive coletivamente em união das pessoas". Para ele, o empenho do cacique Otávio em preservar a cultura indígena sempre foi uma inspiração para os demais habitantes da região.

Nhenety relembra que o cacique Otávio Nidé uma vez

lhe ensinou que todos os habitantes daquela comunidade eram um corpo só, "como se fossem um índio gigante".

VERA CALHEIROS ESCREVEU

A organização dos Kariri-Xocó é descrita assim pela antropóloga Vera Lúcia Calheiros no livro *A semente da terra*, fruto do seu doutoramento:

"Cacique: 'para as lutas' – atua na comunidade e na aldeia (espaço político). Pajé: sacerdote, conselheiro e médico. Trata dos interesses referentes à taba (espaço secreto e sagrado). Conhece as tradições.

Liderança: baseia-se na comunidade e deseja desenvolver uma política mais articulada com outros grupos indígenas e voltada para a sociedade nacional (visa ao desenvolvimento da indianidade).

Taba — espaço que corresponde à área do Ouricuri, onde se superam as diferenças da aldeia, da comunidade, das autoridades, do Conselho e da liderança".

VOCÊ SABIA?

A denominação Kariri-Xocó designa a junção dos povos Kariri, de Alagoas, e os Xocó, de Sergipe, que foram expulsos da Ilha de São Pedro na época do Império.

SAIBA MAIS

Fulkaxó, Ser e Viver Kariri-Xocó, de Nhenety Kariri-Xocó (Sesc).
A Semente da Terra, de Vera Lúcia Calheiros Mata (Cesmac-Edufal, 2014).

ASSISTA

Louceiras, documentário dirigido por Tatiana Toffoli, mostra o cotidiano das mulheres ceramistas da aldeia Kariri-Xocó em Porto Real do Colégio, além dos costumes e ritos da etnia.

https://www.youtube.com/watch?v=8qxodPKaSQk

ACESSE

http://www.karirixoco.com.br

DIA 6

A mocidade de Manguaba

A CIDADE
Diretor-Lucas Viveiros
ANO XXIV — ALAGOAS—Manguaba, 6 de Agosto de 1944—BRASIL — Numero 1
Um aparelho da aviação naval dos Estados Unidos, em serviço de patrulha, lança bombas de profundidade contra um submarino nazista, cuja presença acaba de ser descoberta. (Foto da Inter-American.)
Rabiscos
(Macedo Filho.)
A mocidade de Manguaba, ressente-se, atualmente, pela falta de um ensino noturno secundário.
Há anos Dr. Otavio Gomes, com o Ateneu Pilarense, lançava as sementes do saber sobre a mór parte dos rapazes do comércio e assim muitos conseguiram salvaguardar o seu futuro, encontrando-se hoje em posições favoráveis.
A nossa terra que era um verdadeiro símbolo instrutivo, nos tempos passados, vê-se na época presente, sem nenhum estabelecimento educativo para um fim tão humanitário, que é a evolução intelectual de sua gente.

A Cidade. Alagoas – Manguaba, 6 de Agosto de 1944

#MEMÓRIADAIMPRENSA

Rabiscos

(Macedo Filho)

A mocidade de Manguaba, resente-se, atualmente, pela falta de um ensino noturno secundário.

Há anos Dr. Otávio Gomes, com o Ateneu Pilarense lançava as sementes do saber sobre a mór parte dos rapazes do Comércio e assim muitos conseguiram salvaguardar o seu futuro encontrando-se hoje em posições favoráveis.

A nossa terra que era um verdadeiro símbolo instrutivo, nos tempos passados, vê-se na época presente, sem nenhum estabelecimento educativo para um fim tão humanitário, que é a evolução intelectual de sua gente. A

40 Jovens Aprovados pela Escola de Pesca

O PESCADOR
ANO I — MACEIÓ, AL. — AGOSTO DE 1966 — N.º 02
40 Jovens Aprovados pela Escola de Pesca
EXAMES DE SELEÇÃO — O flagrante acima mostra o momento em que uma turma de candidatos à Escola de Pesca de Tamandaré prestava exame de admissão, nas dependências do Colégio Estadual de Rio Formoso. Apenas quarenta candidatos foram aprovados
APROVADOS
Entreposto terá Trapiche

O Pescador. Maceió, agosto de 1966

#MEMÓRIADAIMPRENSA

Quarenta jovens alagoanos foram aprovados no exame de admissão à escola de Pesca de Tamandaré, estabelecimento de ensino profissional técnico mantido pela Sudepe – Superintendência do Desenvolvimento da Pesca no município de Rio Formoso, em Pernambuco. As provas foram realizadas no Colégio Estadual e já testaram o bom grau de aproveitamento escolar dos jovens candidatos.

Embora a escola de Tamandaré disponha de apenas 30 vagas para o Estado de Alagoas, o dr. Jair Galvão telegrafou ao delegado Regional da Sudeste solicitando que sejam aproveitados todos os candidatos aprovados neste Estado. A

Acervo IBGE

Igreja Matriz Nossa Senhora Mãe dos Homens

DIA 7

ANOTE AÍ

Há praias em Feliz Deserto

Com uma população estimada em 4.806 pessoas atualmente, Feliz Deserto era um distrito de Piaçabuçu que foi desmembrado e elevado à condição de município em 23 de julho 1960 e instalado no dia 7 de agosto do mesmo ano.

Habitado inicialmente por índios caetés, alguns atribuem o início do povoamento na região a sobreviventes de um naufrágio. Entre eles estava o holandês Domingos Mendes, que encontrou uma imagem de Nossa Senhora Mãe dos Homens e batizou a localidade como Feliz Deserto.

Com uma área de 109.801km², fazendo divisa com Coruripe e Piaçabuçu, as belas praias, como a do Massunim, seduzem turistas e nativos. A

Luiz Franco, um poeta resguardado

Nascido no dia 7 de agosto de 1887, em Maceió, foi estudar Direito em Recife em 1905, mas no mesmo ano mudou-se para o Rio de Janeiro, onde trabalhou como professor de Geografia no Instituto Nacional, se formou e trabalhou como advogado. Faleceu no dia 17 de novembro de 1937.

Luis Franco também era poeta, mas não participava da vida literária do seu tempo. Publicou *Ao Sol do Trópico*, com poesia lírica e parnasiana pela Tipografia do Jornal do Comércio, no Rio de Janeiro, em 1913. É considerada uma estreia tardia, mas Lima Barreto registrou o seguinte, no livro *Impressões de Leitura: Crítica*: "O poeta de que nos ocupamos não é certamente um apurado artista do verso, um refinado esteta. Entretanto, revelando conhecer os segredos da métrica e obedecendo sempre à técnica poética, ele se nos apresenta como um poeta que sente o que canta".

ARANHA

Numa entrevista de 1019, Graciliano Ramos menciona o poeta: “Quem não conhece os Palmares, de Goulart de Andrade, a Orgulhosa de Júlio Auto, a Aranha de Luís Franco?”.

DESCENDÊNCIA

Filho de Joaquim José de Araujo Franco e Teodolina Pereira, foi casado com Teodolina Franco, com quem teve o filho Almirante Alberto dos Santos Franco, famoso oceanógrafo carioca, que recebeu em 2005 o Prêmio Fundação Conrado Wessel (FCW) de Ciência e Cultura, o correspondente ao Nobel, concedido a pesquisadores brasileiros. Naquela ocasião, foi chamado de Mestre das Marés. A

“Há clima Liberdade em Alagoas”

«Ha' clima de liberdade em Alagoas»
A Notícia
Cimento POTY

A Notícia. 7 de agosto de 1951

#MEMÓRIADAIMPRENSA

O senador José Lopes Duarte confirma as afirmações do líder udenista.

Reconhece o Senador José Lopes que há clima de liberdade em Alagoas. Em seguida falou o senhor José Lopes Duarte referindo-se a um telegrama que o Governador Arnon de Mello endereçou ao senador Ismar. Orador em suas considerações disse (...) que o chefe do executivo alagoano fez acusações a “Gazeta de Alagoas”. Aparteou o Deputado Mário Guimarães, dizendo que o governador Arnon de Melo não fez referências a ética jornalística da Gazeta, e sim disse que se tratava de um órgão de oposição sistemática o que realmente era pois A Gazeta de Alagoas só teve feito até hoje oposição sistemática a um governo que em menos de 6 meses deu a Alagoas um clima de liberdade, e de segurança. A

DIA 8

José Tavares Bastos — Um magistrado alagoano no STJ

A magistratura foi o caminho de José Tavares Bastos, participando de episódios que fizeram história em Alagoas e no Brasil. Nascido em Marechal Deodoro (então cidade de Alagoas) em 1813, estudou Direito na Academia de Olinda e formou-se em 1836.

Antes mesmo da formatura, já ensinava Filosofia em Maceió, e em 1837 foi nomeado juiz de Direito da Comarca de Atalaia. A jornada no mundo das leis o levou a exercer a mesma função nas comarcas de Vila Nova do Rio São Francisco (SE), Penedo, Maceió, capital da província de São Paulo e Niterói.

Tavares Bastos foi sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil

O EPISÓDIO DO COFRE

Ao lado de Manuel da Fonseca, José Tavares Bastos foi um dos responsáveis pela rebelião no episódio da transferência do Cofre do Tesouro da cidade de Alagoas para Maceió, em 9 de dezembro de 1839, que marcou simbolicamente a mudança da capital da Província de Alagoas.

De acordo com Moreno Brandão, ele teria insuflado os rebeldes por causa de um mal-entendido, no qual sua nomeação como juiz da Comarca de Sergipe não seria efetivada.

Naquela ocasião, o presidente da província foi preso e expulso da cidade, e Tavares Bastos chegou a governar a província por dois dias, mas o vice-presidente de Alagoas, João Lins Vieira Cansanção, mobilizou tropas de Pernambuco e da Bahia para conter os revoltosos, e o presidente voltou ao poder.

OS LISOS E OS CABELUDOS

A rivalidade entre José Tavares Bastos e João Lins Vieira Cansanção (futuro Visconde de Sinimbu) voltou a se acirrar em 1844, na chamada Rebelião dos Lisos e Cabeludos.

Com a chegada do novo presidente da Província de Alagoas, Bernardo de Souza Franco, favorável à anistia de rebelados na

Revolta Liberal – que levou à dissolução da Assembleia em 24 de maio de 1844 –, Tavares Bastos começou a fazer campanha contra o presidente.

O jornal O Alagoano, de sua propriedade, tentava convencer a população a tomar partido dos lisos (conservadores). Do lado oposto estava Sinimbu, liderando o grupo dos cabeludos (liberais), que apoiava o presidente. No dia 4 de outubro, houve a revolta armada, e Bernardo Franco chegou a ficar detido, mas o governo conseguiu conter a rebelião.

OUTROS CARGOS

Em 1864, Tavares Bastos foi designado vice-presidente na Província do Rio de Janeiro e a seguir foi nomeado presidente da Província de São Paulo (1866-67).

Ao longo da carreira, José Tavares Bastos também foi nomeado presidente da Relação do Rio de Janeiro até tornar-se, em 14 de fevereiro de 1885, ministro do Supremo Tribunal de Justiça. Foi sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, empossado em 1890, e morreu na cidade do Rio de Janeiro, no dia 8 de agosto de 1893.

PALESTRANDO COM O LEITOR...

ALAGOAS LITERARIA

ÓRGÃO DE INCENTIVO À CULTURA ALAGOANA

ANO I | AGOSTO DE 1952 | N. 1

Como nasceu «Alagoas Literaria»

Mais um jornal em Alagoas

A Brasileira

Magalhães & Cia.

O NOVO CACIQUE

Mais um jornal em Alagoas

Alagoas Literária. 8 de agosto de 1952

#MEMÓRIADAIMPRENSA

Alguém já chamou aos novos literatos da província de "os loucos da literatura Alagoana" o nosso jornal é, com efeito, uma loucura dos novos.

Por Jucá Santos

É mister que se extermine esse amontoado de imbecis, de idiotas e de ignorantes que existe esparramados por todo este BRASIL glorioso e imenso.

Há no nosso país, infelizmente, um punhado de falsos poetas. Pensam eles que para se compor poesia, é bastante dizer: "no meio do caminho tinha uma pedra e tinha uma pedra no meio

do caminho." Daí se originam os assassinos da verdadeira poesia parnasiana. Foi para destruir esse entulho de inúteis, que surgiu ALAGOAS LITERÁRIA.

Ainda hoje não consegui compreender, como é que homens que possuem certa capacidade e certo grau de Cultura, se deixam levar pelo idiotismo da poesia moderna... É de causar estranheza!!!

Negar-se que os cultores da poesia moderna seguem um princípio, é um crime! Pois esses seguem realmente um princípio que é inegavelmente o da destruição. Mas... destruir a poesia, também é crime!... A poesia, é o amor e é o sentimento que se condensam na própria natureza e a "natureza é Deus". A

DIA 9

Os meninos impossíveis do Grêmio Guimarães Passos

Um belo dia, precisamente no dia 9 de agosto de 1927, jovens com idade entre 15 e 19 anos reunidos na Pajuçara fundaram o Grêmio Literário Guimarães Passos. Estavam precisamente na Rua do Araçá (atual Epaminondas Gracindo), na casa de Manoel Diégues Júnior. O nome era uma homenagem ao poeta parnasiano e primeiro alagoano admitido na Academia Brasileira de Letras.

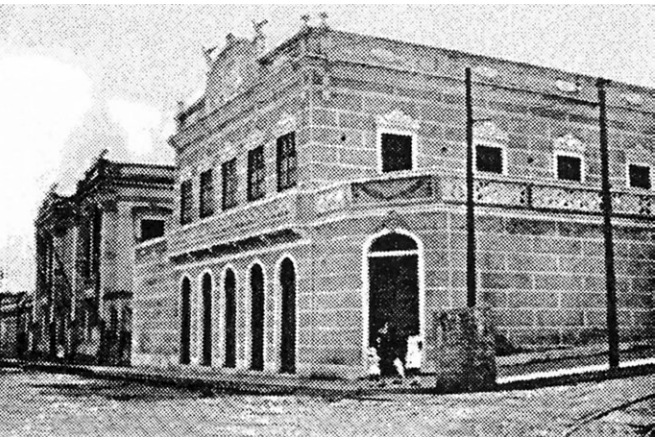
Manuel Diegues Júnior: fundador do Grêmio Literário Guimarães Passos

Além de Manuel Diégues Júnior, o primeiro presidente, a primeira diretoria contou com os sócios-fundadores da agremiação: Valdemar Cavalcanti, Paulo de Couto Malta Filho, Salustiano Eusébio de Barros, Felino Mascarenhas e Aurélio Buarque de Holanda.

Guimarães Passos, homenageado como patrono do grêmio

IDEAL

Diégues Júnior justificou anos mais tarde, em texto publicado no número 13 da Revista da Academia Alagoana de Letras, a escolha do patrono: "Outros grandes nomes de Alagoas poderíamos apresentar no campo da cultura ou puramente da intelectualidade: um Tavares Bastos, por exemplo,



IHGAL também sediou reuniões do grêmio literário

ou um Ladislau Neto, cientista; um Barão de Penedo, diplomata; um Sinimbu, político. No campo das letras, porém, a projeção de Guimarães Passos continuava a maior: poeta, boêmio, autor de um tratado que ensinava a fazer versos, enfim, para os moços com pretensões literárias, era o patrono ideal".

O INÍCIO DO FIM

Manuel Diégues Júnior relata que "com a nova orientação da Diretoria do Grêmio, ampliando seus quadros com o ingresso de elementos menos jovens, ao mesmo tempo que aqueles que o haviam fundado começavam a deixar Maceió para seus estudos superiores – no Rio, no Recife, na Bahia –, a instituição sofreu evidentemente influências que lhe tiraram aquele caráter com que havia sido fundado: o de instituição puramente de jovens". Ter mudado de Grêmio para Academia também era significativo. "A descaracterização de suas origens acentuou-lhe a fisionomia. E em consequência, pouco a pouco, começou a declinar, e desapareceu".

VOCÊ SABIA?

Lily Lages foi a primeira mulher a fazer parte da Academia Guimarães Passos, empossada em 28 de setembro de 1931.

O ano da fundação do grêmio, 1927, também foi marcado pela chegada de José Lins do Rego a Maceió e pela adesão de Jorge de Lima ao Modernismo.

Em 1930, no dia 1º de maio, o grêmio passou a se chamar Academia Guimarães Passos.

LEIA

História do Modernismo em Alagoas, de Moacir Medeiros de Sant'Ana.

Juayran, Seredser, Yarw

Francisco Queiroz Suirá: entre as mais influentes lideranças indígenas alagoanas

Francisco Queiroz Suirá (Pai Francisquinho) e a conquista dos direitos dos Kariri-Xocó

Nascido em 10 de março de 1912, na aldeia localizada em Porto Real do Colégio, Francisco Queiroz Suirá era filho de Maria Felismina de Oliveira e Manoel Queiroz. Tornou-se pajé com 16 anos. De acordo com a tradição oral, foi escolhido por um Conselho Tribal após o seu tio Dunga suspender o ritual do Ouricuri por três anos.

Além da liderança espiritual dos Kariri-Xocó, atuou politicamente no reconhecimento dos povos pelo Serviço de Proteção ao Índio.

IDENTIDADE E A RECONQUISTA DA TERRA

1942 - Tratou da questão com o padre Aldredo Dãmaso em Bom Conselho (PE), conduzindo integrantes das etnias kariri e xocó, juntamente com Manoel Francisco Santos (Manoel de Francelina).

1943 – Conseguiram que um Posto Indígena fosse instalado na aldeia, como prova do reconhecimento da identidade.

1948 – Apoiados pelo Serviço de Proteção ao Índio, os kariri conseguiram 54 hectares de terra, batizadas de Colônia, dedicada à agricultura de subsistência.

1950 – A terra foi reduzida para 35ha, sendo cortada pela ferrovia que liga Porto Real do Colégio a Maceió.

1977 – Pai Francisquinho nomeou Cícero de Sousa Santiago (Cícero Erecê) como cacique e anunciou o filho Júlio Queiroz Suirá como seu sucessor.

1978 – Conseguiu a retomada da Fazenda Modelo ou Sementeira (administrada pela Companhia do Vale do São Francisco).

1980 – Reúne a população indígena que morava em Colônia com a que morava na periferia, na Rua dos Índios, liderada por seu irmão, o cacique Otávio Queiroz Nidé.

1994 – Morre em 9 de agosto.

Fonte: Nhenety Kariri-Xoco

Atuou politicamente no reconhecimento dos povos pelo Serviço de Proteção ao Índio

Juayran, Seredser, Yarw

O SEGREDO DO OURICURI

"Ser índio em Porto Real do Colégio significa ser filho da aldeia e conhecer, desde a infância, o segredo do Ouricuri".

"O ritual do Ouricuri é o que dá sentido à terra, à família, à identidade, à chefia, enquanto princípio organizador. Estrutura a vida perceptível mediante a ordenação do sagrado, do misterioso, do intangível, daquele reduto da vida indígena que a sociedade nacional não consegue dominar".

Vera Lúcia Calheiros (antropóloga)

VOCÊ SABIA?

Atualmente, outros povos indígenas, como Fulni-ô, Pankararú, Karapotó, Tingui-Botó e Xucuru-Kariri, segundo José Santos (da Fundação Nacional do Índio e filho de Manoel de Francelina), vivem na aldeia indígena Kariri-Xocó. A

SAIBA MAIS

http://www.karirixoco.com.br

DIA 10

Rosália Sandoval

Rosália Sandoval e O Rosal, periódico para mulheres

Lançamento em 1903, em Maceió, do primeiro número de O Rosal, revista literária dirigida às mulheres e editada pela poeta Rosália Sandoval (1876-1956), pseudônimo de Rita de Abreu, em parceria com Rita Souza.

Listada entre as pioneiras da imprensa no Brasil, Rosália colaborou com diversos periódicos. No artigo Rosália Sandoval o tempo não te esquece nós te resgataremos, Luciana Fonseca M. de Lemos escreve:

"Rosália Sandoval, escritora alagoana que viveu na primeira metade deste século, dedicou sua vida à produção literária. Escreveu textos nos gêneros prosa e poesia. Embora tivesse, por algum tempo,

um espaço conquistado, ou seja, um relativo sucesso como poeta e tradutora, morreu desconhecida (...). Mesmo tendo publicações em quantidade razoável – totalizando doze obras –, Rosália não era tão bem conceituada quanto seu irmão, Sebastião de Abreu, que sem haver publicado um único livro já era patrono da cadeira número 25 da Academia Alagoana de Letras, em 20 de janeiro de 1883. Após sua morte é que a obra Angelus – tão notada pelos críticos por suas 'qualidades estilísticas' e por seu prodigioso mérito – foi organizada para publicação por sua irmã".

Para ler o artigo completo:
https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/7622/5341

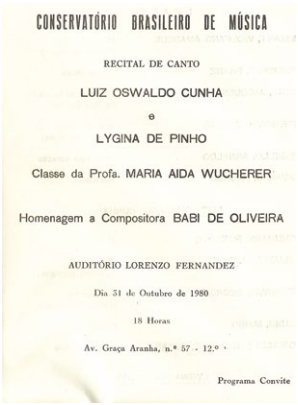
DIA 11

Maria Aída Wücherer — Ensinando a cantar, ensinando a viver

Maria Aída Wücherer nasceu em Maceió em 11 de agosto e formou-se em Canto pelo Conservatório Brasileiro de Música. Especializou-se em Roma e fez apresentações em Frankfurt e em Paris.

Com licenciatura em Psicologia e Filosofia, escreveu dissertações sobre musicoterapia e fonoaudiologia.

Dedicou-se a formar gerações de artistas como professora de canto no Conservatório Brasileiro de Música, na Associação de Canto Coral, na Escola de Canto Carlos Gomes e fundou a Academia de Técnica Vocal do Rio de Janeiro.


CONSERVATÓRIO BRASILEIRO DE MÚSICA

RECITAL DE CANTO

LUIZ OSWALDO CUNHA

e

LYGINA DE PINHO

Classe da Profa. MARIA AIDA WUCHERER

Homenagem a Compositora BABI DE OLIVEIRA

AUDITÓRIO LORENZO FERNANDEZ

Dia 31 de Outubro de 1980

18 Horas

Av. Graça Aranha, n.º 57 - 12.º

Programa Convite

Recital de canto da sua classe no Conservatório de Brasileiro de Música

VOCÊ SABIA?

Foi graças ao empenho de Maria Aída que em 1956 foi autorizada a abertura de uma filial do Conservatório Brasileiro de Música – Departamento de Alagoas. A instituição formou artistas como Anilda Leão, entre outros, sob a direção da fundadora Venúsia de Barros Melo.

Aída foi morar no Rio de Janeiro em 1954, quando seu terceiro marido, José Caralampio de Mendonça Braga, elegeu-se deputado federal.

Morreu no Rio de Janeiro, em 30 de agosto de 2000.

ÓPERA INFANTIL

Dirigiu a ópera infantil O Milagre da Rosa, de Mário Mascarenhas, com alunos do Colégio Imaculada Conceição, em 21 de novembro de 1968, no Teatro Deodoro, com muito sucesso.

TRECHO DE UM ARTIGO

"A única coisa de que podemos ter certeza é que, enquanto os artistas existirem e trabalharem, levarão através de todas as épocas históricas o seu discurso transfundido em formas, linhas, cores ou sons, mas fundamentalmente universal, cujos símbolos só podem ser codificados no terreno afetivo. A história do mundo está na história das suas artes" (em O discurso na arte). A

OBRAS

- *Linhas Quebradas*, 2003
- *Dunas – Crônicas do Mar Azul*, 2003

DIA 12

EXCELSIOR

O Simbolismo

Empossada a nova diretoria do D. A. «Jorge de Lima»

Empossada a nova diretoria do D.A. "Jorge de Lima".

Excelsior. 12 de agosto de 1965. Faculdade de Filosofia Ciências e Letras

#MEMÓRIADAIMPRENSA

A mesa foi precidida pelos professores Jalbas Tavares Lira e Théo Brandão, ambos designados pela congregação. Como excrutinadores esccolhidas as Universitária: Rosalva Torres de Souza e Floriza de Almeida Barbosa.

Na oportunidade usaram da palavra : a acadêmica Marlene Miranda Pacheco(...).

O nôvo presidente acadêmico M. Marcelino Neto, agradeceu a confiança que lhe depositaram, reafirmando que lutaria da programa elaborado pela diretoria, dentro da ordem, dos princípios democráticos, em prol da classe universitária de filosofia. A

DIA 13

Construindo sonhos e outras estruturas

Nove engenheiros reuniram-se no dia 11 de agosto de 1951, no prédio da Escola Industrial de Maceió (Praça Sinimbu), antigo Liceu de Artes e Ofícios, com o sonho de fundar uma escola de Engenharia na cidade.

Esse encontro reuniu Aloysio Melro (que se tornaria o primeiro diretor da Escola de Engenharia de Alagoas), Antônio Mafra, Everaldo Castro, Jayme Fonseca, Demócrito Barroca, José Steremberg, Talvanes de Barros, Edson Lobão Barretto e Joaquim Diégues Júnior.

Em 24 de maio de 1955, o Decreto Federal nº 37.376 autorizou o funcionamento da Escola de Engenharia de Alagoas.

DE ESCOLA A FACULDADE

A Escola de Engenharia passou a ser Faculdade de Engenharia a partir de 18 de dezembro de 1967.

PRÉDIO

O prédio que abrigou a Escola de Engenharia foi projetado pela arquiteta Zélia Maia Nobre, no mesmo local onde se deu a primeira reunião para a fundação, na Praça Sinimbu.

A reforma teve início em 1961, com conclusão em 1967.

Com o funcionamento da Cidade Universitária no Campus A.C. Simões, na parte alta da cidade, a Faculdade de

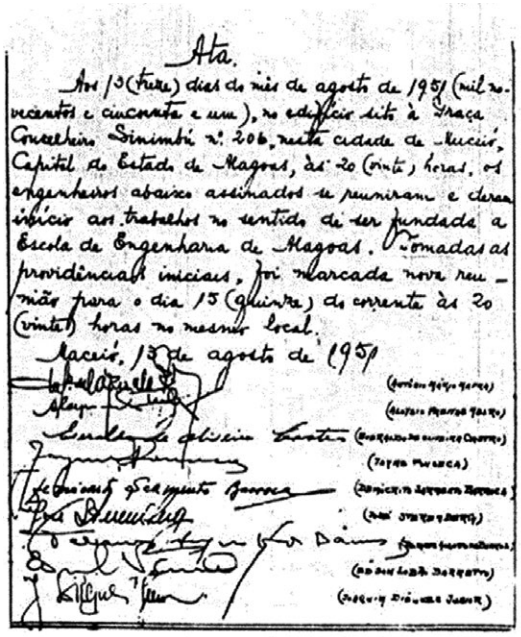
Blog Academia Portocalvense ALPHA

Escola Industrial de Maceió, antigo Liceu de Artes e Ofícios

Engenharia, já integrante da Ufal, desocupa o prédio da Praça Sinimbu, que passa a ser ocupado pela Reitoria.

Em 1977, o prédio dividiu espaço com o Centro de Artes da Universidade Federal de Alagoas, conservando alguns serviços da Reitoria.

Depois, passou a abrigar o Espaço Cultural da Ufal. A


Ata.

Aos 13 (treze) dias do mês de agosto de 1951 (mil novecentos e cinquenta e um), no edifício sito à Praça Conselheiro Sinimbú nº 206, nesta cidade de Maceió, Capital do Estado de Alagoas, às 20 (vinte) horas, os engenheiros abaixo assinados se reuniram e deram início aos trabalhos no sentido de ser fundada a Escola de Engenharia de Alagoas. Tomadas as providências iniciais, foi marcada nova reunião para o dia 15 (quinze) do corrente às 20 (vinte) horas no mesmo local.

Maceió, 13 de agosto de 1951

Fac-simile da ata da reunião de fundação, manuscrita pelo Prof. Antônio Mário Mafra

Acervo Ufal

Relu

Projetado pela arquiteta Zélia Maia Nobre, hoje abriga o Espaço Cultural da UFAL

Povina foi membro fundador e primeiro ocupante da cadeira 19 da Academia Alagoana de Letras

DIA 14

Carlos Povina Cavalcanti, poeta e jornalista

Nascido em União dos Palmares em 14 de agosto de 1898, o poeta e advogado Carlos Povina Cavalcanti fez os primeiros estudos em Maceió e foi um dos integrantes do Grêmio Literário Guimarães Passos. Chegou a estudar Direito em Salvador, onde também atuou no Diário da Bahia, mas formou-se em Recife.

De volta a Maceió, escreveu no Jornal de Alagoas e foi deputado estadual entre 1921 e 22, quando se mudou para o Rio de Janeiro. Por lá, onde também exerceu o jornalismo e a advocacia, foi nomeado para a Prefeitura do Distrito Federal em 1931, ocupando os cargos de procurador e procurador-geral e também consultor jurídico do Estado.

VOCÊ SABIA?

De 1962 a 1965, foi presidente do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil.

Em 1972, publicou o livro *Volta à Infância: Memórias*.

Morreu no dia 4 de dezembro de 1974, na cidade do Rio de Janeiro.

Povina Cavalcanti foi membro-fundador da Academia Alagoana de Letras e primeiro ocupante da cadeira 17. Era cunhado de Jorge de Lima e escreveu uma biografia do poeta. A

Primeira edição lançada pela A. Coelho Branco

Biografia que escreveu sobre seu cunhado, o poeta Jorge de Lima

ALGUNS LIVROS

- *O Acendedor de Lampeões*, 1923.
- *A Mulher e a Dança*, 1925.
- *Telhado de Vidro*, 1928.
- *Candeia de Azeite*, 1935.
- *Ausência da Poesia*, 1943.
- *Viagem ao Mundo da Poesia*, 1957.
- *Hermes Fontes: Vida e Poesia*, 1964.
- *Vida e Obra de Jorge de Lima*, 1969.

Antônio Gouvêa: saúde e educação

A vida do médico Antônio Gouveia, que dá nome a uma avenida na orla de Maceió, se desenvolve entre a educação e a saúde. Nascido em Marechal Deodoro no dia 3 de abril de 1863, estudou no Colégio de Nossa Senhora do Carmo; depois dos estudos preparatórios em Maceió, ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia, formando-se em 1887.

De volta a Maceió, foi bibliotecário da Biblioteca Pública e dirigente da Inspetoria de Saúde do Porto de Maceió, diretor-geral de Instrução Pública e médico da Enfermaria Militar de Maceió. Também ensinou Literatura Brasileira e Língua Portuguesa no Liceu. Foi admitido no Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas em 1900, sendo eleito vice-presidente da instituição. Faleceu no dia 14 de agosto de 1915. A

Política e fé

Natural de Belo Monte, onde nasceu em 14 de agosto de 1868, João Machado de Melo tinha vocação religiosa e estudou em Penedo e no Liceu Alagoano. Cursou o seminário de Olinda, ordenando-se em 1891 em Salvador. Foi vigário em Palmeira dos Índios e em Porto Calvo, e cura da Sé em Maceió.

Também atuou como pedagogo, fundando o Colégio São José, e ensinou na Escola Normal. Na política, foi deputado estadual nos biênios de 1901 a 1902, 1913 a 1914 e de 1919 a 1920. Morreu em Maceió no dia 10 de junho de 1920.

PATRONO

O cônego João Machado de Melo é patrono da cadeira 19 da Academia Alagoana de Letras. A

Clube de Regatas Brasil

(*)

O núcleo dos jovens desportistas que viriam a organizar o Clube de Regatas Brasil surgiu durante o processo de fundação do Club Alagoano de Regatas, que aconteceu na sede da Liga Marítima Brasileira, na Rua do Comércio, nº 138, em Maceió, no dia 14 de agosto de 1910.

Uma das primeiras formações do CRB

Lafayette Pacheco Moreira, Alexandre Nobre, Antônio de Bessa e Celso Coelho ajudaram o Club Alagoano de Regatas a dar os primeiros passos. Mas a assembleia de fundação do CRB aconteceu apenas no dia 20 de setembro de 1912.

Em 1916 surge o futebol

Foram os irmãos Lauro Bahia Gondim, José Leite Gondim e Abelardo Duarte Gondim, que trouxeram o futebol para o CRB em 1916, quando o clube era dirigido por Homero Viegas.

A primeira partida entre CRB e CSA ocorreu no dia 7 de setembro de 1916, quando o CSA inaugurou o seu campo de futebol na Praça Jonas Montenegro, a atual Praça do Centenário no Farol.

O jogo também comemorava o primeiro aniversário do ainda então Centro Sportivo José Floriano Peixoto. Os azulinos venceram por 1×0, gol de Aristides (o Grilo).

Estádio da Pajuçara

Em busca de um espaço para a realização das partidas de futebol nos finais de semana, o clube arrendou o terreno de Maria Torres por trezentos mil réis. Essa área abrigou o Estádio Severiano Gomes Filho por décadas.

Em novembro de 1917, sob a presidência de Pedro Lima, teve início a construção do campo de futebol do CRB. O terreno impróprio dificultou o plantio da grama, mas logo já era utilizado para as primeiras partidas de futebol.

Depois do campo de jogo, somente em 1921 foi que o clube voltou a investir no local, iniciando a construção do Estádio. Isso somente foi possível acontecer após a aquisição do terreno, até então arrendado, que se efetivou com o registro da escritura de compra no dia 23 de fevereiro de 1921.

Saiba mais em https://www.historiadealagoas.com.br/clube-de-regatas-brasil-o-galo-da-pajucara.html

(*) Site História de Alagoas A

CRB de 1953. ***Em pé*** *– Mogi. Luiz. Miguel Rosas. Ferrari. Castanha. Tadeu e o técnico Zequito Porto.* ***Agachados*** *– Miro. Perereca. Deluva. Dario e Eraldo. Acervo Museu do Esporte*

DIA 15

Dom Adelmo Machado — Liturgia em português

Dom Adelmo foi o celebrante

Seguindo a orientação do Concílio do Vaticano II, expresso na Constituição Conciliar Sobre a Sagrada Liturgia, de 4 de dezembro de 1963, o quarto cardeal de Maceió, dom Adelmo Machado, celebrou a primeira missa em português em Alagoas no dia 15 de agosto de 1964, na Catedral de Maceió. A ideia de alterar a forma do rito partiu do papa João XXIII, com a intenção de reaproximar os fiéis das igrejas.

No ano 2000, o papa João Paulo II afirmou que o patrimônio de dois milênios de fé se conservou de forma autêntica: "O Concílio Vaticano II constituiu uma dádiva do Espírito à sua Igreja. É por esse motivo que permanece como um evento fundamental não só para compreender a história da Igreja no fim do século, mas também, e sobretudo, para verificar a presença permanente do Ressuscitado ao lado da sua Esposa no meio das vicissitudes do mundo". A

JORNAL DE ALAGOAS

SABADO, 15 DE AGOSTO DE 1964

PRIMEIRA MISSA EM PORTUGUÊS SERÁ HOJE CELEBRADA NA CATEDRAL POR DOM ADELMO

Câmara preocupada com falta d'água no B do Pinheiro

tas Afirma Reformado

DIRETORIA DA FENIX VISITA ALAGOAS

Jornal de Alagoas anuncia o acontecimento

A catedral de Maceió na década de 60

DIA 16

Messias de Melo, o quadrinista

Nascido em Maceió, no dia 16 de agosto de 1904, Manoel Messias de Melo marcou seu nome nas artes visuais principalmente como quadrinista. A convite do irmão, o poeta e jornalista Judas Isgorogota, se mudou para trabalhar em São Paulo. Inicialmente, se manteve como cartazista e vitrinista, e depois como ilustrador na Gazeta Juvenil, criando personagens como Pão Duro, Gibimba e Audaz, o Demolidor.

Foi chargista da Gazeta Esportiva e criou vários mascotes de clubes brasileiros, como o Santo Paulo (São Paulo FC), o Periquito (Palmeiras) e o Mosqueteiro (Corinthians), dentre outros. Também se destacou com ilustração de clássicos como *Os Três Mosqueteiros, Robinson Crusoé* e *Os Miseráveis*. O talento como pintor também o levou a participar do 3º Salão Paulista de Belas Artes (1935) e do 15º Salão Paulista de Belas Artes (1949).

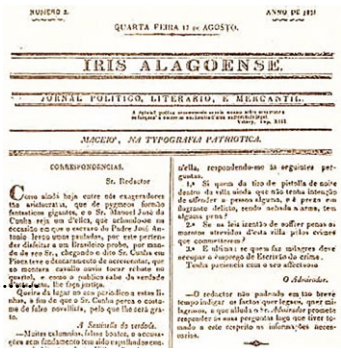
Entre 1964 e 1968, ilustrou contos psicografados por Chico Xavier e Waldo Vieira, publicados no Anuário Espírita do Instituto de Difusão Espírita. Em 1985, recebeu o prêmio de Mestre do Quadrinho Nacional na primeira edição do Prêmio Angelo Agostini. Morreu em São Paulo no dia 18 de outubro de 1994. A

DIA 17

O primeiro jornal de alagoas

Autodefinido como jornal político, literário e mercantil, o primeiro jornal publicado em Maceió foi o Íris Alagoense, em 17 de agosto de 1832, impresso na Typografia Patriótica, viabilizado pelo presidente da província de Alagoas, Manoel Lobo de Miranda Henriques. Na verdade, era o segundo número do periódico, já que o primeiro foi impresso na Bahia. Circulava às quartas e aos sábados.

Segundo número do periódico


NUMERO 2. ANNO DE 1832

QUARTA FEIRA 17 de AGOSTO.

IRIS ALAGOENSE.

JORNAL POLITICO, LITERARIO, E MERCANTIL.

MACEIÓ, NA TYPOGRAFIA PATRIOTICA.

CORRESPONDENCIAS.

Sr. Redactor

Padre Afonso de Albuquerque Melo foi o redator quando o jornal assumiu o nome de O Federalista Alagoense

REDATOR ÚNICO

O francês Adolphe Emile de Bois-Garin (do jornal recifense Espelho das Brasileiras) foi contratado como o único redator e também administrava o veículo alinhado à Sociedade Patriótica e Defensora da Independência. No dia 23 de janeiro de 1832, ele sofreu um atentado com um tiro de pistola e decidiu voltar para Pernambuco.

ÚLTIMA EDIÇÃO

A 50ª edição, de 18 de fevereiro 1932, foi a última com o nome Íris Alagoense. A partir do dia 22, o periódico assumiu o nome de O Federalista Alagoense, contando com o padre Afonso de Albuquerque Melo como redator, considerado o primeiro jornalista alagoano. Ele também foi eleito deputado na 1ª Legislatura da Assembleia Provincial (1835-1837).

Na sequência, o jornal também teve como redator o padre Francisco do Rego Baldaia e foi publicado até 1836.

EPÍGRAFES

O Íris Alagoense tinha como epígrafe uma frase do filósofo francês Constantino Francisco de Chassebeuf (1757-1820): "A opinião pública, acometendo os reis mesmo sobre seus tronos, os forçará a conter-se nos limites d'uma autoridade legal".

Quando foi nomeado Federalista Alagoense, passou a ter no cabeçalho: "O governo do Império do Brasil será uma monarquia federativa". A

Acervo IBGE

Estação de Satuba

ANOTE

Satuba tem uma procissão ao som de pífanos

O município de Satuba originou-se de um povoado formado por volta de 1893 e era conhecido como Carrapato. Foi instalado no dia 17 de agosto de 1960, após ser desmembrado de Rio Largo pela Lei nº 2265, de 23 de julho do mesmo ano. Tem uma população estimada em 13.949 pessoas e fica a 22km de Maceió.

Para alguns, o nome do lugar é uma corruptela de saúva, espécie de formiga que era abundante na região.

A festa da padroeira Nossa Senhora da Guia acontece no dia 15 de novembro e começa nove dias antes, com missas e apresentações culturais diversas. A procissão é acompanhada pela Banda de Pífano do Tabuleiro do Martins e pela Filarmônica do Município de Santa Luzia do Norte. A

DIA 18

Laura Dantas — Uma educadora que é referência

Laura Dantas nasceu em 18 de agosto de 1914, como registra o Dicionário de Mulheres de Alagoas Ontem e Hoje, de Enaura Quixabeira Rosa e Silva e Edilma Bonfim, "sob o fogo cruzado da discriminação social: mulher, negra e pobre". Os preconceitos do seu tempo, contudo, não impediram que sua vocação de educadora se realizasse.

Laura Dantas: referência no magistério alagoano

Tornou-se professora primária aos 20 anos e ensinou em escolas do interior. Após concurso público, foi lecionar no Grupo Experimental do Instituto de Educação, onde permaneceu por 47 anos. Em 1960, formou-se e Pedagogia e Didática pela Universidade de Ciências e Letras de Alagoas e tornou-se bacharel em pedagogia em 1962. Nesta época, tornou-se sócia da irmã no Educandário São José e continuou a aperfeiçoar seus estudos, formando-se em 1975 em História com especialização em Arqueologia.

Ao longo da vida, construiu uma biografia em que, de acordo com Enaura Quixabeira, "reformou conceitos, ampliou espaços, imprimiu ao seu nome a determinação e ousadia das pessoas vencedoras, tornando-se uma referência ao magistério público estadual". Há uma escola estadual, localizada na Avenida Fernandes Lima, com o seu nome. Faleceu em 5 de janeiro de 1981. A

DIA 19

Accioly Júnior — O governador do centenário da independência de Alagoas

Accioly Júnior foi o 22º Governante da Primeira República de Alagoas

Natural de Maragogi, João Baptista Accioly Júnior teve a honra de ser governador de Alagoas quando o Estado comemorou seu centenário de independência. Ele fez os estudos iniciais em Pernambuco e formou-se em Engenharia Civil no Rio de Janeiro, em 1900. Foi deputado federal de 1912 a 1914, e em 1915 elegeu-se governador.

Nascido no dia 19 de agosto de 1877, contava com 40 anos quando foi celebrado o centenário. Entre os feitos da sua gestão, merecem destaque, de acordo com o pesquisador Reynaldo de Barros: redução de despesas e recuperação das finanças estaduais, a reintegração de funcionários demitidos no governo anterior e também assinou contrato para a exploração do petróleo alagoano.

VOCÊ SABIA?

Quando terminou o mandato, dedicou-se à agrupecuária e só voltou à política em 1927, mas o mandato como senador foi interrompido em 9 de novembro de 1928, data do seu falecimento, em Maragogi. A

OBRAS

- *Pobre Alagoas! Ao país* (1922)
- *Política de Alagoas. Resposta ao Senador Fernandes Lima* (1927).

DIA 20

Parabéns para União e Palmeira

Tanto União dos Palmares como Palmeira dos Índios têm o que comemorar no dia 20 de agosto. Em 1889, foram elevados à condição de cidade. No caso da terra que abrigou o Quilombo dos Palmares, foi elevada ainda com o nome de Vila Nova da Imperatriz, conhecida dessa forma desde que deixou de ser um distrito e passou a ser uma

vila desmembrada de Atalaia, em 3 de outubro de 1831. Mas apenas com um decreto estadual de 25 de setembro de 1890 passaria a se chamar União.

ATRAÇÕES TURÍSTICAS

De acordo com o histórico do IBGE sobre o município, o nome União evocava a ligação entre as estradas de ferro de Alagoas e Pernambuco.

Em 1943, ocorreu a mudança definitiva para União dos Palmares, exaltando o povoado de Macacos, sede do heroico mocambo liderado por Zumbi. Atualmente, o Parque Memorial Quilombo dos Palmares, na Serra da Barriga, é a maior atração turística do município e símbolo máximo da história da resistência à escravidão no Brasil.

A TERRA DOS XUCURUS

Já Palmeira dos Índios, que fica a 140km de Maceió, um antigo território dos índios Xuxurus no século 17, também foi elevado à

Catedral Nossa Senhora do Amparo em Palmeira dos Índios

Praça da Independência em Palmeira dos Índios (1952)

Estação ferroviária de União dos Palmares

Igreja Matriz de Santa Maria Madalena em União dos Palmares

Imagens: Acervo IBGE

condição de cidade pela Lei Provincial nº 1.113, de 20 de agosto de 1889. O antigo distrito da Vila de Atalaia foi criado com o mesmo nome em 1798 e tornou-se uma vila no dia 10 de abril de 1835. Em 1946, foi extinta, e o território ficou vinculado a Anadia. Mas voltaria a ser uma vila em 23 de junho de 1853, quando foi desmembrada de Anadia.

Museu Xucurus

A exuberância da Barra de Santo Antônio

Igreja colonial de Nossa Sra. da Conceição

As belezas naturais fazem a vocação turística da Barra de Santo Antônio, famosa por praias como Carro Quebrado, com suas incríveis falésias, e a paradisíaca península chamada Ilha da Croa. O antigo distrito de Barra de Santo Antônio Grande passou a se chamar apenas Barra de Santo Antônio em 1943, mas continuava como distrito de São Luís do Quitunde. Em 20 de agosto de 1960, porém, foi desmembrado e tornou-se um município. A vocação turística é potencializada com outras praias exuberantes, como a de Tabuba e a das Enseadas. No verão é bastante frequentada, sobretudo durante o carnaval. A

VOCÊ SABIA?

A Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, na Ilha da Croa, foi construída em 1753.

Durante a Cabanada, em 1832, muitos moradores de Porto Calvo e Porto de Pedras refugiaram-se na Barra de Santo Antônio e na vizinha Paripueira.

Théo Brandão — o museu que abriga a dignidade da cultura popular

O museu foi criado pela Universidade Federal de Alagoas em 20 de agosto de 1975, na administração do reitor Nabuco Lopes, e instalado provisoriamente no antigo Campus Tamandaré. Recebeu o nome de Théo Brandão em razão de ter sido criado para abrigar o acervo de antropologia e cultura popular doado à universidade pelo professor Théo Brandão, conhecido médico, folclorista e colecionador alagoano.

PRÉDIO É UM CARTÃO-POSTAL

Por ocasião da V Festa do Folclore Brasileiro, realizada em Maceió em 1977, o museu foi transferido para sua sede própria, na Avenida Duque de Caxias, por iniciativa do vice-reitor João Azevedo, principal articulador da criação do museu.

Trata-se de um prédio de arquitetura eclética, dos anos 1920 ou 1930, que serviu de residência à família Machado. Adquirido pela Ufal no reitorado do prof. A. C. Simões, foi residência universitária feminina até assumir a sua destinação museológica.

site conhecendomuseus.com.br

Prédio do Museu Théo Brandão tem arquitetura eclética (décadas anos 1920 e 1930)

PORTAS FECHADAS E RECUPERAÇÃO

O museu atravessou um período difícil que se estendeu do final da década de 1980 até o final da década seguinte, fechando as portas ao público e entrando em processo de degradação.

Localizado em uma das principais artérias da cidade, em 2000 o prédio passou por uma restauração e modernização de suas instalações, conduzida pela museóloga e ex-diretora Cármen Lúcia Dantas, reabrindo em 23 de agosto de 2001, em meio ao entusiasmo da comunidade.

O monumento restaurado se reintegrou ao campus arquitetônico da avenida, continuação do bairro portuário de Jaraguá, o mais expressivo conjunto arquitetônico de Maceió dos meados do século 19 até início do 20.

site conhecendomuseus.com.br

Além do acervo estrangeiro, possui uma coleção significativa de peças nordestinas

VOCÊ SABIA?

O acervo é composto de objetos da cultura popular das mais diversas procedências, de Norte a Sul do Brasil e de vários países, destacando-se o México, a Espanha e Portugal, locais muito visitados pelo colecionador Théo Brandão.

Apesar da importância do acervo estrangeiro, a mais significativa coleção é de peças nordestinas, sobretudo objetos de Alagoas, como as moringas antropomorfas do mestre Júlio Rufino, a cerâmica utilitária dos remanescentes kariris, ex-votos, coroas de antigos reisados, literatura de cordel, xilogravura e tantas outras peças que Théo Brandão coletou ao longo de sua vida.

Além desse acervo, o museu possui um arquivo audiovisual e documental, com discos, filmes super-8, fitas de vídeo, slides e fitas cassetes de antigas manifestações da cultura popular. A

VISITE

Museu Théo Brandão

Av. da Paz, 1490, Centro, Maceió - Alagoas

(82) 3214-1716

Instalação do Núcleo Integralista de Alagoas

Criada em outubro de 1932, a Ação Integralista Brasileira (AIB), organização inspirada na ideologia fascista, foi formalizada em 20 de agosto de 1933 no Salão Nobre da Sociedade Perseverança. No artigo Notas para a História do Integralismo em Alagoas – I, publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, Vol. 41, o intelectual e professor Sávio de Almeida registra que o jornalista Plínio Salgado, que lançou o Manifesto de Outubro no ano anterior, esteve presente à ocasião, quando falaram José Lins do Rego, Moacir Pereira e Mário Marroquim.

Inicialmente, o Núcleo Integralista de Alagoas, que replicava o tema "Deus, Pátria e Família", foi chefiado por Moacir Pereira, ao lado de Carlos Gomes de Barros e Manuel Viana Vasconcelos. No ano seguinte, Pereira foi afastado, pois era contrário a aproximações com a ideologia. Afrânio Lages ficou à frente do grupo, elegendo-se deputado.

Com a implantação do Estado Novo, em 1937, o ditador extinguiu todos os partidos. Integralistas tentaram um golpe em 11 de maio de 1938 (o Levante Integralista), invadindo o Palácio da Guanabara. Com a derrota, a organização se enfraqueceu em todo o país. A

Adriano Araújo Jorge Junior, o médico dos pobres

Nascido em Maceió, no dia 20 de agosto de 1879, o médico, parlamentar e professor Adriano Araújo Jorge Junior fez sua história no Norte do país, onde ficou conhecido como Médico dos Pobres, pois atendia muitos pacientes gratuitamente. Estudou em Maceió, formou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia e foi escritor, jornalista (usando os pseudônimos Pam Gloss e Ruy Blass), vereador e deputado estadual em Manaus.

Foi um dos fundadores da Academia Amazonense de Letras e seu primeiro presidente, em 1918. É patrono da cadeira número 1 da Academia Amazonense Macônica de Letras.

FAMÍLIA

Faleceu em 3 de novembro de 1948. Era filho do professor Adriano Augusto de Araújo Jorge e Aristhea de Araújo Jorge, e neto do conselheiro Silvério Fernandes de Araújo Jorge, um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas.

HOMENAGEM

Desde 1975, o alagoano nomeia o plenário da Câmara Municipal de Manaus, onde também há um bairro em sua homenagem, Adrianópolis. A

DIA 21

Barroquismo popular na terra do Mané do Rosário

Dos núcleos iniciais da região que é hoje o município de Coruripe, Poxim é dos mais antigos. Em 1718, ascendeu à condição de sede de vila e, em seguida, à de freguesia. O título de nobreza, Vila Real de São José do Poxim do Sul, foi concedido pela Coroa portuguesa (quando foi instalada em 21 de agosto de 1801), patrocinadora da construção da casa municipal e do marco real, conferindo materialidade à distinção. As edificações não existem mais, embora permaneçam na memória viva de seus moradores.

Em 1866, Poxim perdeu o posto para Coruripe, elevado à condição de vila devido ao próspero comércio e graças à existência no local de um porto marítimo.

Relu

Igreja São José do Poxim, única edificação que sobrou da vila

UMA IGREJA PARA SÃO JOSÉ

Da época ficou apenas a Igreja de São José, principal atração da vila. Construção modesta, semelhante às antigas capelas dos Açores e da Madeira, com típica porta e janelas emolduradas por ornatos de pedra. O interior, assim como a fachada, conserva uma composição de gosto popular, situado no final do século 18 e início do 19. Os elementos, inspirados em motivos barrocos e neoclássicos, são de fartura ingênua,

que garantem ao templo a graça de um barroquismo popular.

O sino, datado de 1848, é da fundição de Nicolau de Oliveira Silva, de Coruripe, que atendia a encomendas de vários pontos do país.

SÃO JOSÉ E SEU CORTEJO

A festa do padroeiro, São José, acontece no dia 19 de março, ocasião em que se apresenta o folguedo mais tradicional do lugar, o Mané do Rosário, que compreende um cortejo de dançantes de rostos cobertos que louvam o santo patrono.

MAIS

Poxim: Terra de História e de Mitos: Vila Real de São José do Poxim do Sul, de João Ribeiro de Lemos (2001). A

Morte de Manuel César de Góis Monteiro, médico, militar, diplomata

Filho notável de São Luís do Quitunde

Assim como o pai, Pedro Aureliano Monteiro dos Santos, Manuel César de Góis Monteiro formou-se em Medicina. Mas, pertencendo a uma família que participava da vida política do país, logo se encaminharia nesse campo. Nascido em São Luís do Quitunde em 22 de junho de 1891, estudou no Ginásio Alagoano e, depois de formado em Medicina na Bahia, serviu ao Exército em 1913, durante a Revolta do Contestado.

ANOTE AÍ

1932 – Tornou-se ministro da Viação e Obras Públicas, chefiando a missão da Cruz Vermelha brasileira em socorro às vítimas da seca no Nordeste.

1933 – Inicia carreira política. É um dos fundadores do Partido Nacional de Alagoas, elegendo-se deputado.

1935 – Foi senador pela Assembleia Constituinte de Alagoas e exerceu mandato até a decretação do Estado Novo.

1938 – Entrou para a reserva, iniciando a carreira diplomática como ministro do Brasil na Guatemala e depois em São Salvador, Honduras, Nicarágua, Costa Rica e Panamá.

1950 a 1955 – Foi embaixador em Cuba, se aposentando em 1956.

1963 – Morreu no Rio de Janeiro, em 21 de agosto.

VOCÊ SABIA?

Quando foi relator da Comissão Constitucional, em 1933, que avaliou o anteprojeto proposto pelo governo, solicitou a supressão da emenda sobre a isenção do serviço militar para as mulheres. Não foi atendido. A

Fernandes Lima e as contradições da política

Além da vida política Fernandes Lima foi membro fundador da Academia Alagoana de Letras e do IHGAL

Nascido em Passo de Camaragibe, José Fernandes de Barros Lima nem imaginava que daria nome a uma das principais vias de Maceió. Após estudar no Ginásio Bom Jesus e no Liceu Alagoano, formou-se na Faculdade de Direito do Recife em 1893, onde militou pela abolição da escravidão. Também defendeu ideais republicanos em jornais como o Arrebol, Movimento, Norte de Alagoas e na revista O Norte.

Do publicismo à política foi um passo: elegeu-se deputado estadual e exerceu o mandato de maio de 1894 a dezembro de 1896. Fez oposição ao governo de Euclides Malta quando assumiu a direção do Correio da Manhã, em 1911. No ano seguinte, foi eleito vice-governador na chapa do coronel Clodoaldo da Fonseca.

MARCADO PELO QUEBRA DE XANGÔ

Sua atuação foi associada à truculência e ao racismo da Liga dos Republicanos Combatentes, fundada por ele e

Clodoaldo da Fonseca em dezembro de 1911, que promoveu violenta abordagem aos terreiros de candomblé no dia 1º de fevereiro de 1912 em Maceió, episódio que entrou para a história como a Quebra de Xangô.

Foi uma espécie de resposta paranoica aos boatos de que Euclides Malta era adepto da religião e havia encomendado um "trabalho" para que os candidatos morressem.

Veterano da Guerra de Canudos, Manuel da Paz foi o responsável pela liderança militar da Liga e pela devassa dos terreiros de Alagoas.

Família Fernandes Lima

FOI GOVERNADOR E SENADOR

Eleito governador de Alagoas em 1918 e reeleito para novo mandato de 1921 a 1924, entre as suas realizações constam a interiorização administrativa, com a abertura de 400km de rodovias, inauguração de pontes sobre os rios Paraíba, Mundaú e Camaragibe, e a construção de grupos escolares nas cidades de Capela, Camaragibe e São Luís do Quitunde. Também criou o Gabinete de Identificação e Estatística.

Foi eleito senador ainda em 1924, exercendo o mandato até 1930. Em 1934, foi novamente eleito como deputado federal e permaneceu no cargo até 1937, com o início do Estado Novo. Morreu no dia 16 de maio de 1938, em Maceió.

Avenida da cidade que recebeu seu nome

VOCÊ SABIA?

Era membro-fundador da Academia Alagoana de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas. Escreveu: *Cartas de um Democrata* (1888) e *Tiradentes* (1884).

Com o pseudônimo Camile Desmoulins, escreveu *Efemérides do Município de Camaragibe – Elementos Para Sua História e Crônica*, publicado originalmente no Evolucionista (1903). A

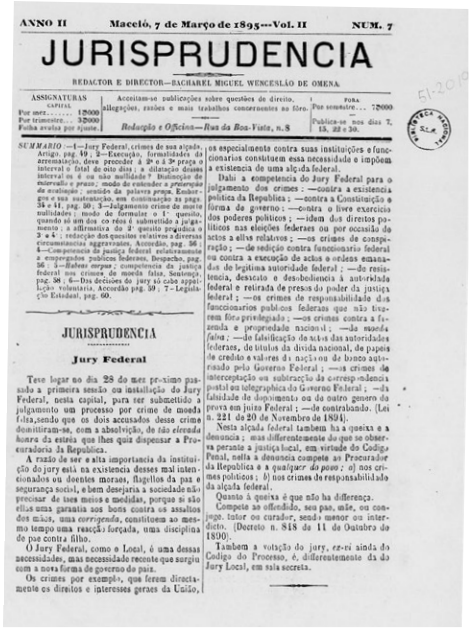
Blog do Etevaldo

Fotografia tirada no ano de seu assassinato

Miguel Omena - A morte que foi um fato

No dia 21 de agosto de 1911, em Ponta Grossa, Paraná, a vida de um advogado e jornalista combativo teve fim. O assassinato de Miguel Omena, nascido em 25 de junho de 1870 em Marechal Deodoro, sensibilizou acadêmicos alagoanos, que lamentaram a brutalidade do assassinato, embora o também membro do Instituto Histórico não vivesse mais em Alagoas.

Omena foi estudante do Colégio São Domingos e formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade de Direito do Recife. Em Maceió, escreveu e dirigiu a revista Jurisprudência (1894), que lhe deu muita visibilidade e admiração entre os jovens.



ANNO II — Maceió, 7 de Março de 1895 — Vol. II — NUM. 7

JURISPRUDENCIA

REDACTOR E DIRECTOR — BACHAREL MIGUEL WENCESLÃO DE OMENA

ASSIGNATURAS — CAPITAL — Por mez ..... 1$000 — Por trimestre ... 3$000 — Folha avulsa por ajuste. — Acceitam-se publicações sobre questões de direito, allegações, razões e mais trabalhos concernentes ao fôro. — FORA — Por semestre ... 7$000 — Publica-se nos dias 7, 15, 22 e 30.

Redacção e Officina — Rua da Boa-Vista, n. 8

SUMMARIO. — 1 — Jury Federal, crimes de sua alçada. Artigo, pag. 49; 2 — Execução, formalidades da arrematação, deve preceder á 2ª e á 3ª praça o interval o fatal de oito dias; a dilação destes interval os é ou não multidade? Distincção de intervallo e praso; modo de entender a prescripção da avaliação; sentido da palavra praça. Esclarece-se a sua sustentação, em continuação ás pags. 34 e 41, pag. 50; 3 — Julgamento crime de morte nullidades; modo de formular o 1º quesito, quando só um dos co-réos é submettido a julgamento; a affirmativa do 2º quesito prejudica o 3º e 4º; redacção dos quesitos relativos a diversas circumstancias aggravantes. Accordão, pag. 56; 4 — Competencia de justiça federal relativamente a empregados publicos federaes. Despacho, pag. 56; 5 — Habeas corpus; competencia da justiça federal nos crimes de moeda falsa. Sentença, pag. 58; 6 — Dos decisões do jury só cabe appellação voluntaria. Accordão pag. 59; 7 — Legislação Estadual, pag. 60.

JURISPRUDENCIA

Jury Federal

Teve logar no dia 28 do mez proximo passado a primeira sessão da installação do Jury Federal, nesta capital, para ser submettido a julgamento um processo por crime de moeda falsa, sendo que os dois accusados desse crime dominitiram-se, com a absolvição, de tão elevada honra da estada que lhes quiz dispensar a Procuradoria da Republica.

A razão de ser e alta importancia da instituição do jury está na existencia desses mal intencionados ou doentes moraes, flagellos da paz e segurança social, e bem desejaria a sociedade não precisar de taes meios e medidas, porque si são ellas uma garantia aos bons contra os assaltos dos máos, uma *corrigenda*, constituem ao mesmo tempo uma reacção forçada, uma disciplina de pae contra filho.

O Jury Federal, como o Local, é uma dessas necessidades, mas necessidade recente que surgiu com a nova forma de governo do paiz.

Os crimes por exemplo, que forem directamente os direitos e interesses geraes da União, os especialmente contra suas instituições e funccionarios constituem essa necessidade e impõem a existencia de uma alçada federal.

Dahi a competencia do Jury Federal para o julgamento dos crimes: — contra a existencia politica da Republica; — contra a Constituição e fórma de governo; — contra o livre exercicio dos poderes politicos; — idem dos direitos politicos nas eleições federaes ou por occasião de actos a ella relativos; — os crimes de conspiração; — de sedição contra funccionario federal ou contra a execução de actos e ordens emanadas da legitima autoridade federal; — de resistencia, desacato e desobediencia á autoridade federal e retirada de presos do poder da justiça federal; — os crimes de responsabilidade dos funccionarios publicos federaes que não tiverem fôro privilegiado; — os crimes contra a fazenda e propriedade nacional; — da moeda falsa; — da falsificação de actos das autoridades federaes, de titulos da divida nacional, de papeis de credito e valores da nação ou de banco autorisado pelo Governo Federal; — os crimes de interceptação ou subtracção de correspondencia postal ou telegraphica do Governo Federal; — da falsidade de depoimento ou de outro genero de prova em juizo Federal; — de contrabando. (Lei n. 221 de 20 de Novembro de 1894).

Nesta alçada federal tambem ha a queixa e a denuncia; mas differentemente do que se observa perante a justiça local, em virtude do Codigo Penal, nella a denuncia compete ao Procurador da Republica e a *qualquer do povo*; a) nos crimes publicos; b) nos crimes de responsabilidade da alçada federal.

Quanto á queixa é que não ha differença.

Compete ao offendido, seu pae, mãe, ou conjuge, tutor ou curador, sendo menor ou interdicto. (Decreto n. 848 de 11 de Outubro de 1890).

Tambem a votação do jury, ex-vi ainda do Codigo do Processo, é, differentemente da do Jury Local, em sala secreta.

Periódico que dirigia e escrevia

A mudança do advogado para o Paraná está associada a um conflito que pode ter sido motivado por questões políticas, já que se opunha à hegemonia do governador Euclides Malta. No dia 1º de maio de 1906, Omena e mais 10 amigos passavam na Rua do Comércio e cruzaram com o comandante do Batalhão de Polícia, tenente-coronel Salustiano Sarmento, que deu ordem a alguns soldados para que o grupo fosse desarmado. Houve troca de tiros, e alguns atribuíram um tiro na boca de Sarmento a Omena, embora o atingido tenha negado a responsabilidade do advogado.

Antes mesmo que as versões fossem elucidadas, Omena embarcou logo com nomes falsos com destino ao porto de Paranaguá, sendo abordado assim que chegou, mas ficou constatado que não havia ordem de prisão contra o advogado.

SAIBA MAIS

A edição do Jornal de Alagoas de 5 de junho de 1955 reconstitui os fatos que levaram à saída e à morte de Miguel Omena.

RUA

Na Levada, Miguel Omena dá nome à antiga rua do Sopapo. A

Carlos Paurílio: um poeta com dois pés acima do mundo

Uma infância compartilhada com o imaginário do cinema (seu pai, Hipólito Paurílio da Silva, era músico proprietário do Cine Floriano, entre outras salas de exibição) pode ter determinado os caminhos do poeta Carlos Paurílio. A fantasia, o sonho, a imaginação seriam mesmo uma forma de ver o mundo.

Nascido Carlos Malheiros da Silva, estudou em Maceió em colégios como o 11 de Janeiro, Agnelo Barbosa e no Liceu Alagoano. Não tardou que seu talento literário se expressasse, publicando poesias em veículos como Mundus, O Nordeste e Novidade, que foi dirigida por Alberto Passos Guimarães e Valdemar Cavalcante. Este, a propósito, certa vez lembrou do amigo: "Parece que estou a vê-lo, miúdo, os olhos de chinês, a testa larga. E moreno, bem moreno".

O poeta de sonhos acordados

Na verdade, Paurílio teve uma presença destacada no Grêmio Literário Guimarães Passos, fundado em 1927, e na cena literária, tendo notoriedade em âmbito nacional. Deu um passo nesse sentido quando mudou-se para São Paulo e também tentou fixar-se no Rio de Janeiro, em 1928, mas voltaria para Maceió no mesmo ano. Foi revisor da Imprensa Oficial. Morreu no dia 30 de dezembro de 1941.

BOEMIA

O poeta costumava frequentar o Bar Único, que ficava no Centro, na Ladeira do Brito. Para justificar a assiduidade, e a necessidade de sonhar acordado, afirmou: "Escrevo quase bêbado. É a única maneira que encontro para me colocar dois pés acima do mundo". A

SAIBA MAIS

Site História de Alagoas.

DIA 22

A sabedoria do povo: um dia internacional para as tradições populares

No mês de agosto, a cultura popular ganha destaque com uma série de eventos espalhados por toda parte, festejando o dia 22, quando se comemora o Dia Internacional do Folclore.

Alagoas é um dos estados brasileiros que detêm maior acervo material e imaterial dessa cultura, através da arte, do artesanato, dos folguedos e de tantas outras manifestações do universo folk. Por isso, a data é comemorada com entusiasmo nos municípios e na capital, com uma série de eventos em museus, galerias e nas praças públicas, apresentando o que há de melhor em matéria de tradição popular.

Site terrabrasileira.com.br

Toré dos Índios em Palmeira dos Índios

MOTIVOS NÃO FALTAM

A partir dos anos 1930, o folclore passou a ser visto em Alagoas como fonte de informação para o estudo da sociedade e sua importância como agente de dados complementares da pesquisa histórica.

Nessa época, havia uma efervescência cultural nos festejos interioranos, com franca participação popular, principalmente na Zona da Mata, onde as casas-grandes das propriedades canavieiras serviam de palco para as apresentações de folguedos, de desafios de viola, de rodas de coco e outras atrações de conteúdo popular. A vida rural apresentava a prática do artesanato na feitura de peças para uso doméstico e para a atividade agrícola e criação de gado.

DEBATE NACIONAL

Jovens das casas-grandes, estudando nas capitais, começaram a entender essas manifestações como fonte de conteúdo social. Participavam de um debate nacional sobre questões sociológicas que tiveram reflexo sobre a importância que o folclore passou a ter. Os registros desses jovens possibilitaram não apenas o entendimento acadêmico das manifestações, mas que não se perdesse com o tempo a formação original dos

grupos folclóricos, das técnicas artesanais, dos sabores e saberes do cotidiano rural onde foram criados.

Desses jovens, estão em linha de frente Manuel Diégues Júnior, Abelardo Duarte, Théo Brandão, José Maria de Melo, José Pimentel do Amorim, José Aloísio Vilela e Pedro Teixeira de Vasconcelos (o mais novo deles), que registraram em livros essas práticas de suas vivências no campo.

Ricardo Lêdo

Mané do Rosário na vila do Poxim, em Coruripe

Ricardo Gomes

Filé Alagoano aplicado em esculturas de madeira

VOCÊ SABIA?

1846 – O termo folk-lore apareceu pela primeira vez em um artigo escrito pelo arqueólogo William John Thoms, na revista inglesa The Athanaeum, para designar a caracterização da cultura tradicional dos povos. Etmologia da palavra: folk = povo, e lore = conhecimento, sabedoria.

1878 – O dia 22 de agosto passou a ser consagrado internacionalmente ao folk-lore.

1930 – No Brasil, o vocábulo logo foi aceito, passando a ser escrito da seguinte forma: folclore.

1951 – Na Carta do Folclore Brasileiro, aprovada no 1º Congresso de Folclore Brasileiro do Rio de Janeiro, o folclore passou a ser considerado parte integrante da ciência antropológica.

VAMOS DEFINIR O FOLCLORE

"Folclore é a identidade social, é toda a produção cultural que emana do povo, sejam manifestações coletivas ou individuais, e tem vital importância na construção e no fortalecimento do patriotismo.

O conhecimento folclórico costuma ser tão antigo quanto o é o povo a que pertence, mas está em constante transformação, por conta do contato com outras culturas e pela contribuição de cada geração" (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – Unesco).

"Folclore é a cultura do popular tornada normativa pela tradição. Compreende técnicas e processos utilitários, além de sua funcionalidade" (Câmara Cascudo).

"Folclore é parte da antropologia cultural que estuda aqueles aspectos da cultura de qualquer povo que dizem respeito à literatura tradicional: mitos, contos, fábulas, adivinhações, música e poesia, provérbios, saberes tradicionais e anônimos" (Arthur Ramos). A

DIA 23

Esse coqueiro que é seco

Acervo IBGE

Igreja da Matriz Nossa Senhora da Mãe dos Homens

Curiosamente, entre tantos coqueiros, havia um com folhas queimadas sob o qual mercadores e viajantes faziam negócios. Teria se originado daí o nome do município, que, algum tempo depois, foi alterado por religiosos franciscanos para Monte Santo. Não adiantou: os nativos continuaram chamando o lugar situado às margens da lagoa Mundaú de Coqueiro Seco.

A localidade foi distrito de Rio Largo, depois de Satuba, quando foi emancipada politicamente em 23 de agosto de 1962.

PADROEIRA MÃE DOS HOMENS

Se as origens do nome da cidade são controversas, sobre documentos não há dúvidas, nem sobre a importância da imponente igreja da padroeira Nossa Senhora Mãe dos Homens para o município. A construção foi uma realização do padre Bernardo José Cabral, iniciada em 1790, que permaneceu como um monumento de extrema qualidade arquitetônica e artística.

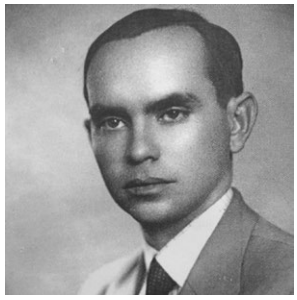
NO ALTO DA COLINA, A IGREJA

A igreja foi construída para dar suporte à freguesia de Santa Luzia no atendimento ao número crescente de fiéis. Erguida no alto de uma colina, conseguiu manter suas linhas originais tanto na arquitetura como nos bens integrados do interior.

O conjunto de imagens sacras é descrito pela museóloga Cármen Lúcia Dantas, no livro *Alagoas Memorável – Patrimônio Arquitetônico*, como um dos melhores do Estado:

"Na capela-mor, em lugar de destaque, a imagem de Jesus Cristo preso na cruz mostra o coração em chagas, simbólica interpretação que enobrece a escultura. Ainda no centro do retábulo, permanece a imagem de Nossa Senhora Mãe dos Homens acalentando o Menino Jesus no colo e abençoando a humanidade com gesticulação delicada e firme, própria do apogeu barroco. O manto que a envolve traz a estamparia em rosas com pintura de primorosa execução. Completam o conjunto, ladeando o altar-mor, imagens de São Bernardo e Santo Antônio de Pádua". A

José Lages Filho — o primeiro médico legista de Alagoas



Lages foi o médico responsável por fazer a necrópsia nas cabeças de Lampião, Maria Bonita e outros integrantes do bando

Médico, professor e historiador, José Lages Filho nasceu no dia 5 de novembro de 1910 e faleceu no dia 23 de agosto de 1997. Estudou Medicina na Bahia, formando-se em 1931. Em Maceió, trabalhou no Instituto de Proteção à Infância de Maceió e foi aprovado em 1946 como professor de Medicina Legal da Faculdade de Direito de Alagoas, onde trabalhou até 1967.

AS CABEÇAS DO CANGAÇO

Um episódio marcante da biografia do médico está relacionado ao cangaço. Foi ele, como médico-legista da polícia, o responsável por fazer a necropsia nas cabeças de Lampião, Maria Bonita e de outros integrantes do bando, assassinados em

28 de julho de 1938, cujas cabeças chegaram ao necrotério da Santa Casa de Misericórdia de Maceió no dia 31 de julho.

VOCÊ SABIA?

José Lages participou da articulação, em maio de 1950, ao lado de nomes como Abelardo Duarte, Ib Gatto Falcão e Helvio Auto, da fundação da primeira Faculdade de Medicina de Alagoas, cabendo-lhe a cadeira de Medicina Legal e Deontologia.

Ele presidiu o Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas de 1970 a 1983, sendo o décimo presidente da instituição.

Professor Ezechias da Rocha, o jornalista Melchiades da Rocha e o Dr. Lages Filho.

GESTÃO RECONHECIDA

Foi um dos mais atuantes presidentes do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas. Em sua gestão, ampliou o espaço físico do prédio em cerca de 300 metros quadrados, com 12 novas salas e um jardim interno, com projeto de Pierre Chalita. Promoveu o estudo e a classificação das peças do museu, começando pela Coleção Perseverança (peças afro-religiosas) e em seguida a Coleção Jonas Montenegro (peças indígenas). Também foi responsável pela aproximação de jovens à instituição, realizando eventos de música clássica e popular e exposições de artes visuais. A

Edição comemorativa aos 100 anos de nascimento do médico

ALGUMAS OBRAS

- *Reações Biológicas em Medicina Legal* (1931)
- *A Medicina Popular em Alagoas* (1934)
- *Tatuagens e Tatuados da Penitenciária de Alagoas* (1939)

SAIBA MAIS

José Lages Filho – A sugestão das faces, de Marcos Vasconcelos Filho (2014).

DIA 24

Folhetim. A esposa Martyr

Jornal das Alagoas. 24 de agosto de 1877

#MEMÓRIADAIMPRENSA

Enrique Perez Escrich

A esposa Martyr

Livro oitavo – Capítulo XII

— Não posso dizer-lh` o, no entretanto marques v.s. o lugar onde poderei ir informá-lo do corrido.

Ângelo Vacillon

— Bôa vae ella! murmurou o cirurgião, comprehendendo a hesitação do marítimo. Não tenha receio. Sou homem exacto nos meus negócios. Se Coderlete hesitar falarei ao Coelho, ou ao Arcebispo, porque todos eles têm conhecimento do fato.

Angelo, que tomára uma resolução desse:

— Onde nos encontraremos?

— A`s nove da noite esperal-o-hei n' este mesmo sítio.

— Não faltarei.

Ângelo retirou-se. Pouco depois encontrou a Costrilla.

— Arranjou-se o negócio?

— Arranjou; mas fui um grande tolo.

— Tolo, tu?

— Que queres! O cavalheiro que d`aqui sahio é homem rico, e eu pedi-lhe uma miséria...

— Quanto?

— 3000 mil duros.

JORNAL DAS ALAGOAS

Propriedade de Tertuliano T. de Menezes e Silva

FOLHETIM

A ESPOSA MARTYR

LIVRO OITAVO

CAPITULO XII

Variedade

Rasbalados

A PEDIDO

Curso nocturno secundario

DIA 25

Curso Nocturno secundário

Piranhas, 25 de agosto de 1881

#MEMÓRIADAIMPRENSA

Em Piranhas de Baixo, na casa contigua ao estabelecimento da typographia de Locomotiva, abrir-se-ha podia 1 de setembro vindouro um curso nocturno de franze, inglês, latim, geografia e arithmética até proporções inclusivamente. A

DIA 26

Gustavo Leite, um filho do teatro que amou todas as artes

Gustavo Leite foi cenógrafo, iluminador de palco e produtor cultural, nascido em 27 de janeiro de 1963 em Maceió e filho do teatrólogo Bráulio Leite Júnior e da atriz Edna Pontes Leite. Pela linhagem artística, Gustavo praticamente nasceu e viveu no Teatro Deodoro. Os laços profissionais e artísticos de seus pais com essa casa de espetáculos sempre foram muito fortes.

Em 2005, foi homenageado pelo governador Ronaldo Lessa, que deu seu nome ao Teatro do Centro de Convenções de Maceió.

Trajetória marcante no teatro alagoano

A ALMA NA CULTURA

Dirigiu a Fundação Teatro Deodoro de 1983 a 1985 e o Museu da Imagem e do Som em 1986, e foi diretor artístico da Fundação Teotônio Vilela de 1986 a 1988. Coordenou o Projeto de Interiorização do Teatro de 1981 a 1984 e os 11º e 12º Festivais de Verão de Marechal Deodoro, nos anos de 1985 e 1986.

CRIATIVIDADE NA VEIA

Seu dinamismo o levou a promover pelo país exposições das rendas do município de São Sebastião nos anos de 1991 a 1993, com o apoio da Prefeitura Municipal. Em Maceió, foi responsável pela mostra Velas Artes dos anos de 1993 a 1995, através do Sebrae. A

Teatro Gustavo Leite em homenagem ao cenógrafo

VOCÊ SABIA?

- Por 20 anos Gustavo Leite trabalhou na cenografia e no figurino do Ballet Iris de Alagoas.
- Em 2000 realizou o projeto Vila Cenográfica Quilombo dos Palmares.
- Foi assassinado no dia 26 de agosto de 2002.

DIA 27

A viagem heróica dos jangadeiros alagoanos

No dia 7 de outubro de 1922, o jornal O Malho publicou uma foto que, provavelmente, só não espantou mais quem conseguiu ver a cena ao vivo e contar à cidade: no dia 27 de agosto, a bordo de uma jangada formada por seis troncos, os pescadores Umbelino José dos Santos, Joaquim Faustilino de Sant'Ana, Eugênio Antônio de Oliveira e Pedro Ganhado da Silva (36), encararam o desafio de comemorar o Centenário da Independência do Brasil indo ao Rio de Janeiro naquela embarcação.

O Malho

Jangada Independência saindo do Jaraguá

Os viajantes conseguiram chegar em paz até Salvador. Com a mudança do tempo, perderam controle da embarcação em Camamu (BA), mas contaram com apoio do governador José Joaquim Seabra e conseguiram seguir

viagem. A jangada Independência e os pescadores chegaram a Macaé (RJ) no dia 12 de novembro, e após seguirem por Cabo Frio, Saquarema e Itaipu, chegaram, enfim, ao Rio de Janeiro, no dia 2 de dezembro de 1922, sendo recebidos pelo presidente Arthur Bernardes.

De volta a Maceió, foram festejados e receberam honrarias no porto de Jaraguá. A Rua Jangadeiros Alagoanos, na Ponta da Terra, e a Escola de Samba Jangadeiros Alagoanos permanecem como homenagens à grande aventura. A

SAIBA MAIS

Site História de Alagoas: A Épica Viagem dos Jangadeiros Alagoanos ao Rio de Janeiro.

Fotos: O Malho

O quarteto batizado de Jangadeiros Alagoanos

DIA 28

Gilberto de Macedo - o prazer do conhecimento

Gilberto de Macedo nasceu em Penedo em 28 de agosto de 1923. Estudou no Colégio Tobias Barreto, em Sergipe, no Liceu Alagoano e no Ginásio Pernambucano, em Recife, onde se formou em Medicina. Especializou-se em Psiquiatria e Neurologia no Rio de Janeiro.

VOCÊ SABIA?

Professor da Ufal, foi titular de Psicologia Aplicada na Faculdade de Filosofia e Letras da Ufal e da Escola de Serviço Social Padre Anchieta.

No campo da cultura, é autor de vasta produção científica e literária, foi membro da Academia Nacional de Medicina, do Seminário de Tropicologia da Fundação Joaquim Nabuco, da Academia Alagoana de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas.

Escreveu crônicas na Gazeta de Alagoas.

Gilberto Macedo faleceu no dia 4 de novembro de 2008. A

LEIA

- *Aculturação e Doença*
- *Psiquiatria, Medicina e Cultura*
- *Medicina Psicossomática e Medicina Sócio-Cultural*
  Atualidade de Arthur Ramos
  Política da Palavra
  Vida e Obra de Aurélio Buarque de Holanda

Obra do autor: diálogo pedagógico sobre a universidade

Abordagem da formação brasileira no período colonial

Lagoa da Canoa e de gente talentosa

O município do Agreste alagoano onde havia apenas uma lagoa como referência hoje tem uma população estimada de 18.175 pessoas. Tornou-se município no dia 28 de agosto de 1962, quando foi emancipado de Arapiraca. A localização entre Traipu e Girau do Ponciano favoreceu o desenvolvimento do antigo distrito, bem como a produção das plantações de café. Os dias mais festejados na cidade são os da emancipação política e a festa da padroeira, Nossa Senhora da Conceição, no dia 8 de dezembro.

Acervo IBGE

Igreja de Nossa Senhora da Conceição

HERMETISMOS PASCOAIS

O compositor e multi-instrumentista Hermeto Pascoal é o filho mais ilustre da cidade, nascido em 22 de junho de 1936, e um dos maiores nomes da música mundial. Ele mesmo já disse que, quando era pequeno, ficava muito tempo na lagoa tocando, inspirado pelo som das águas. Não à toa, tem um disco com o nome Lagoa da Canoa – Município de Arapiraca, lançado em 1984 pela gravadora Som da Gente.

Celebrado por grandes músicos como Miles Davis (que um dia disse que se reencarnasse queria voltar como "aquele albino maluco do Hermeto"), o alagoano participa dos mais importantes festivais de jazz e música instrumental do planeta. Em 2009, liberou toda sua discografia para download gratuito. Em maio de 2017, aos 81 anos, recebeu o título de Doutor Honoris Causa do New England Conservatory, de Boston (EUA).

TEM GUERREIRO NA LAGOA

A cultura popular também mostra sua vitalidade em Lagoa da Canoa, com grupos como o Guerreiro Barreira Pesada, coordenado por mestra Iraci (afilhada da lendária Joana Gajuru), e o Guerreiro Treme Terra Mundial, do mestre José Laurentino.

ESCULTURA

Nas artes visuais, as obras do escultor Raimundo Batista de Oliveira merecem destaque. Nascido na comunidade do Alto do Cruzeiro, chegou a morar em São Paulo, onde vendia suas peças em frente ao Museu do Ipiranga. De volta a Arapiraca, foi incentivado pelo também escultor Zezito Guedes. A marca registrada do artista são esculturas de favelas em madeira. A

ASSISTA AQUI AO BRUXO HERMETO

https://www.youtube.com/watch?v=bFTJ9-xdudM

DIA 29

João Vieira Damasceno Ribeiro — O rouxinol do sertão

Sua poesia era melódica

Poeta conhecido como O Rouxinol do Sertão, João Vieira Damasceno Ribeiro nasceu em Pão de Açúcar no dia 29 de agosto de 1861. Estudou Humanidades no Rio de Janeiro e também foi Promotor Público.

No dia 20 de dezembro de 1881, na Imperial Academia de Belas Artes, recebeu o prêmio da Medalha de Prata em Desenho Figurado.

Proprietário da Fazenda Pau Ferro, foi precursor de técnicas de irrigação no município de Pão de Açúcar e faleceu em 26 de julho de 1935. É patrono da Academia de Letras de Pão de Açúcar, fundada em 18 de novembro de 2017.

POEMA

Bem pudera eu me ter ido
Quando ainda era inocente,
E não ter assim vivido
Tão contínua e cruelmente
Da desdita perseguido.

Esta vida, em vez de encantos,
Só dissabores contém,
Pois com golpes tantos, tantos,
A mim me ferido tem,
Que me cerca um mar de prantos.

Pobre de mim a quem, triste,
Secreto mal vai minando.
Um resto que ainda persiste
De vida que está minguando,
Que só de mágoas consiste.

Aonde irei eu dar assim?
Por onde parar, quem sabe?
Se os meus males não têm fim?
Pois bem sei que só me cabe
O que os outros deixam prá mim!

Em cada dia, um tormento,
Que mais me parece a morte...
Só um dia um mal não lamento,
São vaivéns da triste sorte
Que hão de vir e vão com o vento.

FONTE

Pão de Açúcar, Cem Anos de Poesia, coletânea de poemas de pão-de-açucarenses organizada por Etevaldo Amorim, 1999. A

DIA 30

A escola de Satuba

Com a desapropriação do terreno da Usina Wanderley, em Satuba, beneficiando a Sociedade de Agricultura Alagoana, foi instituída a Escola Prática de Agricultura em 1905, por decreto do governador Paulo Vieira Malta. A ideia era capacitar trabalhadores para atuar no campo, na administração de propriedades e como pedreiros, carpinteiros, sapateiros e ferreiros.

A instituição era dirigida pelo agrônomo Miguel Guedes Nogueira, e no dia 30 de agosto de 1911, tornou-se um órgão federal. O Estado de Alagoas volta a administrar a escola em março de 1927, quando João Castelo Branco passou a ser o diretor. Com a implantação da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, em 2008, o Centro Federal de Educação Tecnológica de Alagoas (Cefet) e a Escola Agrotécnica Federal de Satuba originaram o Instituto Federal de Alagoas (Ifal). A

SAIBA MAIS

Site História de Alagoas: www.historiadealagoas.com.br.
Terra das Alagoas, de Adalberto Marroquim.
Contribuição à História do Açúcar em Alagoas, de Moacir Medeiros de Sant'Ana.

A escola em 1921

Campo experimental do Aprendizado Agrícola

Galpão da escola em 1921

Os alunos em formação

DIA 31

Pesquisa e sensibilidade unidas na obra de Craveiro Costa

Autor do clássico Instrução Pública e Instituições Culturais de Alagoas (1931), em que sintetiza a educação alagoana dos tempos da Colônia até a década de 1930, o educador e jornalista João Craveiro Costa foi um intelectual nascido em Maceió, em 22 de janeiro de 1874, que estudou no Liceu Alagoano e no Colégio Bom Jesus.

Grande defensor da escola pública e da renovação escolar

SOBREVIVÊNCIA E ESCOLA PÚBLICA

Seu pai morreu quando ele tinha apenas 10 anos e logo teve que trabalhar, primeiro como servente, no comércio. Isso talvez explique seu empenho em defesa da escola pública e da renovação escolar.

Entre a sobrevivência (trabalhou no comércio até os 26 anos) e a responsabilidade social, atuou como jornalista no jornal O Gutenberg, mas por causa da violência política de então, em 1903 foi morar em São Paulo, depois no Rio de Janeiro, e teve uma breve passagem em Manaus como jornalista. De volta a Alagoas, colaborou no jornal Correio de Alagoas.

SAIU NA FRENTE

Nos anos 1920, passou a embasar seus artigos sobre economia e desenvolvimento social com dados numéricos. Foi correspondente em Alagoas da Diretoria Geral de Informações, Estatísticas e Divulgação do Ministério da Educação e Saúde Pública.

ANOTE AÍ!

1906 – Chega ao Acre, onde trabalhou no jornal O Cruzeiro do Sul e foi responsável pela criação dos primeiros grupos escolares do Alto Juruá, quando foi inspetor

escolar. Exerceu vários cargos ligados à educação, de diretor de grupo escolar a inspetor de Instrução Pública.

1922 – Volta a Maceió, na gestão de Fernandes de Lima, quando trabalhou como administrador e contador da Recebedoria de Rendas e dirigiu o Grupo Escolar Diégues Júnior até 1927.

1928 – Assume a Contadoria Geral do Estado e organiza a Direção de Produção e Trabalho, desenvolvendo um trabalho pioneiro de estatística na área social.

1934 – Morre no dia 31 de agosto.

SAIBA MAIS

Craveiro Costa. Biografia de Paulo Castro Silveira (1983)

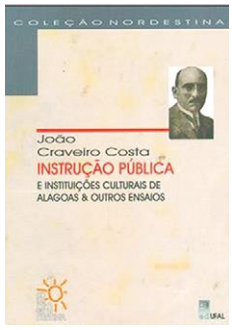
PRINCIPAIS OBRAS

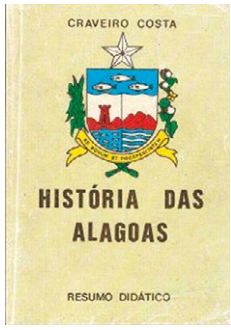
- *Indicador Geral do Estado de Alagoas*, com Torquato Cabral (1902).
- *História das Alagoas* (1928).
- *O Fim da Epopeia (Notas Para a História do Acre)* (1925).
- *Instrução Pública e Instituições Culturais de Alagoas* (1931).
- *O Visconde de Sinimbu (Sua Vida e Sua Atuação na Política Nacional 1840-1889)* (1939).

LEIA

O Visconde de Sinimbu (Sua Vida e Sua Atuação na Política Nacional 1840-1889) e *A Conquista do Deserto Ocidental (Subsídios Para a História do Território do Acre)* estão disponíveis no site da Brasiliana Eletrônica (www.brasiliana.com.br). São, respectivamente, os volumes 79 e 191 da coleção. A

Primeira monografia escrita sobre a educação escolar em Alagoas





Realidade política, social e econômica da história de Alagoas

Partitura do hino do estado

Benedito do piston e de Alagoas

Talento é algo que ainda na infância já se tem pistas. Mas quando há estímulo ainda cedo, a evolução é quase certa. Foi assim com Benedito Raimundo Silva, nascido no dia 31 de agosto de 1959, que começou a tocar antes mesmo de se alfabetizar, influenciado pelo pai, que era músico. Aos 11 já chamava a atenção e logo estaria compondo marchas, polcas, dobrados, mazurcas, maxixes e valsas. É dele, a propósito, a música do Hino de Alagoas, com letra de Luiz Mesquita, de 1894. Morreu em 14 de maio de 1921, em Maceió.

EXPERIÊNCIA

O talento foi aprofundado em muitas experiências musicais, entre elas, a banda Dos Artistas, da Sociedade Recreio Filarmônico Artístico; a banda da Escola de Aprendizes Marinheiros; do Montepio dos Artistas Alagoanos; da Filarmônica Eufrosina; da 5ª Companhia de Caçadores; da Euterpe Miguelense e do Tiro Alagoano.

Capa da Partitura do hino de Alagoas

ALGUMAS MÚSICAS

Ao Encontrar Ela!, As Proezas do Ataíde, José e Ritinha Brincando, Lili, Meus Amores, Mimosa, O Brasil Livre, O Malho, Os Boêmios, Maceió, Sempre Te Amei, Sinhá Lins, Sofro Por Ela, Valsa da Vassourinha, entre outras.

MILITAR

Em 1853, a polícia provincial já contava com uma banda. Mas apenas a partir de 1870, dirigida pelo maestro Pedro Adolfo Diniz, foi consolidada. Nos biênios 1903-1904 e 1909-1911, foi regida pelo maestro Benedito Piston. Em 2012, tornou-se Patrimônio Histórico, Cultural, Artístico e Imaterial de Alagoas. A

OUÇA

YouTube: Hino do Estado de Alagoas.

https://www.youtube.com/watch?v=C3P0ZMvbANU

FONTES

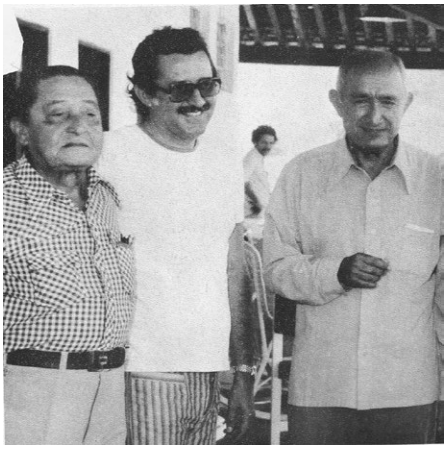
- *ABC das Alagoas.*
- *Pequena História da Polícia Militar de Alagoas,* de Félix Lima Júnior (1990).

Setembro

DIA 1º

O cantador de livros da Viçosa e a cultura popular de José Aloísio Brandão Vilela

José Aloísio nasceu em Viçosa em 1º de setembro de 1903. Filho de senhor de engenho, desde cedo revelou aptidões literárias. Em 1924, realizou as primeiras publicações nos jornais da cidade, era o começo de uma vasta produção, entre poemas e prosas, usando vários pseudônimos, costume comum nas primeiras décadas do século 20.



José Aloísio Vilela. Devis Melo e José Maria de Melo

Juntamente com Théo Brandão, José Maria de Melo e José Pimentel do Amorim, fez parte da conhecida Escola de Folcloristas da Viçosa, denominação dada pelo antropólogo Manuel Diégues Júnior, amigo de todos eles.

Intelectual despretensioso e com senso de humor discreto, à maneira do caboclo, vivia rodeado de livros e de objetos da cultura popular. Avesso ao academicismo, destacou-se pela fluência dos textos dotados de uma oralidade singular que o aproximava do homem folk e humanizava a informação.

Profundo conhecedor das manifestações folclóricas da Viçosa e de Alagoas, era conhecido por compartilhar informações sempre apuradas com critério. Certa vez, indagado sobre o por quê de não escrever livros, respondeu com humor:

José Aloísio Vilela, Beatriz Dantas, Théo Brandão, Solange Chalita, Abílio Dantas, Cármen Lúcia Dantas, Valéria Calheiros e Sávio Almeida

"Autor de livro é como cantador: só presta bom".

José Aloísio escreveu pouco em relação ao muito que sabia. O folclorista confiava na memória, numa época em que não existia gravador. Boa parte de suas pesquisas continua inédita.

Faleceu em 3 de setembro de 1976, num acidente de automóvel, no trevo de Arapiraca. Iria participar de um festival de folclore em Lagarto (SE).

ACERVO

Coleção de folhetos de cordel doada pela família ao Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore.

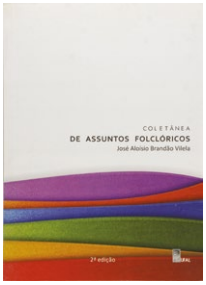
José Aloísio Vilela, Câmara Cascudo e Bráulio Nascimento

OBRAS

- Coco de Alagoas (1961).
- O Folclore de Alagoas (1974).
- Coletânea de Assuntos Folclóricos (1982).
- Romanceiro Alagoano (1983).
- Inúmeros artigos sobre cultura popular em jornais e revistas.

OS PSEUDÔNIMOS

Osório de Olivares – quando o assunto era folclore.
Franco Lino – nas críticas aos poetas modernos.
Vicente Viriato – quando publicava poemas modernos.



PUBLICOU EM JORNAIS

- Lanceta – Viçosa (1924)
- Gazeta da Viçosa (1928)
- Jornal da Viçosa (1929)

"Não sei por que o Aloísio insiste na sua teimosia de não publicar um livro. Ele não atende às solicitações que lhe são feitas para colaborar nos jornais, não atende ao pedido de Veríssimo de Melo, que em toda carta lhe escreve em letras de manchete: 'Lembre-se do livro que você deve ao Nordeste'" (Câmara Cascudo). A

LEIA MAIS SOBRE ELE EM

- Revista Venha Ver – José Aloísio Vilela – E assim se passaram 100 anos...
- *Álbum do Centenário – Município de Viçosa* – 13/10/1831 e 13/10/1931.
- *ABC das Alagoas* – Francisco Reinaldo Amorim de Barros.

Aqualtune – A princesa guerreira avó de Zumbi

A história da escravidão no Brasil é marcada pela violência do colonialismo, mas também pela resistência e dignidade dos que foram arrancados da África e escravizados. Inclusive membros da nobreza de territórios africanos. Foi o que aconteceu com a filha do rei do Congo, Aqualtune, que foi capturada numa batalha em que liderou um exército de 10 mil homens.

Ela chegou ao Brasil por volta de 1600, quando foi vendida para um proprietário de escravos da região de Porto Calvo como 'reprodutora'. As condições sub-humanas a que estava sujeita levou-a a organizar uma fuga para a região do Quilombo dos Palmares.

Reconhecida como princesa, governou o Mocambo de Aqualtune. De acordo com a pesquisadora Semira Adler Vainsencher, da Fundação Joaquim Nabuco, "Aqualtune teve várias filhas e filhos, entre os quais, Gana Zona e Ganga Zumba. Em 1655, Sabina, uma de suas filhas, deu à luz Zumbi – o futuro herói da resistência de Palmares". Morreu em luta com a expedição vinda de São Paulo que devastou sua aldeia, em setembro de 1677. A

DIA 2

Frei João de Sant'ângela e a primeira obra lírica de Alagoas

Marechal Deodoro: Igreja e Ordem Terceira de São Francisco

Frei Sant'Ângela – autor da primeira obra lírica da literatura alagoana, editada em Lisboa, em 1754 – nasceu na antiga Alagoas, em data incerta entre os anos de 1708 e 1709. Sabe-se que foi assassinado em 2 de setembro de 1756.

Ingressou cedo no Seminário de Olinda da Ordem Franciscana, firmando os votos no Convento de Iguaçu, em 1725. Intelectual e grande orador sacro, foi latinista, teólogo, poeta, prosador, tendo escrito com fluência em português e em latim.

Em uma época em que a literatura feita aqui era puramente de

cunho religioso, Sant'Ângela enveredou pela obra lírica; foi pioneiro. Dentre suas obras estão Grata Nuncupatia (1754) e Gemidos Seráficos (1755), ambas publicadas em Lisboa.

Fonte: ABC das Alagoas.

DIA 3

Memórias em som e imagem contadas pelo acervo do MISA

Idealizado pelo teatrólogo Bráulio Leite Júnior, então diretor da Fundação Teatro Deodoro, o Museu da Imagem e do Som saiu do papel em 3 de setembro de 1981. A proposta era garantir um espaço museológico para a preservação dos sons e das imagens produzidos no Estado.

Museu da Imegm e do Som

Até ocupar, em 1987, durante o governo de José Tavares, o prédio histórico na Avenida Sá e Albuquerque, nº 275, em Jaraguá, o acervo do Misa foi instalado provisoriamente no salão nobre do Teatro Deodoro. Desde então, o espaço reúne um rico acervo representativo da história local discriminado por três setores: memória, pesquisa e produção.

PRÉDIO HISTÓRICO

A construção de 1869 foi projetada pelo engenheiro Carlos Mornay. Com características arquitetônicas ecléticas, o prédio abrigou o Consulado Provincial até 1870, depois foi ocupado por repartições públicas ligadas à arrecadação de impostos e a comissariados de polícia.

O Decreto nº 6060, de tombamento do prédio do Misa, foi assinado pelo governador Divaldo Suruagy, em 19 de novembro de 1984. Beneficiado pelo Projeto de Revitalização de Jaraguá, foi restaurado em 1999.

ALGUMAS COLEÇÕES

PRÓPRIAS
30 mil fotografias, 8 mil delas digitalizadas.

DOADAS POR EDÉCIO LOPES
6 mil discos de vinil, 2 mil deles em 33 e 78 rpm.

IZP
4 mil discos de vinil (acervos da Rádio Difusora, FM Educativa e TV Educativa). Equipamentos radiofônicos (gravadores, microfones, mesa de som e rádios).

MEMORIAL FREITAS NETO
Documentos, pertences pessoais, fotografias, equipamentos eletrônicos.

Outros doadores: Valmir Calheiros, Geraldo de Majella, Douglas Apratto Tenório. A

A vida breve de Aristeu de Andrade, o poeta dos versos tristes

Manoel Aristeu Goulart de Andrade nasceu em Maceió, no dia 3 de setembro de 1878. O suicídio ainda jovem interrompeu a vida e a produção literária promissora do poeta, professor e jornalista, que movimentou a intelectualidade de sua época.

Aristeu de Andrade dirigiu o jornal O Gutenberg, no qual publicava seus poemas de versos tristes. Também colaborou com outros jornais e revistas da capital e de Pernambuco. "Fadado a ser o maior poeta de Alagoas, foi, entretanto, um grande desventurado, pois faleceu em pleno vigor da mocidade, em 8 de junho de 1905", escreveu Adalberto Marroquim, no livro *Terra das Alagoas* (1922).

Foi deputado estadual (1901-1902) e lecionou várias disciplinas no Liceu Alagoano.

Aristeu e sua musa

SAIBA MAIS

Terra das Alagoas – de Adalberto Marroquim (1922).

ABC das Alagoas

História do Modernismo em Alagoas – Moacir Medeiros de Sant'Ana (1980).

PSEUDÔNIMOS

Asmodeu, Carand'Acha, Lord Speen, Martial, Rocatini, Sylpho e Volney.

LEGADO

Noivado – Maceió, 1900 (poemas). Segundo Moacir Medeiros de Sant'Ana, oferecido à sua noiva.

Jesus – drama sacro que não chegou a concluir, deixou apenas os dois primeiros atos. A conclusão do trabalho foi feita pelo seu irmão José Maria.

CURIOSIDADES

Em 1928, a Revista Maracanan publicou um poema seu com a inscrição: "Aristeu de Andrade – também alagoano. Também bom poeta. Teve uma noiva. Para ela fez o seu Noivado. Um caderno lyrico, que foi o seu melhor presente de casamento".

A rua onde o poeta morava, no Alto do Jacutinga, recebeu seu nome.

A esposa, Maria Peixoto de Andrade, sobrinha do marechal Floriano Peixoto, entrou para a ordem das "monjas que não falam" após a morte do poeta.

PALÁCIO DO SONHO

São de Esmeralda e d'ouro
os pórticos triunfais desse castelo,
onde guardo o mais belo,
mais invejado e rútilo tesouro.

É o palácio do Sonho,
esta morada esplêndida e encantada:
os meus zelos: quimeras de ar medonho
velam na entrada.

Numa câmara rubra como um beijo,
– tal um escrínio preda de alto custo –

com meus olhares de outro olhar protejo,
meu tesouro venusto.

É mais bela que a Bela Adormecida
a linda moça que em meu sonho mora.
Quem ela seja vai saber agora:
- és tu mesma, querida.

Ecos modernistas de Eurico Maciel

O pintor e xilógrafo Eurico Maciel nasceu em Maceió no dia 15 de março de 1903. Foi um dos nomes importantes da Semana da Arte Nova de 1928. Embora tenha aderido ao movimento modernista, sua pintura continuou acadêmica. Diz Célia Campos: "Nem José Menezes, nem Eurico Maciel, nem Zaluar buscam conquistas modernistas ou tentativas de alcançá-las, como o fez Lourenço". Uma de suas xilogravuras ilustra a Revista Maracanan, porta-voz dos modernistas alagoanos. Morreu em Maceió, em 3 de setembro de 1983.

SAIBA MAIS

História do Modernismo em Alagoas, de Moacir Medeiros de Sant'Ana.

DIA 4

A vila do Passo de Camaragibe

No século 17, o povoado de Passo de Camaragibe foi formado na margem direita do rio que corta a região. Para alguns, a origem do nome advém do fato de estar situado na parte alta, "local de passagem" e de comunicação privilegiada entre o Norte, Pernambuco, e o Sul, atual Alagoas.

Outros creditam ao "passo" o sentido de depósito, armazém onde eram guardadas as mercadorias e aprisionados os negros escravizados. A instalação da vila ocorreu em 4 de setembro de 1852. Foi elevada à condição de cidade em 1880.

Igreja de Na Senhora da Conceição

VOCÊ SABIA?

O povoado do Passo transformou-se em campo de batalhas sangrentas durante o domínio holandês. A mais famosa delas foi a da Mata-Redonda, em 18 de janeiro de 1636, quando foi morto o comandante da tropa luso-espanhola d. Luis de Rojas y Borja.

Com a expulsão definitiva dos holandeses de Pernambuco, em 1654, o Passo alcança desenvolvimento e consegue freguesia própria no século 18, sob a devoção à Nossa Senhora da Conceição.

SAIBA MAIS

ABC das Alagoas

www.cultura.al.gov.br

DESTAQUE É O TEATRO MUNICIPAL

No século 20, Passo de Camaragibe estava entre as principais cidades da Alagoas do Norte, com um ambiente intelectual e artístico movimentado. Um dos destaques da cidade é o Teatro Municipal, construído em data anterior a 1869. A

SAIBA MAIS EM

- Autores Alagoanos e Peças Teatrais – Abelardo Duarte (1902).
- A Geografia de Alagoas – Thomás do Bonfim Espíndola (1871).
- Enciclopédia dos Municípios Brasileiros – IBGE.
- www.historiadealagoas.com.br.

1950: Ruas do Passo

DIA 5

Conselho para evitar a “asiática”

Jornal de Alagoas. 5 de setembro de 1957

#MEMÓRIADAIMPRENSA

JORNAL DE ALAGOAS

OBSTINADOS OS OPOSICIONISTAS E GOVERNISTAS DO CONGRESSO

"IRIAMOS PARA UM GOLPE DE ESTADO"

CONSELHO PARA EVITAR A "ASIÁTICA" EVITE, DE QUALQUER MODO, REUNIÕES

NOVA PROPOSTA DA URSS DE ACORDO DOS QUATRO GRANDES NO ORIENTE PROXIMO

O BRASIL SE TORNA PANDEMONIO

Evite, de qualquer modo, reuniões.

Deve-se tomar bastante líquido e ter, na medida do possível, alimentação sadia. Morreu o garoto de mal desconhecido – nem a medicina americana identificou a doença.

DIA 6

O curralinho se transformou em Messias

Considerado um dos municípios mais novos do Estado, Messias foi emancipado de Flexeiras em 6 de setembro de 1962. O motivo foi o desenvolvimento alcançado e, em parte, impulsionado pela instalação da usina Bitinga, na década de 1950.

O povoado, que a princípio pertencera a Murici, ocupava posição privilegiada, ponto de passagem para os municípios vizinhos de Joaquim Gomes e Flexeiras em direção a Maceió.

Sua origem está ligada à família Calheiros, que, por volta de 1890, se fixou na região atraída pela fertilidade do solo, dando início ao arruado de Curralinho.

ANOTE

1947 – ano em que o nome Curralinho foi trocado por Messias.

A toponímia da cidade faz referência a Messias, o santo filho de José, o carpinteiro bíblico. Relatos de

antigos moradores dão conta de que muitos carpinteiros e marceneiros que ajudaram na construção do povoado tinham o nome de José.

Rodrigues, Peixoto, Rosa e Silva, Calheiros, Lins e Barros estão entre os sobrenomes comuns na região.

Em 1962 se transformou em município.

José Luiz Mota Menezes - Uma referência em urbanismo

Arquiteto e urbanista, José Luiz Mota Menezes nasceu em Pilar e mudou-se para Recife em 1945, quando tinha 9 anos de idade. Formou-se em Arquitetura e urbanismo em 1961 e é referência nos estudos das transformações modernistas na capital de Pernambuco.

Foto: G1 Globo

José Luiz Mota Menezes

Foi responsável por projetos de restauração da Catedral da Sé, da Igreja de Nossa Senhora da Graça e projetou o Santuário da Mãe Rainha Três Vezes Admirável, dentre outros. É autor de várias obras, como o Atlas histórico e cartográfico do Recife, Mobilidade urbana no Recife e seus arredores, Ruas sobre águas: as pontes do Recife, Recriação do paraíso: judeu e cristãos novos em Olinda e Recife nos séculos 16 e 17.

Também foi professor da Universidade Federal de Pernambuco, membro da Academia Pernambucana de Letras e responsável pela Comissão Especial de Política Urbana do Conselho de Arquitetura e Urbanismo de Pernambuco. Era sócio benemérito do Instituto Arqueológico e Histórico e Geográfico de Pernambuco (IAHGP). Morreu em Recife, no dia 6 de setembro de 2021.

Teatro Sete de Setembro

DIA 7

Teatro Sete de Setembro, a primeira obra de Lucarini em Alagoas

Inaugurado em 7 de setembro de 1884, o monumento neoclássico localizado na praça Floriano Peixoto, centro histórico de Penedo, é considerado o primeiro projeto do arquiteto italiano Luigi Lucarini em Alagoas.

Na estreia, a apresentação da peça O Violino do Diabo (Agnelo Leite) marcou o início de um período de efervescência cultural responsável por incluir Penedo no circuito das grandes companhias de teatro do Brasil.

Atraídos pela beleza e pela qualidade acústica do teatro, os artistas contavam ainda com a seletividade do público, acostumado a óperas e aos clássicos. Outra vantagem era o deslocamento facilitado pelo Rio São Francisco.

ANOTE AÍ

A construção do teatro foi iniciativa do presidente da Imperial Sociedade Filarmônica 7 de Setembro, Manoel Pereira Carvalho Sobrinho.

A planta foi encomendada ao arquiteto italiano Luigi Lucarini e aprovada pela Câmara Municipal em 16 de dezembro de 1878, marcando o início da construção.

Em 1859, D. Pedro II passou por Penedo e foi recebido com pompa no Teatro Sete de Setembro. O imperador estava a caminho da cachoeira de Paulo Afonso.

Em 1912 o espaço foi ocupado pelo Cinema Ideal.

Com a inauguração do cinema São Francisco, em 1960, à época considerado o mais moderno do Estado, o teatro voltou à função original.

CONSULTE TAMBÉM

- Penedo: Sua História – Aminadab Valente (1957).
- Perfil do Penedo – Ernani Méro (1994).
- ABC das Alagoas – Francisco Reynaldo Amorim de Barros (2005).
- Luigi Lucarini – Vida e Obra. Org.Vânia Luíza Barreiros Amorim (2010).
- Arruando para o Forte – Francisco A. Sales (2003).

Santa Casa de Misericórdia

A origem da Santa Casa de Misericórdia

A história da Santa Casa de Misericórdia de Maceió tem início em 7 de setembro de 1851, com o lançamento da pedra fundamental do Hospital de Caridade de Maceió.

A iniciativa foi do cônego João Barbosa Cordeiro, pároco de Maceió. Inquieto com a falta de acesso da maioria da população carente aos serviços de saúde, numa época de poucos investimentos em saneamento e higiene sanitária, lançou uma campanha para a criação do hospital.

O empenho do pároco foi tão eficiente que não faltaram doações, incluindo o terreno para a construção do prédio. Concluído, o hospital teve como patrono São Vicente de Paulo, identificado na iconografia cristã como o "apóstolo da caridade".

A Irmandade, composta por membros da sociedade local, foi criada com o fim específico de gerir o novo hospital com base nos preceitos da religião Católica Apostólica Romana. A

LEIA MAIS EM

- www.santacasademaceio.com.br
- História de um Hospital de Caridade – Santa Casa de Maceió, 150 Anos – Álvaro Queiroz.

A independência do Brasil em Alagoas

A independência do Brasil no dia 7 de setembro de 1822, às margens do Rio Ipiranga, ecoou em Alagoas. Exemplos do nacionalismo local são descritos por historiadores.

Craveiro Costa (*)

"O Fico e acontecimentos posteriores que culminaram no Ipiranga tiveram nas Alagoas larga repercussão. A primeira mani-

festação, diremos nacionalista, que se registrou na província foi a recomposição da Junta Governativa presidida pelo desembargador Ferreira Braklamy, francamente solidário com as Cortes de Lisboa.

Entretanto, na própria junta, essa solidariedade não era aceita sem protestos; prevalecia, porém, a opinião do magistrado, sempre amparado pelo voto caloroso de Manuel Duarte Coelho, comandante das armas e membro do governo. A desarmonia entre os homens da governança era latente.

(…) Foi Alagoas a primeira província brasileira que assumiu atitude de franca hostilidade às Cortes, depondo autoridades portuguesas e instituindo um governo essencialmente brasileiro".

"A Província das Alagoas ficou entre as que se juntaram a D. Pedro, espontaneamente. Mas, a adesão que assumiu feições particulares, de franca hostilidade à polícia portuguesa. Daí poder-se dizer que as lutas nacionalistas, nas províncias, se apresentaram de modo diverso, embora convergindo para o mesmo fim. O estuário era um só".

Abelardo Duarte, em As Alagoas na Guerra da Independência. A

SAIBA MAIS

História das Alagoas – Craveiro Costa.

Azul quente – os lutadores do Centro Sportivo Alagoano

Diferentes momentos do Centro Sportivo Alagoano

Era 7 de setembro de 1913. Reunidos na sede da Sociedade Perseverança, Jonas de Oliveira e um grupo de atletas fundaram o Centro Sportivo Sete de Setembro. Tinha início ali a trajetória do time que mais tarde, em 1918, se tornaria conhecido pelo nome de Centro Sportivo Alagoano, o CSA.

BOXE E OUTRAS LUTAS

Atletas ligados ao boxe, à luta greco-romana, ao levantamento de peso e à esgrima estavam entre os competidores do CSA.

A partir de 1917, o remo passa a fazer parte das competições. Os treinos ocorriam na Lagoa Mundaú. A primeira partida dos azulinos foi contra um time de alagoanos que estudavam em Recife.

TODOS OS NOMES

- 1913 – Centro Sportivo Sete de Setembro.
- 1915 – Centro Sportivo Floriano Peixoto.
- 1918 – Centro Sportivo Alagoano.

FUNDADORES

Jonas de Oliveira, Osório Gatto, Eutiquio Gomes Filho, Antenor Barbosa Reis, Francisco Rocha Cavalcante, Arestides Ataide de Oliveira, Antonio Miguel de Oliveira e Vicente Grossi.

O MUTANGE

1922 é o ano de inauguração do Mutange. O estádio, que já foi considerado o maior de Alagoas, atualmente é um centro de treinamento.

O comendador Gustavo Paiva está entre os doadores do terreno para a construção do Mutange. De acordo com o site História de Alagoas, num depoimento de Paulo Pedrosa a Lauthenay Perdigão do Carmo, gravado em novembro de 1993, ele conta que quando o proprietário do terreno, Aristheu Teixeira Basto, pediu a área de volta, ele foi convidado a dirigir o clube pelo então presidente, Murilo Silva. Orientado por Paiva, fez uma campanha de associação conseguindo aumentar o número de sócios de 28 para 150, que colaboravam pagando cada um 10 mil réis mensalmente. O terreno foi, assim, comprado de forma parcelada. Paiva e Pedrosa eram cunhados do dono do terreno.

VOCÊ SABIA?

- 39 vezes campeão do Campeonato Alagoano.
- 3 vezes vice-campeão da Taça de Prata.
- Vice-campeão da Série B em 2018.
- Campeão da Série C em 2017.
- 1 vice-campeonato da Copa Conmebol – 1999.
- A maior goleada foi 22 X 0 contra o Sport, em 1945.
- Em 1951, CSA 1 x 1 Vélez Sarsfield foi o primeiro jogo internacional disputado em Alagoas.

ÍDOLOS

- Jacozinho – Givaldo Santos Vasconcelos.
- Catanha – Henrique Guedes da Silva.
- Dida – Edvaldo Alves de Santa Rosa.
- Flávio – Flávio Emídio dos Santos Vieira.

HARMONIA AZULINA

Pela pátria, na vida esportiva
É que vamos sempre conquistar
Nossa glória da luta deriva
É o campeão dos campeões CSA
Azulinos impávidos e fortes
Enfrentemos os nossos rivais
Nosso time não tem adversários
Não seremos vencidos jamais…

Letra: Cipriano Jucá; música: Reunivestein Donizetti. A

SAIBA MAIS

- www.centrosportivoalagoano.com
- Revista Graciliano nº 19 /2013.
- Site História de Alagoas: CSA, o azulão do Mutange.

Posse da diretoria do Tiro Alagoano

A questão do armamento ou desarmamento da população brasileira sempre encontra defensores e opositores. A despeito da discussão que põe em xeque o direito à vida e a competência da Segurança Pública, no dia 2 de agosto de 1908 foi fundado em Maceió o Tiro Brasileiro Alagoano, instalado no dia 7 de setembro do mesmo ano. O objetivo da Federação de Tiros Brasileiros era claro: "Instruir a todo cidadão brasileiro no manejo das armas, para bem defender a honra e a integridade da pátria".

O governador Euclides Malta assumiu a presidência de honra, e a diretoria era formada pelos tenentes da Marinha Lopes do Rego e Bogado de Oliveira. Também integraram a sociedade Valente de Lima, Orlando Araújo, Gastão Silveira, Guedes Lins, Valente Ribeiro, Castro Azevedo, Teodoro Palmeira, José Leão Rego, entre outros. Chegou a ter 390 sócios e durou até 1917.

FONTE

Site História de Alagoas – O Tiro Alagoano.

Selma Bandeira - Sertaneja, antes de tudo, forte

No Dia da Independência em 1986, a deputada estadual Selma Bandeira morreu tragicamente no acidente automobilístico na Ladeira do Catolé, Satuba/AL. Ela, juntamente com a sindicalista Noraci Pedrosa, e dois assessores, perderam a vida quando o carro em que viajavam foi abalroado por um caminhão desgovernado.

Selma Bandeira Mendes nasceu em Delmiro Gouveia/AL, no dia 1º de janeiro de 1944, foi líder estudantil, presa por participar do famoso Congresso da UNE em Ibiúna/SP, em 12 de outubro de 1968. Entrou na luta clandestina em meados de 1972 como militante do PCR (Partido Comunista Revolucionário) e perdeu o marido, Manoel Lisboa de Moura, assassinado sob tortura em setembro de 1973. Presa, foi libertada pela Anistia de 1979, e em 1982 se torna a primeira mulher de esquerda a ser eleita deputada estadual em Alagoas.

DIA 8

Pequeno comércio e laticínio em Palestina

Vista geral de Palestina

A área onde atualmente se encontra o município de Palestina foi desbravada por Joaquim Félix de Melo e Manuel Januário de Carvalho, no século 19. Depois da morte de ambos, os familiares abandonaram a região, que voltou a ser habitada a partir de 1940, quando José Ferreira de Melo, morador de Pão de Açúcar, instalou no lugar uma espécie de armazém de cereais, iniciando um pequeno comércio de produtos agrícolas.

O negócio se expandiu, e Ferreira de Melo resolveu instalar também uma fábrica de laticínios, que chegou a produzir 10 mil litros de leite por dia, segundo registro da época. Estendeu também seus negócios ao cultivo de algodão, impulsionando o lugarejo, conhecido como Retiro de Cima.

Com o crescimento populacional e a instalação de um pequeno comércio e de uma feira, o próprio Ferreira de Melo lidera um movimento pela sua emancipação política de Jacaré dos Homens. Acatada a solicitação, o lugarejo foi elevado à condição de município em 27 de agosto de 1962, e sua instalação ocorreu em 8 de setembro do mesmo ano. A motivação religiosa inspirou a origem do nome da cidade. A

Ayrton Amorim, um compositor de mão cheia

Ayrton Amorim

> *"Se você não me queria/ Não devia me procurar/ Não devia me iludir/ Nem deixar eu me apaixonar// Evitar a dor/ É impossível/ Evitar esse amor/ É muito mais/ Você arruinou a minha vida/ Me deixa em paz".*

Em 1952, o Brasil foi tocado pela grandeza de uma parceria que criou o clássico Me Deixa Em Paz, lançado por Linda Batista. A música do alagoano Ayrton Amorim, com letra de Monsueto Menezes, foi logo um sucesso e ainda hoje é regravada, como prova de que a qualidade desconhece tempo e permanece como obra de arte.

O compositor nasceu em Maceió, no dia 8 de setembro de 1921, e na infância foi para o Rio de Janeiro, onde também seria discotecário e programador. Trabalhou nas rádios Cruzeiro do Sul, Eldorado, Mundial e Tamoio.

A consagração viria com seu trabalho de compositor de músicas de carnaval. Um ano antes do sucesso Me Deixa Em Paz, ele lançou no carnaval de 1951 a música Madalena (com Ary Macedo), também com a intérprete Linda Batista. Repetiria o sucesso em 1955, em parceria com Mirabeau, com a marchinha Tem Nêgo Bêbo Aí:

> *"Foi numa casca de banana que pisei, pisei/ Escorreguei, quase caí/ Mas a turma lá de trás gritou: Chi! Tem nêgo bêbo aí! Tem nêgo bêbo aí!".*

Também são dele, entre outras, Cabelo à Couve-Flor (com Pereira Matos) e Cavaleiro de Deus (com Ferreira Gomes).

A PRIMEIRA

A primeira música gravada, uma parceria com Jorge Tavares, foi Muié Bandoleira, com os Vocalistas Tropicais.

OUÇA

- Milton Nascimento e Alaíde Costa – Me Deixa Em Paz.
- https://www.youtube.com/watch?v=wh-eSlqi900

FONTE

ABC das Alagoas e Memória Musical Alagoana.

Arthur Guimarães de Araújo Jorge

DIA 9

Arthur Guimarães, diplomata alagoano

O diplomata Arthur Guimarães de Araújo Jorge nasceu em Mata Grande no dia 9 de setembro de 1884. Estudou em Maceió e fez faculdade de Direito em Recife, onde já escrevia na revista do centro acadêmico. Ingressou na carreira diplomática em 21 de junho de 1906 como secretário auxiliar do Tribunal Arbitral Brasileiro-Boliviano, após indicação do senador Bernardo de Mendonça ao Barão do Rio Branco, de quem tornou-se auxiliar em 1907. Em 1909, funda a

Revista Americana, visando ao debate de ideias e à aproximação entre os países americanos.

Atuou em 1927 como ministro plenipotenciário para Cuba e América Central, e em 19 de março de 1929, na Legação Brasileira em Assunção, no Paraguai. Em 1933, foi ministro em Berlim. A carreira teria prosseguimento assumindo o cargo de embaixador no Chile, em 1935, e no mesmo ano foi para Portugal, onde receberia a Grã-Cruz da Ordem Militar de Cristo de Portugal, em 7 de setembro de 1938. Em 1963, foi condecorado no Itamaraty com a Ordem de Rio Branco. Morreu no dia 27 de fevereiro de 1977

SAIBA MAIS

Blog do Etevaldo: Embaixador Araújo Jorge.

CERTA SIMPATIA

Etevaldo Amorim, em texto publicado no site História de Alagoas, aponta que, quando foi ministro em Berlim, o embaixador alagoano nutriu "certa simpatia pelas restrições impostas pelo governo alemão à presença e atuação dos povos de origem judia naquele país, especialmente no aspecto econômico".

JOVIAL

Alceu Amoroso Lima se referiu ao embaixador alagoano desta maneira na revista A ordem, em junho de 1938: "A uma sólida formação de inteligência aquele embaixador junta, como ninguém, o senso de oportunidades, o atrativo das maneiras, uma afabilidade sem artifícios que elimina as distâncias entre ele e os que buscam a sua convivência e acentua a graça e suaviza a malícia do seu caráter jovial".

LEIA

Rio Branco e As Fronteiras do Brasil: Uma Introdução às Obras do Barão do Rio Branco, de Arthur Guimarães de Araújo, na Biblioteca Digital do Senado. A

Jorge Costa, um alagoano na Mangueira

"Triste madrugada foi aquela que eu perdi meu violão, não fiz serenata pra ela nem cantei uma linda canção"... Muitos dizem que o cantor e compositor Jorge Costa compôs essa música numa mesa de bar de São Paulo, em 1967, quando lhe chegou a notícia de que Chico Buarque, freguês do mesmo bar,

havia perdido o seu violão. O alagoano teve a honra de ter composições gravadas por grandes nomes da música brasileira, como Beth Carvalho, Jair Rodrigues, Angela Maria, Benito di Paula, Bezerra da Silva, entre outros.

Nascido em Maceió em 9 de setembro de 1922, ele passou a juventude em Recife e foi morar no Rio, precisamente no Morro da Mangueira, e integrou a ala de compositores da verde e rosa. Também morou em São Paulo, a partir dos anos 1950, onde participou de programas de calouros e cantou em boates. São dele sucessos como Baile do Risca Faca, Brigamos e Lar Sem Pão. Morreu em 1995, em São Paulo.

MAIS

O compositor alagoano foi homenageado pelo cantor e compositor paulista João Borba, que gravou, em 2007, o álbum João Borba canta Jorge Costa.

DISCOS

Samba Sem Mentira (1968) e Jorge Costa e Seus Sambas (1973). A

OUÇA

Jorge Costa, do disco Samba Sem Mentira

www.youtube.com/watch?v=NZ3m4I16TLw

Beth Carvalho canta Triste Madrugada

www.youtube.com/watch?v=GSUTbmPJ_Eo

Educação e poesia em Aristhea

Poeta e professora, a sensibilidade distinguia Aristhea de Araújo Jorge, nascida em Passo de Camaragibe, no dia 9 de setembro de 1856. Passou a morar em Maceió aos 14 anos, e em 1876 fundou um colégio feminino. Lutava pela libertação dos escravos. Foi diretora dos Colégios Sete de Setembro, São José e Oito de Janeiro. Era casada com o poeta e jornalista Adriano Augusto de Araújo Jorge. Aristhea também era pianista e foi professora de canto. Morreu em Manaus, em 11 de março de 1911. A

FONTE

ABC das Alagoas.

DIA 10

A versatilidade artística de Sadi Cabral

Produtor, ator e diretor de teatro, Sadi Souza Leite Cabral nasceu em Maceió no dia 10 de setembro de 1906. Ainda criança foi morar no Rio de Janeiro, onde construiu uma carreira sólida e versátil.

Estudou teatro na Escola Dramática Municipal (1923). Não se formou, mas foi direto para o palco. Participou das principais companhias de teatro de sua época. Foram dezenas de espetáculos teatrais, além de telenovelas (TV Tupi, Bandeirantes, Excelsior, Cultura e Globo) e 40 filmes para cinema.

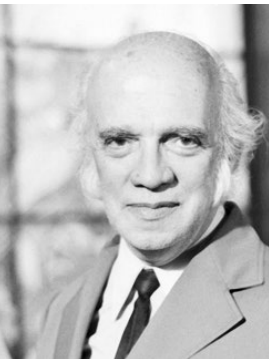
Sadi Cabral vai correr todo o Brasil com um judeu polonês

As chaves do sucesso

Inquieto, em 1927 estuda dança com Maria Ollenewa e Richard Nemanoff. Trabalha como bailarino em espetáculos. Dois anos depois, atraído pelo rádio, dedica-se às novelas radiofônicas (foi ele, a propósito, o criador da radionovela seriada no Brasil) e ao estudo do realismo psicológico proposto pelo teatrólogo russo Constantin Stanislavski (1863-1938).

Além de atuar, dirigiu várias peças e compôs sucessos da MPB. Sadi Cabral faleceu aos 80 anos, em 23 de novembro de 1986.

Sadi Cabral em cena



PREMIADO

1956 – Prêmio Saci do jornal O Estado de S. Paulo, pela atuação em Eurydice, de Jean Anouilh, direção Gianni Ratto.

1958 – Prêmio Governador do Estado de São Paulo e a medalha de ouro da Associação Paulista de Críticos Teatrais, por A Alma Boa de Setsuan, de Bertolt Brecht.

DIRIGIDO PELOS MELHORES

- Henriette Morineau (1944) – *Carreira da Zuzu (L'École des Cocottes).*
- Augusto Boal (1957) – *Só o Faraó Tem Alma.*
- Adolfo Celi e Carlos Kroeber (1961) – *Lisbela e o Prisioneiro.*
- José Celso Martinez Corrêa (1962) – *Vestido de Noiva.*
- Sergio Cardoso (1965) – *Todo Anjo é Terrível.*
- Antunes Filho (1966) – *Júlio César.*
- Amir Haddad (1972) – *Tango.*
- Oduvaldo Vianna – *Ia-Iá Boneca.*

SAIBA MAIS

Site História de Alagoas: Sadi Cabral, o ator alagoano que criou a radionovela seriada.

VOCÊ SABIA?

Na música, Custódio Mesquita foi o grande parceiro de Sadi Cabral. A primeira composição é de 1938. Sadi e Custódio foram letristas de grandes sucessos, como Velho Realejo, O Pião, Bonequinha e Mulher, gravados por Sílvio Caldas, Carmen Costa e Carlos Galhardo. A

ACESSE

- www.funarte.gov.br
- Enciclopedia.itaucultural.org.br

Aurino Vieira Maciel

Aurino Maciel: magistério e jornalismo

Nome de rua no bairro do Farol e de escola em Arapiraca, o professor Aurino Vieira Maciel nasceu no Engenho Barro Branco, em Murici, no dia 10 de setembro de 1895.

Formado em Direito e também atuando como jornalista, ingressou cedo no magistério. Lecionou em colégios importantes de sua época, dentre eles a Escola Normal, o Liceu Pernambucano e a Escola Politécnica no Recife. Chegou a morar no Rio de Janeiro e trabalhou na Associação dos Empregados do Comércio do Rio de Janeiro. Faleceu em Maceió, em 24 de abril de 1950.

Foi membro-fundador da Academia Alagoana de Letras e primeiro ocupante da cadeira de número 5. Filólogo, também fez parte do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas — IHGAL.

Na imprensa, Aurino Maciel colaborou com vários jornais (Jornal de Alagoas, Correio da Tarde) e revistas (A Vespa e Frou-Frou). Em alguns artigos, usou o pseudônimo de João Caçamba.

Prefaciou Instrução Pública e Instituições Culturais de Alagoas e Outros Ensaios, obra de Craveiro Costa (1871-1934). A

SAIBA MAIS

ABC das Alagoas

PUBLICOU

- Gonçalves Ledo: o Homem da Independência (1923).
- As Onomatopeias e As Interjeições. Sua Influência nos Fenômenos da Linguagem (1933).

Um selo para o Bicentenário de Alagoas

Distribuido para todo o Brasil a partir de 10 setembro de 2017 o Selo Comemorativo dos 200 Anos de Alagoas marcou uma parceria entre o Governo do Estado de Alagoas, o Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC) e os Correios.

A obra do artista visual Pierre Chalita (1930-2010) exposta no Salão de Despachos do Museu Palácio Floriano Peixoto, estampa a o selo que entrou para a história da filatelia no Estado. A peça filatélica reproduz a tela de 2m x 1,5m em que o renomado artista representa a Emancipação Política de Alagoas.

Filatelia expandiu comemorações do Bicentenário para outros estados

DIA 11

Todos os nomes de Igreja Nova

Tudo começou com uma pequena povoação de pescadores que se formou às margens do Rio São Francisco, no município de Penedo, próximo à Lagoa Boacica, conhecida por Porto das Pedras. Tempos depois, passou a ser chamada de Oitizeiro, referência à frondosa árvore que servia de sombreiro aos primeiros habitantes.

Em 11 de setembro de 1890, foi elevada à condição de vila, com a toponímia de Triunfo, e depois à de cidade, em 1892. Três anos depois, volta a ser incorporada a Penedo. Passa a se chamar Igreja Nova em 1908. A atual toponímia é alusiva à grande igreja construída sob as bênçãos do padroeiro São João Batista. A cidade mantém a plantação de arroz, embora já esteja diversificando sua cultura, devido ao assoreamento do São Francisco.

Portugal Ramalho: o médico que dá nome a um hospital

O homem que dá nome ao primeiro e único hospital psiquiátrico público de Alagoas, localizado em Maceió, Manoel Portugal Ramalho, nasceu em Maceió no dia 11 de setembro de 1881. Estudou Medicina na Bahia, formando-se em 1906, e voltou para Maceió em seguida. Foi bacteriologista no Hospital da Higiene e chegou a ser internado em 1914, por ter contraído peste bubônica. Faleceu em Maceió, no dia 10 de dezembro de 1914.

Hospital Portugal Ramalho

Em 2005, quando o hospital que leva seu nome estava para completar 50 anos (4 de janeiro de 2006), foi lançada uma campanha para saber quem foi o ilustre médico que dá nome ao hospital, pois havia quem dissesse que havia sido um militar. A confusão pode ter se dado por causa do personagem, este, sim, militar e poeta, José Portugal Ramalho, nascido em Maceió no dia 4 de fevereiro de 1895, que assinava seus textos como Joseph Ramalho, um dos fundadores da Frou-Frou, em 1914. A

DIA 12

A ideologia de Octávio Brandão, um comunista histórico

Octávio Brandão

Octávio Brandão nasceu em Viçosa em 12 de setembro de 1896. Órfão aos 4 anos, foi criado pelo tio Alfredo Brandão, historiador, médico e poeta. Levou uma vida à frente de seu tempo.

Graduado em Farmácia, dividia as convicções ideológicas com o estudo das causas ambientais. Foi um dos pioneiros na luta pela exploração do petróleo no Brasil.

Filiado ao PCB, assumiu uma postura lúcida e engajada tanto na imprensa quanto nos palanques. Comunista histórico, foi preso várias vezes e não se furtou à autocrítica política.

Deixou uma vasta obra, entre livros, panfletos, discursos, artigos e poemas. Para fugir de perseguições e ameaças, usou pseudônimos como Salomão, Salomão Bombarda, Fogaréu, Fritz Mayer e Daniel Braúna. Ocupou a cadeira 32 do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas — IHGAL.

Com as filhas Satva, Dionysa e Vólia

LINHA DO TEMPO E ENGAJAMENTO

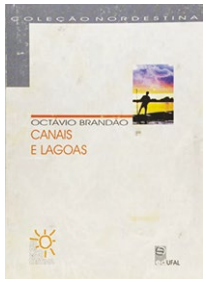
1914 – forma-se em Farmácia.

1916 – inicia as pesquisas sobre a presença do petróleo em Alagoas.

1917 – abre sua primeira farmácia, a Pasteur, em Maceió. Inicia sua militância política, escrevendo para o jornal A Semana Social, porta-voz de ideias anarquistas.

1918 – funda a Congregação Libertadora da Terra e do Homem. Propõe uma divisão de terras mais justa com o trabalhador rural. Escreve em O Povo sobre questões agrárias.

1919 – é preso pela primeira vez. Foi solto e deportado para o Sertão. Volta para Maceió e, temendo ser assassinado, decide ir morar no Rio de Janeiro. Abre uma farmácia e continua a pregação política.



1922 – filia-se ao PCB – Partido Comunista Brasileiro, assumindo a Comissão Central do partido.

1925 – cria o primeiro jornal do partido, o semanário A Classe Operária.

1928 – PCB entra na ilegalidade.

1930 – é preso novamente. Liberado, volta à militância intensa.

1931 – após dezenas de prisões, é deportado pelo Governo Provisório. Fixa residência na União Soviética com a mulher e três filhas. Passa 15 anos no exílio. Enviuva nesse período e contrai segundas núpcias com Lúcia Prestes, irmã de Luís Carlos Prestes.

1946 – retorna do exílio para o Rio de Janeiro.

1947 – é eleito pelo PCB para a Câmara Municipal do Rio de Janeiro.

1948 – cassado, entra na clandestinidade, juntamente com o partidão.

1956 – rompe temporariamente com o PCB após apontar erros do partido.

1958 – volta a circular após ter a prisão preventiva anulada pela Junta Militar.

1964 – volta à clandestinidade com o Golpe Militar.

1979 – reaparece após o processo de reabertura política do país.

1980 – morre no dia 15 de março, no Rio de Janeiro.

ANARQUISTA CURIOSO

O trabalho no Cinema Aliança, em Viçosa, possibilitou os primeiros contatos com o anarquismo. Octávio Brandão foi influenciado pelo tipógrafo Bernardo Canellas, anarquista e responsável pela produção das propagandas dos filmes. Os primeiros livros sobre o socialismo lidos por Brandão eram de Canellas.

Já viúvo da poetisa e militante Laura da Fonseca Silva, Octávio Brandão volta a casar com Lúcia Prestes, irmã do líder comunista Luís Carlos Prestes.

ALGUMAS PUBLICAÇÕES

- *Canais e Lagoas* (1919) – clássico da historiografia alagoana.
- *Véda do Mundo Novo* – aforismos (1920).
- *Agrarismo e Industrialismo* (1926).
- *O Caminho* (1950).
- *Apontamento de um Burguês* (1919), com o pseudônimo de Salomão.

LEIA

Cartas de Octávio Brandão (Editora da UFSC, 2005).

O rosto do guerreiro Darci Marcena Bispo

(*) Josefina Maria Medeiros Novaes

Ricardo Lêdo

"Nasceu no município de Belém/AL, no dia 12 de setembro de 1930, filho de João Marcena e de Balbina Bento da Soledade. Com 15 dias de nascido, foi morar na cidade de Mar Vermelho/AL e depois na cidade de Viçosa. 'Com oito anos de idade já me encontrava com o guerreiro do mestre Sebastião de Viçosa e também com o reisado do mestre Osório e, sem perceber, fui aprendendo e gostando cada vez mais'.

Vindo trabalhar em Maceió, já com quase 40 anos, foi residir no bairro do Tabuleiro do Martins, tornando-se amigo de Sebastião Vicente e do mestre Manoel Venâncio; juntos, decidiram formar um guerreiro, batizado de Guerreiro Mensageiro do Padre Cícero.

Darci Marcena, palhaço e animador do grupo, firmou uma parceria com o mestre Manoel Venâncio que durou vários anos, até a morte do mestre, em 2008. Com o cuidado de não deixar morrer a tradição, Tales, seu neto, hoje já rapaz, desde os 3 anos foi a atração do grupo. 'Desde os 20 anos de idade que luto com gente, e foi a coisa mais difícil que encontrei na minha vida. É melhor lutar com bicho, nunca tive problema com o gado que criava. Assim foi muito difícil ser o Palhaço Pensamento do Guerreiro Padre Cícero, com 40 corações diferentes, batendo em ritmos diferentes, cada um com sua atitude', comenta emocionado".

"Tocador sustenta o trenado
Meu Guerreiro amado
De longe eu te via
Te amo pela letra M
Contramestre é você
A Rainha é Maria"

(*) Autora do texto publicado no livro comemorativo aos 25 anos da Asfopal (Associação de Folguedos Populares de Alagoas).

DIA 13

Clarêncio Jucá, intendente de Maceió

Senador em Alagoas na legislatura 1899-1900, Clarêncio Jucá também foi intendente em Maceió de 7 de janeiro de 1897 a 21 de maio de 1899. Ele nasceu em Maceió no dia 13 de setembro de 1843. Antes da carreira política, foi agente de leilões e, a partir de 1878, assumiu o cargo de secretário da mesa de Rendas Internas da Capital. Também foi chefe de polícia. Faleceu em 23 de abril de 1904 e dá nome a uma rua no bairro do Pinheiro, em Maceió. A

DIA 14

Moreno Brandão e as histórias de Alagoas

Moreno Brandão

Francisco Henrique Moreno Brandão nasceu em 14 de setembro de 1875, em Pão de Açúcar. Historiador, jornalista e político, tem o nome associado ao registro do cotidiano de sua época.

Ainda no Baixo São Francisco, entre Penedo e Pão de Açúcar, recebe a base de sua formação e colabora com jornais da região: O Sertanejo, O Lutador, O Penedo e O Monitor.

De 1921 a 1924, em Maceió, além de exercer o magistério, foi deputado estadual, membro e presidente da Academia Alagoana de Letras. Ocupou também a cadeira 23 do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas.

Prestigiado pela intelectualidade e autor de dezenas de livros, entre romances, contos e estudos históricos, coube a Moreno Brandão fazer um apanhado da história de Alagoas, por ocasião das comemorações do Centenário da Emancipação Política do Estado.

Faleceu aos 63 anos, em 27 de agosto de 1938, em Maceió.

CURIOSO

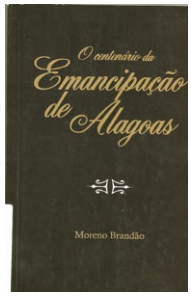
O primeiro artigo foi escrito aos 13 anos.

Falava cinco idiomas.

Acumulou uma biblioteca com 3 mil e 500 volumes. A

ALGUMAS OBRAS

- História das Alagoas (1909).
- O Centenário da Emancipação de Alagoas (1919).
- O Baixo São Francisco – o Rio, o Vale (1919).
- Monografia do Município de Penedo (1936).
- Calidoscópio (1933).



DIA 15

As caretas de Judas Isgorogota

No mesmo ano que o espírito modernista agitou o Brasil com a Semana de Arte Moderna de 1922, em São Paulo, um jovem nascido em Lagoa da Canoa, em 15 de setembro de 1989, adotou o pseudônimo de Judas Isgorogota para assinar seus textos. Foi quando lançou, contando com prefácio de Jorge de Lima, o livro de sonetos humorísticos *Primeira Série das Caretas de Judas Isgorogota*, Caretas de Maceió.

Em Maceió, colaborou no humorístico O Bacurau, Correio da Tarde e Jornal de Alagoas. Mudou-se para São Paulo em 1924, onde trabalhou na revista Arquivos da Polícia Civil de São Paulo, Revista do Brasil e na imprensa diária, nos jornais Gazeta, Gazeta Infantil, O Estado de São Paulo, Jornal do Comércio e nas revistas Comentário, Revista Oriente e A Época. Foi sócio-fundador da Academia Alagoana de Letras (AAL) e ocupou a cadeira 25. Além de Judas Isgorogota, adotou outros pseudônimos, como José Nicoline e Pinto VII.

Judas Isgorogota

OBRAS

Aquarela, 1923; Divina Mentira, 1927; Desencanto, 1938, entre outras.

LEMBRANÇAS

O escritor Caio Porfírio lembrou do amigo, certa vez, afirmando que ele costumava almoçar todos os dias no restaurante da União Brasileira de Escritores: "Judas não era bem um espírito vingativo, mas quando não gostava de um escritor ou de sua obra, sai da frente. Descia a lenha através da sua página literária d' A Gazeta. Arrasava com o sujeito".

RECIBO

Recebi do Doutor Fernandes Lima,
Governador perpétuo de Alagoas,
Pela graça de Deus, das almas boas
Que a rota seguem dos que estão de cima,

A importância mencionada acima
De duzentos mil réis, por que as pessoas
Das urbes, dos sertões e das lagoas
Vendem seu voto de entranhada estima;

E por cuja quantia me sujeito
A votar no Doutor; e, em testemunho,
Passo o presente, por José do Coito,

Em duplicata para um só efeito.
Maceió, Jaraguá, doze de junho
De mil e novecentos e dezoito.

Foto: Fernando Vinícius

Joaquim Loureiro projetou o Chalé no fim do século 19

Legado ao patrimônio histórico do Baixo São Francisco

No dia 15 de setembro de 2018, data oficial de encerramento das comemorações alusivas ao Bicentenário de Alagoas, foi entregue ao público o Chalé dos Loureiros em Penedo. Idealizada pelo médico psiquiatra e presidente da Fundação Casa do Penedo, Francisco Alberto Sales (1939/2018), a restauração representa um dos principais legados patrimoniais e históricos dos 200 anos na região do Baixo São Francisco.

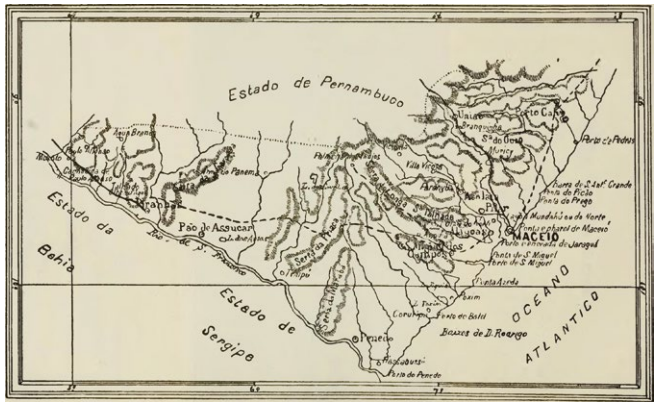
DIA 16

A Emancipação Política das Alagoas não foi um ato gracioso de um rei

As diferentes abordagens do fato histórico que há 200 anos culminou com a autonomia de Alagoas

Crêa a Capitania das Alagoas, desmembrando-a de Pernambuco.

Convindo muito ao bom regimen deste Reino do Brazil, e á prosperidade a que me proponho eleval-o, que a Provincia das Alagôas seja desmembrada da Capitania de Pernambuco, e tenha um Governo proprio que desveladamente se empregue na applicação dos meios mais convenientes para della se conseguirem as vantagens que o seu terreno e situação podem offerecer em beneficio geral do Estado e particular dos seus habitantes e da minha Real Fazenda: sou servido isental-a absolutamente da sujeição, em que até agora esteve do Governo da Capitania de Pernambuco, erigindo-se em Capitania com um Governo independente que a reja na fórma praticada nas mais Capitanias independentes, com faculdade de conceder sesmarias, segundo as minhas reaes ordens, dando conta de tudo directamente pelas Secretarias de Estado competentes. E attendendo ás boas qualidades e mais partes que concorrem na pessoa de Sebastião Francisco de Mello e Povoas: Hei por bem nomeal-o Governador della para servir por tempo de tres annos e o mais que decorrer emquanto lhe não der successor. Palacio do Rio de Janeiro em 16 de Setembro de 1817.



Com a rubrica de Sua Magestade.

DECRETO DE 16 DE SETEMBRO DE 1817. A

Uma cultura em questão. A alagoana

Por Dirceu Accioly Lindoso (*)

"1817. Data da emancipação política das Alagoas. Não foi um ato gracioso de um rei. As Alagoas já existiam como espaço físico autônomo, com população, vida econômica e social diferenciadas do resto da Capitania de Pernambuco. A leitura da Ideia da População da Capitania de Pernambuco (1774), de José César de Menezes, mostra já o perfil de uma província autônoma, de vida particular, embora não reconhecida. O estatuto real que estabeleceu a autonomia política da então Capitania apenas veio institucionalizar as razões subjacentes de ordem econômica, física e social".

"ALAGOAS É O QUE SE AMA E DÓI".

"O mencionado decreto de emancipação confere estatuto de autonomia à identidade provincial de um povo, de uma gente, formado nos três séculos da vida de colônia e preso à estrutura administrativa da Capital de Pernambuco".

"Não é uma data parada no tempo cívico. É mais do que uma comemoração. É uma cultura que vem caminhando com seus impasses e suas soluções num tempo histórico. Mais do que uma emancipação política. É a criação de uma vida cultural".

"(…) Essa comemoração não permanece apenas no culto cívico das nossas melhores tradições provinciais. Alonga-se como um eixo de magnitude cultural já de proximidades centenárias".

(*) UMA CULTURA EM QUESTÃO. A ALAGOANA
Maceió -1981.

A Capitania das Alagoas

Por Abelardo Duarte (*)

"Com sua elevação a Capitania, nascia uma era nova para as Alagoas. Mal saída do domínio pernambucano porém, a nova Capitania das Alagoas, que tanto procurara ajustar-se ao progresso regional, na fase de simples comarca, criada pela Carta Régia de 9 de outubro de 1706 (aceita a data de 1711 como marco histórico, pois foi a de concretização do ato que a criou, com a nomeação do ouvidor-geral José de Acunha ou José da Cunha Soares, primeiro a dirigi-la), iria viver dias agitados.

(…) Vindos dos dias ásperos e difíceis da Comarca, os alagoanos libertos desejavam, com o novo estado de coisas, paz para o trabalho construtivo; e a nova situação, a que sempre aspiraram, propiciava-lhes mesmo um futuro de prosperidade e bonança. Estavam saturados daquele sistema de vida que vinham de atravessar; da política prepotente dos capitães-mores e daquilo que Craveiro Costa denominou de 'prepotência dos senhores feudais'.

(…) Quando D. João VI elevou a antiga Comarca das Alagoas a Capitania, mercê do Decreto de 16 de setembro de 1817, a sua população orçava aproximadamente por 90.000 almas, na antiga estatística do ouvidor Antônio José Ferreira Batalha, figura que teve seu nome gravado em diversos acontecimentos da história colonial das Alagoas".

(*) As Alagoas na Guerra da Independência – Abelardo Duarte. Maceió (1974).

As administrações das províncias — estatística curiosa

Por Jayme de Altavila (*)

"As administrações provinciais das Alagoas foram de uma tal efemeridade e em meio de tal agitação política, que poucas conseguiram deixar um marco duradouro de sua passagem. De 1711 a 1817 tivemos 16 ouvidores, com as suas funções reguladas pelo regimento de 22 de

setembro de 1668, baixado por D. Pedro II de Portugal, e, durante os cento e seis anos dessas ouvidorias, a vida administrativa, conquanto pêrra, manteve-se em equilíbrio.

Passada a Comarca a Capitania, as Alagoas tomaram outra feição, especialmente devido às manifestações populares de caráter público.

De 1818 a 1889 é espantosa a estatística dos presidentes e vice--presidentes em exercício — 139 administradores em 71 anos, convido lembrar que, dos presidentes, somente dois eram alagoanos".

(*) História da Civilização das Alagoas – Jayme de Altavila (1962).

Não foi enclave político

Luis Sávio de Almeida (*)

"Os estudos que enfocam 1817, em grande maioria, cometem um equívoco grave: eles enfocam o evento e esquecem que a sucessão de golpes e contragolpes que vão fazer a política em Alagoas é de pequena diferenciação de tempo. De 1817 para 1822 correm apenas cinco anos, e as contradições que saem do choque de 17 e as que vão acontecendo no trânsito do processo não diluem os fatores que vão conformar as frações e as vicissitudes dos caminhos do capital pelo adentramento do século 19, possivelmente indo até a Praieira. O espaço de 1822 para 1824 é diminuto, como também o da sedição de Porto Calvo; logo virá a Abdicação, os dias da Cabanada, a guerra entre Lisos e Cabeludos, os dias da Praieira e, quem sabe, coisa a investigar, chegue na Revolta da Imperatriz e no Quebra-Quilos, últimas expressões armadas de peso em nossa vida política.

Então, 1817 não é um enclave político, mas resultado da maturação de intervenções econômicas e políticas na área do Norte, especialmente em Pernambuco".

(*) luizsaviodealmeida.blogspot.com.br

Autonomia política e protagonismo nacional

Por Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros (*)

Nestas comemorações dos duzentos anos de autonomia política de Alagoas, tenho pensado nos fatos que determinaram que, antes de meio século após a separação de Pernambuco, sendo transformada em Capitania e, a partir de 1824, em Província de Alagoas, o Estado tenha se projetado na história nacional, com alagoanos protagonizando os principais feitos da sociedade brasileira no século 19. Na Guerra do Paraguai, partindo de sua terra de nascimento — Alagoas da Lagoa do Sul —, seis alagoanos da família Fonseca foram heróis, tendo tombado o alferes Afonso Quirino da Fonseca e o major Eduardo Emiliano da Fonseca na Batalha de Curupaiti, e outro irmão, capitão Hipólito Mendes da Fonseca, na passagem da ponte de Itororó. Deodoro da Fonseca comandou o segundo Batalhão de Voluntários da Pátria em 1865; em 1887, no Rio de Janeiro, é empossado como primeiro presidente do Clube Militar, liderando o movimento abolicionista ou antiescravista do exército. Recebendo a Ordem do Cruzeiro do Sul pelos feitos na guerra, num mesmo ano é promovido a general e a marechal. A ele cabe o destino de realizar o segundo sonho do poeta Castro Alves: a transformação do Brasil numa República. Primeiro presidente da República brasileira, é sucedido por outro alagoano herói da Guerra do Paraguai, o marechal Floriano Peixoto. A

Cem anos de economia e finanças de Alagoas: 1817 a 1917

Por Leite e Oitica (*)

"Por Carta Régia em 1817 foram criadas as vilas de Maceió e Porto de Pedras. Elevada Alagoas a capitania independente e, mais tarde, proclamada a independência do Brasil e constituída uma das províncias do Império, nem por alto tinha autonomia para decretar os seus orçamentos de receita e despesa, estas eram parte do orçamento geral do Império, de onde vinham discriminadas as verbas para as despesas das

províncias, em cada rubrica dos diversos ministérios, sendo a receita parte do orçamento geral.

O primeiro governador da Capitania, Sebastião Francisco de Mello e Póvoas, que governou de 1819 a 1822, muito houve que fazer na instalação da nova Capitania, com a construção de quartéis, plantas da Villa de Maceió, edifícios para repartições públicas, na capital (Alagoas) e na villa nascente que havia de sobrepujar aquela, alguns anos depois".

(*) O Centenário da Emancipação de Alagoas. Organizado por Moreno Brandão. A

Os Ambundus no processo de Emancipação Política de Alagoas

Zezito de Araújo (*)

O que se percebe nos escritos sobre a emancipação política de Alagoas é o centralismo nas figuras dos dirigentes políticos, senhores de engenhos, nos engenhos produtores de açúcar, na robustez da economia, na imponência dos monumentos arquitetônicos, para realçar e justificar o grau de desenvolvimento intelectual e de sociabilidade que existia na sociedade alagoana. As referências sobre a participação da população negra alagoana nessa empreitada praticamente não existem; quando há registro, é com as seguintes expressões: "escravos do eito", "trabalho escravo", "participação do escravo" etc. Não se configura a efetiva participação desse povo, enquanto indivíduos da sociedade alagoana, criadores de bens materiais e imateriais.

Não se quer com isso criar ou recriar personagens ou fatos históricos para inserir esses personagens na História de Alagoas, pelo contrário, pretende-se que a História de Alagoas, ao ser escrita ou reescrita, registre e contemple em suas análises a participação desses sujeitos como protagonistas também dessa história.

O povo Ambundu, que edificou Alagoas até a sua emancipação política, esteve presente em todos os momentos, com suas tecnologias e saberes. Todos possuíam nomes, porque ao desembarcar era imposto a eles o ritual do batismo católico, recebendo um nome

cristão, uma das condições primordiais para inserir-se no mercado de trabalho na condição de escravizado. Por que então não há registro de seus nomes na história de Alagoas?

Nos registros da história de Alagoas, não aparecem os nomes desses trabalhadores que fabricaram ferramentas como a enxada, a foice, a estrovenga, o machado e outras, para construir engenho, cortar as árvores, e que preparam o solo para plantar a cana-de-açúcar, como também desenvolveram outras atividades, pois a população negra contribuiu e construiu o território e a sociedade alagoana.

Essas ferramentas eram tecnologia de última geração no século 16 para as atividades agrícolas. O ferreiro, uma pessoa Ambundu, era a detentora desse conhecimento e trouxe do continente africano a técnica para o fabrico das ferramentas, como também, e principalmente, a técnica para o cultivo da cana-de-açúcar, que desenvolveu nas ilhas de Cabo Verde, Madeira e Açores.

Foram os trabalhadores escravizados ambundus africanos que iniciaram a ocupação do território alagoano a partir das margens dos rios Manguaba, Camaragibe, Santo Antonio Grande, Paraíba do Meio e Mundaú, com a construção de engenhos, capela, senzala, pelourinho e plantando cana-de-açúcar. Os cinco primeiros engenhos foram construídos por esses trabalhadores, em território que hoje é Alagoas, propriedade de Cristovão Linz, localizados no povoado de Porto Calvo.

Quando se observa a emancipação política de Alagoas com um olhar aquém do 16 de setembro de 1817, temos a possibilidade de sair desse visual dualista "traidores X desenvolvimento econômico", e colocar outros sujeitos — ambundus, índios, povo em geral — nessa discussão, além dos eleitos pelos historiadores, que se prendem apenas às autoridades constituídas que ocupavam cargos e funções definidas pela Coroa portuguesa.

(*) Prof. Me. de História e supervisor de Diversidades da Secretaria de Educação de Alagoas.

Capitania e província

Por Cícero Péricles (*)

"Com a emancipação em 1817, surge um novo ambiente político influenciado pelas instituições criadas pelo estatuto da independência, como o Governo Provincial e o Conselho Geral, depois transformado em Assembleia Provincial. Nas sete décadas do período imperial, Alagoas viveu sob o signo da instabilidade e, por isso, assistiu a muitos acontecimentos policiais e mudanças econômicas. Os anos iniciais de sua emancipação ficaram gravados por três levantes originados e centralizados em Pernambuco, com repercussões em Alagoas: a Revolução Pernambucana de 1817, a Confederação do Equador, em 1824, e a Revolução Praieira, em 1848.

(…) Essa decisão do governo português é motivo de divergências entre os historiadores alagoanos, dividindo-os entre defensores da emancipação como prêmio e reconhecimento pela contribuição alagoana à derrota da Revolução de 1817; e outra corrente defensora da ideia de que, pela importância econômica e social, a comarca já merecia o status de capitania.

(*) Em Formação Histórica de Alagoas.

Douglas Apratto Tenório (*)

"A separação de Pernambuco não foi uma traição à Capitania de Pernambuco, tendo em vista que a solicitação de autonomia da Comarca das Alagoas começou a ser feita muito antes da eclosão da Revolução Pernambucana. O espírito separatista era antigo, desde a época da Guerra do Açúcar. A fronteira do Rio Persinunga (divisa do atual município de Maragogi, em Alagoas, com o estado de Pernambuco) delimitava duas regiões com situações bem-definidas. Até o sotaque, por exemplo, já era distinto. Pernambuco era mais urbano, mais ligado ao exterior, mais liberal; Alagoas era mais rural, mais isolada, mais conservadora".

(*) Alagoas 200 Anos – História. Instituto Arnon de Mello (2017).

A participação indígena na formação de Alagoas

Não se pode negar na história a presença dos nativos indígenas e sua ancestralidade na formação do povo de Alagoas, representando um legado cultural, holístico, físico e a manutenção da forma de ser e viver ao longo do tempo. É importante mostrar essa presença na formação das características herdadas também com as junções de indígenas, negros e colonizadores portugueses. Vale destacar a participação indígena em grandes conquistas, como a Guerra do Paraguai. Apesar da não oficialização e da pouca divulgação na história alagoana, os feitos de heróis como José Gomes Celestino, Martinho Gomes Xucuru-Kariri, Otávio Kariri e tantos outros são lembrados pela memória dos mais velhos e repassados às novas gerações.

Mesmo que de forma brusca, selvagem e obrigados a participar de grandes realizações, não só em solo alagoano, reverenciamos o fato de que os indígenas não aceitaram o sistema de escravidão imposto aos negros. Muitos preferiram morrer.

A história dos nossos heróis indígenas e suas contribuições para Alagoas ainda é pouco oficializada nos livros e materiais didáticos da educação e de historiadores. Portanto, neste mês de setembro, especialmente nos dias 7, dedicado à Independência do Brasil, e no dia 16, que marca a Emancipação Política de Alagoas, reflitamos sobre os vários aspectos da relação com a sociedade. Dentro do espírito da reconstrução de novas alianças e reciprocidade, afirmamos a importância da demarcação dos nossos territórios e, se quisermos caminhar em direção ao futuro, não se pode mudar as regras, as leis e nossos direitos, pois são conquistas mínimas que perdemos ao longo do processo de colonização como primeiras nações do Brasil.

Graciliana Selestino Wakanã — originária dos Wakonã Kariri-Xucuru. Graduanda em Filosofia. A

SAIBA MAIS EM

- O Centenário da Emancipação de Alagoas. Organizado por Moreno Brandão (1919).
- História da Civilização das Alagoas – Jayme de Altavila (1962).
- As Alagoas na Guerra da Independência – Abelardo Duarte (1974).
- Uma Cultura em Questão. A Alagoana. Dirceu Accioly Lindoso (1981).
- Formação Histórica de Alagoas – Cícero Péricles (2015).

Prefixo ZYO-4, Rádio Difusora de Alagoas, nas ondas da pioneira

Inauguração da Rádio Difusora

"Já não somos mais a zona de silêncio do Brasil", com essas palavras o governador Silvestre Péricles inaugurou a Rádio Difusora de Alagoas, em 16 de setembro de 1948. O avanço radiofônico fazia parte das comemorações do 131º aniversário da Emancipação Política do Estado.

Com o prefixo ZYO-4, a instalação da Difusora ocorreu numa época em que o país se voltava para o alcance e a abrangência do rádio. A expectativa da população era grande com a possibilidade de ter uma rádio local, diante do furor provocado pela programação radiofônica. Assim que entrou no ar, a Difusora foi chamada de Pioneira ou, carinhosamente, "A Caçula da América".

VOCÊ SABIA?

A Difusora surgiu de maneira irregular. Com dificuldade para viabilizar a sua criação, Silvestre Péricles atropelou os impedimentos legais e utilizou recursos provenientes do jogo do bicho.

Em julho de 1953, Arnon de Mello sancionou a Lei nº 1.708, que oficializava a rádio como autarquia estadual.

A Difusora operava com um transmissor Philips de 10 Kw.

Instalada provisoriamente na Rua Pedro Monteiro, no Centro de Maceió, mudou-se depois para o atual prédio da Fundação Pierre Chalita, na Praça dos Martírios. Hoje a sede da Difusora integra o Instituto Zumbi dos Palmares, localizado no Cepa, no Farol.

Cauby Peixoto participou da inauguração. As vozes de Odete Pacheco, Jesualdo Ribeiro e Aldemar Paiva também foram ouvidas.

Os Quatro Filhos, O Homem da Casa Vermelha, A Princesinha e Piedosa Mentira estão entre as radionovelas de sucesso na Difusora.

PRIMEIROS PROGRAMAS...

Grande parte da programação era ao vivo e diversificada: "novelas, programas humorísticos e musicais, com os cantores, orquestra e conjuntos musicais da própria rádio, constituíam a maior parte dessa programação, compensando a insuficiência de discos para a sustentação diária do roteiro (não havia LPs, apenas os discos de acetado, de 78 rotações)", lembra Cláudio Alencar em seu livro *Contando Histórias*.

- Bom dia Alagoas (Crônica)
- Floriano, o Marechal de Ferro (Rádio Teatro)
- Sururulândia (variedades)
- Onde o Céu é Mais Azul (MPB)
- Audição de amadores consagrados

1ª DIRETORIA

- Diretor-geral – Mário Marroquim
- Diretor comercial – Francisco Marroquim
- Diretor artístico – Aldemar Paiva
- Diretor teatral – Lima Filho

MIGRAÇÃO PARA FM

Em 2017, a Rádio Difusora, que faz parte do IZP (Instituto Zumbi dos Palmares), inicia o processo de migração para a frequência FM. A autorização foi dada pelo governador Renan Filho por ocasião das comemorações dos 200 anos de Emancipação Política de Alagoas.

SAIBA MAIS

Contanto Histórias – O Rádio em Alagoas – O Anedotário do Rádio, de Cláudio Alencar. Maceió (1991).

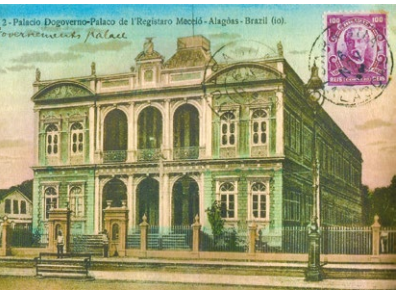
Site História de Alagoas

OUÇA A DIFUSORA

SINTONIZE AM 960

Palácio Floriano Peixoto reafirma padrões arquitetônicos europeus

A construção do Palácio do Governo foi iniciada em 1893, na gestão de Gabino Besouro, pelo engenheiro Carlos Jorge Calheiros de Lima. Segundo o historiador Craveiro Costa, com a deposição de Besouro, as obras foram paralisadas. Embora tenham sido retomadas pelo Barão de Traipu, que o substituiu, foram descontinuadas novamente em 1897 e só retomadas em 1900, já no governo de Euclides Malta.



Palácio Floriano Peixoto

Descontente com a planta original, Malta delegou ao arquiteto italiano Luigi Lucarini a tarefa de imprimir uma nova feição ao monumento. "O edifício foi completamente alterado; a fachada, sobretudo, sofreu radical transformação, oferecendo um belo conjunto, magnificamente tratado na sua ornamentação e elegância de estilo", diz Craveiro Costa no Indicador Geral do Estado de Alagoas (1902).

A inauguração, no dia 16 de setembro de 1902, tornou o monumento, na praça da Igreja do Bom Jesus dos Martírios, uma referência da expansão urbana da área central da cidade. E despertou também o gosto da elite por uma arquitetura afinada com os padrões europeus.

MONUMENTO ECLÉTICO

O palácio de dois andares tem predominância de elementos neoclássicos, com pórticos de arcos de meio ponto, fachada com armas do Estado ladeadas por esculturas e torreão, de construção posterior, que serve de mirante.

O requinte do interior palaciano é destacado pela decoração em estuque e claraboias no salão nobre. As pinturas originais das paredes foram destruídas.

PALÁCIO DOS MARTÍRIOS

Em 17 de outubro de 1947, por meio do Decreto nº 417, o palácio foi oficialmente denominado Palácio Marechal

Floriano Peixoto, em homenagem ao alagoano, segundo presidente da República. Mas a denominação consagrada pelo povo é Palácio dos Martírios, em alusão ao padroeiro da igreja, situada na mesma praça.

ACERVO PERDIDO

Desde a sua fundação, o palácio sofreu muitas alterações na ambientação e teve o acervo móvel (porcelanas, cristais, pratarias e peças do mobiliário) dilapidado. Mantém preservado o conjunto de 17 quadros a óleo do pintor Rosalvo Ribeiro, doado pelo autor ao governo de Estado, que custeou seus estudos na Europa.

Em 2006, com a inauguração do Palácio Zumbi dos Palmares, que passou a ser a nova sede do governo, o prédio do Palácio Floriano Peixoto passou a ser o Mupa (Museu do Palácio de Alagoas).

(*) Primeiras Coleções de Cartões-Postais de Maceió: Representação de uma nova cidade. In: 6. Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Natal, 2000. Anais, Natal, PPGAU-UFRN.

Hekel Tavares e a livre fronteira entre o popular e o erudito

Leopoldo Hekel Tavares

Leopoldo Hekel Tavares nasceu em 16 de setembro de 1896. Não existe consenso em relação ao local: documentos descobertos pela família indicam Maceió, embora, historicamente, Satuba seja apontada como berço do regente, pianista, arranjador e folclorista que legou ao cancioneiro alagoano mais de 100 composições.

Contrariando a orientação do pai, o comendador João Tavares da Costa, que o queria no ramo da contabilidade, enveredou pela música desde muito cedo. Estimulado por uma tia e pelos professores, tocava órgão e cantava no coral do Colégio Marista de Recife.

Foi para o Rio de Janeiro aos 24 anos. Estudou orquestração com J. Otaviano. Mergulhou na vida cultural da cidade e teve

participação importante com peças ligeiras para o teatro de revista da época. Compositor autodidata, transitou entre o popular e o erudito. Sobre a sua musicalidade, Paulo Malta Filho escreveu na Enciclopédia da Música Brasileira Erudita, Folclórica e Popular: "Um feitiço mágico que prende como um canto de sereia".

Editava as próprias músicas, gravava em discos e em alguns períodos distribuía sua produção no Brasil e no exterior. Hekel Tavares morreu no Rio em 1969, aos 72 anos.

"A música de Hekel Tavares revela cores bastante próprias de uma personalidade que, apesar de voltada para o eruditismo musical em suas últimas composições, não deixou de colher sua inspiração no cotidiano das manifestações populares alagoanas". Joel Bello Soares

CURIOSIDADES

A Marcha dos 3 Poderes – suíte para orquestra sinfônica, composta em 1960, para a inauguração de Brasília.

Sussuarana (1928), em parceria com Luis Peixoto, foi seu primeiro sucesso. A música tem gravação de Maria Bethânia com participação de Nana Caymmi.

2006 – O Instituto Moreira Salles recebe parte do acervo de Hekel (uma pequena coleção de partituras, discos de 78 rpm). O filho Alberto Hekel Tavares cedeu ao IMS um álbum com 65 imagens fotográficas.

SAIBA MAIS

ims.com.br

Agência Estado

FAGNER PLAGIOU HEKEL

O cantor e compositor cearense Raimundo Fagner foi condenado pelo plágio da música Você, composta por Hekel Tavares em parceria com Nair Mesquita. Fagner gravou a canção, intitulada Penas do Tiê, no disco Manera Frufru, Manera (1973).

Editada em 1928, a música foi dedicada por Hekel à cantora lírica Gabriella Besansoni Lage. A

AS MAIS CONHECIDAS

- Sapo Dourado (suíte)
- Concerto para Violino e Orquestra
- Azulão – canção
- Dança de Caboclo – coco
- Guacira – canção
- Banzo – canção
- Moleque Namorador – foxtrot
- Os Oinho Dela – canção
- Funeral dum Rei Nagô
- Casa de Caboclo – canção

Oligarquia e reconfiguração arquitetônica no governo de Euclides Malta

Euclides Malta governou Alagoas por três mandatos (1900/1903, 1906/1909, 1909/1912). Nasceu em Mata Grande (antiga Paulo Afonso), em 16 de setembro de 1861. Formado em Direito, foi vereador, promotor público (Atalaia, Penedo e Coruripe), deputado estadual constituinte e senador.

O casamento com a filha do então presidente da província, Manuel Gomes Ribeiro, o Barão de Traipu, impulsionou sua carreira política.

Euclides Malta

A ERA MALTINA

Era o líder da chamada "Oligarquia dos Malta" (1900 a 1912), caracterizada, dentre outros fatores, pela manutenção do poder político e pelo controle social por parte dos coronéis e seus aliados nas esferas municipal e estadual.

MACEIÓ ERA UM CARTÃO-POSTAL

Obras que mudaram a feição urbana de Maceió foram construídas, concluídas ou reformadas no seu governo: o Teatro Deodoro, o Palácio Floriano Peixoto, o Tribunal de Justiça, as praças Deodoro, Floriano e Sinimbu estão entre elas. Profissionais importantes, como o arquiteto italiano

Tribunal de Justiça

Luigi Lucarini, além de engenheiros, foram contratados para levar adiante o projeto de modernização e de reconfiguração arquitetônica da capital.

O QUEBRA DE XANGÔ – FEVEREIRO DE 1912

"As forças políticas opositoras ao governo Euclides Malta organizaram e estimularam a ação da Liga dos Republicanos Combatentes, uma associação civil de caráter miliciano, responsável pela invasão e destruição de aproximadamente 50 'toques' ou 'xangôs', terreiros da expressão dos cultos de matriz africana".

Cícero Péricles

"A pretexto de que Euclides Malta e seus correligionários do Partido Republicano Conservador afrontavam a elite branca, protegendo a prática do candomblé, os seus inimigos políticos deram um passo decisivo na sua destituição, silenciando os terreiros e jogando contra eles a população, principalmente a poderosa opinião da igreja (…)".

Douglas Apratto Tenório A

LEIA MAIS

- ABC das Alagoas (2005).
- Metamorfose das Oligarquias – Douglas Apratto Tenório (1973).
- Formação Histórica de Alagoas – Cícero Péricles de Carvalho (2015).

Palácio Floriano Peixoto

Teatro Deodoro

A primeira casa da Coleção Perseverança

Em 16 de setembro de 1897, a Sociedade Perseverança e Auxílio dos Empregados do Comércio de Maceió criou um museu na capital. Na fala de seu então presidente, Salvador Costa, o museu "é um elemento de propaganda de indiscutível utilidade prática para as classes industrial e artística do país".

Localizado na Rua do Sol, o espaço reunia coleções de várias tipologias, como numismática, geologia, zoologia, objetos indígenas e cerâmicos, antes de receber a sua mais importante coleção: os objetos dos cultos afros remanescentes dos antigos xangôs de Maceió, destruídos no lamentável episódio do Quebra de 1912.

TRANSFERÊNCIA PARA O IHGAL

Em 1950, o museu da Sociedade, em vias de extinção, teve sua coleção de objetos do culto afro transferida, por doação, ao Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas. O IHGAL preserva a coleção inventariada por Abelardo Duarte, logo após sua transferência, e que, a partir desse momento, recebeu o nome de Coleção Perseverança, em referência e agradecimento à sociedade doadora. A coleção é considerada uma das mais importantes do país. A

Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas

DIA 17

Aureni Moreno – A primeira diretora-geral da Polícia Civil de Alagoas

Aureni Moreno

A atuação da delegada Aureni Moreno, nascida em Maceió, é marcada por grandes feitos. Em 1975, iniciou sua careira na Polícia Civil de Alagoas. Em 1983, foi a primeira diretora da Delegacia da Criança e do Adolescente – antigamente chamada de Delegacia de Menores.

Após atuar no extinto departamento de Polícia do Interior da Polícia Civil (Polinter), foi a primeira mulher a ocupar o cargo de chefe do Departamento Central de Polícia Civil (Decepoc), em 1991, correspondente hoje ao cargo de diretora-geral da instituição.

No Dia Internacional da Mulher, em 2009, foi homenageada pelo Instituto Raízes de África com o certificado Mulheres da Diversidade, por seu trabalho e representatividade negra. No mesmo ano, também foi celebrada pela Polícia Civil, devido à sua atuação na Delegacia da Criança e do Adolescente. A Câmara Municipal de Maceió lhe concedeu a Comenda Amiga da Criança e recebeu da Academia de Letras e Artes do Nordeste o troféu Mulher Valorosa do Brasil. Morreu no dia 17 de setembro de 2011. A

Thomaz Espíndola

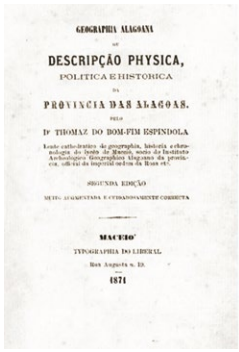
DIA 18

Um clássico da geografia alagoana – Thomaz Espíndola

Thomaz de Bonfim Espíndola nasceu em Maceió em 18 de setembro de 1832. Médico formado na Bahia e professor, teve uma carreira política de destaque: deputado provincial e geral e até presidente interino da Província por alguns dias: 30 de julho de 1867 a 6 de agosto, e de 8 fevereiro de 1878 a 11 de março.

Embora breve, sua primeira gestão é marcada pela abertura

da navegação do Rio São Francisco. Sócio do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas e da Academia Alagoana de Letras, é autor, entre outros, do projeto de criação da Biblioteca Pública Estadual (1865).


GEOGRAPHIA ALAGOANA
DESCRIPÇÃO PHYSICA,
POLITICA E HISTORICA
DA
PROVINCIA DAS ALAGOAS.
POR
DR THOMAZ DO BOM-FIM ESPINDOLA
MACEIÓ
TYPOGRAPHIA DO LIBERAL
1871

VOCÊ SABIA?

A obra Geografia Alagoana ou Descrição Física, Política e Histórica da Província das Alagoas (1860) é uma das principais fontes de pesquisa sobre a memória de Alagoas. É um clássico da história e da geografia alagoana.

Thomaz Espíndola destacou-se entre os professores e jornalistas (era redator de O Liberal) que defenderam a abolição da escravatura e a República.

Faleceu em 6 de março de 1889; seu corpo foi enterrado na sacristia da Catedral de Maceió.

É homenageado com o nome em uma das principais avenidas da capital, a Av. Thomaz Espíndola, no Farol. A

LEIA

Fascículo nº 2 da coleção Memórias Legislativas (1997), com pesquisa de José Maria Tenório Rocha.

DIA 19

Jornalismo e marketing político na trajetória de Arnon de Mello

Arnon de Farias Mello, alagoano de Rio Largo, nasceu em 19 de setembro de 1911. Foi jornalista, advogado e político. Literato, começou a se interessar pelos livros desde a juventude, quando integrou o Grupo Guimarães Passos, ao lado de Aurélio Buarque, Diégues Júnior, Raul Lima, nos anos 1920.

Em 1930, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde trabalhou como jornalista em várias redações. Eleito governador do Estado pela UDN (União Democrática Nacional), ficou no cargo entre janeiro de 1951 e 1956.

Arnon de Mello

Foi membro da Academia Alagoana de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas.

NA COMUNICAÇÃO

Trabalhou em jornais importantes: Vanguarda, Diário de Notícias, Diário Carioca, O Jornal e Diários Associados, de Assis Chateaubriand.

Após a cobertura da Revolução Constitucionalista de 1930, Arnon de Mello teve a ideia de instituir uma seção de cartas exclusiva para os combatentes, que podiam se comunicar com as famílias. Foi um sucesso.

Pioneiro em trazer o marketing político para as campanhas de Alagoas, com inovações como: utilização de cor no material de divulgação e produção de peças gráficas, novidades que incomodaram os adversários.

Criou a Organização Arnon de Mello, complexo de comunicação de Alagoas formado pela Gazeta de Alagoas (1934), Rádio Gazeta (1960), TV Gazeta de Alagoas (1975), Gazeta FM (1978), dentre outros veículos.

LIVROS-REPORTAGENS

Chegou a ser considerado "best-seller" ao publicar livros-reportagens famosos em sua época.

- *Os Sem Trabalhos na Política* (1931), lançado na esteira da Revolução de 1930.
- *São Paulo venceu!* (1933), resultado do trabalho como correspondente de guerra do movimento constitucionalista.
- *África* (1942), relatos de viagem ao continente africano. A obra foi editada pela editora José Olympio.

DATAS MARCANTES

Criou o Cepa (Centro Educacional de Pesquisas Aplicadas), considerado, na época, o maior complexo educacional do Ensino Médio do Brasil.

Durante seu governo, René Bertholet implantou a primeira

cooperativa agrícola do Nordeste, a Colônia Pindorama.

Construiu o primeiro sistema de esgotamento sanitário da capital.

Fez as primeiras ligações de energia elétrica gerada em Paulo Afonso.

1962 – eleito senador por Alagoas, na legenda do PDC.

1978 – Eleito senador indireto, pelo colégio eleitoral de seu Estado.

1979 – Com a queda do bipartidarismo, filia-se ao PDS.

1981 – Encerra a carreira política. É licenciado do Senado por motivo de saúde.

1983 – Morre em Maceió.

Arnon de Mello, Pedro Collor e Candida Palmeira

PUBLICAÇÕES SOBRE ALAGOAS

- Alagoas de Ontem e de Hoje (1952)
- Jamais Alagoas Voltará ao Passado Negro (1954)
- A Verdade Sobre Alagoas (1957)

A rendição dos holandeses em Penedo

A expulsão dos holandeses de Penedo aconteceu em 19 de setembro de 1654, após 24 anos da presença do invasor na Capitania de Pernambuco. O episódio ilustra o caráter sangrento das sucessivas disputas entre as coroas portuguesa e holandesa.

Segundo historiadores, o domínio holandês em Penedo, comandado por Maurício de Nassau e seu exército, teria durado de 1637 a 1645.

Maurício de Nassau

FATOS MARCANTES

Para demarcar terreno, Nassau mandou construir em Penedo o Forte Maurício.

Frans Post

O general Segismund von Schkoppe comandava uma tropa de 1.600 homens na cidade.

Durante a ocupação holandesa, muitas famílias portuguesas mudaram-se para a Bahia.

Antes da expulsão, os holandeses destruíram boa parte dos documentos referentes à Vila de Penedo.

Acuados, os holandeses fugiram pelo São Francisco.

A CRUZ É O MARCO DA RECONQUISTA

Relatos dão conta de que, após a vitória, comandada por João Fernandes Vieira, os portugueses queimaram o Forte Maurício e erigiram uma cruz de pedra no local da última batalha como marco da reconquista. Sobre esse episódio, o historiador Aminadab Valente escreveu:

"No campo onde se desenrolaram as sangrentas batalhas, ergueram uma cruz de pedra da altura de oito pés, de estilo bizantino, a qual fizeram vir de Portugal. (…) Segundo a afirmativa histórica, no tempo da Revolução Pernambucana de 1817, que lembra uma página de realce para os penedenses, os braços da cruz tomaram a direção de Recife, dizendo-se mudados para lembrar o dever de marchar a favor da legalidade, o que se manifestou para Penedo, com heroísmo, defender a coroa e a bandeira real. (…) A tradição deu à Cruz Histórica o nome de CRUZ DAS ALMAS ". A

LEIA MAIS EM...

- A Presença Holandesa, de Douglas Apratto Tenório.
- Crônica do Penedo, de José Próspero Jeová da Silva Coroatá.
- Perfil do Penedo, de Ernani Méro.
- Arruando pelo Forte, de Francisco Alberto Sales.
- O Olhar Holandês e O Novo Mundo, Maria Angélica da Silva (org.).

A teoria musical de Edilberto Trigueiros

Edilberto Trigueiros nasceu em 19 de setembro de 1896, em Maceió. Professor de Música do Instituto de Educação de Maceió, é descrito por Joel Bello Soares como um profundo conhecedor de teoria musical.

Para aprofundar os conhecimentos na área, e interessado nos libretos e textos de ópera, estudou alemão e italiano.

Compôs o Hino para Maceió em parceria com o poeta Carlos Moliterno, que fez a letra. Autor de várias peças para piano, teve obras editadas pela Casa Carlos Wehrs (RJ).

Na década de 1930, vai para Salvador, onde rege orquestras. No Rio de Janeiro, trabalhou como crítico musical do Jornal do Commercio. É autor de A Língua e o Folclore da Bacia do São Francisco (1977), editado pela Funarte.

Trigueiros faleceu em Salvador, em 30 de junho de 1976. A

SAIBA MAIS

Alagoas e Seus Músicos, de Joel Bello Soares (1999)
ABC das Alagoas (2005)

AUTORIA

- Amor de Estudante (opereta)
- Afobado (tango)
- Nas Caiêra (tanguinho)
- Queixume (tango)
- Teimoso (tango)

DIA 20

O galo encarnado e os argonautas da esperança: Clube de Regatas Brasil

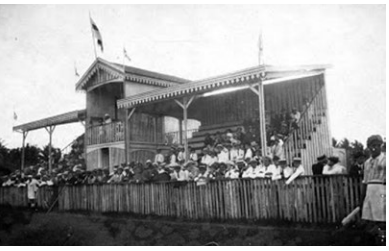
"Ao remo!/ Pois nosso norte/ De glórias traçado está", inicia Jayme de Altavila o hino do Clube de Regatas Brasil, o CRB, time criado em 20 de setembro de 1912.

A base da história do CRB teve início no bairro da Pajuçara. A ideia de um grupo de jovens desportistas era criar uma equipe de remo, o Clube Alagoano de Regatas. Naufragada a proposta

Lafaiete Pacheco

original, após desentendimentos quanto ao valor da mensalidade, funda-se o Clube de Regatas Brasil, na Rua Jasmim. O futebol vem na sequência das incursões do grupo pela regata, cujos treinos marítimos eram realizados entre a Ponta Verde e a Pajuçara.

Entre um treinamento e outro, os atletas batiam uma bolinha, e foram tomando gosto pelo futebol. O resultado está registrado na história do futebol alagoano.



OS FUNDADORES

Lafaiete Pacheco, Antônio Bessa, Celso Coelho e Alexandre Nobre.

TANTAS GLÓRIAS

29 títulos estaduais.

1927 – primeiro campeão de Alagoas.

1993 – campeão do Torneio de Acesso à Série B.

1994 – vice-campeão da Copa Nordeste.

OS FERAS DO GALO

Haroldo Zagallo (pai do jogador e técnico Zagallo)
Miguel Rosas
Mourão
Canhoto
Pompéia
Silva
Joãozinho Paulista
E outros

VOCÊ SABIA?

O mascote do time é o cardeal-do-nordeste, conhecido como galo-de-campina. Durante a construção do Estádio Severiano Gomes Filho, a área era cheia de campina, vem daí a escolha do símbolo.

1917 – início da construção do Estádio Severiano Gomes Filho.

2012 – Após a venda do estádio da Pajuçara, o CRB construiu um CT moderno na Barra de São Miguel.

CANTE AÍ!

Ao remo! Pois nosso norte
De glórias traçado está.
Façamos o peito forte
Que a pátria forte será.
Argonautas da esperança,
Vamos bem longe embalar
Nosso sonho de bonança.
Ao mar! Ao mar!…

Jayme Altavila A

QUER SABER MAIS?

- Revista Graciliano nº 19 /2013
- www.crb.esp.br
- www.historiadealagoas.com.br

Um prefeito ativo: Eustáquio Gomes

As construções do mercado municipal, do hospital de Pronto Socorro e do grupo escolar professor Agnelo Barbosa foram obras da gestão de Eustáquio Gomes de Melo à frente da prefeitura de Maceió, de 11 de fevereiro de 1937 a 11 de março de 1941.

Ele nasceu em Capela no dia 20 de setembro de 1894. Estudou no Seminário Arquiepiscopal de Maceió e ocupou em 1941 o cargo de diretor-geral do Departamento de Educação de Alagoas. Em 1945, assumiu a Secretaria do Interior e Justiça e o cargo de diretor-geral das Municipalidades e da Assistência às Cooperativas.

Foi eleito suplente de deputado federal por Alagoas em 1950, na legenda da União Democrática Nacional (UDN), e exerceu o mandato de julho de 1951 a fevereiro de 1952. No pleito seguinte, foi reeleito suplente pelo mesmo Estado e partido, ocupando uma

cadeira na Câmara de junho a outubro de 1955 e de março a julho de 1956. Faleceu durante esse mandato, em 14 de julho de 1956.

OBRAS EM MACEIÓ

Em Maceió também colocou calçamento em diversas artérias, reformou a praça General Lavenère Wanderley, construiu sarjetas na Avenida Fernandes Lima, um novo relógio oficial e demoliu o antigo mercado, que deu lugar ao Centro Educacional Antonio Gomes de Barros, antigo Cepa.

FONTE

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), Escola de Ciências Sociais da Fundação Getulio Vargas. A

Albuquerque Lins

Albuquerque Lins governa São Paulo

De 1º de maio de 1908 a 1º de maio de 1912, o alagoano Manuel Joaquim de Albuquerque Lins, nascido em São Miguel dos Campos no dia 20 de setembro de 1852, governou o estado de São Paulo. Era algo que ninguém poderia imaginar daquele que quase tornou-se padre, pois, tendo se alfabetizado em sua cidade natal, partiu aos 14 anos para estudar no Seminário Arquiepiscopal em Salvador. Decidiu, então, estudar Direito em Recife, se formando em 1877.

De volta a Alagoas, foi promotor público de Anadia e mudou-se para a Província de São Paulo, seguindo conselho do primo, João Lins Vieira Cansanção de Sinimbu, o Visconde de Sinimbu, que foi presidente do Conselho de Ministros do Império entre 1878 e 1880. Por lá, foi juiz Municipal e de Órfãos de Santos e São Vicente e juiz de Direito de São Simão e Ribeirão Preto.

Em São Paulo, se dedicou à advocacia e à imprensa. Casou-se com Helena de Sousa Queiroz, filha do Barão Souza Queiroz, com influência no Partido Liberal da Província de São Paulo. Elegeu-se

deputado provincial pelo 5° Distrito para a Legislatura 1888-1889, a última do Império.

Depois de ocupar os cargos de vereador, senador e secretário da Fazenda, foi eleito governador em 1º de março de 1908. Entre as suas ações, deu continuidade à política de valorização do café, incrementou a entrada de imigrantes, estimulou a construção de numerosos grupos escolares e criou institutos profissionais na capital e em outras cidades. Faleceu em São Paulo, a 7 de janeiro de 1926.

CARANIDRU

Albuquerque Lins participou do lançamento da pedra fundamental da construção do novo Presídio de São Paulo, que ficaria conhecido como Carandiru, em 1911. (Antônio Sérgio Ribeiro)

FONTES

- CPDOC – FGV
- ABC das Alagoas, Francisco Reynaldo Amorim de Barros.
- Blog do Etevaldo

DIA 21

Manuel Diégues Júnior – o açúcar e a construção social alagoana

Manuel Diégues Júnior

"A história dos engenhos de açúcar nas Alagoas se confunde com a própria história do hoje Estado, antiga Capitania e Província. A evolução de um ditou e condicionou a do outro (…)". A análise de Manuel Diégues Júnior, descrita nas primeiras linhas de uma de suas mais importantes obras, O Banguê nas Alagoas — Traços da Influência do Sistema Econômico doEngenho de Açúcar na Vida e na Cultura Regional (1949), dimensiona o alcance do pensamento crítico do autor.

Nascido em Maceió em 21 de setembro de 1912, Diégues Júnior é tido como um dos grandes intelectuais de seu tempo. Professor, advogado e sociólogo, é autor de uma obra consistente no campo da antropologia social brasileira.

Em sua trajetória, alternou a produção intelectual com atividades públicas que o colocam como incentivador da cultura e da abertura democrática do país.

Diégues Júnior faleceu no dia 27 de novembro de 1991, no Rio de Janeiro, um mês após receber o título de Professor Honoris Causa da Universidade Federal de Alagoas — Ufal.

NO PREFÁCIO DO BANGUÊ

"É um ensaio, um ensaio que obriga o leitor a pensar; que provoca reações noutros estudiosos do assunto; que sugere novas pesquisas a outros pesquisadores. Sua orientação — a de juntar a interpretação sociológica da história do Brasil agrário e patriarcal ao estudo das fontes regionais dessa história, abundantes em terra como a das Alagoas —, sem ser a que merece a inteira aprovação dos ortodoxos da crônica histórica, parece a mais capaz de enriquecer o conhecimento do passado (…)".

Gilberto Freyre (sociólogo)

REVISTA GRACILIANO MAPEOU O PENSAMENTO SOBRE DIÉGUES

"Toda a base da formação da ideia das Ciências Sociais em Alagoas que começa na década de 1930 passa por Diégues".

Luiz Sávio de Almeida (historiador)

"Papai foi um dos primeiros homens a abrir a porta lá da famosa abertura lenta e gradual do Geisel para a redemocratização do país".

Cacá Diegues (cineasta)

Depoimentos publicados pelo jornalista Rafhael Barbosa em reportagens para a Revista Graciliano nº 15/2012.

CARREIRA PÚBLICA

Chefiou a Difusão Cultural do IBGE.

Comissão Nacional do Folclore, do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBECC).

Dirigiu o Serviço de Informação Agrícola – Ministério da Agricultura.

Foi professor da PUC (RJ).

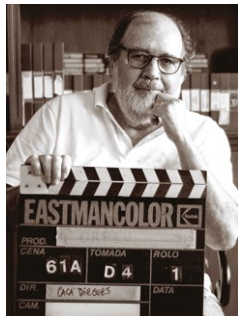
Dirigiu o DAC (Departamento de Assuntos Culturais) do MEC.

CURIOSIDADE

Aos 16 anos, fundou e presidiu o Grêmio Literário Guimarães Passos, considerado o mais importante do Modernismo alagoano.

VOCÊ SABIA?

Em 2012, ano de comemoração do centenário do autor, a Edufal relançou População e Açúcar no Nordeste do Brasil e O Banguê nas Alagoas: Traços da Influência do Sistema Econômico do Engenho de Açúcar na Vida e na Cultura Regional.

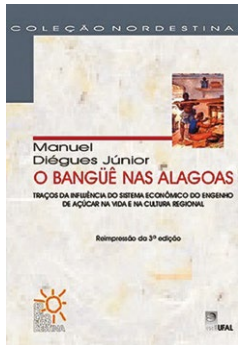


SAIBA MAIS

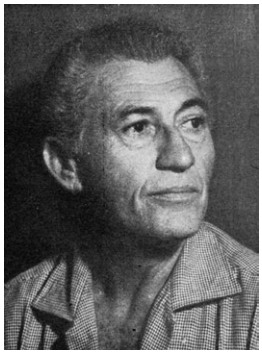
Revista Graciliano
nº 15/2012
ABC das Alagoas

ALGUMAS OBRAS

- Evolução Urbana e Social de Maceió no Período Republicano (1939).
- O Banguê nas Alagoas.
- O Engenho de Açúcar no Nordeste – Introducción a La Sociologia Nacional (1952).
- População e Açúcar no Nordeste do Brasil (1954).
- Etnias e Culturas no Brasil (1956).
- Folguedos Populares de Alagoas (1958).
- Estudo das Relações da Cultura no Brasil (1959).
- Regiões Culturais do Brasil (1960).
- O Brasil e os Brasileiros: Ensaios Sobre Alguns Aspectos das Características Humanas das Populações Brasileiras (1964).
- Região, Desenvolvimento, Cultura (1964).
- Ocupação Humana e Definição Territorial do Brasil (1971).
- Literatura de Cordel (1976).



Circo e Vidas Secas
Na terra em transe de Jofre Soares



Jofre Soares nasceu em Palmeiras dos Índios em 21 de setembro de 1917. Aos 43 anos, enquanto interpretava um palhaço num circo, foi descoberto pelo diretor Nelson Pereira dos Santos.

O encontro não mudou apenas a vida do então oficial da Marinha aposentado que, naquele momento, se voltava para o teatro amador: começava ali a trajetória de um dos mais marcantes atores nacionais.

A estreia no cinema, como assistente de produção e ator, foi com Vidas Secas (1957), baseado no clássico de Graciliano Ramos. Jofre não parou mais, foi do cinema (mais de 100 filmes), dirigido por grandes diretores, à televisão e ao teatro.

Jofre Soares morreu aos 77 anos, em São Paulo, no dia 19 de agosto de 1996.

Jofre Soares em cena

FILMES E DIRETORES MARCANTES

- O Bom Burguês (1979) e O Grande Mentecapto (1989) – Oswaldo Caldeira.
- Vidas Secas - Nelson Pereira dos Santos (1963)
- Terra em Transe – Glauber Rocha (1967).
- Memórias do Cárcere – Nelson Pereira dos Santos (1984).
- Chuvas de Verão (1978) e Bye Bye Brasil (1979) – Cacá Diegues.
- O Cangaceiro (1997) – de Anibal Massaini, seu último filme.

NA TELEVISÃO

1968 – Beto Rockfeller – Pedro
1982 – Lampião e Maria Bonita – Coronel Pedrosa
1982 – O Coronel e o Lobisomem – Simeão Azeredo Furtado
1982 – Paraíso – Antero
1984 – Jerônimo – Coronel Saturnino Bragança
1984 – Padre Cícero – Padre Pergo
1984 – Transas e Caretas – Joaquim
1985 – Jogo do Amor
1986 – Mania de Querer – Sebastião Cândido
1990 – Pantanal – padre
1990 – Riacho Doce – Zé Divino
1993 – Renascer – Padre Santo
1994 – Você Decide (episódios A Bolsa ou a Vida e Angu de Caroço)
1995 – As Pupilas do Senhor Reitor – Álvaro A

VOCÊ SABIA?

A participação no curta-metragem Mr. Abrakadaba rendeu a Jofre Soares o prêmio de melhor ator do ano no 6º Cine Ceará – Festival Nacional de Cinema e Vídeo.

LEIA MAIS

- www.historiadealagoas.com.br
- www.cultura.al.gov.br

Matheus de Albuquerque com poesia e proteção

Matheus Rodrigues de Albuquerque foi um jornalista e poeta, nascido em 21 de setembro de 1880 em Porto Calvo. Estudou em Maceió, onde publica poemas e crônicas. Aos 20 muda-se para Recife, onde passa a escrever no jornal A Província e na Gazeta do Norte. Por lá, foi secretário da Sociedade Protetora dos Alagoanos, criada em 1901 para apoiar migrantes de Alagoas. Morre em Petrópolis (RJ), no dia 26 de setembro de 1967.

Diplomata, foi cônsul do Brasil em Cádiz, na

Matheus de Albuquerque

Espanha, e conselheiro comercial na Embaixada do Brasil, em Madri. Deixou extensa bibliografia em prosa e verso. Publicou, entre outras obras: Visionário (poesia, 1908), Crônicas Contemporâneas (crônicas, 1913), A Juventude de Anselmo Torres (romance, 1923). Várias de suas produções poéticas foram traduzidas para o francês pelo poeta Henri Allorge. A

FONTE

Blog do Etevaldo – Matheus de Albuquerque

DIA 22

Raquel Santana da Silva – Educadora dos direitos indígenas

Raquel Santana da Silva

Nascida na Fazenda Canto, em Palmeira dos Índios, no dia 22 de setembro de 1972, Raquel Santana da Silva era filha do líder Antônio Selestino Xukuru-Kariri e foi assessora da sua irmã, Maninha Xuxuru-Kariri, uma das fundadoras da Articulação dos Povos Indígenas (Apoinme-NE).

"Maninha sempre chamou atenção para a terra. Depois que ela partiu [2006], as lideranças ficaram um pouco perdidas, mas logo começou a surgir um grupo de jovens indígenas que começou a fortalecer mais a luta Xukuru-Kariri por seu território", declarou certa vez.

Assim como a irmã, dedicou sua vida à causa indígena e ao combate as constantes violações de direitos. Professora indígena com formação em pedagogia, lecionou na Escola Estadual Indígena Mata da Cafurna.

Também é lembrada como uma das fundadoras do Fórum Estadual Permanente de Educação Escolar Indígena de Alagoas, defendendo a legitimidade de profissionais indígenas neste campo. Morreu em 12 de junho de 2018 devido a problemas cardíacos. Em 2019, recebeu (in memoriam) a Comenda do Mérito Educativo Alagoano, concedido pelo Conselho Estadual de Educação.

O retorno do Mutum a Alagoas

O dia 22 de setembro marca a volta do mutum à sua casa. Depois de ser considerada a primeira espécie animal brasileira extinta na natureza, o mutum-de-alagoas (Pauxi mitu) retornou a seu lugar de origem e se tornou a ave-símbolo do estado.

Uma das aves mais raras do mundo, o mutum só era encontrado em Alagoas, onde habitava originalmente a Mata Atlântica no Litoral Sul. Desaparecido havia mais de 30 anos por causa do desmatamento para a plantação de cana-de-açúcar e a caça predatória, seu retorno foi possível graças a um esforço coordenado do Governo Estadual com diversas instituições públicas e privadas e à reprodução em cativeiro.

Foto: Marcos Rosa

Ave rara, o mutum mede entre 80 e 90 cm

DIA 23

A árvore que inspirou Craíbas

O primeiro a acreditar no potencial do lugar onde mais tarde, em 23 de setembro de 1962, seria instalado o município de Craíbas foi Manoel Nunes da Silva Santos. Ele chegou à região em meados do século 19 e desbravou um grande pedaço de terra com muitas caraíbas, ou craíbas, árvore da família das Bignoniaceae, muito comum no Nordeste.

Mesmo depois de sua morte, os filhos permaneceram no lugar, dando início ao povoado que veio a ser conhecido por Craíbas dos

Craibeira

Nunes, pertencente ao município de Arapiraca.

Em 1939, com a instalação do primeiro cartório de registro civil, cresceu o desejo dos moradores de elevarem o povoado à condição cidade. Conseguiram o intento em 1962. Em 1965, em uma dessas reviravoltas político-administrativas, Craíbas perdeu a condição de município, voltando a ser distrito de Arapiraca. Só em 1982, através de um plebiscito, foi devolvida sua autonomia política.

ANOTE

"Carahyba" é um termo de origem tupi.

Um jogo histórico - Seleção Brasileira de futebol em Maceió

Era apenas um amistoso, mas todo mundo queria ver a Seleção Brasileira de futebol jogando pela primeira vez em Maceió. Isso aconteceu no dia 23 de setembro de 1981, numa

partida contra a Irlanda, quando venceu por 6x0. O jogo no Estádio Rei Pelé serviria para o técnico Telê Santana formar a equipe que disputaria a Copa da Espanha.

O site História de Alagoas informa que os ingressos para a partida, que teve como árbitro Oscar Scolfaro, auxiliado por José Assis Aragão e Sérgio Rosa Martins, só se esgotaram quando foi confirmada a presença de Zico no jogo. Os preços, então, dispararam: de Cr$ 2 mil, as cadeiras passaram a ser vendidas por cambistas a Cr$ 10 mil. As arquibancadas, de Cr$ 500 para Cr$ 2 mil. E quem se programou para a geral desembolsou Cr$ 200. O público recorde foi de 36.982 pessoas.

EQUIPES

Brasil: Waldir Peres, Perivaldo, Oscar, Edinho e Júnior; Toninho Cerezo, Renato e Zico; Paulo Isidoro, Roberto e Éder.

Combinado da Irlanda: Blackmore, Nolan, Dunning, MacConville e Lawlor; O'Connor, Flannagan e Devlin; Dennery, Buckley e Eviston. O técnico foi Jimmy McLaughlan.

LEIA MAIS

Site História de Alagoas: Brasil x Irlanda foi o primeiro jogo da Seleção Brasileira de futebol em Alagoas.

Raízes batavas na bandeira alagoana

Enio Lins

O Diário Oficial do Estado de Alagoas, em sua edição de 23 de setembro de 1963, seis dias depois da comemoração do 146º aniversário da emancipação política alagoana, publicava as normas para a nova bandeira e para o novo brasão estadual.

Os novos símbolos foram criados pelo pesquisador, médico e intelectual Théo Brandão (Theotônio Vilela Brandão), vencedor de um concurso público para tal. Os desenhos finais foram feitos pelo artista plástico Hércules Mendes.

A bandeira passa a ser tricolor: azul, branca e vermelha - retratando a disputa tradicionalíssima entre os cordões encarnado e azul que incendiavam as multidões durante as disputas dos pastoris e das cavalhadas, sem falar no clássico CRB X CSA.

O escudo, em seu mote central, reflete a presença holandesa na formação da província, remetendo ao século XVII. Na faixa superior, três tainhas (símbolo holandês para Alagoas do Sul, hoje Marechal Deodoro) e nas duas áreas verticais estão representadas Penedo (com o Forte Mauritius sobre a rocha ribeirinha) e Porto Calvo (os morros nos quais Calabar, lutando pelo lado holandês, derrotou as tropas da União Ibérica).

Compõem o escudo também a estrela de cinco pontas com raios concêntricos, os símbolos das águas doces e das águas salgadas, o algodão e a cana-de-açúcar. Na parte inferior, uma faixa curva tem a inscrição " AD BONUN ET PROSPERITATEM".

Saliente-se que, desde os anos 30, intelectuais como Romeu de Avelar e Jayme de Altavilla se lançavam na defesa da opção de Domingos Fernandes Calabar...

Como seria de se esperar, o criador e criativo Théo Brandão, construiu um belo e erudito discurso justificativo para as motivações e significados da bandeira e do escudo, mas eles falam por si próprios. A

DIA 24

Cuia para beber água – Coité do Noia

No final do século 19, a família Noia se instalou na região hoje chamada de Coité do Noia para cultivar terra. À medida que a família ia se multiplicando e o cultivo da terra progredia, as poucas casas existentes foram formando um arruado, que foi ampliado com a chegada de novos moradores, dentre eles, o agricultor Manoel Jô da Costa e seus descendentes.

A proximidade com Limoeiro de Anadia e Arapiraca beneficiou o desenvolvimento do povoado, elevado à condição de município em 24 de setembro de 1963. A toponímia veio da grande quantidade de cuitezeiras ou cuieiras existentes nas terras dos pioneiros, os Noia. Coité ou cuia é o fruto do arbusto que, aberto ao meio, servia de cuia para uso doméstico ou como unidade de medida no mercado popular. A

Vista geral de Coité do Noia

#VÍTIMADACOVID -19

A música perde o talento de Zailton Sarmento

Crédito: G1 Globo

Zailton Sarmento

Zailton da Silva Sarmento, músico, multi-instrumentista e compositor, nasceu em Maceió, em 1º de abril de 1958. Ainda garoto, estudou música com o mestre Manuca, na escola Técnica Federal de Alagoas. E não parou mais.

Sua última apresentação pública aconteceu em outubro de 2019, no Teatro Deodoro, em comemoração aos 50 anos de carreira. O show Goiaba com Aveia, dirigido por Almir Medeiros, rendeu o lançamento do álbum homônimo que reúne seus melhores trabalhos.

O multi-instrumentista morreu aos 64 anos, no dia 24 de setembro de 2020, vitima de complicações da Covid-19. Musical

por natureza, Zailton tocava com maestria violão, viola, cavaquinho, bandolim, contrabaixo, saxofone, piano e qualquer outro instrumento que lhe chegasse às mãos.

Após a morte do artista, a Secretaria de Cultura lançou, em 2020 um edital para o Prêmio Zailton Sarmento, no segmento da área musical, referente a ações emergenciais da Lei Aldir Blanc.

Em 31 de agosto de 2021, morreu de parada cardíaca a ativista cultural e esposa de Zailton, Lutz Conde, companheira de todas as horas.

RICARDO MOTA DEFINE O TALENTO DE ZAILTON

"Conheci-o no início da década de 1970, e ele já era então um assombro. Todos que o viam e ouviam tocar algum instrumento lhe projetavam um futuro grandioso, tal era o espanto que ele provocava aos espectadores e ouvintes – eu era um deles. E ele viveu esse tempo. Ao seu modo, com a cordialidade serena e a naturalidade que o distinguiam.

Talvez o seu talento fosse mesmo tão farto que era o que lhe bastava: ele tocava, o público admirava e a vida estava bem paga.

A Covid-19 faz o estrago próprio das tragédias coletivas: dilui vidas e mortes nas suas estatísticas, e Zailton nos deixa como um acorde parado, solto no ar, até que alguém, também de talento superior, o recolha e dê o desfecho que merecem as grandes obras de arte". A

Pedro da Rocha

DIA 25

#VITIMADACOVID19

"O cinema alagoano perde Pedro da Rocha, seu cineasta mais afetivo"

Por Raphael Barbosa

O cinema de Alagoas se despede de um de seus maiores talentos. Natural da cidade de Junqueiro, Pedro da Rocha construiu uma trajetória de pioneirismo no audiovisual do estado, ousando produzir suas obras muitas vezes de forma

independente, quando ainda não existia qualquer política de fomento. Pedro fez um cinema verdadeiramente popular, sempre atento ao diálogo profundo com o público.

Entre as principais contribuições que deu para o nosso audiovisual, Pedro atuou como presidente da Associação Brasileira de Documentaristas e Curta-metragistas de Alagoas (ABD&C-AL), no biênio 2009/2010; foi um dos fundadores da Mostra Sururu de Cinema Alagoano, coordenou a Mostra Junqueiro de Cinema, além dos filmes que realizou. Ele deixa como legado mais de 20 filmes.

PARTE DA FILMOGRAFIA

- A Risonha Morte de Tião das Vacas (fic., 13 min., 2005)
- Desalmada e Atrevida (fic., 26 min, 2007)
- O Santo Guerreiro do Povo (doc., 26 min., 2007)
- Sol Encarnado (fic., 17 min, 2012)
- Memórias de uma Saga Caeté (doc., 20 min, 2012), entre outros.

Pedro trabalhava, atualmente, na finalização daquele que será seu trabalho mais ambicioso e complexo, o telefilme documental O Impeachment - Setembro, 1957, Sexta-feira 13. O filme narra as tensões em torno do afastamento do governador Muniz Falcão, um dos mais emblemáticos e violentos episódios da vida parlamentar brasileira.

#VÍTIMADACOVID19

Pedro nasceu em 1957, filho de Noel Clemente de Oliveira e Terezinha da Rocha Oliveira. Era casado com Vera Rocha, que além de esposa e companheira foi responsável pela produção de muitos de seus trabalhos. Pedro faleceu em decorrência de complicações causadas pela Covid-19.

COMOÇÃO

"O cinema alagoano perde seu cineasta mais afetivo".

Celso Brandão,
CINEASTA

"Alagoas perde um arquivo vivo da sua história cultural, sempre de olhar atento e refinado no sentido do registro dos fatos e das pessoas. Pedro era um cara puro e lúcido".

Carmem Lúcia Dantas,
MUSEÓLOGA E PESQUISADORA

"Poucas vezes conheci alguém simultaneamente feliz, competente, humilde e generoso. Pedrinho era um combo do que de bom pode existir num ser humano pleno".

Bruno César Cavalcanti,
ANTROPÓLOGO E PROFESSOR

"O Pedro que eu conheci não era feito de pedra, mas um curioso complexo de ternuras, de risos e de bondade. Que vá em paz, pois, um dia, todos nós nos encontraremos dentre abraços e risos".

Edson Bezerra,
ANTROPÓLOGO

SAIBA MAIS

https://alagoar.com.br/o-cinema-alagoano-perde-pedro-da-rocha-seu-cineasta-mais-afetivo/

Asa — o orgulho de Arapiraca

A Agremiação Sportiva de Arapiraca foi fundada em 25 de setembro de 1952. O time nasce de um pequeno clube denominado de Ferroviário, à época uma reunião animada de trabalhadores de uma empresa do ramo da construção de ferrovias, desativado quando a empresa Camilo Colier deixou o Município. A estreia nos gramados, como clube de futebol, teve início em 1953 com a disputa e vitória do primeiro campeonato. O nome do estádio, Coaracy da Mata Fonseca, é uma homenagem ao prefeito municipal da época em que o clube foi fundado. A composição do hino do Asa é de Pedro de França Reys, musicada pelo maestro Jovelino José de Lima.

DATAS IMPORTANTES

- 1973 - Garrincha, em visita a Alagoas, vestiu a camisa do time.
- 1979 – Participa do Campeonato Brasileiro, chegando a segunda divisão.
- 2000 – Campeão Alagoano
- 2002 – Elimina o Palmeiras da Copa do Brasil
- 2003-2005 – Campeão alagoano
- 2009 – Campeão da Copa Alagipe
- 2013 – Vice-campeão da Copa do Nordeste A

Formação do time em 1952

DIA 26

Um sergipano na política alagoana

Latifundiário na região do Baixo São Francisco, nascido em Gararu (SE), Miguel Nunes da Silva Tavares foi nomeado pelo governador Barão de Traipu, em 1896, como Tesoureiro da Santa Casa de Misericórdia de Penedo. Foi senador e vice-governador em Alagoas, ao lado do governador Euclides Vieira Malta, de 12 de junho de 1900 a 12 de junho de 1903, quando derrotaram a chapa de Miguel Soares Palmeira Filho e Tibúrcio Valeriano Araújo. Faleceu no dia 26 de setembro de 1920, em Penedo. A

Padre Julio Albuquerque, vocacionado

Vocação é vocação. Quem soube honrar a sua foi Julio Albuquerque, nascido em Maceió no dia 26 de setembro de 1878. Sem condições de se ordenar quando estudou no Seminário de Belém, foi aprovado em concursos para os Correios e para escriturário da Alfândega de Manaus, conseguindo retornar ao seminário em Olinda e em Maceió. Ordenou-se em 1907 e exerceu funções religiosas em Anadia, Murici e São Miguel dos Campos. Em Maceió, foi capelão do Pensionato da Virgem Poderosa e tornou-se cônego.

Foi um fundadores da Academia Alagoana de Letras e primeiro ocupante da cadeira 7, e também atuou como articulista nos jornais O Semeador, O Nacional, O Evolucionista, O Gutenberg, A Cruz, A Tribuna, Jornal de Alagoas e Gazeta de Alagoas, além do Correio do Ceará, Jornal do Commercio e Diário de Pernambuco. Faleceu em Maceió em 3 de setembro de 1963. A

OBRAS

- Alma das Catedrais, 1926.
- À Hora do Ângelus, 1949.
- Discursos Acadêmicos. Pronunciados por padre Julio de Albuquerque e cônego Mário Vilas Boas na Hora Literária de Aracaju, 1929.

FONTE

ABC das Alagoas

A LOCOMOTIVA.

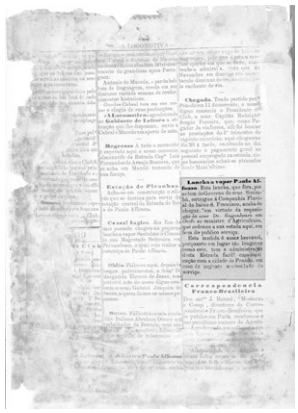
"Dai-me a liberdade da Imprensa, que eu civilizarei o mundo"

A Locomotiva. Piranhas, 26 de setembro de 1880

#MEMÓRIADAIMPRENSA

Lamartine

Lancha à vapor Paulo Afonso. Esta lancha, que fôra, por ordem do Governo do senador Sinimbú, entregue à Companhia Fluvial



do baixo São Francisco, acaba de chegar, em virtude da requisição do senador Dr. Engenheiro em chefe ao ministro d'Agricultura que ordenou a sua estada aqui, em bem do público serviço.

Esta medida é assas louvável, porquanto em lugar tão longicuo como este, tem a administração desta Estrada fácil communicação com a cidade do Penedo, em caso de urgente necessidade do serviço. A

DIA 27

Façamos químicos — alagoano é destaque no ensino e na regulamentação da profissão

José de Freitas Machado é considerado um dos expoentes da difusão do estudo da química no Brasil. O estudioso nasceu em Pão de Açúcar, em 27 de setembro de 1881.

Formado em Farmácia pela Faculdade de Medicina da Bahia (1903), vai para o Rio de Janeiro, onde inicia a carreira de químico no antigo Laboratório de Química. Foi aluno da cientista e Prêmio Nobel Marie Curie, na Sorbonne, em Paris.

Em célebre artigo, publicado em 1918, o então professor da Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária (ESAMV) faz uma crítica contundente ao cenário da química nacional. Publicado na Revista de Chimica e Physica e de Sciencias Histórico-Naturaes, Façamos Químicos é considerado a "certidão de nascimento" dos cursos de Química de nível superior no Brasil.

José de Freitas Machado

SAIBA MAIS

www.cultura.al.gov.br
Freitas Machado: Vida e Obra, de Etevaldo Amorim.

O MANIFESTO DE FREITAS MACHADO

"Dizer que devemos fazer químicos é incidirmos logicamente no estudo do feitio de ensinarmos a ciência, aproveitando a lição de outros povos, e comparando o que temos feito e o que devemos fazer (…). Os nossos trabalhos são de pura repetição; somos os ecos longínquos da ciência de outrem. Não temos escolas nem laboratórios especiais para o ensino da Química, não temos programas representativos das nossas necessidades de acordo com o desenvolvimento moderno da ciência. A higiene não nos encontra aparelhados para os místeres dificílimos da fiscalização de alimentos; a indústria não tem apoio de nossa instrução para seus problemas, nem o comércio nos conhece como auxiliares na escolha dos produtos de exportação, importação e fabricação nacional. Para tudo isso é necessário ter químicos".

VOCÊ SABIA?

1922/1923 – organizou e presidiu a Sociedade Brasileira de Química.

1933 – fundou e foi o primeiro diretor da Escola de Química da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

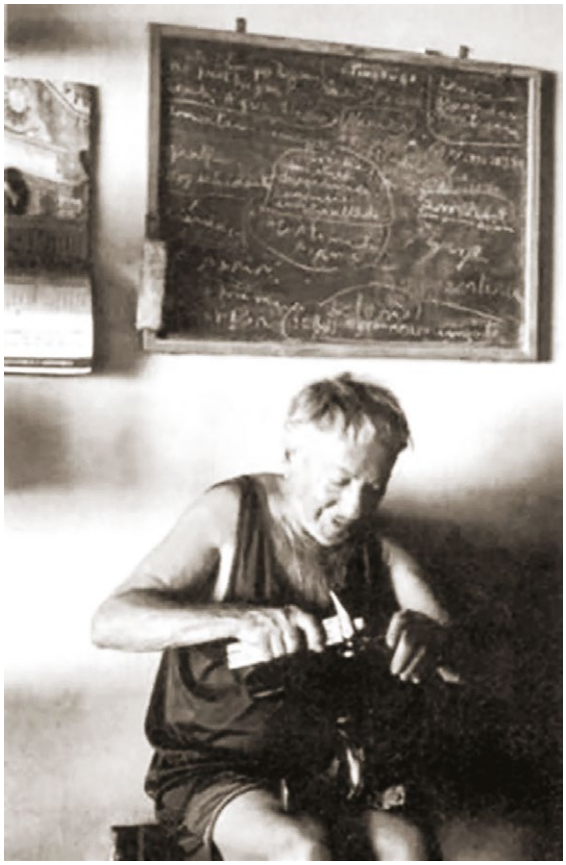
1952 – é agraciado com a medalha e o diploma "Honra ao Mérito" pela Rádio Nacional (RJ), pela dedicação ao desenvolvimento do ensino profissional da Química.

2011 – em comemoração ao Ano Internacional da Química, a Fapeal (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas) lançou o concurso "A Vida e a Obra de José de Freitas Machado". O vencedor foi o engenheiro agrônomo alagoano Etevaldo Alves Amorim. A

Tonho Sapateiro, Tonho Poeta

A alfabetização de Antônio Aurélio de Morais foi tardia, mas no caso dele o talento foi precoce. Órfão ainda criança, o menino nascido no dia 27 de setembro de 1927, em Atalaia, começou a trabalhar batendo sola. A necessidade e o fascínio pelos versos populares o levou a muitas cidades do interior até 1953, quando o repentista resolveu morar em Arapicara, participando de programas locais transmitidos por um alto-falante.

Era um poeta tão especial que costumava emoldurar palavras e expô-las na sua barraca de trabalho. É dele o livro *Versos de um Lambe-Sola*, publicado em 1981. Reeditado e ampliado em 1991, ganhou nova edição em 2007. Morreu no dia 2 de novembro de 2015, em Maceió.



Antônio Aurélio de Morais

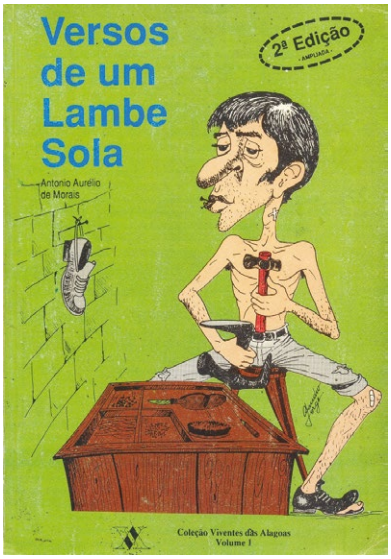
CLÁSSICO

Sobre o poeta que se alfabetizou com 45 anos, Luiz Sávio de Almeida escreveu na terceira edição do livro *Versos de um Lambe-Sola*, que contém o poema Saláro-Mimo: "A irreverência da abordagem e a forma como é montada a grade de situações, torna, sem dúvida, o poema uma espécie de clássico, no sentido de que assume as características do que se costuma chamar de obra-prima"

SALÁRO-MIMO

SAIBA MAIS

Site História de Alagoas: Mestre Tonho Lambe-Sola, sapateiro e poeta.



Quem ganha u salaro-mimo
Nunca tem buxo quebrado
Nunca morre impanzinado
Nem perciza dafecá
Si vancê ganha um salaro
Nem perciza sanitáro
Nem papé mode limpá.

Meus dente tá ferrujando
Num sêio mai nem cumê
Só sêio mermo dizê
Qui quem um saláro ganha
Si morá in Maçaió
Vai vivê cum fiofó
Xêio di têia de aranha.

Si minha muié tá maga
Eu tô munto mai pió
Dibaxo du meu lançó
Um dia nói si perdeu
Percurei cás mão cús pé
Nem eu axei a muié
Nem a muié axô eu.

Meu fio naceu tão mago
Qui ao dispôi di trêis mêis
Foi qui a dotôra Inêis
Axô i butô num copo
Só discubriu qui era maxo
Quando calocô prú baxo
A lente du miscrocropo.

Eu tô já cumendo rato
Prá fazê ispcriênça
Pruquê já diz a ciênça

Prá banda du Ariente
Qui rato di Sumitéro
I difunto du nocrotéro
Já é cumida di gente.

Só tem uma salução
Pra nois pobre brazilêro
É inguli ôço intêro
Qui nem avestrui ô êma
Ô antão num cumê mai
Tapá a porta di trai
Tá rizurvido u probrema.

Nu mundo tem munta arma
I jeito di matá gente
Porém a arma valente
Qui mata sem cumpaxão
É essa arma infeliz
Qui si xama in meu Paiz
Saláro mimo patrão.

DIA 28

Classe para descalços

Diário das Alagoas. 28 de setembro de 1887

#MEMÓRIADAIMPRENSA

Grande reducção nos fretes de assucar.

ESTRADA DE FERRO DAS ALAGOAS

Classe para descalços.

Alagôas Railway

A NOVA-YORK

New-York Life Insurance Company

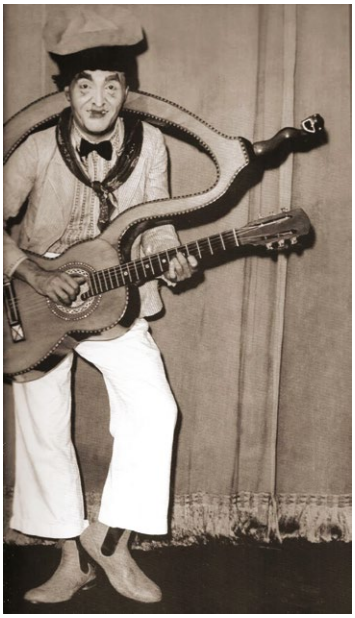
A partir do dia 7 de março. A companhia, de acordo com o governo imperial, resolveu como experiência criar uma classe para descalços a preços reduzidos. Esta classe tem um fim de proporcionar um transporte rápido e barato dos pequenos lavradores que Actualmente despacham seus produtos pela estrada e segue a pé ou a cavalo, perdendo desta maneira dois ou três dias na viagem que de agora em diante poderão fazer em poucas horas por um preço insignificante.

DIA 29

Mamãe, eu quero — Jararaca

Músico, compositor e humorista, José Luís Rodrigues Calazans, o Jararaca, nasceu em Maceió em 29 de setembro de 1896. Filho do poeta Ernesto Alves Rodrigues, teve uma carreira marcada por grandes sucessos dentro e fora do Brasil.

Por Joel Bello Soares (*)



José Luís Rodrigues Calazans

"Em 1919, ano em que compôs sua célebre embolada Espingarda Pá (sua primeira composição, que marcou o rumo que daí em diante tomariam seus trabalhos, sempre voltados para a música regional), foi para o Recife, onde conheceu Ratinho, que viria a ser o seu grande parceiro musical. Por essa época integrou o grupo Os Boêmios, embrião de outro grupo, os Turunas Pernambucano, formado em 1922 e em cuja esteira vieram os Turunas da Mauriceia. Sua estreia no teatro data de 1922. O nome Jararaca originou-se nos Turunas Pernambucanos, cujos componentes adotaram nomes de bichos. Em 1922, por ocasião do centenário da Independência, Jararaca seguiu com os Turunas para o Rio de Janeiro. Após a dissolução do grupo, continuou a se apresentar com seu companheiro Ratinho (saxofone), formando a famosa dupla Jararaca e Ratinho, cujo lançamento formal deu-se em 1927, no Teatro Santa Helena, no Largo da Sé, em São Paulo. A dupla se separaria em 1928 e, no ano seguinte, voltaria a se juntar. Nesse intervalo, Jararaca apresentou no Cine Central, no Rio de Janeiro, o famoso texto de sua autoria, Carta do Velho. Presente à récita, a atriz Margarida Max, então no auge da fama, convidou Jararaca para atuar em uma de suas peças, Guerra ao Mosquito, encenada em 1929 no Teatro Carlos Gomes (…)".

(*) Alagoas e Seus Músicos

MAIS

Jararaca começou a tocar viola aos 8 anos.

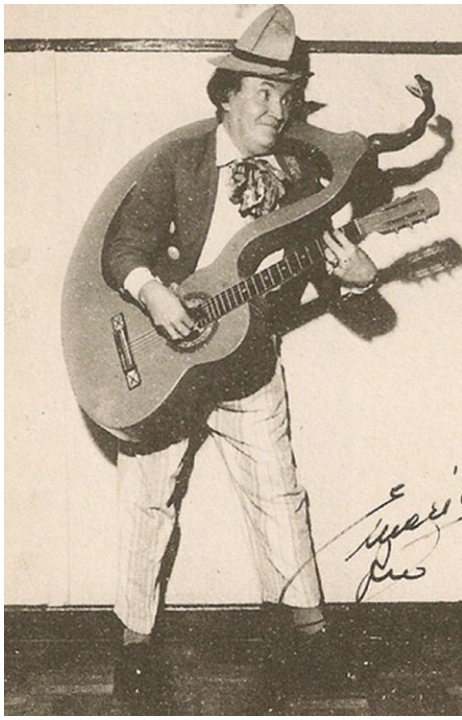
Pixinguinha foi um dos incentivadores da ida do grupo Os Turunas Pernambucanos para o Rio de Janeiro.

Jararaca e Ratinho ficaram famosos cantando emboladas em apresentações humorísticas.

Jararaca foi demitido da Rádio Nacional em 1964 por motivos políticos. Era acusado de ser comunista e discursar nos comícios do PCB. Era também amigo de Luís Carlos Prestes.

Jararaca e Ratinho gravaram 800 discos em 78 rpm.

Jararaca faleceu aos 81 anos, no Rio de Janeiro.



Talento e humor de Jararaca

MAMÃE EU QUERO

Mamãe Eu Quero, feita em parceria com Vicente Paiva em 1937, foi um sucesso dentro e fora do Brasil.

Gravada por Carmen Miranda, a marcha carnavalesca estourou em Hollywood.

A cena antológica em que Carmen Miranda canta a música é do filme Serenata Tropical (1940).

Mamãe Eu Quero tem versões em 20 idiomas. A versão inglesa, na voz de Bing Crosby, é uma das mais conhecidas.

Em 1931, Jararaca e Ratinho fundaram a "Casa de Caboclo", juntamente com Duque, Pixinguinha e Dercy Gonçalves.

OS LIVROS DE JARARACA

- *Do Sertão* (1928)
- *João e Maria* (1949)
- *Musa do Bernardino* (1951)

FONTE

Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira – dicionariompb.com.br

PARCERIAS HISTÓRICAS

Zé Barbino (1940) – Pixinguinha e Jararaca.

Meu Pirão Primeiro (1944) – Jararaca e Valfrido Silva com Bezerra da Silva

O Boto – Jararaca e Tom Jobim. Em 1979, Elis Regina gravou a música.

NO CINEMA

- *Coisas Nossas* (1930)
- *A Voz do Carnaval* (1933)
- *No Trampolim da Vida* (1946)
- *Loucos por Música* (1950)

OUÇA

Em 1983, a Funarte reeditou o LP de 1960, que sairia em CD em 1999, com o selo Atração, do Instituto Cultural Itaú. A

LEIA

- Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira – dicionariompb.com.br
- *ABC das Alagoas*
- *Alagoas e Seus Músicos* – Joel Bello Soares (1999)

Carmen Miranda imortalizou a canção

DIA 30

Cultura Xucuru-Kariri – Festa de Ewká/ Ouricurí-lhá

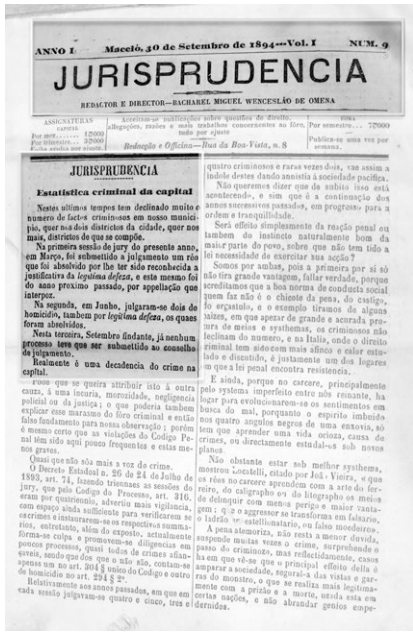
No último sábado do mês de setembro, durante um período de 15 dias, cada aldeia do povo Xucuru-Kariri realiza a Festa Grande do Ewká/Ouricurí-lhá.

Atenção: data móvel no mês de setembro. A

Estatística criminal da capital

Jurisprudência. Maceió, 30 de setembro de 1894 Volume 1

#MEMÓRIADAIMPRENSA


ANNO I Maceió, 30 de Setembro de 1894—Vol. I NUM. 9

JURISPRUDENCIA

REDACTOR E DIRECTOR—RACHAREL MIGUEL WENCESLÃO DE OMENA

JURISPRUDENCIA

Estatistica criminal da capital

Nestes ultimos tempos tem declinado muito o numero de factos criminosos em nosso municipio, quer nos dois districtos da cidade, quer nos mais, districtos de que se compõe.

Na primeira sessão de jury do presente anno, em Março, foi submettido a julgamento um réo que foi absolvido por ter sido reconhecida a justificativa da *legitima defeza*, e este mesmo foi do anno proximo passado, por appellação que interpoz.

Na segunda, em Junho, julgaram-se dois de homicidio, tambem por *legitima defeza*, os quaes foram absolvidos.

Nesta terceira, Setembro findante, já nenhum processo teve que ser submettido ao conselho de julgamento.

Realmente é uma decadencia do crime na capital.

quatro criminosos e raras vezes dois, vae assim a indole destes dando amnistia á sociedade pacifica.

Não queremos dizer que da subito isso está acontecendo, e sim que é a continuação dos annos successivos passados, em progresso para a ordem e tranquillidade.

Será effeito simplesmente da reacção penal ou tambem do instincto naturalmente bom da maior parte do povo, sobre que não tem tido a lei necessidade de exercitar sua acção?

Somos por ambas, pois a primeira por si só não tira grande vantagem, fallar verdade, porque acreditamos que a boa norma de conducta social quem faz não é o cheiro da pena, do castigo, do exemplo, e o exemplo tiramos de alguns paizes, em que apesar de grande e acurada prova das de meios e systhemas, os criminosos não declinam do numero, e na Italia, onde o direito criminal tem sido com mais afinco e calor estudado e discutido, é justamente um dos logares em que a lei penal encontra resistencia.

E ainda, porque no carcere, principalmente pelo systema imperfeito entre nós reinante, ha logar para evolucionarem-se os sentimentos em busca do mal, porquanto o espirito imbuido nos quatro angulos negros de uma enxovia, só tem que aprender uma vida ociosa, causa do crimes, ou directamente estudal-os sob novos planos.

Não obstante estar sob melhor systhema, mostrou Lacerda, citado por José Vieira, « que os réos no carcere aprendem com a arte do ferreiro, do calegrapho e do lithographo os meios de delinquir com menos perigo e maior rantagem; que o aggressor se transforma em falsario, o ladrão se estellionatario, ou falso moedeiro».

A pena temporia, não resta a menor duvida, suspende muitas vezes o crime, surprehende o passo do criminoso, mas reflectidamente, casos ha em que vê-se que o principal effeito della é amparar a sociedade, esquival-a das vistas e garras do monstro, o que se realiza mais legitimamente com a prizão e a morte, usada esta em certas nações, e não abrandar genios empedernidos.

A

“Rei Pelé”, quatro anos depois

Jornal de Serviços – Maceió, 30 de setembro de 1974

#MEMÓRIADAIMPRENSA

Outubro marcará o quarto aniversário Estádio Rei Pelé. O mais belo Estádio do futebol sul-americano entrará para o seu quinto ano de funcionamento, acomodando o público de diversas partes e torcidas diferentes que no luxo de suas dependências movimentam o meio esportivo local, através do futebol profissional de Alagoas. Hoje a FAPE -Fundação Alagoana de Promoção Esportiva – entidade mantenedora do estádio, deixa de ser um simples órgão para dotar o “Rei Pelé” de uma estrutura capaz de livrá-lo de sucessivos prejuízos, passando a funcionar em termos de empresa, visando manter a mais bela Praça de esportes do Brasil com recursos próprios, partindo inclusive até para ajudar os clubes os clubes que fazem o futebol alagoano. A

"REI PELÉ", QUATRO ANOS DEPOIS

Outubro marcará o quarto aniversário do Estádio Rei Pelé,O mais belo Estádio do futebol sul-americano entrará para seu quinto ano de funcionamento,acomodando público de diversas partes e torcidas diferentes que no luxo de suas dependências movimentam o meio esportivo local,através do futebol profissional de Alagoas. A FAPE - Fundação Alagoana de Promoção Esportiva - entidade mantenedora do Estádio, deixa de ser um simples órgão para dotar o "Rei Pelé" de uma estrutura capaz de livrá-lo dos sucessivos prejuízos, passando a funcionar em termos de empresa, visando manter a mais bela praça de esportes do Brasil com recursos próprios, partindo inclusive até para ajudar os clubes os clubes que fazem o futebol alagoano. Para que se tenha uma idéia de que a FAPE não tem lucros com a cobrança de taxas de iluminação, 50% do total arrecadado com a taxa de iluminação, são destinados ao pagamento de energia elétrica, o Estádio Rei Pelé fatcaria relativamente 12 mil cruzeiros com a taxa de iluminação, mas as contas de consumo de energia elétrica, ultrapassam os 20 mil cruzeiros,o que é um turpe-ganho.

- Para que se tenha uma idéia de que a FAPE não tem lucros com a cobrança de taxas de iluminação, 50% do total arrecadado com a taxa de iluminação, são destinados ao pagamento de energia elétrica, o Estádio Rei Pelé fatcaria relativamente 12 mil cruzeiros com a taxa de iluminação, mas as contas de consumo de energia elétrica, ultrapassam os 20 mil cruzeiros,o que é um turpe-ganho.

- Para que se tenha uma idéia de que a FAPE não tem lucros com a cobrança de taxas de iluminação, 50% do total arrecadado com a taxa de iluminação, são destinados ao pagamento de energia elétrica, o Estádio Rei Pelé fatcaria relativamente 12 mil cruzeiros com a taxa de iluminação, mas as contas de consumo de energia elétrica, ultrapassam os 20 mil cruzeiros,o que é um turpe-ganho.

Outubro

DIA 1º

Uma homenagem a Floriano Peixoto

O alagoano Floriano Peixoto, primeiro vice-presidente do Brasil no governo de Marechal Deodoro da Fonseca e segundo presidente do país, não deixou seu nome apenas na história do Brasil republicano. Até hoje, quando alguém chama carinhosamente a capital de Santa Catarina como Floripa, está se referindo à homenagem prestada ao militar nascido em Ipioca.

Considerado por alguns historiadores como herói na Guerra do Paraguai, por força da Lei Estadual nº 111, de 1º de outubro de 1894, o governador Hercílio Pedro da Luz alterou o nome do município de Nossa Senhora do Desterro para Florianópolis. Alguns historiadores atribuem a honraria ao combate da Segunda Revolta da Armada, que havia instituído por seis meses em Desterro uma república independente, dirigida por federalistas e militares revoltosos da Marinha. A

DIA 2

Polcas, valsas e noturnos na engenharia de Misael Domingues

O dia 2 de outubro de 1932 marca a morte do engenheiro e pianista Misael Domingues. Natural de Marechal Deodoro, onde nasceu em 21 de dezembro de 1857, Misael se destaca entre os músicos alagoanos pela versatilidade com que transitou por estilos e pela habilidade em diferentes instrumentos, como piano, violino e flauta.

Foi um grande músico, com mais de 90 composições em diversos gêneros musicais: valsa, seresta, mazurca e polca, dentre outros.

GRANDES OBRAS

1885 – Formatura pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro, em 27 de novembro. Era um engenheiro de grandes obras. Trabalhou na construção de ferrovias no Nordeste e fiscalizou portos. Em Pernambuco, foi responsável pelo setor de obras públicas.

SAIU NA GAZETA DE NOTÍCIAS

"Chegou a esta Corte o jovem pianista e compositor Misael Domingues Lordsleen, conhecido pelas suas graciosas músicas publicadas em Genebra e outras aqui em Maceió. O nosso amigo foi aluno do bem-montado Colégio Bom Jesus, nas Alagoas, e vem dedicar-se à carreira de Engenharia. Felicidades ao nosso talentoso patrício, que tantas provas de dedicação tem dado a esta nobre classe". Gazeta de Notícias (RJ), em 10 de março de 1878.

O QUE DIZEM SOBRE ELE?

"Misael Domingues marca a sua presença na música brasileira como um dos melhores criadores que possuímos".

Maestro Guerra Peixe

"Pianista de fartos recursos, Misael Domingues legou-nos uma vasta e variada obra com um forte sabor de época e que retrata, de maneira sobeja, a vida social nordestina. Várias de suas peças mereceram gravações em LP por intérpretes ilustres. O piano de Misael Domingues, perfeitamente integrado ao repertório dos salões da época, apresenta uma paleta harmônica e melódica de enorme riqueza".

Joel Bello Soares (pianista)

GRAVAÇÕES RARAS

1980 – a pianista Sonia Maria Vieira grava o LP Sonia Maria Vieira Revela Misael Domingues 48 Anos Depois.

1984 – a serenata Em Pleno Luar é gravada no LP triplo Recordações de Um Sarau Artístico – Homenagem a Ernesto Nazareth, lançado pela Fenab.

1985 – as valsas Ao Longe, Alaíde, Scismando e De Joelhos foram gravadas ao piano por Sonia Maria Vieira, no LP independente Jeito Brasileiro.

1987 – a valsa Innahsinha e a polca Maria do Monte foram gravadas ao piano por Joel Bello Soares, no LP Valsas, Polcas e Mazurkas.

FONTE

www.dicionariompb.com.br

ABOLICIONISTA, SIM!

Ao lado dos irmãos Francisco Domingues e José Domingues Lordsleen, Misael juntou-se a outros artistas idealistas e, em 18 de setembro de 1881, criaram a Libertadora Artística Alagoana. Foi colaborador do Jornal O Lincoln, defensor do abolicionismo.

É NOME DE RUA

Misael Domingues é o nome da rua que liga a Barão de Atalaia à Avenida Deputado Humberto Mendes, no Centro de Maceió. A

LEIA MAIS EM

- www.históriadelagoas.com.br
- ABC das Alagoas.
- Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira.

DIA 3

JORNAL DAS ALAGOAS

PARTE OFFICIAL

FOLHETIM

NOTICIARIO

Parte oficial.
Ministério do império

Jornal das Alagoas. Maceió, 3 de outubro de 1873

#MEMÓRIADAIMPRENSA

Foi expedido o aviso seguinte:

Ministério dos negocios do império- Rio de Janeiro, em 16 de setembro de 1873. Declaro a v. exc., para os fins legaes, que foi anulada a eleição de vereadores da câmara municipal da nova vila de São João do Monte -Negro, effetcuada em junho último, e de que tratam o officio dessa presidência n. 891 de 30 do mez próximo passado, e a representação, que o acompanhou, do cidadão José Antônio Rodrigues Ribeiro.

Determinou este acto, além de outros vícios na dita representação allegados, e devidamente provados, a inobservância das disposições essenciaes da lei no acto da formação da mesa parochial, visto que, como consta da acta respectiva, fez-se promíscua e não separadamente (...) a eleição dos representantes de cada turma (...). Fica assim respondido o seu dito officio. Deus guarde a v. exc. - João Alfredo Correia de Oliveira, - Snr. presidente da provincia do Rio Grande do Sul. A

DIA 4

Américo Vespúcio viu o rio que corre em nossas vidas: o Velho Chico

Era 4 de outubro de 1501 quando o Rio São Francisco foi descoberto por Américo Vespúcio, abrindo novo caminho para a expansão e a colonização do Brasil. Vespúcio veio pela foz e subiu o rio.

DA NASCENTE À FOZ

São mais de 3.000km de extensão, entre a nascente, na Serra da Canastra, no município de São Roque (MG), e a foz, no Pontal do Peba, em Piaçabuçu (AL).

ESTADOS BANHADOS

O Rio São Francisco atravessa cinco estados (Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe), dividindo-se em três trechos: Alto (Minas Geras), Médio (Bahia e Pernambuco) e Baixo São Francisco (Alagoas, à esquerda, e Sergipe, à direita).

TEM O SUMIDOURO

A cachoeira de Paulo Afonso, citada pelos antigos cronistas como o "sumidouro" no município de Paulo Afonso (BA), prolonga-se por Alagoas e Sergipe, formando, hoje, o grande Complexo Hidroelétrico do Rio São Francisco, com a Hidroelétrica de Xingó, entre os estados de Alagoas e Sergipe.

Em Alagoas, o rio banha 11 municípios: Delmiro Gouveia, Olho d'Água do Casado, Piranhas, Pão de Açúcar, Belo Monte, Traipu, São Brás, Porto Real do Colégio, Igreja Nova, Penedo e Piaçabuçu.

A BEIRA E O BARRO

O artesanato de cerâmica está presente em toda a margem do rio. O Velho Chico oferece excelentes barreiros usados na produção de peças utilitárias e decorativas. Penedo é o maior centro comercial desses produtos no Baixo São Francisco.

A área de cânions tem sido muito aproveitada no turismo, pela beleza do caminho de água que se abre entre altas elevações rochosas.

LENDAS E ENCANTAMENTOS

São inúmeras as lendas e os mitos que povoam o imaginário das populações ribeirinhas do Rio São Francisco. Contadas oralmente, as histórias de seres fantásticos que habitam o rio atravessam os anos e têm a capacidade de trazer o universo mítico do rio para as novas gerações.

O SONO DA NOITE

Dizem que, em noites incertas, o rio adormece. É o momento em que as águas param e os peixes silenciam. E as almas dos afogados chegam às estrelas. É também a hora em que a Mãe D'água, moça bonita de cabelos longos, sai para encantar os pescadores vivos, com o propósito de levá-los para um mergulho sem volta. Poucos têm coragem de acordar o sono do Velho Chico.

NEGO D'ÁGUA

Esse personagem tem a fama de virar as canoas dos pescadores durante a piracema e de assustar as lavadeiras com suas gargalhadas. Gosta de receber oferendas: peixes, fumo de mascar e pinga.

MINHOCÃO OU SURUBIM-REI

Animal gigante que habita os subterrâneos do rio. Tem força

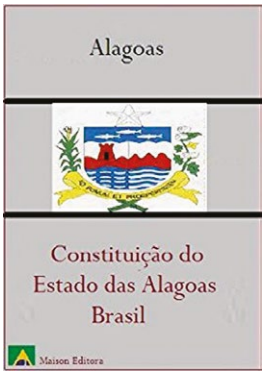
suficiente para engolir tudo que ameaça o Velho Chico. E pode, inclusive, provocar desmoronamentos das casas localizadas nas cidades ribeirinhas.

QUER SABER SOBRE O LINGUAJAR RIBEIRINHO?

LEIA

A Língua e O Folclore da Bacia do São Francisco, de Edilberto Trigueiros (1977). A

DIA 5



Carta Caeté
A Constituição de 1989

A Constituição do Estado de Alagoas, promulgada em 5 de outubro de 1989 pela Assembleia Legislativa, no governo de Moacir Lopes de Andrade, se alinhou à Constituição Federal de 1988, conhecida como a Constituição Cidadã. Esta é a quinta Constituição elaborada pelo Estado, composta por 288 artigos.

Além dos Princípios Fundamentais, os títulos tratam da organização do Estado, da organização dos poderes, da tributação e do orçamento, da ordem social, da ordem econômica, da segurança pública, da política agrícola e fundiária e das disposições constitucionais gerais.

Antes da Constituição que está em vigor, Alagoas teve outras quatro:

– 11 de junho de 1891;
– 16 de setembro de 1935;
– 9 de julho de 1947;
– 11 de maio de 1967. A

CIDADANIA

- Consulte a Constituição de Alagoas no site www.procuradoria.al.gov.br
- No Portal Brasileiro de Dados abertos www.dados.gov.br

O comendador da indústria têxtil de Rio Largo

José Antonio Teixeira Basto faleceu em 5 de outubro de 1918. Embora tenha nascido em Portugal, no dia 26 de abril de 1857, veio cedo para o Brasil. Fixou residência em Alagoas, onde se tornou um grande empreendedor do ramo de tecidos, em Rio Largo.

Acionista majoritário da Companhia Alagoana de Trilhos Urbanos (Catu) e da Companhia de Força e Luz de Maceió, Basto empreendia em várias frentes, inclusive no setor bancário, no qual ocupou cargo de destaque no Banco Norte do Brasil.

Essa visão empreendedora rendeu-lhe o título de comendador pelos serviços prestados ao desenvolvimento econômico e social de sua comunidade. A outorga foi concedida pelo imperador Pedro II. O comendador está entre os pioneiros da industrialização do algodão em Alagoas.

A qualidade dos produtos têxteis produzidos pelas empresas sob sua gestão foi reconhecida internacionalmente, com prêmios e certificados.

LINHA HISTÓRICA

1891 – Juntamente com outros empreendedores, criou a Fábrica de Tecidos de Cachoeira, em Rio Largo, assumindo sua diretoria financeira.

1893 – É nomeado primeiro presidente da Junta Comercial do Estado de Alagoas por ato do governador Gabino Besouro, em 18 de agosto.

1895 – Inaugura, com um grupo de sócios, a Companhia Progresso Alagoano, depois fundida com o nome de Companhia Alagoana de Fiação e Tecidos, a Caft.

1918 – Morre em Maceió, em 5 de outubro, aos 61 anos.

PRAÇA E O PROGRESSO

Em 1936, o então prefeito Euclides Afonso de Mello inaugura uma praça com o nome do empresário, em Rio Largo, com um busto do patrono.

PROTEÇÃO AO TRABALHADOR

"É de sua autoria a primeira proposta de proteção ao trabalhador vítima de acidente de trabalho que se tem conhecimento na história das fábricas têxteis em Alagoas, quando na Assembleia Geral de Acionistas da Companhia Alagoana de Fiação e Tecidos, datada de 16/10/1912, propôs a criação de um fundo de beneficência para socorrer os operários que se tornassem inválidos com tempo igual ou superior a dez anos de serviços naquela empresa". Relatório dos Negócios do ano de 1912 da Caft. A

SAIBA MAIS

www.historiadealagoas.com.br

DIA 6

Artorama. Sabino Romariz

Jornal de Serviços. Maceió, 6 de outubro

#MEMÓRIADAIMPRENSA

Penedense de nascimento, alagoano de coração, Sabino Romariz viveu 15 anos para atingir o ápice de sua carreira profissional como radialista. Professor de história, preferiu, entretanto, levar cultura através dos microfones das emissoras de rádio, onde se transformou em " homem dos sete instrumentos" e dono de IBOPE onde quer que se apresente irradiando futebol, transmitindo show ou produzindo programas como "Nossa manhã" e "Terra do Sururu".

Integrado ao "cast " da Rádio Gazeta, Sabino Romariz traz no sangue o amor a arte e por ela é capaz de qualquer coisa. A

DIA 7

Cincinato Pinto, médico e abolicionista

Presidente da Província de Alagoas de 1878 a 1880, Cincinato Pinto nasceu em Cachoeira (BA) em 20 de setembro de 1838 e faleceu no dia 7 de outubro de 1912, em Salvador. Formado em Medicina, abolicionista e um dos criadores da Sociedade Libertadora Dois de Julho, também foi presidente em Sergipe e no Maranhão (1880-1881). Um dos marcos da sua administração em Alagoas foi a criação do Montepio dos Servidores do Estado (Lei de 22 de junho de 1879). Seu sucessor foi Hermelindo Acióli de Barros Pimentel.

TESE

Em 1857, defendeu na Faculdade de Medicina da Bahia a tese Indicações que Exigem a Operação Cesariana. A

OBRAS

Convalescença, Responsabilidade Médica, Os Homens de Cera, Vide do peta Luis José Junqueira Freire.

DIA 8

A estrela de Enaura

Filha do industrial e poeta Américo Octaviano da Costa Mello, Enaura Barroso de Mello nasceu no dia 10 de outubro de 1910, em Maceió, e foi uma violinista destacada, chegando a integrar a Orquestra Sinfônica Nacional.

Estudou na Bahia, e há registros de uma apresentação sua no dia 22 de fevereiro de 1927, para jornalistas, na Associação dos Empregados do Comércio.

Em 14 de setembro de 1933, apresentou-se no Teatro Deodoro, em Maceió, patrocinada pelo Instituto Histórico, pela Federação Alagoana pelo Progresso Feminino, pelo Centro Social Feminino, pela Associação Alagoana de Imprensa e pelo general Góis Monteiro.

Foi aclamada por artistas com a apresentação que fez em Recife, no dia 27 de outubro de 1933, no Teatro Santa Isabel, quando especialistas referiram-se a ela como "uma das mais completas" violinistas que já tocaram por lá. Artista premiada com a Medalha de Ouro do Instituto Nacional de Música, faleceu em 16 de outubro de 2005.

FON-FON

Sobre ela, a prestigiosa revista Fon-Fon publicou:

"Um verdadeiro temperamento artístico, servido por uma brilhante virtuose musical. Violinista laureada, Enaura Barroso de Mello conquistou, nos meios artísticos e culturais do Rio, uma situação privilegiada".

ERA DO RÁDIO

Ela também tocou na Rádio Club do Brasil, na Orquestra de Salão da Rádio Ipanema e na Transmissora Brasileira, no Rio de Janeiro.

ENCHENTE

Representando Alagoas, a violinista participou, no dia 3

de junho de 1941, de um concerto no Theatro Municipal (RJ) promovido por Darcy Vargas em prol das vítimas de enchente no Rio Grande do Sul.

NADA DE EMPRÉSTIMO

Enaura fez parte da Liga Contra o Empréstimo de Livros, fundada em Maceió, em fevereiro de 1932, por Alberto Passos Guimarães, Carlos Paurílio, Luiz Ramalho de Azevedo, Manoel Diégues Júnior, Raul Lima e Valdemar Cavalcanti. A

FONTES

- Biblioteca Nacional Digital.
- ABC das Alagoas.
- sindimusi.org.br.

DIA 9

Resolução 1103. É proibido depositar nas ruas da vila

O Liberal. Maceió, 9 outubro de 1889

#MEMÓRIADAIMPRENSA

O LIBERAL

ORGÃO DO PARTIDO LIBERAL DAS ALAGOAS

3 seção

Artigo 37 -é proibido depositar nas ruas da vila e soluções do município lixos, imundícies e quaisquer corpos orgânicos em decomposição, assim como secar couros ou responder qualquer outro objeto de que se exala mau cheiro sob pena de 10$000 eu duplo na reincidência.

Artigo 38 - os donos dos animais que apareceram mortos nas referidas ruas e suas imediações, não ordenando logo sua remoção, fica sujeitos, além da multa do artigo antecedente no pagamento das despesas feitas pelo fiscal com a sua remoção. A

DIA 10

Rei visionário do sertão — vida e morte de Delmiro Gouveia

Assassinado na varanda da sua casa no dia 10 de outubro de 1917 com dois tiros, a morte do industrial é controversa. Alguns apontam que adversários políticos da região podem ter concebido o crime. Mas os interesses da empresa inglesa Machine Cottons, que antes dominava o segmento com as linhas Corrente, também despertaram suspeitas.

Demiro Gouveia, em Aquarela de Yara Barbosa (PÃO)

O distrito de Pedra recebeu o nome de Delmiro Gouveia em 1943, mas a emancipação de Água Branca só aconteceu em 1952.

Quando Delmiro Gouveia chegou ao povoado de Pedra, no Sertão alagoano, em 1903, não havia nada ali que sugerisse que em 1917 as ruas vibrariam com emprego, farmácia, padarias, escolas, cinema, uma hidrelétrica, uma fábrica de linhas e uma vila operária.

A saga do cearense, cujo centenário de morte coincide com o bicentenário de Alagoas, permanece na memória brasileira como a aventura de um homem visionário e empreendedor.

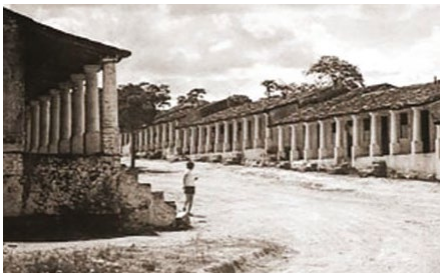
Nascido em Ipu (CE), em 1863, Delmiro era um dos filhos de Leonila da Cruz Gouveia e Delmiro Porfírio de Farias. Logo após a morte do pai, na Guerra do Paraguai (1867), muda-se com a mãe e a irmã para Recife e começa a trabalhar com 15 anos. Antes de se tornar um homem bem-sucedido, um self-made man, como o chamava Gilberto Freyre, foi tipógrafo, bilheteiro numa linha de trens urbanos americana, mascate e, de empregado de uma firma americana, tornou-se o único exportador de courinho (peles de cabras e carneiros) do Nordeste.

PRIMEIRO SHOPPING DO BRASIL

Inspirado numa viagem que fez aos Estados Unidos em 1893, Delmiro Gouveia construiu em 1899 o Mercado do Derby, em Recife. O empreendimento foi um sucesso com seus 264 boxes, considerado o primeiro shopping center do Brasil. Por causa da sua política de preços competitivos, o mercado foi incendiado em 1900. Ameaçado de morte, Delmiro passou um ano na Europa e, quando retornou, com prisão decretada por se envolver com a jovem filha de um político importante, seguiu para Alagoas, onde comprou terras no povoado de Pedra e voltou ao comércio de peles.

DELMIRO DEU A IDEIA

Com espírito empreendedor e estratégico, viu na cachoeira de Paulo Afonso o futuro da região com a geração de energia. Articulou-se politicamente e implantou a hidrelétrica de Angiquinho, em 1913. No ano seguinte, montou a primeira fábrica de linhas de costura brasileira, a Companhia Agrofabril Mercantil, que daria origem a uma exemplar vila operária.



FILME E ESCOLA DE SAMBA

O ator Rubens de Falco foi o protagonista do filme Coronel Delmiro Gouveia (1978), dirigido por Geraldo Sarno. Sura Berditchevsky e Jofre Soares também estão no elenco. Recebeu o Troféu Gran Coral de Melhor Filme no Festival de Cinema de Havana.

https://www.youtube.com/watch?v=ZMsyOSwK3zc

O empreendedor do Sertão foi tema de desfile da escola de samba Unidos da Tijuca, no Rio de Janeiro, em 1979, com o enredo Delmiro Gouveia, Uma História do Sertão.

OUÇA PAULO AFONSO

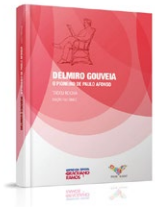
DE LUIZ GONZAGA

https://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/1561751/#radio:luiz-gonzaga

VISITE O MUSEU

Fundado em 1989, o Museu Regional Delmiro Gouveira apresenta uma exposição com fotografias, documentos, objetos de época, livros, máquinas e utensílios da vila operária.

Endereço: Avenida Caxangá, s/nº – Desvio – Delmiro Gouveia. A



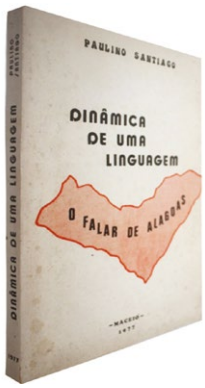
SAIBA MAIS

- Delmiro Gouveia: o Mauá do Sertão Alagoano, de Félix Lima Júnior (1983).
- Delmiro Gouveia: Vida e Morte, de Hildebrando Menezes (1991).
- Fábrica da Pedra, de Pedro Motta Lima (1942).
- O Ninho da Águia, de Adalberon Cavalcanti (1988).
- O Senhor da Pedra: Os Usos da Memória de Delmiro Gouveia (1840-1980), de Dilton Cândido Santos Maynard (2008).
- Formação Histórica de Alagoas, de Cícero Péricles (2016).

Esperanto na escrita de Paulino Santiago

Folclorista e poeta, Paulino Rodrigues Santiago se destaca como um grande divulgador do esperanto em Alagoas. Aprendeu a ler e escrever em casa e, desde cedo, demonstrava facilidade para aprender outros idiomas. Fluente em inglês e francês, lia e escrevia em esperanto.

Apegado aos livros, aos 12 anos trabalhou como caixeiro da livraria Fonseca. Na área comercial, foi diretor do Banco de Alagoas durante o governo de Clodoaldo da Fonseca. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, está entre os fundadores da Academia Alagoana de Letras, na qual foi criado um prêmio literário com o seu nome. O escritor nasceu em Maceió no dia 13 de março de 1888 e faleceu no dia 10 de outubro de 1967. Existe uma rua, no bairro do Poço, em Maceió, com o nome de Paulino Santiago.



NA IMPRENSA

Na imprensa, Paulino Santiago colaborou com vários jornais. Além de revisor do Diário Oficial do Estado, tem artigos publicados no Jornal de Alagoas, na Gazeta de Alagoas e nas revistas Perseverança e Mocidade. Boa parte dessas publicações divulgava o esperanto, e em alguns casos era assinada por Paulo de Santarém e Z, pseudônimos utilizados pelo autor.

"A primeira manifestação de esperantismo em Alagoas foi uma carta de Paulino Santiago em novembro de 1907, dirigida à recém-fundada Liga Brasileira de Esperanto". Medeiros Netto. Jornal de Alagoas (14/10/1979). A

OBRAS PUBLICADAS

- *Esperanto – Portuga – Vortaro* (1908).
- *Presença do Vovô Índio* (1961).
- *Dinâmica de Uma Linguagem: O Falar de Alagoas* (1976).
- *Estudos da Etmologia Alagoana* (1980).

DIA 11

Frevos e canções do maestro Passinha

Por Claudevan Melo (*)

O maestro Manoel Passinha, Manoel Capitulino de Castro, nasceu em Pão de Açúcar (AL) em 11 de outubro de 1908. Foi regente, compositor e instrumentista (trombone, saxofone e clarinete). Era filho do casal João Euzébio de Castro e d. Maria Luiza de Castro. Desde muito cedo, Capitulino demonstrou vocação para a música. Em Maceió, fez parte da orquestra do Cinema Floriano e do Teatro Deodoro.

Entra para o Exército, chegando ao posto de tenente e regente da banda do 20º Batalhão de Caçadores, atual 59º Batalhão de Infantaria Motorizado. Ganhou postumamente uma sala com seu nome nas dependências do Batalhão. Deixou uma obra

inestimável de composições e arranjos musicais.

O maestro Manoel Passinha faleceu em Maceió, no dia 3 de junho de 1993. A

VALE OUVIR

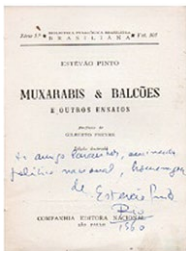
- *LP Maria Tereza – Músicas Sublimes, pela Banda da Polícia Militar de Alagoas.*
- *LP Saudações aos Colegas, de 1966. Gravado pela Banda da Guarda Civil de São Paulo.*
- *Samaritana* (frevo).
- *Dona Chepa* (frevo).
- *Cosme e Damião* (canção).
- *Saudade que a Gente Sente* (parceria com Reinaldo Cavalcante).
- *Hino Oficial de Olho d'Água das Flores* (letra de Pedro da França Reys).
- *Sinfonia de Paulo Afonso.*
- *Prefixo do 20º B.C.*
- *Saudades de Maceió* (arranjo de Passinha e letra de Lourival Passos).

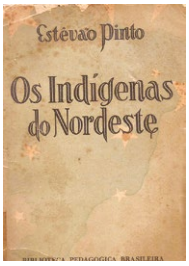
(*) Acervo e pesquisa

Paixão pela cultura e pioneirismo na antropologia

Reconhecido como um dos pioneiros da antropologia no Brasil, Estevão de Menezes Ferreira Pinto (1895-1968) faleceu em 10 de outubro. Filho de Júlio Lopes Ferreira Pinto e de Emília de Menezes Ferreira Pinto, em 1912 mudou-se para Recife, formando-se em Ciências Sociais e Jurídicas em 1917.

Especialista na área de Etnologia Indígena, seu livro Fulniô – *Os Últimos Tapuias* é considerado uma referência. Para o sociólogo Florestan Fernandes, as pesquisas de Estevão Pinto são tão importantes como os





trabalhos de nomes como Nina Rodrigues e Arthur Ramos.

Graças aos seus estudos, a cultura e os costumes de muitos povos foram registrados, como nesta passagem do livro *Os Indígenas no Brasil* (1935):

> "Afirmavam os índios que, quando sentiam falta de alimento, o tabaco matava-lhes a fome e a sede, motivo pelo qual o traziam sempre". (Estevão de Menezes Ferreira Pinto)

SUBSTITUIU GILBERTO FREYRE

Na área da Educação, o alagoano substituiu Gilberto Freyre como professor de Sociologia Educacional no Instituto de Educação de Pernambuco e também dirigiu a instituição. Em 1950, foi um dos fundadores e o primeiro diretor da Faculdade de Filosofia de Pernambuco, na qual instalaria um Instituto de Antropologia.

Membro do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, o intelectual também ocupou a cadeira 29 da Academia Pernambucana de Letras e foi membro da Sociedad Geográfica Americana (Buenos Aires) da Société des Américanistes de Paris. Em 1989, tornou-se o patrono da cadeira 56 do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas.

VERSO

Em 1913, lançou o livro *Mosaicos* (poesia), que viria a abjurar, considerando-o "pura manifestação de sarampo literário de todo brasileiro".

UM ANO ESPECIAL

Indicado por Roger Bastide, o intelectual alagoano fez uma palestra na Escola Prática de Altos Estudos, da Sorbonne, em Paris, em 1952, sobre a antropologia brasileira, a convite do historiador Lucien Fébvre.

LEIA

- *Lições e Exercícios de História do Brasil* (1930).
- *Os Indígenas no Nordeste* (1935).
- *Fulniô, Os Últimos Tapuias* (1956), Série Brasiliana, 285.
- *Muxarabis & Balcões e Outros Ensaios* (1958).

As obras estão disponíveis na Brasiliana eletrônica: www.brasiliana.com.br. A

A morte da guerreira Maninha Xucuru

Etelvina Santana da Silva, a Mana Xucuru-Kariri, faleceu em 11 de outubro de 2006. Legou para as gerações posteriores uma história de luta pela valorização dos povos indígenas.

Figura destemida, Mana nasceu na Fazenda Canto, em Palmeira dos Índios, em 10 de março de 1966. Do pai, Antônio Celestino, herdou a têmpera aguerrida e a disposição para estar à frente de sua época. Aos 12 anos, em 1978, viu seu povo retomar a Aldeia Mata da Cafuia, para onde se mudou com a família.

À FRENTE DE SEU TEMPO

Maninha foi a primeira mulher da aldeia a estudar na cidade. Percorria 12km a pé para chegar na escola.

Primeira mulher a fazer parte da Articulação dos Povos Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo (Apoinme).

O engajamento da líder indígena é reconhecido nacionalmente. Em 2000, o nome de Mana Xucuru-Kariri foi indicado para fazer parte do Projeto "1000 mulheres para o prêmio Nobel da Paz".

EXEMPLO DE LIDERANÇA

1987 – Conclui o Ensino Médio em Palmeira dos Índios, já engajada na luta pela defesa dos direitos do seu povo.

1990 – Participa da fundação da Associação dos Povos Indígenas do Nordeste, da qual foi coordenadora regional. Ainda nessa década, assumiu a secção Alagoas – Sergipe da Coordenação de Apoio às Organizações Indígenas do Brasil, a CAPOIB.

1995 – Tem participação decisiva na retomada de terras Karapotós e na reintegração de posse da Fazenda Jiboia.

2001 – Consegue recuperar cinco propriedades da Fazenda Brejinho.

Em suas atividades de cunho social, morou em Brasília e foi sempre muito atuante, tendo recebido homenagem especial no Iº Congresso Nacional de Políticas para as Mulheres.

DESCANSO PREMATURO

Mana faleceu prematuramente, vítima de uma inesperada embolia pulmonar. A partida provocou comoção na aldeia e luto nacional nos movimentos sociais das minorias.

HONRA ANCESTRAL

O ritual fúnebre de Mana Xucuru foi marcado por honras tribais, a exemplo da formação do toré, antecedendo o cortejo. Representantes de tribos de Sergipe, Pernambuco, Bahia e Paraíba participaram do sepultamento, que ocorreu no antigo cemitério indígena de Igreja Velha, onde estão os restos mortais dos ancestrais dos Xucurus-Kariris.

QUER SABER MAIS?

Dicionário Mulheres de Alagoas – Ontem e Hoje (2007). Enaura Quixabeira Rosa e Silva e Edilma Acioli Bonfim.

NO YOUTUBE

ASSISTA À ENTREVISTA DE MANINHA

https://www.youtube.com/watch?v=fjmSfhk6-Ys

DIA 12

O chão popular de Pedro Teixeira de Vasconcelos

Pedro Teixeira nasceu em 12 de outubro de 1916 na casa-grande do Engenho Bom Sucesso, em Chã Preta; na época o município ainda era distrito de Viçosa. Menino de engenho, cresceu entre o Bom Sucesso, do avô paterno, e o Medina, de seu pai.

O entusiasmo pela cultura popular começou cedo, na convivência com os brincantes, tocadores de viola nos célebres desafios nos alpendres do Medina ou em contato com os mestres de folguedos, com os cantadores de pagodes e com as pastorinhas do presépio.

O SEMINÁRIO E A MENINA-MOÇA

Entrou no seminário de Maceió em 1929, e ele mesmo fala sobre sua vocação: "Fui para o seminário metropolitano, de onde somente saí em julho de 1933, fugido até, impressionado com o meigo olhar de Olívia, menina-moça que bulira com meu coração de adolescente. Terminou este episódio com um célebre purgante de óleo de rícino com as 7 sementes concentradas, que a tia Iaiá preparou, julgando que o sobrinho estivesse doente de verdade. Mamãe castigou-me com mais um ano de batina".

MAGISTÉRIO E BRINCANTES

Começou a vida profissional como professor, em Viçosa, logo depois de concluir o curso Normal, em 1936. Em 1953 defendeu a cátedra de professor de Francês e foi o primeiro diretor da Escola Técnica de Viçosa. Veio para Maceió, em 1960, para ser inspetor regional de ensino e professor de Francês na escola pública.

Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas e da Comissão Alagoana de Folclore, deixou livros e vários artigos em publicações culturais. Mas seu maior mérito foi ter trazido para dentro das escolas a prática dos folguedos populares, garantindo sua permanência em um momento em que os grupos autênticos estavam em extinção.

ANIMADOR DE PASTORIL

Formava grupos que ele mesmo ensaiava em diversas escolas de Maceió, Viçosa e Chã Preta. Alegre e de fácil comunicação, foi um grande animador de pastoril e de presépio. Na Praça Silvério Jorge, na década de 1970, foram inúmeros os embates entre as pastoras do azul e as do encarnado, tendo o professor como animador do encarnado, e o locutor Luiz de Barros defendendo o azul.

Lecionou até falecer, em 12 de junho de 2000, em Maceió, quando ocupava a presidência da Comissão Alagoana de Folclore.

PUBLICAÇÕES

- *Sobrevivência da Lúdica Folclórica em Alagoas* (1976). Coautoria com José Maria Tenório Rocha.
- *Folclore, Dança, Música e Torneio* (1978).
- *Andanças Pelo Folclore* (1998).
- *Lendas e "Causos" da Minha Região* (2000).

"Não conheço intelectual de Alagoas mais identificado com o povo de sua terra que o professor Pedro Teixeira de Vasconcelos".

Cármen Lúcia Dantas
(Gazeta de Alagoas 22/10/1995). A

A novidade dos bondes elétricos na cidade

Embora a Companhia Alagoana de Trilhos Urbanos (Catu) tenha sido fundada em 14 de junho de 1890, os passageiros teriam que esperar até 12 de outubro de 1914 para ver e andar nos bondes elétricos. Isso aconteceu no governo de Clodoaldo da Fonseca, que se tornou conhecido pela atenção que deu à melhoria do tráfego de bondes e construção de estradas.

No início eram apenas 16 e vieram desmontados dos Estados Unidos. A empresa pioneira foi substituída, após 1926, pela Companhia Força e Luz de Maceió. Até o final dos anos 1950, ainda funcionaram na cidade.

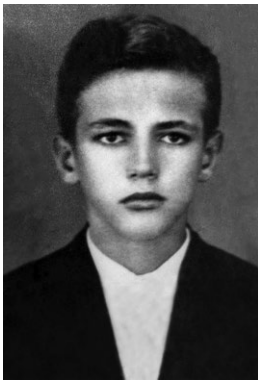
MEMÓRIAS

Floriano Ivo Junior recorda no livro Crônicas e Depoimentos (1992) : "Bom mesmo eram os passeios de bonde às tardes e ao anoitecer de domingos e feriados, sentindo-se a brisa do mar quando se ia à Pajuçara e à Ponta da Terra, o ar cheirando a mangas maduras e cajus dos sítios do Farol, Bebedouro e Mangabeiras, ou então quando se ia ao Trapiche da Barra, assistia-se na passagem aos cavalos de corrida nos páreos do Prado, os campos de tiro ao alvo do 20º BC e da Força Pública, sentia-se o sopro cálido do vento frio vindo do Pontal. Famílias inteiras, em trajes de passeio, lotavam os bondes nessas ocasiões, contagiando a algazarra e o alvoroço das crianças quando divisavam os navios no mar da Avenida da Paz, quando desciam em Bebedouro, Pajuçara e Levada para as festas de Natal". A

MAIS

Site História de Alagoas: Floriano Ivo, Maceió no tempo do bonde.

Em memória de Élio Lemos



Apesar de precoce, com a vida acenando para um futuro brilhante nas letras, o jovem Élio Lemos, estudante do Colégio Guido de Fontgalland, nascido em 18 de janeiro de 1936, morreu na cachoeira de Paulo Afonso, no dia 12 de outubro 1954. Ele participava com a turma do 3º ano do colégio de uma visita à sede da usina Angiquinho, o empreendimento visionário de Delmiro Gouveia. A fatalidade fez com que ele deslizasse de uma pedra quando queria fotografar um amigo.

A tragédia interrompeu a vida do estudante, que naquele ano havia participado do VI Congresso Nacional de Educandários Gratuitos (de 26 a 31 de julho), no Rio de Janeiro. Ele também fundou o Grupo Teatral Anchieta, que encenou sua peça A Longa Espera; também dirigiu o espetáculo Noites da Lagoa. Élio era filho de Elói Lemos França, funcionário dos Correios e Telégrafos, e de Filomena Lemos França, professora no Grupo Escolar Fernandes Lima.

Em 1974, foi inaugurado um busto em homenagem a Élio Lemos na praça que o homenageia, na Cambona.

PREMIADO

Élio Lemos recebeu o Prêmio Nacional Esso de Reportagem com a sua prosa poética intitulada Torvelinho.

NOSSA CULPA

O padre Teófanes de Barros, diretor do Colégio Guido, escreveu a crônica Nossa Culpa no jornal Diário de Notícias (RJ), no dia 23 de agosto de 1959: "Eu convivi com um menino que desde os 14 anos se revelava um pequeno gênio das letras. Foi a inteligência mais deslumbrante que eu conheci. Esse garoto, que já publicava aos 16 anos trabalhos de valor na imprensa de minha terra, esse menino, que dizia coisas bem impressionantes sobre o mundo e sobre a vida, deixou uma bagagem literária de insigne valor".

MAIS

Leia o texto A Trágica Morte de Élio Lemos, de Etevaldo Amorim, no site História de Alagoas, publicado no dia 28 de abril de 2016. No site também é possível baixar em PDF uma coletânea com textos de Élio Lemos

IN EXTREMIS

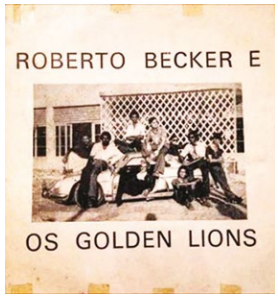
(Trecho da última crônica escrita por Élio Lemos)

Esperas e quedas. Como se cada dia fosse somente a sala de espera de um anfiteatro. O medo de cair em cada gesto. Uma queda a cada passo, e entre uma e outra espera – entre um medo e outro – o encontrar-se desanimador com sombras. Encapuzadass e silentes, avançando por pupilas desmesuradamente abertas de olhos medrosos. Realidade má. Maldade do mundo. A

DIA 13

O menestrel Roberto Becker

Você conhece Domingos Annunziato Litrento? Se sim, saiba que é uma raridade. Se não, talvez você o conheça como Roberto Becker, o cantor e compositor. Ele nasceu no dia 13 de outubro de 1938. (Foi contemplado nos almanaques de fevereiro, como compositor de um clásico do carnaval, De Bandinha; e de junho, como um dos responsáveis pela renovação do forrró, no texto de pesquisador José Gama Lessa).



Becker também era seresteiro, e quem o conheceu destaca o bom humor do artista. Foi autor de mais de mil músicas, entre marchinhas, músicas românticas, hinos e forrós, e ficou conhecido como o Seresteiro Apaixonado. Faleceu em Aracaju, no dia 1º de abril de 2012. Em 2016, a Secretaria de Estado da Cultura (Secult) prestou-lhe uma homenagem com a exposição Roberto Becker — Um Menestrel Alagoano, no Museu da Imagem e do Som de Alagoas (Misa). A

DIA 14

Paço Imperial de Penedo e sua majestade, o Imperador D. Pedro II

Sobrado de construção sóbria do final do século 18 pertencente à família Lemos, a mesma que mandara construir ao lado a Igreja de Nossa Senhora da Corrente.

Em 14 de outubro de 1859, o então proprietário, o comendador José Antônio de Araújo, casado com uma Lemos, hospedou sua majestade, o imperador d. Pedro II, durante sua passagem por Penedo com destino à cachoeira de Paulo Afonso. A partir de então, o sobrado passou a ser conhecido por Paço Imperial. Na fachada do prédio, existe uma placa alusiva à passagem do visitante ilustre.

DIÁRIO DE VIAGEM

D. Pedro fez muitas anotações durante a viagem. Conforme registrou, começou seu diário na Bahia, no dia 1º de outubro, e encerrou na volta, em 19 de novembro.

Em 1959 as anotações foram reunidas em uma publicação da Universidedade Federal da Bahia e da Aguiar e Souza Ltda., com o título de Diário de Viagem ao Norte do Brasil, ilustrada com desenhos do próprio imperador. Em uma dessas anotações, disse, referindo-se a Penedo, em uma visão do rio pela janela do sobrado: "O lugar é muito bonito e creio devera estar aqui a capital da província".

MODIFICAÇÕES TEMPORAIS

Com o passar do tempo, o monumento sofreu descaracterizações e modificações externas e internas, com o propósito de se adequar à função de repartição pública, no governo de Euclides Vieira Malta.

A fachada ganhou uma platibanda e um elegante frontão que aproximou sua feição ao estilo neoclássico vigente na época.

No início dos anos 1980, o prédio foi restaurado. A fachada voltou às características originais com o objetivo

de ser ocupado por uma instituição cultural, o que só veio a acontecer na década seguinte.

MUSEU DO PAÇO

Atualmente o prédio é ocupado pelo Museu do Paço Imperial, instituição pertencente à Fundação Raimundo Marinho, mantenedora também do memorial ao seu patrono.

O registro da passagem de d. Pedro está marcado pela exposição de várias peças e fotografias da família imperial. O relógio de sala que pertenceu à família do comendador Araújo está entre as peças do museu. A

Talentoso e precoce

O escultor Leonardo Viana nasceu em Alagoas no dia 14 de outubro de 1915 e teve Lourenço Peixoto como seu primeiro mestre. Aos 16 anos realiza sua primeira exposição, a qual chama a atenção com uma cópia de *Centauro Moribundo*, de Bourdelle.

Mudou-se para o Rio de Janeiro, com uma bolsa recebida pelo governo de Alagoas, onde continuou seus estudos com Correia Lima e Rodolfo Chambelland, na Escola Nacional de Belas Artes.

Em 1940 recebeu a medalha de prata no Salão Nacional de Belas Artes e, no ano seguinte, foi auxiliar do escultor Celso Antônio. É citado por Quirino Campofiorito no estudo Escultura Moderna no Brasil. Morreu no dia 15 de setembro de 1965, no Rio de Janeiro. A

DIA 15

Autonomia nas artes

Filho de professores e artista premiado, Teixeira da Rocha nasceu em São Miguel dos Campos em 15 de outubro de 1863 e fez estudos no Rio de Janeiro, no Liceu Imperial de Artes e Ofícios, na Imperial Academia de Belas Artes. Ensinou na Escola Naval, no Colégio Militar e na Escola Normal, do Rio de Janeiro.

Pintor, desenhista e caricaturista, tornou-se notório por sua independência, considerado por muitos um artista que prezava por sua autonomia, registrando com humor acontecimentos da Proclamação da República na revista Vida Fluminense (1889-1890). Também produziu para a revista Monóculo e para a Revista Theatral.

Viajou a Paris, onde estudou com Jean-Paul Laurens e Benjamin Constant. O historiador Carlos Rubens o considerava "o primeiro pintor verdadeiro de Alagoas", mencionando retratos que fez de Campos Sales, Floriano Peixoto e Rodrigues Alves. Morreu no Rio de Janeiro, em 18 de abril de 1941.

SAIBA MAIS

Blog do Etevaldo: Teixeira da Rocha, o caricaturista da República.

PRINCIPAIS OBRAS

A Horta, Praia de Santa Luzia, Pescaria, Costura, Aula à Noite, Paisagem de Petrópolis, Fundos do Arsenal de Guerra, Abolição da Escravatura e *Vista de Copacabana.* A

PRÊMIOS

- Medalha de ouro na Exposição Universal de Paris, de 1889.
- Em 1898, medalha de ouro pelo trabalho *A Lei*, de 28 de setembro.
- Prêmios de honra no Salão Nacional de Belas Artes de 1899 e 1908.

DIA 16

Cultura Xucuru-Kariri

A cada segundo sábado, domingo e segunda-feira, sempre na segunda semana de cada mês, realiza-se o retiro espiritual indígena do Ewká/ Ouricurí-lhá, dedicado ao Culto e ritos da Religião e viver indígena.

Atenção: data móvel. A

DIA 17

Brasil descoberto em Alagoas e outras histórias de Jayme de Altavila

Anphilóphio de Oliveira Melo nasceu em 16 ou 17 de outubro de 1895 no Bom Parto, em Maceió. Mas preferiu entrar para a história como Jayme de Altavila, pseudônimo que adotou, a partir de 1950, em trabalhos literários, históricos e jurídicos e com o qual se notabilizou entre as figuras culturais mais significativas do Estado, em todas as épocas.

Foi professor, advogado e político. Assumiu a Prefeitura de Maceió (1º/02/1927 a 7/01/1928) após a renúncia do titular, José Moreira Silva Lima. Mas foi como intelectual de larga experiência em várias áreas do conhecimento que inseriu seu nome no grupo de intelectuais voltados para o registro e o resgate da historicidade de Alagoas.

O JORNALISMO DE OLLÊM

O jornalismo foi a porta de entrada para o universo literário. Aos 15 anos já escrevia para jornais e revistas culturais. O primeiro artigo saiu em O Guarani, modesto jornal de Maceió, no qual usou o pseudônimo de Ollém.

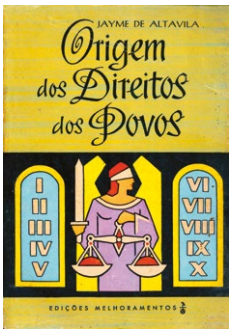
Está entre os poetas de destaque no livro *Terra das Alagoas*, de 1922, de Adalberto Marroquim. Entre seus poemas mais populares estão: "Canto Nativo", "O Pescador de Sururu" e "Você".

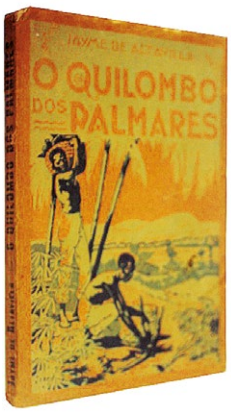
VOCÊ SABIA?

Jayme de Altavila é o autor da letra do atual hino do Clube de Regatas Brasil (CRB).

TESE PARA O DESCOBRIMENTO

Além de poeta, foi historiador que deixou farta contribuição no desvendamento da memória estadual. Defendeu a tese de que o Brasil foi descoberto por Alagoas, nas costadas de Coruripe, sendo a enseada do Pontal o ancoradouro citado por Pero Vaz de Caminha na carta enviada ao rei de Portugal pela frota cabralina.





RESUMO HISTÓRICO

1923 – Formou-se em Direito no Rio de Janeiro.

1929 – Renuncia à cadeira de deputado na Assembleia Legislativa por ter sido nomeado 1º promotor público adjunto da Comarca de Maceió.

1931 – Funda e leciona na Faculdade de Direito de Alagoas.

1932 – Assume o cargo de juiz federal na Paraíba. Volta a Alagoas no ano seguinte.

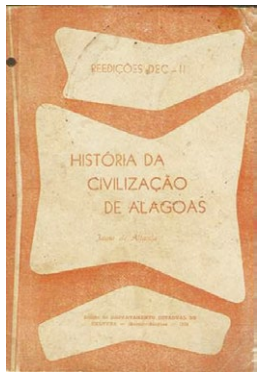
1948 a 1962 – Dirige a Faculdade de Direito de Alagoas.

1956 – Lança *Origem dos Direitos dos Povos*, pela Editora Melhoramentos (SP). Sobre o lançamento, o poeta Carlos Moliterno disse, em 1965: "Projetou o nome desse ilustre alagoano como um dos mais argutos e eficientes cultores do Direito".

1959 a 1970 – Preside o Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas. Dedica-se à pesquisa de campo de vestígios arqueológicos.

1936 a 1937 e de 1961 a 1964 – Funda e preside a Academia Alagoana de Letras.

1970 – Morre em Maceió, no dia 26 de março.



AS OBRAS

- *Da Vida e do Sonho* (1916 – poemas).
- *Mil e Duas Noites* (1921 – crônicas).
- *Diário de Todos os Amantes* (1928 – poemas).
- *O Quilombo dos Palmares* (1930 – romance histórico).
- *História da Civilização do Brasil* (1934).
- *História da Civilização de Alagoas* (1933).
- *Estudos de Literatura Brasileira* (1937).
- *Portugal e o Brasil de D. João VI* (1940 – crônicas históricas).
- *Canto Nativo: Versos* (1949 – poemas).
- *Luango. O negrinho dos Palmares* (1949 – novela histórica).
- *Origem dos Direitos dos Povos* (1956 – jurídico).
- *Testemunha na História e no Direito* (1967 – jurídico).

COMPOSIÇÕES MUSICAIS

- *Depois de Um Sonho*, de 1915 (valsa).
- *Coração de Bertini*, de 1916 (valsa).
- *Valsa da Paz*, de 1919, com música de Tavares de Figueiredo.
- *Vence Quem Ama*, de 1920 (valsa).
- *Os Batutas do CRB*, de 1921 (tango carnavalesco).
- *Canção dos Jangadeiros*, de 1924, com música de Tavares de Figueiredo.
- *Cantos Escolares*, de 1924, com música de Tavares de Figueiredo.
- *Bia-tá-tá*, de 1930, com música de Hekel Tavares.
- *Eita, Brasil!*, de 1933, com música de Hekel Tavares.
- *Eu Piso, Mulata*, de 1933, com música de Hekel Tavares.
- *Ave-Maria do Brasil*, de 1933, com música de Hekel Tavares. A

DIA 18

O homem e a rua Sá e Albuquerque

Antonio Coelho de Sá e Albuquerque nasceu em 18 de outubro de 1821, no Engenho Guararapes, em Muribeca (PE). Formado em Direito em 1842, teve uma atuação política destacada em seu estado, Pernambuco. Foi senador, deputado-geral e diretor da instrução pública.

25º presidente da Província das Alagoas, nomeado em 1854, permaneceu no cargo até abril de 1857, quando foi afastado para desempenhar funções na Assembleia Geral. Nesse período, foi substituído pelo vice, Roberto Calheiros de Melo.

CONSTRUÇÃO DO LAZARETO

Durante sua gestão, Alagoas foi atacado pelo vírus do cholera morbus, que chegou à província por Piaçabuçu e logo se espalhou. Para combater a epidemia, Sá e Albuquerque construiu na Praia do Francês, na época local afastado da área urbana, um leprosário, cujas ruínas continuam em pé. Também foi responsável pela expansão do calçamento das ruas do Centro de Maceió.

JARAGUÁ E TODOS OS NOMES DA RUA

Em homenagem ao governador, a antiga Rua da Alfândega passou a se chamar Sá e Albuquerque.

Considerada a primeira e principal rua do bairro histórico, teve outros nomes: Rua da Praia e Rua da Frente. A localização foi impulsionada, em diferentes momentos, pela presença do ancoradouro, com as demandas de exportação e a instalação do comércio que se desenvolveu naquela região.

Uma das primeiras referências ao nome atual é de janeiro de 1883.

VOCÊ SABIA?

Sá e Albuquerque foi um dos pioneiros na luta contra o analfabetismo no país.

SAIBA MAIS

ABC das Alagoas.
historiadealagoas.com.br

O político também presidiu as províncias da Paraíba, do Pará e da Bahia. Exerceu cargos importantes no Império, como diretor dos ministérios de Negócios Estrangeiros e da Agricultura.

MORTE NO VAPOR

Sá e Albuquerque faleceu em 22 de fevereiro de 1868, a bordo do vapor Paraná, na costa da Bahia, durante viagem a Recife para tratar de uma doença. A

Rosa da Fonseca, a matriarca patriótica

Rosa Maria Paulina Barros da Fonseca, instituída como a patrona da Família Militar pelo Exército Brasileiro, nasceu na Vila de Santa Maria Madalena da Lagoa do Sul, atual Marechal Deodoro, no dia 18 de outubro de 1802.

Casou-se em 1824 com o major do exército imperial Manuel Mendes da Fonseca, com quem teve 10 filhos, entre eles o Marechal Deodoro da Fonseca, proclamador da República do Brasil (1889).

OS FILHOS E A GUERRA

Sete dos seus filhos seguiram a carreira militar e combateram na Guerra do Paraguai. Três deles, Affonso Aurélio, Hippolito e Eduardo Emiliano, morreram em batalhas. Tornou-se conhecida a versão de que, quando a matriarca Rosa soube que Hermes e Deodoro também foram feridos na batalha de Itororó, manteve o semblante altivo e afirmou:

"Sei o que houve. Talvez até Deodoro esteja morto, mas hoje é dia de gala pela vitória; amanhã, chorarei a morte deles".

Rosa da Fonseca faleceu no dia 11 de julho de 1873, no Rio de Janeiro. A lápide de seu túmulo encontra-se na Casa de Deodoro, em Marechal Deodoro. Em 2016, o Exército Brasileiro definiu o dia de nascimento de Rosa da Fonseca, 18 de outubro, como o Dia da Família Militar. A

SAIBA MAIS

Dicionário Mulheres de Alagoas, Ontem e Hoje. Enaura Quixabeira Rosa e Silva e Edilma Acioli Bonfim
www.mulher500.org.br

O poeta de Pilar irmão de Arthur Ramos

Nascido em Pilar em 18 de outubro de 1894, poeta, secretário do Posto de Saúde e coletor federal, Nilo Ramos fundou e dirigiu o jornal O Pilar e foi diretor do semanário A Cidade, além de colaborar com outros jornais. Era irmão do médico psiquiatra Arthur Ramos, de quem publicou com apenas 15 anos o primeiro trabalho publicado no A Cidade.

Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros diz em *Arthur Ramos e As Dinâmicas Sociais de seu tempo* que "Nilo foi o irmão que mais influenciou Arthur, que o acompanhava na vida literária, nas incursões ao jornalismo e nas aventuras de criação de jornais na província. Faleceu no dia 26 de dezembro de 1935.

GAIATO

Nilo também colaborou no Jornal de Alagoas e na revista Vinte de Julho. Em O Gaiato, com a inicial R., assinava a secção Retratos, com perfis humorísticos. A

LIVROS

Decassílabos, 1922 (poesia); *No Miradoiro das Ilusões*, 1923 (poesia).

André Papini – Defesa dos operários

André Papini, na verdade, nasceu em Brejo Grande, no estado de Sergipe, no dia 18 de outubro de 1908. Era advogado, funcionário público, e a vida política sempre esteve em suas veias: ainda jovem, fundou e dirigiu em Penedo uma associação de classe.

Seguiu para o Rio de Janeiro com 21 anos para trabalhar num banco, mas retornou a Alagoas, desta vez a Maceió, para assesorar o interventor Hemílio de Freitas Melro. Foi voluntário num batalhão da Polícia Militar em 1932, lutando contra constitucionalistas em São Paulo.

Estudou Direito e representou Alagoas em congressos nacionais da União Nacional dos Estudantes. Também foi diretor do jornal A Voz do Povo, do Partido Comunista Brasileiro. Foi eleito deputado estadual em 1947 e cassado em 1948.

Chegou a ser preso por oito dias por defender um operário que foi detido por ler o jornal comunista e mudou-se para Recife por causa de perseguição política. Por lá, advogou para operários e foi funcionário público federal, como fiscal do imposto do consumo. Depois de trabalhar em João Pessoa (PB), Manaus (AM) e Maceió, tornou-se assessor no Ministério da Fazenda, no Rio de Janeiro, onde faleceu em 7 de julho de 1966.

DENÚNCIA

Como jornalista no Jornal de Alagoas, denunciou e foi perseguido pelo governador Silvestre Péricles pelo espancamento do jornalista Donizete Calheiros. A

FONTE

Jornal Correio do Povo

DIA 19

O reisado de Virgínia Moraes — A mestra que cantava e tirava os maus olhados

Virgínia Moraes nasceu na véspera de São João, 23 de junho de 1906, em Águas Belas (PE). Mas reinou em Alagoas, onde chegou ainda bebê, aos dois meses de idade.

Não demorou muito para entrar na dança. Ao lado do irmão, o mestre José Moraes, começou logo pelo reisado; era bandeirinha entre os brincantes de Cajueiro (AL). Começa ali a trajetória da mulher que entraria para a história da cultura popular alagoana como a mestra que dominava os segredos do reisado.

O trabalho da artista foi mapeado por etnomusicólogos, e as músicas de domínio público recolhidas por ela foram gravadas por nomes importantes da MPB. Mestra Virgínia faleceu em 19 de outubro de 2003, em Maceió.

A PARTEIRA QUE ERA UMA MÃE

Parteira, aprendeu o ofício na cidade de União dos Palmares/AL. "Sei de segredos na hora do parto que nem os médicos sabem, e não conto a ninguém". Apesar da extrema pobreza em que viveu, mestra Virgínia criou mais de 12 crianças que nasceram por suas mãos e foram rejeitadas pelas mães, além de seus 10 filhos naturais.

REISADO TRÊS AMORES

Começou a ensaiar seu primeiro reisado com o mestre José Moraes da Silva, em Poço Grande (AL). Em Maceió, criou o reisado e o coco de roda, em Rio Novo, e o trio de forró Trio dos Três Amores, cujo sanfoneiro era seu filho adotivo Dominguinhos.

Além de cantar e dançar, mestra Virgínia também era benzedeira. Tirava os maus olhados, as invejas e as mazelas sem perder o humor e a rima.

"Escreva aí, este trabalho é da mestra Virgínia. Escreveu?"

"Eu sou a mestra Virgínia
Eu sou a rainha do fogo
Eu sou a dona dos raios
E do corisco e do trovão
Todos me prestem atenção
Eu vou vencer a minha batalha
A vista de Santa Bárbara
Com o seu cálice na mão".

"Não sei ler nem escrever, mas fico pensando e vai saindo os versos da minha cabeça e não esqueço nenhum". Mestra Virgínia

"Eu a comparo com certos pássaros que não restem o canto. Assim era dona Virgínia. Ela tinha uma riqueza musical impressionante". Gustavo Quintela, pesquisador musical

"Cada tarde que a gente passava junto era um repertório imenso que ela punha pra fora. Ela sempre estava querendo cantar, se expressar e falar do conhecimento que ela tinha". Telma César, pesquisadora (Ufal)

PREMIADA

2001 – Mestra Virgínia recebeu a Medalha de Mérito Nise da Silveira, no Dia Internacional da Mulher, como defensora e batalhadora incansável do saber popular. A

GRAVARAM MESTRA VIRGÍNIA

- Comadre Florizinha (*Araúna, Roseira Di, Pirulito*).
- Mônica Salmaso (*Ô minha gente / Determinei*).
- CD *Porta do Tempo*
- CD *Canções do Brasil*

ASSISTA

BALANÇANDO O GANZÁ DA TVE
https://www.youtube.com/watch?v=rACDUD0uGaI
Com informações de Josefina Maria Medeiros Novaes.

DIA 20

No galarim da fama, as pinturas de José Paulino

O artista plástico José Paulino de Albuquerque Lins nasceu em São Luís do Quitunde em 20 de outubro de 1893 e faleceu em 9 de abril de 1971. Foi desenhista na Intendência Municipal, no Departamento de Viação e Obras Públicas de Alagoas e no Departamento Estadual de Estatística, além de professor da Escola de Aprendizes Artífices, dedicando-se com maestria à pintura.

A PAISAGEM DE FUNDO

A paisagem era a fascinação de José Paulino, que registrou a exuberância da natureza alagoana. Expôs desde a década de 1920 em Maceió, ampliando horizontes na década seguinte, com exposições em Recife, Salvador e Rio de Janeiro.

MORENO BRANDÃO DEFINE

Em texto publicado no Diário de Pernambuco de 7 de novembro de 1925, com o título *As Artes Plásticas em Alagoas*, Moreno Brandão destacou: "Anda agora no galarim da fama José Paulino de Albuquerque Lins (São Luís do Quitunde, 20 de outubro de 1893). Tem produzido muito. Também não seguiu um curso regular de estudos. Eis aqui a nomenclatura de seus apreciados e primorosos quadros, onde a natureza alagoana palpita sugestiva e encantadora: *Coração da Mata; Morros de Camaragibe; Boca da Caixa; Ponta Verde; Capoeirão; Acendedor de Lampiões; Margens da Manguaba; Lagoa das Antas; Margens do Camaragibe; Lesirias do Camaragibe; Paisagem do Paraíba; Ruínas em Bebedouro; Aterro de Jaraguá; Ponta do Sobral; Poente; Trecho de Caminho*".

ALGUMAS OBRAS

O governador Silvestre Péricles doou o quadro de sua autoria *De Onde Caiu Zumbi* ao Museu de Arte de São Paulo (Masp).

José Paulino participou do Centenário da Emancipação

Política de Alagoas com 30 trabalhos a óleo e aquarela.

A capela da Escola Nossa Senhora do Amparo, no bairro do Farol, foi inaugurada no ano de 1937 e tem planta de autoria de José Paulino. A

SAIBA MAIS

- *Pequena História das Artes Plásticas no Brasil*. Carlos Rubens (1948).
- *ABC das Alagoas*.
- www.historiadealagoas.com.br
- arquiteturaalagoana.al.org.br

Getúlio Vargas inaugura o porto de Maceió

No dia 20 de outubro de 1940, quando Osman Loureiro era interventor do Estado, o porto de Maceió foi inaugurado pelo presidente Getúlio Vargas. A notícia foi detaque no jornal carioca A Noite, que registrou no dia seguinte: "A inauguração do porto constituiu um momento de grande satisfação para o povo alagoano, que a externou em ovações ao presidente Getúlio Vargas, que satisfizera essa grande aspiração do povo e necessidade máxima do Estado". O navio Inconfidência foi responsável pela primeira manobra trazendo a bordo convidados e autoridades.

Desde 1890, uma concessão previa a construção do porto, mas o governo federal rompeu com a The National Brazilian Harbour Company em 1905. Em 1932, o interventor federal Tasso Tinoco voltou a tratar do assunto com o governo federal. A

SAIBA MAIS

O Porto de Maceió. Atos do Governo da União e do Estado de Alagoas Referentes ao Assunto, Maceió: Imprensa Oficial, 1935.

DIA 21

II Guerra Mundial — major Elza esteve lá

A enfermeira, jornalista e militar Elza Cansanção Medeiros, a major Elza, é filha de pais alagoanos: o médico sanitarista Tadeu de Araújo Medeiros e de Aristhea Cansanção. Nasceu no Rio de Janeiro em 21 de outubro de 1921 e estudou na Escola de Enfermaria da Cruz Vermelha.

VOLUNTÁRIA DE GUERRA

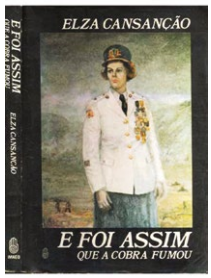
Em 1943 se apresentou como voluntária para ir à Segunda Guerra Mundial, e um fato reforçou sua vocação: o bombardeio do navio Itapagé em Alagoas. "O que me levou à guerra foi justamente ver a minha gente sendo atacada", admitiu anos mais tarde.

Integrante do Destacamento Precursor de Saúde da Força Expedicionária Brasileira (FEB) em 1944, foi enfermeira-chefe no 7th Station Hospital, em Livorno (Itália), onde conheceu um militar norte-americano de quem foi noiva, mas ele morreu no dia 2 de maio, exatamente no dia em que a guerra acabou.

MEMÓRIA DA FEB

"Tenho um acervo de mais de 5 mil fotografias da FEB colhidas com meus amigos. Tenho mais de 1.700 slides. Talvez eu saiba mais do que aqueles que estiveram na linha de frente. Sei detalhes de cada setor por causa dos pacientes que chegavam ao hospital"

Major Elza sobre o acervo que montou sobre a participação da FEB na II Guerra Mundial



CORRESPONDENTE DO IHGAL

Dispensada do Exército, atuou como jornalista (fundou as revistas Ex-combatentes e O Febiano) e no serviço médico do Banco do Brasil (1947). Em 1957 retornou ao Exército.

Cidadã alagoana, foi correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, fundou em Maceió o Museu da Segunda Guerra Mundial (1996) e escreveu o *Dicionário de Alagoanês*.

Além de livros autobiográficos, dedicou-se à escultura e falava cinco idiomas. Morreu no Rio de Janeiro, em dezembro de 2009.

VISITE

O Museu da II Guerra Mundial, criado por major Elza, fica na 20ª CSM, Praça Olavo Bilac, nº 33, Centro (perto da Estação Ferroviária). Aberto de segunda a sexta-feira.

NO PALCO

Na juventude, atuou como atriz ao lado de Fernando Torres e Nathalia Thimberg no espetáculo Dama da Madrugada, no Teatro Universitário Gerusa Camões (RJ).

CINEMA

É possível conhecer o contexto e parte da atuação da major Elza no filme *A cobra Fumou*, documentário de 2003 dirigido por Vinícius Reis.

Assista no YouTube: *A Cobra Fumou — O Brasil na 2ª Guerra*

https://www.youtube.com/watch?v=LY_YaTJLC4E

DE PRÓPRIO PUNHO

- *Nas Barbas do Tedesco* (1955).
- *E Foi Assim que a Cobra Fumou* (1987).
- *Eu Estava Lá* (2001).

MEDALHAS

Entre as cerca de 40 condecorações que recebeu constam a Medalha de Guerra, a Medalha do Pacificador, a Medalha de Campanha, a Ordem do Mérito Militar, a Medalha Mérito Tamandaré, a Medalha Mérito Santos Dumont e a Medalha Abnegacion y Constancia Honor al Merito, do governo paraguaio. A

SAIBA MAIS

- www.velhosamigos.com.br
- www.abi.org.br

Uma vida política: Oséas Cardoso

Oséas Cardoso nasceu em Viçosa em 21 de outubro de 1913. Antes de ingressar na carreira política, inicialmente como prefeito das cidades de Piranhas e Pilar durante o Estado Novo, o alagoano foi repórter no Jornal de Alagoas e na Gazeta de Alagoas.

Exerceu mandatos como deputado estadual em 1947 e 1950 (PSD) e em 1954 (PTN). Em 1956, formalizou o primeiro pedido de impeachment de um governador no Brasil contra Muniz Falcão. Foi eleito deputado federal em 1958 (pela UDN) e em 1962 (Arena). Mesmo reeleito em 1966, teve os direitos políticos cassados por 10 anos em 1969, devido ao AI-5.

Quando esteve sem mandato, foi nomeado chefe da representação do Sindicato e da Cooperativa do Açúcar de Alagoas. Retornaria à Câmara Federal em 1986. A partir daí, dedicou-se a atividades empresariais. Morreu em Brasília, no dia 31 de março de 2009.

FOI MEMBRO

- Associação Brasileira de Ex-Congressistas.
- Associação Alagoana de Imprensa.
- Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas.
- Academia Alagoana de Letras.

SAIBA MAIS

www.fgv.br

OBRA

- *Lições e Testemunhos: Memórias. Brasília*, Thesaurus, 2003
- Oséas Cardoso foi o único político alagoano que escreveu as próprias memórias detalhadamente.

DIA 22

Ameaçado de extinção o plantel de gado da bacia leiteira

Correio do Sertão. Palmeira dos Índios, 22 de outubro de 1967

#MEMÓRIADAIMPRENSA

Ameaçado de Extinção o Plantel de Gado da "Bacia Leiteira"

Correio do SERTÃO

PALMEIRA DE FORA SE INTEGRA NA COMUNIDADE

Participe da SEMANA RURALISTA

INPS em Maceió Prejudica Segurados

FESTA DAS HOMENAGENS A 29 DO CORRENTE

VICOSA COMEMORA 136 ANOS DE EMANCIPAÇÃO POLÍTICA

Grupo Escolar Ameaça Desabar

A chamada "Bacia Leiteira" do Estado, região que compreende os municípios de Batalha, Major Izidoro, Jacaré dos Homens etc. em que pese o interesse do Governo Estadual, continua vivendo um drama de grandes proporções, com a falta de aproveitamento para a imensa quantidade de leite que seus plantéis de gado leiteiros produzem, diariamente. Nosso confrade, Lídio Lourenço conta para os leitores do CORREIO DO SERTÃO o drama econômico da "Bacia Leiteira". A

DIA 23

Marcha para a civilização

Presidente da Província de Alagoas de 16 de maio de 1848 a 5 de fevereiro de 1849, o advogado, jornalista, poeta e político João Capistrano Bandeira de Melo nasceu no Ceará em 23 de outubro de 1811. No dia 1º de junho de 1848, João Capistrano comemorou a fundação do Liceu Provincial de Maceió. Destacou em seu discurso que a casa serviria às elites em seu desenvolvimento intelectual e cultural em "marcha à civilização"

Depois de Alagoas, também governou a Paraíba (1853-1854) e Minas Gerais (1877 a 1878). Faleceu no Rio de janeiro, em 30 de maio de 1881.

LIVROS

- *Jocelin e Isaura* (1875).
- *Rodolfo* (1879). A

ACESSE

- Portal da história do Ceará: http://portal.ceara.pro.br/
- As Raízes do Ensino Secundário Público na Província das Alagoas — O Liceu Alagoano (1849-1889), de Ivanildo de Gomes dos Santos.

Ensinando liberdade durante o Império

Matheus de Araújo Caldas Xexéo foi professor e proprietário e editor dos jornais O Liberal (1869), A Verdade (1878) e Jornal de Jaraguá (1889) e redator no jornal O Alagoano (1890). Abolicionista, tornou-se conhecido pela postura combativa em relação aos políticos. Foi espancado, e o fato ganhou repercussão em jornais como o Diário de Alagoas.

Chegou a ser suspenso de suas atividades como professor primário da 3ª cadeira de Maceió em 1884 por causa das suas convicções. Morreu em 24 de outubro 1894.

LEIA MAIS

A Educação Popular no Brasil Império: As Primeiras Iniciativas de Escolas Noturnas em Alagoas 1870-1889, de Mailza da Silva Correia. (Dissertação de mestrado em Educação, Ufal, Maceió, 2011).

Um Olhar Histórico Sobre a Gestão Democrática nas Escolas Públicas Alagoanas: Práticas Pedagógicas Clientelistas e Oligárquicas de Sua Gênese aos Dias Atuais, de Suzana Lopes de Albuquerque, em www.histedbr.fe.unicamp.br.

DIA 24

Os pseudônimos de Antônio Saturnino de Brito de Mendonça Júnior

Poeta, deputado, jornalista, professor e juiz, Antônio Saturnino de Mendonça Júnior desde cedo participa da vida intelectual de Maceió. Alagoano de Matriz de Camaragibe, nasceu no Engenho Maranhão e faleceu no Rio de Janeiro, em 24 de outubro de 1985.

Nas décadas de 1920 e 1930, criou, juntamente com um grupo de jovens, o Grêmio Literário Cônego Machado. Participou também do Cenáculo Alagoano e do Grêmio Literário Guimarães Passos.

OUTROS NOMES

Ainda estudante, usou o pseudônimo de Mênio d'Altamira na coluna diária do Jornal de Alagoas. Ao longo de sua produção intelectual, usou outros pseudônimos, como: Mário Novaes, Domício Castelo Branco, Juvenal e Domício Braga.

Em 1928 promove a Festa da Arte Nova com mais quatro colegas (Lourenço Peixoto, Valdemar Cavalcanti, Mário Brandão e Carlos Paurílio), passo inicial no ingresso de Alagoas no Modernismo Brasileiro.

Em 1930, mudou-se para o Rio de Janeiro e concluiu o curso de Direito que havia iniciado no Recife, em 1927.

Em 1932, foi redator do Jornal da Noite, do Rio de Janeiro.

Em 1933, foi promotor de Justiça na Comarca de Rio Novo (MG) e em 1935 transferiu-se para a Comarca de Carangola, também em Minas, sempre atuando, paralelamente às suas atividades judiciárias, como professor e como jornalista na imprensa mineira.

Em 1945, volta a Alagoas no cargo de diretor-geral de Imprensa e Propaganda, promovendo várias atividades culturais, como concursos de reportagens, de poesia, de contos e de literatura infantil, além de outras ações na área, ao assumiu o cargo de diretor do Departamento de Cultura do Estado. Foi também presidente da Caixa Econômica em Alagoas.

De 1950 a 1954, foi deputado federal por Alagoas.

Foi professor da Faculdade de Direito de Alagoas e membro do IHGAL e da AAL.

ALGUMAS OBRAS

- *O Que Eu Queria Dizer ao Seu Ouvido*, de 1946 (poesia).
- *Jornal da Província*, de 1948 (crônica).
- *Poemas Fora de Moda*, de 1971 (poesia).
- *Marcha Nupcial*, de 1977 (poesia).
- *O Anel de Brilhantes e Outras Estórias*, de 1979 (contos).
- *O Último Senhor de Engenho – Gestão dos Mendonça no Vale do Camaragibe* (romance). A

Advogado dos trabalhadores

Benedito Calheiros Bomfim nasceu em Maceió no dia 24 de outubro de 1916. Formou-se na Faculdade Nacional de Direito, em 1938, sendo reconhecido como um dos mais destacados juristas trabalhistas do Brasil. Foi o primeiro advogado de Luis Carlos Prestes e, em quase um século de vida, buscou a coerência entre a vida pessoal e a profissional.

"Na profissão ou fora dela, o profissional do Direito não pode e não deve ser um alienado ou indiferente ante a injustiça e a violência, entre o justo e o injusto. Não ceda o advogado à tentação, à sedução de aceitar o patrocínio de causas de grande repercussão movido, tão só, pela busca da notoriedade, da fama, do lucro", escreveu ele, no texto Advocacia, Ética e Justiça.

Foi membro da Academia Nacional de Direito do Trabalho, presidente do Instituto dos Advogados Brasileiros, conselheiro federal da OAB, além de ex-presidente da Associação Carioca dos Advogados Trabalhistas.

Casado com D. Cely, morreu no dia 7 de maio de 2016.

ALGUMAS OBRAS

- *Conceito Sobre Advocacia, Magistratura, Justiça e Direito.*
- *A Crise do Direito e do Judiciário.*
- *Declínio do Neoliberalismo e Alternativas à Globalização.*
- *Dicionário de Decisões Trabalhistas* (com Silvério Santos).

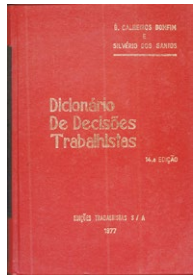
ENTREVISTA

Assista no YouTube ao advogado trabalhista falando sobre sua trajetória para a revista da OAB: Entrevista Dr Benedito Calheiros Bomfim.

https://www.youtube.com/watch?v=dI7SoIPyhJY

SAIBA MAIS

- www.conjur.com.br
- www.iabnacional.org.br
- www.calheirosbomfimadv.com.br
- Revista AMATRA – Junho de 2016. Informativo da Associação dos Magistrados da Justiça do Trabalho da 1ª AMATRA Região.



DIA 25

Política de Alagoas

Jornal de Alagoas. Maceió, 25 de outubro de 1916

#MEMÓRIADAIMPRENSA

Em sua primeira coluna, O Diário de Minas, órgão oficial do Partido Republicano Mineiro, em sua edição de 10 do corrente, publicou a seguinte nota, que transcrevemos para informar o público alagoano e confirmar um dos nossos despachos:

JORNAL DE ALAGOAS

Dizem alguns jornaes estarem informados de que o acordo político de Alagoas, cuja situação, depois de normalizada, renasceu mettida em complicações, está para chegar a bom termo, sob o compromisso de renúncia do governador, do vice-governador e dos membros do Poder Legislativo, senadores e deputados. Segundo esses mesmos jornaes, que bem orientados parecem, está assentado que o srs. Baptista Accioly e o seu substituto eventual voltarão a seus cargos actuaes, sendo eleitos para o Senado de Alagoas seis conservadores, seis democratas e tres acciolystas.

Accrescenta a imprensa que o acordo ainda não se ultimou, porque alguns chefes da política nacional, contrários à intervenção directa e ostensiva do governo federal em Alagoas, desejam que se consiga a solução do caso por um meio que melhor consulte o espírito do regimen. Trata-se, por isso, de evitar a nomeação de um interventor para presidir as eleições, devendo-se, nesse sentido, fazer que o governador e o vice-governador renunciantes sejam succedidos por um dos seus substitutos legaes. A

DIA 26

Uma militante dos direitos da mulher e da educação

Filha de pai comunista e mãe evangélica, Jarede Viana teve uma vida marcada pela militância em favor da igualdade. Nascida em 26 de outubro de 1938, foi membro do movimento de esquerda Ação Popular e presidenta do Diretório Acadêmico do curso de Pedagogia da Ufal em 1968. No final dos anos 1970, filiou-se ao PCdoB, integrou a Sociedade Alagoana dos Direitos Humanos e ajudou a fundar, em 1982, a União das Mulheres de Maceió (UMMA).

SAIBA MAIS
www.historiadealagoas.com.br
ABC das Alagoas.

MARCHA MUNDIAL DA MULHER

Atuou como vereadora por Maceió de 1983 a 1988, pelo PMDB, tendo como marca da gestão o empenho para a instalação da Delegacia de Mulheres e do Conselho Estadual das Mulheres. Passou a militar pelo PCoB em 1985. Participou do movimento de democratização da Confederação dos Professores do Brasil e foi uma das fundadoras do Sinteal. Na década de 1990, filiou-se ao Partido dos Trabalhadores (PT), quando integrou a Direção Executiva Estadual. No ano 2000, coordenou a Marcha Mundial da Mulher em Alagoas, e em 2004 assumiu a Secretaria Municipal de Promoção do Turismo — Seturma.

Em sua trajetória como educadora, Jared Viana dirigiu o Ensino Supletivo da Secretaria de Educação do Estado, foi professora de Educação de Jovens e Adultos do curso de Pedagogia da Ufal e supervisora da Etfal. Faleceu de câncer no dia 7 de setembro de 2008.

RECONHECIMENTO

Em 2006, Jarede Viana recebeu a Comenda do Mérito Educativo de Alagoas.

Um dia após a morte da professora, foi fundado o Instituto Feminista Jarede Viana, entidade não governamental que desenvolve atividades com mulheres que vivem em situação de vulnerabilidade social. A

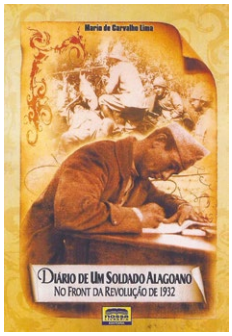
DIA 27

Mario de Carvalho Lima - O general conciliador

Nascido em Maceió em 27 de outubro 1908, Mario de Carvalho Lima foi um militar alagoano que participou em 1932, em São Paulo, do movimento de oposição à Revolução Constitucionalista e lutou com sua tropa na Intentona Comunista, no Rio Grande do Norte.

Exerceu cargos importantes ao longo da sua carreira, como os comandos da Guarnição Federal em Alagoas, do 20º BC e da Polícia Militar de Alagoas. Era reconhecido pelo perfil conciliador.

Formado em Direito, na vida civil foi diretor da Telasa, de clubes como o CRB e o Clube Fênix Alagoana, do Orfanato São Domingo, do Lions Club e do Rotary. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, Mario Lima é patrono da cadeira nº8 e recebeu o prêmio Jayme de Altavila da Academia Alagoana de Letras. Faleceu em Maceió no dia 6 de janeiro de 1983.



VOCÊ SABIA?

O coronel Mario Lima, juntamente com Théo Brandão e Carivaldo Brandão, participou ativamente da operação de salvamento do Gogó da Ema em 1955.

LIVROS RELANÇADOS

No centenário de nascimento de Mario Lima, em 2008, foram relançados seus livros *Sururu Apimentado* e *Diário de Um Soldado Alagoano no Front da Revolução de 1932*. A

LEIA MAIS

www.historiadealagoas.com.br

Campo-santo com capela neogótica

Com a Lei nº 130, de 6 de julho de 1850, o então presidente da província de Alagoas, Manoel Sobral Pinto, autorizou a construção do primeiro cemitério público de Maceió. De acordo com o jornal O Correio de Maceió de 29 de setembro de 1850, coube ao engenheiro Pedro José Schranback projetar o instrumento público.

O lançamento da pedra fundamental ocorreu em 27 de outubro de 1850, mas as obras do campo-santo só tiveram início em junho de 1854. Um ano depois, ainda incompleto, o cemitério começou a funcionar. Félix de Lima Júnior, no livro Cemitérios de Maceió, afirma que o espaço inicialmente foi gerido pela irmandade que administrava a Santa Casa de Misericórdia de Maceió. Ainda segundo o autor, após a inauguração, em 1855, o cemitério passou a ser chamado de Nossa Senhora da Piedade.

CAPELA

Em 26 de janeiro de 1856, o então presidente da província, Antônio Coelho de Sá e Albuquerque, assentou a primeira pedra da capela do cemitério. A construção tem estilo neogótico.

ARTE

O artista visual Pierre Chalita considerava que as obras de arte do Cemitério da Piedade faziam dele "um dos maiores patrimônios culturais da cidade". A

SAIBA MAIS

- www.historiadealagoas.com.br
- Cemitérios de Maceió, de Félix Lima Júnior.

Ismar de Góis Monteiro - O militar engenheiro

Descendente de proprietários de engenho, filho de Pedro Aureliano Monteiro dos Santos e Constança Cavalcante de Góis Monteiro, o militar, engenheiro e político Ismar de Góis Monteiro nasceu em 27 de outubro de 1906, em Maceió, e faleceu no dia 21 de fevereiro de 1980, no Rio de Janeiro. Foi casado com Florinda Moreira de Góis Monteiro, com quem teve quatro filhos.

Seguiu carreira militar, chegando ao posto de general de brigada, e se engajou para a deposição do presidente Washington Luis em 1930, que levou Getúlio Vargas ao poder. Foi interventor federal em Alagoas em 1941, deixando o cargo em 1945, quando foi substituído pelo irmão, Edgar de Góis Monteiro.

Foi senador por Alagoas nas eleições de 1945 pelo Partido Social Democrático (PSD) e relator da Comissão de Segurança Nacional em 1952 (época de criação da Petrobras), quando defendeu maior controle do Estado sobre o setor petrolífero.

OUTROS CARGOS

- Vice-presidente da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN).
- Diretor da revista Via-Lucis de Barbacena.
- Superintendente do jornal Diário Popular (RJ).

MEDALHAS

- Medalha da Guerra.
- Medalha da Ordem do Rio Branco. A

ACESSE

- www.fgv.br
- www25.senado.leg.br

DIA 28

Um empreendedor de primeira hora

Nascido em Maceió no dia 28 de outubro de 1865, Américo de Almeida Magalhães era filho do comendador José Antônio de Almeida Guimarães e de Maria Lina Coutinho de Almeida Guimarães. Empreendedor, foi um dos diretores da Companhia Alagoana de Fiação e Tecidos, ao lado de Teixeira Basto e Propício Pedrosa Barreto, da companhia Progresso Alagoana, e sócio da firma J. Basto & Cia.

Também ocupou os cargos de presidente da Associação Comercial de Maceió; vice-presidente do Instituto Arqueológico e Geográfico de Alagoas e presidente do Clube Fênix Alagoana em 1917. Faleceu no Rio de Janeiro, no dia 14 de junho de 1940. A

DIA 29

Ismael: a pintura não tem fronteiras

O Estado de Alagoas. 29 de outubro de 1973

#MEMÓRIADAIMPRENSA

ISMAEL:
A PINTURA
NÃO TEM
FRONTEIRAS

DE
ARAPIRACA
PARA TODO O BRASIL
FUMO
REI DO NORDESTE
UM PRODUTO
J.A. SANTOS - CEREAIS

Já rodou a Brasiléia. Esteve em Porto Alegre onde cursou pintura e psico dinâmica na Universidade. Foi ao México e expôs seus quadros. Vendendo bem e sendo bem aceito. Claro que esteve em Aracaju: na galeria Álvaro Santos. E em S. Paulo como exposição individual na Galeria Portal. No México conheceu Siqueiros e não hesita em colocá-lo como um dos três maiores da atualidade. A pintura de Ismael que fez de Arapiraca seu reduto e sua inspiração não obedece a uma escola, ficando sem Alternativa de criação, diz ele: o pintor não pode ver de uma só maneira e através de um só estilo o que acontece em seu redor. A

DIA 30

A arte de lidar com o abismo: Nise Magalhães da Silveira

Com uma sensibilidade extrema diante do sofrimento alheio e a crença no poder da expressão artística no tratamento dos que são considerados doentes mentais, a psiquiatra alagoana Nise da Silveira foi uma humanista exemplar. Nascida em 15 de fevereiro de 1905 em Maceió, faleceu em 30 de outubro de 1999, no Rio de Janeiro.

Filha única dos pernambucanos Maria Lídia da Silveira e Faustino Magalhães da Silveira, disse certa vez, numa entrevista a Luiz Gonzaga Pereira dos Santos, que sua infância foi muito feliz: "Minha mãe, musicista, tangenciando a genialidade. Meu pai, um homem que lia muito matemática e literatura. Ele tinha uma boa biblioteca. E, sendo assim, li Machado de Assis muito cedo".

Aos 16 anos, foi estudar na Faculdade de Medicina da Bahia, formando-se em 1926. Casou com o médico sanitarista Mario Magalhães da Silveira e foram morar no Rio de Janeiro, onde trabalhou no Serviço de Assistência a Psicopatas e Profilaxia Mental, no Hospício Pedro II.

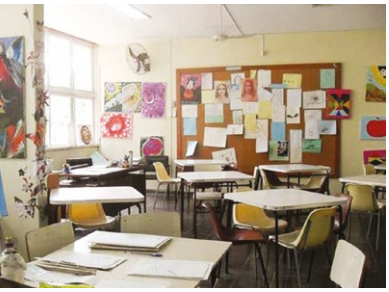
Nise da Silveira, em aquarela de Yara Barbosa (PÃO)

ACUSAÇÃO: COMUNISTA

Foi presa em 1936, acusada de ser comunista, e passou 15 meses na prisão. Por lá, conheceu Graciliano Ramos, que escreveu sobre ela no livro Memórias do Cárcere: "Lamentei ver a minha conterrânea fora do mundo, longe da profissão, do hospital, dos seus queridos loucos. Sabia-se culta e boa. Rachel de Queiroz me afirmara a grandeza moral daquela pessoinha tímida, sempre a esquivar-se, a reduzir-se, como a escusar-se a tomar espaço".

NÃO-VIOLÊNCIA

Em 1944 começou a trabalhar no Centro Psiquiátrico Nacional, no bairro de Engenho de Dentro (depois rebatizado Instituto Municipal Nise da Silveira). Foi nessa instituição que, recusando-se a empregar



Nise com pacientes no Centro Psiquiátrico

métodos violentos, desenvolveu, a partir de 1946, as condições para que os internos se expressassem com desenhos e pinturas, inaugurando a Seção de Terapêutica Ocupacional e Reabilitação.

MUSEU DO INCONSCIENTE

Em 1952, fundou o Museu de Imagens do Inconsciente, no Rio de Janeiro, revelando nomes como os de Adelina Gomes e Emygdio de Barros. Reforçando sua confiança no tratamento humanizado de pacientes psiquiátricos, criou em sistema de externato a Casa das Palmeiras, em 1956, sinalizando para o que futuramente seria conhecido como Reforma Psiquiátrica.

Numa entrevista ao cineasta Leon Hirszman, negou qualquer intenção filantrópica em sua atividade: "Este trabalho de pôr os doentes para trabalhar ou para ter um pouco de lazer seria ótimo para uma senhora filantrópica, mas eu não sou uma senhora filantrópica, de jeito nenhum, eu sou uma pessoa curiosa do abismo, embora tenha a consciência de que o abismo é tão profundo que eu apenas passo nas bordas".

NISE E O MUNDO

O reconhecimento internacional do trabalho desenvolvido por Nise da Silveira se dá em 1957, quando passou um ano estudando com o renomado médico Carl Gustav Jung na Suíça. Encantado, Jung faria a abertura da exposição de obras do acervo do Museu de Imagens do Inconsciente no II Congresso Internacional de Psiquiatria, em Zurique. De volta ao Brasil, foi a maior divulgadora da obra junguiana no país, criando o Grupo de Estudos C. G. Jung no Rio de Janeiro. Em 1960, foi uma das fundadoras da Societé Internationale de Psychopathologie de La Expression, sediada em Paris.

CURIOSIDADES

Ela foi a única mulher numa turma com 157 homens quando estudou Medicina na Bahia.

O arquivo pessoal de Nise da Silveira é detentor do Registro Latino-Americano do Programa Memória do Mundo da Unesco.

Fez análise com a discípula de Jung, Marie Louise Von Franz, autora de livros como *Os Sonhos* e *A Morte*, entre outros.

MACEIÓ, A CASA

Certa vez, revelou do que mais sentia saudade: "Da minha casa em Maceió. Até me lembro dos versos de um poeta que diz assim: 'Minha mãe, é em ti que eu penso, oh! Casa'. Esse é um dos motivos por que eu me recuso a ir a Maceió, pra não ver essa casa".

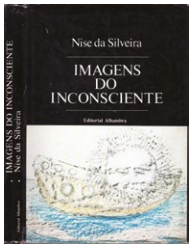
NO CINEMA

Dirigido por Roberto Berliner, o filme Nise – *O Coração da Loucura* (2016), com Gloria Pires no papel da médica alagoana, foi baseado no livro de Bernardo Horta, *Nise – Arqueóloga dos Mares.*

ASSISTA

Posfácio: Imagens do Inconsciente (Leon Hirszman, 1986-2014) — Disponível no YouTube
https://www.youtube.com/watch?v=TJWVApX_dBk

Vamos ao Museu? — Museu de Imagens do Inconsciente — Disponível no YouTube.



LIVROS DE NISE

- *Jung –Vida e Obra*, Editor José Álvaro, 1968.
- *Terapêutica Ocupacional – Teoria e Prática, Edição Casa das Palmeiras*, 1979.
- *Cartas a Spinoza*, Francisco Alves, 1995.
- *O Mundo das Imagens*, Ática, 1992.
- *Gatos – A Emoção de Lidar*. Léo Christiano Editorial, 1998.

MAIS SOBRE ELA

- Entrevista a Luiz Gonzaga Pereira dos Santos — Revista Psicologia: ciência e profissão. Vol. 14 Brasília, 1994.
- Site da Fundação Joaquim Nabuco.
- www.museuimagensdoinconsciente.org.br A

SAIBA MAIS

Nise da Silveira - Caminhos de uma Psiquiatra Rebelde, de Luiz Carlos Mello, (Automatica Edições), 2015.

Nise - Arqueóloga dos Mares, de Bernardo Horta (Aeroplano), 2008.

Entre os colegas na foto de formatura

Centro de Arte Maria Tereza Vieira, Rua da Carioca, 85

Maria Tereza da Silva Vieira nasceu em 30 de outubro de 1932, em Maceió. Desde bem jovem iniciou os estudos de pintura com os mestres alagoanos Miguel Torres e Lourenço Peixoto. Sua primeira exposição individual foi em 1949, na Câmara Municipal de Maceió. A mostra rendeu uma bolsa de estudos no Rio de Janeiro, onde fixou residência.

No currículo, assinou desenhos para a Rádio Ministério da Educação e ilustrações para as revistas Manchete, Fon-Fon, Cigarra e Revista da Semana e Jornal Última Hora.

Mesmo distante, não perdeu o vínculo com a terra natal. Na década de 1970, expôs em Maceió. Participou de coletivas promovidas nos primeiros Festivais de Verão, de Marechal Deodoro, e de Cinema, de Penedo.

Professora de Desenho e Técnica de Pintura, criou, na década de 1960, no Rio de Janeiro, a conceituada Oficina de Arte Maria Tereza Vieira, mais tarde transformada no Centro de Arte Maria Tereza Vieira. Localizado na Rua da Carioca, 85, o centro oferece cursos regulares de desenho, pintura, cerâmica e exercício de criação.

Maria Tereza viveu da arte até morrer, em 18 de março de 1998, na cidade que escolheu para morar.

1950 – Inicia os estudos na Escola Nacional de Belas Artes. É classificada para o Salão de Arte Moderna.

1963 – É premiada no Salão de Arte Moderna do Rio. A

LEIA MAIS SOBRE ELA

- *ABC das Alagoas.*
- *Dicionário de Pintores Brasileiros* (Walmir Ayala).
- *Arte Contemporânea das Alagoas* (Romeu de Melo Loureiro).

A MATRIZ AFRICANA DO MESTRE ZUMBA

Morte de José Zumba em 30 de outubro de 1996 interrompe a carreira do artista que realizou a primeira individual em 1950.

Por Cármen Lúcia Dantas (*)

A obra do artista plástico José Zumba (1920-1996) é facilmente identificada pela fidelidade ao estilo figurativo com o qual se afirmou desde os primeiros trabalhos. Conservou as características técnicas que aprendera quando frequentou escola de artes plásticas e conheceu o mestre Edson Figueiredo (arquiteto, pintor e escultor) no período em que morou em Pernambuco.

Aliou aos conhecimentos básicos adquiridos com o mestre seu jeito perspicaz de ver o mundo e as criaturas. Aprendeu os recursos da expressão, dando às suas composições a medida exata do sentimento que desejava introjetar nas figuras, enquanto o domínio do claro-escuro conseguia de forma intuitiva, como um jogo de tons alcançado por ponto de luz artificial.

Em entrevista que concedeu ao escritor Tancredo Moraes, pelos idos de 1950, falou das dificuldades que passou para sobreviver no vizinho estado, na década de 1930, quando perdera seu pai. Lembrou dos estudos em Garanhuns e Gravatá e do reconhecimento ao arquiteto Edson Figueiredo, que o levou a acreditar que tinha talento para a pintura. A partir daí, Zumba decidiu que a arte seria a luz a lhe abrir caminhos pela vida. E assim o fez até morrer, aos 76 anos, em Maceió, cidade que elegeu para morar com a família e desenvolver sua atividade artística.

Da terra natal, Santa Luzia do Norte, herdou a tradição secular das festas populares, o conhecimento da natureza lagunar e a paisagem humana que o cercava no cotidiano de uma vida simples, entre pescadores e rendeiras de uma comunidade aben-

çoada por Nossa Senhora da Conceição, a mesma Iemanjá de seus antepassados.

O arruado, a vegetação nativa e exótica, a igreja, a história, as pessoas e as águas da Mundaú serviram de inspiração a esse artista, que nasceu vocacionado para as artes e que fez da pintura a sua principal profissão. Apesar das dificuldades que enfrentou, desprovido de recurso financeiro que favorecesse o aperfeiçoamento do seu talento através do estudo, Zumba deixou uma obra vasta, com muitos quadros entre colecionadores, outros pontuais em muitas residências de famílias alagoanas, poucos em instituições públicas e mais alguns espalhados por outros estados e países, que não foram devidamente registrados no momento da comercialização.

Célia Campos em seu livro, *Uma Visualidade – Trajetória Crítica da Pintura Alagoana de 1892 a 1992*, destacou a importância de Zumba como inovador da temática figurativa com a presença de personagens de camadas sociais mais humildes, negros e velhos em sua maioria, até então pouco lembradas na pintura local. A

(*) Museóloga

LEIA TAMBÉM

ALMANAQUE MAIO

https://alagoas200.com.br/almanaque/2017/6/754-augusto-aurelio-teotonio-tres-titas

Árvore que periquito pousa vira a terra da prosperidade

Emancipada de Limoeiro em 30 de outubro de 1924, desde então Arapiraca era celebrada como "terra da prosperidade", impulsionada pela produção agrícola. O carro-chefe, na época, era a mandioca, e só nos anos 1940 o setor fumageiro mostraria sua força, o que daria o título de Capital do Fumo ao município.

Historiadores atribuem ao major Esperidião Rodrigues da Silva o comando da campanha em prol da emancipação política do Distrito de Arapiraca, a partir de 1918.

NOME DE ORIGEM INDÍGENA

" … Provém de uma árvore frondosa, típica do lugar, da família das mimosáceas, que dava sombra e conforto aos viajantes que passavam por ali sob sufocante calor tropical. Os índios a chamavam de 'árvore em que periquito pousa' ou, segundo outra versão 'ramo que arara visita'. Do tupi, 'ara' quer dizer periquito (ou arara, de acordo com outros); 'pira' pode ser traduzido como pousa; e 'aca' significa ramo de árvore. Trata-se de uma espécie de angico branco, muito comum no Agreste e no Sertão, e que o povo, à sua maneira, denomina de Arapiraca".

Douglas Apratto Tenório em *Enciclopédia Municípios de Alagoas* / Instituto e Arnon de Mello.

QUANDO A SUCATA VIRA ARTE

Arapiraca é um município rico em escultores que trabalham com vários materiais, mas a madeira é o preferido. Talham o cedro, a jaqueira, a umburana, a cajazeira. Entre eles, Zezito Guedes é referência, pelo talento, pelo conhecimento regional, pela história percorrida e pelo estímulo que sabe dar aos novos valores que vão surgindo. Seu atelier no centro da cidade é o ponto de encontro de todos aqueles que se dedicam às artes em Arapiraca, pois Zezito, com

sensibilidade e liderança, descobre, estimula e promove os artistas da terra. Assim, a melhor forma de conhecê-los é bater na porta de Zezito Guedes. Ele abrirá os caminhos.

Cármen Lúcia Dantas em *Enciclopédia Municípios de Alagoas* / Instituto e Arnon de Mello. A

SAIBA MAIS

- *Enciclopédia Municípios de Alagoas*. Instituto e Arnon de Mello (2006).
- www.historiadealagoas.com.br
- www.cultura.al.gov.br
- http://www.arapiraca.al.leg.br/
- *Arapiraca na História de Alagoas*, de Valdemar Oliveira de Macedo, pode ser lido na íntegra no site http://ramosdeumagrandearvore.com

DIA 31

Memória valiosa de Joaquim Inácio Loureiro

Joaquim Inácio Loureiro foi um professor, jornalista e deputado provincial. Natural de Marechal Deodoro, nasceu em 31 de outubro de 1846 e estudou no Liceu Alagoano. Aos 16 anos já lecionava em Matriz de Camaragibe. Casou em 1866 com Maria Graça Pereira da Rocha Santos, com quem teve seis filhos.

Dirigiu a Escola Superior em 1891 e foi nomeado professor de Latim do Liceu no ano seguinte. Foi sócio-fundador do IHGA, empossado em 1901, mesmo ano em que fundou a Sociedade de Agricultura Alagoana. Morreu em 1920.

SAIBA MAIS

ABC das Alagoas. Banguê das Alagoas, de Manuel Diégues Júnior.

O ALGODÃO EM ALAGOAS

Manuel Diégues Júnior, no livro *Banguê das Alagoas,* qualifica como "valiosa memória" a conferência Cultura do Algodão em Alagoas que o professor Loureiro apresentou na 1ª Conferência Algodoeira, em São Paulo (publicada nos anais do evento, em 1916), com detalhes sobre o trabalho escravo.

COLABORAÇÕES NA IMPRENSA

- Jornal O Manguaba.
- Revista do Ensino.
- Revista Comercial de Alagoas.
- O Gutenberg.
- Jornal de Alagoas. A

Gentileza gera gentileza: a Fundação do Montepio dos Artistas alagoanos

Inaugurado no dia 31 de outubro de 1883, no sobrado do tenente Luiz Effigenio do Rosário, o Montepio dos Artistas Alagoanos surgiu da solidariedade de amigos para ajudar um artista que estava inválido, auxiliando também os membros da entidade que passassem por adversidades. De acordo com descrições da época, a ajuda não estava restrita aos membros impossibilitados de trabalhar, mas estendia-se às famílias, viúvas e órfãos.

OS PRIMEIROS DIRETORES

Manoel Menezes, Graciliano Lopes Dantas, Pedro Nolasco, Antônio Alves, Idelfonso Mesquita e Luiz Efigênio.

ECOS DA MONTEPIO

A criação do Lyceu de Artes e Officios é atribuída ao Montepio dos Artistas em matéria do Orbe de 3 fevereiro de 1884.

A fundação da Escola Graciliano Lopes Dantas, em 1885, também está ligada à atuação da entidade.

No livro Chrônicas Alagoanas (Edufal), o antropólogo Luiz Sávio de Almeida defende que o prédio do Montepio dos Artistas seja tombado como um patrimônio histórico do Estado.

A PRAÇA DO MONTE PIO

Em 1890, o Conselho da Intendência Municipal denomina de Monte Pio dos Artistas a praça em frente à sede. A homenagem é alusiva ao fato de que a entidade sediou a inauguração do Centro Republicano Federalista, considerado o primeiro Clube Republicano de Alagoas. A

SAIBA MAIS

www.historiadealagoas.com.br

Joaquim Inácio de Loureiro - Professor engajado

Deputado provincial, jornalista e professor, Joaquim Inácio de Loureiro nasceu no sítio Campo Grande no dia 31 de outubro de 1846 e estudou no Liceu Alagoano. Trabalhou no magistério em 1862, em Matriz de Camaragibe. Em 1892 foi nomeado professor de Latim do Liceu, sendo afastado em 1894 por participar da manifestação que depôs o governador Barão de Traipu. Foi, então, corretor de mercadorias em Jaraguá até ser reintegrado ao Liceu, aposentando-se em 1896.

JORNALISTA

Foi redator da Revista Agrícola da Sociedade de Agricultura Alagoana, editor do jornal O Manguaba, da Revista do Ensino e da Revista Comercial de Alagoas. Também colaborou no jornal O Gutenberg e em O Jornal de Alagoas.

LOUREIRO POR AURINO

No volume 15 da Revista do Instituto Histórico e Arqueológico de Alagoas, Aurino Maciel publicou o texto Professor Joaquim Inácio Loureiro. A

Novembro

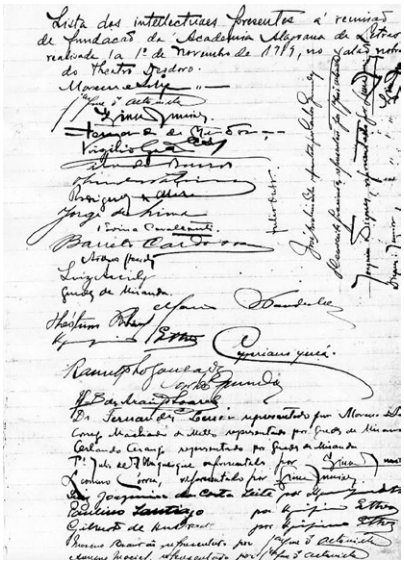
Novembro

Novembro

N

DIA 1º

As letras alagoanas ganham uma casa em 1919



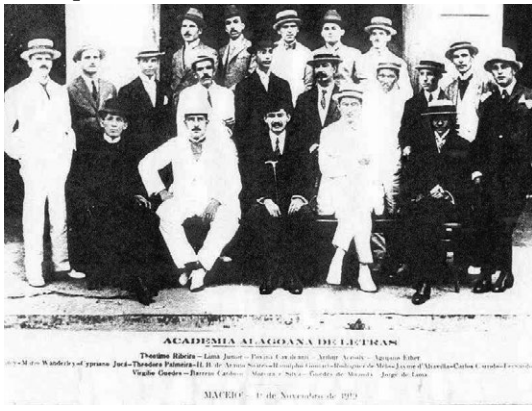
Ata com assinaturas de apoio à criação da AAL

Uma reunião no salão nobre do Teatro Deodoro, no dia 1º de novembro de 1919, marcou a fundação da Academia Alagoana de Letras. O secretário de Estado Moreira e Silva representou o governador Fernandes Lima e teve como secretários Félix Lima Júnior (historiador) e Jayme de Altavila (historiador e poeta), que formaram a diretoria da instituição após esse encontro. Guedes de Miranda argumentou que, além de Alagoas ser um dos poucos estados em que ainda não havia um centro literário, "a força de uma nação reside mais no fulgor das suas letras que na possança dos seus exércitos".

Após a leitura de cartas de apoio para a criação da academia, os que estavam presentes e aqueles que a representavam foram denominados sócios-fundadores. Por unanimidade, ficou decidido que a Academia Alagoana de Letras teria 40 cadeiras. Os patronos seriam alagoanos ilustres já falecidos.

IMORTAIS DA ÉPOCA

Estavam presentes à fundação, entre outros, os intelectuais Moreira e Silva, Arthur Accioly, Jayme de Altavila, Lima Júnior, Guedes de Miranda, Virgílio Guedes, Agripino Ether, Cipriano Jucá, Rodrigues de Mello, Barreto Cardoso, Jorge de Lima, Povina Cavalcante, Theótimo Ribeiro, Mario Wanderley, Tito de Barros, Theodoro Palmeira, Luiz Accioly, Ranulpho Goulart, Fernando de Mendonça, H. B. de Araujo Soares e Carlos Garrido.



PRIMEIROS PRESIDENTES

- Moreira e Silva (1919 - 1920);
- Demócrito Gracindo (1920 – 1927);
- Guedes de Miranda (1927 - 1931).

SAIBA MAIS

Sem sede própria, a academia a princípio se instalou em salão no Teatro Deodoro, depois no Conselho Municipal e no Instituto Histórico e Geográfico. Na década de 1960, o governador Lamenha Filho doou à AAL o prédio da antiga Escola Modelo, depois Grupo Escolar D. Pedro II, situado na Praça Deodoro, Centro da cidade.

VISITE

A Academia Alagoana de Letras funciona, temporariamente, na Casa Jorge de Lima, na Praça Visconde de Sinimbu, 91, Centro de Maceió. A

SAIBA MAIS

www.aal.org.br

Américo Mello, à frente de grande fatos

Notável no campo das finanças e da política, o jornalista, poeta, escritor e comerciante Américo Octaviano da Costa Mello nasceu em São Miguel dos Campos no dia 1º de novembro de 1876.

Vice-cônsul da Bélgica em Alagoas e Sergipe durante 18 anos, participou como delegado dos dois estados da Exposição Internacional da Indústria e do Trabalho, que aconteceu em Turim, na Itália, em 1911.

Membro da Academia Alagoana de Letras (AAL), Américo Mello foi um dos primeiros ocupantes da cadeira 23, que tem como patrono o Visconde de Sinimbu. Foi sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas (IHGAL) e presidiu, por muitos anos, a Associação Alagoana de Imprensa.

Participou da Liga Antioligarguia contra o governo de Euclides Malta, juntamente com Moreira Lima e Bráulio Cavalcante, sendo eleito deputado estadual nas legislaturas 1913-14; 17-18; 19-20 e 29-30.

Faleceu no dia 4 de março de 1952, em sua residência, no Rio de Janeiro. A

OBRAS

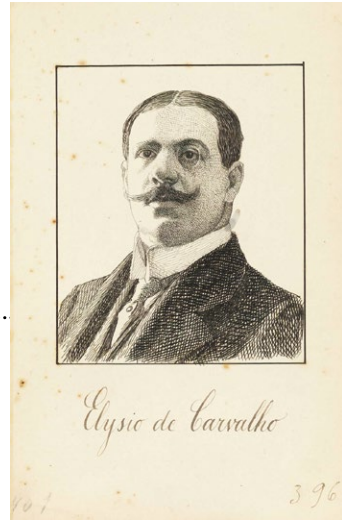
- *Visconde de Sinimbu* (1914).
- *À Margem da Mensagem do Dr. João Batista Acioli Júnior* (1918).
- *Imposto Territorial* (1920).
- *A Lavoura Nacional* (1922).
- *Congresso de Municipalidades* (1936).
- *Nuvens de Inverno* (1947).
- Inéditos: *O Mistério do Petróleo e Alagoas; Getúlio Vargas e o Ensino Secundário no Brasil; Discursos e Conferências no Brasil; Aspectos Econômicos e Financeiros* e *Últimos Sonhos.*

DIA 2

As contradições de um dândi entre a anarquia e a polícia: Elísio José de Carvalho

O penedense Elísio de Carvalho teve uma vida intensa. Nascido em 20 de janeiro de 1880, aos 17 anos fundou o jornal Don Juan, logo após ter sido seminarista em Olinda. A imprensa foi um grande campo para a difusão das suas ideias (assinando textos também com o nome Elysio grafado), em Alagoas, Rio de Janeiro, São Paulo e países latinos.

Amante da literatura, era considerado um poeta parnasiano e colaborou em jornais difundindo causas anarquistas, mas também trabalhou em órgãos de repressão. Faleceu em Davos Platz, na Suíça, no dia 2 de novembro de 1925.



TRADUZIU OSCAR WILDE

Foi morar no Rio de Janeiro em 1898, tornando-se um dos principais nomes da Belle Époque carioca.

Chegou a traduzir *Uma Tragédia Florentina*, de Oscar Wilde, e foi tido como um disseminador da obra do escritor. Também é atribuído a Elísio, que dirigiu a revista Kultur (1904), a difusão do anarquismo no Brasil.

DON JUAN

LITTERARIO CRITICO NOTICIOSO

Redactor—EL-CARO

Alagoas — Brazil

Anno 1 | PENEDO 22 DE FEVEREIRO DE 1897 | Numero 6

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

Anno 6$000
Semestre 3$000
Trimestre 1$500

O *Don Juan* sahirá tres vezes no mez.

As suas columnas são francas aos assignantes que quizerem defender os seus direitos sociaes e honraes ou com qualquer trabalho litterario.

Os manuscriptos não serão devolvidos, ainda mesmo não publicados.

Toda correspondencia deve ser dirigida ao redactor *El-Caro* para a rua da Penha Numero—31.

DON JUAN

DON JUAN

E'este o sexto numero do *Don Juan*.

Apesar, do caminho em que trilha a imprensa (nesta terra) cheia de muitas verdades e espinhos, o nosso jornalsinho ainda poderá sustentar-se firme,não como o *Bizarro d'Ouro* nos altares dos romances,mas, como um pequeno orgão critico e litterario,exposto ornamentado á apreciação do alguns.

Não nos temos perpetrado calumnias e diffamações para merecer a sympathia publica e o apoio de nossos illustres confiscação-obstante o *Don Juan* não tem sido capaz de fazer uma recolla que sobre os decorem.

Não ha um mundo um publico tão cadaverico,tão feste e tão indifferente aos assumptos de litteratura,como o nosso; já o que eu estou a gosto, para temos d'isso a certeza,acolla precisa que imprensa de qualquer forma,a *Força* de constação e a necessidade.

No nosso, porem, d'onde geralmente surgem alguns raios esteriorisam para ahi, alga mas vozes sympathicas aos dirigiram congratulações q nos cahiram no coração,q que as tenamos por cobaixotes do coração.

O Penedo possue 6 jornaes; alguns d'estes nasciram á custa de sacrificios pecuniarios e outras de labores e vigilias,afim de não morrerem á mingua!

Penedo

ELLES

Cahiu a tarde.

O sol descambava magestosamente, para o seu leito glorioso de purpura viva.

Jose e Elisa caminhavam.

Assim unido,de braço dado — vão vagar pela as pé dum ecdras frondosas,á cuja sombra a velha ermeira, exhalo, rente e fria.

Os galhos calma no reler, longe e folhudos, entrelaçados o cancro do crepusculo.

Pararam ahi e contemplaram ardor o sulo silenciosa, o amo contemplação nada, em que os olhos se flos re- bichim regosijando amor.

O Jose,louco de ventura, tomara as mãos de Elisa, e beijara-as fervidamente, mo enlouquecendo por uma estrella de santa.

Tudo era tranquillo e ermo.

De momento á momento um beijo timido fazia-se das faces.

O sol descambava mais, mais occultos já pela extrema ribeira de lontonde.

Corvos agora libravam no espaço, bolando aves em ar- cles de liberdade—nisenos

Don Juan (anno I, n. 6, Penedo, 22 fev. 1897), periódico de E.C., e por ele redigido sob o anagrama El-Caro.

INSPIRAÇÃO EM JOÃO DO RIO

Não à toa, Elísio dedicou ao escritor e jornalista João do Rio o seu livro *Five O'Clock* (1909), em que reconheceu:

"O anarquismo é uma atitude absurda. Foi meu profundo sentimento do belo, o meu culto apaixonado pela arte, a minha intransigente admiração por todas as formas de grandeza e o meu conceito individualista da história que me levaram a renunciar meu passado político".

AMERICA BRASILEIRA

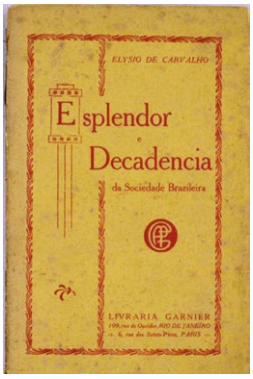
AMERICA BRASILEIRA

AMERICA BRASILEIRA

AMERICA BRASILEIRA

HOMEM COMPLEXO

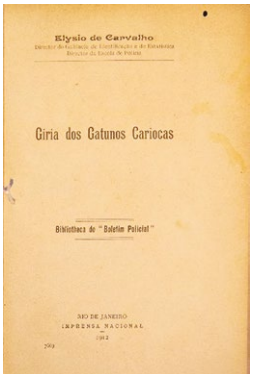
Personalidade complexa, ao mesmo tempo que fundou a Universidade Popular (1904), abriu a Escola de Polícia (1912), onde ensinou Criminalística. Da antiga militância em publicações anarquistas, tornou-se editor em 1912 de publicações voltadas a comerciantes e ao mercado financeiro. Em 1915, lançou o Monitor Mercantil. Nos últimos anos de vida, dedicou-se ao jornal América Brasileira (1921 e 1924), em que assinava alguns artigos com o pseudônimo de Sargento Albuquerque.



ELYSIO DE CARVALHO

Esplendor e Decadencia da Sociedade Brazileira

LIVRARIA GARNIER



Elysio de Carvalho

Giria dos Gatunos Cariocas

Bibliotheca de "Boletim Policial"

RIO DE JANEIRO

IMPRENSA NACIONAL

OLHA AS COLABORAÇÕES

- A Palavra e O Trabalho (Penedo);
- A Tribuna (Maceió);
- A Meridional e o Brasil Moderno;
- Revista Naturista Franco-Brasileira;
- A Greve, Kultur, Revista Nacional, América Brasileira, O Imperador e Gazeta de Notícias (Rio de Janeiro);
- Novidades, Archivo Illustrado, Revista Literária, Capital Paulista e O Amigo do Povo (São Paulo).

DÁ UMA LIDA

É possível ler a edição nº 33 da revista América Brasileira, dirigida por Elísio de Carvalho, na Biblioteca Digital da Biblioteca Nacional: www.memoria.bn.br.

PUBLICOU

- *Alma Antiga* (1900).
- *Horas de Febre, Primeiros Versos: 1895-1989.*
- *As Modernas Correntes Estéticas na Literatura Brasileira* (1907).
- *Esplendor e Decadência da Sociedade Brasileira* (1911).
- *Gíria dos Gatunos Cariocas* (1912).
- *O Fator Geográfico na Política Brasileira* (1921). A

QUER SABER MAIS?

Elysio de Carvalho, Um Militante do Anarquismo – de Moacir Medeiros de Sant'Ana.

Itinerário de Uma Falsa Vanguarda — Os Dissidentes, a Semana de 22 e o Integralismo, de Antonio Arnoni Prado.

José Bernardo da Silva — xilogravura e literatura de cordel

Poeta e editor popular de prestígio, José Bernardo da Silva nasceu em Palmeira dos Índios, em 2 de novembro de 1901, predestinado a fazer história.

Devoto do padre Cícero Romão Batista, saiu em 1926 de Alagoas para fixar-se em Juazeiro do Norte, no Ceará, onde fundou uma das maiores editoras de cordel do Brasil.

José Bernardo ganhava a vida como caixeiro-viajante e tinha como hábito escrever seu cotidiano de trabalho em forma de cordel. E foi sob as bênçãos do padre Cícero, a quem sempre pedia conselhos, que José Bernardo instalou, em 1936, a Tipografia São Francisco, inicialmente voltada à impressão de seus próprios folhetos e de outros poetas da região. As capas dos cordéis eram ilustradas a partir da xilogravura, e alguns livretos tinham como personagem aquele que abençoara a tipografia.

A Tipografia São Francisco ganhou impulso com a aquisição, em 1949, dos direitos autorais das obras editadas por João Martins de Athayde. No auge da produção, cerca de 10 mil folhetos eram impressos por dia, comercializados para todo o país.

José Bernardo faleceu em 23 de outubro de 1972.

No início dos anos 1980, a tipografia – que havia mudado de nome para Lira Nordestina – foi vendida ao Governo do Estado e passou a fazer parte do pratimômio da Universidade Regional do Cariri (Urca). A

José Bernardo da Silva

DIA 3

Elizete dos Santos — Uma militante da saúde e do Movimento Negro

O direito à saúde foi uma das bandeiras da enfermeira e servidora pública Elizete dos Santos, fundadora do Sindicato dos Auxiliares e Técnicos de Enfermagem de Alagoas (Sateal) e diretora do Sindicato do Nível Médio da Saúde de Alagoas (Sinmesal). Nascida em 23 de junho de 1945, era a filha mais velha dos 13 do tipógrafo Benedito dos Santos e da lavadeira Lusinete, e estudou nas escolas Tavares Bastos e Hélio Lemos.

Elizete dos Santos

Ela também foi uma das fundadoras da Associação Cultural Zumbi dos Palmares e militante do Movimento Coletivo de Mulheres Negras. Trabalhou 39 anos no Hospital Geral do Estado (HGE), entre outras instituições. Em junho de 2019, foi agraciada na IX Conferência Estadual de Saúde, do Conselho Estadual de Saúde (Coesa). Morreu no dia 3 de novembro do mesmo ano. A

DIA 4

Fidelidade à tradição nas expressões da cultura popular — Maria José Carrascosa

Formada em Educação Artística, a professora Maria José Carrascosa nasceu em 4 de novembro de 1914 e dedicou-se a perpetuar a tradição dos folguedos de Alagoas.

Fundou em 1938 o Teatro Escola Infantil, no Teatro Deodoro, e durante a década de 1940 organizou e ensaiou diversos grupos em que os integrantes sempre destacaram sua fascinação pelo universo da cultura popular.

QUER SABER MAIS?

Alagoas Popular — Folguedos e Danças de Nossa Gente, de Cármen Lúcia Dantas.

PASTORINHAS MARCARAM ÉPOCA

A educadora e folclorista também foi responsável por expandir as fronteiras das manifestações de Alagoas,

ensaiando grupos de pastoril que se apresentaram em 1950 em Recife (rádios Jornal do Commercio e Tamandaré) e em Fortaleza (Rádio Iracema). Marcaram época as concorridas performances das pastorinhas de dona Carrascosa no auditório da Rádio Difusora.

UFAL TINHA GRUPO FOLCLÓRICO

A partir de 1976, ela coordenou, juntamente com a professora Hélia Pontes, o Grupo Folclórico da Universidade Federal de Alagoas. Antigo colaborador do grupo, Gil Lopes, que começou fazendo figurinos (e mais tarde assumiu a coordenação do grupo no Museu Théo Brandão), reconheceu: "Quando comecei, tinha apenas noções primárias das danças. Com Carrascosa, aprendi os passos verdadeiros, autênticos de cada folguedo. Ela era muito exigente, sempre queria a perfeição dos alunos".

Maria José Carrascosa

PREMIADA

- Asfopal (1994);
- Ufal (1996);
- Governo de Alagoas (2002);
- É patrona da Escola Municipal Maria José Carrascosa (fundada em 2004), no Vale do Reginaldo.

VOCÊ SABIA?

Na década de 1990, Carrascosa, devido a uma cirurgia malsucedida, perdeu a visão dos dois olhos. Mesmo assim, ensaiava seu grupo de pastorinhas da Ufal, marcando o ritmo com a bengala e muita energia. Percebia de imediato quando uma pastora desafinava ou perdia o passo, se era do lado do azul ou do encarnado. E todas lhe obedeciam com amor, facilitando o trabalho da mestra. A

DIA 5

Um jornal a serviço do Partido Republicano Liberal — Diário do Norte

Baltazar de Mendonça

Contando com Baltazar de Mendonça como redator-chefe, o jornal Diário do Norte foi lançado em Maceió no dia 5 de novembro de 1913 para apoiar a plataforma de Rui Barbosa, que seria candidato pela segunda vez à presidência do Brasil, bem como o nome de Alfredo Elis à vice-presidência, pelo Partido Republicano Liberal, relativo ao período de 1914-1918, mas Rui Barbosa desistiu de concorrer.

O jornal foi editado de 1913 a 1915 e se posicionava contra a candidatura de militares e a favor da defesa da autonomia de estados e municípios. Chegou a ter duas edições diárias em períodos críticos, como o início da Primeira Guerra Mundial.

DISPUTA NA MÍDIA

As narrativas da publicação concorriam com as do jornal O Combatente, que difundia as ideias da Liga dos Republicanos Combatentes.

OUTROS COLABORADORES

- João Tertuliano de Almeida Lins;
- Ajalmar Mascarenhas;
- Godofredo Ferro. A

DIA 6

O axé de braços abertos de Mãe Netinha

Filha de João Mariz da Mata e Amália Maria Ferreira, Laura Mariz da Silva nasceu em Maceió no dia 6 de novembro de 1910. Com formação católica, foi iniciada aos 15 anos no candomblé, tradição familiar. Por mais de 30 anos dirigiu o Centro Africano Nossa Senhora do Carmo – Casa Nagô, no bairro do Jacintinho.

Mãe Netinha

Considerada a mais antiga ialorixá de Maceió, é lembrada por filhos e filhas-de-santo por sua sabedoria e bondade. "A casa de Mãe Netinha era nagô puro, aquele nagô de raiz, aquele nagô rígido, um nagô bonito. Uma mãe sempre com braços abertos para todos, podia estar com a dor maior, podia estar com o maior sacrifício, mesmo sofrendo o lado familiar, mas ela não passava para ninguém. Eu acho que é também um pouquinho dessa vibração, dessa força que eu tenho porque... muitas vezes eu canto da saudade que dá", disse a ialorixá Mãe Vera, do Abaçá de Angola Oyá Bale, em entrevista a Rafael Belo, em 2012.

Em 26 de maio de 1997, Mãe Netinha recebeu o título de Aree Olorisá of Brazil, concedida pelo Dr. José Mendes F. Gllejú Adelabú III Obá e Oluwo Kini. E, como reconhecimento por sua trajetória, recebeu em 2002 das mãos do governador do Estado a Comenda Zumbi dos Palmares. Faleceu no dia 28 de julho de 2006. A

DIA 7

Educador e político de acordo com os valores do seu tempo - José Correia da Silva Titara

O advogado, professor e funcionário público nascido em Coqueiro Seco que dá nome à Escola Estadual José Correia da Silva Titara, na Avenida Fernandes Lima, estudou no seminário de Olinda e foi o primeiro diretor da Instrução Pública em Maceió, em 1853, quando também dirigiu o Liceu Alagoano.

Além de ter ocupado vários cargos políticos – foi deputado provincial nas legislaturas de 1835 a 1847 e posteriormente em mandatos nos anos 1860 e 70 –, escreveu nos jornais O Provinciano e A Conciliação e foi Cavaleiro da Ordem da Rosa e sócio do Instituto Arqueológico e Geográfico Alagoano.

QUER SABER MAIS? LEIA

Instrução Pública e Instituições Culturais de Alagoas & Outros Ensaios, de Craveiro Costa. Élson de Gusmão Verçosa e Maria das Graças de Loiola Madeira (coord. editorial, apresentação, notas e bibliografia) Maceió: Edufal, 2011.

SAIBA MAIS

10.969 quilômetros de linhas telegráficas ligando 182 estações foram construídas entre 1866 e 1886, durante o Império.

TRATADO MACHISTA PARA MENINAS

Publicou em 1834 uma tradução do *Tratado de Educação das Meninas*, de Fenélon (1651-1715). O francês atendeu a um pedido do Duque de Beauvilliers, da corte de Luís XIV. Numa tradução atribuída a José da Fonseca (1792-1886), de 1852, o francês prescrevia:

"Quanto às meninas, não lhes revela serem sapientes, a curiosidade torna-as vãs e afetadas; basta saibam quando esposas governar suas casas e obedecer a seus maridos sem discorrerem". A

A morte de Augusto Sátiro – O orador e contista

Nascido em 1866 em Maceió, Augusto Sátiro Nunes de Vasconcelos foi um cantor, orador, jornalista e poeta. Defensor de causas republicanas e abolicionista, escreveu no O Gutenberg. No Rio de Janeiro, trabalhou no jornal Novidades, no qual assinava a coluna Na brecha. É autor do conto O Sonho. Faleceu no dia 7 de novembro de 1919, em Maceió. A

DIA 8

Quando Penedo integrou-se ao sistema telegráfico

Em Alagoas, Penedo está entre as primeiras cidades, depois da capital, a ter o serviço de telégrafo instalado. O motivo: o desenvolvimento do comércio e da indústria na cidade.

Com a Guerra do Paraguai, "a extensão das linhas passou de algumas poucas dezenas de quilômetros para mais de 2.000 quilômetros", de acordo com Mauro Costa da Silva, em Império – Ciência e Política na Expansão da Comunicação. Uma terceira fase, que seria o auge da implantação, se deu

entre 1870 e 1889, quando chegaram ao Norte e ao Nordeste. Foi assim que, no dia 8 de novembro de 1874, foi inaugurada a estação telegráfica de Penedo, com a expedição do seu primeiro telegrama.

> "O prédio dos Correios e Telégrafos é de estilo cubista, de padronagem oficial, impróprio, é verdade, para o clima; contudo, elegante e bem-adaptado para o serviço".
>
> *Aminadab Valente, historiador*

#VITIMADACOVID19

Antonio Nunes, o Toinho — companheiro da beleza

Com uma vida marcada pelo trabalho com o barro, no povoado do Muquém, comunidade quilombola em União dos Palmares, o artesão Antonio Nunes, o Toinho, foi casado com a mestra Dona Irineia, Patrimônio Vivo de Alagoas.

Ele ajudava na coleta de argila para o trabalho e no acabamento das peças, além de criar suas próprias obras, como a escultura do beijo de um casal de namorados. "Aqui sou eu e ela, um casal que se ama", disse certa vez.

Antonio Nunes e Dona Irineia

O Museu Muquém, Espaço de Memória Artesã Irinéia Rosa Nunes da Silva, lamentou a morte do artesão, ocorrida no dia 8 de novembro de 2020: "Com pesar, informamos o falecimento do artista Antônio, companheiro de todas as horas da mestra Irinéia, da Comunidade Quilombola Muquém, União dos Palmares, vítima de Covid-19. Sr. Antônio deixa um legado incrível, imortalizado em nosso Museu. Nossa eterna saudade!". O Governo do Estado de Alagoas também registrou em nota: "Com uma vida cheia de arte, ele deixa sua história em todo o país e no mundo"

DIA 9

Um jacaré que ninguém esqueceu

O antigo distrito de Jacaré dos Homens foi desmembrado de Pão de Açúcar em 9 de novembro de 1957, quando foi elevado à condição de município. Mas foi no início do século 20 que começou o povoamento da região, a partir da fazenda São Francisco, de Domingos Mourão.

Muitos contam que o curioso nome se deveu à aparição insólita de um jacaré no antigo povoado. Já a expressão "dos homens" concentrava qualidades como confiança e respeito atribuídas por comerciantes de Penedo aos homens da região por serem bons pagadores. O antigo povoado foi elevado à condição de vila pela Lei nº 1.473, em 17 de setembro de 1949. Jacaré dos Homens tem na pecuária sua maior fonte de riqueza. A

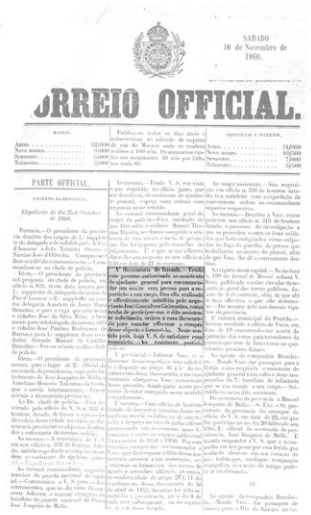
PADROEIRO

Santo Antônio de Pádua.

DIA 10

Correio Official

#MEMÓRIADAIMPRENSA


SABADO
10 de Novembro de
1860.

ORREIO OFFICIAL.

PARTE OFFICIAL.

A tesouraria de fazenda.- Tendo este governo authorisado ao assistente do ajudante general para encomendar um sinete com prensa para a repartição a seu cargo, fôra ella realizada e effectivamente satisfeita pelo negociante José Gonçalves Guimarães, como acaba de participar-me o dito assistente, solicitando ordem a essa tesouraria para mandar effectuar a compra.

DIA 11

A força da indústria alagoana

Principal entidade de representação das indústrias do Estado de Alagoas, a Federação das Indústrias do Estado de Alagoas (Fiea) é uma entidade sindical de grau superior, reconhecida por Carta Ministerial de 11 de novembro de 1947. Integra um sistema nacional liderado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), e em Alagoas é composta pelo Sesi, Senai, IEL e sindicatos patronais da indústria do Estado.

PRINCÍPIOS E VALORES

- Defesa da Livre Iniciativa;
- Ética;
- Transparência;
- Satisfação dos Clientes;
- Alto Desempenho;
- Valorização das Pessoas.

HOMENAGEM A NAPOLEÃO

A sede da Fiea em Maceió, na Avenida Fernandes Lima, recebeu o nome de Casa da Indústria Napoleão Barbosa em homenagem ao industrial (1916-2003) que presidiu a instituição.

Atualmente a Fiea é presidida por José Carlos Lyra de Andrade. A

DIA 12

Fatos diversos

O LIBERAL

O Liberal. Maceió, quarta-feira 12 de novembro de 1879

#MEMÓRIADAIMPRENSA

Annabaptista no Brasil

Lê-se na Gazeta de Joinville de Santa Catarina de 29 de setembro último:

Uma notícia quase incrível nos chega Annaburgo, desse districto, por pessoa fidedigna que presenciou o facto escandaloso e ao mesmo tempo vergonhoso que vamos narrar.

*Foi no domingo, 7 de setembro, no memorável dia de nossa independência política, que um certo Kinder, sujeito há pouco chegado da Allemanha como colono, de profissão marceneiro,como um outro João Bukelson(...) de sangrenta memória procedeu ao rebaptismo nas pessoas de um colono de nome (...)e sua mulher e de duas matronas de respeitável idade e de cabeleiras não grisalhas (...), branca, ambas viúvas há muito tempo (...) protestantes. ambas viúvas as duas filhas. A

DIA 13

Gatilho rápido — Poesia, política e violência na trajetória de Silvestre Péricles

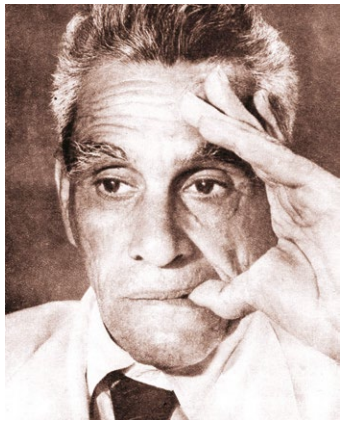
Nascido em São Luís do Quitunde em 30 de março de 1896, filho de Pedro Aureliano Monteiro dos Santos e de Constança Cavalcanti de Góis Monteiro, tanto Silvestre Péricles como os irmãos Pedro Aurélio, Ismar, Edgar e Manuel César tiveram destaque na política.

Silvestre fez os primeiros estudos no Colégio Dias Cabral e o secundário no Liceu de Alagoas. Formou-se em Direito e Economia. Foi casado com Teresa Lúcia de Góis Monteiro, com quem teve quatro filhos, e faleceu em Brasília, no dia 13 de novembro de 1972.

AUDITOR DE GUERRA

Foi auditor de guerra em 1926 e, com a chegada de Getúlio Vargas ao poder, em 1930, nomeado chefe da Justiça Militar. Em 1947, foi eleito governador de Alagoas, na legenda do PSD, e governou até 31 de janeiro de 1951. O clima de violência política no Estado acabou sendo uma marca dessa gestão.

A carreira política foi retomada em 1958, quando foi eleito senador por Alagoas. Durante a ditadura militar, foi filiado ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB). Ainda em 1966, foi eleito presidente da Comissão do Distrito Federal e, em janeiro de 1967, concluiu seu mandato no Senado.



Silvestre Péricles

CONSELHEIRO DA JUSTIÇA

Silvestre Péricles foi ministro do Conselho Supremo da Justiça Militar, corregedor da Justiça Militar, presidente

do Conselho Nacional do Trabalho, professor de Direito Internacional na Academia de Comércio de Porto Alegre, membro da comissão elaboradora do Regimento Disciplinar do Exército (RDE), membro do Instituto Brasileiro de Cultura e da Academia Alagoana de Letras e procurador-geral da Justiça Militar.

SAIBA MAIS

Silvestre Péricles foi redator da revista Fon-Fon, em Maceió, do jornal O Município, em Erechim (RS), e diretor da revista Trabalho e Seguro Social.

AS PÉROLAS DE SILVESTRE NA MÍDIA

"Isto aqui vai mal. Muito mal. O sangue correrá em Alagoas. Ah, mas não serei eu quem irá derramá-lo. É o povo. Um dia, a massa, esgotada em sua paciência quase sem limites, irá à Assembleia e botará fogo naquilo".

"Eu sou a fera que vocês procuram. Jornalista aqui eu trato a chibata".

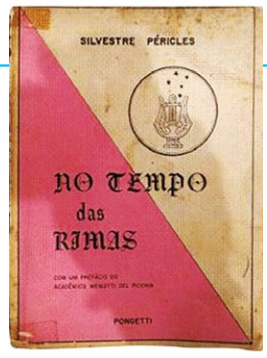
"Quem pensar sequer em levantar a mão contra mim está assinando sumariamente a própria sentença de morte. Sou rápido no gatilho".

PUBLICOU

- Justiça Militar em Tempo de Guerra.
- Ponto de Vista Brasileiro.
- No Tempo das Rimas.

SAIBA MAIS

- Sururu Apimentado. Mário de Carvalho Lima (1979).
- www.históriadealagoas.com.br
- www.fgv.br



Modesto de Souza Bittencourt: o artista militante

Modesto de Souza Bittencourt

Nascido em São Miguel dos Campos em 13 de novembro de 1894, Modesto de Souza Bittencourt foi um artista militante e dedicou sua vida à arte de representar.

Aos 18 anos, aderiu a uma companhia teatral que passava por sua cidade, escandalizando famílias locais, e, após excursionar pelo Nordeste, foi parar na cidade paraibana de Araruna, onde casou e estabeleceu-se como negociante. Por motivos políticos, mudou-se com a esposa para Sapé, outra cidade paraibana. Lá, em 1918, nasceu seu filho Jackson de Sousa, que mais tarde viria a dividir o palco com ele.

Não conseguindo viver do comércio, voltou ao teatro mambembe, percorrendo diversos estados brasileiros. Até que, em 1926, quando contracenava com seu filho, a dupla caipira Isidoro e Isidorinho, foi convidado por Vicente Celestino a integrar uma companhia de operetas e ir para o Rio de Janeiro.

A partir de então, atuou nos grandes teatros do Brasil e chegou a fundar, em 1943, sua própria companhia. Fora do teatro, fez shows em cassinos, trabalhou em rádio e na televisão e participou de filmes.

MILITÂNCIA

Participou ativamente do processo de construção de uma política destinada ao desenvolvimento do teatro brasileiro, iniciado durante o primeiro governo de Getúlio Vargas (1930-1945). Nos anos 1950, se destacou nas diversas mobilizações em defesa do cinema nacional. Participou, em 1961, da primeira greve dos radialistas cariocas por aumento salarial.

Modesto de Souza em cena

MORTE

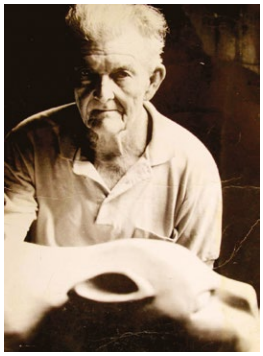
Com 72 anos, Modesto de Souza participava dos ensaios da peça O Bravo Soldado Schweik: faria cinco personagens. Na madrugada de 6 de agosto de 1967, saiu do ensaio no Teatro

Carioca, e quando atravessava a confluência da Praia do Flamengo e Rua Paissandu, foi atropelado por um veículo que nunca foi identificado. Levado para o Hospital Miguel Couto em estado grave, morreu no dia 20 de agosto.

Em dezembro de 1967, uma das ruas do Rio de Janeiro recebeu o seu nome. A

DIA 14

O homem e seus bichos — O universo particular de Manoel da Marinheira



Manoel da Marinheira

Basta ver uma das peças originais de Manoel da Marinheira, o Manoel Cavalcanti Almeida, para ser capturado pela deslumbrante arte do alagoano nascido em Boca da Mata no dia 14 de novembro de 1916.

A primeira peça que ele fez, aos 14 anos, foi um coelho. A ideia era brincar e, talvez por isso, é como se ele tivesse captado nas suas esculturas não só as formas dos animais, mas a substância que os torna seres conscientes.

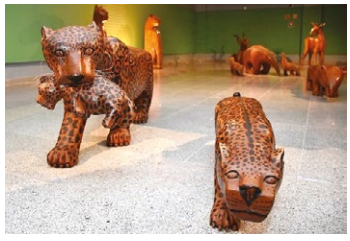
Marinheira entre os filhos Antônio e Severino

O OLHAR DE CELSO BRANDÃO

O reconhecimento do seu trabalho, alcançando um público maior, começou na década de 1970, quando o fotógrafo Celso Brandão e o artista plástico Fernando Lopes ficaram encantados com as obras e disseminaram a valorosa arte de Marinheira.

ANIMAIS GANHARAM O MUNDO

Com obras exibidas no Brasil e no exterior, participou de uma exposição coordenada pelo Museu Théo Brandão e pela Pinacoteca da Ufal no Museu Sant'Egidio, em Roma, em 1983, e da exposição Arte de Alagoas, em 1993, no Rio de Janeiro. Outras peças encontram-se em galerias da Argentina, EUA e França.



A TRADIÇÃO DOS MARINHEIRA

O artista faleceu aos 95 anos, mas já não produzia por causa de um glaucoma. Contudo, a tradição dos Marinheira estava garantida. Manoel era filho de Maria Justina e Liberalino de Almeida, um agricultor que também fazia esculturas em madeira, e a mesma história se repetiu com alguns dos filhos dos dois casamentos do próprio Manoel: André, Antonio, Severino, Maria Cícera e Manoel Junior.

OUTRAS REFERÊNCIAS

Na Tocaia de Boca da Mata, catálogo da coleção Jorge Tenório, publicado pelo Museu Théo Brandão – Ufal, em 2003.

VÁ AO MUSEU

O empresário Jorge Tenório, que começou a colecionar peças do artista nos anos 1970, fundou o Museu Manoel da Marinheira em 20 de setembro de 2003. O precioso acervo possui mais de 1.000 peças e fica no balneário Águas de São Bento, em Boca da Mata.

Agende a visita: (82) 3279-1491 www.aguasdesaobento.com.br.

SAIBA MAIS

A primeira grande exposição no Museu Théo Brandão com peças da família Marinheira, reunidas pelo colecionador Jorge Tenório, aconteceu entre junho/agosto de 2003.

Em Maceió, é possível encontrar peças do artista no Museu Théo Brandão e na Casa do Patrimônio.

Uma bela sussuarana de Manoel da Marinheira é exibida no Memorial da América Latina, em São Paulo.

O Museu Ceres Franco, em La Grasse (França), também possui peças do alagoano.

No princípio era a rabeca

Por Cármen Lúcia Dantas (*)

Agricultor, acostumado ao cabo da enxada, Manoel Cavalcanti de Almeida, o conhecido Manoel da Marinheira, lembra que, a princípio, fazia rabecas com que alegrava as noites de luar, na sua cidadezinha da zona canavieira de Alagoas. “Eu tocava, e meus amigos cantavam a noite todinha, até a lua ir embora. Era como se a gente não visse o escuro da noite!... No outro dia, TRABALHO!... E assim levei a mocidade!…”, dizia.

Filho de escultor, começou a esculpir fazendo seus próprios brinquedos, e quando pai de 15 filhos, voltou à arte como um

complemento da renda familiar. Curioso, folheava os livros didáticos dos filhos e se deixava fascinar pelas gravuras dos animais nos compêndios de Ciências Naturais e pela elegância das esfinges egípcias nos livros de História. Quando esculpia, dava aos animais das matas nordestinas o mesmo porte das figuras que guardava na imaginação.

Boca da Mata, município a 68km da capital, iniciou uma tradição com marca própria na arte de esculpir e de solucionar formas, a partir do mestre Manoel da Marinheira. O molejo de corpo de algumas figuras atiça a curiosidade tátil de forma irresistível. O espectador tem que tocar a peça, botar a mão na boca do leão, alisar o dorso do tigre e se sentir parte dessa selva em que a imagem brinca com a ideia. Tudo é feito com muita destreza instrumental, fluidez estética e fidelidade a um sentimento popular enraizado nas mais tradicionais manifestações do povo brasileiro.

As ferramentas usadas são: facas, cepos, lixas, entalhadeiras, goivas e formões, alguns feitos pelos próprios artistas com reciclagem de objetos de metal. Os cabos, de tanto uso, passam a ser personalizados. Cada membro da família tem a sua caixa de ferramentas como a extensão das mãos na hora de esculpir. A

(*) É museóloga

DIA 15

Sociedade Perseverança e a coleção que não tem preço

A sede social da Sociedade Perseverança e Auxílio dos Empregados no Comércio foi inaugurada no dia 15 de novembro de 1917, na Rua 15 de Novembro. Anteriormente denominada Sociedade Perseverança e Auxílio dos Caixeiros Viajantes de Maceió, a instituição foi fundada em 30 de março de 1879 por 16 caixeiros – como eram

chamados então os comerciários – e tinha a sede original na Rua do Comércio. A missão era auxiliar os sócios, fundar uma biblioteca para o lazer e oferecer aulas de escrituração mercantil, francês, português e aritmética. Assim foi feito.

1897 – 16 de setembro marca a inauguração do museu com peças de cerâmica, armas e adornos indígenas e uma coleção de moedas.

1916 – A instituição, que se tornaria o Sindicato dos Empregados do Comércio do Estado de Alagoas, também originou a Academia de Ciências Comerciais e foi considerada pelo historiador Moacir Medeiros de Sant'Ana "como a primeira experiência de ensino superior em terras alagoanas".

VOCÊ SABIA?

A sociedade também ocupou um prédio na Praça Dom Pedro II e, de acordo com Félix Lima Júnior, "mantinha diversas aulas, um museu, a Filarmônica Carlos Gomes e uma escola dramática".

O museu possuía seções de mineralogia e numismática, enriquecida esta última por valiosa oferta do doutor Manoel Ramos, médico do Pilar e pai do cientista Arthur Ramos.

O prédio da antiga sede da Sociedade Perseverança e Auxílio aos Caixeiros de Maceió, na Rua do Sol, foi tombado e integrado ao Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural do Estado de Alagoas em novembro de 2009.

Em janeiro de 2017, o prédio restaurado foi entregue pelo Estado ao IHGAL, para a instalação do seu museu e de sua hemeroteca.

SAIBA MAIS

Catálogo Ilustrado da Coleção Perseverança. Abelardo Duarte. Maceió (1974).
A Perseverança dos Caixeiros: O Mutualismo dos Trabalhadores do Comércio em Maceió (1879-1917), de Oswaldo Batista Acioly Maciel (Ed.Editora Universitária UFPE).

A VALIOSA COLEÇÃO PERSEVERANÇA

As peças que foram salvas da devassa promovida em terreiros de candomblé pela Liga dos Republicanos Combatentes em 1912 foram recolhidas e preservadas pela Sociedade Perseverança.

Desde 1950, sob o risco de ser expatriada, foram transferidas para o Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas.

Passou a ser chamada de Coleção Perseverança. A

Araújo Bivar, o condutor!

Araújo Bivar

O poeta Manoel Alves d'Araújo Bivar nasceu em Maceió, em 15 de novembro de 1885, e faleceu no Rio de Janeiro, em 5 de julho de 1925, aos 40 anos de idade.

Estudou na sua cidade natal, onde morou até 1907. Compôs a diretoria da Sociedade Caritativa Mortuária Auxiliadora dos Cristãos. Participou ainda da Sociedade Literária Dias Cabral e da Escola Literária Cyridião Durval, do Liceu Alagoano, bem como da Sociedade Literária Aristeu de Andrade.

Com 26 anos, já residindo no Rio de Janeiro, casou-se com Maria Jacome de Araújo Maia, irmã do poeta Gonçalo Jacome. Na capital carioca, participava de saraus em clubes recreativos. Trabalhava como condutor de trem na Estrada de Ferro Central do Brasil.

Publicou em 1921 o livro de poemas Exomologese.

Foi secretário da revista A Crítica e colaborou para o hebdomadário Ilustração Moderna.

Em sua homenagem, uma rua em Maceió leva seu nome. A

ANOTE

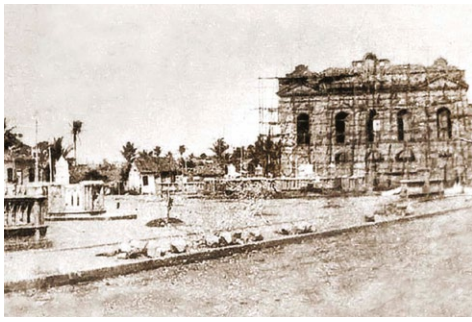
Morte de Jorge de Lima

Autor dos aclamados livros Túnica Inconsútil, Invenção de Orfeu, entre outros, Jorge de Lima foi capa do Almanaque de abril e tem lugar de honra na literatura brasileira. Escritor, poeta, médico, pintor e tradutor, recebeu o Grande Prêmio de Poesia da Academia Brasileira de Letras nos anos 1940. Nasceu no dia 23 de abril de 1893, em União dos Palmares, Alagoas, e faleceu no Rio de Janeiro, aos 60 anos, no dia 15 de novembro de 1953. A

O poeta Jorge de Lima e a casa onde nasceu

O palco de todas as artes – Teatro Deodoro

O palco mais importante de Maceió, por onde já passaram nomes como Procópio Ferreira, Bidu Sayão, Rodolfo Mayer, Fernanda Montenegro, Bibi Ferreira, Paulo Grancindo, Caetano Veloso, entre outros, foi inaugurado no dia 15 de novembro de 1910. A suntuosa instalação em estilo neoclássico, com palco italiano, frisas, camarotes, poltronas e fosso para orquestra, foi projetada pelo arquiteto italiano Luigi Lucarini.



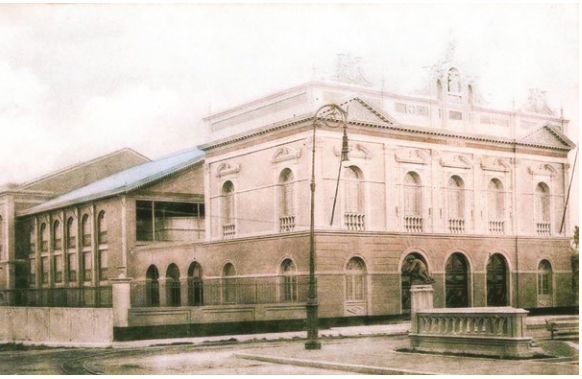
VOCÊ SABIA?

O espaço passou por reformas em 1933, 1946, 1954 e 1975. A mais longa, iniciada em 1987, durou 10 anos.

OBSERVE O PRÉDIO

Assinado pelo italiano Luigi Lucarini, tem fachada com traços neoclássicos e elementos ecléticos. O frontão é ladeado pelas musas inspiradoras das artes, da história, da filosofia, e no centro a representação de Apolo, que na mitologia grega é o deus do ouro, da beleza, da harmonia plástica, das artes.

Outro italiano, Oreste Sercelli, foi o responsável pela decoração interna do teatro, com o gosto estético afinado com Lucarini, de valorização do clássico italiano.



CURIOSIDADES

A inauguração do Deodoro ocorreu em clima de apreensão e medo. A razão foi registrada pela pesquisadora Vânia Amorim: "Por ter sido construído sobre as fundações do que seria uma igreja, e com a morte de seu autor, a população acreditava que, ao se abrirem as cortinas, o teatro cairia".

Lucarini não viu seu projeto concluído. Morreu em 1907, e o teatro foi inaugurado em 1910.

No destaque da fachada, está a referência a Apolo, deus dourado: Teatro Deo d' Oro.

De Deo d' Oro para Deodoro, o militar proclamador da República, foi só uma questão de conveniência.

UMA ARENA IRMÃ

Na área externa ao Deodoro foi construído e inaugurado pelo teatrólogo e diretor da Casa, Bráulio Leite Júnior, em 14 de julho de 1972, o Teatro de Arena Sérgio Cardoso.

VIROU COMPLEXO

No dia 16 de dezembro de 2014, ao lado do teatro

foi inaugurado o Complexo Cultural Teatro Deodoro, composto por uma galeria de arte e com estrutura para cursos de música, dança, teatro e cenotécnica. A inauguração aconteceu durante a gestão de Juarez Gomes de Barros.

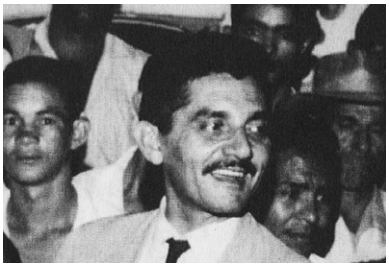
VÁ LÁ!

Teatro Deodoro
Rua Barão de Maceió, S/N (Praça Marechal Deodoro), Centro, Maceió/AL
Fone: (82) 3315.5660

DIA 16

Sandoval Caju e as memórias de um conversador

Nascido em Bonito de Santa Fé (PB) em 16 de novembro de 1923, Sandoval Caju fez história em Alagoas. Radialista, trabalhou na Rádio Relógio (DF) e ficou famoso na Rádio Tabajara da Paraíba. Chegou em Maceió no dia 10 de maio de 1947 para visitar um irmão, com a ideia de ficar 15 dias, mas ficou 47 anos.



Sandoval Caju

Na Rádio Difusora, comandou o programa de auditório Palito de Fósforo: o programa incendiário dos auditórios. Na Rádio Progresso, apresentou A Tribuna do Povo, que, com imensa audiência, o conduziu à política pelo Partido Democrata Cristão. Formado em Direito, foi eleito prefeito de Maceió em 1960, mas teve os direitos políticos cassados em maio de 1964. Ficou conhecido como o Prefeito das Praças. Faleceu em 23 de maio de 1994.

QUER SABER MAIS? LEIA

Luigi Lucarini: Vida e Obra. Vânia Luiza Barreiros Amorim (org,) Maceió: Grafimarques, 2010.

Theattro Deodoro – 100 Anos de Arte. Sandro Gama de Araújo e Juarez Orestes (orgs). Maceió: Grafimarques, 2010.

VOCÊ SABIA?

Que o prefeito Sandoval gostava do uso de azulejos no revestimento dos bancos e outros elementos das praças?

Que a homenagem ao Moleque Namorador, nominando uma praça na Ponta Grossa, foi em sua gestão?

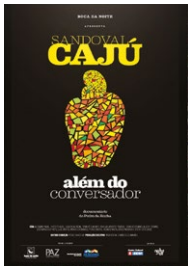
Que nos bancos das praças ele mandava colocar um S em destaque?

E que, quando o criticavam dizendo que o S era de Sandoval, ele retrucava de imediato que o S era de SENTE-SE, portanto, um convite gentil aos passantes?

Que o "Mijãozinho" da Praça Sinimbu foi uma realização de seu governo?

OBRAS

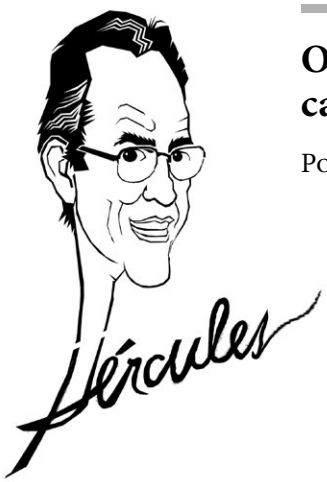
- *Poesia Despida* (1955).
- *Guanabara* (1965).
- *A Embaixatriz da Simpatia* (1969).
- *Sonhos & Pesadelos* (1986).
- *O Conversador* (1991). A



TEM DOCUMENTÁRIO

Em 2011, o cineasta Pedro da Rocha lançou o documentário *Sandoval Caju – Além do Conversador.*

https://www.youtube.com/watch?v=IVyoCrZj-GY



O mais artista plástico dos cartunistas — Hércules Mendes

Por Enio Lins (*)

Hércules Mendes foi o "mais artista plástico dos cartunistas e o mais cartunista dos artistas plásticos alagoanos". Morreu em 16 de novembro de 2016, deixando um enorme acervo de trabalhos publicados e obras concebidas para mostras e exposições.

Natural de Maceió, onde nasceu em 26 de agosto de 1938, trabalhou desde cedo como desenhista, inclusive fazendo plantas arquitetônicas.

Um de seus mais detalhados trabalhos foi o levantamento completo da planta baixa da Cadeia Velha, imponente prédio no centro da Capital e que seria demolido no início dos anos 1970.

DESENHOS E PROJETOS ARQUITETÔNICOS

Além do desenho em diferentes modalidades – projetos arquitetônicos, logotipos, quadrinhos, caricaturas, bico de pena etc –, expandiu também sua arte para o campo das três dimensões, criando esculturas e antecipando o que mais tarde se chamaria de "instalações".

NA BIENAL DA CARICATURA

É o único alagoano a figurar no catálogo da I Bienal Internacional da Caricatura. Publicou seus trabalhos de humor gráfico nos principais jornais de Alagoas, tendo participado também dos principais salões de humor no Brasil e no exterior. Foi o autor do desenho do brasão e da bandeira de Alagoas, em 1967, seguindo as normas concebidas pelo professor Théo Brandão. A

(*) É jornalista e chargista

DIA 17

O Brasil não quer capitais estrangeiros

Gazeta de Alagoas. Maceió, 17 de novembro de 1953.

#MEMÓRIADAIMPRENSA

*Declara o sr. Oswaldo Aranha ao <<New York Times>> "Temos dependido demasiadamente da ajuda exterior"

*Preocupado Eisenhower com a atitude assumida da Russia

*Greve na capital paulista

* Fazer o governador de São Paulo como base para a campanha de 1954

* Os Iscariotie, envergonhados pela sua traição, pediram eliminação da A.A.I.

DIA 18

João Barafunda e Amália Peitiguary: pseudônimos para dar conta da realidade

OLHA AS OBRAS

Ouro de Lei (1918).

Carola Maluca (1919).

Pontas de Fogo (1922).

Nascido em São Luís do Quitunde em 1874, João Francisco Coelho Cavalcante, que adotou o pseudônimo João Barafunda, tornou-se conhecido por canções populares, como *Genura*, e versos satíricos. Chegou a ser ameaçado de morte, e sua irreverência incomodava.

Advogado, foi juiz de Direito em Passo Fundo (RS), mas saiu de lá por motivos políticos, indo para o Uruguai. Também foi jornalista no Amazonas. Anárquico, também adotou o pseudônimo Amália Peitiguary.

COM A PALAVRA, DIÉGUES JÚNIOR

Em Banguê das Alagoas, Manuel Diégues Júnior censura o poeta por não ter descrito em seus poemas o universo dos engenhos: "João Coelho Cavalcanti, o Barafunda, filho de senhor de engenho e em engenho criado, preferiu cantar o coqueiro da Pajuçara, bem poderia ter recordado os pau-d'arcos, as jaqueiras, as mangueiras, e igualmente os canaviais, a casa-grande, a capelinha, a senzala do Quitunde, do seu engenho. Um belo, imenso, antigo coqueiro da Pajuçara atraiu-lhe a inspiração, e ei-lo a perpetrar um soneto vendo no coqueiro a estátua colossal de um velho deus pagão".

BIOGRAFIA

Félix Lima Júnior é autor da biografia *João Barafunda*.

(João Francisco Coelho Cavalcanti), que venceu o prêmio Medeiros Neto e foi editada pela Sergasa em 1984.

POEMA

"Seus versos nem por sonho parecem ter sahido da mesma cachola de onde chispam os formidáveis pamphletos que lhe têm acarretado tantos ódios."

Adalberto Marroquim,
em Terra das Alagoas, de 1922. A

DIA 19

Ibateguara nas alturas

Localizada a 500m acima do nível do mar, Ibateguara quer dizer exatamente isto em tupi: lugar alto. A cidade surgiu a partir do engenho Roçadinho, de Claudino Costa Agra, e era conhecida como o povoado de Piquete. Um decreto-lei de 1943 deu-lhe o nome atual e o distrito foi elevado à categoria de município pela Lei Estadual nº 2076, de 19 de novembro de 1957, sendo desmembrado de São José da Laje. A campanha pela emancipação foi liderada por João Francisco de Araújo, Manoel Lins de Araújo e Ramiro Pereira.

NATUREZA E TRILHA

Um dos destaques do município é a Cachoeira do Tombador, localizada no povoado de Canastra.

SANTO PADROEIRO

A festa do padroeiro da cidade, São Sebastião, é comemorada no dia 20 de janeiro. A

Francisco Sales — Legado ao patrimônio histórico do Baixo São Francisco

Divulgação Prefeitura de Penedo

Obstinação de Francisco Sales foi fundamental para a preservação da cultura do Baixo São Francisco

Francisco Alberto Sales nasceu em Penedo em 19 de novembro de 1939.

Médico psiquiatra, manteve o interesse na área de pesquisa cultural. Aposentado, retorna à cidade natal onde criou em 1992, na antiga residência da família, a Fundação Casa do Penedo. O espaço voltado para a preservação da memória do Baixo São Francisco, notadamente para Penedo, reúne acervo recolhido em leilões de arte e de livros, com destaque para objetos de valor histórico, além de uma vasta biblioteca especializada. Graças a sua obstinação, adquiriu o Chalé dos Loureiro, imóvel destinado à instalação do Museu do Rio São Francisco e restaurado pelo IPHAN e pela Prefeitura Municipal. Em seguida, conseguiu junto ao poder público o imóvel conhecido por Vila Lessa, para sede da biblioteca da Fundação. Entre suas obras publicadas, destaca-se *Elysio de Carvalho*, de 2000, e *Arruando pelo Forte*, de 2003.Francisco Sales morreu em Brasília no dia 18 de setembro de 2018.

DIA 20

Zumbi, uma saga da resistência — A consciência da liberdade

Imagem retratando Zumbi dos Palmares feita pelo artista Joe Santos

"Mais forte que todas as forças é a Liberdade". Um dos versos mais emblemáticos do poema "Canto dos Palmares", de Solano Trindade, pode sintetizar o que representou o Quilombo dos Palmares (1580-1694) para os homens e mulheres escravizados que viveram e lutaram na região de União dos Palmares, em Alagoas.

Um desses homens, o líder Zumbi, é redimido a cada 20 de novembro, data do seu assassinato em 1695 (no sumidouro da Serra Dois Irmãos, hoje município de Viçosa), quando também se celebra o Dia Nacional da Consciência Negra.

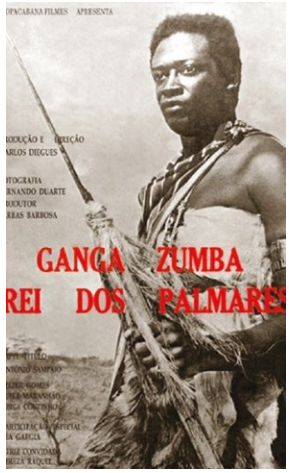
Entre 1501 e 1875, foram traficados da África para o Brasil mais de 5,9 milhões de seres humanos. Alguns deles, por volta de

1602, fugidos de algum engenho, já estavam na Serra da Barriga. O governador-geral da Colônia, Diogo Botelho, que enviou o militar português Bartolomeu Bezerra a Palmares, até comemorou ter se livrado da "insolência dos alevantados".

O IDEAL DOS MOCAMBOS

Palmares era ideal para a construção de mocambos, como eram chamados os núcleos de pessoas fugidas da opressão. Tanto que, em 1608, lá estava Bartolomeu Bezerra para tentar, mais uma vez, acabar com os que recusavam aquela condição como destino.

Com a Invasão Holandesa a Pernambuco, que durou 24 anos (1630-1654), enquanto portugueses e flamengos lutavam pelas riquezas tropicais, muitos engenhos foram destruídos, e Palmares passou a ter ainda mais mocambos. Os holandeses também tentaram, em 1644 e 1645, em vão, pôr fim aos assentamentos.



ZUMBI E GANGA ZUMBA

Existem várias versões para a origem de Zumbi (se foi criado por um padre ou se sempre viveu em Palmares), mas a historiografia fica mais consistente a partir de 1670. O certo é que, quando D. Pedro de Almeida foi governador de Pernambuco (1674-1678), seu assombro diante das dimensões de Palmares o fez encaminhar uma nova expedição para a região em 1675, comandada por Manoel Lopes Galvão.

Em 1677, houve uma nova ofensiva comandada pelo capitão Fernão Carrilho. Além de Macacos, a capital de Palmares, havia outros mocambos como os de Subupira, Dambraganga, Tabocas e Osenga.

Um tratado de paz foi negociado em 1678, com Ganga Zumba, que se deslocou para uma região chamada de Cucaú, onde posteriormente seria envenenado. Parte dos quilombos, porém, se insurgiu contra o acordo. O líder dos resistentes, reunidos na Serra da Barriga, foi identificado como sendo Zumbi.

O SOBADO DE PALMARES

É importante considerar, como afirma a pesquisadora Silvia Lara, em entrevista à Agência Fapesp, que o acordo de paz firmado em 1678 "marca o reconhecimento por parte das autoridades portuguesas e coloniais desse sobado (estado africano) em Palmares". Mesmo porque, os que moravam ali não eram nômades, e as informações sobre a resistência se espalhavam.

Em 1691, o novo governador de Pernambuco, Souto Mayor, negociou com o bandeirante Domingos Jorge Velho para destruir o quilombo, mas os quilombolas venceram a primeira batalha em 1692. O paulista, então, convocou mais soldados, contando com o militar Bernardo Vieira de Melo, que arregimentou uma tropa com 7 mil homens e conseguiu acabar com Cerca Real do Macaco em fevereiro de 1694. Zumbi só seria morto um ano depois, em 20 de novembro de 1695. De acordo com uma carta do governador Caetano de Mello e Castro, de 14 de março de 1696, o líder final dos Palmares teria sido traído por um companheiro, detido em Penedo, que conduziu um destacamento armado até o sumidouro da Serra Dois Irmãos (hoje município de Viçosa), onde o derradeiro líder foi localizado e assassinado.

SAIBA MAIS

Palmares: A Guerra dos Escravos, de Décio Freitas (1973).
O Quilombo dos Palmares, de Edison Carneiro (1966).
Liberdade Por Um Fio: História dos Quilombos no Brasil, organizado por João José Reis e Flavio dos Santos Gomes (1998).
Palmares, de Flavio Gomes (2005).
A Destruição de Angola Janga – Documentos Palmares, 1671-1700 (2006).

CAPITÃES DO MATO

João José Reis afirma em Ameaça Negra, publicado na Revista de História da Biblioteca Nacional: "Depois de Palmares, os escravos não conseguiram reproduzir no Brasil qualquer coisa parecida. Os senhores e governantes coloniais cuidariam para que o estrago não se repetisse. Foi criado o posto de capitão do mato, instituição disseminada em toda colônia como milícia especializada na caça aos escravos fugidos e na destruição de quilombos". E aponta que, no século 18, a reunião de cinco ou mais negros fugidos em local despovoado já era considerado um quilombo.

ATALAIA

Domingos Jorge Velho teria instalado uma atalaia (vigia)

às margens do Rio Paraíba do Meio, no ano de 1692. A região, em 1764, era oficialmente batizada como Atalaia. Alguns historiadores, entretanto, levantam a hipótese do município alagoano ter essa denominação em homenagem ao Visconde de Atalaia, fidalgo português muito amigo do rei Dom José I.

O local era estratégico por interromper o canal de ligação entre o Quilombo dos Palmares e as cidades na Terra das Alagoas que comercializavam com os mocambos de Palmares e era a principal fonte de sustentação das cidadelas negras.

NOSSA SENHORA DAS BROTAS

Em 1697, três anos depois de destruir Palmares, Domingos Jorge Velho construiu a Capela de Nossa Senhora das Brotas, santa que considerava sua protetora e, ainda hoje, é a padroeira da cidade alagoana de Atalaia. Dizem que, para tentar agradar ao rei de Portugal (e assim conseguir benesses prometidas), o bandeirante propôs que o povoado viesse a ser denominado como Vila Real de Bragança, tentando cair nas graças de Dom José I. Acredita-se que a imagem de Nossa Senhora das Brotas, ainda hoje conservada na cidade, seria a mesma doada pelo destruidor de Cerca Real do Macaco.

O MEMORIAL

O Parque Memorial Quilombo dos Palmares, fundado em 2007 no sítio arqueológico de Serra da Barriga, foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) em 1985.

TEM NO CINEMA

O cineasta alagoano Cacá Diegues dedicou dois filmes ao Quilombo dos Palmares:

Quilombo (1984). Assista https://www.youtube.com/watch?v=pwbmkM7xQS0

Ganga Zumba (1963). Assista https://www.youtube.com/watch?v=uOnK0r6ah4k

UM MARCO DO TEATRO

O espetáculo *Arena conta Zumbi* (1964), do Teatro de Arena, foi dirigido por Augusto Boal, com texto dele e de Gianfrancesco Guarnieri e música de Edu Lobo. Tem o áudio aqui

https://www.youtube.com/watch?v=Bb4-x9D5RIw QR

OUÇA ZUMBI

É de Jorge Benjor a música *Zumbi*, regravada por Caetano Veloso no disco *Noites do Norte*.

https://www.youtube.com/watch?v=qFoOgKONIHY

DIA COM CONSCIÊNCIA

O Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra, o 20 de novembro, foi instituído oficialmente pela Lei nº 12.519, de 10 de novembro de 2011.

NAS ESCOLAS

A Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, instituiu a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas.

SITES INTERESSANTES

- Museu Afro Brasil:
  www.museuafrobrasil.org.br.
- Parque Memorial Quilombo dos Palmares:
  serradabarriga.palmares.gov.br/.
- Geledés Instituto da Mulher Negra
  www.geledes.org.br.

BANCO DE DADOS

O Banco de Dados do Tráfico de Escravos Transatlântico reúne importantes informações encontradas em arquivos do mundo atlântico.

Acesse: www.slavevoyages.org A

Visconde de Sinimbu — O monarquista que não conspirou contra a República

João Lins Vieira Cansanção nasceu em São Miguel dos Campos em 20 de novembro de 1810. Formado na Academia de Direito de Olinda, doutorou-se em 1835 na Universidade de Jena (Alemanha). Além da advocacia, foi deputado e senador, ministro no Uruguai, presidente de quatro províncias e presidente do Conselho de Ministros de 1878 a 1880. Foi ministro de quatro pastas.

Visconde de Sinimbu

PRESIDIU VÁRIAS PROVÍNCIAS

Quando tinha 30 anos, foi nomeado presidente da Província de Alagoas, cargo que exerceu de 19 de janeiro de 1840 até julho do mesmo ano. Também foi nomeado senador da Província de Alagoas em dezembro de 1856, atuando até a Proclamação da República.

ENTRE POLÍTICAS E REVOLTAS

Na intensa carreira política, enfrentou a Revolta do Vintém, no dia 28 de dezembro de 1879, no Rio de Janeiro, quando era presidente do conselho, e cinco mil pessoas manifestaram-se contra o aumento das passagens nos bondes.

VOCÊ SABIA?

Capitão Manuel Vieira Dantas (sertanejo) e Ana Maria José Lins (descendente de holandeses), pais do futuro Visconde de Sinimbu, participaram ativamente das lutas republicanas (1817 e 1874).

O pai foi encarcerado e condenado à morte, mas conseguiu escapar de uma fortaleza em Pernambuco.

Em virtude da participação na Confederação do Equador, João Lins Vieira e a mãe chegaram a ser levados para a Cadeia Pública de Alagoas (Casa de Câmara e Cadeia). Atualmente, ocupa a sede do Iphan, em Marechal Deodoro.

SAIBA MAIS

O Visconde de Sinimbu: Sua Vida e Sua Atuação na Política Nacional, de João Craveiro Costa. Col. Brasiliana, v, 79, 1937. www.brasiliana.com.br

É patrono da cadeira 23 da Academia Alagoana de Letras.

O Visconde de Sinimbu faleceu no Rio de Janeiro, em 27 de dezembro de 1906.

Inhapi e Canapi: unidos pela dupla Emancipação

Canapi e Inhapi estão separados por uma distância de cerca de 17,2km. Mas estão unidos pela mesma data de instalação dos municípios. Inhapi tem suas origens por volta de 1902, com a construção da primeira residência no local, da família Moreira, seguida da propriedade de Margarida Vieira. A primeira feira aconteceu em 1917, sinalizando para o crescimento do povoado.

Já Canapi originou-se da Fazenda Cavalo Morto, propriedade de Cipriano Gomes da Silva, e começou a se estruturar em 1948. A cidade beneficiou-se do pioneiro Joaquim Tetê e da chegada de Luis Bastos, que trabalhava no Departamento Nacional de Obras Contra a Seca, responsável pela construção de uma ponte sobre o Rio Canapi.

Tanto Inhapi como Canapi foram elevados à categoria de município por leis estaduais do dia 22 de agosto de 1962 e foram desmembrados de Mata Grande. A instalação dos municípios ocorreu em 20 de novembro de 1962.

AS IGREJAS

A construção da primeira capela de Inhapi data de 1902. Já a matriz de São José foi construída em 1956, sendo reformada em 1970.

E AS FESTAS

A festa da padroeira de Inhapi, Nossa Senhora do Rosário, acontece no dia 7 de outubro.

O padroeiro de Canapi é São José; a festividade é celebrada no dia 19 de março. A

DIA 21

O Pilar é uma vila nova

Correio Oficial. 21 de novembro de 1860.

#MEMÓRIADAIMPRENSA

O pilar é uma vila nova, mas de um promettimento futuro assas conhecido; seu commércio se desenvolve mui animado espantosamente.

Não somos habilitados para darmos opinião decisiva sobre a proposição do cemitério; pareceo-nos improprio o local escolhido não só pela proximidade do povoado, como pela situação.

Muitas vezes é o bem e interesse públicos sacrificado á pequenas commodidades, aliás prejudiciaes e quiçá fataes á esse mesmo que as procurão fazer sobressahir aquelles. A

DIA 22

Desde 1922 a bola rola no Mutange

Fundado no dia 7 de setembro de 1913, o Centro Sportivo Alagoano inaugurou o estádio do Mutange (Estádio Gustavo Paiva) em 22 de novembro de 1922, com uma partida entre CSA e o pernambucano Centro Sportivo Peres. O placar? 3 a 1 para o CSA, que jogou com Mendes, Osvaldo e Hilário; Campelo, Mimi e Lindolfo; Alyrio, Bráulio, Odulfo, Passos e Nelcino.

Já o Peres entrou em campo com Mário, Abelardo e Euclides; Poggy, Lobo e Passos; Manta, Jorge, Theodoro, Guaray e Bello.

FALA, WARNER OLIVEIRA

De acordo com o jornalista Warner Oliveira, quem sonhou e batalhou para que lá fosse construído o estádio foi o jogador Polichinelo (Odulfo Ribeiro) e o desportista Virgílio de Brito, que convenceu o proprietário, Alfredo Vugner, a vender o terreno por 30 mil réis. Mas sem dinheiro para o pagamento na data combinada, as promissórias foram resgatadas por Aristeu Bastos, e o terreno só foi regularizado em 1936.

Até a inauguração do Trapichão, em 1970, foi o palco principal do futebol alagoano e depois tornou-se o centro de treinamento do CSA.

TINHA BRISA

Antes do Mutange, os treinos dos clubes costumavam acontecer no Alto do Farol, e os treinos tinham direito à brisa da Praia da Avenida.

COM LUZ!

O primeiro jogo noturno no Mutange deu-se em 1934, quando foram instalados 100 refletores.

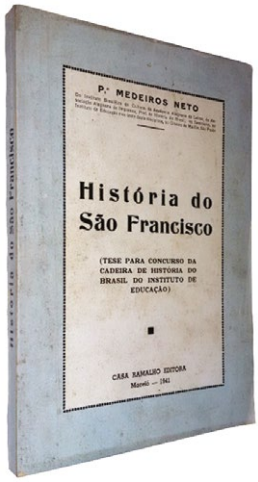
INTERNACIONAL

O Mutange sediou o primeiro jogo internacional em Alagoas, em 1951, numa partida que acabou em empate de 1 a 1 entre o CSA e o argentino Vélez Sarsfield. A

QUER SABER MAIS? ACESSE

- www.centrosportivoalagoano.com.
- www.historiadealagoas.com.br.
- Histórias do futebol – O estádio do Mutange: warneroliveira.com.br

Fé e ação política — a liderança católica de Medeiros Neto



Natural de Traipu, o professor emérito de História da Ufal Luiz de Menezes Medeiros Neto nasceu em 22 de novembro de 1914. Estudou no Seminário de Maceió e tornou-se padre em 1935. Foi também professor do Instituto de Educação de Maceió e diretor do Departamento das Municipalidades e de Assistência ao Cooperativismo.

De 1946 a 1950, exerceu o mandato de deputado federal pelo Partido Social Democrata, defendendo os postulados da Igreja Católica e o programa da Liga Eleitoral Católica, sendo reeleito de 1951 a 1971. Com a extinção dos partidos políticos pelo Ato Institucional nº 2 (27/10/1965), filiou-se à Aliança Renovadora Nacional (Arena).

VOCÊ SABIA?

Por sua erudição e influência, foi membro da Academia Alagoana de Letras, da Academia Carioca de Letras, da Academia de Arte e Cultura de São Paulo, da Federação das Academias de Letras do Brasil e da Associação Alagoana de Imprensa.

Foi empossado em 1942 no Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas e tornou-se presidente em 2 de dezembro de 1983.

Em 1971, conseguiu autorização do Vaticano para se casar (Reductio Ad Statum Laicum) com a professora Andréa Maria Coelho da Paz de Medeiros Neto.

Faleceu em Maceió no dia 9 de novembro de 1992.

Medeiros Neto

AS OBRAS

- *Versos e Rima* (1941).
- *História do São Francisco* (1941).
- *Discursos Parlamentares* (1963).

#VITIMADACOVID19

Mareval Ricardo — Um líder que honrou Lagoa das Pedras

O ativista Mareval Ricardo nasceu na comunidade remanescente de quilombo Lagoa das Pedras, em Água Branca, no dia 22 de novembro de 1971. Diante de uma realidade marcada pela exclusão e carência de direitos sociais no território, Mareval sempre agiu em busca do reconhecimento e desenvolvimento da região.

Mareval Ricardo

A partir da promulgação da Constituição Federal de 1988, essas comunidades passaram a ser consideradas fundamentais na formação do patrimônio cultural brasileiro, com determinação da emissão dos títulos de posse às terras. Lagoa das Pedras foi certificada pela fundação Palmares em 19 de novembro de 2009. O líder atuou na Coordenação Estadual das Comunidades Remanescentes de Quilombos Ganga Zumba e esteve à frente da Associação Quilombola de Lagoa das Pedras. Foi candidato ao cargo de Vereador nas eleições de 2020 em Água Branca, pelo Partido Socialista Brasileiro. Faleceu no dia 17 de junho de 2021, vítima de Covid-19. A

DIA 23

«Os canalhas de Alagoas vão me pagar»
A oposição contra os operarios
O povo continua ao lado de Joaquim Leão
A grande vibração cívica do Parque do Centenário
Duas Crianças Envenenadas
GAZETA DE ALAGOAS
Vai construir?
João Abdão Filho
Máquinas de Escrever
UNDERWOOD

Os canalhas de Alagoas vão me pagar

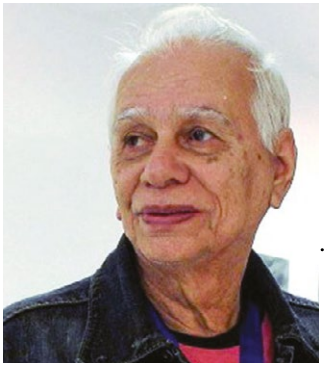
Gazeta de Alagoas. Maceió, 23 de novembro de 1952

#MEMÓRIADAIMPRENSA

* Com quantos paus se faz uma – jangada
* Declara Silvestre no Rio - Tomara-férias de um ano
* A oposição contra os operários
* O povo continua ao lado de Joaquim Leão
* A grande vibração cívica do Parque do Centenário A

DIA 24

Fernando Lopes, um artista com muitos temas



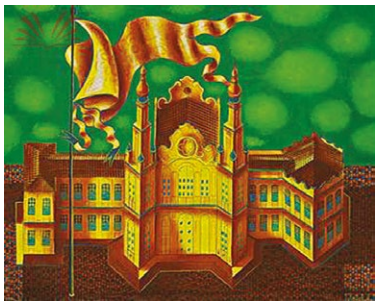
Fernando Lopes

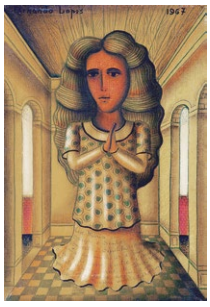
O artista visual autodidata Fernando Lopes nasceu em São Miguel dos Campos em 24 de novembro de 1936, estudou música no Conservatório de Recife e formou-se em Direito. Foi pintor, gravador e músico. Influenciado por pintores italianos pré-renascentistas, também produziu obras dedicadas à cidade em que nasceu. Faleceu em 13 de maio de 2011.

UMA OBRA CÍCLICA

O professor da Ufal Eduardo Xavier, em *Uma Obra Cíclica*, faz a apreciação da trajetória de Fernando Lopes e qualifica-o como um "artista de muitos temas". "Pianista e músico, compositor esporádico — divertido era ouvi-lo falar de certo Concerto Para Lata de Goiabada e Orquestra que compusera, mas nunca executado em público —, admirador de Mozart, Chopin, Brahms e dos espanhóis, leitor compulsivo e amante de Florbela Espanca, Mário de Sá-Carneiro, Cecília Meireles e Marcel Proust, orientou o destino de muitos jovens artistas miguelenses, e sua casa foi um centro particular de difusão cultural na cidade.

Escreveu cartas para si mesmo, de inegável valor emocional e literário, ainda inéditas. Amante das boutades bem-humoradas — era, quando lhe subia a taxa de humor, um piadista indomável". A





Fernando Lopes — Veterano dos pincéis

Por Cármen Lúcia Dantas (*)

HOMENAGENS

A Casa da Cultura de São Miguel dos Campos — Museu Fernando Lopes foi fundada em 10 de janeiro de 1986.

VISITE

Rua Visconde de Sinimbu, nº 60, Centro
São Miguel dos Campos

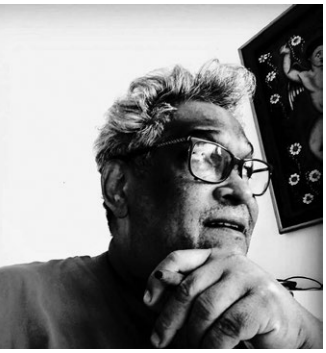
"Fernando é atual sem perder as raízes. Com um percurso de arte que se estende desde 1951, mantém o selo da coerência e um vínculo catártico com a sua cidade, São Miguel dos Campos, que se estampa na temática evocativa da paisagem de memórias. Falando sobre seus temas, disse com aquele ar de eterno sonhador: 'Quando pinto o casario antigo, ele é um jogo de armar casinhas, e há ali a tentativa de aprisionar o tempo entre a criança e o adulto'. Essa incursão poética sobre o tempo reveste-se de uma consciência mística que perpassa toda a sua obra. As madonas, os anjos, as figuras bíblicas, o próprio casario, tudo está envolto numa ritualidade que propõe transcender o próprio tempo.

Fernando, nessa sua caminhada de tantas histórias, soma talento, criatividade, técnica e muita erudição. Além disso, sua personalidade marcante e rica em energia interior o faz um ser humano desses que nos dá a certeza de que a humanidade vale a pena".

(*) É museóloga

"Enquanto São Miguel dos Campos dorme,
um poeta vela e sonha". A

Aurélio Buarque sobre Fernando Lopes



DIA 25

#VITIMADACOVID19

Gil Lopes — O carnavalesco do Museu Théo Brandão

É difícil dissociar a imagem do artista visual e carnavalesco Gil Lopes, funcionário aposentado do Museu Théo Brandão, da vibração da cultura popular. Em 2019, ele se aproximou da transcendência oriental numa exposição em que dava uma guinada em sua produção

de arte figurativa, pintando mandalas com a técnica do pontilhismo. Mas não eram mandalas quaisquer: se aproximavam da identidade alagoana, flertando com a também complexa arte do filé.

Carnavalesco, foi um dos organizadores do bloco Os Filhinhos da Mamãe e da agremiação Boi Lacrau. Ao longo da vida também fez a ambientação de clubes, criou fantasias, estandartes e figurinos da Escola de Samba Unidos do Poço e Girassol.

Nasceu em Maceió no dia 25 de novembro de 1950 e morreu no dia 3 de dezembro de 2020, por complicações da covid-19. O Fórum de Cultura Popular e do Artesanato Alagoano (Focuart) lamentou o falecimento e reforçou a continuidade do legado do artista.

O Museu Théo Brandão fez uma postagem em rede social sobre a morte do carnavalesco: "Gil Lopes certamente levará sua alegria e criatividade para a dimensão superior". A

DIA 26

A excelência de um pintor alagoano que estudou em Paris — Rosalvo Ribeiro

O artista plástico Rosalvo Alexandrino de Caldas Ribeiro, conhecido como Rosalvo Ribeiro, nasceu na cidade de Alagoas (Marechal Deodoro) em 1863, mas só foi batizado em 26 de novembro de 1865. Faleceu em 29 de março de 1915, em Maceió.

São de sua autoria o retrato do presidente provincial dr. Henrique Salles e o projeto da estátua do Marechal Deodoro da Fonseca da praça homônima em Maceió.

Rosalvo Ribeiro

RUMO À FRANÇA

Em 1884, foi professor auxiliar de Desenho no Liceu de Artes e Ofícios de Maceió. Com uma pensão concedida pelo governo, estudou pintura na Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro, em 1886. Ganha uma bolsa e vai aprimorar ainda mais seu talento na Escola de Belas Artes e na Acádemie Julian, em Paris, em 1889. Estudou com mestres como Édouard Detaille e Jules Lefebvre.

LEIA AS BIOGRAFIAS

Um Mestre da Pintura Brasileira – Biografia de Rosalvo Ribeiro, de Carlos Rubens, foi lançada em 1940 (reeditada pelo Arquivo Público de Alagoas – Senec, em 1965, com introdução de Moacir Medeiros de Sant'Ana).

O artista também foi biografado por Heliônia Ceres, em *Rosalvo Ribeiro, Vida e Obra* (1984).

Em 1998, ganha nova biografia, *Redescobrindo Rosalvo Ribeiro*, de Romeu Loureiro.

Voltou ao Brasil em 1901 e, no ano seguinte, foi diretor da Biblioteca Pública Estadual de Alagoas. Também lecionou Desenho na Escola Normal de Maceió em 1913.

NÃO AO MODERNISMO

Embora nessa época o Modernismo já estivesse fervilhando nos salões parisienses, ele não aderiu ao novo movimento, permanecendo fiel aos padrões convencionais da pintura tradicional.

QUER VER AS OBRAS?

No Instituto Histórico e Geográfico, assim como no Palácio Floriano Peixoto, vários de seus quadros estão expostos.

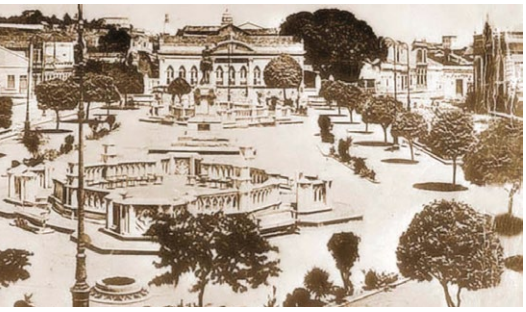
VOCÊ SABIA?

Era comum vê-lo na juventude na Rua do Comércio, em frente à marcenaria de Félix Pereira da Cruz, vendendo retratos dos transeuntes.

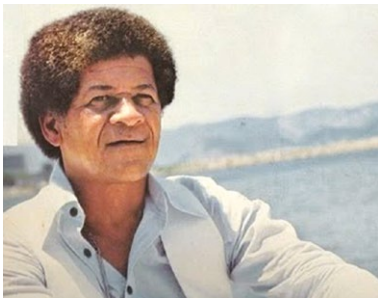
OS Prêmios

1906 – Salão de Belas Artes, no Rio de Janeiro.

1908 – Salão Nacional (Rio de Janeiro). A



“Seu Reverendo” Benedito Nunes



Benedito Nunes

Nascido em 26 de novembro de 1937, em Marechal Deodoro, o cantor e compositor Benedito Nunes começou sua carreira artística em 1954, na Rádio Difusora. Em 1955, parte para o Rio de Janeiro, onde começa a gravar, até atingir o sucesso com o forró pé de serra.

Do Rio de Janeiro, Benedito Nunes foi para São Paulo, onde, com sua irreverência e forma peculiar de interpretação, passou a atuar no rádio e na televisão nas décadas de 1960 e 70.

Obteve grande sucesso com a música *Seu Reverendo,* composição de Elias Soares em parceria com Genival Lacerda, lançada em um compacto em 1971.

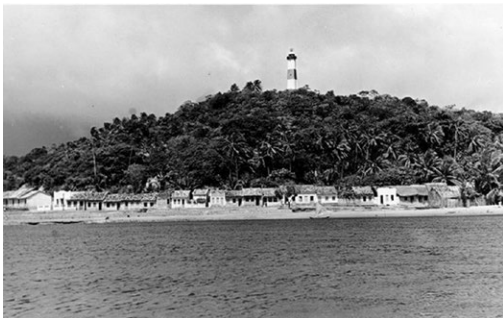
DISCOGRAFIA

- LP – *Forró Bom Danado* – 1971.
- LP – *Benedito Nunes – Benedito Nunes* – 1972.
- LP – *Eu Show* – 1977.
- LP - *Goozadíssimo* – 1974.
- LP – *Simplesmente* – 1975.
- LP – *O Complicado* – 1982..

COMPACTO

Seu Reverendo – 1971.

Um Porto de Pedras



Você já foi a Porto Real? E a Águas Belas? Não? Mas talvez já tenha ido a Porto de Pedras. Localizado a 109km de Maceió, o atual município já teve esses nomes até ser elevado à condição de cidade, de acordo com o IBGE, pela Lei Provincial nº 505, de 26-11-1868, quando foi desmembrada de Porto Calvo.

A localidade foi sede de uma missão franciscana

destinada à catequese indígena que deu origem à ocupação na região. Por sua localização estratégica e importância para a navegação, foi lá que em 14 de maio de 1633 os flamengos afundaram navios portugueses e incendiaram a cidade devido à resistência dos moradores. Apenas com a expulsão dos holandeses, Porto de Pedras foi reconstruída.

TEM TURISMO

Localizada entre Japaratinga e São Miguel dos Milagres, entre as muitas belezas naturais de Porto de Pedras, merecem destaque as praias do Patacho, Lages, Tatuamunha e a de Crôa do Tubarão.

A história colonial se revela nas igrejas de São Gonçalo, Nossa Senhora da Piedade e Nossa Senhora da Glória.

DIA 27

José Cesário de Miranda Monteiro de Barros, o 58º presidente da Província

O presidente da Província de Alagoas no breve período de junho de 1888 a janeiro de 1889, José Cesário de Miranda Monteiro de Barros, foi descrito por Moreno Brandão no livro História de Alagoas como "homem irresoluto, simples, desconfiado e fraco".

Nasceu no distrito de Paula Lima, atualmente incorporado a Juiz de Fora (MG), em 1846. Formado em Direito, possuiu grandes propriedades de café no Espírito Santo, onde foi deputado provincial e senador.

Membro do Partido Conservador no Império, na República vinculou-se ao Partido Republicano Construtor (PRC). Em 1900, foi eleito terceiro vice-presidente do Espírito Santo. Era procurador-geral do Estado em 1906, quando faleceu.

Morte de Teotônio Brandão Vilela, o Menestrel das Alagoas

Teotônio Brandão Vilela, nascido em 28 de maio de 1917, morreu em 27 de novembro de 1983, em Maceió. O eterno Menestrel das Alagoas esteve no Almanaque de maio, O Trovador Andante. Leia aqui:

Teotônio Vilela em família

Restauração da vila de Quebrangulo

Por meio de decreto de 27 de novembro de 1890, assinado pelo governador coronel Pedro Paulino da Fonseca, é restaurada a Vila de Quebrangulo, com a denominação de Vila de Vitória, que houvera sido extinta também por meio de decreto de 2 de fevereiro do mesmo ano. A Vila de Quebrangulo foi criada pela Lei Provincial nº 624, de 16 de março de 1872, e foi instalada no dia 5 de setembro daquele mesmo ano. A

D. Adelmo

DIA 28

Aceno para a renovação do bispado de D. Adelmo

Nascido em Penedo no dia 5 de março de 1905, o arcebispo emérito de Maceió, D. Adelmo Machado, tornou-se padre em 1927 e morreu no dia 28 de novembro de 1983. Foi vice-reitor do Seminário Arquidiocesano em 1927 e reitor entre 1942 e 1948. Após ter sido bispo em Pesqueira (PE) na década de 1950, voltou para Maceió como arcebispo-coadjutor.

Consciente das questões sociais, convidou as missionárias de Jesus Crucificado para dirigirem a Escola de Serviço Social Padre Anchieta, fundada em 1957, o embrião do curso de Serviço Social instituído na Universidade Federal de Alagoas, em 1971.

MUITAS REALIZAÇÕES

- Instalação da Rádio Educadora Palmares;
- Criação do Museu de Arte Sacra Dom Ranulfo;
- Fundação da Escola de Serviço Social Pe. Anchieta;
- Coordenação do I Congresso Eucarístico Provincial de Maceió;
- Estabelecimento da Pastoral das Religiosas e do Movimento de Educação de Base;
- Criação da Livraria Católica;
- Estimulou a criação de sindicatos rurais.

AS OBRAS DO BISPO

- *Estudos Sobre Alfabeto e a Questão Ortográfica* (tese de concurso da cadeira de Português no Liceu Alagoano) – 1934.
- *Carta Pastoral de Dom Adelmo Machado* – 1948.
- *O Nosso Instituto Histórico* – Revista IHGAL – 1973.
- *Memória do Concílio Vaticano II* – 1998.

CONGREGAÇÕES

O arcebispo também foi responsável pela vinda de novas congregações para a diocese, como as Religiosas da Instrução Cristã.

DIA 29

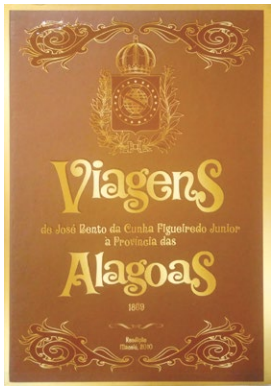
Povos indígenas estigmatizados na gestão de Figueiredo Júnior

Formado em Direito, o 33º presidente da Província de Alagoas, José Bento da Cunha Figueiredo Júnior, também foi presidente das províncias do Rio Grande do Norte (1860-1861), Ceará (1862-1864) e Maranhão (1872). Nasceu em Recife em 29 de novembro de 1833 e era filho do ministro Visconde de Bom Conselho, que havia presidido a Província de Alagoas.

Figueiredo Júnior

EM SEU GOVERNO

1869 — Fundou o Instituto Arqueológico e Geográfico Alagoano (2 dezembro) e a Escola Normal (18 de junho). Na sua administração, inaugurou a via férrea entre Maceió e a cidade de Imperatriz, antiga denominação de União dos Palmares. Ele também deu início à implantação de paralelepípedos em Maceió. Morreu em Lorena (SP), no dia 3 de agosto de 1885.



ÍNDIOS ESTIGMATIZADOS

Em 16 de março de 1870, José Bento da Cunha Figueiredo Júnior, então presidente da Província de Alagoas, em relatório dirigido à Assembleia Legislativa, dizia que não havia mais índios para catequizar e propunha lotear terras, argumentando que os índios se mostravam "susceptíveis de cultura moral, intelectual e artística, dóceis, pacíficos, obedientes, aptos para o serviço da guerra, sadios e de boa compleição, os índios se mostram, entretanto, muito propensos à ociosidade e ao uso de bebidas alcoólicas". A

A inquietação criativa de Zaluar de Sant'Ana

A inquietação pode ser considerada uma marca do pintor e músico Manuel Zaluar de Sant'Ana, que fundou, em 1932, a revista Alvorada e se mobilizou, com amigos, para criar uma Escola de Belas Artes. Filho de Francisco Sant'Ana e Silvia Virginia, nasceu em Pão de Açúcar no dia 29 de novembro de 1904, estudou na Escola de D. Mocinha Buarque, em Maceió e no Instituto Benjamin Constant.

Zaluar de Sant'Ana

PINTURA CHEGA NA DÉCADA DE 1920

1920 – Começa a se dedicar à pintura.

1923 – Expõe na coletiva da Feira de Amostras de Pernambuco, em Recife.

1925 – Em setembro, realiza a primeira individual em Maceió, na sala de espera do Cinema Floriano.

1928 – Participou da Festa da Arte Nova, expondo alguns de seus quadros.

1933 – Foi aprovado em concurso público como estatístico demógrafo-sanitário, mas continuou criando. Sua alma de artista também o levou a trabalhar com desenho arquitetônico. Fez a decoração de diversas festas populares no interior e integrou várias orquestras.

TOCOU VÁRIOS INSTRUMENTOS

Tocava instrumentos como flauta, violino e bandolim. Na década de 1920, atuou em orquestras como Jazz-Bando dos Meninos, o Jazz Orquestra Apolo, a Orquestra Filarmônica de Alagoas, entre outras.

SEM MODISMOS

"Quanto à individualidade artística, esta sempre o acompanharia durante toda a vida, pois na verdade

jamais se deixou influenciar por determinada técnica ou por determinado artista, simplesmente para estar na moda. Seu estilo, no qual prevalece o colorido forte, rico de tonalidades, com pinceladas cheias, que sugerem o uso de espátula, permanece o mesmo de muitos anos atrás".

Moacir Medeiros de Sant'Ana, em Zaluar, Um Homem de Muitas Artes (1987). A

LEIA A BIOGRAFIA

Zaluar era pai do historiador Moacir Medeiros de Sant'Ana, que lhe dedicou o livro Zaluar: *Um Homem de Muitas Artes*, editado pela Sergasa em 1987.

DIA 30

Lily Lages e a nova mulher — Primeira deputada de Alagoas

Lily Lages

Maria José Salgado Lages foi uma pioneira. Filha do pernambucano José Gonçalves Lages e de Maria Salgado Lages, começou os estudos no Colégio Coração de Jesus, e seu apelido, Lily, foi dado por uma madre da Academia Santa Gertrudes, de Olinda.

Em 1925, foi cursar Medicina na Faculdade de Medicina da Bahia, onde formou-se em 31 março de 1931. Logo abriu um consultório de otorrinolaringologia, na Rua do Comércio, onde atendia gratuitamente por três vezes na semana. Esse senso da desigualdade também a orientou quando assumiu a presidência da Federação pelo Progresso Feminino, em 1º de maio de 1932.

INCENTIVO DE ARTHUR RAMOS

Foi o antropólogo e médico Arthur Ramos que propôs a candidatura de Lily a deputada, durante uma sessão da federação realizada no Instituto Histórico em abril de 1933. Foi a primeira mulher a ocupar cargo de deputada de Alagoas (1934).

FALA, LILY!

"Pobre humanidade, victima paradoxal do progresso estupendo que realizou! Descansam os braços, pela criação das

ALGUNS TRABALHOS

Beethoven no Mundo do Silêncio.

A Nova Mulher e o Problema da Infância.

Arthur Ramos e Sua Luta Contra a Discriminação Racial.

Otologia Legal e do Trabalho (Fraturas Labirínticas).

Menores Abandonados e Deliquentes.

machinas; encurtamse distancias, singrando-se os ares infinitos... Mas este desconcertante evolver, produziu a horda enorme dos sem trabalhos, desamparados, desesperados, famintos e sem lar". Lily Lages em *A Nova Mulher e o Problema da Infância* (1933)

"Como se explica que meus irmãos por serem homens tenham o direito de escolher suas profissões e este direito me seja negado, pelo fato de ser mulher, fato para o qual não fui ouvida".

ACADÊMICA BRILHANTE

Também teve uma carreira acadêmica brilhante. Foi a primeira mulher aprovada em concurso para docente na Faculdade de Medicina da Bahia, em 1936. Em 1942, passou a ensinar Anatomia na Faculdade Nacional de Medicina até 1962. Tornou-se livre-docente em 1975.

ORADORA

Excelente oradora, seu livro *A Nova Mulher e O Problema da Infância* (1932) foi fruto de uma conferência realizada em Maceió no ano de 1933, no Teatro Deodoro. A

Lily: a única mulher entre os formandos de medicina

Dezembro

D

dezembro dezembro

DIA 1º

Um historiador bem-amado, assim é Manoel Maurício de Albuquerque

O fascínio que o historiador alagoano Manoel Maurício de Albuquerque exercia em seus alunos era devido a uma vocação que primava pela autonomia dos estudantes. Nascido em 1º de dezembro de 1927, em Viçosa, foi morar ainda jovem com um tio que era militar no Rio de Janeiro. Chegou a cursar a Escola Preparatória de Cadetes, mas formou-se em História e Geografia pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (futura Universidade Federal do Rio de Janeiro), onde passou a ensinar em 1957.

Manoel Maurício

MALDADES DO AI-5

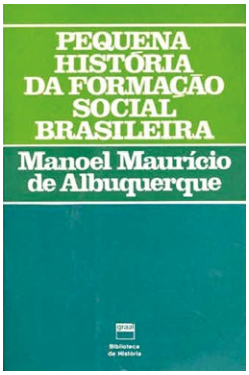
Com o AI-5, foi acusado em 1969 de difundir conteúdo de orientação marxista, sendo cassado do cargo juntamente com outros professores do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da universidade, entre eles José Américo Pessanha, Maria Yedda Linhares, Evaristo de Morais Filho e Marina São Paulo de Vasconcellos.

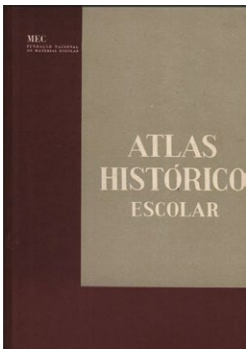
Passou a ensinar em cursos preparatórios para vestibular e promoveu cursos informais de História para estudantes. Em 1972, quando ensinava História Econômica do Brasil na PUC, foi preso e tinha que comparecer semanalmente ao Exército. Com a Anistia, em 1980 foi reintegrado ao Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ.

Além de publicar vários artigos, Manoel Maurício ministrou cursos de História para atores e diretores de peças teatrais e assessorou cineastas que tratavam de temas históricos. Faleceu no Rio de Janeiro, em 17 de março 1981.

VOCÊ SABIA?

No bairro de Anchieta, no Rio de Janeiro, existe





o Colégio Estadual Professor Manoel Maurício de Albuquerque desde 1984.

É patrono da cadeira 39 do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas.

O Centro de Estudos Manoel Maurício de Albuquerque (Cemma) foi criado em junho de 1984, na Faculdade de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

LEIA A OBRA DELE

Pequena História da Formação Social Brasileira (1981).

Atlas Histórico Escolar (1977), com Arthur Cézar Ferreira Reis e Carlos Delgado de Carvalho. A

TEM BIOGRAFIA

A pesquisadora Eulália Lobo organizou uma biografia do pesquisador: *Manoel Maurício de Albuquerque: Mestre-Escola, Bem-Amado, Historiador Maldito* (1987).

VEJA NO YOUTUBE

Getúlio Vargas (1974) – Manoel Maurício escreveu, com a diretora Ana Carolina.
YouTube: https://www.youtube.com/watch?v=YOrCGHwToFY

Joana Angélica (1979) – O roteiro é dele, de Washington Novaes e do diretor Walter Lima Jr..

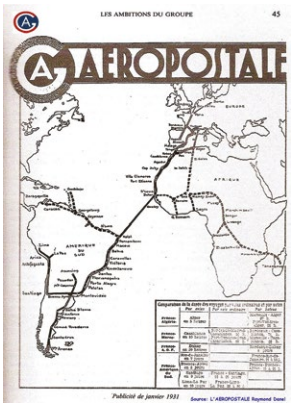
ANOTE

Iluminação elétrica em Bebedouro

Maceió está entre as primeiras capitais brasileiras a receber energia elétrica, com os serviços iniciados em 1897. Em 1901, Félix Lima Júnior, em seu Maceió de Outrora, lembra que a iluminação era considerada uma das melhores do país. A

ANOTE

Maceió tem Serviço Postal Nacional e Internacional



O ano de 1927 marca o início do serviço postal nacional e internacional em Maceió. A primeira experiência de transporte aéreo ocorreu no dia 24 de novembro do mesmo ano, com o envio de correspondência de Natal para o Rio de Janeiro pela Compagnie Générale d'Enterprises Aéronautiques (CGA). A partir de então, a América Latina e a Europa estavam em conexão. A

ANOTE

Bromélias em Tanque d'Arca

Fazendo fronteira com Belém, Anadia, Maribondo e Mar Vermelho, Tanque d'Arca possui uma área de 156km². O município foi desmembrado de Anadia em 1962, sendo emancipado no ano seguinte. A base da sua economia é a agricultura, e se por algum tempo a monocultura da cana foi seu trunfo, hoje a cidade é conhecida pelo cultivo de bromélias. A padroeira da cidade é Nossa Senhora Mãe do Povo. A

ANOTE

A Criação de Novo Lino

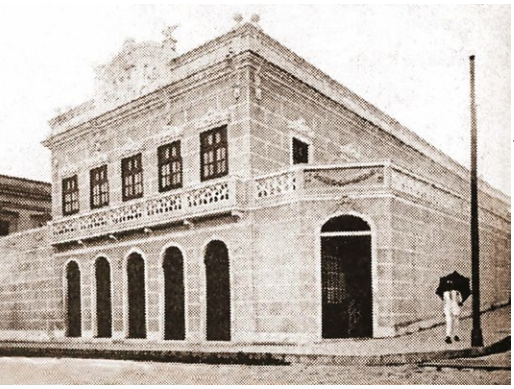
A emancipação política de Novo Lino aconteceu no dia 1º de dezembro de 1962, através da Lei 2.490, quando o território foi desmembrado de Colônia Leopoldina. Experimentou grande desenvolvimento a partir da construção da BR-101, que divide o município. A festa do padroeiro São José é comemorada no dia 19 de março. A

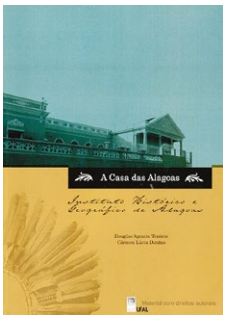
DIA 2

Um guardião da memória de Alagoas — Instituto Archeológico e Geográfico

Quando da sua fundação, em 2 de dezembro de 1869, no governo de José Bento da Cunha Figueiredo Júnior, o atual Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas (IHGAL) recebeu o nome de Instituto Archeológico e Geográfico de Alagoas. Os intelectuais reunidos no Palácio da Presidência escolheram Silvério Fernandes de Araújo Jorge como presidente da entidade. O primeiro estatuto da instituição foi aprovado no dia 31 de março de 1870.

Sede do IHGAL





REVISTA PIONEIRA

Naquela ocasião, o orador, Mariano Joaquim da Silva, comprometeu-se a publicar no jornal União Liberal os artigos do instituto até que tivessem a própria revista. A Revista do Instituto Archeológico e Geográfico de Alagoas só teria seu primeiro número, com 32 páginas, lançado em 2 de dezembro de 1872, sendo editada com esse nome até 1931. Em 1932, passou a se chamar Revista do Instituto Histórico de Alagoas, e em 1972 tornou-se a Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas.

Trata-se do mais antigo órgão da imprensa alagoana em circulação, de acordo com Moacir Medeiros de Sant'Ana.

MUSEU COM OBRAS RARAS

No valioso acervo do Museu do IHGAL, encontram-se peças de engenhos da época da escravidão, objetos religiosos de cultos africanos (Coleção Perseverança), cerâmica marajoara (Coleção Montenegro), ex-votos (Coleção Théo Brandão), além de objetos que pertenceram a Deodoro da Fonseca, Floriano Peixoto e ainda uma coleção dedicada ao cangaço.

VOCÊ SABIA?

O IHGAL foi o terceiro instituto dedicado à memória no Brasil, antecedido pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838) e pelo Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano (1862).

O setor de documentos possui 3.900 itens, com uma hemeroteca de 85 jornais raros, como os periódicos Íris Alagoense, Gutenberg, Gazeta de Notícias, Cruzeiro do Norte, A Província, A Tribuna e O Liberal.

A Pinacoteca possui telas com motivos militares, naturezas-mortas, retratos e paisagens de Rosalvo Ribeiro, De Angelis, Virgílio Maurício, Lourenço Peixoto, José Paulino, Pierre Chalita, Zaluar Sant'Ana, entre outros. A

SAIBA MAIS

A Casa das Alagoas: Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, de Douglas Apratto Tenório e Cármen Lúcia Dantas (Edufal).

VISITE

Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas

Rua do Sol, 382 – Maceió.

Contato: (82)3223 7797

ANOTE

O Olho d'Água das Flores

Uma bela imagem é tida como a origem da cidade: o efeito das flores de um pau d'arco sobre a superfície de um remanso, próximo à casa do padre Antonio Duarte, que chegou ali em 1800. No dia 24 de agosto de 1948, foi criado o distrito judiciário de Olho d'Água das Flores, vinculado a Santana do Ipanema. A emancipação ocorreu no dia 2 de dezembro de 1953, quando se tornou um município. O padroeiro da cidade é Santo Antônio, comemorado no dia 13 junho. A

ANOTE

Paulo Jacinto é elevado à categoria de cidade

A cidade de Paulo Jacinto, localizada a 103km de Maceió, já foi chamada de Lourenço de Cima, uma referência ao fundador, o paraibano Antonio Barbosa, que construiu uma capela para Nossa Senhora da Conceição em 1835. Os moradores sentiram a cidade se transformar com a inauguração, em 1911, de uma estrada de ferro da Great Western. Paulo Jacinto Tenório cedeu muitas terras para o empreendimento, e a cidade resolveu homenageá-lo. Tornou-se município com a denominação de Paulo Jacinto pela Lei nº 1747, de 2 de dezembro de 1953. Antes, fazia parte de Quebrangulo. A

O farol que originou um bairro

Com 26 metros e alcance geográfico de 21 milhas, o equivalente a 37km, o atual Farol do Porto de Maceió é considerado Unidade Especial de Preservação Cultural desde 2005. Mas o primeiro farol construído teve a colocação da pedra fundamental em 2 de dezembro de 1851, pelo presidente da Província de Alagoas, José Bento da Cunha Figueiredo.

ERA UM SONHO ANTIGO

Em 1827, o Tribunal da Junta do Comércio fez uma planta do equipamento que serviria ao Porto de Jaraguá.

Na década de 1930, até tentaram construí-lo

num aterro do Porto de Jaraguá, mas as obras não foram adiante, até que Bento Ferreira Guimarães doou um terreno em 1934 no Alto da Jacutinga – que, com a inauguração, em 1856, se tornou conhecido como Alto do Farol, e na sequência deu origem ao bairro do Farol.

MODELO FRANCÊS

O aparelho luminoso original, encomendado em 1854, era um modelo francês Henry-Lepaute. Quando o terreno onde estava situado foi abalado por causa de uma tormenta, em 1949, que durou 70 horas, foi construído um novo farol, desta vez do Jacintinho, inaugurado em 29 de maio de 1951. A

VOCÊ SABIA?

O Farol de Maceió foi o primeiro do Brasil a ser alimentado por luz elétrica, em 1937.

A força do tesouro

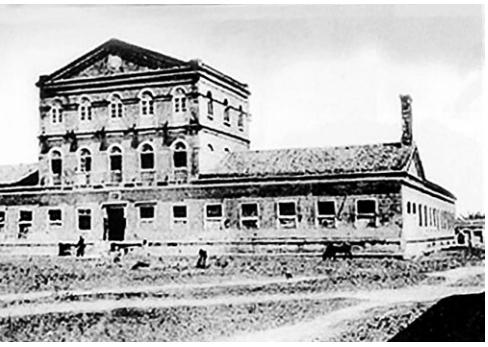
O lançamento da pedra fundamental do edifício da Tesouraria da Fazenda em Maceió, na Praça D. Pedro II, se deu no dia 2 de dezembro de 1872. Foi erguido e inaugurado em 1878, no mesmo lugar em que havia um imóvel chamado Prédio Nacional, onde funcionava o Liceu de Maceió desde 1849.

De acordo com Tharcila Leão, em *A História da Paisagem da Praça D. Pedro II em Maceió-AL*, este também foi o espaço onde se encontravam o Armazém do Almoxarifado e a Casa da Junta – servindo posteriormente à administração dos Correios e à Caixa Econômica.

Atualmente nesse prédio funciona a Delegacia do Ministério da Fazenda (PGFN). O projeto original coube ao engenheiro Carlos de Mornay. A

Construção da cadeia pública

Segundo Félix Lima Júnior em Maceió de Outrora, a construção da Cadeia de Maceió teve início no dia 2 de dezembro de 1847, quando o presidente da província era Félix Peixoto de Brito Melo, e foi concluída somente em 1868, no governo de José Bento da Cunha Figueiredo Júnior.



Localizado no Centro da cidade, o prédio foi projetado para servir para as sessões do Júri e como sede da Câmara Municipal. Mas, antes de ser concluído, abrigou os presos e chegou a ser ampliado devido à lotação.

Em 1870, a cadeia foi convertida em Casa de Detenção, com a definição de um administrador. Seu corpo funcional era composto por um administrador, um ajudante, um capelão, um escrivão, um enfermeiro, uma enfermeira, um barbeiro e cabeleireiro, alguns guardas internos e serventes.

As sessões da Câmara Municipal, do júri e audiências foram transferidas para outro local.

"PRESÍDIO DA MORTE"

Em 1965, com a construção do Presídio São Leonardo, os presos começaram a ser transferidos. Entretanto, o velho prédio da Praça da Independência, que nos seus últimos anos de existência já era conhecido como o "presídio da morte", continuou recebendo presos até 1969, quando definitivamente foi esvaziado para ser demolido.

Tanto a construção quanto a demolição da Cadeia de Maceió foram morosas. Seus últimos entulhos só foram retirados no final de 1970. A

DIA 3

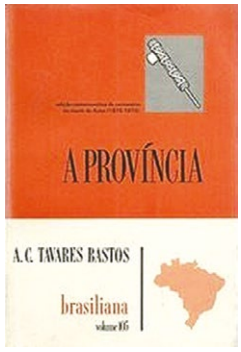
Tavares Bastos, um crítico do sistema

Tavares Bastos

O que Aureliano Candido Tavares Bastos aprendeu em seus breves 36 anos de vida ainda é um colosso do pensamento e da prática política no Brasil. Deputado e publicista, suas críticas apoiadas no liberalismo abalavam os valores do poder instituído no Segundo Reinado.

Nascido em Marechal Deodoro em 20 de abril de 1839, matriculou-se na Academia de Direito de Olinda (1854), mas com a nomeação do pai, José Tavares Bastos, como presidente de São Paulo, no ano seguinte já estudava na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, formando-se em 1859.

PRECOCE NA POLÍTICA



Aos 22 anos foi eleito deputado-geral por Alagoas e era o mais jovem do parlamento no Rio Janeiro – atuando na política por três legislaturas, de 1861 a 1868. Anglófilo, foi defensor do trabalho livre, lutou pela descentralização e federação, pelo voto livre, pela proteção das garantias individuais, pelo habeas corpus, pela laicização do Estado e pela liberdade religiosa, pela reforma eleitoral e parlamentar e por outras pautas que desagradavam. Embora ele mesmo não fosse antimonarquista, sempre deixou explícito que era anticolonialista.

UM EXCÊNTRICO

O político e jornalista muitas vezes assinou seus textos com pseudônimos como Um Excêntrico. Noutras, usava o nome O Solitário, como nas cartas que publicou no Correio Mercantil.

DEBATE PÚBLICO

Em 1868 dedicou-se ainda mais ao debate público, quando dirigiu o Diário do Povo, com Lafayette Rodrigues Pereira. Também colaborou com o jornal A Reforma e o A Província (1870), fazendo campanha pela reforma eleitoral. Em 1874,

VOCÊ SABIA?

É o patrono da cadeira nº 35 da ABL. Em 1957, a editora Agir publicaria Trechos Escolhidos de Tavares Bastos, na coleção Nossos Clássicos.

viajou com a família para a Europa e morreu de pneumonia em 3 de dezembro de 1875, em Nice (França). Foi enterrado cinco meses depois, no Rio de Janeiro.

OBRAS COMPLETAS

- *Os Males do Presente e Esperanças do Futuro* (1861).
- *Cartas do Solitário* (1862).
- *O Vale do Amazonas* (1866).
- *Memória sobre a Imigração* (1867).
- *A Província* (1870).
- *A Situação e o Partido Liberal* (1872).
- *A Reforma Eleitoral e Parlamentar* (1873). A

SAIBA MAIS

Tavares Bastos (Aureliano Cândido): 1839-1875, de Carlos Pontes, biografia lançada em 1939, pode ser lida no site Brasiliana Eletrônica (www.brasiliana.com.br).

Joana Gajuru, a rainha guerreira

Joana Gajuru

Joana Gajuru (Joana Maria da Conceição), a grande mestra do guerreiro de Alagoas, faleceu no dia 3 de dezembro de 1988, em Maribondo.

Nasceu num engenho na localidade de Lagoa da Canoa, em 26 de agosto de 1866, e aos 15 já participava de um folguedo. Logo estaria organizando o seu Guerreiro de Gajuru, e a história registra que por mais de 70 anos levou sua devoção e alegria para as ruas de Pilar, Boca da Mata, Atalaia e Maribondo, onde foi morar com filhos adotivos em 1970. A mestra, que mantinha o grupo com seus poucos recursos advindos do trabalho no corte de cana ou da revenda de peixe na feira, também se apresentou em Sergipe e em Pernambuco.

O *Dicionário de Mulheres de Alagoas: Ontem e Hoje* conta que, na adolescência, ela se apaixonou por um homem

branco e, como ele não assumiu o romance, ela se recusou a ter outro relacionamento. Assim é descrita: "Usava paletó, saias longas, botina, cabelo curto, punhal e revólver".

VOCÊ SABIA?

A Rainha do Guerreiro alagoano recebeu a Comenda do Mérito Educativo Alagoano em 2002, concedida pelo Conselho Estadual de Educação.

O primeiro grupo de teatro de rua de Alagoas, a Associação Teatral Joana Gajuru, fundada em 29 de janeiro de 1995, além de ter o nome da mestra, criou em 1998 o espetáculo *Olé, Olé, Gajuru, o Guerreiro é Você!*

A BELEZA DA MESTRA

"A criação popular pode ser tão bela que fala por si só, e pode ser fruída e descrita em si. Um guerreiro de Alagoas, o da mestra Gajuru de Maribondo, por exemplo, cuja troupe, diga-se de passagem, não possui o menor caco de espelho que lhes permita se ver, isto é, ver a beleza de seus trajes, trajes que os fotógrafos tão bem sabem apreciar sem que lhes ocorra devolver àqueles artistas um pouco dessa beleza, na forma de um simples retratinho".

Marlise Meyer, no livro Caminhos do Imaginário no Brasil (Unesp, 1993).

GAJURU POR GAJURU

"Boa-noite, meus senhores,
Boa-noite eu venho dar,
Que a Gajuru falada,
Chegou hoje no lugar.
Pega a peça figurá
Verde, encarnado e azul,
Guerreiro da Gajuru,
Tá em primeiro lugar". A

Rinaldo Calheiros, a bela voz de Alagoas

Rinaldo Calheiros

Nascido no bairro de Fernão Velho, no dia 3 de dezembro de 1926, em uma família de oito irmãos, Rinaldo Lisboa Calheiros estudou em Maceió até a idade do serviço militar obrigatório, quando ingressou na Aeronáutica, indo fazer o curso de formação de sargento na Escola Técnica de Aviação, em Guaratinguetá, em São Paulo. Ainda na Escola de Aviação, já cantava nas festas dos amigos e era o *crooner* da orquestra militar.

Designado para trabalhar na Base Aérea de Natal (RN), criada durante a Segunda Guerra Mundial, Rinaldo Calheiros teve o talento revelado na Rádio Poti. Com pinta de galã e uma bela voz, fazia sucesso na cidade.

Nesse período, sofreu um acidente de motocicleta que ocasionou sua reforma.

Contratado pela Rádio Poti, passou a cantar pelo Nordeste.

TRAJETÓRIA

Gravou seu primeiro disco em 1955, pela gravadora Mocambo.

Em 1960 mudou-se para São Paulo, cidade na qual gravou inúmeros discos pela Continental, CBS e Columbia.

Em 1962, formou dupla com a cantora Silvana e gravaram um LP pela Copacabana, considerado o melhor e o de maior sucesso da carreira do cantor.

Rinaldo Calheiros faleceu no dia 5 de maio de 2014, em Niterói, no Rio de Janeiro.

DIA 4

Incompatibilidade no exercício dos cargos de juiz

CORREIO OFFICIAL.

Correio Oficial, 4 de dezembro de 1860

#MEMÓRIADAIMPRENSA

Ministerio da Justiça

AVISO de 22 de Setembro de 1860. Resolve dívidas sobre a incompatibilidade no exercício dos cargos de juiz de paz, vereador, e cirurgião da guarda nacional.

(...) A sua Magestade o Imperador foi presente o ofício dessa presidência sob n.30 datado de 13 de Fevereiro ultimo acompanhando cópia de outro em que o juiz de paz e vereador Domingos José Borges da villa de Cangussu, consulta; se tendo sido eleito juiz de paz e vereador e depois nomeado cirurgião da guarda nacional, deveria escursar-se de algum desses cargos por serem incompatíveis (...)

DIA 5

Hugo Santana e o "show do meio-dia"

Hugo Santana

Cantor e ator, Hugo Santana nasceu em Palmeira dos Índios, em 5 de dezembro de 1936. Com 3 anos de idade, após perder o pai, mudou-se com a mãe para João Pessoa, na Paraíba. Aos 16 anos, vai para o Rio de Janeiro tentar a vida. Lá, com o incentivo de um amigo, participou de um programa de calouros na Rádio Vera Cruz, classificando-se em 2º lugar.

Nesse período, conhece o ator alagoano Sadi Cabral, que o levou para cantar no coral do Teatro João Caetano, na peça *Não Vou no Golpe*. Embarcou com a companhia para São Paulo, onde acabou ficando.

Em São Paulo, consegue contrato com os Diários e Emissoras Associados e vê sua carreira deslanchar. Fez uma novela como galã na TV Tupi, tendo Edith Veiga como heroína, entre tantas outras.

DE GRAVADORA EM GRAVADORA

Gravou seu primeiro disco pela Chantecler em 1962, ainda em 78 rpm. Gravou também pela Continental, Odeon e Copacabana.

Foi na TV Excelsior que Hugo Santana se destacou como ator e apresentador. Durante anos, comandou o programa Show do Meio-Dia.

Em 1972, mudou-se para Porto Rico como cantor e produtor musical, retornando ao Brasil alguns anos depois. Fez alguns shows e participou de programas de rádio e TV.

Não há informação precisa sobre a data em que faleceu e como viveu seus últimos dias, que teriam sido em Rio Tinto, Paraíba. A

O desmembramento da antiga Vila das Alagoas

O dia 5 de dezembro de 1815 marca o momento histórico em que o povoado de Maceió, fundado em 1609, conseguiu autonomia administrativa em relação à Vila de Santa Maria Madalena da Alagoas, atual Marechal Deodoro, tornando-se uma vila.

A iniciativa, considerando o desenvolvimento do povoado devido ao comércio de madeira e açúcar no Porto de Jaraguá, partiu de uma proposta apresentada à Mesa de Desembargo do Paço pelo ouvidor Antonio Ferreira Batalha.

ESTÁ NO ALVARÁ RÉGIO

O resultado foi o alvará de 5 de dezembro de 1815, assinado por D. João VI, cuja ementa é: "Erige em villa as Povoações de Maceió e Porto de Pedras, o príncipe-regente João Maria de Bragança e também cria na vila de Penedo, Comarca das Alagoas, um logar de Juiz de Fóra, do civel, crime, e orphãos".

A partir de então, passou a caber à vila de Maceió dois juízes ordinários e um de órfãos, três vereadores, um procurador da Câmara, um tesoureiro, um almotacé, um alcaide com escrivão e

dois tabeliães. Também foi determinado que fosse construído na vila um pelourinho, a casa da Câmara e uma cadeia, que deveriam ser financiados com dinheiro dos moradores mais abastados da vila.

A então Vila de Maceió só seria elevada à condição de município no dia 9 de dezembro de 1839 (Veja o dia 9 nesta edição).

NA ORIGEM

Em 1972, o pesquisador Moacir Medeiros de Sant'Ana encontrou no arquivo do Instituto Histórico o testamento do capitão de ordenança Apolinário Fernandes Padilha, que esclareceu ter o engenho moído apenas por dois anos, por ter sido erguido em lugar impróprio à plantação de cana. Assim, não seria ele o determinante econômico responsável pelo surgimento e pela expansão do vilarejo. Com base no mesmo documento, Sant'Ana considera que a origem do povoado de Maceió veio de uma pequena comunidade de pescadores e do entreposto de mercadorias que nascia no porto natural nas imediações de Jaraguá.

VOCÊ SABIA?

Por muito tempo se admitia que o povoado de Maceió teve origem em um engenho de açúcar de nome Maçayó ou Maçaio-k, do étimo tupi "o que tapa o alagadiço'.

VEJA MAIS

- www.historiadealagoas.com.br
- Revista Graciliano, nº 25. Maceió: Imprensa oficial, 2015.

Cândida Sarmento

Cândida Sarmento e a grife Maria Bonita

A estilista Maria Cândida Sarmento nasceu em São Luís do Quitunde no dia 4 de outubro de 1938. Em Maceió, a partir de 1948, estudou no Colégio Sacramento e chegou a cursar Letras, mas a paixão pela costura fez com que honrasse seu dom e logo começou a empreender com a abertura, em 1973, da loja A Pretinha, sucesso na capital.

Em 1975, fundou com a sócia Malba Pimentel de Paiva, no Rio de Janeiro, a grife Maria Bonita, e anos depois abriu a primeira loja em Ipanema, que logo se tornou referência em moda feminina. Principal criadora da marca, seus modelos deslumbrantes tinham os blazers como carro-chefe.

Nos anos 1980, inaugurou a primeira loja Maria Bonita em São Paulo, nos Jardins. E encantou-se com a moda japonesa, sobretudo com Yohji Yamamoto.

VOCÊ SABIA?

Com o sucesso e lojas em várias capitais, ela criou em 1990 a Maria Bonita Extra, com a intenção de atender ao público jovem. Seu primeiro ponto de venda no varejo foi em um casarão antigo, na Rua do Comércio, em Maceió. Descobriu que estava com câncer um ano antes de morrer, em dezembro de 2002, aos 64 anos, mas criou até os últimos dias.

JAPONISMO NA MODA

"Eu me lembro uma vez que estava com a Cândida em Paris e encontramos a Glória [Coelho] inteirinha de Yves Saint Laurent, e nós estávamos completamente vendidas aos japoneses. A Cândida de Yohji Yamamoto, e eu de Comme des Garçons. A gente começou a procurar um caminho a partir da influência do japonismo dentro do nosso trabalho e traduzir isso de uma forma mais ocidental, mais autoral. Cândida foi a maior estilista brasileira". A

Clô Orozco, estilista da Huis Clos e Maria Garcia em depoimento ao jornal Gazeta de Alagoas

DIA 6

Eduardo da Fonseca — O irmão do Marechal também lutou pelo país

O major do Exército Eduardo Emiliano da Fonseca nasceu no dia 24 de julho de 1833, na cidade de Alagoas, hoje Marechal Deodoro. Foi um dos três filhos de Manuel e Rosa da Fonseca que morreram na Guerra do Paraguai. O major Eduardo morreu no dia 6 de dezembro de 1868, na batalha de

Itororó, no comando do 40º Batalhão de Voluntários da Pátria. Os outros dois eram o alferes Afonso Aurélio da Fonseca (o filho mais novo) e o capitão Hipólito Mendes da Fonseca (morto na Batalha de Curupaiti).

Eduardo Emiliano da Fonseca

MAMÃE CORAGEM

Quando as ruas comemoravam a vitória da batalha de Itororó, dona Rosa soube da morte dos filhos. Contam que, estoicamente, teria dito: "Sei o que houve, talvez até Deodoro mesmo esteja morto. Mas hoje é dia de gala pela vitória; amanhã chorarei a morte deles". A

DIA 7

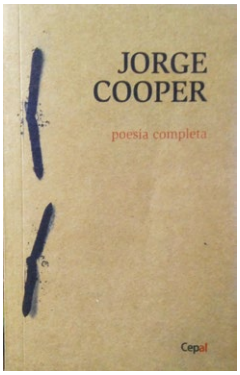
Jorge Cooper — Um cacto solitário não mais esquecido, mas incomodamente inesquecível

Jorge Cooper

A pesquisadora e filóloga italiana Luciana Stegagno Picchio disse certa vez que Jorge Cooper era um cacto solitário na poesia alagoana. Era mais: uma solidão que somava. Nascido em 7 de dezembro de 1911, fez os primeiros estudos no Externato Santa Helena e no grupo escolar Fernandes Lima, e aos 16 já era funcionário do Banco do Norte do Brasil.

O gosto pela boemia fez a fama do futuro poeta na juventude. Aos 22 pediu demissão do banco e foi para o Rio de Janeiro, mas logo voltaria para a cidade. Com a morte do pai, passou a escrever poemas, e alguns foram publicados em 1945 no Jornal de Alagoas. Também nessa época, filiou-se ao PCB.

Voltou para o Rio de Janeiro, casado, em 1950, e trabalhou no Ministério da Agricultura. Também fez revisão das revistas Fon-Fon e O Cruzeiro e foi redator do jornal O Globo. Servidor público, foi transferido para Maceió em 1969, e em 1977 foi deslocado para São Luís do Maranhão. Voltaria a viver em Maceió em 1982.



A PAISAGEM INTERIOR

Sua obra, portanto, tem a diferença de diversas paisagens, mas sempre marcadas por uma perspectiva singular — a paisagem interior de Cooper, intimista, hermética, síntese pura. Foi assim que reuniu os poemas Achados (escritos em Maceió de 1945-1950); Poesia Sem Idade (1950-1968, do Rio); Linha Sem Traço (1969-1976, Maceió); Poemas Quando em São Luís (1977-1982, São Luís); Os Últimos, Os Últimos II, Os Últimos III, Os Últimos IV (1982 a 1991, Maceió).

NOVO FÔLEGO

O filho do poeta, Charles Cooper, atribui ao escritor Marcos de Farias Costas o fato de ter dado novo fôlego ao pai quando ele retornou a Maceió, em 1982: "Foi na incontrolável manifestação de tornar Jorge Cooper conhecido dos contemporâneos, torná-lo razão de uma geração, a Geração de 1984, foi nesta sanha, foi neste contínuo dínamo que Marcos de Farias Costa invadiu a mídia de então — os velhos e novos jornais da resignada Maceió entorpecida pelos diletantismos de grupos caducas e com verbas provenientes de subsídio governamental —, formalizando a presença, segundo ele, do il miglior fabbro, o alagoano Jorge Cooper, o nem mínimo comportado *enfant terrible* dos anos quarenta do século passado que atropelou velhas ordens socioeconomico-poéticas, dando ao recém-retornado a velha vontade de dizer o que pensava sem papas na língua e com uma fascinada assistência de seletos jovens que por lá, na Maceió dos anos 1980, teimavam em pensar".

O SONHO PELO AVESSO

O primeiro livro, *Sonho pelo Avesso* — 60 Poemas Escolhidos, foi publicado em Maceió em 1986. Cooper faleceu em 28 de abril de 1991. Em 2010, a Imprensa Oficial Graciliano Ramos lançou Jorge Cooper — *Poesia Completa*, organizado por Fernando Fiúza, com textos de Lêdo Ivo, Dirceu Lindoso, Marcos de Farias Costa e José Paulo Paes.

DOIS MUNDOS

Era filho de pai inglês, Charles Michell Cooper, e da alagoana Arlinda Cavalcante de Albuquerque Cooper.

EM FILME

Em 2013, sua vida e obra viraram filme, *Jorge Cooper – A Cidade é do Poeta*, dirigido por Victor Guerra, e ganhou o Prêmio Guilherme Rogato da Secretaria de Cultura de Maceió.

POETAS "DEFINEM" COOPER

"Tive a felicidade de conviver intensamente com Jorge Cooper nos três derradeiros anos de sua existência.

Sua casa no Trapiche abrigava amantes da literatura dos 18 aos 80 anos, quase todos portadores da irreverência, da galhofa, do amor à poesia e à cerveja, e do espírito antiacadêmico. Cooper a todos dedicava férvida atenção e suave ironia. Entre nós, só o Jorge de Lima do *Livro de Sonetos* e de *Invenção de Orfeu* ousou superá-lo. Com sua concisão exemplar e seus travessos travessões, Cooper é o nosso Bashô e a nossa Emily Dickinson".

Sidney Wanderley (poeta)

"Agrada-me principalmente nos poemas de Jorge Cooper a identidade que existe entre o poeta e seu panorama natal. Projetando em seus versos as preocupações de ordem metafísica ou psicológica a que nenhum poeta verdadeiro pode fugir...".

Lêdo Ivo (poeta)

MODERNISTA

Na Coletânea dos Poetas Alagoanos, Romeu de Avellar refere-se a Cooper como "o maior representante da poesia modernista" em Alagoas.

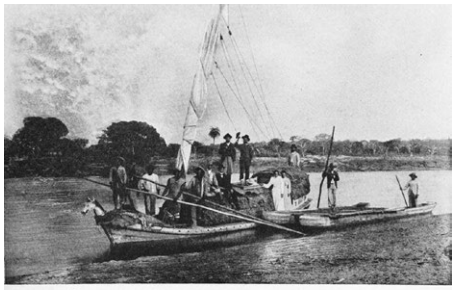
OS LIVROS

- *O Sonho Pelo Avesso. 60 Poemas Escolhidos* (1986).
- *A Solidão que Soma* (1990).
- *Noite Nova: Vigília (Antologia Poética)* (1991).
- *Jorge Cooper – Poesia Completa* (2010). A

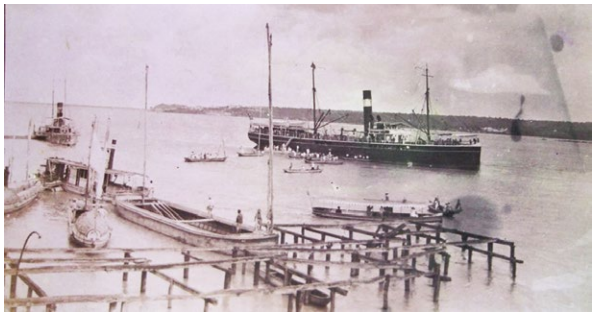
ANOTE

Velho Chico aberto para navegação

Diretamente do Palácio do Rio de Janeiro, o imperador D. Pedro II autorizou com o Decreto nº 3749, de 7 de dezembro de 1866, a abertura dos rios Amazonas, Tocantins, Madeira e Negro para os navios mercantes de todos os países, bem como a navegação do Rio São Francisco até Penedo. Justificou que, assim, estaria promovendo o "engrandecimento do Império, facilitando as relações internacionais". O conselheiro, senador do Império, ministro e secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros Antonio Coelho de Sá e Albuquerque executou a ordem. A



89. BRAZILIAN NEGROES STARTING ON A SAILING VOYAGE ON THE UPPER SAÔ FRANCISCO RIVER



DIA 8

Dia de festa no mar: religiões de matriz africana reverenciam Iemanjá

O dia 8 de dezembro tem um significado especial para os adeptos de religiões de matriz africana em Maceió e em outras cidades do Brasil. Dedicado à Nossa Senhora da Conceição na tradição católica, é nessa data que Iemanjá também é celebrada, devido ao sincretismo religioso.

OFERENDAS E FLORES

A orla, que já é naturalmente bela, sobretudo na Praia de Pajuçara, costuma receber os devotos, que trazem

oferendas como flores, perfumes e contas para agradecer e se renovarem diante da Rainha do Mar, como a divindade também é chamada.

De acordo com o etnólogo e babalaô Pierre Verger, Iemanjá (do iorubá Yèyé omo ejá, que significa "Mãe cujos filhos são peixe") originalmente é o orixá do povo Egbá, que vivia na região entre Ifé e Ibadan, na África.

MITOS E NOMES

Muitos mitos referem-se a Iemanjá como mãe de todos os orixás, daí ser símbolo da maternidade. No Brasil, também recebe nomes como Janaína, Inaê, Dandalunda, Marabô, Mucunã, Rainha do Mar, Sereia do Mar, entre outros. O dia da semana que lhe é dedicado é o sábado. Os filhos desse orixá usam colares de contas de vidro transparentes ou azul e branco e costumam vestir as cores azul-claro e branco.

OUTROS DIAS

Em outros lugares, a data em que se homenageia Iemanjá é o dia 2 de fevereiro, Dia de Nossa Senhora dos Navegantes.

RÉVEILLON

Na virada de ano, as flores e pedidos feitos à beira-mar também são dedicados à Rainha do Mar.

HOMENAGENS NA MPB

- Otto (Janaína)
- https://www.youtube.com/watch?v=_gLowvzF4RU
- Maria Bethânia (Yemanjá Rainha do Mar)
- https://www.youtube.com/watch?v=IalnmZis2lw

VOCÊ SABIA?

Iemanjá é sincretizada em Cuba com a Santa Virgem de Regla e é celebrada no dia 8 de setembro.

Pedro Armando dos Santos, o cordelista de Anadia

SAIBA MAIS

É o patrono da cadeira de nº 33 da Academia Sergipana de Cordel.

"Eis uma história passada/ No ano de dezessete:/ A Coragem de Juquinha/ Pelo Amor de Ivonete –/ Um drama que maravilha,/ Um enredo que compete...". Era com versos como esses que Pedro Armando dos Santos encantava os passageiros na estação de trem em Aracaju, Sergipe, um dos locais onde vendia seu cordel.

Nascido em Anadia em 8 de dezembro de 1928, o alagoano mudou-se ainda jovem para a capital sergipana, permanecendo por lá até sua morte, em 1985.

Escreveu em 1950 *A Seca no Sertão* ou *Aflagelo Geral*, mas foi com A Coragem de Juquinha Pelo Amor de Ivonete, em 1957, que ganhou fama em todo o Brasil.

Também são de sua autoria: *Do Jeito que Vai Agora, Frei Bernardo Falando em Nome do Padre Cícero Romão, O Sabino do Lapão, Quando o Amor Vence, Valente por Amor, Peleja de Pedro Armando com Limeira da Bahia*, entre outros. A

J. B. de Azevedo

O LYCEISTA ALAGOANO

EDITORIAL

O LYCEISTA ALAGOANO

O Lyceista Alagoano. Maceió, 8 de dezembro de 1960.

#MEMÓRIADAIMPRENSA

Ao que se sabe, êste parece ter sido o primeiro Jornal dos alunos do antigo Lyceu Alagoano, hoje, Colégio Estadual de Alagoas.

Numa época em que o jornalismo na Província dava os primeiros passos lá estavam os nossos colegas de então enfileirados, com o seu órgão em que em seu subtítulo trazia o seguinte dístico: "PERIÓDICO LITERÁRIO E RECREATIVO".

Vemos, por aí, como aquêle punhado de jovens tinha vôos altos em suas aspirações.

Graças a um artigo "comunicado" de J. Fiel, publicado no "Diário de Alagoas" de 9 de março de 1859, datado de 7 de Março do mesmo ano, citado pelo nosso professores do ditador Abelardo Duarte, em "Notas para a história do Colégio Estadual de Alagoas". A

CULTURA WASSU-COCAL

Nossa Senhora da Conceição e dança do Toré

O dia 8 de dezembro é dedicado a Nossa Senhora da Conceição. A celebração faz parte do sincretismo religioso e místico entre o catolicismo e a cultura do viver indígena. Ocorre durante todo o dia, encerrando-se no final da tarde com a procissão até a Pedra Sagrada, localizada na Aldeia Serrinha, após a celebração da Missa e Dança do Toré. A

Procissão até a Pedra Sagrada

DIA 9

Lourival de Mello Motta — Um médico e político singular e solidário

Mello Motta

A Academia Palmeirense de Letras, Ciências e Artes informa que Lourival de Mello Motta, nascido em Palmeira dos Índios no dia 9 de dezembro de 1906, fez seus primeiros estudos na região e passou a infância entre os Xucuru-Kariri.

Depois de concluir em 1923 os estudos no Liceu, em Maceió, foi morar no Rio e formou-se em Medicina, em 1930. De volta a Palmeira em 1931, chegou a abrir um consultório, mas logo optou pela política. Foi eleito deputado em 1934 e foi morar em Maceió, onde também atuou como médico, se tornando um dos primeiros a trabalhar com Radiologia, dedicando-se, particularmente, a estudos sobre tuberculose. Especializou-se na área e fez parte de várias sociedades científicas no Brasil e no exterior. Conseguiu conciliar a ciência com a política e foi reeleito deputado estadual em 1947 e 1950.

MEDICINA E SERVIÇO SOCIAL

Além de atuar como professor de Medicina, manteve um consultório em Maceió de agosto de 1937 a dezembro de 1976. Recebeu o título de Professor Emérito da Universidade Federal de Alagoas. Morreu no dia 17 de julho de 1990, aos 84 anos.

Foi um dos fundadores da Escola de Serviço Social Padre Anchieta e da Associação da Imprensa de Alagoas.

SAIBA MAIS

Lourival era filiado ao Sindicato dos Jornalistas e fundou o jornal Diário do Povo para defender suas ideias, denunciando o abuso de poder local. O jornal foi destruído em 22 de dezembro de 1949.

Evitou a prisão de vários alunos nas dependências da Faculdade de Medicina durante o Golpe de 1964.

É patrono da cadeira nº 7 da Academia Palmeirense de Letras, Ciências e Artes, fundada em 21 de junho de 2000.

MEMÓRIAS

É autor do livro *Retrato de uma Época*. A

Maceió virou cidade e capital de Alagoas

Com a Resolução Legislativa nº 11, em 9 de dezembro de 1839, o presidente da Província de Alagoas desde abril de 1838, Agostinho da Silva Neves, elevou Maceió à categoria de cidade e capital de Alagoas.

ORDEM DO TESOURO

No mês de outubro daquele ano, cumprindo ordem do Tesouro Imperial, determinou a transferência da tesouraria geral e do cofre, localizados na Vila de

Alagoas (Marechal Deodoro). No dia 27, uma representação popular assinada por 106 pessoas foi encaminhada para ele pedindo que reconsiderasse a proposta. Tudo estava sendo conduzido com equilíbrio, mas, de acordo com Moreno Brandão, um episódio de "mínima importância" mudaria os ânimos da população de Marechal.

ACUSAÇÃO DE ÓDIO

O doutor José Tavares Bastos, que havia sido designado juiz de Sergipe, foi informado que Neves recebeu uma representação que o impediria de assumir o cargo. Ele teria inflamado a população quando disse: "O presidente dessa província propositadamente procura todos os modos de deixar patente seu ódio à cidade de Alagoas".

No dia 29, o major Manoel Mendes da Fonseca dirigiu-se ao Palácio e conseguiu mobilizar a tropa do Palácio para a rebelião, mantendo Neves preso e, posteriormente, levado ao barco Dois Amigos para sair da província.

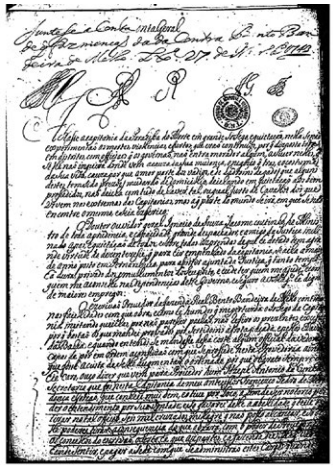
REFORÇO MILITAR

O vice-presidente João Luiz Vieira Cansanção, contudo, articulou-se pedindo reforço militar de Pernambuco e da Bahia e conseguiu que o comandante do navio trouxesse Silva Neves para Maceió, que retoma o governo no dia 14 de novembro. Mendes da Fonseca foi preso em Sergipe e enviado para a Corte.

A transferência da capital para Maceió foi aprovada pela Assembleia Legislativa Provincial em 3 de dezembro, e o projeto foi sancionado no dia 9 de dezembro de 1839. Maceió tornou-se capital de Alagoas e foi instalada em 16 de dezembro de 1839.

ANOTE

A carta e a Emancipação Política de Alagoas



No dia 9 de dezembro de 1797, o capitão-mor e escrivão proprietário da Fazenda Real da Alfândega da Capitania da Paraíba, Bento Bandeira de Melo, enviou uma carta ao secretário de estado da Marinha e Ultramar, conde de Linhares, D. Rodrigo de Sousa Coutinho, tratando da geografia, navegação e produtos comercializados em Alagoas e a conveniência de se criar governo independente do de Pernambuco, à semelhança do que fez a Paraíba, o Rio Grande do Norte e o Ceará. A

LEIA AQUI

- http://acervo.redememoria.bn.br/redeMemoria/handle/123456789/5798 4

DIA 10

ANOTE

Santa Luzia da Alagoa do Norte elevada a categoria de vila

O município de Santa Luzia do Norte, instalado em 15 de dezembro de 1962, também já foi chamado de Santa Luzia de Siracusa e Outeiro de São Bento. Foi elevado à categoria de vila com a denominação de Santa Luzia do Norte pelo decreto de 10 de dezembro de 1830. Antes dessa data, pertencia a Alagoas, sede na povoação de Santa Luzia da Alagoa do Norte, atual Marechal Deodoro. A

DIA 11

O Assalto, a voz do povo e a renúncia de Arnon

Proclamação de LuiZ Carlos Prestes
A Voz do POVO
O Assalto A Voz Do Povo E A Renuncia De Arnon

A Voz do Povo. Maceió, 11 de dezembro de 1955

#MEMÓRIADAIMPRENSA

No dia 11, quando as forças democráticas representadas pelo Exército, parte da Marinha e da Aeronáutica, pelo Parlamento e pelo povo, vibraram um Rude golpe esmagador na cabeça dos golpistas e traidores da Pátria a serviço do imperialismo americano, em Alagoas, o governo golpista do sr' Arnon de Mello punha em execução o plano territorial dos golpistas com assalto A VOZ DO POVO.

A polícia de bandidos de Arnon, chefiada pelo (...)Álvaro Flores, ferindo a Constituição do país praticava um verdadeiro assalto ao nosso jornal. Não só depredou, empastelou, como também roubou todos os materiais redacionais que lá se encontravam arquivos, livros, revistas, etc, e prendeu ainda, os gráficos que lá estavam trabalhando. O operário Renalvo Siqueira dos Santos não só foi preso como barbaramente espancado, estando o seu estado de saúde a inspira cuidados médicos. A

DIA 12

Freitas Cavalcanti, um alagoano na corte de contas

Freitas Cavalcanti

Descendente de tradicional família alagoana, com larga influência na vida pública do Estado, Antônio de Freitas Cavalcanti nasceu no dia 12 de dezembro de 1908 em Penedo, filho de Augusto Vieira Cavalcanti e de Aurora de Freitas Cavalcanti.

Foi eleito deputado federal em 1945 e em 1950 e senador em 1955, sempre pelo Partido da União Democrática Nacional (UDN). No Senado, ainda em 1955, passou a ocupar o cargo de segundo-secretário da Mesa Diretora da Casa. Exerceu o mandato até maio de 1961, quando foi nomeado pelo presidente Jânio Quadros ministro do Tribunal de Contas da União (TCU), cargo em que se aposentou em novembro de 1977.

Faleceu em Maceió no dia 29 de agosto de 2002. Era casado com Deolinda de Freitas Cavalcanti, com quem teve cinco filhos. A

DIA 13

No dia 13 de dezembro de 2017 a Secretaria de Comunicação do Estado lançou o Ex Caboré Libris Secom-AL. Elaborado pelo designer Cícero Rodrigues a peça gráfica é aplicada nas obras inéditas e reedições que fazem parte da Coleção Secom. A

Crime e Castigo – Sem orçamento não teremos o Curso Noturno

Gazeta de Alagoas, 13 de dezembro de 1952

#MEMÓRIADAIMPRENSA

O pleito transcorreu sem qualquer incidente
CRIME E CASTIGO
Parque elles não falaram...
EISENHOWER CHEGA A HAVAI
GAZETA DE ALAGOAS
Abono antes do Natal
UNDERWOOD

*Revoltosos colombianos teriam invadido território brasileiro

*Telegrama do gov. Arnon de Mello ao Min. Negrão de Lima – "Juizes do Tribunal Eleitoral e figuras de maior projeção na vida alagoana são acordes em afirmar que jamais se verificou nesta capital pleito tão livre". A

DIA 14

CULTURA JERIPANKÓ

Flechada do umbu e puxada do cipó

Ervison Wyraktã

Esse ritual é realizado durante a primeira safra do fruto do umbu, encontrado no mês de dezembro. A fruta é colhida por um indígena, numa data previamente marcada, sempre num final de semana do mês de dezembro.

Atenção: data móvel. A

DIA 15

CULTURA KARIRI-XOCÓ

Festa da Nossa Senhora da Conceição

Nhenety Kariri-Xocó

Nos dias 15, 16 e 17 de dezembro é realizada a festa da padroeira nossa Senhora da Conceição na

Aldeia, com Celebração da Missa, Dança Indígena do Toré e procissão da imagem.

Atenção: data móvel no mês de dezembro. A

DIA 16

ANOTE

Fundação da Associação Comercial de Penedo

O Instituto Comercial Penedense, criado em 1883, presidido por Manuel Clemente do Monte, durou pouco, mas, de acodo com Aminadab Valente, em *Penedo: Sua História* (1957), inspirou a criação da Associação Comercial de Penedo.

O Decreto Municipal nº 1835, de 6 de agosto de 1930, concedeu isenção de impostos à associação, tornando possível a aquisição do terreno onde foi construído o imponente prédio, em 1935, com fachada no estilo art déco, planta de Aurelio Phidias, sob a administração de construção de Ademário Belo. A

VISITE

Associação Comercial de Penedo – Av. Mal. Floriano Peixoto, 203 – Penedo/AL.

DIA 17

ANOTE

Expoagro - Incentivo à pecuária

A 1ª Exposição Agropecuária de Produtos e Derivados de Alagoas (Expoagro) foi aberta em 17 de dezembro de 1944, durante a inauguração do Parque 5 de Julho (Parque da Pecuária), no bairro do Prado, em Maceió.

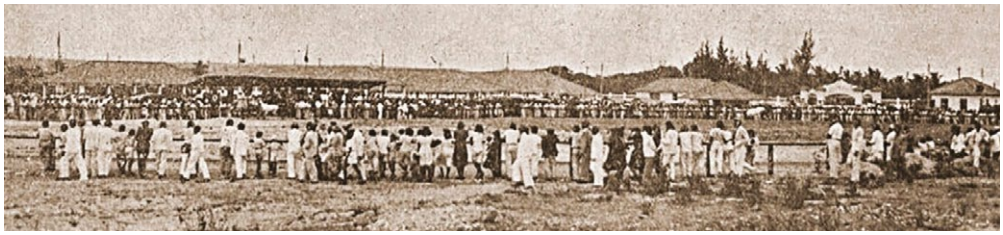
Após a mostra inicial, várias exposições ocorreram nos anos seguintes, todas bem-sucedidas. Como resultado desse evento inicialmente organizado pelo Governo do Estado, foi fundada em 27 de junho de 1955 a Associação dos Criadores de Alagoas

(ACA). Seu registro ocorreu em 27 de setembro do mesmo ano, já considerada de utilidade pública.

DOAÇÃO

O Parque da Pecuária foi doado pelo Estado de Alagoas a essa sociedade civil em 10 de agosto de 1966, quando já era denominado Parque de Exposições José da Silva Nogueira, em homenagem a um de seus idealizadores.

Realizada até hoje, a Expoagro segue os mesmos princípios que nortearam a sua criação: incentivar a melhora do rebanho alagoano, fomentando a economia do Estado. A



DIA 18

ANOTE

Criação do município de Roteiro

Com uma área de 129.242km², Roteiro tem o privilégio de possuir a paradisíaca Praia do Gunga, que une as águas do Atlântico com as do Rio São Miguel, a 43km de Maceió. O município teve sua emancipação política de São Miguel dos Campos em 18 de dezembro de 1963, sendo instalado em 1966. Não é todo mundo que tem uma praia como a de Roteiro para se orgulhar! A

DIA 19

Dom Avelar Brandão, um profeta da paz

Dom Avelar Brandão

"Onde termina a justiça social e começa a subversão?". Com essa frase provocativa, D. Avelar Brandão Vilela questionou os membros da Comissão Bipartite, formada por lideranças religiosas e militares, que buscava mediar conflitos durante a ditadura, em 1971. Essa foi apenas uma das ações que levaram o líder católico nascido em Viçosa em 19 de dezembro de 1912 a perserverar nos ideais de justiça social e direitos humanos defendidos pela Igreja.

Dom Avelar Brandão Vilela foi ordenado padre em 1935, em Sergipe. Vários cargos sucederam-se, como o de bispo em Petrolina (PE) e arcebispo de Teresina (PI).

Nos anos 1960, ganhou destaque na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), quando presidiu o Conselho Espiscopal Latino-Americano na II Conferência do Celam, que lançaria as bases da doutrina conhecida como Teologia da Libertação.

PRIMAZ DO BRASIL

Tornou-se o 23º arcebispo de Salvador e primaz do Brasil em 30 de maio de 1971, cargo que ocuparia até 1986, e em 1973 foi designado pelo Vaticano como cardeal.

OS POBRES PRIMEIRO

Com a perseguição a muitos religiosos nos anos 1970, devido à opção preferencial pelos pobres, o tom moderado sobressaiu-se. E mesmo afirmando que suas posições eram mais pastorais do que políticas, defendeu o cumprimento de prazos para a redemocratização, pediu a revisão das penas para os exilados e foi favorável à anistia. Nos anos 1980, defendeu a liberdade de expressão, o direito à greve e a reforma agrária.

Morreu em 19 de dezembro de 1986.

AS BIOGRAFIAS

Dom Avelar Brandão Vilela: Cardeal Primaz do Brasil, do sociólogo Marcos Vasconcelos Filhos, lançada

em 2012 pela Fundação Teotônio Vilela.

A jornalista Sônia Maria dos Santos é autora do livro *O Bispo de Todos os Tempos: Uma Biografia de Dom Avelar Brandão Vilela*, fruto de uma dissertação que foi publicada pela Editora da UFPI. A

De Shakespeare a Nelson Rodrigues: Sônia Oiticica

Sônia Oiticica

Primeira atriz brasileira a interpretar Julieta, do texto de William Shakespeare, e Zulmira e Moema, personagens da obra de Nelson Rodrigues, Sônia Oiticica nasceu em Rio Largo em 19 de dezembro de 1918. De uma família ligada às artes, notadamente ao teatro, passou sua infância e adolescência no Rio de Janeiro.

Iniciou sua carreira no Teatro do Estudante do Brasil (TEB), escola fundada por Paschoal Carlos Magno, onde atuou na primeira montagem brasileira de *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare, em 1938.

Estreou no teatro profissional em 1940, na peça *Feia*, de Paulo Magalhães.

Depois de passar dois anos estudando na França, retorna em 1952 e participa de *Jézabel, Week-End* e J*á É Manhã no Mar*.

Em 1953, é contratada pela Companhia Dramática Nacional para integrar o elenco oficial e protagoniza os espetáculos *A Falecida*, de Nelson Rodrigues, interpretando a personagem Zulmira, e *A Raposa e As Uvas,* de Guilherme Figueiredo. No ano seguinte atua em *Senhora dos Afogados*, de Nelson Rodrigues, como Moema.

Em 1957, é convidada a atuar em novo texto de Nelson, *Perdoa-me Por Me Traíres*.

Na década de 1960, faz *O Soldado Tanaka; Manhãs de Sol; Os Últimos; A Moreninha;* e *Intriga e Amor*.

Nos anos 1970 e 90, interpreta mais dois textos de Nelson Rodrigues: *O Anti-Nelson Rodrigues* e *Vestido de Noiva*, entre outras peças.

Sônia Oiticica faleceu em 26 de fevereiro de 2007, em São Paulo. Teve cinco filhos. A

SAIBA MAIS

Trabalhou na Rádio Mayrink Veiga e no Ministério da Educação.

No cinema, fez *Pureza; A Moreninha; O Desconhecido; O Peixe Assassino; O Caso Cláudia; Os Noivos; Bonitinha, Mas Ordinária.*

Na televisão integrou o elenco de *Redenção; As Minas de Prata; Legião dos Esquecidos; As Professorinhas; Ana; O Bolha; Cavalo de Aço; Gabriela; Nina; As Gaivotas; Dulcinéa Vai à Guerra; Os Adolescentes; Ninho de Serpente; O Campeão.* A

LEIA

Coleção Aplauso/Perfil: *Sônia Oiticica: Uma Atriz Rodrigueana?*

ANOTE

Criação da Cooperativa dos Usineiros de Alagoas

A Cooperativa dos Usineiros de Alagoas tem sua origem em 6 de outubro de 1933, quando foi constituída a Comissão de Vendas dos Usineiros de Alagoas, reunindo as usinas Cansanção de Sinimbu, Peixe Grande, Campo Verde, Brasileiro, Santo Antônio, Central Leão, Serra Grande, Uruba, Alegria/Mucuri, São Semião, Santa Ana, Terra Nova, João de Deus, Água Comprida, Usina Ouricuri e Camaragibe.

Dez anos depois, quando o funcionamento das cooperativas foi regularizado, a Cooperativa dos Usineiros de Alagoas é instituída em 17 de dezembro de 1943.

OUTROS NOMES

Cooperativa Regional dos Produtores de Açúcar de Alagoas (1974).

Cooperativa Regional dos Produtores de Açúcar e Álcool de Alagoas (1986). A

DIA 20

As muitas cenas de Romeu de Avellar

Romeu de Avellar

Jornalista e dramaturgo, Romeu de Avellar (pseudônimo de Luís de Araújo Morais) nasceu em São Miguel dos Campos em 23 de março de 1893. Fez curso preparatório no Liceu Alagoano, e seus muitos interesses levaram-no a cursar Odontologia no Rio de Janeiro, Veterinária, em Minas Gerais, e quando voltou ao Rio, formou-se em Direito. Entre uma graduação e outra, também escreveu contos, crônicas e romances.

Dirigiu jornais como A Imprensa, Diário de Maceió, As Vespas e colaborou em muitos periódicos, como o Correio Mineiro, Brasil Literário, Mundo Literário, Revista da Semana, Ilustração Brasileira, O Malho, Vamos Ler, Noite Ilustrada, Pan, Lupin, entre outros.

VOCÊ SABIA?

Em Maceió, dirigiu a Imprensa Oficial e foi delegado do Instituto de Pensão e Aposentadoria dos Comerciários.

Membro da Academia Alagoana de Letras, ocupou a cadeira 32 e é patrono da cadeira 14 do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas.

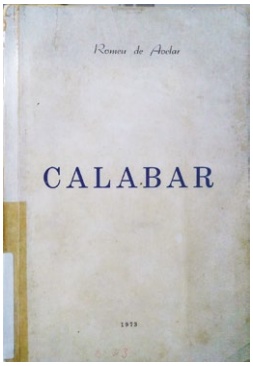
Em Belo Horizonte, foi amigo de Juscelino Kubitschek, que cursava Medicina.

Romeu traduziu livros como *A Louca de Bequeló*, de Lourenço F. *d 'Auria; Os Homens do Wharf*, de André Demaison; *Memórias do Dr. Watson*, de Conan Doyle, e *A Bengala de Balzac*, de Emile Geraldin, para a Casa Editora Vecchi.

Em 2015, a editora Chiado publicou o livro de contos

Pirongas, escrito em 1972 e inédito até então.

Morreu num acidente de carro em 20 de dezembro de 1972, em Leopoldina (MG).



AS OBRAS

- *Tântalos* (1921).
- *Os Devassos* (1923).
- *A Sombra do Presídio* (1928).
- *Numa Esquina do Planeta* (1932).
- *Calabar, Interpretação Romanceada do Tempo da Invasão Holandesa* (1938).
- *Crônicas de Ontem e de Hoje* (1948).
- *General Góis Monteiro: O Comandante de um Destino* (1949).
- *Antologia de Contistas Alagoanos* (org., 1970). A

NA DRAMATURGIA

- *Pensão de D. Brígida.*
- *O Último Deputado.*
- *Não Há Felicidade.*

ANOTE

Instalação da Vila de São João de Anadia

Conhecida antigamente como Campos do Arrozal de Inhauns, Anadia passou a ser chamada de Vila Nova de São João de Anadia quando foi elevada à categoria de vila, em 19 de julho de 1801, e instalada em 20 de dezembro do mesmo ano. Sua comarca foi criada em 1838. A festa da padroeira da cidade, Nossa Senhora da Piedade, é celebrada no dia 24 de janeiro. A

O reitor João Azevedo e a cultura na Ufal

João Azevedo nasceu em Maceió, em 20 de dezembro de 1945.

Aos 33 anos, após ocupar os cargos de diretor da Faculdade de Filosofia, Letras e Artes, pró-reitor de Planejamento e vice-reitor, foi reitor da Universidade Federal de Alagoas.

Membro da Academia Alagoana de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, exerceu função no Ministério da Educação com ação relevante no impulso às Escolas Técnicas Federais. Como gestor público teve alcance visionário, sempre voltado para a Educação e a Cultura.

João Azevedo pensava a Educação à luz da política pública em relação direta com os projetos de reformas sociais. O reitor morreu em Maceió, no dia 8 de dezembro de 1999.

MARCOS DE GESTÃO (1979-1983)

Instalação do Museu Théo Brandão no prédio/sede da Avenida da Paz.

Criação do Departamento de Artes, Pinacoteca Universitária, Orquestra de Câmara e o Projeto Zumbi

Adquiriu a Casa do poeta Jorge de Lima, em União dos Palmares, onde é instalado um Centro de Estudos Afro-Brasileiros

TOMBAMENTOS

Trabalhou incansavelmente pelos tombamentos da Serra da Barriga, pelo Iphan e dos prédios do Museu Théo Brandão e da Associação Comercial de Maceió pelo Governo de Alagoas.

DIA 21

Incendiado o arquivo do Partido Comunista

JORNAL DE ALAGOAS

MOLOTOV MODIFICA OS PLANOS DE VIAGEM

Incendiado o arquivo do Partido Comunista

"Feira-livre" de Natal na praça da Independência

Trabalhadores de todo o país contra a subida alarmante do custo da vida nacional

Gazeta de Alagoas, 21 de dezembro de 1946

#MEMÓRIADAIMPRENSA

Depredadas as instalações do comitê metropolitano. Fugiu de automóvel o deputado Carlos Mariguela — lançado pela janela um operário comunista

*Julgamento de 27 mil nazistas pelo tribunal internacional de crimes de guerra

* "Feira livre" de Natal na praça da Independência - Serão vendidos os principais gêneros de primeira necessidade

*Trabalhadores de todo o país contra a subida alarmante do custo de vida nacional

DIA 22

Terremoto e maremoto assolam o Japão

JORNAL DE ALAGOAS

TERREMOTO E MAREMOTO ASSOLAM O JAPAO

Protesta o governo polonês

DESAFIADO E TRAIDO

Hoje- 8 paginas 60 centavos

BEVIN RESPONDERA' AS CRITICAS

Nota da embaixada soviética sobre o incidente de Moscou

Gazeta de Alagoas, 22 de dezembro de 1946

#MEMÓRIADAIMPRENSA

*Terremoto e maremoto assolam o Japão - Cincoenta localidades sofreram graves danos. As aguas invadiram as terras. Inundada a Ilha Shikoky

*Protesta governo polonês contra auxílio do governo britânico aos grupos partidários "Hostis ao atual governo da polônia"

Desafiado e Traido - Murilo Marroquin para os Diários Associados

*Bevin responderá às criticas - Nota da embaixada soviética sobre incidente em Moscou

*Acusado o sr. Soares Pina de praticar desatinos – O sr. Yakov Suritz esteve no Itamarati – outras versões sobre o caso e sobre o caso e sobre o diplomata brasileiro nele envolvido

Hoje - 8 páginas 60 centavos

DIA 23

Renato Mendonça — Um diplomata destacado pela produção intelectual

Renato Mendonça

Nascido em 23 de dezembro de 1912, em Pilar, Renato Mendonça (Firmino Maia de Mendonça) perdeu os pais muito cedo e foi morar com um tio no Rio de Janeiro. Formado em Letras e em Direito, o futuro diplomata lançou o livro *A Influência Africana no Português do Brasil*, aos 21 anos.

Começou a ensinar Língua Portuguesa em 1933, no Colégio D. Pedro II, e, no ano seguinte, fez concurso para o Ministério das Relações Exteriores, tendo trabalhado ao longo de mais de quatro décadas no Japão, México (onde também ensinou na Universidade Nacional), Portugal, Espanha, Bélgica, Holanda e Chile. Foi embaixador na Índia, em 1965, e em Gana, de 1970 a 1971. De volta ao Brasil, trabalhou no Ministério da Educação até se aposentar. Morreu em 25 de outubro de 1990.

SAIBA MAIS

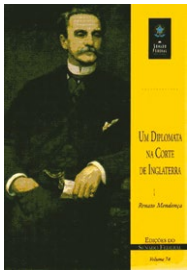
Em sua primeira missão, em 1935, integrou a delegação que foi à Conferência de Paz para a solução do conflito do Chaco (entre a Bolívia e o Paraguai), em Buenos Aires.

Renato Mendonça era um colecionador de mapas dos séculos 16 a 18 e realizou uma grande exposição no Centro Lume, do Rio de Janeiro, em julho e agosto de 1972.

Ingressou na diplomacia por concurso, em julho de 1934, quando foram selecionados três candidatos, entre eles o escritor João Guimarães Rosa, autor de *Grande Sertão: Veredas*.

NA IMPRENSA

No Rio de Janeiro, colaborou com o Jornal do Comércio, Diário Carioca, A Manhã e O Jornal e escreveu nas revistas Observador Ecônomico e Financeiro, Revista de Imigração e Colonização, Revista do Comércio e Revista Brasileira.



PRINCIPAIS OBRAS

- *A Influência Africana no Português no Brasil* (1943).
- *O Negro no Folclore e Na Literatura do Brasil* (1935).
- *Um Diplomata na Corte da Inglaterra (O Barão de Penedo e Sua Época)* (1942).
- *Pequena História Del Brasil* (1944).
- *A Recuperação Econômica do Nordeste* (1954). A

LEIA TAMBÉM

História da Política Exterior do Brasil: do Período Colonial ao Reconhecimento do Império (1500-1825), de Renato Mendonça, foi relançado pela Funag, em 2013.

Ib Gatto Falcão — Saúde, educação e arte: o tripé de um homem de grandes realizações

Ib Gatto

Nascido em 20 de março de 1914, em Maceió, o médico Ib Gatto Falcão estudou no Liceu Alagoano e formou-se na Faculdade de Medicina da Bahia, em 1935. Na área médica, trabalhou em diversas instituições de Maceió e especializou-se em Oncologia.

Além da Medicina, dedicou-se à Educação, ensinando Pedagogia, Didática e Metodologia no Instituto de Educação, no Colégio Santíssimo Sacramento e no Asilo das Órfãs. Foi um dos fundadores e o primeiro diretor da Faculdade de Medicina de Alagoas, em 1950. Faleceu em 23 de dezembro de 2008.

VÁRIAS SECRETARIAS

Como gestor, foi secretário Estadual de Saúde e Assistência Social, em 1961; secretário Estadual de Planejamento, em 1967; fundou e dirigiu a Escola de Ciências Médicas, em 1970, e foi secretário de Saúde em 1986.

SAIBA MAIS

Ib Gatto concebeu o Hospital da Agroindústria do Açúcar

e do Álcool, que dirigiu por muitos anos.

Assumiu a cadeira nº 3 do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas em 1949.

O Cepa, Centro Educacional de Pesquisas Aplicadas, inaugurado em 1958, em Maceió, teve em Ib Gatto o grande articulador para sua concretização.

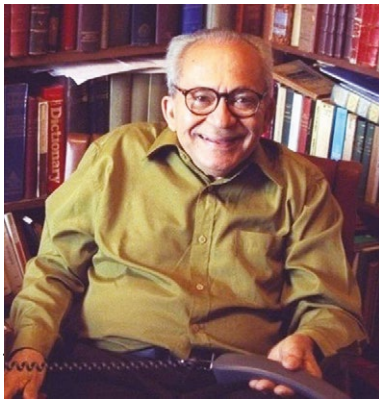
Presidiu a Academia Alagoana de Letras de 1988 a 2007.

Sua última realização na presidência na Academia Alagoana de Letras foi a restauração da Casa Jorge de Lima, na Praça Sinimbu, em Maceió. A

Lêdo Ivo, um poeta imortal na fronteira dos gêneros

"O sentimento do berço e da raiz sempre me acompanhou. Jamais deixei de ouvir, mesmo nos sonhos, o apito dos navios desaparecidos e o rumor infindável das ondas desdobradas do grande mar alagoano – e na noite larga e estrelada, os seus currais de peixe continuam avançando em minha direção, num chamamento ou numa advertência".

A declaração do sentimento do poeta e escritor Lêdo Ivo, nascido em 18 de fevereiro de 1924 em Maceió, é o reconhecimento de que sua obra não existiria sem o que viveu em Alagoas. Trata-se de uma obra colossal, que conquistou vários prêmios e levou o alagoano que estudou no Grupo Escolar D. Pedro II e no Colégio Diocesano à Academia Brasileira de Letras.



Lêdo Ivo

DURANTE A INFÂNCIA

Lia com voracidade os títulos da Coleção Terramarear e sonhava com o mundo nas páginas da National Geographic. Muitos episódios de seus futuros livros recuperam fatos que viveu em Alagoas. Foi assim, por exemplo, com uma raposa que foi morta a pauladas no sítio em que morou e tornou-se um personagem emblemático do livro *Ninho de Cobras*.

NOS JORNAIS

Em Maceió, Ivo colaborou em jornais como o extinto Jornal de Alagoas, e essa vocação se fortaleceria em Recife, para onde se mudou em 1940. Publicou poemas e artigos na imprensa e participou no ano seguinte do I Congresso de Poesia do Recife. Foi ali que se deu sua primeira formação literária, animado com a vida boêmia, escrevendo poemas no Café Lafayete.

GERAÇÃO DE 45

Em 1943 foi para o Rio, onde trabalhou como jornalista em veículos como Tribuna da Imprensa e revista Manchete, escrevendo também no O Estado de São Paulo e fazendo editoriais para o Correio da Manhã. Lançou o primeiro livro, *As Imaginações*, em 1944, e no ano seguinte ganhou o Prêmio Olavo Bilac, da Academia Brasileira de Letras, com *Ode e Elegia*.

Estudou na Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil, formando-se em 1949, mas não exerceu a profissão. Nesse ano, apresentou no Museu de Arte Moderna de São Paulo a conferência A Geração de 1945.

O IMORTAL

Em 13 de novembro 1986, tornou-se um imortal na Academia Brasileira de Letras, o quinto ocupante da cadeira nº 10, na sucessão de Orígenes Lessa. Ao longo da vida, escreveu poesia, reportagens, romances, contos, crônicas e ensaios, sempre com o olhar de poeta.

POESIA COMPLETA

A primeira edição do livro *Lêdo Ivo: Poesia Completa* (1940 -2004) foi editada pela editora Topbooks em 2004. Dois anos depois, ele doou seu arquivo pessoal para o Instituto Moreira Salles – IMS, de São Paulo. Mas o bardo continuou a escrever. Publicou *Réquiem* e *Mormaço*, escritos entre 2005 e 2010.

MORTE EM SEVILHA

Morreu no dia 23 de dezembro de 2012, em Sevilha, Espanha, aos 88 anos, ao lado do filho Gonçalo e dos netos.

Dias antes, disse ao filho e ao poeta Martín López-Vega que estava escrevendo um novo livro.

PRINCIPAIS PRÊMIOS

1982: Prêmio Mário de Andrade, da Academia Brasiliense de Letras pelo conjunto da obra.

1990: Intelectual do Ano, Troféu Juca Pato.

2008: Prêmio de Poesia del Mundo Latino Victor Sandoval (México).

2009: Prêmio de Literatura Brasileira da Casa de las Américas (Cuba).

2010: Prêmio Rosalía de Castro (Espanha, 2010).

VOCÊ SABIA?

O poeta foi casado com Maria Lêda Sarmento de Medeiros Ivo (1923-2004) e teve três filhos: Patrícia, Maria da Graça e Gonçalo.

Traduziu *A Abadia de Northanger*, de Jane Austen; *Nosso Coração*, de Guy de Maupassant; *Uma Temporada no Inferno* e *Iluminações*, de Arthur Rimbaud, e *O Adolescente*, de Dostoiévski.

As editoras espanholas El Gallo de Oro e Saltadera lançaram os livros Réquiem e Isla de Mi, de Lêdo Ivo, em 2017. Ambos têm prólogo e tradução do poeta e escritor hispânico Martín López-Vega.

ALGUMAS OBRAS

- *Poesia Completa* – 1940-2004 (2004).
- *Ninho de Cobras* (1973).
- *Confissões de Um Poeta* (1979).
- *O Aluno Relapso* (1991). A

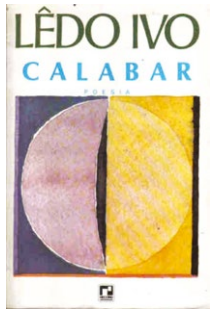
ASSISTA

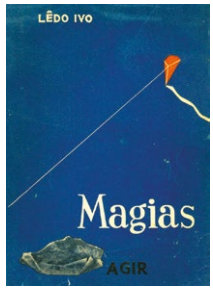
Imagem Peninsular de Lêdo Ivo, documentário dirigido por Werner Salles Bagetti, de 2003.

https://www.youtube.com/watch?v=svi3CPMHjIU

SAIBA MAIS

Lêdo Ivo de Corpo Inteiro. Moacir Medeiros de Sant'Ana (1995).
A Trajetória Poética de Lêdo Ivo. Assis Brasil (2006).





Tradição e fé em Palmeira

Cultura Xucuru-Kariri e o novenário Nossa Senhora do Amparo

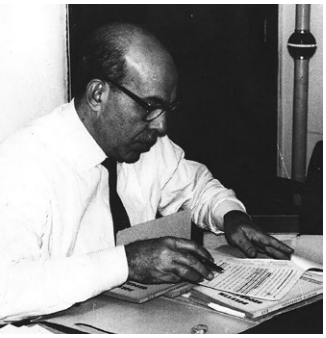
No dia 23 de dezembro acontece a abertura da Festa do Novenário Nossa Senhora do Amparo. A comemoração tradicional do município de Palmeira dos Índios é realizada pelos indígenas Wakonã-Kariri-Xucuru. Os festejos começam às 6h, em frente à Igreja Matriz, com queima de fogos de artifícios e banda de pífanos.

Ao meio-dia, uma nova concentração, na Catedral, com mais queima de fogos e músicas tradicionais. Na sequência da procissão com a imagem da Padroeira tem a dança do Toré, manifestação cultural indígena dos povos originários do Nordeste. A festa termina após a celebração da Santa Missa, com cânticos das vozes do coral indígena.

DIA 24

Alberto Passos Guimarães, um pensador militante

Apesar de ter estudado formalmente até os nove anos, Alberto Passos Guimarães, nascido em Maceió no dia 16 de abril de 1908, é autor de uma obra vigorosa.



Alberto Passos Guimarães

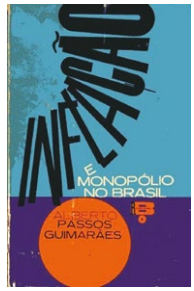
Em Maceió, foi comerciante e escreveu em jornais operários, como A Vanguarda Operária, e fundou em 1931, com Valdemar Cavalcanti, a revista Novidade. Aí tem início sua militância no PCB, quando também passou a integrar a comissão de adesão do Diretório Central da Aliança Nacional Libertadora, presidido por Ruy Soares Palmeira.

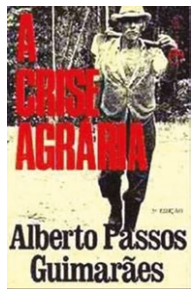
Em 1940, mudou-se para Salvador e participou da delegação baiana em 1944 do Iº Congresso Brasileiro de Escritores, realizado em 1945, tendo colaborado com a fundação do jornal comunista Momento. Nesse mesmo ano, foi morar no Rio de Janeiro, trabalhando como representante comercial.

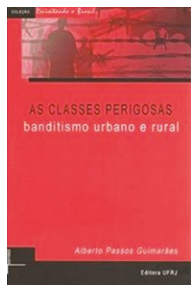
FAVELAS INSERIDAS

Nos anos 1950, trabalhou no IBGE (quando passou a inserir as favelas nos recenseamentos oficiais), e no final dos anos 1960, na Rede Ferroviária Federal, mas sempre dedicou-se à militância, com atuação em jornais como o Para Todos (fundado com Jorge Amado e Oscar Niemeyer) e na direção do jornal Hoje.

Tornou-se um intelectual respeitado na vida brasileira e referência fundamental para o pensamento crítico nas décadas seguintes, lançando livros que ainda hoje são relançados como referência.







SAIBA MAIS

Durante o Estado Novo, militantes do PCB foram acusados de articular um assalto a um banco, e Guimarães foi preso no dia 3 de janeiro de 1939, condenado a cinco meses de prisão.

Fez parte do grupo que escreveu a Declaração de Março – documento sobre a política do Partido Comunista Brasileiro –, divulgada em 1958.

Já aposentado, foi convidado por Antônio Houaiss para a criação e redação da *Enciclopédia Mirador* (do grupo Enciclopédia Britânica do Brasil).

Faleceu no dia 24 de dezembro de 1993, no Rio de Janeiro.

TÍTULOS FUNDAMENTAIS

- *Inflação e Monopólio no Brasil – Por Que Sobem os Preços?* (1962).
- *Quatro Séculos de Latifúndio* (1963).
- *A Crise Agrária* (1978).
- *As Classes Perigosas: Banditismo Rural e Urbano* (1982). A

LEIA

Vários textos do ensaísta estão disponíveis no site:

https://marxismo21.org/alberto-passos-guimaraes/

Bráulio Leite Jr.

O palco como a paixão de uma vida inteira de Bráulio Leite Jr.

O ator, dramaturgo e jornalista Bráulio Leite Júnior nasceu em 24 de dezembro de 1931 em Maceió e dirigiu o Teatro Deodoro por três décadas. Estudou nos colégios Batista e Guido de Fontgalland e formou-se em Direito, na Ufal, e em Artes Cênicas, na Fundação Brasileira de Teatro. Sócio do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, quando faleceu, em 27 de fevereiro de 2013, o Estado decretou luto oficial de três dias.

Começou a atuar no grupo Teatro de Amadores de Maceió (TAM) e depois fundaria o grupo teatral Os Dionysios, o Teatro Operário do Sesi, o Teatro Universitário de Alagoas, o Teatro de Brinquedos de Maceió, o Teatro Alfredo de Oliveira e o Grupo dos Quatro.

SEMPRE O TEATRO

Assumiu a direção do Teatro Deodoro em 1957, e deve-se a ele a implantação do Teatro de Arena Sérgio Cardoso, o Centro de Belas Artes e a Sala de Concertos Hekel Tavares, entre outras realizações, como a fundação dos corais As Andorinhas e Os Jovens, da Orquestra Filarmônica de Alagoas e do Quinteto de Metais.

DIRIGIU E ATUOU

Alagoas, Alagoas!, Antígona, Casa de Bonecas, Mortos Sem Sepultura, O Boi e o Burro no Caminho de Belém, Amanhã Se Não Chover, Os Inimigos não Mandam Flores, A Falecida, Mulher Sem Pecados, Auto da Perseguição e *Morte do Mateu, entre outros.* A

SAIBA MAIS

O Museu da Imagem e do Som de Alagoas (Misa), localizado na Praça Dois Leões, foi idealizado em 1981 por Bráulio Leite Júnior.

Recebeu o prêmio de Melhor Ator, conferido pela Associação de Cronistas Teatrais de Alagoas por 11 anos consecutivos.

OBRAS

- *As Artes Cênicas nas Alagoas nas Décadas de 20/30.*
- *Histórias de Maceió.*
- *Outras Histórias de Maceió.*
- *Assombrações de Maceió.*
- *Gente & Lembranças.*

ANOTE

Criação do município de São José da Tapera

O ex-distrito de São José da Tapera, subordinado a Pão de Açúcar, foi elevado à categoria de município pela Lei Estadual nº 2.084, de 24 de dezembro de 1957. Localizado a 240km de Maceió, tem uma população estimada em 32.625 pessoas e começou a se formar em 1900, de acordo com o IBGE, a partir de uma propriedade da família Maciano. A cidade comemora a festa do padroeiro São José (19 de março) e a de Nossa Senhora das Dores (15 de setembro). A

DIA 25

Folguedos para um natal regional

Por Cármen Lúcia Dantas (*)

As datas religiosas eram muito festejadas desde o início da formação social de Alagoas, nas casas-grandes dos engenhos, devido à tradição católica de seus proprietários. O Ciclo Natalino concentrava todas as atenções por ser a data maior da cristandade. As famílias montavam no início de dezembro seus presépios ou lapinhas e só desmontavam em 6 de janeiro, Dia de Reis, quando o ciclo se encerra.

A organização dos grupos começava em outubro, e os mestres ensaiavam a brincadeira para que as apresentações nos pátios em frente às casas-grandes correspondessem à expectativa do público, que vibrava com o jogo de cores, de gestos, de passos dos figurantes durante as jornadas, as "embaixadas" e a dolência de cantos que se reportavam às antigas tradições ibéricas.

Desses folguedos catalogados pelos folcloristas Théo Brandão na década de 1950 e por Pedro Teixeira duas décadas depois, alguns permanecem até hoje, enquanto outros se extinguiram ou se descaracterizaram em seus elementos estruturantes. Outros surgiram ou se adequaram ao tema natalino, trazendo variedade de grupos nas apresentações mais recentes.

Com a decadência do ciclo dos engenhos no início do século 20 e o aparecimento das usinas, esses grupos sofreram descontinuidade, mas ressurgiram em seguida adaptados a um novo momento econômico, mais urbanos e buscando novos palcos e novos públicos.

(*) Especial para o ALmanaque 200 Anos

O PRESÉPIO

Também conhecido como Pastoril Dramático ou Auto das Pastorinhas, representa o nascimento de Cristo, com a mesma estrutura, segundo Théo Brandão, dos noéis ou autos de Natal. Além da representação dramática, as figuras são divididas em dois cordões: azul e encarnado. Figurantes: mestra, contramestra, Diana, caçadora, pastores, anjo Gabriel, cigana, pastora e demais pastorinhas.

O PASTORIL

Originário do presépio, o pastoril é um dos folguedos mais populares de Alagoas. É representado por garotas de todas as camadas sociais. Não tem a representação dramática do presépio, e suas jornadas são soltas. As pastorinhas, como são chamadas as figuras, dividem-se em dois cordões (azul e encarnado), tendo no centro Diana, que defende os dois partidos.

Durante as apresentações, os partidários dos dois cordões compram votos para a cor de sua preferência.

O REISADO

Originário das janeiras e reis, folguedo que em Portugal se apresenta em homenagem aos reis magos, o reisado em Alagoas assimilou elementos de outros folguedos, tomando uma feição própria. O colorido da indumentária confunde-se com a variedade de passos e a rapidez dos gestos.

As principais figuras trazem na mão uma espada, enquanto as demais acompanham o ritmo da música com maracás enfeitados de fitas coloridas.

O GUERREIRO

Característico de Alagoas, o guerreiro é originário do reisado, com alguns elementos de outros folguedos. É o mais apreciado dos nossos folguedos, por ser também o mais rico, o mais colorido e, por isso mesmo, o mais frequente nas festas populares. A indumentária é semelhante à do reisado, com muitas fitas pendentes, mas o chapéu do mestre se destaca por ter a forma de uma igreja. Figurantes: rei, rainha, índio Peri e seus vassalos, mestre, contramestre, embaixadores, general, Mateus, palhaços, lira, caboclinho da lira, estrela de ouro, banda da lua, estrela republicana, borboleta, sereia e demais figurantes.

A CHEGANÇA

Folguedo de tradição ibérica, assimilado e adaptado às características locais desde os primórdios da colonização. Trata das lutas marítimas entre mouros e cristãos, a exemplo das mouriscadas da Península Ibérica. Seu enredo é longo e dolente, entre falas e cantos, culminando com a vitória dos cristãos e o triunfo da Igreja Católica. A indumentária é uma réplica do fardamento da Marinha Brasileira.

FANDANGO

Também conhecido por marujada ou chegança de marujos, é um fragmento de chegança propriamente dita. Não tem enredo próprio, nem sequência lógica. São versos soltos que falam da vida no mar, de amor de marujo, de saudade, de lutas náuticas. A música dolente, de ritmo lento, lembra o balançar das ondas do mar. Figurantes – iguais aos da chegança.

BAIANAS

Variante do maracatu, folguedo de origem africana que representa a coroação dos reis dos congos, a baiana assimilou elementos do pastoril e do coco. Primitivamente era conhecida por samba de matuto. Só na década de 1920 a brincadeira passou a ser denominada de baiana. Aparecia na época carnavalesca, ensaiada pelos babalorixás, por ser um folguedo de nítida influência africana. Com o passar do tempo, apareceu no Ciclo Natalino.

TAIEIRA

Folguedo de origem africana, hoje em processo de extinção. As apresentações migraram para o Ciclo Natalino e na festa do padroeiro da cidade. É formado por um cortejo de negras, tendo como figuras principais o rei, a rainha, o Mateus, a Catarina e a crioula, que é uma boneca negra. Na porta da igreja, saúdam o padroeiro, São Benedito, e N. S. do Rosário. As participantes vestem trajes semelhantes às baianas, em azul e vermelho. O canto é uma louvação aos santos católicos que foram adotados pela cultura afro-brasileira.

CABOCLINHOS

Vestidos de índios, os figurantes se apresentam nas festas natalinas representando os índios catequizados que passaram a louvar o nascimento de Jesus. Aparece o mestre, o contramestre e o pajé como figuras principais. Dançam aos pulos em torno dos cordões e acompanham a música com os apitos, à maneira dos índios. A

SAIBA MAIS

- *Folguedos Natalinos*, de Théo Brandão. 3ª ed. Maceió: Museu Théo Brandão, 2003.
- *Alagoas Popular: Folguedos e Danças da Nossa Gente.* Textos: Cármen Lúcia Dantas. Maceió: Instituto Arnon de Mello, 2013. Disponível no site: http://gazetaweb.globo.com/popular/alagoaspopular/

Do repente a frevos-canções: Luiz Bandeira

Luiz Bandeira

Cantor, músico e compositor, Luiz Bandeira nasceu em 25 de dezembro de 1923, em Recife, Pernambuco, mas passou parte de sua infância em Maceió, Alagoas, onde participou de grupos de repentistas nas feiras locais, dedicando a esta terra várias composições.

Iniciou sua carreira artística em 1939, em um programa de calouros da Rádio Clube de Pernambuco. Participou do conjunto Garotos da Lua.

Em 1950, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde estreou nas noites cariocas como cantor de orquestra no Copacabana Palace. Em 1956 compôs "Na Cadência do Samba". Bandeira é considerado um dos maiores compositores de frevo, autor, entre outros, dos frevos-canções "Voltei Recife" e "É De Fazer Chorar."

Faleceu em 22 de fevereiro de 1998, em Recife, onde havia voltado a morar. A

DIA 26

Boi-bumbá de João das Alagoas guarda as narrativas do Bicentenário

A convite do Governo do Estado, o escultor João das Alagoas usou o barro para idealizar o boi-bumbá responsável por guardar a poética dos 200 anos.

O trabalho, que mede 1,5m x 0,60cm e pesa em torno de 100kg, foi entregue no dia 26 de dezembro de 2017 e abriga em seu interior documentos, fotos, livros filmes alusivos às comemorações do Bicentenário de Alagoas.

Transformada em uma capsula do tempo a escultura será aberta em setembro de 2117, durante as comemorações dos 300 anos. A

DIA 27

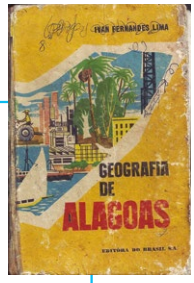
Ivan Fernandes Lima – A paixão pela paisagem

Ivan Fernandes Lima foi professor do curso de Geografia da Ufal nos seus primórdios, na década de 1960, e seu fascínio pela paisagem, aliado à aplicação de métodos científicos de observação, fez dele um precursor no estudo da geografia alagoana. O livro Geografia de Alagoas, lançado em 1965, a propósito, ainda hoje é uma referência. Nasceu em 27 de dezembro de 1927, em Murici, e formou-se em Direito em Recife, no ano de 1952, graduando-se em Geografia e História em 1957.

ERUDIÇÃO

"O professor Ivan Fernandes Lima atingiu um nível de erudição geocientífica raramente encontrado". Seu humanismo, por outro lado, fez com que referirem-se a ele como "o homem que seguia as nuvens".

Aziz Nacib Ab'Saber, professor da Universidade de São Paulo (USP). A



PRINCIPAIS OBRAS

- *Maceió – A Cidade Restinga* (1961).
- *Geografia de Alagoas* (1965).
- *Ocupação Espacial do Estado de Alagoas* (1992).
- *O Problema Geo-Sócio-Econômico-Político do Sururu Alagoano* (1966).

SAIBA MAIS

- Seu nome está agregado à biblioteca do Instituto do Meio Ambiente do Estado – IMA.
- Colaborou com o Projeto Rondon.
- Foi secretário-executivo do Conselho Estadual de Geografia de Alagoas.
- Professor de Geografia da Universidade Federal de Alagoas (Ufal).

Dias Cabral – Um médico orientado pelo senso histórico

João Francisco Dias Cabral nasceu em Maceió em 28 de dezembro de 1834 e faleceu em 19 de julho de 1885. Médico, historiador e jornalista, foi estudar em Salvador em 1848, aos 14 anos, e formou-se em Medicina em 1856.

Em Maceió, foi médico do Hospital de Caridade, atual Santa Casa de Misericórdia. Atualmente, dá nome à rua onde está instalada a instituição. Também atuou como professor e diretor do Liceu de Artes e Ofícios e do Asilo de Órfãs de Nossa Senhora do Bom Conselho.

Dias Cabral

INVENTÁRIO DA IMPRENSA ALAGOANA

É de autoria do médico o primeiro Inventário da Imprensa Alagoana, escrito em 1870. O estudioso da Comunicação Social José Marques de Melo disse a seu respeito: "Seu inventário das iniciativas destinadas ao desenvolvimento da imprensa e do jornalismo em terras alagoanas é marcado pelo reconhecimento das renhidas contendas políticas entre grupos adversários, tornando o exercício do jornalismo uma atividade de risco, e a manutenção da imprensa um empreendimento umbilicalmente ligado ao poder público". A

SAIBA MAIS

Dias Cabral foi sócio benemérito da Sociedade Dramática Particular Maceioense, tendo escrito o drama *O Mutilado* (1855).

É o patrono da cadeira nº 32 da Academia Alagoana de Letras e da cadeira nº 3 da Academia Alagoana de Medicina.

Cabral foi um dos fundadores do Instituto Archeológico e Geográfico Alagoano.

Com postura anticolonial, ele defendia a abdicação de Pedro II. Colaborou nos jornais O Liberal, Diário das Alagoas e Diário da Manhã.

AS OBRAS

- *Notícia Biográfica do Finado Barão de Jequiá* (1871).
- *O Homem Perante a História Natural* (1882).

O telegrafista que virou cronista

Considerado um "brilhante cronista" por Félix Lima Júnior, o professor, geógrafo e jornalista José Silveira Camerino nasceu em Maceió no dia 27 de dezembro de 1902. Trabalhou no comércio e como telegrafista, formando-se em 1959 em Geografia e História na Faculdade de Filosofia de Alagoas (1959).

Atuou como professor nos colégios Estadual de Alagoas, Guido de Fontgalland, Batista, Santíssimo Sacramento e na Faculdade de Geografia da Ufal. Faleceu no dia 3 de agosto de 1971.

VOCÊ SABIA?

Escreveu crônicas na Gazeta de Alagoas, na coluna Fora do Canto, e colaborou nos impressos Jornal de Alagoas, Diário da Manhã (Recife) e Correio da Manhã (RJ).

Foi sócio do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas e é patrono da cadeira 42. Membro da Academia Alagoana de Letras, ocupou a cadeira 40.

Era associado a instituições nacionais e internacionais de Geografia e Filatelia.

AS OBRAS

- *Notícia Histórica de Maceió, no livro Maceió – Cem Anos de Vida da Capital* (1939).
- *O Mistério do Homem Americano* (1953).
- *Exaltação das Lagoas* (1961).
- *Noções de Geografia Geral do Estado de Alagoas* (1963).
- *Vidas Sem Rumo* (romance regional).
- *Ternura* (versos inéditos).

Mérito e memória preservada: Ranilson e Josefina criam a Asfopal

O folclorista Ranilson França, quando procurado pelos mestres Juvêncio Joaquim (Chegança Cruzador São Paulo), Jorge Ferreira (Guerreiro da Ponta Grossa) e Paulo Olegário (Guerreiro do Tabuleiro) para fortalecer os grupos de folguedos de Alagoas, foi até a professora Josefina Novaes, com quem já trabalhava, para pensarem juntos como atender ao pedido.

Ranilson França

Foi assim que se deu a criação, em 27 dezembro de 1985, da Associação dos Folguedos Populares de Alagoas (Asfopal), com a missão de preservar e estimular tais expressões culturais de Alagoas.

A princípio, a associação funcionava no prédio da Secretaria de Cultura, mas, com a reabertura do Museu Théo Brandão, em 2001, a Asfopal passou a ter sua sede no museu, que, todas as noites de quinta-feira, abre suas portas ao evento Engenho de Folguedos, promovido pela Asfopal, com apresentações festivas dos grupos.

LEGADO HISTÓRICO

"O professor Ranilson França quebrou um paradigma recorrente entre os folcloristas mais ortodoxos, que defendem o anonimato na produção da cultura popular. Ranilson França garantiu cara e nome próprios aos tantos mestres, artesãos, violeiros, cantadores, com os quais convivia". A

Cármen Lúcia Dantas (museóloga).

SAIBA MAIS

Ranilson França foi presidente da Comissão Alagoana de Folclore e era sócio do Insituto Histórico e Geográfico de Alagoas, empossado em 2000. Faleceu em Maceió no dia 14 de agosto de 2006.

Em 2010, a professora Josefina Novaes fez o registro dos 25 anos da asssociação em uma publicação com o título Asfopal – Associação de Folguedos Populares – 25 Anos Brincando Sério.

Theophanes Brandão

Theophanes Brandão: educador e poeta

Professor, jornalista e poeta. Filho de Manoel Martins Brandão e Maria Lusia Brandão, Theophanes Martins Brandão nasceu em Porto Real do Colégio, no dia 27 de dezembro de 1875, e faleceu em Penedo, no ano de 1954.

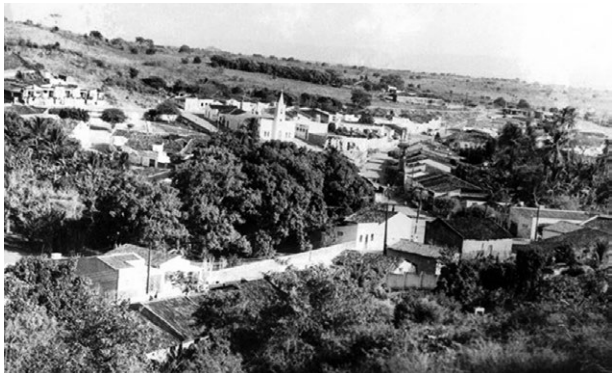
Foi professor do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, uma das mais tradicionais instituições públicas de ensino básico do Brasil e que possui no seu quadro de egressos presidentes da República, músicos, compositores, poetas, médicos, juristas, dentre outros.

Foi correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e teve alguns de seus poemas publicados nos periódicos O Cruzeiro e Germinal, em 1909. Dentre suas obras se destaca o poema denominado "Trevas e Sóis". A

ANOTE

A cidade dos olhos d'água

Igaci, em tupi, significa "olhos d'água", e pela abundância de água na região e em homenagem a um dos primeiros habitantes, a cidade já foi chamada de Olhos d'Água do Acioli. Igaci pertencia a Palmeira dos Índios, mas em 27 de dezembro de 1957 garantiu a emancipação política, com o município sendo instalado oficialmente em 12 de janeiro de 1959. São atrações da cidade a festa da padroeira, Nossa Senhora da Saúde, e o banho no Rio Jacuípe. Fica a 161km de Maceió. A



DIA 28

Pedro Motta Lima — Entre a imprensa e a ficção, a luta por justiça social

Nascido em Viçosa, em 28 de dezembro de 1897, Pedro Motta Lima começou seus estudos nesse município e mudou-se para o Rio de Janeiro. Sua longa militância como jornalista e romancista comunista inclui trabalhos no O Imparcial (1922), A Esquerda (1927) e A Batalha (1929). No O Imparcial, apoiou o movimento tenentista, que o levou a ser detido.

Pedro Motta Lima

COMUNISMO NA LINHA DE FRENTE

Mas seu empenho por justiça social manteve-se. Foi um dos fundadores, em 1935, do diário A Manhã, vinculado à Aliança Nacional Libertadora (ANL), fechado no mesmo ano pelo governo por causa de uma ação armada do Partido Comunista Brasileiro em novembro, o que o levou ao exílio na Argentina. Foi condenado pelo Tribunal de Segurança Nacional em 28 de julho de 1937, mas teve a pena suspensa e retornou ao país em 1943.

LIVROS E ILEGALIDADE

Em 1945, foi delegado do Distrito Federal no I Congresso Brasileiro de Escritores, quando já havia escrito os romances *Coronel Lousada* (1925), *Bruhaha* (1932) e *Zamor* (1940). Nesse mesmo ano, com a legalização do PCB, foi um dos diretores do jornal Tribuna Popular, apoiando candidatos comunistas à Assembleia Nacional Constituinte. O jornal seria fechado em 1947, quando o PCB retornou à ilegalidade. Em 1948, integrou o jornal Imprensa Popular, ligado ao PCB, que existiu até 1958.

Em 1962, publicou Fábrica da Pedra, escrito nos anos 1940, sobre a saga de Delmiro Gouveia, no qual divulga ideias comunistas e descreve o industrial como

um homem extremamente autoritário. Faleceu em desastre de avião na Checoslováquia em 1966. A

SAIBA MAIS

Trabalhou no jornal O Globo editando o caderno O Expedicionário, sobre a ação da Força Expedicionária Brasileira (FEB) na Itália.

Motta foi um dos divulgadores na imprensa carioca dos famosos Relatórios de Graciliano Ramos quando foi prefeito de Palmeira dos Índios (1928-1930).

O jornal A Esquerda, fundado por ele em 6 de julho de 1927, denunciou a exploração do país pelo capital estrangeiro e criticou as condições de vida das camadas mais pobres da sociedade.

Motta Lima faleceu em 24 de novembro de 1966.

DIA 29

ANOTE

Um farol no brasão

Garantindo a segurança na condução das embarcações no Litoral Norte alagoano, o farol de Porto de Pedras foi inaugurado em 29 de dezembro de 1933, com 58 metros da torre pintados na cor roxo-terra. A atual torre, pintada em preto e branco, é de 25 de dezembro de 1940, e o farol foi eletrificado em 1973. Com altitude de 90 metros, 36 metros de altura focal e alcance luminoso de 24 milhas, sinaliza a foz do Rio Manguaba e é representado no brasão da cidade. A

DIA 30

ANOTE

Elevação de Limoeiro de Anadia

Limoeiro era um distrito de Anadia em 1865 e foi elevado à categoria de município em 23 de fevereiro de 1932. Pelo Decreto-Lei Estadual nº 2909, de 30 de dezembro de 1943, o município de Limoeiro passou a ser denominado Limoeiro de Anadia. Tem uma população estimada em 28.953 pessoas. Uma das versões sobre o surgimento da cidade afirma que havia um limoeiro próximo a uma capela construída em 1789, na propriedade de Antônio Rodrigues da Silva, que originou o povoamento. A

DIA 31

Uma catedral para a padroeira

A Catedral Metropolitana de Maceió, fundada em 31 de dezembro de 1859, possui linhas neoclássicas em sua fachada e torres quadrangulares. A imagem da padroeira foi ofertada pelo Barão de Atalaia, e a inauguração contou com a presença D. Pedro II e dona Tereza Cristina.

ALTARES

O altar-mor foi talhado em cedro pelo artífice Antônio Alves da Mota. Os dois altares laterais, de São Sebastião e de São Miguel, além do Santíssimo Sacramento, foram entalhados por Inácio de Santa Rosa.

A PADROEIRA

De acordo com o monsenhor Cícero Teixeira de Vasconcelos, na obra Sobre a *História da Catedral de Maceió* (1959), desde o ano de 1762 Nossa Senhora dos Prazeres passou a ser a padroeira da capital. A

Argemiro Jorge, o poeta bilíngue

Filho de Adriano Augusto de Araújo Jorge e Aristhea Maria de Araújo Jorge, o poeta Argemiro Augusto de Araújo Jorge nasceu em Maceió, em 31 de dezembro de 1886. Seu pai foi professor de Inglês, jornalista e presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas (IHGAL); sua mãe foi poetisa, educadora e pianista. Teve dez irmãos: Maria Vitória, Maria Tereza, Afrânio Augusto, Antônio Augusto, Adriano Augusto Júnior, Agesilao, Aristeu, Maria Aristéa, Maria Augusta e Ascânio.

Foi agente fiscal de tributos federais da Alfândega de Manaus e do Rio de Janeiro.

Teve seus poemas publicados em português e em francês em vários veículos de comunicação, a exemplo do Correio do Norte, Manaus, em 1910; no Diário do Maranhão, em 1911; no Correio Sportivo, Manaus, em 1911; e na revista Careta, Rio de Janeiro, em 1912.

Faleceu em 19 de novembro de 1945, no Rio de Janeiro. A

ANOTE

Instalação de Boca da Mata

O nome do município, localizado a 68km de Maceió, é uma referência às primeiras casas da região, que ficavam em área do Engenho Santa Rita, localizadas no início da mata que ia até Atalaia. O antigo distrito de São Miguel dos Campos foi elevado à categoria de município em 11 de novembro de 1958 e instalado em 31 de dezembro do mesmo ano. As principais festividades da cidade são a Festa da Padroeira Santa Rita de Cássia (22 de maio), a emancipação política (11 de novembro) e A Festa do Padre Cícero Romão Batista (20 de julho). A

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Maria Jeane dos santos. *Mulheres contra o arbítrio:* as missionárias de Jesus crucificado e a escola de serviço social Padre Anchieta em tempos de AI-5. Maceió, 2008. Disponível em: http://tede2.unicap.br:8080/bitstream/tede/285/1/dissertacao_maria_jeane_santos.pdf. Acesso em: 29 set. 2017

AMADO, Jorge. *Navegação da Cabotagem:* apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei. Rio de Janeiro: Record, 2006.

AMORIM, Vânia Luiza Barreiros (Org.). *Luigi Lucarini* – vida e obra. Maceió: Grafimarques, 2010.

ARAÚJO, Sandro Gama de. *Theatro Deodoro* – 100 anos de arte. Maceió: Grafimarques, 2010.

BANDEIRA, Manuel. *Apresentação da poesia brasileira.* São Paulo: Cosac Naify, 2009.

BARBOSA, Virgínia. *Teatro Deodoro, Maceió,* AL. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco. Recife. Disponível em: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/. Acesso em: 28 set. 2017

BARROS, Elinaldo. *A aventura do sonho das imagens de Alagoas.* Maceió: Secult, 1993.

BARROS, Elinaldo. *Panorama do cinema alagoano.* 2ª ed. rev. amp. Maceió: Edufal, 2010.

BARROS, Francisco Reinaldo Amorim de. *ABC das Alagoas:* dicionário biobibliográfico, histórico e geográfico das Alagoas. Brasília: Senado Federal, 2005.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brasileiro.* Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1970.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira.* São Paulo: Cultrix, 1997.

BRANDÃO, Moreno. *História de Alagoas.* 2ª ed. Maceió: Sergasa, 1981.

BRANDÃO, Théo. *Folguedos Natalinos.* 3ªed. Maceió: Museu Théo Brandão (Ufal), 2003.

CAMPELLO, Maria de Fátima de M. B. *Cartões-postais:* a construção coletiva da imagem de Maceió – 1903/1934. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos/ Cepe, 2011

CARNEIRO, Edison. *O Quilombo dos Palmares.* 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958. Disponível em: https://bdor.sibi.ufrj.br/bitstream/doc/75/1/302%20PDF%20-%20OCR%20--%20RED.pdf. Acesso em: 27 set. 2017.

CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil:* o longo caminho. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2002.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Governo do Rio Grande do Norte,* Mossoró-RN. Coleção Mossoroense, Série "C", volume DXXXI, 1989.

CASTRO, Celso. *A Proclamação da República.* Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

CAVALCANTI, Bruno Cesar. *Um carnavalse faz com homens e litros.* Disponível em: http://carnavalalagoano.blogspot.com.br/2014/02/um -carnaval-se-faz-

-com-homens-e-litros.html.

CHALITA, Pierre; DANTAS, Cármen Lúcia; DANTAS, José Abílio; LAJES, Solange. *Alagoas* – Roteiro Cultural e Turístico. Maceió: Recife Gráfica Editora Ltda, 1979.

CHALITA, Solange Lages; MEIRELLES, Roberto Campos. *Maria José Salgado Lages* (Lily Lages). Maceió-AL, s/d. 12p.

COOPER, Jorge. *Noite nova:* vigília. Maceió: Coleção Vivente das Alagoas, 1991.

COSTA, João Craveiro. *O Visconde de Sinimbu:* sua vida e sua atuação na política nacional. Col. Brasiliana, v. 79, 1937.

COSTA, João Craveiro. *Instrução pública e instituições culturais de Alagoas & outros ensaios.* VERÇOSA, Elcio de Gusmão; MADEIRA, Maria das Graças de Loiola (Coords.) Maceió: Edufal, 2011.

COSTA, Craveiro. *Maceió.* 2ª ed. Maceió: Sergasa, 1981.

DANTAS, Cármen Lúcia; TENÓRIO, Douglas Apratto. *A Casa das Alagoas.* Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas. Maceió: Edufal, 2007.

DANTAS, Cármen Lúcia. *Alagoas Popular:* Folguedos e danças da nossa gente. Maceió: Instituto Arnon de Mello, 2013.

DIEGUES Jr., Manuel. *O bangüê das Alagoas.* Traços da influência do sistema econômico do engenho de açúcar na vida e na cultura regional. Maceió: Edufal, 2006.

DUARTE, Abelardo. *Dom Pedro II e Dona Teresa Cristina nas Alagoas* – a viagem realizada ao Penedo e outras cidades sanfranciscanas, à Cachoeira de Paulo Afonso, Maceió, Zona Lacustre e região norte da província (1859/1860). Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos/Cepal, 2010.

DUARTE, Abelardo. *Catálogo ilustrado da Coleção Perseverança.* Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas. Departamento de Assuntos Culturais da Senec. Maceió, 1974.

FILHO, Marcos Vasconcelos. *Marulheiro:* viagem através de Aurélio Buarque de Holanda. Maceió: Edufal, 2008.

FREIRE, Américo. *Uma capital para a República:* poder federal e forças políticas locais no Rio de Janeiro na virada para o século XX. Rio de Janeiro: Revan, 2000.

FREITAS, Décio. *Palmares:* a guerra dos escravos. 5ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.

JÚNIOR, Félix Lima. *Maceió de Outrora.* vol. 2. Maceió: Edufal, 2001.

LIMA, Jorge de. *Poesia completa.* BUENO, Alexei (Org.). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

LAVENÈRE, Luiz; SANT'ANA, Moacir Medeiros de. A fotografia em Maceió (1858-1918). *Revista do Arquivo Público de Alagoas,* Maceió, n. 1, 1962.

LIMA, Marcondes dos Santos. *As proposições de Lily Lages na formação da nova mulher nos anos* de 1930. Disponível em: http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/viennhe/anais/trabalhos/eixo5/submissao_147104191464514729918401 29.pdf. Acesso em: 26 de set. 2017.

LIMA JÚNIOR, Félix. *Escravidão em Alagoas.* Maceió: Secretaria de Educação e Cultura, 1974.

LIMA JÚNIOR, Félix. *Maceió de outrora.* vol. 1. Maceió: Arquivo Público de Alagoas, 1976.

LIMA, Jorge de. *O mundo do menino impossível.* Maceió: Sergasa, 1993.

LIMA, Mário de Carvalho. *Sururu apimen-*

tado. Maceió: Edufal, 1979.

LOUREIRO, Romeu de Mello Loureiro. *Redescobrindo Rosalvo Ribeiro.* Secult. Maceió: Grafitex, 1998.

MARROQUIM, Adalberto. *Terra das Alagoas.* Roma, 1922.

MACIEL, Laura Antunes. Cultura e tecnologia: a constituição do serviço telegráfico no Brasil. *Revista Brasileira de História,* São Paulo, v. 21, n. 41, 2001.

MENDONÇA, Renato. *Um diplomata na corte da Inglaterra:* o Barão de Penedo e sua época. Brasília: Senado Federal, 2006.

MORAES, Dênis. *O Velho Graça* – uma biografia de Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

NASCIMENTO, Ana Paula. *As esquecidas produções pictóricas e críticas de Virgílio Maurício.* Brasília: Universidade de Brasília, 2012.

NOVAES, Josefina Maria Medeiros. *Asfopal* – Associação de Folguedos Populares de Alagoas – 25 Anos Brincando Sério. Maceió: Gráfica do Estado/Cepal, 2010.

PRADO, Antonio Arnoni. *Itinerário de uma Falsa Vanguarda* – Os Dissidentes, a Semana de 22 e o Integralismo. São Paulo: Editora 34, 2010.

RAMOS, Graciliano. *Conversas* – Graciliano Ramos. LEBENSZTYN, Ieda; SALLA, Thiago Mio (Org.). Rio de Janeiro: Record, 2014.

RAMOS, Ricardo. *Graciliano:* Retrato Fragmentado. São Paulo: Globo, 2011.

RAFAEL, Ulisses Neves. Muito barulho por nada ou o "xangô rezado baixo": uma etnografia do "Quebra de 1912" em Alagoas. Brasil. *Etnográfica,* v. 14, n. 2, 2010. Disponível em: http://journals.openedition.org/etnografica/297. Acesso em: 19 mar. 2022.

REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (Org.). *Liberdade por um fio:* história dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

REIS, João José. Ameaça Negra. In: FIGUEIREDO, Luciano (Org.). *A era da escravidão.* Rio de Janeiro: Sabin, 2009.

RIBEIRO, Cintia. LINS, Enio. *Alagoas 200 anos* - Ethos e historicidade. Maceió: Imprensa ficial Graciliano Ramos, 2029.

RIBEIRO, Bianca Cristina de Carvalho. *O simbolismo na poesia de Jorge de Lima.* Araraquara: Universidade Estadual Paulista, 2012.

ROCHA, José Maria Tenório. *Subsídios à História da Cinematográfia em Alagoas.* Maceió: Secult, 1974.

ROSA e SILVA, Enaura Quixabeira; BONFIM, Edilma Acioli. *Dicionário Mulheres de Alagoas Ontem e Hoje.* Maceió: Edufal, 2007.

RUBENS, Carlos. *Um mestre da pintura brasileira* – Rosalvo Ribeiro. Rio de Janeiro, 1940.

SAES, Guillaume Azevedo Marques. *A República e a espada:* a primeira década republicana e o florianismo. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.

SANT'ANA, Moacir Medeiros de. *Efemérides Alagoanas.* Maceió: Instituto Arnon de Mello, 1992.

SANT'ANA, Moacir Medeiros de. *História do Romance Caetés.* Maceió: Arquivo Público de Alagoas, 1983.

SANT'ANA, Moacir Medeiros. *Zaluar, um homem de muitas artes.* Maceió: Sergasa, 1987.

SANT'ANNA, Moacir Medeiros. Mitos da escravidão. Maceió: Secom, 1989.

SANTOS, José Maria dos. *Bernardino de Campos e o Partido Republicano Paulista.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.

SILVA Jr., Ademir Barros da. Terra e trabalho: Indígenas na província das Alagoas. In: XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo. *Anais.* São Paulo, jul. 2011.

SCHUMAHER, Schuma. *Gogó de Emas:* a participação das mulheres na história do Estado de Alagoas. Rio de Janeiro: Redeh, 2004.

SCHUMAHER, Schuma; BRASIL, Érico Vital. *Dicionário Mulheres do Brasil:* de 1500 até a atualidade (biográfico e ilustrado). Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2000.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Sobre o autoritarismo brasileiro.* São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças:* cientistas, instituições e questão racial no Brasil- 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Mauro Costa da. *A telegrafia elétrica no Brasil Império* – ciência e política na expansão da comunicação. *Revista Brasileira de História da Ciência,* Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 49-65, jan- jun 2011.

TENÓRIO, Douglas Apratto; CAMPOS, Rochana; DANTAS, Cármen Lúcia; PÉRICLES, Cícero. *Enciclopédia dos Municípios Alagoanos.* Ed. rev. e amp. Maceió: Instituto Arnon de Mello, 2012.

TIGRE, Bastos. *Reminiscência* – A alegre roda da Colombo e algumas figuras de antigamente. Brasília: Thesaurus, 1992.

VASCONCELOS FILHO, Marcos. *José Lages Filho:* a sugestão das faces. Maceió: Edufal, 2014.

VERÇOSA, Elcio de Gusmão. *História do ensino superior em Alagoas:* verso & reverso. 2. ed. Maceió: Edufal, 1997.

Jornais Consultados

A cidade (1944)
A Locomotiva (1880, 1881)
A Tribuna (1907, 1911)
A voz do povo. Maceió (1955,1958)
A Notícia. Maceió (1930)
Correio oficial (1860)
Correio do Sertão (1967)
Diário da Manhã (1882)
Diário Oficial de Maceió (1916)
Excelsior (1955)
Folha de S. Paulo
Gazeta de Alagoas (1941, 1942, 1945, 1946,1952, 1953)
Gutenberg (1891, 1892, 1896)
Jornal das Alagoas (1877)
Jornal de Alagoas (1957)
Jornal de Serviços (1973)
Jornal Cidade (1926)
Tribuna de Alagoas
Novo Nordeste Jornal (1981)
O Alagoas (1912)
O Batalhador. Maceió (1895
O Cruzeiro
O Estado de Alagoas (1973)
O Globo

O Jornal
O Liberal. Maceió (1889)
Ô Lyceista alagoano (1960, 1969)
O Magistério (1888)
O pescador (1966)
Tribuna Economiária (1976)

Sites consultados

www.abcdasalagoas.com.br
www.agenciaalagoas.al.gov.br/
http://www.brasiliana.com.br
www.itaucultural.org.br
http://cpdoc.fgv.br/
www.ihgal-al.com.br
http://bd.camara.gov.br/
https://ims.com.br/
www.academia.org.br/
www.historiadealagoas.com.br/
https://www.ibge.gov.br/
https://www.marinha.mil.br
http://www.cartaforense.com.br
http://g1.globo.com/
bndigital.bn.gov.br
http://politica.estadao.com.br/
http://fundaj.gov.br/pesquisaescolar/
www.ufal.edu.br
www.ibge.gov.br
http://www.cultura.al.gov.br/
http://gazetaweb.globo.com/
http://dicionariompb.com.br/
http://jconline.ne10.uol.com.br/
http://ihgp.net
http://apalca.com.br/
http://graciliano.tnh1.com.br
www.brasiliana.usp.br
www.atalaiapop.com
super.abril.com.br
basilio.fundaj.gov.br
www.museuimperial.gov.br
www.folha.uol.com.br
www.museuafrobrasil.org.br
www.agencia.fapesp.br
htpps://books.google.com.br
http://blogdoetevaldo.blogspot.com
Mais História:
maishistoria.com.br
Povos Indígenas no Brasil:
https://pib.socioambiental.org/
Estações Ferroviárias do Brasil:
http://estacoesferroviarias.com.br/
Biblioteca Digital Luso-Brasileira:
https://bdlb.bn.gov.br/
Cinemateca Brasileira:
https://www.cinemateca.org.br/
Comitê Brasileiro de História da Arte:
cbha.art.br
Academia Brasileira de Letras:
academia.org.br
engenhosdepernambuco.blogspot.com.br
http://seguindopassoshistoria.blogspot.com.br

www.slavevoyages.org

www.aal.org.br

autogestionacrata.blogspot.com.br/

www2.planalto.gov.br

www.nexojornal.com.br

novoextra.com.br/

educacao.uol.com.br

bibliotecadigital.tse.jus.br

www.cartaeducacao.com.br/

www.diteal.al.gov.br/

ornalggn.com.br

www.revistaevidencia.com

memoria.bn.br

www.cartaforense.com.br

www2.camara.leg.br/

www.portodepedras.al.gov.br/

guiaviajarmelhor.com.br

www.mpes.mp.br

brasilescola.uol.com.br/

www.geledes.org.br

adcon.rn.gov.br/

www.arquidiocesedemaceio.org.br/

g1globo.com

www.aguasdesaobento.com.br.

www.centrosportivoalagoano.com/

warneroliveira.com.br/

Um sopro de alegria, saudade, novidade, orgulho e também de oportunidade para repensar e – ainda mais – não repetir. Revisitar a história traz cada uma dessas possibilidades de (re)contar as histórias de e sobre Alagoas, trazendo à luz fatos, espaços e figuras antes relegados – e relegadas – ao esquecimento. A obra Alagoas Ilustrada , sob os olhares atentos de Enio Lins e de Cíntia Ribeiro, na organização, e prefaciada por Sávio Almeida, traz um exercício de amadurecimento no conceito do que é a memória de Alagoas e de como e por quem ela é constituída. Múltipla como os cenários que constituem o Estado de águas e secas, de vidas secas, de quilombos, de morte e vida, retoma, de janeiro a dezembro, efemérides constituídas históricas em obras anteriores e tira outras do anonimato, do silêncio, de histórias contadas em pequenos círculos e que se inauguram como oficiais.

Lídia Ramires

Jornalista e professora da Ufal